

Quero apenas a vida que conheci ao seu lado

C. M. SANG.



*A vida que
deixei para
trás*



C. M. SANG.

**A vida que
deixei para trás**

Outubro – 2018 – 1ª Edição

Rio de Janeiro – RJ.

Copyright © 2018, C. M. Sang.

Todos os direitos reservados

Essa é uma obra de ficção e seu intuito é entreter pessoas. Qualquer semelhança com personagens, nomes, lugares, datas e acontecimentos é mera coincidência.

A obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa, e apresenta uma linguagem coloquial, principalmente nas falas das personagens.

Todos os direitos são reservados a C. M. Sang. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes, sem a autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/1998, com punição prevista pelo artigo 184 do Código Penal.

Sinopse:

Beatriz precisou dar adeus à sua vida antiga. Ainda muito jovem, prestes a completar dezesseis anos, foi morar com seus tios, deixando para trás um passado marcado pela solidão e por um erro.

Nessa nova vida, ela faz novos amigos... *encontra um novo amor.*

Uma nova vida perfeita para quem já não sabia o que era viver sem dor e tristeza.

Só falta uma coisa para ser feliz: superar os fantasmas daquela vida que ficou para trás.

Será que ela consegue?

Índice

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[Epílogo](#)

Deitada na cama, olho fixamente para o gesso liso, coberto pela fina camada de tinta branca que reveste o teto desse quarto. O teto branco. O teto branco como o do meu quarto da minha casa.

Do meu ex-quarto.

Da minha ex-casa.

Posso pensar nele como uma tela em branco e como poderei pintar minha vida daqui para frente. Respiro fundo, para tentar fazer com que esse cheiro novo me transmita segurança. Toda vez que ficar entre essas quatro paredes, sob esse teto branco, quando eu fechar os olhos, quero respirar aliviada por mais um dia ter terminado em paz, e o aroma deverá me trazer uma sensação de aconchego.

É mais difícil abrir os olhos e encontrar as paredes cinzentas tão diferentes do que eu tinha na outra casa. A cama está coberta com um edredom rosa, uma cortesia dos meus anfitriões, que me receberam de braços não totalmente abertos.

Tia Talita tinha um sorriso caloroso e um abraço bastante apertado quando me buscou no aeroporto. Lembro-me dela como uma mulher gentil e carinhosa comigo quando eu era criança. Meu tio não era exatamente o tio brincalhão, mas tinha rompantes que me fazia dar risadas. E, não, ele não me recebeu alegremente quando desembarquei.

— *Seja bem-vinda.* — Ele disse com um sorriso que não alcançava os olhos. Depois, preencheu o caminho entre o aeroporto e a casa onde estou com um monte de imposições que me deram náuseas.

Tento ver por um lado positivo essas paredes que me cercam. Cinza e rosa são cores que se combinam. Meu quarto antigo ainda tinha um ar infantil por eu ter apenas mudado a tonalidade de rosa na transição de criança para adolescente. Era o que minha mãe vivia dizendo. O rosa-bebê foi substituído por um rosa mais fechado e escuro. Pouco fez diferença na opinião dela.

Mas era o rosa que representava uma época em que o mundo era cor de rosa. O rosa que eu amava e que ainda é minha cor favorita, embora não seja esperado para uma garota da minha idade. Não que fosse um mundo perfeito. *Meu mundo nunca foi perfeito.* Mas meu quarto era minha fortaleza. Meu castelo. Meu castelo cor de rosa, o lugar que eu conseguia ser feliz.

Esse edredom, o cabideiro onde minha bolsa está pendurada e alguns objetos espalhados aqui e ali são o pouco de rosa no meio de tanto cinza. O cinza que se tornou minha vida. Uma vida que pretendo que volte a ser... cor de rosa.

O espírito que sempre pulsou esperançoso dentro de mim clama pelos sonhos de uma vida feliz e eu lhe prometi que os daria novamente.

Só lhe pedi um tempinho. Ainda estou no processo de recuperação.

Enquanto isso, preciso olhar para o teto branco e ignorar as paredes. E, nesse branco, pintar uma *nova eu*.

Meu tio Diego e sua esposa Talita já me perguntaram sobre a noite que passei nesse quarto, quando tomamos café da manhã mais cedo. Foi a minha primeira noite nessa casa, que conhecia apenas por passar algumas poucas horas do dia, quando vinha visitá-los sempre acompanhada dos meus pais. Sim, dormi bem. Dormir não tem sido um problema para mim.

O ranger da porta me chama atenção. Gosto desse barulho por me alertar que alguém está entrando, mesmo quando a porta não está trancada. Como ainda não recebi a chave, é uma ótima forma de eu não ser pega desprevenida.

— Oi, Bia! — Minha prima me saúda da porta.

— Oi. — Respondo tentando parecer empolgada e falho miseravelmente, tenho plena consciência disso.

Claudia entra no quarto sem mais palavras. É a sua casa, porém gostaria que tanto ela quanto seus pais pedissem uma licencinha antes de invadirem esse espaço que me cederam. *A chave faz muita falta.*

Claudia e eu temos a mesma idade: quinze anos, ela é quase três meses mais velha do que eu. Até os dez anos éramos praticamente unha e carne. Nossos pais estavam sempre combinando viagens, almoços e jantares e nós agíamos como irmãs.

Muitos achavam que éramos irmãs. Nossos rostos são parecidos por eu ser a cópia da minha mãe, e ela ser igualzinha ao pai. Nossas bocas têm o mesmo formato de coração, nossos olhos são amendoados e cabelos lisos. A diferença é que meu cabelo é loiro, meus olhos são cinzas; Claudia tem os olhos verdes claríssimos e o cabelo castanho.

Mas, com dez anos, eu e meus pais deixamos o Rio de Janeiro. Meu pai foi transferido primeiro para a capital paulista e naquele mesmo ano findou toda a amizade e companheirismo que eu e minha prima tínhamos, quase como se um feitiço tivesse sido quebrado. Nossa mudança fez com que meu tio e sua esposa virassem apenas aquelas pessoas que falavam comigo nas datas comemorativas, embora o contato com os meus pais fosse bem maior. Meus pais também falavam com Claudia apenas quando era necessário, o que não é muito surpreendente, pois comigo também falavam apenas quando tinham tempo.

Então, nessa casa, mesmo na companhia de pessoas do meu sangue, eu não me sinto plenamente acolhida. Não reconheço mais essa cidade como um lugar para viver depois de vir para passar alguns dias num quarto de hotel com meus pais. Não reconheço como família Claudia, tio Diego ou tia Talita. Sendo assim, gostaria muito de um pouco de privacidade. Gostaria muito da chave da porta, para que pelo menos esse quarto seja sinônimo de acolhimento, o mesmo que eu tinha na minha antiga casa.

— Você topa ir a uma festa? Começa às oito. — Claudia pergunta.

Engulo em seco estranhando o convite feito. A partir de amanhã, estudaremos juntas, uma experiência nova, assim como eu viver em sua casa. Então, me faço três perguntas:

Será que devo aceitar o convite?

Será que eu realmente posso ir a essa festa?

E a pergunta mais importante:

É estranho eu não querer ir?

Olho para a sua roupa de banho coberta por um vestido transparente. Mais cedo, ela me chamou para ir à piscina que tem no clube do condomínio onde ela mora (*onde nós moramos*, tenho que aprender a pensar assim). Recusei. Talvez se eu tivesse dito “sim” para a piscina, agora eu pudesse declinar esse convite sem que ela se ofenda por eu não aceitar nada que me proponha.

Ter ido à piscina seria melhor do que ir à casa de um estranho.

— Não será esquisito você levar alguém de fora pra essa festa?

Ela cruza os braços. Entendeu a minha tentativa de mais uma vez lhe dizer “não”.

— Olha... é um colega nosso de turma. O Noah chamou praticamente todo mundo do colégio. Passou os últimos meses fora, quer rever os amigos e conhecer as pessoas novas. Teoricamente, você também está convidada.

Respiro fundo. Festa. Festa com colegas de turma...

Como deve ser estar no meio dessa gente?

— Ele é da escola e do condomínio?

Ela rola os olhos. O excesso de pergunta não a agrada.

— Sim. — Responde tentando controlar a irritação. — Mora aqui na rua.

Eu devo estar muito chata com esse monte de pergunta.

— Tá. Eu vou. Obrigada por me chamar.

Claudia dá um meio sorriso e não consigo decifrar se ela está aliviada por eu finalmente acabar com esse isolamento, ou se o sorriso não foi completo por ela ter desejado mais uma recusa minha.

— Às oito, saímos.

Assinto. Pego o celular e confiro as horas. Meio dia. Ainda almoçaremos, mas não faço a menor ideia do que vestir e nem sei se conseguirei montar um look legal. E é mais difícil saber como devo agir.

Olho para o armário de três portas. O tamanho é a metade do que eu tinha na casa que vivi com meus pais. Para cá, trouxe apenas uma mala. Era gigante, mas apenas uma mala.

Mais uma vez, a porta range.

Deixo de olhar o teto quando sento para *receber* essa nova visita, como se eu fosse um animal de zoológico, que tivesse apenas que aturar as pessoas passando pela minha cela.

Dessa vez, é tia Talita. Ela está parada à porta com um vestido simples, porém é como se precisasse apenas pegar a bolsa para sair. Seus pés já estão calçados em sandálias altas de plataforma. O cabelo loiro quase platinado num corte chanel (que deixa as pontas da frente quase tocando os ombros enquanto atrás a nuca fica toda exposta) não tem um fio fora do lugar. Recordo-me de que ela sempre gostou de ficar arrumada dentro de casa.

— Oi, tia. — Cumprimento-a.

— Oi, querida. — Sua voz é doce. — Sua prima veio falar da festinha aqui no condomínio?

— Ah, sim. — Respondo com um sorriso fraco.

— E você vai?

Respiro fundo. — É... Ela falou que estarão algumas pessoas do colégio. Acho que se eu for, não apareço amanhã como se fosse uma alienígena.

Não sei se ela está aqui para dizer que não posso ou não devo ir. Sua pergunta a seguir me deixa ainda mais hesitante.

— E como você se sente em participar de uma comemoração assim?

Seu olhar muda. É mais forte do que ela. A psicóloga está tão entranhada em seu ser que é impossível ela fugir dessas perguntas que sondam como eu me sinto. Depois que nós chegamos, ficamos nós duas sozinhas aqui no quarto, enquanto eu desfazia minha mala. Ela me fez responder uma infinidade de questões pré-formuladas.

Fecho os olhos e suspiro. — Estou tranquila.

Ela sorri. — Que bom. Nós vamos almoçar daqui a dez minutos. Depois, você e sua prima podem se preparar para a festa no quarto dela.

E conseguir uma forma de deixar essa minha saída mais esquisita.

— É uma boa ideia.

Saio da cama assim que a porta é fechada. Olho para a cadeira da escrivaninha e me pergunto se consigo colocar contra a porta usando a maçaneta para impedir mais entradas assim. Sempre dá certo na TV.

Talvez eu precise pedir apenas a chave.

Abro o armário e procuro alguma roupa para mais tarde. A combinação de calça jeans e bata parece perfeita. Mas penso no ar abafado fora dessa casa climatizada, e respiro fundo ao pegar a cropped vermelha com um time de futebol americano e “86” bem grande, cobrindo toda a parte da frente, e, para usar com ela, uma saia de brim preta. Para os pés, decido calçar sapatilhas pretas.

Deixo a roupa fica pendurada na porta do armário e saio para almoçar.

Espero ter acertado na escolha.

Claudia me fita de cima a baixo, analisando minha roupa para essa festa. Àquela escolha inicial, acresci um colete longo preto, cuja ponta fica dois dedos abaixo do

cumprimento da saia que vai até o meio das coxas. Talvez seja essa parte da roupa que a incomoda. Para mim, o que incomoda é a saia. Mas se eu voltar e trocá-la por uma calça comprida, minha prima com certeza procurará pelo óvni que me deixou aqui.

Ela está de vestido vermelho bem curto e marcando o corpo. A sandália de salto alto preta deixa ainda mais evidente a sua necessidade de chamar atenção. Para completar, ela empestou o ambiente com uma fragrância cítrica e adocicada.

Acho que nós nos tornamos duas estranhas mais por causa de sua necessidade de chamar atenção do que pela distância imposta pela minha mudança de cidade, quando tínhamos dez anos. Sinto que nem faria diferença eu ter ficado aqui para que a cumplicidade que tínhamos se deteriorasse.

— Vocês estão lindas! — A mãe dela nos elogia, mas pelo olhar percebo que está incomodada por sua filha vestir uma roupa demasiadamente sexy. Quando Claudia se distrai mexendo no celular, o olhar de Talita pousa sobre o decote profundo, uma visão que a faz suspirar pesadamente. — Não quero ser chata, mas voltem no máximo à meia noite. Amanhã, vocês terão o primeiro dia de aula.

— Sim, mãe, eu sei. — Claudia murmura contrariada. — Desnecessário, mas eu sei.
A campainha toca.

— Pri e Nath chegaram. — Claudia anuncia, seu humor muda drasticamente e ela abre um sorriso de orelha a orelha. Vejo o olhar que dá mais uma vez para a minha roupa. Após a conferida, suspira e dá um sorrisinho. — Nada de atrasos, já que temos hora para voltar.

Tia Talita se despede de nós e faz questão de abrir a porta.

Será a primeira vez que eu porei os pés fora dessa casa depois que eu cheguei, então demoro um pouco mais do que as anfitriãs para chegar até a entrada.

Escuto os cumprimentos e elogios que Claudia troca com suas amigas Priscila e Natasha. As duas me substituíram na amizade e no companheirismo quando parti. Conheço-as mais pelas redes sociais do que pessoalmente. Quando tínhamos doze anos, e eu e minha prima ainda não éramos totalmente “desconhecidas”, saímos duas ou três vezes juntas para passeios no shopping, mas não consegui gostar delas.

Pra ser honesta, recusei o convite mais cedo da piscina, pois tinha certeza de que elas estariam lá.

O cabelo castanho ondulado de Priscila está totalmente liso e brilhante. Os olhos quase negros nunca me inspiraram confiança.

Natasha tem os olhos incrivelmente azuis, o cabelo da cor do cobre. Desde pequena ela se destacou por causa dos fios ruivos. Eram encaracolados e rebeldes, mas ela os alisou também, assim como passou a cobrir suas sardas. É incrivelmente linda. Tão linda quanto uma cobra coral.

As duas estão vestidas de um jeito similar ao da minha prima. Vestidos curtos e justos ao corpo. Sandálias altas. Maquiagem que as afastam dos dezesseis anos e as

deixam bem mais velhas. *Ah!* Também gastaram mais da metade do vidro de perfume.

Quando passo pela porta, primeiro elas me dão aquele olhar que recebi minutos antes da minha prima. Tentam não torcer suas bocas e um sorriso cínico brota em cada um dos lábios perfeitamente pintados de vermelho. *Sei lá...* sempre ouvi que essa cor é usada para quem quer provocar o sexo oposto. Não acho legal.

Sorrio de volta. Não há cinismo em mim, embora meu sorriso seja falso por eu não querer sorrir para elas. São pessoas... *tristes*. Pessoas que me desanimam estar na companhia por serem superficiais demais.

Trocamos beijos nas bochechas, cumprimentos necessários, infelizmente. Minha vontade é a de dar meia volta. Não estou animada para ir à festa e as amigas de Claudia — e a própria Claudia — tornam minha saída de casa totalmente dispensável.

Enquanto caminhamos a passos lentos por causa dos saltos de minhas companheiras contra o chão de cascalho, olho para as calçadas bonitinhas de grama baixinha e uma trilha de granito para se andar sobre ela. De jeito nenhum. Nem para mim que estou de sapatilhas. Mas, como estamos num condomínio fechado, andar pelas ruas não é tão perigoso e as calçadas devem ser meros enfeites.

O condomínio de casas Vila Azul é um dentre outros num minibairro planejado dentro de um bairro nobre no Rio de Janeiro, com o nome sugestivo Cidade das Cores. Suas casas são praticamente iguais, de dois andares de plantas muito similares. É bonitinho.

As casas são cercadas por arbustos de uns dois metros de altura na parte da frente, e um portão de grade fina que são mais para enfeitar do que para proteger. Sério: dá para passar no meio dos arbustos. Fora a entrada da garagem, também em um gradil tão fino que é capaz de ser destruído numa manobra pessimamente executada num carro, mesmo que seja um leve esbarrão.

Na parte de trás das construções de dois andares, há uma piscina particular e uma churrasqueira cercadas por um muro alto, que garante um pouco de privacidade para as casas tão próximas.

Além dos condomínios de casas na Cidade das Cores, há condomínios de prédios. Um minibairro bem grande. E seguro. Há câmeras de segurança espalhadas por todos os lados e patrulhamento de segurança particular. Um pedaço da cidade onde é possível andar sem preocupações. Recordo-me de meus pais elogiarem poder dar uma volta na praça enorme que foi construída bem no centro para que todos que vivem aqui possam confraternizar. Caminhadas livres em plena madrugada. Talvez fosse bom ter vivido aqui a minha vida inteira. Talvez eu pudesse andar por aí...

Dirigimo-nos para o fim da Rua Marinho — a rua da minha prima que faz par com a Rua Royal da Vila Azul, dentro desse minibairro de nomes de cores — e noto que as duas últimas casas e seus terrenos são maiores que as demais. Nunca tinha percebido que elas tinham um terceiro pavimento. Da última casa, uma azul nessa vila azul de ruas de tonalidades azuis, ouve-se uma música abafada, além de muito ruído de conversas.

A casa ao lado tem uma placa de “vende-se” na frente e está toda apagada. Não é muito estranho a casa estar desocupada. A casa ao lado dos meus tios e a que fica de frente

também estão vazias, como algumas outras. Creio que a ausência de um vizinho tão próximo permita que o volume das músicas não se torne um grande problema.

Minha nossa! Estou muito rabugenta! Se o afastamento entre mim e Claudia fosse recente, poderia até acreditar que foi causado por ultimamente sempre ver o mundo de um jeito negativo, *em* tons de cinza. Numa escala de tons mais próxima do preto do que do branco.

Assim que chegamos à frente da última casa é possível ver parte de dois carros estacionados na garagem. Um carro é grande e alto, o outro esportivo vermelho. Não surpreende nem um pouco serem modelos luxuosíssimos.

Passamos portão que já estava aberto, como se convidasse todos a entrar. Noto que na frente da varanda — maior do que as das outras casas — há um pequeno lago cercado por um jardim lindo de girassóis e flores multicoloridas.

— Você pode tirar uma foto nossa? — Priscila pergunta pra mim. É a primeira vez que elas resolvem falar comigo.

Espero que tenha sido a primeira vez, pois, às vezes, me abstraído tanto de tudo que me cerca, que simplesmente deixo de ouvir quem tenta puxar assunto.

Pego o celular dela que já está com a câmera aberta e miro nas três que estão vestidas praticamente iguais, apenas mudando a cor dos vestidos e o feitio das sandálias salto quinze. Ao fundo está a casa imponente de três andares.

— Ah... — Minha prima dá um sorriso sem sal. — Tire uma nossa, Pri. — Pede referindo-se a mim e a ela.

— Você pode tirar, Nath? Estou postando a nossa. — Priscila responde sem tirar os olhos do celular.

A outra não se opõe e tira uma foto minha com Claudia.

Eu preferiria não tirar. Nem me incomodei de não ter saído na foto *das amigas* e tiraria mais quinhentas se elas pedissem, desde que fossem apenas as três.

O celular é entregue para minha prima e nós olhamos a foto. Saímos bem bonitas. Não estamos com um sorriso largo. Minha prima fez um olhar sensual e um biquinho e eu... bem, eu saí com um meio sorriso, só para não sair com cara de assustada. O jardim florido e o lago atrás de nós que deixaram nosso registro incrível.

— Você pode me passar essa foto? — Peço pra minha prima.

— Ficou maravilhosa, né! — Ela tem um sorriso nos lábios.

— *Eh...* — Vejo-a selecionar meu contato e outro. — Será que você pode não publicar nossa foto nas redes sociais?

— Hã? *Ahm...*

Mordo meu lábio inferior. Respiro fundo até meus pulmões ficarem completamente cheios. Pelo ícone, ela escolheu o aplicativo de troca de mensagens e era para um grupo

identificado como “**Festa Noah**”. Dificilmente essa foto parará numa Rede Social aberta.

Assim espero.

— Vamos? — Natasha pergunta já tomando a frente e subindo os degraus que levam à entrada da casa.

Pela primeira vez, reparo uma folha de papel pregada com dizeres impressos em caixa alta e em negrito.

FECHE A PORTA APÓS ENTRAR (OU SERÁ EXPULSO)

Que grosseiro!

Não sei se elas viram o papel que parecia gritar para os meus olhos.

Natasha, que foi a primeira a subir, abre a porta e imediatamente os decibéis que escapavam para fora da casa são elevados à potência do infinito.

Ela fala alguma coisa com a minha prima e as duas abrem um sorriso enorme. Fazem um sinal positivo com a cabeça.

— O que foi? O que foi? — Priscila pergunta atropelando as palavras ao passar pela porta.

Corro até a entrada e a fecho para que esse som não saia de dentro da casa e termine com a festa. Nem sei se as três leram o que estava escrito no papel, se importaram com o que foi lido ou se simplesmente decidiram sem me comunicar que eu fecharia a porta.

Estamos numa sala enorme e há muitos garotos e garotas da minha idade. Alguns parecem ser mais velhos. Outros parecem ser *bem mais novos*. Enquanto caminho seguindo minha prima — que não sei se me esqueceu —, fico em dúvida se um grupinho de cinco garotas já está no Ensino Médio. Elas estão vestidas com roupas que eu nunca tive coragem de usar.

Algumas pessoas estão acomodadas no maior sofá em “L” que eu já vi, outras estão dançando em pequenas rodas. A maioria segura copos plásticos transparentes com uma bebida vermelha. Há mais assentos no local, todos encostados às paredes. Não há objetos decorativos e imagino que seja por causa do público presente. Um pouco mais à frente há um grupo de garotos jogando videogame numa imensa televisão e parece que nem dão bola para a festa.

Continuo seguindo minha prima e suas amigas. Elas atraem a atenção de todos com suas roupas curtíssimas e saltos finíssimos, que combinam mais com o chão dessa casa do que com a rua pela qual passamos. *Ou são observadas por serem populares* — tento pensar positivamente.

E todos olham para quem vem atrás. *Eu, a desconhecida*. Intrusa. Talvez tenham me visto na foto que minha prima acabou de postar. Apenas faço uma prece para que aquele registro fique perdido ali e não seja replicado em canto nenhum. Melhor será se a foto for completamente ignorada e ninguém a ver.

E pelos olhares de “quem é essa garota?”, essas pessoas passaram batidas pela imagem ou nem baixaram o arquivo. Posso respirar aliviada.

Uma nova música começa e Priscila puxa Claudia e Natasha pelas mãos.

Perco a passada quando saem em disparada por essa casa que não conheço, deixando-me para trás cercada de pessoas que nunca vi.

Engulo em seco e não olho para os lados, para não sentir o peso de ter virado uma atração de circo por minha prima ter me abandonado sem sequer olhar para trás.

Se eu estivesse no colégio, poderia simplesmente passar pelo corredor de cabeça baixa e fones de ouvido até chegar à sala de aula, entrar, procurar uma carteira vazia, sentar e assistir à aula. Foi assim ano passado até fazer “amizades”.

Aqui, não posso ignorar esses garotos e garotas que me observam ou a música contagiante. Muitas vezes ouvi esse “bate-estaca” quase sem letra no meu fone de ouvido e dancei sozinha, fingindo que estava em uma festa.

Aqui não tenho fone.

Aqui eu tenho a festa.

Aqui eu não danço.

Sozinha, e sem a menor vontade de ficar seguindo o rastro de perfume da minha prima enquanto ela e suas amigas me ignoram, resolvo caminhar até uma mesa com alguns petiscos salgados, refrigerantes e uma bebida vermelha numa bacia que aposto ter álcool.

Será mais seguro beber um copo de refrigerante do que finalmente provar esse drinque que sempre aparece em filmes americanos. Separo um copo e abro uma garrafa de guaraná.

Enquanto encho o copo, um garoto moreno da minha altura para ao meu lado. Seu cabelo é um pouquinho encrespado e está com um efeito molhado e arrepiado por causa do gel. Outra característica sua que salta aos olhos é o uso de óculos de grau com armação preta grossa. Ele separa um copo para ele e pacientemente me espera terminar com a garrafa de guaraná.

— Quer? — Pergunto por educação.

Por um momento, ele me encara espantado com a minha gentileza.

— Quer refrigerante?

— Ah... Ah, sim. Sim. Obrigado.

Encho o copo dele e fecho a garrafa. Ele deixa o copo sobre a mesa e pega outro. Enche um com refrigerante de limão. Separa mais dois copos e derrama uma concha do ponche em cada um.

Tenho duas opções: a primeira é andar sem rumo pela festa, com um copo de guaraná na mão até chegar ao fundo do terreno, dar meia volta e ir embora, tornando o dia de amanhã no colégio ainda mais bizarro; a segunda é:

— Você quer ajuda para levar esses copos?

Minha cortesia em forma de pergunta faz o queixo dele cair um pouquinho.

— É arriscado andar numa casa cheia de gente transitando para lá e para cá com quatro copos na mão.

— Tá. Se você quer ajudar...

Dou um meio sorriso. Não sei se estudaremos juntos. Ele não parece ser mais novo do que eu, e duvido muito que seja mais velho, mas vejo nele a oportunidade de deixar de ser a garota estranha zanzando sozinha pela casa.

— Prazer, sou a Bia.

Ele dá um meio sorriso. — Prazer, Artur.

Ele está muito sem graça. É tímido e lhe dou um meio sorriso para parecer simpática.

Sua timidez faz com que nós caminhemos pela casa sem trocar mais palavras. E eu também não sei se quero começar uma conversa. Posso perguntar se ele estuda no Colégio Aprender e Viver. Posso perguntar se ele está no segundo ano. Posso perguntar se ele é daqui do condomínio.

Mas as perguntas não saem.

Penso no quão ridículas elas podem soar assim que eu as solte. E o seu silêncio passa a ser apreciado por mim, pois livra-me de perguntas que talvez eu não queira responder.

Chegamos à parte de trás da casa. Mesmo com a porta aberta, o som aqui diminui drasticamente. Há ainda mais gente aqui do lado de fora. No canto da varanda que saímos, vejo minha prima com as amigas conversando com um grupo de rapazes.

Priscila está recostada a um deles, que repousa a mão na altura do umbigo dela.

Claudia e Natasha conversam com os outros garotos, mas a ruiva esquadrinha a casa com o olhar, como se estivesse à procura de algo... *ou alguém*. Bem, ela me encontra (não acho que eu seja esse alguém) e avisa para minha prima que imediatamente me encara. Com um sorrisinho falso, Claudia acena para mim e me dá as costas.

Mas antes vi o olhar dela para Artur. Estava meio chocada. Artur é tímido, não é feio nem bonito. Usa óculos, mas, embora vista bermuda e camiseta como os outros que fazem companhia à Claudia, os amigos da minha prima são mais extrovertidos, mais animados, mais seguros de si, simplesmente *mais*. Com certeza ela desaprova a minha companhia. E, assim, me desaprova também.

Se bem que ela me desaprovou antes, e assinou seu desagrado quando me deixou sozinha nessa casa imensa.

— Cuidado com a piscina. — Artur fala finalmente com sua voz que ainda não sabe se é de criança, adolescente ou adulto.

Até olhar para as pessoas do lado de fora, eu olhava para o chão. Estou com dois copos de refrigerante nas mãos, meu companheiro nessa jornada pela casa carrega três. Não seria muito bom tropeçarmos por estarmos desatentos. E, se eu não estivesse

inspecionado a casa, minha prima não teria me decepcionado um pouco mais.

Volto a olhar para o caminho e vejo a piscina. Ela é praticamente toda ovalada e é muito maior do que a das outras casas.

— Nós vamos para as espreguiçadeiras. Ali.

Ele aponta para onde há duas espreguiçadeiras. Lá estão duas garotas e um garoto.

Será que os quatro são dois casais?

Espero muito que não, ou sou capaz de findar meu momento garçõete, dar meia volta e voltar para a segurança do quarto cinzento que ainda não me acostumei como *meu*.

Os três olham para mim e para ele com estranheza. Uma garota tão alta e magra quando eu, com os cabelos longos de cachos volumosos; a outra é gordinha baixinha de cabelo liso até o ombro. O garoto sentado com elas é bem magrinho e parece ser baixinho além de ter o rosto marcado pela acne.

Meu único desejo é que eles não sejam fissurados em jogos. Eu nunca tive o hábito de jogar. Sei o nome de alguns, pois é impossível não conhecer os mais jogados quando convivia parte do meu dia com pessoas que adoravam passar horas e horas na frente de uma tela vivendo o mundo irreal, e comentavam suas experiências perto de mim. No entanto serei quicada para fora de qualquer conversa que envolva o universo dos games em menos de cinco minutos de papo.

A poucos passos, os três resolvem levantar. Paramos frente a frente e um silêncio incômodo se faz entre nós. Nem a música que nos cerca e as conversas cacofoniadas são capazes de desfazê-lo.

— *Ah... Eh...* Essa aqui é a Bia. — Artur me apresenta um segundo antes de ficar esquisito demais. — Bia, esse são meus amigos: Drica, Amanda e Ricardinho.

— Prazer. — Sorrio para três rostos ainda incomodados comigo.

— O refrigerante é da Drica. — Ele aponta para a garota de cabelo encaracolado e eu estendo o copo para ela.

Artur fica com um copo com ponche, o outro entrega para Amanda e o refrigerante, que achei ser para ele quando servi, é entregue ao Ricardinho.

E, se eu não falar nada agora, daqui a um minuto vou ter que pedir licença e me retirar de perto deles, da festa e amanhã usar o meu fone o tempo inteiro.

— Vocês estudam com o Noah? — Pergunto.

Pra que fui perguntar isso? Agora são quatro testas franzidas miradas para mim.

— Você é amiga do Noah? — Drica pergunta.

Arregalo os olhos. — Quê? Eu? Não. Não o conheço. — Suspiro e viro-me para a festa. — Não conheço praticamente ninguém. Vim com a minha prima e me perdi dela.

Olho exatamente na direção em que Claudia ri exageradamente com outros garotos, enquanto Natasha continua a participar da conversa com o olhar perdido em busca de sei

lá o quê.

— Hum. Nós estudamos com o Noah. Quem é sua prima?

Não sei se revelar nosso parentesco fará essas pessoas virarem a cara para mim. Ainda mais depois do olhar que ela reservou para o Artur. Foi como se se questionasse se eu pretendo destruir a reputação dela.

— Sou prima da Claudia... Claudia Vasquez. — Revelo por fim. Talvez entendam pelo meu humor que não estou contente de prima dela no momento.

Como imaginei, os quatro não recebem a revelação de braços abertos.

Adriana e Amanda me medem de cima a baixo. Mordo meu lábio e espero que eles absorvam essa novidade e não me considerem tão desagradável quanto minha prima.

— Pelo visto, vocês conhecem a Claudia.

— Estudamos juntas. — Amanda esclarece.

— E eu vou estudar com vocês. — Enfatizo a última palavra. Pela festa de hoje, Claudia demonstrou que não devo esperar sua companhia na sala de aula ou na hora do intervalo.

— Se você não for legal, eu quebro a sua cara.

Espanto-me com a agressão verbal que acabei de sofrer por parte da Amanda, mas ela está sorrindo.

— Vai estudar mesmo com a gente? — Drica pergunta com um interesse intrigante.

— Ah, sim. Colégio Aprender e Viver. Turma 21.

— Nós também. — Ela diz sorrindo.

E logo estamos todos sentados, conversando sobre as aulas, o curso de Inglês, que estamos em níveis diferentes; já Espanhol, vou estudar com a Drica.

— E vou fazer aulas de vôlei. — Completo. — Ouvi que aqui tem uma ótima escola.

— Você vai fazer? — Os olhos da Drica brilham. — Ah, que legal! Me matriculei esse ano e será ótimo ter alguém começando comigo.

— As aulas são no colégio mesmo, certo?

— Isso. Com os professores de Educação Física. Eles já jogaram profissionalmente. O professor Getúlio já foi da seleção brasileira!

— Uau!

— Não é um máximo?

— Claro! E vocês, não se animam? — Pergunto para os outros.

— Já passo tempo demais naquele colégio. — Amanda resmunga com um sorriso emburrado. — Ainda mais jogar vôlei com aqueles metidos. De jeito nenhum!

Artur e Ricardo respondem com uma careta.

Eu não. Quanto mais tempo passar no colégio, dedicando-me aos estudos, menos tempo tenho para a minha mente ociosa trabalhar contra mim. E eu adoro vôlei. Quando tia Talita perguntou se eu queria fazer vôlei, não pensei duas vezes. Ela sugeriu que eu fizesse balé, mas desde que me mudei para São Paulo não faço qualquer esporte. Eu apenas estudava ou estava em cursos de idiomas. As aulas de Educação Física, muito odiada por todos, eram as que eu mais gostava, pois eu podia ser um pouquinho livre.

Conversamos mais um pouco, até que observo um rapaz ruivo quase cair na piscina, e brincar que poderia *fingir que tropeçou* e assim incentivar os demais a caírem na água. Ele também desdenha do anfitrião. Os garotos ali caem na gargalhada, mas se afastam da borda. Algumas garotas dançam, e penso como sempre quis estar numa festa como essa, e nunca tive chance.

Hoje realizo esse “sonho” e não é nem a metade da diversão que imaginei. Quero dizer, é o que eu idealizava, com certeza, talvez até um pouco melhor, pois essa festa parece e muito com aquelas que vemos em filmes americanos: muitos jovens, muita bebida, azaração, nenhum adulto. Mas o *fascínio*... esse não surge. Poderia levantar e ir embora agora. Já devia suspeitar que uma festa dessas não me deslumbraria quando eu — ainda em casa — desejava dizer “não” para ela.

Às vezes, sinto que envelheci dez anos num espaço de *dezoito meses*. Ou talvez tenha aceitado demais ser criada para ser uma adulta desde criança.

Nada disso que me cerca no momento me toca. Nada de festa, nada dessa reclamação de aulas em excesso. Nada de *crushs*. Só não falo nada para não virar “a esquisita” até para os nerds da turma. *Tenho certeza que são esses*. Conversamos sobre as carreiras que pensamos em seguir. Artur quer ser médico; Drica quer ser engenheira; Amanda e Ricardinho ainda não se decidiram. Eu também digo que estou indecisa.

Olho para minha prima. Quando criança, ela dizia querer ser médica, como meus pais e o pai dela. Era o meu sonho também, embora eles sempre me dissessem que eu podia escolher a profissão que eu quisesse, a única liberdade que me concederam. Conheciam a necessidade de entrega e constante estudo da medicina, vivenciaram o período de faculdade, residência, especialização. Sempre me falaram dos prós e contras. Sempre me falaram da dor de noticiar uma doença incurável ou a morte.

Ainda assim, eu queria.

Será que Claudia ainda deseja se tornar médica?

Por estar olhando para ela, vejo Natasha que, nesse exato momento, encontra o que tanto procura. Seus olhos se fixam num ponto e o brilho é possível de ser visto de longe. *Com certeza procurava alguém*. Sigo a direção do seu olhar.

E esqueço até como se respira.

Uau!

Uau! Meu Deus!

Uau!

De dentro da casa saíram dois garotos. Os dois de jeans e camiseta. O da direita é um descendente de oriental que já tinha reparado no grupo que minha prima está enturmada. Ele é lindo, corpo esguio, o cabelo um pouco grande, a franja batendo nos olhos. Naquela hora, ele *tanto fez* e agora ele *tanto faz*.

Esse rapaz não fez e não faz a menor diferença.

Principalmente por estar do lado do...

Puxo o ar com força e fico um tanto ofegante por causa do garoto ao lado dele.

Ele chama atenção por ser bem alto... tipo... *muito alto*. Seus ombros são largos, corpo esguio e seus braços são fortes e definidos. Imagino-me em seu abraço e só consigo pensar em aconchego e segurança. Em seu aperto, eu sentiria seu perfume e uma só vez seria suficiente para que eu nunca mais esquecesse a fragrância.

Fixo meu olhar em seus olhos. Mesmo distante posso ver o brilho verde fúlgido deles. Olhos expressivos e ao mesmo tempo indecifráveis.

Desço meu olhar pelo seu rosto. O nariz afilado foi perfeitamente esculpido, mas o maior capricho em seu rosto ficou para a sua boca carnuda. Um arrepio gostoso percorre meu corpo só de imaginar como seus beijos devem ser deliciosos! Um suspiro doce escapa dos meus lábios, como se eu já tivesse sentido sua boca na minha.

Ele chama atenção por causa do seu cabelo loiro escuro propositalmente despenteado, porém não está com o aspecto de que ficou muito tempo no banheiro arrumando a melhor forma de exibir seu visual *estiloso* e desleixado.

Esse garoto incrivelmente lindo está fazendo meu coração bater forte e rápido. Um coração que ultimamente batia sem sentimentos, que só palpitava descompassado por motivos obscuros, e agora está ansioso para descobrir quem é esse carinho que entrou na fila da beleza mil vezes e nos agracia com essa visão divina.

Uau!

Ele é muito lindo!

Inspiro novamente como se meu instinto primordial de sobrevivência tivesse deixado de ser importante. Nem sei quanto tempo prenda a minha respiração e agora estou ainda mais ofegante.

Nada importa.

A não ser *ele*.

E importa-me saber por que seu semblante tão lindo e perfeito está tão carregado de sentimentos conflitantes.

E quero decifrá-los.

E temo não saber como agir.

Esse garoto lindo fala alguma coisa com o rapazinho que agora parece franzino, baixinho e sem sal ao seu lado.

Então olha para frente e me encara.

Os olhos verdes fixam em mim.

Estava certa desde que os vi pela primeira vez: *são verdes*. Verdes como esmeraldas. Ele pisca. Pisca lentamente. Pouco daquela nuvem sombria deixa o brilho intenso de seus olhos ainda mais vivo.

Seus lábios carnudos se abrem e vejo seu peitoral largo se expandir com a inspiração intensa e profunda. E se manter assim.

O ar preso não sai.

Ele parou de respirar!

Ele parou de respirar quando me viu!

E esqueceu-se de como se respira.

Será que a boca dele está tão seca quanto a minha?

Uma garota se pendura no pescoço dele.

Epa! Mas o que é isso? O susto me estremece e inclino meu corpo sutilmente para trás (eu acho), para tentar enxergar melhor. Sinto imediatamente minha testa encrespar e posso até ter deixado transparecer um pouco de indignação.

Vejo o momento em que seus olhos espantados deixam os meus e passam a encarar a garota que interrompeu nossa troca de olhar.

Uma garota morena de cabelo negro escorrido que chega à sua bunda. Seu corpo muito bonito é alto, atlético e esguio.

Vejo também o momento em que ele vira o rosto quando ela tenta alcançar a boca dele, e ele a faz voltar para o chão. O rosto dele assume uma expressão cansada, de desânimo mesmo.

— *Aquele...* — Escuto a voz da Drica, que já se tornou familiar para mim, e finalmente tiro os olhos dele para encará-la. — *Aquele é o Noah.*

Noah!

O nome dele dança na minha cabeça. Um nome curto, simples e forte. Um nome que não consigo pensar em apelidos ou um jeito carinhoso de se chamar. *Noah*. Combina com ele, embora não haja um tiquinho de *simples* em todo seu corpo escultural.

— Ele que é o Noah? — Pergunto à Adriana, mesmo com a apresentação à distância que ela acabou de fazer.

Ela dá um risinho. — Sim. Agora, levante esse queixo que está dando muito na cara que você ficou caidinha por ele.

Fecho meu maxilar até sentir meus dentes de baixo firmemente em contato com os de cima. Preciso respirar fundo mais uma vez, antes de tentar puxar assunto com a Drica.

Olho para o lado e vejo que só estamos eu e ela.

— Cadê os outros?

Ela encolhe os ombros. — A Mandinha e o Ricardinho foram pegar mais bebida e trazer algo para comermos. E o Artur foi falar com a Dalila.

Quem é essa?

— Dalila?

— Ah... Ela também estudará conosco. — Esclarece. — Eles tiveram algo passageiro ano passado, mas ele ainda é um pouquinho a fim dela.

O olhar dela vai para longe.

— Parece que todas querem ficar solteiras para o Noah, já que ele deu um ponto final no namoro com a Tati.

— Tati?

— A piriguete lambisgoia que pulou no pescoço dele.

Lambisgoia... É. Concorde. Uma piriguete lambisgoia.

Arrisco um olhar na direção dele. Conversa com a *Tati*. Ele a puxa para um canto, mas alguém como ele não passa despercebido pelos demais e esse garoto que tem um cupido como aliado não consegue andar sem ser parado, cumprimentado com apertos de mão elaborados, abraços, beijos no rosto e *abraços invasivos demais*.

A morena está ali, postada do lado dele, como se fosse uma planta com pernas.

— Eles não estão juntos? Tem certeza?

— Absoluta. Terminou quando o Noah foi para fora do país com a família no final do ano passado. Voltou ontem de manhã e a Tati foi uma das primeiras a chegar aqui na festa pra conseguir falar com ele. Olha a cara dele pra ela. Não gostou nem um pouco dessa atirada pular em cima dele.

Que estranho... Essa é a festa dele e é a primeira vez que ele aparece?

— Ele ainda não tinha vindo falar com ninguém?

— Eu o vi logo que cheguei. Depois, sumiu. — Ela volta a me olhar de cima a baixo e suspira. — Ficou a fim dele? A fila é longa...

Quando ela fala isso, procuro pela ruiva cujo olhar reluziu ao vê-lo. O olhar que me guiou para olhá-lo pela primeira vez. Encontro primeiro Priscila que, junto com minha prima, conversam sérias com uma Natasha muitíssimo mais séria.

Uma fila longa...

— Não. Não vou entrar em fila nenhuma.

Mas olho para ele mais uma vez. Está conversando com a tal Tati. Está bem sério, enquanto ela se derrete no que fala. Ele, no entanto, não lhe dá brecha. Segura seus pulsos. Consigo ler “acabou” de seus lábios belissimamente esculpidos (acho que já disse isso...

bem, não importa).

Bebo um pouco do refrigerante. Já está quente e sem gás, mas não vou andar por essa casa agora que o garoto *sensação* resolveu dar as caras. Depois da nossa troca de olhares, que espero que ninguém além da Drica tenha percebido, espero ficar invisível.

Eu tenho que ficar invisível.

Não sei se ele reparará em mim de novo com tantas garotas se atirando no seu colo, e não devo desejar um segundo olhar dele.

Ou dar a ele um quarto ou quinto olhar meu, já não sei mais. Só sei que o segundo e o terceiro já desperdicei.

Apoio-me na espreguiçadeira para me ajeitar e sinto uma picada na mão. Solto um som sibilante entre os dentes. Chego a ver estrelas de tanto que dói.

E sangra. Nossa! Há muito sangue! Dor e sangue.

Mal trago a minha mão para a frente do meu corpo e vejo o sangue escorrer com força do corte pouco acima do pulso.

— Ai, meu Deus! — Drica grita ao meu lado. — Meu Deus! O que aconteceu?

A dor lateja, mas é como se o corte impressionasse por causa da quantidade de sangue. Olho atentamente e não vejo um ferimento que seja profundo ou extenso. Pressiono o local para tentar estancar.

Ignoro o sangue que gotejou em minha perna e levanto. Ergo o braço para diminuir um pouco a circulação para cesse logo esse sangramento.

— Me ajude a chegar ao banheiro para eu lavar.

Drica olha pra minha mão e torço para que ela não desmaie, não tenha nenhum tipo de aversão à sangue, pois preciso de ajuda e não tenho outra pessoa por perto com quem eu possa contar.

— Venha. É por aqui.

Ela põe a mão nas minhas costas e me guia pela casa. Atraio olhares assustados. As pessoas perguntam o que aconteceu ao ver o sangue ainda vibrante escorrido pelo meu braço. Ficam horrorizada por verem minhas pernas gotejadas.

Mas ninguém oferece ajuda.

Ao invés de ir ao banheiro, chegamos à churrasqueira, onde há uma pia. Paro em frente a ela e abro a torneira.

— Ei! — Uma voz masculina soa atrás de mim. — Aqui está ocupado.

Estremeço-me com o significado de “ocupado” e nem olho para trás.

— Procure outro lugar! — Drica diz nervosa. Não sei se é pelo que viu do casal atrás de nós ou se ainda está assim por causa do sangue.

Mergulho minha mão na pia para lavar logo essa ferida. Solto mais um som sibilante por causa do contato da água com o corte.

— Preciso pegar alguma coisa pra estancar. — Drica fala em pânico.

— Acho que já parou de sangrar. Mas arde.

Olho e realmente parece que o pior já passou.

— Adriana, o que está acontecendo? — Uma voz masculina gostosa de ouvir, grossa com um pouquinho de rouquidão e um sotaque estrangeiro vinda da penumbra, atrai não apenas a atenção da Adriana, mas a minha também.

E o vejo. *Noah*. O rapaz mais lindo que já vi está perto de nós olhando minha mão sob o fluxo d'água.

— Ela se cortou na espreguiçadeira. — Ela diz com a voz um pouco mais ansiosa e com uma pitada de rouquidão.

Uma fila longa...

Será que Adriana está nessa fila?

— Vamos lá pra dentro. — Ele diz. Seu sotaque fica ainda mais pronunciado, que pode indicar preocupação.

Ou irritação...

Respiro fundo e olho para o ferimento. Um pequeno ponto cortado, fora um fio de pele levantado, motivo pelo qual vi estrelas enquanto molhava. Foi um pouco fundo e por isso deve ter sangrado tanto. *E ainda sangra*.

Volto a apertar a ferida e atravessamos a festa sob muitos olhares curiosos. Noah lidera o caminho com passadas largas e confiantes. Algumas pessoas tentam pará-lo, mas ele corta a multidão com mais eficiência do que antes e segue o caminho quase como se não tivesse interrupções.

Entramos na sala onde o hip hop está irritantemente alto. Se eu já não estava com ânimo para essa festa, o que acabou de acontecer extinguiu toda a mísera vontade de continuar aqui.

Noah tira uma chave do bolso da calça. No instante seguinte, ele para em frente a uma porta e a abre.

Entramos numa cozinha e ele fecha a porta imediatamente.

— Vou pegar a caixa de remédios. Podem se sentar. — Ele faz um gesto para as banquetas que ficam próximas à ilha da cozinha que é literalmente uma cozinha americana como a que vemos em filmes.

Tiro o dedo de cima da ferida. Espero um pouco e noto que finalmente o sangramento foi estancado.

— Já estou melhor. Só preciso me limpar desse sangue todo, antes de atravessar essa festa como se tivesse sofrido um atentado.

Drica me olha de cima a baixo. Nem sei quantos olhares assim ela já me deu essa noite, mas, dessa vez, ela aparenta analisar se eu passei por uma sessão de carnificina.

— Preciso falar com o Ricardinho, a Mandinha e o Artur. Eles devem estar preocupados.

Fecho os lábios segurando as palavras que quase escaparam para que avise Claudia. Duvido que não tenha chegado ao ouvido dela ou de suas amigas o meu estado, e ela não foi ao meu encontro ou ligou para mim. Meu celular no bolso do colete teria dado algum sinal.

— Tá. Até amanhã.

Ela dá um meio sorriso. — Até amanhã. Você vai ficar bem sozinha aqui?

Sorrio com a sua preocupação. — Vou.

Observo-a até ela passar pela porta e me deixar aqui sozinha.

A vontade de também sair por aquela porta só não é maior do que a necessidade de eu me limpar. Mais calma, percebo respingos em minhas coxas. Até que não foi um estrago calamitoso. *Ainda bem!*

Suspiro cansada. Agora que a situação está sob controle e eu estou longe de tantos olhares interrogativos, luto para não me deixar levar pelo sentimento negativo de que nada teria dado errado se eu tivesse dito mais um “não” para Claudia. Mas não consigo deixar de pensar que não teria feito diferença no meu relacionamento com minha prima, e que amanhã eu apareceria no colégio sem histórico de machucados sangrentos para serem associados a mim.

Posso me limpar na pia na cozinha. Será que se importarão? Eu até procuraria um banheiro, mas acredito que a cuba larga me ajude a fazer pouca lambança. Perto de mim, sobre a ilha, há um rolo de papel toalha. Posso limpar o excesso de sangue com ela e tentar sair daqui o mais invisível que conseguir.

Desço da banqueta, dou a volta na ilha e pego três folhas. Umedeço-as com uma pouco da água da torneira e passo no braço. Há partes que o sangue já está um pouco seco e preciso esfregar um pouco para que saia.

Não sei se Noah está demorando demais para encontrar a caixa de remédios ou se a minha percepção do tempo está falha. E nem preciso mais dos medicamentos agora que o pior já passou.

Pego mais um pouco de papel para poder limpar minhas pernas. Estou molhando um pouco as folhas, quando escuto vozes de um homem e de uma mulher, numa conversa em inglês. Embora eu seja fluente na língua, tenho um pouco de dificuldade, pois eles falam rápido demais.

Talvez eu não seja assim tão fluente...

Eles estacam na entrada da cozinha. Ele veste moletom e camiseta, e ela está com uma camisola fina e curta. O homem, que é uma versão bem mais velha do que o Noah, imediatamente coloca a mulher de cabelo ondulado cor chocolate para trás de seu corpo. Ela me fita um pouco assustada com seus enormes olhos de uma tonalidade mel linda.

— O que você faz aqui? — Ele pergunta. Seu sotaque também é bem pronunciado.

Bem mais que o do Noah.

— Ahn... — Estou com uma sensação ruim de ter sido pega fazendo uma coisa absurdamente errada, só por causa do olhar duro que ele me deu. — Eu...

Ele vira a cabeça para o interior da casa. — Noah! — Grita me assustando.

Exige que Noah apareça na cozinha, as palavras vociferadas em inglês. Desvio o olhar, sentindo meu rosto quente de vergonha. Devo estar igual a um pimentão vermelho.

Eu tinha que ter saído daqui com a Adriana!

— Você se machucou? — A mulher, diferente do homem e do filho não tem qualquer sombra de sotaque. Ela tem até o chiado típico do carioca. Sua voz soou bastante preocupada.

Tomo coragem para olhar na direção do casal e vejo que ela já saiu detrás daquele que acredito ser o pai do Noah, que, por ter visto o sangue, aparenta estar mais preocupado do que irritado. Ela caminha na minha direção com passos acelerados e me dá aquele que espero ser o último olhar dos pés à cabeça que receberei essa noite.

Escuto passadas vigorosas de uma corrida ecoarem atrás dos dois, o que atrai o meu olhar e o deles. Noah está de volta.

De mãos vazias.

— Mãe, não achei a caixa de remédios.

— Ah, eu vou pegar. — Ela se prontifica.

— Ela se machucou na festa? — O pai pergunta com a voz dura para o filho. Depois suaviza a voz só um pouquinho: — Você caiu?

Noah olha pra mim. Não sabe o que se passou e temo que fique encrencado.

— Eu já disse pro Noah que não foi nada. — Digo tentando aparentar calma e tenho dois pares de olhos perfeitamente verdes atentos a mim. — Me cortei na espreguiçadeira. Já parou de sangrar.

Ergo a mão para que fique claro que não precisam mais se preocupar.

A mãe dele volta para a cozinha com uma pequena caixa branca com uma cruz vermelha em cima.

— A caixa fica no banheiro de cima, filho. — Ela diz com a voz calma. — Venha, querida. Sente-se aqui e vamos cuidar disso direito.

— Não foi nada demais. — Murmuro incomodada com o excesso de atenção dada para um mísero corte. — E já estou indo embora.

Ela solta um risinho. — De jeito nenhum você vai sair daqui assim cheia de sangue. — Ela bate no assento da banqueta e eu sento. — Escutei que você se cortou na espreguiçadeira. Vou passar um antisséptico para não infeccionar. Quando ela se for, Noah, deixe a espreguiçadeira que ela estava num canto para ninguém mais se ferir.

— Tá, mãe. — Ele responde baixo.

Arrisco olhar para Noah e noto que ele está com o semblante carregado novamente. Observa a mãe atentamente com muita cautela. Quando ela começa a limpar o ferimento, presto atenção no corte. Após, passa um antisséptico e protege a ferida com um *band-aid*.

— Prontinho. Querido, pode pegar algumas toalhas de rosto?

O marido sai da cozinha e ficamos nós três. Enquanto ela cuidava do ferimento, não ousei mais olhar para seu filho. Mas não *o ver* não me impediu de ficar plenamente ciente de sua presença e do seu olhar que queimava minha pele.

— Obrigada. — Agradeço-a. — E eu já vou. Quando eu chegar em casa, tomo um banho.

— Você é daqui do condomínio?

Assinto com movimentos suaves.

— Qual o seu nome?

— Bia... *ahn...* Beatriz. — Encaro-a para não ser rude numa apresentação sem olhar no rosto da pessoa.

Ela sorri. Um sorriso suave e doce, mas que não alcança seus olhos.

— Você é da turma do meu filho?

— Mãe. — Essa única palavrinha dita deixou evidente a irritação do filho.

— Só estou perguntando. — Ela diz num tom de desculpa.

Noah a encara com um pouco de culpa. Tanto que seus lábios se mexem formando um “*sorry, mom*”.

— Sim. Estudamos juntos. — Esclareço.

O pai do Noah volta com as toalhas e finda o questionário constrangedor.

— Molhe um pouco a toalha para ela tirar o excesso. — Ordena para o filho.

Arregalo os olhos para as toalhas mais brancas do que o próprio branco e que ficarão manchadas talvez para sempre.

— Ah, não precisa sujar as toalhas.

Saio da banqueta no instante que Noah abre a torneira e molha bastante a ponta da toalha. Ele a enrola e a estende na minha direção.

— É melhor você se limpar. — Fala baixo, quase sem voz.

Arrisco olhar para ele. Não sei se me arrependo. Está sério e indecifrável. Ainda assim, gosto do arrepio que percorre minha pele quando olho para ele. E, tão perto dele, sinto seu cheiro. Não entendo de perfumes masculinos. Ele usa uma fragrância suave, deliciosa, um aroma que não me faz pensar em nada além de ser perfeito para ele. Inspiro esse ar que passou a me rodear antes de pegar a toalha.

Passo a toalha no braço com um pouco de força para que o sangue seco que não

consegui tirar com o papel saia. Ele não se afasta e o seu cheiro passa a me inebriar. Não posso culpá-lo por ter exagerado no perfume. Nem parece ser perfume. Talvez uma colônia usada após o banho ou o próprio sabonete. Inspecciono meus braços e minhas mãos. Tirando as unhas, já não há mais sangue, e só devo conseguir me livrar do que restou após tomar um bom banho.

— As suas pernas. — Noah diz, a voz um pouco mais rouca e baixa. Ele limpa a garganta. Espero que o rubor no meu rosto não esteja tão forte por causa da sua... *digamos...* inspeção. — Tem uma gota no seu pé.

Fecho os olhos e inspiro até encher meu peito de ar por ter sido observada com atenção demais por esse garoto lindo que mexe comigo.

Sim. Ele mexe comigo. Não devia, mas mexe.

E agora estou intoxicada pelo seu cheiro que inalei com força. Realmente muito maravilhoso, complicado e viciante.

Preciso ir embora!

Urgente!

Afasto-me um pouco, para que o aroma exalado dele não tire minha razão por completo e me abaixo para limpar minhas pernas grosseiramente. Inclusive a gotinha mísera e pequena no pé, que poderia até se passar por um sinalzinho charmoso.

— Obrigada. Já vou.

Mas não consigo me mexer. De repente, sinto-me esmagada por ter que passar por aquelas pessoas novamente. Essa casa é diferente das demais, não sei se há uma passagem para a parte da frente sem que encare a festa. Estou receosa de perguntar, mas começo a sentir um pouco de falta de ar e meu coração está acelerado de um jeito não muito bom.

— Será que há uma forma de eu sair sem ser vista?

O olhar do homem me faz pensar que meu pedido foi muito absurdo.

— A casa só tem uma entrada para visitantes.

A mulher me lança um olhar de pena. — Leve-a para a porta da sala de televisão, querido. Assim, ela já sai lá na frente.

Olho de soslaio para Noah e noto um pouco de incredulidade. Nem arrisco um olhar para o seu pai.

O rapaz dá um passo à frente.

— Me acompanhe. — Seu tom é formal.

Ele abre a porta da cozinha que dá para o interior da casa. Passamos por um corredor largo. As paredes estão repletas de fotos da família. Descubro que Noah tem um irmão muito parecido com ele. Tão parecido que nessas fotos não sei se ele é o mais novo ou o mais velho. Se estivéssemos num local mais iluminado seria mais fácil distinguir. Infelizmente chegamos ao final dessa reta curta antes da luz, e entramos num ambiente com uma escada e uma aconchegante sala de televisão.

Acho estranha essa disposição da casa, como se o térreo tivesse sido dividido em dois. Não dá para entender essa parede que formou um corredor de paredes repletas de retratos. Havia duas portas e suspeito que uma é onde fica o lavabo.

A televisão está ligada; um filme que não reconheço pausado. Acho que assim que eu sair seus pais voltarão a assisti-lo. No fim da sala de televisão, após o sofá, há uma porta.

Minhas mãos suam um pouco por não fazer ideia de quantas pessoas repararão em mim após eu atravessá-la. E pouca diferença fará se apenas meia dúzia estiver perto, pois se duas me encararem sentirei a opressão de centenas de pares de olhos.

A mão dele pousa na maçaneta e eu respiro fundo. Um som de ar que entra e sai do meu corpo com tanta intensidade que atrai sua atenção para mim. Pela primeira vez, desde que saímos da cozinha, ele vira para trás e olha pra mim. Eu não devolvo o olhar.

Ele tira a mão da maçaneta. Sua mão cai ao lado do seu quadril. Observo como é grande e as veias proeminentes que a deixa com um aspecto mais adulto e atlético. Mordo o lábio inferior enquanto me pergunto se ele tem a minha idade ou se é mais velho, embora seja da minha turma...

— Tem um jeito de sair daqui sem voltar para a festa.

Sua voz rouca e a esperança de não ser vista novamente me fazem fitar seu rosto.

Que olhos lindos!

Umedeço meus lábios e seguro com o dente meu lábio inferior que desliza arranhando-me enquanto assisto sua pupila dilatar. Seu pomo de adão pouco saliente sobe e desce lentamente enquanto ele engole em seco.

Quero muito beijar seu pescoço.

Quero mais ainda beijar os seus lábios.

— Tem? — Minha voz soa fraca e rouca. — Por onde?

Minha pergunta quebra o clima. Minha respiração está acelerada por muitos motivos e nenhum deles é bom. Mesmo o que eu gostaria que fosse bom *não é*.

— Por aqui. — Ele fala um pouco mais seco e com uma pitada de rudez. Dá quatro passos pela sala e arregalo os olhos quando ele abre a janela. Põe o rosto do lado de fora. — Não tem ninguém.

Ainda incerta se essa é a melhor solução, aproximo-me da janela. Do outro lado há a varanda da frente.

— Precisa de ajuda?

Ele fala tão perto que sinto a brisa das palavras tocarem a lateral do meu rosto. Um ar soprado que causa um arrepio da base da minha coluna até a nuca e me controlo para não estremecer. Respiro. Respiro mais uma vez.

— Acho que consigo sozinha.

Preciso me controlar. Definitivamente, preciso manter o controle sobre mim mesma.

Viro-me de costas para a janela, apoio as mãos. No primeiro toque da minha mão esquerda com o granito da base da janela, sinto que não conseguirei forçar sem que haja dor. Ou pior: sem que cause um novo sangramento.

— Você machucou a sua mão. — Noah fala rápido e tão rápido me iça até que estou sentada na janela. — Pronto.

Pronto. Estou na janela. Ele me ergueu como se eu não pesasse nada. O toque rápido de suas mãos em meu quadril sobre o colete não causou nada no momento do contato. *Mas agora que já me situei...*

Ele quase me pegou no colo.

Ai, meu Deus! Olho para o seu rosto bem perto do meu e me perco em seu olhar profundo. Seus lábios carnudos estão partidos e sua respiração acelerada pouco tem a ver com o esforço por ter me erguido.

É impossível deixar de alternar entre seus olhos e seus lábios. Não sei qual é o mais bonito. Os olhos expressivos e indecifráveis. Os lábios carnudos que dá vontade de prender entre os dentes enquanto nos beijamos.

Qual será o sabor do seu beijo?

O que há para ser desvendado em seu olhar?

E assim, tão perto, noto o primeiro defeito dele. Sob o cabelo despenteado vejo sua sobrancelha e uma falha, resultado de um grande corte que não parece recente. Ao mirar nesse ponto do seu rosto, noto sua expressão enrijecer.

O olhar intrigado se torna implacável.

Os lábios ficam tão contrariados que quase tornam uma linha fina.

— É melhor você ir. Tenho que voltar à festa.

Assinto e transpasso minhas pernas pela janela com cuidado por causa da saia. Assim que passo escuto o vidro fechado. Viro-me a tempo de ver seu olhar em mim pela fresta da cortina. Um olhar diferente de todos que ele me deu. Um olhar desarmado e cheio de conflito.

Infelizmente ele se afasta e o blackout da cortina esconde todo o interior. Esconde-o de mim.

Aqui fora, volto a ser dominada pelo ar quente e abafado. Não há uma só correntinha fresca de ar.

Mesmo assim estremeço como se uma corrente antártica tivesse sido soprada contra o meu corpo.

O que foram aqueles olhares que trocamos?

E o que foi esse último olhar que ele me deu?

Abraço-me com uma só certeza na mente: eu não devia ter vindo a essa festa.

Envio uma mensagem para Claudia avisando-a que estou a caminho de casa. Vejo que

desde que sumi ela já mexeu no celular, mas não tentou entrar em contato comigo. Ela lê imediatamente. Não responde e deixa de estar online.

Sigo para a casa que é mais dela do que minha com mais uma certeza: de hoje em diante não farei nada para tentar agradar minha prima.

Depois de ontem, não me espanto de andar na rua ao lado de Claudia e ela não dar atenção a nada além do celular.

O bom de ela estar tão entregue à conversa que lhe rende caras e bocas além de risadas é que eu posso escutar minhas músicas em paz. Agora, por exemplo, escuto uma música em inglês, o cantor ruivo com a voz suave me faz cantarolar sua canção e me derreto por ouvir palavras tão lindas.

Talvez eu ouvisse minhas músicas e digitasse mensagens para Drica ou Amanda, caso não tivéssemos nos separado de uma forma tão abrupta na festa. Com o machucado, não trocamos telefone. Poderia ter combinado de me encontrar com ela na porta do colégio.

Poderia perguntar também o que aconteceu na festa depois que eu saí. Perguntar sobre os comentários que fizeram sobre mim.

E perguntar como Noah ficou.

O olhar dele cheio de conflitos me preocupou. Não roubou minha noite de sono, ultimamente nada é capaz de roubar, mas, assim que abri os olhos, angustiou-me recordar da tempestade naqueles olhos verdes límpidos.

Pouco antes de chegarmos à cancela da Vila Azul, vejo Natasha e Priscila virem na nossa direção. Assim como Claudia, as duas estão arrumadas de um jeito que não condiz com a ocasião. Vamos para a escola! Não precisavam estar arrumadas e maquiadas como se fossem para um shopping. O perfume está bem mais fraco que o de ontem, porém é como se quisessem avisar pelo cheiro de que estão por perto.

O Colégio Aprender e Viver não adota um uniforme, e ainda não sei como me sinto com essa liberdade de escolher o que vestir para estudar. Toda a minha vida, eu acordei e me arrumei sabendo exatamente o que teria que vestir e a camisa do uniforme estava sempre passada sobre a calça jeans esperando por mim. Senti falta dessa parte dessa parte do ritual matutino.

Na cartilha do CAV, que li e que minha tia fez questão de explicar para mim e revisar para a filha, está escrito que os alunos devem se vestir com bom-senso. Indicam como vestes adequadas calça jeans e camiseta. Reprovam decotes que findam nos seios; saias e bermudas devem ter o comprimento de no mínimo quatro dedos acima do joelho; são proibidos shorts, minissaias, blusas que sejam curtas. Os vestidos devem respeitar os cumprimentos dos joelhos e do decote. E nada de sapatos abertos ou chinelos.

Eu optei pela calça jeans e uma bata branca soltinha. E tênis.

Minha prima e Priscila optaram por saia plissada. Natasha veio de vestido. Os decotes estão no limite do aceitável, mas a impressão que tenho é que elas os puxaram para cima e não deverão se importar nem um pouco se eles caírem pelo corpo e revelarem a parte superior dos seus seios.

Trouxeram casaquinhos que devem servir para quando a desculpa de puxar o decote

para cobrir os peitos não colar, e terem que se vestir mais apropriadamente. Na cartilha está bem claro que se as regras forem descumpridas, o aluno deverá usar uma camiseta modelo T-shirt básica com calça jeans (a roupa sugerida), e elas provavelmente não quererão aparecer assim por uma semana.

A T-shirt básica que foi uma tentação até eu bater o olho na bata que visto.

Todavia analiso os casaquinhos com outros olhos agora. Espero que não faça frio na sala de aula. Gosto do ar friozinho, estou habituada a um clima mais fresco do que esse calor infernal carioca, mas um frio demasiadamente exagerado não rola.

Poderia dar meia volta e passar em casa para pegar um casaco. Minha prima e suas amigas já estão a quatro passos de distância de mim.

Olho o visor do celular. Estou em cima da hora. Não pretendia chegar muito cedo e ficar parada sem saber o que fazer, mas nunca que eu chegaria atrasada e praticamente apontassem um holofote na minha direção.

O problema é que estou cansada de me sentir seguindo a minha prima. Olho mais adiante, vejo o colégio do outro lado da rua, após a grande praça do condomínio. Elas seguem o caminho e eu olho para os lados. Atravesso a rua e fim: acabei com essa impressão de ser observada seguindo minha prima, enquanto Claudia me ignora. Suspiro aliviada e dou um meio sorriso para mim mesma.

Seria perfeito se eu deixasse de ser observada. Por estar de fone, não sei se cochicham ou se comentam abertamente sobre mim. Não encaro essas pessoas. Cantarolo as músicas baixinho, passo distante de todos o máximo que posso para evitar qualquer esbarrão. Meu corpo está rígido, preparado para qualquer tentativa de me derrubar. É horrível pensar assim, mas estou no Ensino Médio, e sei muito bem o que alguns colegas são capazes de fazer.

Por ter ido à festa, além de não ser uma total desconhecida para alguns, encontro rostos familiares. Daria tudo para que fossem Adriana, Artur, Amanda ou Ricardo. Infelizmente só estou cruzando com aqueles que estão mais interessados em esmiuçar minha mão em busca de um ferimento macabro do que estabelecer uma conversa cordial comigo.

Chego à catraca e pego o cartão. Assim que a luz fica verde, uma mão estala os dedos na altura do meu rosto, chamando minha atenção. Abaixo o fone quando vejo ser o porteiro.

— Você é a Beatriz Abrantes?

Olho para a outra mão dele que está com um tablet com uma foto minha, meu nome. Meu sangue gela. Sinto todo o meu corpo tremer enquanto olho.

— Ei... — A voz do homem se amansa. — Você só precisa ir à secretaria, tá?

Tento identificar o que há ali. Havia outras fotos também. Não há de ser nada. Tento recuperar o ritmo da respiração.

— Está tudo bem, Mario? — Escuto uma mulher perguntar perto de nós.

— Bom dia, Professora Jaqueline. Essa é a aluna Beatriz Vasquez Abrantes. Ela é

aguardada na secretaria. Pode acompanhá-la?

— Sim, claro! — Ela se prontifica. — É por aqui, querida.

Sinto sua mão em minhas costas, um pouco acima da mochila. Ela pergunta se é o meu primeiro dia de aula e tagarela que é professora de Música, que provavelmente serei sua aluna e mais uma infinidade de coisas que eu não consigo prestar atenção.

— Chegamos. — Ela avisa quando para em frente a uma bancada após atravessarmos um corredor de acesso restrito. — Marieta, essa é a Beatriz. Aluna nova. — Ela olha para mim. — Tchau, querida. E tenha um bom primeiro dia. Nos encontramos na sala de Música.

Dou um meio sorriso. Pelo menos essa caminhada me ajudou a acalmar.

— Bom dia, Beatriz. Beatriz Abrantes, estou certa? — A tal Marieta me cumprimenta. Olho em seus olhos. — Bom dia. Sim, sou eu.

— Eu sou Marieta, responsável pela secretaria. Vou te dar a chave do armário. — Ela me entrega um chaveiro com o emblema do colégio e uma única chave. — Lá, você vai encontrar seu uniforme para Educação Física e o tablet que contém todo o material didático do segundo ano.

Ela ainda fala que meu cartão deverá ser apresentado ao professor para confirmar a presença em cada aula e que será usado também como passe para saída, explica que por eu estar matriculada no curso de vôlei poderei fazer uma aula a mais de Educação Física na semana, que será exclusivamente voltada para o esporte, para ajudar no preparo para os campeonatos estadual e nacional. Alguns detalhes, eu já tinha conhecimento.

— Bem, vamos à sala da Dra. Amália.

— Dra. Amália?

— A psicopedagoga. Ela chegou cedinho hoje para falar com você.

Sua voz deixou evidente a curiosidade de eu mal ter chegado e precisar conversar com a *psicóloga*, e fiquei aliviada por até agora tudo estar relativamente *bem*.

Paramos em frente a uma sala, um pouco mais adiante no corredor de acesso restrito. A porta já está aberta. O olhar que recebo da mulher relativamente jovem é simpático. Se eu a encarasse por mais tempo, diria até que acolhedor.

— Bom dia, Amália. Vou fechar a porta.

— Obrigada, Marieta. — Ela sorri. — Bom dia, Beatriz. Seja bem-vinda ao Colégio Aprender e Viver. Por favor, sente-se.

Olho para a cadeira. É bastante confortável, larga e bem acolchoada. Melhor até do que aquela que Amália está sentada.

E nós temos uma conversa que mais parece um monólogo dela que me rouba o primeiro tempo de aula inteiro.

— Bia... — Ela sorri após dizer o meu apelido. Ainda no início dessa conversa que mais pareceu uma consulta com um terapeuta convencional, Amália perguntou se poderia

me chamar assim ou se preferiria Beatriz. Como Beatriz sempre foi sinônimo de reprimenda, deixei que me chamasse de um jeito que me deixava mais à vontade. — A porta dessa sala está aberta pra você sempre que precisar. Se eu não estiver aqui dentro, não hesite e me espere sentada nessa cadeira. Se estiver fechada, pode entrar sem bater.

— Tá. — Respondo quase sem voz.

— Mas, acima de tudo, fique tranquila. Você vai adorar nosso colégio e está segura aqui dentro. Em breve, estará rodeada de bons amigos.

Respiro fundo e dou um sorriso de descrédito.

O sinal toca anunciando o fim do primeiro tempo de aula.

— Boa aula, Bia.

Amália se levanta da cadeira e eu faço o mesmo. Ela abre a porta e aperta o meu ombro.

— Lembre-se: você pode vir aqui sempre que quiser.

— Obrigada.

Saio de sua sala e caminho pelo corredor tentada a pegar o meu fone no bolso da mochila, mas terei pouco tempo, talvez uns cinco minutos para o início da aula seguinte, e ainda nem sei onde ficam os armários ou como chego à sala de aula. Resolvo dar uma parada na secretaria para...

...para me encontrar com Noah que está parado ali numa pose displicente, mexendo no celular enquanto aguarda algo ou alguém do outro lado do balcão. Provavelmente aquela senhora... *qual é mesmo o nome dela?*

Não faz a menor diferença saber o nome da secretária, mas recordo que ela se chama Marieta.

Imediatamente minha boca fica seca e minha respiração se torna a de um maratonista após atravessar a linha de chegada.

E meu coração... *Ah, meu coração!* Esse quase explode de tanta felicidade só por vê-lo.

A atração que sinto por ele é muito forte e intensa. Tenho mais do que uma queda. Ele é mais do que um *crush*. E eu não tenho muita experiência nesse quesito.

A sensação de borboletas no estômago toda vez que eu vejo esse garoto que conheço há menos de vinte e quatro horas, mas que mexe mais do que deve comigo, me atinge com força.

Noah está distraído e não sei se depois de ontem devo puxar assunto com ele. Em nenhum momento ele foi realmente amigável. Agiu apenas como um bom anfitrião diante de uma convidada machucada. Assim que pus os pés fora de sua casa, ele fechou a janela atrás de mim.

E me recordar disso traz uma dorzinha incômoda no peito.

Mas preciso falar com a secretária do colégio.

Respiro fundo para controlar minha respiração nesses poucos passos que restam para nos aproximarmos por completo.

Já meu coração... é impossível controlar as batidas vigorosas em meu peito. A pulsação frenética que grita em meu ouvido é perceptível apenas para mim, então deixo que retumbem livremente dentro da minha caixa torácica.

Paro ao seu lado.

Sinto seu cheiro: o mesmo de ontem!

Que cheiro maravilhoso!

E preciso ignorar o arrepio na minha pele só por estar a menos de um metro dele.

— Dona Marieta?

Minha voz o atrai. Seu rosto se virou para mim imediatamente, como se, ao invés de ter chamado a senhora do outro lado do balcão, eu tivesse dito o seu nome.

Noah!

Não, eu não disse, mas não custa nada, *não é?*

— Oi, Noah. — Cumprimento com um fio de voz, sem saber para onde foi a entonação que saiu de meus lábios quando chamei a senhora.

Ele apenas me encara.

E encara.

E encara.

E eu quero retirar o cumprimento por ele não estar me encarando de um jeito animador. Os olhos indecifráveis também estão intempestivos hoje. Mas, sem poder voltar no tempo, só me resta limpar a garganta e tentar deixar esse momento menos constrangedor.

— Mais uma vez, obrigada, por ter me ajudado ontem.

Ele continua me encarando.

E apoia seu corpo alto em cima do balcão.

— Dona Marieta, vou pra aula e depois venho pegar. — Fala com a voz carregada de irritação e vai embora sem me dirigir mais um olhar.

Eu me proíbo de olhar na direção em que ele partiu. Não depois dessa ofensa gratuita e desnecessária. Ele simplesmente me ignorou!

Respiro fundo, enquanto sinto meus olhos arderem e as lágrimas se formarem. Não. Não posso derramar uma lágrima agora. Não depois disso.

Apenas agradei a gentileza — nem tão gentil da parte dele — de ontem. A mãe dele, sim, que foi gentil. Ele não precisava dizer nada, apenas um movimento com a cabeça aceitando meu agradecimento.

O jeito que ele agiu foi pior do que se tivesse fingido que não me ouviu.

— E aí, Noah! Pô, não deu para ir ontem. — Escuto um rapaz comentar com Noah, o que me faz virar a cabeça na direção que me recusei olhar.

Noah fala algo baixo. Só entendo quando diz:

— A Marieta está procurando uma camisa nova. — Continua. — Pegue com ela e me entregue na sala, valeu?

— Tá, valeu.

Viro a cabeça quando escuto o estalo das mãos quando se apertam.

— Bom dia, tia... — O rapaz interrompe seu cumprimento à secretária dito com sua voz possante e grave a plenos pulmões quando me vê. — Opa! Bom dia garota nova.

A tentação de evitar olhar para ele, que deixou a voz um pouco mais sedutora ao me cumprimentar, é grande. Mas, depois de ter sido ignorada pelo Noah, a última coisa que quero é causar a alguém uma situação parecida.

Olho para ele brevemente e tento ser simpática.

— Bom dia.

Seu sorriso se alarga exibindo dentes perfeitos e seus grandes olhos azuis ficam um pouco menores.

— Primeiro ano? — Pergunta.

— Segundo.

Eu podia apostar que ele é do terceiro. Assim como Noah, ele é muito alto e destoa do perfil adolescente. Mas Noah é do segundo e os dois se cumprimentaram como se tivessem um contato frequente. E, pelo que o garoto de olhos verdes disse, os dois provavelmente se encontrarão na mesma sala. Só que, diferente do Noah, esse que está na minha frente não mexe nem um pouco comigo, embora seja muito bonito também.

O sinal toca e Marieta volta com a camisa. Vê-me parada.

— Meninos! — Ela exclama. — Está na hora de ir para a sala.

— Bom dia, minha linda Marieta! — Ele a cumprimenta com um tom misto de jocoso com galanteador. Ela lhe faz uma careta. — O Noah me pediu pra levar essa camisa. E eu também recebi uma errada.

Ela revira os olhos. — Ainda acabo com quem fez essa lambança com o uniforme de Educação Física. E você, querida? Sua camisa também veio errada?

— Ah... eu não conheço o colégio. Não sei onde ficam os armários e a sala.

— Posso fazer um tour com você e depois a Marieta explica ao meu digníssimo mestre o motivo de eu ter matado aula.

Mais um revirar de olhos da senhora. — Tome. Leve para o Noah. Cadê suas roupas erradas?

— Não trouxe.

— Então traga no próximo intervalo para trocarmos. E Caíque, *faça um tour* com a Beatriz até o armário e depois para a sala de vocês. Só justificarei cinco minutos de atraso. E boa aula.

— Vamos estudar juntos, *Bia*?

É a primeira coisa que ele diz após nos afastarmos do balcão.

— Pelo visto sim.

Pelo visto, estudarei mesmo com o Noah.

Ouvir de uma pessoa de dentro do colégio deixa ainda mais concreto que esse ano terei o garoto mais disputado do colégio na mesma classe que eu.

Será que só há uma turma de cada ano?

— Só há uma turma de segundo ano?

— Duas em cada turno. Por quê?

— Por nada. Curiosidade.

E me pego pensando não no Noah, mas na Claudia. Estamos na mesma turma e ela age como se eu ainda vivesse em outro estado.

Depois de subirmos de escada, entramos num corredor largo. Parece que fui transferida para um colégio americano. Dos dois lados há armários, cada cabine estreita está pintada de azul. As paredes estão pintadas de amarelo clarinho.

— Tirando os laboratórios e as aulas de Educação Física, você vai andar de um lado para o outro nesses corredores todos os dias. Qual o número da sua porta? Está na etiqueta da chave.

Vejo a chave. — Quarenta e cinco.

— Ímpar. Lado esquerdo.

Ele fecha um pouco os olhos e fita os armários atrás de mim.

— Estamos em frente.

Ah, isso foi fácil.

Vou até a porta e encontro o uniforme dobrado, o tablet e mais alguns livros e até cadernos e material para escrever. Tiro a sacola com o tênis de dentro da mochila e a ponho dentro do armário.

— Pra aula, você vai precisar do tablet. E confira o uniforme. Pelo que a tia disse, zoaram na hora da distribuição.

Vejo a numeração. É um uniforme médio para as camisas cinzas com o logo da escola sobre o peito esquerdo. As calças e as bermudas azul-marinhas são pequenas. Talvez seja melhor eu ficar com ele. Quando ponho de volta ao armário, Caíque me olha de cima a baixo com um olhar esquisito.

E eu voltei a ser analisada da cabeça aos pés.

— A maioria das garotas pegam o PP ou P. Você vai ser engolida por essa camisa.

Ele tira o uniforme do armário e, sem cerimônia, abre a embalagem com as camisas.

— Ei!

— É muito grande. — Ele tira uma de lá de dentro e põe na frente do meu corpo. — Viu?

Realmente é um tamanho muito grande, mas não vai me engolir de um jeito absurdo. E prefiro assim.

— Para mim, está ótimo.

Caíque dá de ombros discordando de minha afirmação. Problema. O corpo é meu, eu que vou usar. Guardo a camisa e fecho o armário. Ele para em frente a um armário mais à frente, tira o uniforme de lá de dentro e põe na mochila.

— Bora!

Andamos pelo corredor e, após duas portas, entramos na sala de aula. O professor parado em frente ao quadro imediatamente interrompe algo que dizia em inglês, e nos encara. Todos que estão sentados assistindo a aula também passam a olhar para a porta.

— Nem vou tentar falar inglês, *teacher!* — Essa única palavra deixa evidente que ele tem dificuldades com o idioma. — Trouxe a aluna nova.

Concentro-me apenas em encarar o professor e ignorar o restante da turma. E ainda assim sinto muitos pares de olhos mirados na minha direção. Ele se aproxima e pede, em inglês, para Caíque se sentar.

— Você é a Beatriz Abrantes? — Pergunta em português com o sotaque carregado.

— Sim.

Ele sorri. — Seja bem-vinda. Essa aula é ministrada totalmente em inglês. Você conseguirá acompanhar a turma?

— Sempre estudei em colégio bilíngue.

Sorri e fala para eu escolher uma carteira vazia.

O alívio volta a tomar conta de mim quando percebo que ele não exigirá que eu me apresente à turma, nem fará o anúncio por mim.

Olho para o lado. Uma das cadeiras mais próxima à porta está tentadoramente vazia. Mas, por ter dirigido um olhar para onde estão os alunos, vejo Drica e Amanda sentadas atrás da mesa do professor, Ricardinho está sentado sozinho e Artur atrás dele ao lado de uma garota que suponho ser Dalila. E ela não esconde seu descontentamento quando me vê.

Drica me dá um meio sorriso e eu me agarro a ele, considerando que ela quer que eu me junte a eles.

E é para lá que eu vou. Não bate nem uma duvidazinha. Não tenho a menor vontade de olhar para outro lugar da sala. Veria minha prima... *Veria Noah.*

Segura de que tomo a melhor decisão, caminho até parar à mesa ao lado do Ricardinho. Ele está com o queixo um pouco caído e um tanto assustado enquanto tira a mochila da carteira ao seu lado. O lugar que sento.

O professor dá prosseguimento à aula imediatamente.

— Oi. — Cumprimento-o.

— Oi, Bia.

Peço-lhe a matéria do primeiro tempo que perdi. Ele abre o caderno e discretamente tiro fotos para passar a limpo em casa. Depois, tento me concentrar na aula.

Uma tarefa árdua quando tanto luto para não olhar para trás ou para qualquer outro canto da turma que não seja o quadro *branco* e suas anotações.

É mais difícil ignorar os olhares que queimam minha nuca e me fazem toda hora mexer o pescoço como se eu tivesse com torcicolo bastante incômodo.

É muito mais difícil ignorar os sussurros incessantes sobre mim. Por me julgarem esquisita por ter entrado com Caíque e ter preferido a companhia do Ricardinho; por causa do corte que fez jorrar sangue para tudo quanto é lado — sim, ouvi esse exagero — na festa; por eu ignorar a minha prima...

Tá... esse último gostei. O contrário é uma verdade maior, mas não deixa de estar certo que simplesmente não procurei por Claudia quando entrei na sala, o que seria normal.

O que também está difícil de ignorar é o friozinho da aula. *Eu tinha que ter voltado para pegar um casaco.* Mais uma vez, seguir minha intuição era minha melhor opção, pois não assisti a aula do primeiro tempo e ainda cheguei atrasada para o segundo.

Tento direcionar minha atenção ao professor que fala devagar, para que todos compreendam a matéria. Não tenho dificuldade de entender, bem diferente do que ouvi da conversa dos pais do Noah.

Será que um dos olhares que me queimam é o dele?

Não posso olhar para trás.

Não vou olhar para trás.

Meus olhos viram para o lado e as únicas conhecidas sob minha mira são minha prima e as colegas no fundo da sala do lado oposto ao meu. Apenas Natasha me encara, mas seu olhar hostil perde totalmente a atenção quando foco da minha atenção se torna um casal exatamente no centro da classe.

Um garoto e uma garota que seguram suas mãos sob a carteira. O garoto escreve algo no caderno e um meio sorriso ilumina o rosto dela. O entrelaço de seus dedos é desfeito, quando ela ergue a mão para escrever algo na mesma folha de caderno.

Uma conversa íntima, silenciosa. Sequer há sussurros. Palavras escritas para ficarem apenas entre os dois e as páginas do caderno. Quando se beijam rapidamente, paro de olhar como se tivesse tomado um choque tão grande que não consigo mais prestar atenção

na aula.

O sinal toca e as palavras que foram economizadas durante a aula são faladas de uma só vez. A voz de Caíque alta e forte se destaca entre as dos demais justamente numa pergunta para Noah.

— Vai fazer o curso de inglês esse ano também?

Não entendo a resposta do Noah e respiro fundo agoniada com essa dúvida. Assim como minha prima, estou no módulo de conversação. É estranho que um garoto que fale inglês tão perfeitamente precise frequentar as aulas, mas não sou eu quem vai dizer que ele não precisa, e perder a oportunidade de ficar um pouquinho mais de tempo perto dele.

— Ah, eu também! — Minha prima fala. — E a Nath. — Seu tom ganha um pouco de malícia.

Novamente não o escuto.

— Fiquei esperando você sair ontem de lá de dentro para saber como estava. — Drica, que conversava com o professor, fala comigo atraindo a minha atenção para o grupo. — Nem trocamos telefone. Fiquei esperando você um tempinho aqui no colégio, mas você não apareceu.

— Vi você entrar com a professora Jaqueline na secretaria. — Amanda comenta. — Mas como você não saiu, tive que vir pra aula.

— Ah, eu fiquei um tempinho lá resolvendo alguns problemas.

Amanda e Adriana me lançam um olhar de quem estranha o que eu disse. Mas as testas delas que franziram um pouquinho logo ficam lisinhas e eu abafo os questionamentos que surgem na minha própria mente.

— Pelo quadro de horários, não subimos mais. Pegue tudo que precisar pra não ter que subir à toa. A última aula é de Educação Física, não se esqueça do uniforme. — Adriana me avisa enquanto caminhamos para fora da sala de aula.

— Tá. — Respondo sabendo de cor as matérias do dia tanto quanto ela, porém todos conhecem melhor as dependências do colégio, e o conselho é bem-vindo.

Saímos da sala e entramos no corredor lotado. O pedaço com os armários está praticamente intransitável, pois todos parecem ter seguido o conselho de Adriana.

Noto que algumas pessoas já vestem um jaleco, que espero estar dentro daquele armário, pois eu não sabia nada sobre trazer essa vestimenta.

— Sabe se os laboratórios são muito frios? — Pergunto, pois não quero passar frio novamente.

Agora teremos um intervalo de vinte minutos, um tempo que considero suficiente para passar em casa e buscar um agasalho para as próximas aulas.

— Você não trouxe um casaco? — Amanda pergunta espantada.

— Não. — Mordo o lábio. — Saí apressada e esqueci.

— Se quiser, eu tenho um no meu armário que fica de reserva. — Ricardinho oferece com o rosto mais vermelho que o de costume. — Está limpo. Ainda não usei. Ia ficar no armário e acho que dá em você, e...

— Aceito. — Corto seu festival de justificativas. — Muito obrigada.

— Vou pegar.

Ele dá meia volta, na certa seu armário ficou para trás enquanto caminhávamos. Pouco depois é a vez de Artur e Dalila pararem pelo caminho.

No meio de tantas pessoas mexendo em seus armários, ainda assim, é impossível não encontrar o Noah. Um garoto alto e de ombros largos se destaca até numa multidão de total desconhecidos na rua. *E ele está na porta exatamente de frente para a minha.* Cercado de amigos e todas as portas em volta estão abertas como se *ele* primeiro merecesse atenção para depois cuidarem de separar seus materiais.

Desvio o olhar e abro meu armário. Procuro pelo jaleco. *Ufa!* Ainda bem que tenho um. Em seguida, separo um dos uniformes de Educação Física e deixo o reserva no armário.

Ainda bem que a escola adota um tablet ao invés de livros, ou eu ficaria com uma mochila pesada demais.

— Oi. — Olho para o lado e encontro Artur com a porta aberta ao lado da minha e uma Dalila olhando bem séria para mim.

— Seu armário é esse? — Pergunto para ele. A parada de antes deve ter sido para ir no dela.

E vou fingir que não reparo os olhares de Dalila como se minha presença não fosse bem-quista. Infelizmente ele confirma timidamente e se aquieta.

Fecho minha mochila e depois o armário. Giro uma meia volta em meu eixo... e inevitavelmente meu olhar cruza com o do Noah.

Minha boca seca na hora, mas ainda consigo umedecer meus lábios. A respiração fica mais pesada. Meu coração bate mais rápido do que asas de beija-flor. E quase para quando ele desce um pouco seu olhar, desviando-o de mim, para dar atenção a duas garotas a um passo dele.

Olho para quem disputa a sua atenção. O cabelo naturalmente ruivo de Natasha faz com que eu nem duvide que seja ela. Do seu lado está Tati, a garota de cabelo negro e totalmente liso que vai até a bunda.

Respiro fundo e encaro Adriana. Ela já me observava e provavelmente viu um pouco de tristeza me atingir. Seu olhar era *e é* muito perspicaz. Só espero que não faça perguntas desnecessárias.

— Bia! — Pulo de susto com o meu nome dito tão alto que silencia as conversas.

Meu rosto virou na sua direção no mesmo instante. Assustou-me, confesso, de uma maneira muito ruim. Todavia já aprendi a reconhecer a voz do Caíque. E, rivalizando a

altura com Noah, não é difícil de enxergá-lo acima dos demais.

Por falar em Noah, ele também virou na direção do cara com quem trocou um aperto de mão elaborado no corredor da secretaria.

— Bia! Poxa, você foi bem ingrata comigo. — Ele fala novamente do seu jeito jocosos, atraindo minha atenção para si. — Fiz um tour pelo colégio com você, dei dicas... poxa, até guardei um lugarzinho do meu lado e você partiu meu coração.

A mão dramática no lugar onde bate seu coração e o leve curvar do corpo me faz rir.

Meus olhos rolam. — Que lindo! — Deixo sair essas duas palavras também num tom zombeteiro.

— Hum! Estamos nos entendendo agora.

Rio ainda mais e meneio a cabeça. E desviar dos olhos dele com essa risada me fez achar um Ricardinho muito sem-graça e agarrado ao casaco que me ofereceu.

Sorrio para ele e tiro a mochila das costas.

— Eu seguro pra você. — Caíque oferece sem saber das minhas intenções. Ele até tira a mochila da minha mão. — Viu? Sou um cavalheiro, minha linda donzela!

E eu pego o casaco do Ricardinho e o visto. Pego a mochila da mão de um Caíque boquiaberto.

— Obrigada. — Digo quando a ponho no ombro.

Ele olha de mim para Ricardinho.

— Você sabe que não tem chances contra mim. — A ameaça de Caíque sai em tom de brincadeira, mas Ricardinho a leva ao pé da letra e se encolhe um pouco. O sangue chega a sumir do seu rosto.

— Você não vai desfaltar o time por causa de um cara que é a metade de você. — Ao passar, o cara ruivo de fala monótona que vi brincar na beira da piscina durante a festa, dá um esbarrão no Ricardinho.

Assim que ponho os olhos nele, um arrepio sombrio percorre meu corpo. Acho que nunca vi alguém com uma energia tão negativa quanto a dele e odeio o olhar que ele me dá.

— E você acha que ele vai me encarar? — Caíque continua com o seu tom brincalhão. Já deve estar acostumado com o humor sombrio daquele sujeito. — E você não tem a menor chance com ela. — Desdenha do garoto franzino.

Respiro fundo incomodada com o que ele diz, embora seja verdade. Ricardinho não me atrai nem um pouquinho. Não despertou em mim nada além de um sentimento de amizade.

E talvez eu esteja exagerando quanto à amizade. Nós praticamente não nos falamos durante o intervalo. Ou nas aulas seguintes, que também fizemos parceria e sentamos na mesma disposição de cadeiras da sala de Literatura Inglesa. Ricardinho simplesmente não fala. Nem sobre a matéria. Talvez fosse mais pelo silêncio que assistia às aulas sozinho do

que pela ausência de parceria. Há mais dois alunos sem companhia nas aulas que eu ainda não sei por que preferem sentar sozinhos.

Se eu reparei no Ricardinho e nesses dois, também reparei em outras pessoas.

Claudia senta no canto esquerdo ao fundo com suas amigas. Noah senta na última cadeira do meio, ao lado do garoto descendentes de sul-coreanos que estava em sua festa, que descobri se chamar Daniel. Tatiana senta no canto direito ao fundo, praticamente ao lado do Noah.

Num tempo inferior a vinte e quatro horas, esse garoto faz com que eu me distraia da aula, e mal consigo apreender a matéria. Sinto seu olhar em mim. Fixo. *Intenso*. Que me arrepia e faz suspirar. Mesmo sem olhar, tenho certeza que são os olhos dele que me observam e me queimam. Esgota-me passar tantas horas lutando para não olhar para trás para encará-lo.

O sinal bate e respiro fundo antes de olhar para trás. Miro na minha prima. Ela está com cara de tédio copiando as últimas anotações do slide em apresentação sobre o quadro. Natasha, que senta ao seu lado está muito mais consciente da minha presença na sala de aula do que Claudia.

Mas nenhuma das duas importam. Meu objetivo é conseguir olhar pelo menos um pouquinho o Noah, nem que seja pelo foco mais periférico da minha visão. *É isso mesmo: estou apelando*.

E, sim. Eu estava certa. Os olhos dele estão me observando. Primeiro, como se tivesse sido pego no flagra, ele desviou o olhar para o lado, mas, quando viu que eu mantive meu olhar na minha prima, ele voltou a me encarar.

Dá até vontade de virar o rosto e o encarar diretamente. *Mas não tenho coragem*. Basta meu rosto enrubescer por ele me fitar sem reserva.

Claudia finalmente para de escrever e guarda o material. E me encara, um olhar indiferente. Viro-me pra frente um pouco abatida pela tristeza. Desde que saímos de casa, não trocamos uma só palavra. Eu a vi ali no meio das pessoas que cercavam Noah. Vi, no intervalo, ela lançar alguns olhares para Caíque.

— O vestiário é perto da aula de Educação Física? — Pergunto para Ricardinho.

— Acho que sim. — Ele desvia o olhar.

— O que foi?

— Eu e ele não fazemos Educação Física. — Amanda diz secamente. — Temos dispensa.

— Ah, é? Por quê?

— Nós... nós não fazemos. — Ela responde. — Bem, já vou.

— Eu vou com você. — Ricardinho se afastou após um aceno.

Pego minha mochila e saio da sala com Drica. Ouvi Dalila falar algo com Artur e

quase tive a impressão de que ela retardou a saída dos dois para não andar conosco.

— Por que eles não fazem Educação Física? — Pergunto para Drica baixinho assim que saímos para o pátio, onde nossa conversa se perderá nos sons do colégio.

Ela suspira e olha para os lados. — Problemas com o passado.

— Pode não fazer Educação Física? Assim tão fácil?

— As últimas disciplinas são de integração, mas é onde a política contra o bullying do CAV mais perde força. Educação Física, Música e Artes II são unidas para todos os alunos do Ensino Médio. É quando são feitas as aulas de teatro, são feitos os testes para a banda do colégio, e escolhidos os representantes do time de vôlei, que é o esporte que temos tradição em ganhar campeonatos.

— É mesmo? — Fico empolgada. — Banda? Teatro?

— Sim.

Do vôlei eu já tinha conhecimento e até conversamos ontem que faremos aulas juntas, independente da Educação Física.

Todavia, diferente de ontem, o humor de Adriana não indica um pingão de empolgação. E, a cada passo que damos, ela fica mais introspectiva, embora tente voltar com a animação contando que nas férias jogou bastante vôlei, o que a levou a se inscrever para as aulas fora do colégio (que serão realizadas aqui dentro).

— Ei, me esperem! — Olho para trás ao ouvir a voz do Artur.

— Vai fazer Educação Física? — Pergunto quando nos alcança.

— Vou. — Artur fala do mesmo jeito desanimador. — Se eu pudesse, faria igual à Amanda e ao Ricardo. Para as aulas de Música e de Artes também se consegue licença. Você pode conseguir se declarar algum motivo religioso, por exemplo.

— Religioso? — Pergunto.

— As aulas abordam algumas temáticas religiosas ou até de algumas culturas controversas e alguns pais não querem que seus filhos frequentem. A de Artes também entra em alguns conceitos polêmicos. Aí não assistem aulas, mas apresentam trabalhos sem que a presença em aula seja exigida.

— Entendi. — Embora não concorde.

— Para Educação Física, é só apresentar um atestado médico, um comprovante que faz outras atividades, e no final de cada bimestre é só apresentar um relatório.

— Ah.

— Meus pais não querem me arrumar uma dispensa. — Artur resmunga. — Fala que é para eu relaxar. — Fala carregado de sarcasmo. — E aí temos que ouvir as piadinhas, tolerarmos aquele povinho chato e metido à besta... Todos bajulando o Noah.

Adriana me dá uma encarada firme após a última palavra dita por Artur.

— Será que vai continuar aquela idolatria depois de ele ter abandonado o campeonato? — Artur pergunta e quero saber o que significam essas palavras.

— A julgar pelo entusiasmo na festa ontem e na tietagem entre as aulas, acho que continua a mesma coisa. — Adriana fala enfadada e suspira.

Eu queria perguntar o que aconteceu. Quem no meu lugar não ficaria curioso? Mas o assunto morre quando Dalila fala alguma coisa com voz de bebê para o namorado e os dois se afastam.

— A família do Noah viajou de supetão para os EUA. O problema é que... — Adriana encolhe os ombros enquanto sussurra essa fofquinha que começou “do nada” sobre o assunto que pensei ter morrido — ...eles foram embora antes da semifinal. — Adriana fala baixinho e dá uma risadinha. — Você está caidinha por ele, né?

— Eu não estou caidinha por ele. — Defendo-me.

— Tá. Vou fingir que acredito. — Ela ironiza. — Enfim, ele estava praticamente se naturalizando brasileiro, havia olheiros nos jogos. Era certo que ele fosse treinar num time grande. Mas acho que os pais dele não quiseram. E ainda não devem querer, pois o humor dele mudou muito.

— Mudou? Como?

— Não sei quem era mais idiota: se era o Caíque ou o Noah. Ontem, na festa, não o vi se divertir uma só vez. E olha que era a comemoração do aniversário dele.

— Aniversário?

Ela dá uma risadinha. — É. Ele fez aniversário semana retrasada, mas ainda estava fora do país. Foi uma comemoração também pelo seu retorno. Ninguém acreditava mais que ele voltaria. E hoje na aula ele estava bem esquisito. Sério. Nem ouvi a voz dele!

É esquisito eu estranhar uma mudança que não conheço?

— Ele não se divertiu ontem? — Fico surpresa, mas nem tanto. — Era a festa dele.

A verdade é que não o vi sorrir. Fiquei pouco tempo, ele saiu da festa quando eu me cortei, e depois ele acompanhou os cuidados com meu ferimento e minha saída de sua casa de um jeito nada convencional.

Eu não o vi em momentos que ele poderia exibir um sorriso.

— Talvez os pais dele tenham mudado de ideia. — Ela comenta e há um pouco de esperança nas suas palavras. — O Noah é muito bom!

Recordar-me do pai dele que parecia encarnar o mau-humor, e da forma como ele e o filho se trataram não me faz pensar que o pai tenha aceitado ou que eles tenham uma boa relação.

— O pai dele parece ser uma pessoa difícil.

Ela arregala os olhos. — Você viu o pai dele?

— Vi... — Confirmo, embora tenha ficado com receio desse espanto por eu ter conhecido o pai de um dos alunos do colégio. Nem comento sobre também ter visto a mãe e que foi ela quem cuidou do ferimento.

— Uau! Puxa! — Ela realmente está espantada, como se eu tivesse acabado de dizer

que vi um astro do cinema. — Bem, nós entramos, fomos para a cozinha. Que eu saiba, aquela casa é fechada para todos os amigos do Noah. Acho que Natasha e Tatiana nunca entraram lá. *Acho que nem os amigos dele.* Bem, ele é muito próximo do Dani e do Caíque, pode ser que eles já tenham entrado além da sala. Mas elas, não. Disso, tenho certeza!

Não sei o que pensar sobre isso.

E ouvir essas questões familiares, e até a fofoca de Adriana, que me ajudou a conhecer um pouco mais sobre esse *boy*, começa a mexer comigo de um jeito que preciso evitar.

Tento focar apenas no chão onde piso quando sinto um peso no peito.

Qual o prazer de todos observarem a vida dele tão atentamente a ponto de desejarem que ele morasse numa redoma?

Acho que Adriana fala mais alguma coisa, sobre irmos ao vestiário trocar de roupa. Espero que ela tenha dito apenas sobre isso, pois está difícil me concentrar no que ela fala.

Minha boca está seca, meu coração disparado. Respiro fundo mais uma vez. Cruzo meus braços e me aperto. Sinto o suor em minhas mãos enquanto elas deslizam pela minha pele. Tento controlar a respiração que acelera e fica ofegante. Preciso também me desfazer da postura defensiva e fingir que estou bem. Descer os braços e fazer com que eles se movimentem em harmonia com meus passos é um trabalho árduo.

Meus olhos lacrimejam enquanto minha mente se inunda de recordações que devem permanecer enterradas. *Estou misturando as coisas.*

Esse é mais um motivo para eu ficar bem longe do Noah.

Não estou pronta para um novo relacionamento.

Relacionamento! Onde estou com a cabeça? Ele faz questão de me desprezar. Nem minha amizade ele quer!

Então devo parar de associar Noah com qualquer sentimento bonito. Tenho que parar de associar esse garoto a qualquer sentimento e ponto!

Um vulto entra na minha frente. Demoro um instante a reconhecer Adriana. Ainda bem que foi antes de ela pôr as mãos nos meus ombros.

— Bia, você tá legal?

Respiro fundo mais uma vez e assinto. — Vamos pra aula.

— Você tem certeza?

Engulo em seco. Estou chamando muita atenção. Por mais alguns minutos, preciso ser apenas mais uma aluna a transitar pelos corredores desse colégio.

Aqui, tenho mais uma chance de seguir em frente. Até agora, tudo deu certo.

Passamos no vestiário para trocar de roupa. Deixo minha mochila no armário, e passo

a corda da chave do cadeado pelo pulso, como fizeram as outras alunas.

— Vai fazer Educação Física? — Patrícia, uma morena que senta na última fileira ao lado da Tatiana pergunta para Adriana. — Está se sentindo, hein?

— Esse ano me animei. — Drica dá um sorriso forçado.

— Ah... Oi, Bia. — Ela me cumprimenta com um sorriso cínico.

— Oi, Patrícia. — Não sou a terceira a sorrir sem vontade.

Ela se afasta. Passa pela minha prima de nariz empinado e o rabo de cavalo pendulando alegremente. Claudia lhe vira a cara. Já deu pra perceber que ela e suas amigas são rivais do grupinho da Tatiana, e Patrícia pertence à sua patota.

— Ainda bem que vocês vão fazer. — A garota que passou todas as aulas agarrada ao namorado fala conosco. — Bia, né? Sou Val, Valentina.

— Oi. — Olho brevemente nos olhos dela e fito o vestiário. — Vamos pra aula?

Atravessamos o vestiário e entramos na quadra principal de esportes do colégio.

Ela é imensa!

E está muito cheia!

Há mais de cem alunos. Muitos estão de pé na quadra poliesportiva e outros tantos sentados numa arquibancada com cerca de dez degraus.

Após a quadra há um espaço com diversos aparelhos para exercícios aeróbicos. Uma rede de vôlei armada deixa claro que é mais uma quadra e que provavelmente será usada.

— Bom dia, meninas! — Uma senhora que só consigo imaginar como nossa professora nos cumprimenta. Estão com as carteirinhas? — Respondemos que sim. — Tudo bem, Val?

Valentina a cumprimenta com um sorriso fraco.

— O professor Getúlio vai falar com vocês.

Olho para o centro da quadra, onde um senhor de aproximadamente quarenta anos fala com alguns alunos. Além dele, vejo Noah com os amigos. A tira colo, estão as garotas que disputam a atenção deles, incluindo minha prima.

Vejo o olhar dele para mim. Rápido, antes de voltar a falar com alguém que está perto dele. Por isso, passo a fitar de novo o chão onde piso. Olhar para as linhas da quadra é mais seguro, ainda mais quando escuto os murmúrios por ter colocado uma camiseta tão grande e chamar atenção por não querer que confirmem minhas curvas.

Assim que paramos perto do professor, ele nos pergunta se somos do primeiro ano, reconhecendo somente Val como sua aluna.

— Não fiz Educação Física ano passado. — Drica fala baixinho.

— Sou nova no colégio. — O olhar dele me observa melhor. — Beatriz Abrantes, do segundo ano.

Como imaginei, ele já me conhecia de nome. Todos os professores sabem quem sou, e

tento pensar que seja por eu ser a única aluna nova do segundo ano ou por ele se recordar de que sou uma aluna nova matriculada no curso extra de vôlei.

— Certo. — Ele parece um pouco desorientado enquanto pega nossas carteirinhas. — Meninas. — Limpa a garganta. — Vou explicar para os alunos do primeiro ano como será esse primeiro mês de aula. É melhor prestarem atenção.

Ele olha para a arquibancada e imagino que sejam — em grande maioria — os alunos do primeiro ano. Nós nos acomodamos. Val caminha conosco e o desabafo que fez no banheiro, que passou a impressão de que ela se sente deslocada na aula, faz sentido.

Ainda sobre minha roupa, escuto também burburinhos de eu estar usando o uniforme de Adriana do ano passado, e me pergunto se Drica era acima do peso e emagreceu nas férias. O comentário de Patrícia sobre Adriana estar “se sentindo” pode ser por isso.

Alguns minutos depois, os demais saem da quadra. A não ser Noah e seu grupo, Tatiana, Patrícia e sua outra amiga, uma garota que me faz lembrar uma cantora de hip hop americano. Do grupo da minha prima, não ficou ninguém; ela e as amigas vieram para a arquibancada. Outras meninas que ficaram lá olham para nós com altivez.

Além de todos estarem na festa do Noah, com exceção do Caíque, eles têm em comum de serem altos.

— Bom dia, vamos começar a aula, que estamos atrasados vinte minutos e essa tolerância será aceita somente hoje.

Vejo Caíque reprimir um risinho. *Vejo por ele estar ao lado do Noah.*

O garoto de olhos verdes que me encara de novo. Um ínfimo instante, antes de suspirar. Parece incomodado. Tão incomodado que desvio o olhar.

— Sejam todos bem-vindos. Para quem não nos conhece, sou o professor Getúlio e essa ao meu lado é a professora Rose. Já devem ter percebido que as aulas de Educação Física são em conjunto. As três séries do Ensino Médio terão aula ao mesmo tempo. Aqui, não dividimos as séries por idade ou pelo ano escolar que estão. Consideramos as habilidades de vocês. Temos alunos do primeiro ano que têm um físico mais parecido com o do terceiro ano e vice-versa. Desde que a escola foi fundada, há vinte anos, trabalhamos dessa forma e têm dado muito certo.

Ele faz um gesto para a professora, que toma a palavra.

— Bom dia! Tenho orgulho de dizer que, desde que o CAV foi criado, nós já tivemos como estudantes catorze jogadores de vôlei profissionais. Quatro deles já chegaram a seleção brasileira. Nesse primeiro mês, nós faremos a seleção dos alunos que participarão dos campeonatos estudantis desse ano.

— Para participar da seleção, os alunos deverão ter entre quinze e dezessete anos. — São ouvidos burburinhos animados e alguns lamentos. — São regras da organização dos jogos, não temos como interferir. Mas, esse mês pertence ao vôlei, independente do interesse ou da possibilidade de vocês participarem do campeonato estudantil. E todos serão avaliados por esse esporte.

O professor retoma a palavra:

— Não exigiremos que todos sejam jogadores de nível de campeonato. Vocês serão avaliados de acordo com a capacidade de agirem em equipe, a participação de acordo com a limitação de cada um e conhecimento teórico. Agora, vamos fazer um aquecimento de cinco minutos. Não queremos ninguém distendido antes do campeonato.

Que pressa!

A professora Rose dá uma risadinha. — Isso.

E todos nós vamos para a quadra. Somos organizados por turma e, por sermos do segundo ano, eu e meus colegas de classe, assim como a outra turma do segundo ano, ficamos no centro da quadra. Eu e Drica nos ajudamos no alongamento.

— Muito bem! Primeiro, vamos começar com o terceiro ano. Renan, Mateus, Flávio e Lucca. Cada um vai escolher mais dois garotos e duas garotas. — Professor Getúlio fala para a turma e chama mais quatro garotas para escolherem com qual dos quatro cada uma ficará.

— Noah, Caíque. Me ajudem a armar a rede. — Professora Rosemary pede. — Os demais alunos do segundo ano podem ir para a arquibancada. Os do primeiro também.

Vou para a arquibancada ouvindo os nomes serem cantados para formarem o time. Sento-me entre a Adriana e a Valentina. Uma quinta turma de vôlei sobra, e os professores avisam que ela será desmembrada com a equipe que sobrar do segundo ano. Professor Getúlio não fala esse termo *sobrar*, evidentemente, apenas anuncia que será feita uma mescla entre os alunos do segundo ano. Acredito que esses “sobrantes” sejam os que não têm o menor tino para o esporte.

Isso não me interessa. Pouco importa o time formado ou quem sobrou, e acredito que devo ficar na sobra da minha turma também.

O que deve importar é o excesso de atenção que dou ao Noah. Pois só consigo prestar atenção nele montando a rede com a ajuda do Caíque. Está mais do que habituado a lidar com a montagem, sua atenção totalmente voltada para que a rede fique na altura certa e esticada.

Sinto muito coração... é mais forte do que eu acompanhar cada gesto dele. Simplesmente não consigo ignorá-lo.

Seus movimentos são ágeis e me hipnotizam. Meus lábios ressecam por causa da respiração que passa entre eles e preciso umedecê-los. É nesse momento que, *mais uma vez*, nossos olhares se cruzam. O mísero instante que o incomoda e me faz me arrepender de não conseguir desviar minha atenção dele.

Quando ele vem para a arquibancada aproveito que se senta na primeira fileira e deixo que meus olhos queimem sua nuca. Sei que meu olhar não é o único. Ouvi os suspiros e comentários das outras alunas tanto para ele quanto para Caíque, que também impressiona pela beleza e por seu belo par de olhos azuis. Só torço para que eu consiga disfarçar, caso Noah olhe para trás.

Eles apontam para quem está na quadra, vejo o perfil de cara feia que fazem. Fazem

concordâncias e esboçam satisfação também. Caíque nem parece o zombeteiro das aulas e corredores. Levam a sério o esporte.

Acho bonita essa dedicação, e tento empurrar para debaixo do tapete que tenho na minha mente o lamento pelos pais do Noah não deixarem que ele se dedique ao esporte.

Não consigo e a indignação vocifera na minha cabeça:

Eles tiraram o filho do país!

Não pensaram como Noah seria afetado ao ser privado do vôlei. Não o conhecia até ontem, no entanto já ouvi que essa atitude o deixou mais fechado. Nem consigo imaginar como isso pode ter desestabilizado o time. Será que foram campeões?

Escuto o som estridente do apito final, antes de perguntar para Drica e fico em silêncio definitivamente, pois tenho certeza que ela associará a minha pergunta a ele.

O segundo ano é chamado à quadra e os dois caminham na frente, como se nos liderassem.

— Vamos fazer diferente dessa vez. — O professor anuncia. — Caíque e Noah montem seus times. Depois Daniel e Leandro. Ah, Daniel, aqui você não será líbero. Quero testar a habilidade de todos em todas as posições. Os alunos terceiro ano que ainda não jogaram podem ir para a quadra dois. Dividam-se em quatro grupos e aguardem o pessoal do segundo ano.

... que não foi escolhido. Poderia completar a frase com essas palavras.

Eu deveria ir para lá logo. Vejo os olhares dos dois. Analisam suas opções, olham bem para o rosto de cada um de nós.

Pela primeira vez vejo a seriedade constante nos belos olhos verdes dar espaço a um pouco de traquinagem.

— Par ou ímpar? — Caíque pergunta para Noah, com a mão no ar, prestes a realmente tirar a vez nesse tipo de sorte.

A sombra de um sorriso passa pelos lábios do Noah.

— Escolhe primeiro. — Sua fala baixa e sem vontade não ocultou o sotaque. — Eu começo o jogo.

— Hum... — Caíque faz uma pose de pensador. Olha pra cima e tudo coçando o queixo.

Pegando a todos de surpresa, ele gira em seu eixo bem rápido e aponta para sua escolha.

Arregalo os olhos surpresa.

Seu dedo está apontado na minha direção.

Ele está apontando pra mim.

— A novata! — Anuncia bem alto, atraindo a atenção de todos para mim.

Contra a minha vontade, olho para Noah. Ele me observa e baixo a cabeça

arrependida por ter olhado para ele, já que sinto o calor do meu rosto corado.

— Falei que essa camisa ia engolir você, Bia. — Caíque brinca e cruza meus braços.

— Paty. — Noah diz muito sério.

Há burburinhos sobre a escolha, escuto que ela jogou ano passado. Um risinho bem baixinho escapa de Caíque.

— Está levando bem a sério essas escolhas, hein! — A voz do Caíque está carregada de ironia. — Uni, duni, Nath!

Natasha, que até esse momento tinha um sorriso nos lábios e um olhar sensual, salta surpresa e em choque. Seus olhos arregalados para Noah arrancam mais um risinho do Caíque.

— Adriana. — Noah a chama, o “dri” pronunciado de um jeito esquisito.

Olho para ela lamentando não estarmos no mesmo time. Pelo seu olhar surpreso, ela também não esperava ser chamada para o jogo, mas parece empolgada.

— Tati. Pra cá.

Essa não se empolga nem um pouco. O olhar dela para Caíque é mortal. Depois olha para Natasha com desprezo. Fico entre as duas, e a carga negativa que me rodeia é palpável e me faz mal.

— O Caíque só pode estar de brincadeira. — Praticamente todos riem quando um garoto zomba.

— Valentina. — Noah continua sua seleção.

— Tá, vai. Felipe. — Caíque chama o namorado da Valentina. — Daqui a pouco reclamam que só chamamos garotas.

— Gabriel. — Noah escolhe o garoto que sempre senta colado com a porta e ele treme ao ouvir seu nome.

— Vou deixar a Yasmin pra você. — Caíque fala olhando para o garoto da outra turma que o professor chamou de Leandro. Eu já vi os dois juntos e eles agem como se fossem um casal, porém são de classes diferentes. — Maiana.

Uma garota da outra turma de segundo ano se aproxima.

— Seremos justos com duas do banco, uma em cada time.

O comentário faz Maiana torcer a boca.

— Priscila.

Chamar Priscila me faz olhar para onde ela está. E para minha prima. Ela está de queixo caído. Seu olhar encontra o meu e, se seus olhos fossem armas, eu seria fuzilada, como se minha existência fosse o motivo de ela não estar aqui com as amigas.

Escutamos um pigarro e os professores estão visivelmente preocupados com as escolhas.

— Aproveitem esses cinco minutos para mostrarem o potencial de vocês. E lembrem-

se que estamos avaliando também a liderança, capacidade de trabalhar em grupo e espírito esportivo. — A professora fala.

— E a capacidade de solucionar conflitos. — Professor Getúlio resmunga.

Não sei se foi um alerta ou se sua intenção era provocar risadas. Ele obteve mais êxito no segundo do que no primeiro.

— Ah, só quis que a ruiva, a loira e a morena ficassem bem atentas ao outro lado da quadra. — A voz de Caíque sempre alta e brincalhona soou muito maliciosa.

Baixo a cabeça completamente sem-graça com esse comentário. Tenho certeza que Caíque se referiu a mim, à Natasha e à Tatiana. As outras duas já foram namoradas do Noah, mas esse é o meu primeiro dia no colégio, mal conheço todo mundo e já estou despertando fofocas com o meu nome.

Respiro fundo, sufocando a onda de nervosismo que tenta me dominar.

— Podem se posicionar.

Nessa hora, todo o ar brincalhão do Caíque some. Ele age empenhado em vencer o jogo e traça estratégias. Ele é um bom capitão, pelo visto. Talvez, seja do time oficial do colégio ou tenha substituído Noah que é um líder nato. Sou enviada para o canto esquerdo. Felipe é posto na posição de saque. À sua frente está o próprio Caíque, e, completando a frente, Tatiana e Natasha. Maiana está no centro atrás.

Quando os cinco minutos começam a valer, Noah vai sacar. Olha pra mim como se eu fosse uma presa fácil.

Talvez eu seja.

Eu até jogo bem vôlei, mas nada que possa ser comparado ao nível de participar de um campeonato, mesmo que estudantil. E estou um pouco enferrujada. Faz um tempinho que não entro numa partida.

Se ele jogar para mim, estou ferrada.

No último segundo o foco dele muda de direção. A bola é lançada. Não é um saque potente. O curso da bola é em direção ao Felipe, mas Maiana invade o espaço dele para pegar a bola. Não foi uma boa recepção. Tatiana salva a bola de cair no chão e Caíque milagrosamente consegue passar para o outro lado.

Para cima da Drica. Ela recepciona muito bem. Está séria e compenetrada. Patrícia levanta a bola e Noah corta. Em cima do Caíque. Uma explosão que ele pega. Foi um pouco ruim na recepção, mas Tatiana levanta a bola para o próprio Caíque cortá-la para o outro lado sem chance de defesa, embora Val tivesse mergulhado para tentar pegá-la.

O time roda. Caíque no saque. Saca forte, Noah recebe. Gabriel levanta e ele corta.

Que ótimo, pra não dizer o contrário. O jogo virou uma provocação entre Caíque e Noah. Meu capitão acha graça, enquanto o outro parece ter cola nos lábios de tão cerrados que estão.

É a vez de Gabriel sacar. O olhar dele está em mim e respiro fundo. Ele sacará em cima de mim. Seu saque é forte. E bate na rede. Mais uma rodada e estou no centro.

Estou no centro na frente, Noah, no Centro atrás. Ele olha na minha direção, mas sei que seus olhos estão atentos ao Caíque, embora seja Tatiana no saque.

Ele não olha para mim, mas ignorar Tatiana e Natasha me reconforta. Suspiro e o movimento o faz desviar o olhar para mim. Escuto a pancada na bola anunciando o saque no mesmo instante e sua atenção volta para o jogo. A bola é devolvida de graça e uma sucessão de erros faz com que eu seja o terceiro toque na bola.

Em menos de um segundo *enquanto salto*, preciso decidir em que ponto do outro lado será melhor dar minha cortada e até se devo optar por uma cortada ou uma largadinha. Priscila e Adriana sobem comigo para me bloquear. *Largar a bola*.

Mas antes de tocar, Natasha esbarra em mim e corta em cima do bloqueio. Caí no chão e não consegui me recuperar a tempo. A bola caiu mal.

— Pô-, Nath! — Caíque vocifera, interrompendo um impropério no meio.

Escutamos o apito. — Caíque! Meça as palavras! — O professor adverte.

— Foi mal. — Desculpa-se. — Foi uma droga. — Sussurra. — Essa vem forte. — Ele volta a ficar compenetrado no jogo quando Patrícia se posiciona no saque.

Ela manda a bola bem forte para cima do Felipe que pega todo desajeitado. Natasha consegue recuperar a bola e Caíque bate do outro lado para fechar o ponto. Infelizmente Noah pega a bola e faz o que o meu capitão não fez.

O ponto e a abertura de vantagem no placar — que findará não com vinte e cinco pontos, mas com o tempo — faz com que um sorrisinho satisfeito surja no rosto do Noah. Ele é tão fechado que essa felicidade momentânea causada pelo esporte me faz sorrir também desse jeito discreto. Mordo meu lábio pensando como seria maravilhoso se ele mantivesse nem que fosse esse meio sorriso no rosto sempre.

Seu olhar capta o meu e o seu sorriso some imediatamente. Engulo em seco. Dessa vez, não corei. O olhar dele pra mim é tão... *nossa*, é tão *hostil* que faz meu coração pesar no peito.

Luto contra a vontade de sair da quadra e sumir daqui.

Escutamos a pancada e ainda bem que Patrícia lançou a bola na rede e ela caiu para fora, pois vinha na minha direção e eu estava totalmente desatenta. Tão desatenta que até me assustei com o movimentar da rede.

Noah meneia a cabeça e torce a boca.

— Eles vão devolver a bola agora para uma só pessoa da quadra. — Tatiana desdenha.

O que ela disse não teria me afetado, se eu não visse no olhar do Noah de que ele mesmo colocará essa tática em prática.

O pior é que ele é assim só comigo. Vejo como está atencioso com a Drica e com os demais, indicando-lhes como fazer boas jogadas, bola estratégias, incentiva. E analisa o potencial de todos na equipe que estou. Não comemora o ponto de seus adversários, mas parabeniza as jogadas.

Meu time roda mais uma vez. Olho para minha equipe e o único que tenta me encorajar é Caíque com o olhar. É Natasha no saque e vejo o olhar do ex-namorado dela fixo atrás de mim. Ela está sob sua mira. A bola vai diretamente para ele.

É lógico que ele pega. Pega perfeitamente. Uma bola tão perfeita para um corte, que Valentina não hesita e mira em cima de mim.

Posiciono-me para receber a bola, que vem potente, mas totalmente possível. Ou seria se Maiana não tivesse posto o braço em cima do meu para lançar a bola para o alto.

Ajeito-me observando o curso da bola. Ela foi lançada de qualquer jeito, grosseiramente rumo à lateral da quadra e não penso duas vezes em correr atrás dela.

— Vai, Bia! — Escuto o grito de incentivo do Caíque enquanto minhas pernas queimam por causa da explosão que submeto meu corpo.

Jogo-me no chão e todo o esforço vale à pena quando atinjo a bola vigorosamente, e ela volta para o jogo. Viro-me a tempo de ver o movimento ágil e preciso de Caíque ao cortar a bola bem no centro da quadra. No chão.

Eu vibro! Corro de volta para o meu lugar. Sou a próxima a sacar e até que não sou tão ruim. Só não posso forçar. Correr atrás dessa bola e descobrir que não estou tão enferrujada me animou!

Caíque corre na minha direção para me parabenizar. Só não imaginava que ele fosse me pegar no colo e me girar.

— Valeu, novata! — Agradece do seu jeito engraçado. — Vamos tomar um sorvete depois.

Olho pra frente. Para o Noah. Não adianta que não consigo evitar, mesmo sabendo que ele não me devolverá um olhar amistoso. Noto que ele morde o canto interno da bochecha com a seriedade que sempre reserva para mim. Suspiro e quico a bola. Estou ofegante e preciso sacar. Preciso me concentrar no saque, não no rapaz lindo do outro lado que pode me desestabilizar se mais uma vez fizer aquela carranca pra mim.

Sacar nele talvez não seja a melhor opção. Adriana já provou ser uma boa jogadora, então miro no Gabriel.

Escuto o apito final. Fim de jogo.

— Bem na hora! — Senhora Rosemary fala já bem próxima a mim. — Querida, você está bem? O aquecimento que fizemos não era pra você correr como se estivesse numa prova de cem metros rasos.

— Estou bem.

Os músculos queimam, mas não sinto fisgadas preocupantes.

Apenas Caíque da minha equipe me parabeniza. Do outro lado, Valentina e Adriana reconheceram meu esforço.

— Jogo é jogo. — Valentina diz em tom de desculpa.

— Eu sei. Não estou chateada. Vocês também foram ótimas!

Na verdade, essa atenção em cima de mim, esses olhares principalmente hostis das duas equipes começam a me sufocar. Pensar na arquibancada cheia me dá náuseas.

— Bia, vem aqui comigo. — Escuto Adriana dizer. Ela toca meu braço. — Você está gelada.

— Foi da corrida. — Minto. Essa desculpa também serve pra minha respiração acelerada e descompassada.

— Muito bem, a partida acabou, vamos dar lugar aos outros times. — A professora diz. — Querida, vem aqui comigo.

Ela mal encosta em mim enquanto me conduz para a lateral da quadra, bem no fim, e me faz sentar no chão ao seu lado.

— Você foi muito bem! Você lutou pra pegar aquela bola, foi sensacional!

Escuto-a dizer enquanto o mundo parece se colapsar em torno de mim.

Minha respiração passa de ofegante a entrecortada e ofegante. Uma sensação nauseante bate na minha garganta.

Todos olhavam pra mim. Talvez ainda me observem e o peso desses olhares me esmaga.

— Bia, vou validar as presenças de vocês. Pode me ajudar a separar os cartões por turma?

Engulo em seco enquanto suas palavras ditas ao pé do meu ouvido começam a fazer sentido. Ainda luto para que as lágrimas não caiam, embora meus olhos estejam molhados.

Ergo a cabeça e dobro as pernas. Vejo que o professor está por perto também, de pé, atento à quadra. A professora está com uma caixa e a maquininha que vi nas outras aulas com os outros docentes. Cruzo as pernas e ela me passa outra caixa praticamente vazia.

— Esses já passei.

Respiro fundo algumas vezes enquanto estendo a mão para pegar a caixa. Noto o tremor forte e o contato escorregadio com o objeto indica como minhas palmas estão suadas.

— Concentre-se em separar por turma e colocar em ordem alfabética. — Mais uma vez ela fala com calma e devagar, mas de um jeito que me força a cooperar.

Assinto. — Vocês estão aqui comigo e não estão avaliando os alunos para o time. — Murmuro. — Desculpe.

— Hoje não dá para vermos muito. Cinco minutos não foi suficiente para seu time fazer um rodízio completo de jogadores. — Ela responde com a voz ainda plácida. — E o treinamento para o campeonato será para apenas aqueles que quiserem participar de verdade. Essa semana faremos treinos assim mais para vocês se conhecerem do que para

formarmos um time. Tem muitos alunos com bastante potencial, mas ainda não sabem. Esperamos que vocês se incentivem. — Olho para ela, que me dá um sorriso acolhedor. — Além disso, você está me ajudando e terei mais tempo para ver as outras partidas, principalmente dos alunos de primeiro ano que não fazemos a menor ideia de como jogam.

Continuo a separar e, por me entregar a essa tarefa simples, mas que detém a minha atenção, Professor Getúlio se afasta. Escuto o apito e fico satisfeita por não ter passado mais do que cinco minutos naquele estado.

Ou será que foi mais tempo e eu não ouvi outros sons do mesmo apito?

— Foco na sua tarefa, Bia. — A professora me repreende por ter parado.

Respiro fundo e volto a me concentrar.

Nós terminamos e ela pergunta se quero voltar para a arquibancada.

Quero ficar aqui, todavia só consigo pensar nos burburinhos que meu isolamento pode causar. Demoro a levantar e caminho lentamente. A professora não tem pressa.

Quero procurar Adriana, sentar ao lado dela e conversar como se nada tivesse acontecido. Olho para a arquibancada e um borrão toma conta do lugar. Não consigo identificar os rostos. A náusea volta.

— Oi, Bia! — Escuto sua voz e olho para o lado. — Está tudo bem? Melhorou?

Sorrio pra ela, tentando recuperar a calma que consegui enquanto estava sentada organizando os cartões.

— Foi só uma indisposição. — A professora “esclarece” para Adriana. — E você, Adriana, foi uma surpresa maravilhosa para a partida.

Adriana cora com o elogio. Ela é linda, alta, tem um corpão e um cabelo cheio, que prendeu para o jogo num coque desajeitado. Tudo para chamar atenção de todos os garotos. *Mas é um pouco retraída.*

— Precisamos de garotas como vocês no time feminino. — Após ouvir Caíque falar em alto e bom tom, seus braços caem nos nossos ombros e ele fica entre mim e Drica. — Lindas e boas de bola. Sério, Bia, você tem que pedir pra trocar suas camisas. Não combinam com você.

A professora revira os olhos. — Tente filtrar o que você pensa para que não diga tantas besteiras.

— Eu não digo besteiras. — Ele se defende e abraça a professora. — Por baixo do saco que cobre essa aqui — refere-se a mim —, está a garota mais linda do colégio. — Ele dá um meio sorriso para a Adriana. — Mas se eu esquecer que você é a nerd da turma, voto em você para rainha do baile.

— Ok, Já chega! — A professora o empurra de leve. — Esse daí tem a língua maior do que o próprio corpo. Apenas ignorem.

— Já estou acostumada. — Adriana, ainda muito corada, murmura.

— Mas ele está certo sobre você-vocês participarem da seletiva pro campeonato. Já vi que estão matriculadas para a escola de vôlei, então vamos levar a sério essa possibilidade!

Percebi a correção. Uma garota tão instável quanto eu não pode entrar para o time.

As carteirinhas são entregues e, ao invés de ir direto para o vestiário, decido ajudar a arrumar a quadra. Adriana foi embora correndo, avisou que tinha que ir ao dentista e seu horário estava tão apertado que foi sem tomar banho.

Só que a decisão de ficar para ajudar também foi tomada pelo Noah e pelo Caíque, o que considero agora bastante óbvio. Recolho as bolas sem praticamente olhar na direção da rede, diferente de Tatiana e sua trupe, ou de Natasha e Priscila que mais observam os garotos do que fazem algo de útil. Ah! Minha prima, que em nenhum momento se aproximou de mim, também está perto deles.

Eu também não fui falar com ela. Claudia sempre foi muito competitiva. Não sei se fez parte do time ano passado, embora faça as aulas de vôlei. Como nunca ouvi nada a respeito nas conversas de família, *acho que não*. Todavia é óbvio que ela não ficou nem um pouco satisfeita por eu ter participado do jogo que envolvia os melhores jogadores e ela não.

Vou ao vestiário e abro o armário para pegar a minha mochila para tomar banho. A vontade de simplesmente ir embora é imensa. Não estou com a menor vontade de me banhar aqui, mesmo que as cabines de banho sejam fechadas.

Mas faço. Se fosse para ir embora sem ser percebida, eu deveria ter saído daqui logo que a aula acabou, junto com Adriana. Será melhor simplesmente seguir o curso programado, tomar meu banho e ir embora, se possível enquanto minha prima, suas amigas e inimigas ainda estiverem embaixo do chuveiro.

Se eu tiver sorte, Noah e Caíque também estarão no banho e eu sairei sem receber mais uma cara de desagrado do primeiro. É só por infelizmente já ter certeza de que ele não vai gostar de me ver o observando que eu não quero olhar para ele.

O pior é ter que voltar para esse colégio ainda hoje com a certeza de que eu o verei. Meu coração, tolo como só ele é, bate acelerado sonhando que eu me sentarei numa roda e ouvirei o Noah falar e falar e falar, mesmo que em inglês, no curso mais tarde.

Reprimo uma risada quando penso em como o meu inglês sairá. Na certa, gaguejarei até para falar o básico do básico. Mas novamente o tolinho do meu coração já começa a funcionar em comunhão com a minha imaginação e logo visualizo o resultado: eu e o

Noah fazendo dupla na aula, ele finalmente sorrindo pra mim, conversando comigo, falando que fui excelente no jogo, que adorou ficar na cozinha comigo, mas que foi uma pena seus pais aparecerem.

É uma grande, enorme, ridiculamente imensa tolice sonhar com isso.

Desligo o chuveiro, pensando seriamente que o ideal é eu cabular essa aula.

E Claudia avisará que eu não fui ao curso. Não duvido nada que ela dedurará. Aliás, se for formada dupla na aula, ela é capaz de se sentar comigo, caso Noah e eu sejamos os únicos sem par, só para Natasha dialogar com ele em outra língua.

Tão logo o sonho se formou e ele vira um *pesadelo*.

Fico um pouquinho de tempo aqui, mais do que o necessário enquanto escuto as vozes das garotas se misturarem ao som da água caindo dos outros chuveiros abertos. A única pessoa que vejo quando saio da cabine é Yasmin, da patota da Tatiana. Ela mexe no celular, me olha, faz cara de nojinho e volta a digitar no celular.

Saio do vestiário e penso no que farei em casa até a aula de inglês. Fitar o teto branco ouvindo música é o mais provável. Depois do que aconteceu hoje na aula de Educação Física, tenho certeza de que não conseguirei abrir a matéria no tablet e estudar sozinha.

Tento abrir o portão de entrada e noto que está fechado.

Quem prenderia a gente aqui?

Meu coração dessa vez vira um tambor para acordar meu corpo para ficar em alerta. Caminho para o outro lado, em direção à quadra.

Ouçoo vozes. Vozes conhecidas baixinhas.

A voz jocosa.

A voz com sotaque.

Vozes que vêm da quadra. Por um momento, tranquilizo-me por serem pessoas conhecidas, que passaram horas ao meu lado e que não devem fazer algo de ruim aqui na escola. Não consigo pensar que Noah seria capaz de me machucar. Posso perguntar a eles como sair.

E falar com o Noah uma segunda vez.

Quem sabe ele não responde?

Caminho ansiosa...

Ansiosa... caminhar ansiosa não é uma novidade, mas agora é como se eu fosse a garota de dois anos atrás, quando o *crush* começou a trocar olhares com ela.

— Você mora nos prédios e nem assim dá chance pra prima dela. — Noah fala monótono, como se a conversa o irritasse.

— De jeito nenhum! Aquela é pegajosa demais. — Caíque ri.

— E você acha que a outra não é? Cara, ela apareceu lá em casa sem nem ao menos nos conhecer, teve aquele drama todo do dedo cortado... E a garota não para de me secar.

— Eu vi na quadra. Não tirava os olhos de você. Na quadra, no corredor... na aula... É só ouvir a sua voz que a loirinha fica com o rosto todo vermelhinho. *É fofo!*

As palavras deles já me fizeram parar há um tempinho no meio do corredor.

— Fofo? — Noah ri. É a primeira vez que ouço o som e gostaria muito que não estivesse ouvindo essa conversa horrenda para me alegrar com o seu bom humor. — Não acredito que você disse isso! E você queria ver as três brigarem na quadra, né!

— Só faltaria um ringue e a lama. Três gatas brigando! Que maravilha! Pena que não seria por mim.

— Tá. *Vambora*. Já está na hora de eu ir.

Ai, meu Deus!

Cato o fone da parte de frente da mochila e conecto no celular. Preciso deixar bem claro que não ouvi essa nojeira toda. Depois de prendê-los aos ouvidos, sigo em frente sentindo meu estômago revirar.

Mal piso na quadra e vejo os dois já bem próximos da entrada do corredor que leva aos vestiários.

— Ah... Oi. Oi, Caíque. A porta do outro lado está fechada. Como saímos daqui?

Ele olha para o lado. Para o amigo que eu firmemente ignoro.

— Tem uma saída ali do outro lado. A do colégio já está fechada. Aquela dá no meio da praça.

— Ah, sim. Obrigada. Tchau, Caíque. Tchau, Noah.

Não espero a resposta *dele*. E só vem a do Caíque mesmo, acompanhada de uma risadinha.

Fui educada. Ninguém pode me culpar por isso.

3

Entro na casa da minha tia, acompanhada dela, após voltarmos do centro comercial onde ficava o consultório da minha nova psicóloga.

Ela mais uma vez olha com curiosidade para a sacola que carrego nas mãos. Um *presente* da Dra. Elenice.

— Você me ajuda a preparar uma salada pro jantar? — Ela pergunta.

— Tá. Só vou colocar o celular pra carregar e trocar de roupa.

Tia Talita olha mais uma vez para a sacola.

— É um diário. — Esclareço de uma vez.

— Ah. — Ela sorri.

Vou para o quarto e troco de roupa rápido para voltar para cozinha.

— E aí, querida, o que achou dessa primeira semana conosco?

Suspiro, enquanto fatio um pepino. Um pepino de verdade, o legume, embora essa conversa seja um outro bem grande.

— Foi boa, tia.

— Que bom. Você fez amigos no colégio, está de volta aos estudos... — Ela faz uma pausa de alguns minutos. — E a consulta com a Elenice, como foi?

— Normal.

Minha resposta a frustra, tinha plena ciência que ela não ficaria satisfeita quando a dei, embora não fosse a minha intenção. Mas o bom da tia Talita é o seu ponto fraco: ela é psicóloga. Como tia, talvez me instigasse a falar mais; todavia a psicóloga enraizada a impede de me forçar.

Essa é a minha opinião.

— A Elenice falou o motivo de ter dado a você um diário?

Parece que o lado “tia” está sobressaindo hoje.

Posso continuar essa conversa com respostas vazias ou usar essa curiosidade a meu favor.

Uma barganha.

— Tia, a senhora sabe que eu não consigo falar sobre o que aconteceu. Ela acha que será melhor eu escrever. Poderia ter dito para eu escrever no notebook, ou até num bloco de notas, mas não. E já tinha até um kit pronto de caneta e um diário.

Com certeza, minha tia conversou com ela o motivo de eu estar lá.

— Foi ideia sua? — Pergunto.

— Não, querida. — Sua voz é suave. — Eu já conversei com ela, não vou mentir, mas não vou influenciar nas suas consultas. — Ela suspira. — E ela deu o diário para você se sentir livre para fazer o que quiser. Você poderá escolher usar palavras, fazer rabiscos, desenhos... O ideal é que você use cada página para um dia diferente.

Dra. Elenice também deu essa explicação. Nem quando eu era mais nova, ficava fazendo desenhos aleatórios em cadernos. *Não muitos*. E nunca tive um diário.

As orientações dela estão numa folha anexa ao diário e são:

* primeira: abrir o diário pelo menos uma vez ao dia e escrever a data. Não importa que a página fique em branco ou que eu não tenha intenção de escrever;

* segunda: devo dedicar pelo menos um minuto de atenção exclusiva àquela página segurando a caneta que me presenteou;

* terceira: *se*, ao segurar a caneta, eu tiver vontade de preencher uma daquelas páginas, nem que seja um rabisco, que eu faça, assim como desenhos, palavras aleatórias, um poema, uma citação, uma letra de música. “*Se você sentir vontade de escrever uma lembrança, escreva, seja ela boa ou ruim*; se quiser escrever sobre como foi o seu dia, devo descrevê-lo;

* quarta: nunca devo arrancar uma página, e ela depositou sua inteira confiança em mim de que eu *não* farei isso;

* quinta: só mostrarei a ela minhas palavras se eu quiser.

O diário é *meu*.

Os segredos são *meus*.

E eu só os revelarei para quem *eu* quiser.

— E você pretende escrever nele?

Suspiro. — Ainda não sei. — Falo baixinho. — *Eh...* Tia?

— Sim, querida.

— O quarto que estou tem chave?

Ela solta imediatamente a faca que usava para fatiar o tomate.

Sim, satisfiz sua curiosidade e agora quero algo em troca.

Uma semana ouvindo-a bater na porta e abri-la nem sempre após eu responder que pode entrar, ver Claudia abrir a porta sem qualquer aviso, assim como o meu tio, foi incômodo demais e não suporto ter a minha privacidade invadida. Pelo menos a chave do

quarto sempre foi permitida a minha vida inteira.

— Ou não conseguirei escrever naquele diário, com as pessoas abrindo a porta a todo momento. A senhora sabe, mas não gostaria que meu tio e a Claudia descobrissem que tenho um diário.

Ela me encara. Olha no fundo dos meus olhos.

Suspiro cansada. — Deve haver alguma chave reserva nessa casa, além da que você poderá me dar. Prometo que, assim que ouvir batidas ou meu nome, abrirei imediatamente.

— Tudo bem. Depois do jantar, eu pego pra você.

Ter que me justificar para conseguir a chave do quarto foi exaustivo.

Tirou meu apetite e eu quero muito pedir para que ela me entregue logo a chave. Mas sei que fazer isso poderá resultar na perda desse objeto tão precioso para uma garota de quase dezesseis anos.

Clique.

O prazer que sinto de poder virar a chave é indescritível. Nada de ter a minha vida invadida de agora em diante.

O único problema é que a sensação de liberdade que se apossou de mim é a mesma que me impede de colocar os fones no ouvido e relaxar fitando o teto ou deitada na cama apenas de olhos fechados.

Pensar no teto branco como uma tela me faz olhar para a sacola com o diário. Juro que se eu tivesse conversado com a Dra. Elenice antes de hoje e tivesse comentado sobre o teto, eu veria nesse diário uma forma que ela encontrou de eu pintar essa minha nova vida. Mas pensar no teto como uma tela em branco é um pensamento que não revelei nem para tia Talita.

Abro a sacola e respiro fundo. Uma caneta rosa metálica de modelo fino. Um caderno cinza.

Parece até piada essas cores.

Abro. *Um minuto.* Um minuto não é nada. Seguro a caneta e escrevo o primeiro número da data. *A tinta é rosa!* Ou ela acertou minha cor preferida ou a minha tia mostrou as fotos do meu antigo quarto.

Continuo a escrever a data e imediatamente, na minha mente, a expressão “querido diário” surge envolta a um letreiro luminoso.

Bato a caneta na folha pensando se escrevo ou não. Não é por birra. Eu não tive o impulso de ter um diário, aliás, nunca tive um; se estou com um na minha frente, é porque ele foi imposto, mesmo que eu não precise escrever nada.

Não sei se já passou um minuto, mas olhar essa folha tão vazia me incomoda. Não estou preparada para escrever sobre o meu dia, muito menos expressar em palavras

acontecimentos do passado.

Confiro as horas. Ainda falta um bocado para terminar o dia. Dificilmente pegarei no diário hoje novamente e a sensação de deixar essas páginas *tão* em branco *quanto* o teto me incomoda.

Tive uma boa semana. Voltar às aulas fez bem pra mim, embora só hoje eu tenha deixado verdadeiramente de ser uma novidade.

A companhia de Artur, Amanda, Ricardinho e Drica, principalmente a da Drica, foi maravilhosa. Ela já percebeu que há algo estranho comigo. Sempre é a primeira a reparar meu isolamento mesmo quando estou conversando com eles.

E é no vôlei que esse lado mais aflora. Já foram colocados alguns alunos em destaque, Caíque sempre me escolhe primeiro. E lá na quadra, concentro-me no jogo.

Jogar sempre me fez bem. Adorava me manter em movimento. Não jogava apenas vôlei. Pra falar a verdade, eu era melhor como goleira de handebol. Nada fenomenal, mas agarrava bem melhor do que atacava, então era uma posição que eu sempre parava. Mas de vôlei eu gostava de jogar. *Muito!*

Mal vejo a hora de chegar mês que vem e as aulas da escola de vôlei começarem, para eu poder ficar mais um pouco me exercitando desse jeito tão prazeroso.

Entretanto havia *aquela instante* que o peso dos olhares sobre mim sufocava. O medo de não conseguir ser o que eles queriam. O medo de que a aflição que habita em meu peito desperte num momento crucial da partida. Tenho certeza que ela um dia surgirá e posso pôr tudo a perder.

O medo de o passado me atormentar novamente e obscurecer a minha vida.

O medo.

Sempre o medo.

Uma hora, terei que falar para o Caíque que ele precisa escolher outra jogadora, uma que esteja mais determinada a ir para o campeonato, pois é isso que ele e o Noah estão fazendo: testam as melhores para o time feminino.

Os dois são os braços direitos dos professores para montar a equipe das garotas. Há alguns anos que o time feminino não conquista notoriedade nos campeonatos. A última melhor colocação foi há seis anos, em quarto lugar.

Ah! Descobri que ano passado *os garotos* ficaram em quarto também. Noah foi embora um dia antes da semifinal. Todas as partidas anteriores foram ganhas por três sets a zero. Não dá para não relacionar as duas derrotas posteriores da equipe masculina com a ausência dele no time.

Há burburinhos sobre ele ficar ou não no time, ser titular e até capitão, sua posição antes de ir embora, porém parece que esse ano não haverá uma viagem em cima da hora que prejudicará o time todo.

E ele é o Noah. O garoto lindo, americano, melhor jogador do colégio. Todos o bajulam. Ele não faz o tipo brincalhão sorridente como Caíque (parece que não mais), no entanto é aquele tipo de pessoa que inspira. Que todos querem estar por perto, que incentiva, motiva os jogadores.

Sei que minha opinião sobre Noah é muito motivada por essa atração incontrolável que sinto por ele, mas essa luz vibrante que há dentro de si, mesmo com a capa de irritação, é a justificativa para que eu não sinta mágoa de suas atitudes.

Todas querem ser escolhidas por ele. *Nenhuma vez joguei no seu time.* Eu poderia culpar Caíque sempre me escolher, mas aposto que se ele pedisse para me deixar em seu time, o amigo cederia.

E minha dúvida é se ele não me escolhe por eu simplesmente não conseguir me controlar ou se ele me evita porque já percebeu que eu sou um problema ambulante não apenas em relação a ele.

Eu tento, juro que tento, não demonstrar como ele é especial pra mim, mesmo que não tenhamos trocado mais palavras desde a festa em sua casa ou do dia seguinte, quando ele não respondeu ao meu “oi”.

O pior é que ele de fato está fazendo aulas de conversação em inglês e, de quebra, estamos no mesmo nível do Espanhol. A surpresa que ele demonstrou quando me viu na aula de espanhol foi bastante grosseira.

Noah quase deu meia volta. Até que olhou para Artur ao meu lado e foi nesse momento que desviei os olhos, lembrando do meu colega e como era bom ele estar falando sobre qualquer coisa fácil para eu responder mesmo com o fio da meada perdido (embora não me recorde agora o assunto), e ignorei Noah não apenas ao entrar na sala, como também a aula inteira.

Suspiro e me jogo na cama cansada de me sentir desprezada por ele. Se eu tivesse um tiquinho de coragem, perguntaria por quê. Uma pergunta boba, pois ele vai falar que não está a fim de mim e que não aguenta mais eu o secar o tempo todo.

Olha que nem sou a única. As garotas do primeiro ano babam por ele. Já ouvi até que pensam em convidá-lo para serem o “*príncipe*” de seus aniversários de quinze anos. Aliás, todos os que se destacam no vôlei são cotados para serem os pares delas em suas festas. Mas Noah é o favorito, e os demais são segundas, terceiras, décimas opções.

As garotas do segundo ano, da minha turma ou da outra no turno da manhã também não param de tagarelar sobre ele estar solteiro, livre e desimpedido. As que estão no último ano falam de ser a última oportunidade de virarem papa-anjo, pois depois só quererão saber de universitários.

Então, eu sou *uma* entre tantas que o admiram. *Apenas uma* num colégio, num condomínio cheios de moças mais novas e mais velhas do que eu, que não conseguem parar de olhar na direção dele. Só que me tornei a única que todas parecem se lembrar na hora de soltar alguma piadinha.

Eu podia achar que é paranoia minha, que todas as outras também passam por isso, mas até agora só escutei piadas com o meu nome.

Nós nem temos como ser *shippados*! Tenho que arrumar um jeito de meu nome parar de ser associado ao dele, já que não haverá um “**Noatriz**”. Do jeito que está é capaz de ele gritar “**Bia, No**”!

Compreender que “não” é a única coisa que talvez ele seja capaz de me dizer (e é bem provável que nem esse monossílabo seja dito numa eventual tentativa minha de conversa) me deixa ainda pior.

Deixa-me... *vazia*.

Tão vazia quanto esse teto branco, tão vazia quanto as páginas do diário.

Tudo por eu ser incapaz de seguir em frente enquanto estou acorrentada ao passado que não consigo esquecer.

Preciso sair, espairecer, já que esse teto branco se fundiu às folhas em branco. É capaz de eu fixar ainda mais na minha mente que a minha vida será para sempre vazia de coisas boas, por eu não ser capaz de superar o que me aconteceu.

Meu celular sinaliza o recebimento de uma mensagem. É Adriana avisando que acabou de jantar e me chama para irmos à praça, talvez à sorveteria, e encontrarmos Amanda e Ricardinho.

Será que posso ir?

Saio do quarto e encontro meu tio e sua esposa na sala assistindo televisão. Claudia foi para a casa da Priscila, aqui na vila mesmo, mas em outra rua e de lá vão ao cinema com Natasha. Após uma semana, não é mais segredo nem para meus tios que somos estranhas uma para a outra e não vejo qualquer tentativa dos dois de interferirem.

Limpo a garganta para atrair a atenção dos dois.

— Tio, posso ir à praça do lado da escola me encontrar com a-

— Não. — Corta-me.

Não. Apenas “*não*”.

Um “não” respondido antes mesmo que eu terminasse de perguntar.

— Já terminei toda a lição, não tenho o que fazer sozinha no quarto. — Insisto. As palavras saíram estranguladas pelo nó em minha garganta.

Não é possível que minha vida está fadada a uma solidão sem fim.

— Não. Você não vai.

Minha tia murmura alguma coisa sobre permitir minha ida e escuto a irredutibilidade do irmão da minha mãe, como se eu sair de casa seja sinônimo de encrenca.

Afasto-me com passos duros. Entro no quarto e olho para o celular. Só então me dou conta da minha atitude birrenta, mas agora já é tarde. E Adriana provavelmente espera a minha resposta.

Olho para o diário e entendo porque aquelas páginas ficarão em branco sempre. Nada acontece na minha vida. A não ser que seja algo ruim.

Escuto batidas na porta. Estou escorada a ela e me afasto com a mão na maçaneta. Abro e dou de cara com a tia.

— Você pode ir. — Ela sorri.

Tento retribuir, mas o repuxar de lábios para o lado está longe de ser um sorriso. Custava tanto tio Diego ser razoável e me deixar passear nesse bairro protegido até os dentes e com câmeras para todos os lados numa sexta-feira?

— Obrigada.

Noto o olhar dela espichado para o diário.

Decido não transformar aquelas páginas num branco total. Ainda não sei o que farei. Deixarei para quando eu chegar.

Visto uma saia jeans e uma blusinha. Calço um tênis. Olho-me no espelho e gosto do que vejo. Sempre gostei de me arrumar, nunca tive um jeito moleca de se vestir. Eu só não era exagerada com Claudia e as amigas. Passo um protetor labial que deixa meus lábios com um pouco de brilho e rosados, e ponho um brinco delicado de pingentes de corações.

Ao passar pela porta, vejo o olhar reprovador do meu tio. Tia Talita me dá um sorriso e pede para que eu me divirta.

Do lado de fora, olho para a rua deserta. Aqui há tanta segurança que não há perigo de andar a qualquer hora do dia.

Quase dá para acreditar que toda essa proteção é perfeita. Ou que me manter trancada dentro de casa é o mais seguro. Fui atacada quando eu menos esperava, onde nunca achei ser possível.

Por quem eu nunca imaginei...

Se eu tivesse realmente ficado trancada dentro de casa, talvez nada de ruim tivesse acontecido comigo, e eu continuasse até hoje na vida em que nada de bom também não acontecia.

Fecho os olhos e respiro fundo. Mais uma vez o passado tenta nublar meu presente. Meu coração parece de chumbo, mesmo assim ainda bate com força. Um esforço que causa uma dor e levo minha mão ao peito.

— Eu não sou mais aquela garota! — Murmuro fitando o cascalho sob meus pés.

Tento retomar o controle do meu corpo após o vislumbre de uma recordação capaz de me paralisar e me fazer querer desistir de tudo.

Saco o celular do bolso para enviar uma mensagem para Adriana. Ela mora aqui na rua, voltamos sempre juntas, normalmente também com o Artur, que mora aqui na Vila Azul também. Não perguntei se ele vai se encontrar conosco, pois Dalila está cada vez mais difícil de conviver.

Olho na direção da casa dela. É a penúltima do mesmo lado meu da rua. Praticamente de frente para a do Noah. Tento me controlar para não ir até lá só para não dar motivos

para alguém acreditar que estou indo atrás dele até fora da escola.

Suspiro cansada desses pensamentos negativos. Um seguido do outro. Pensamentos que simplesmente não param de me atormentar!

Sigo em frente. Ninguém tem motivos para pensar nessa possibilidade quando sei que *Noah não está em casa*.

Hoje é aniversário da Yasmin que, diferente dele, fez questão de dizer em alto e bom tom nos últimos três dias de aula que só entrariam na festa que ela daria quem estivesse com o convite individual.

Yasmin, “BFF” de Tatiana, evidentemente não convidou minha prima e as amigas;

Ela também não convidou quem não fosse popular, mesmo que fossem seus colegas de classe, pessoas com quem convive todos os dias.

Dois grandes motivos para o meu nome nem ter passado perto da lista. E posso acrescentar o fato de ela e eu nunca nos falarmos.

Pego meu fone do outro bolso e conecto ao celular. Assim que os coloco nos ouvidos, ponho uma música aleatória. A escolhida é um rock antigo que sempre gostei de ouvir. Uma banda que até minha avó dizia ser fã. Canto a canção baixinho, reconheço que não tenho vocação para cantora, e caminho em direção à casa da Dri.

Mas, mesmo com o som bastante alto, é impossível ignorar uma voz.

— Minha jogadora preferida! — Assusto-me. Tem horas que Caíque parece ter um megafone no lugar das cordas vocais.

E é inevitável. Meu olhar mal cruza com o do Caíque e sai em procura *dele*. Do Noah. Que está ao seu lado. Ele ainda não está na festa. A julgar como está vestido, de calça jeans, camiseta preta e coturnos acredito que esse seja o seu destino.

Daniel também está com eles, e os três só podem ter acabado de sair da casa do Noah. Três colírios para os olhos, mas só tenho interesse em um dos frascos.

Ele me encara sem qualquer vestígio de emoção no rosto, como se até a irritação já estivesse cansada de aparecer toda vez que ele me vê.

— Aonde vai? — Caíque pergunta e olha para o amigo.

— Vou me encontrar com a Dri. — Respondo mais para desfazer qualquer suposição de eu estar andando para o lado de cá da rua para ir à casa do Noah, do que por querer dar uma satisfação.

Nessa hora, Adriana aparece no portão. Vejo seus olhos arregalarem para os três.

— Minha outra linda menina de ouro!

Rolo os olhos. Caíque não se cansa!

Ela os cumprimenta com um sorriso.

— Posso saber aonde as duas vão? — Repete a pergunta, incluindo a Dri.

Que cora. Já observei que a atenção do Caíque mexe com ela. Depois daquele dia da cozinha, nunca mais vi qualquer afetação nela em razão da presença do Noah. Apenas Caíque. *Este, sim, mexe com ela.* Mas ela consegue disfarçar bem, por mais que não consiga responder.

— Vamos dar uma volta pelo condomínio. — Respondo.

— Pegou “malção” a Yasmin não chamar vocês pra festa dela. — Caíque, como sempre, não tem papas na língua.

— Bem, não sei quanto à Drica, mas ainda bem que não me chamou e eu não precisei ser indelicada e recusar. — Respondo sem me importar de acharem que é despeito, pois *não é.*

— As festas dela são muito boas. — Daniel comenta. A voz e o olhar bastante afiados.

Olho para ele, que está após o Noah, na fileira de nossa caminhada. Aliás, Noah mexe no celular totalmente alheio à nossa conversa, focado em digitar mensagens para outras pessoas.

E acabo demorando a responder por mais uma vez olhar demais para ele. Meu coração tem que entender de uma vez por todas que nunca haverá nada entre nós.

— Mas ela não fala comigo. Por que eu iria?

O olhar malicioso que ele dá para Noah me faz respirar fundo.

Noah, por sua vez, para um pouco de digitar.

Por que não estava totalmente atento à essa conversa do Whatsapp?

— Mas você foi na do Noah. — É claro que o senhor-falo-o-que-quiser-no-último-volume abriria a boca para me deixar mais constrangida.

Definitivamente, eu não devia ter saído de casa naquele dia.

Engulo em seco, incomodada por ter virado *o assunto.*

— Fui porque minha prima me chamou para eu ir com ela. — E minha resposta deixa a conversa mais bizarra. — Ela disse que não tinha problema, até insistiu.

Olho pra frente, rezando para que Caíque não continue essa conversa. Já estamos perto do salão de festas e eles logo não estarão mais conosco.

E um lamento também me atinge.

Essa obsessão está me matando!

É isso! Obsessão.

Meu pobre coração está confundindo amor com obsessão.

Um coração jovem e tolo que ficou fissurado em romances lindos e de finais felizes que tanto li ano passado.

Daniel fala alguma coisa com Noah, mas, mesmo totalmente consciente da sua presença, não presta atenção no assunto. É algo bobo também, pois Caíque faz algumas piadas sem sentido, até que eu e Dri ficamos sozinhas.

Passamos pela cancela da vila e só então faço um comentário sobre uma aula para quebrar o silêncio.

— Gostar do Noah é uma grande roubada. — Ela comenta ignorando minha tentativa de deixar essa nova conversa sem que *ele* se tornasse o assunto.

Suspiro agoniada. — Dá pra você dizer um pouco mais alto pro meu coração ouvir?

Ela dá um sorriso fraco, e acho que nem preciso dizer que o conselho dela serve para *ela* em relação ao Carlos Henrique, que não se cansa de dizer como as garotas são lindas e age como se estivesse escolhendo.

O mesmo Caíque que arranca suspiros da Claudia e de inúmeras outras alunas. Depois de uma semana, mesmo sem perder o foco em Noah, percebi como o trio que acabamos de cruzar é o mais desejado. Além das garotas que convivem com eles por causa da aula de Educação Física, outras que Noah, Caíque e Daniel não devem ainda ter trocado uma palavra, já fazem aposta pra ver quem pegam.

É lógico que o mais cobiçado é o Noah. O cupido é aliado dele e dispara flechas para tudo quanto é lado. As novatas já se estranham por causa dele. Já foram formados grupos entre elas sobre quem pegaria o melhor jogador do colégio, quem pegaria o brincalhão e quem pegaria o *K-pop*, que é como elas se referem ao Daniel.

E os malditos pedidos de “príncipe” em seus aniversários de quinze anos! Será que eles aceitariam?

Noah é sempre a primeira opção. Se ele olha para o lado, se no jogo dá um pouco mais de atenção a uma garota, ela só falta dizer que semana seguinte eles se casarão. Se essas garotas olhassem atentamente para Tatiana e Natasha veriam que não é tão simples. As duas continuam secando, lutando pela atenção e ele simplesmente as ignora. Não tanto quanto ignora a mim, mas evita conversas a sós.

Estamos no primeiro final de semana após as aulas. O segundo final de semana após o retorno dele depois de meses fora. Se durante a semana, ele ficou focado nas aulas (deu para perceber que não havia contato dele nem com Natasha, nem com Tatiana enquanto ele esteve fora do país, pois sempre as respondia secamente, cada vez que tentavam puxar assunto), essa noite marca o início do período de descontração.

Será que Tatiana terá sua vez hoje?

O caminho dela está praticamente livre para que reatem o namoro. Ou ele aproveitará para mostrar para todo mundo que seguiu em frente e ficará com outra na festa da qual não fui convidada?

— Está fechada. — Adriana comenta.

Olho para ela e depois para onde ela observa. A sorveteria está fechada. A praça está bem iluminada e cheia de gente. Muitos rostos conhecidos.

Eu ainda não tinha vindo a esse lugar arbóreo, com uma grande quadra no canto — onde jogam uma partida de futebol —, uma pista de skate com muitos garotos e poucas garotas fazendo manobras com skates, patins e bicicletas.

Vejo Ricardinho e Amanda ali perto sentados em bancos de cimento cuja mesa que fica entre eles tenho certeza que tem um tabuleiro de xadrez. Estão com mais duas pessoas. Há cartas nas mãos deles.

Vamos até lá e os cumprimentamos. Jogam sueca e, pelo visto, estão ganhando com várias caras de gato a outra dupla.

— Vocês querem jogar? — Amanda pergunta.

— Não sei. — Apenas reconheci o jogo, mas nunca fui de ficar sentada com cartas na mão e mal sei as regras.

Adriana faz uma careta. — Hoje, não. Quando o Artur estiver aqui. — Diz pensativa, com o olhar distante.

E logo vejo o que observa. Uma bola de vôlei lançada para o alto. Pessoas numa roda lançando-a para cima em contagem regressiva. No um, o corte. Esse era um jogo que eu adorava.

— Conhece essas pessoas?

— Hum... Não sei. Vamos até lá?

Não estou a fim, mas concordo apenas para não ficar parada assistindo o carteadado. Ela sorri satisfeita por eu concordar. Caminhamos até pararmos perto do grupo. Há mais um desse conjunto de mesa com bancos de cimento e eu sento sobre o tabuleiro. Adriana senta ao meu lado.

A roda já encolheu bastante e, agora que estamos perto, notamos rostos conhecidos. Pelo visto, até gente do terceiro ano ficou de fora da festa. Mas há algumas pessoas bem mais novas.

— O que você acha de participar do campeonato? — Pergunto para ela enquanto aguardamos a partida atual terminar.

Ela baixa o olhar. Pensa um pouco no que responder.

— Estou gostando, mas não sei se é pra mim. — Responde tímida.

— Como não é! Você é sempre uma das primeiras a ser escolhida! Suas jogadas são precisas, vejo os olhos dos professores brilharem quando você joga!

— Não sei... — Murmura ainda incerta. — E não é tão fácil. — Ela limpa a garganta. — Tem muita gente boa do primeiro ano. Garotas que participaram da categoria anterior, quando ainda estavam no fundamental. Os professores com certeza já estavam de olho nelas e já as viram jogar. E eu fugi das aulas de Educação Física ano passado.

Já percebi isso. Não há muita gente que se destaca, mas garotos e garotas já chegaram praticamente com a promessa de ingressarem no time.

— No ano passado foi assim. — Ela continua. — Noah, Caíque e Daniel já eram estrelas. No ano anterior ganharam o campeonato até catorze anos.

— Ah, é?

— Sim. — Ela suspira. — Destronaram um monte de jogadores. Ainda mais quando Noah e Caíque esticaram de repente quando selecionavam os nomes para o estadual. Daniel que perdeu um pouco a atenção, pois tem a estatura mais baixa e acho que esse ano está fora, embora seja bastante habilidoso e o professor Getúlio o veja como líbero. O time feminino não está correspondendo à expectativa do colégio. Devem trocar todas pelas novatas.

— Bem... para o vôlei, você é novata. E é muito boa.

Ela olha nos meus olhos. — *E você?*

Respiro fundo e olho para o céu estrelado. O holofote que ilumina onde estamos ofusca a grandiosidade do brilho da maioria das estrelas. Em seguida, olho para o gramado já desgastado.

— Eu não tenho como.

— Talvez te ajude. — Ela dá um sorriso reconfortante.

Não é tão simples...

Ainda bem que os três participantes que estavam no corte resolvem finalizar a partida.

— Queria jogar. — Falo para enterrar de vez aquele assunto.

— Perguntamos se podemos? — Ela me pergunta animada.

— Acho que sim. — Respondo receosa.

— Vocês querem jogar? — Um garoto do terceiro ano nos pergunta.

— Claro! — Ela aceita entusiasmada.

É um jogo bobo e divertido. Lançamos a bola para o alto sem a necessidade de sermos perfeitas nos passes. *É para relaxar!*

— E se jogarmos um vôlei queimado? — Alice, uma garota do terceiro ano pergunta após duas partidas. — Somos vinte e quatro. Doze pra cada lado. Jogamos nas regras do queimado, mas, ao invés de agarrar a bola, recebemos e cortamos como no vôlei. Se a bola cair no chão sem tocar ninguém, o último que a tocou é queimado. *Ou cortado* como queiram...

A ideia é bem aceita. Exigem que eu e Adriana não joguemos no mesmo time. O jogo é bem mais dinâmico que o anterior.

Infelizmente, meu celular começa a vibrar na segunda partida, e eu preciso atender. Permito que eu seja a quinta queimada, disfarçando o máximo possível, para que não percebam que saí apenas para avisar aos meus tios que estou bem, e pedir para ficar mais um pouquinho. Só pode ser um deles me ligando agora.

Sento-me no banco e recosto no tampo da mesa, sentindo o cimento poroso arranhar um pouco minhas costas. Estou suada, ofegante, com sede e um pouco cansada. Mas tudo que quero é que essa partida termine só para começar uma nova.

Pego o celular e olho o visor.

É a tia. Conto para ela que estou me divertindo e desligo o telefone, após ela permita que eu fique mais um pouco.

A conversa deixa minha garganta ainda mais seca. Daria tudo por um copo d'água para ajudar a me recuperar para a próxima partida.

— Eu avisei pra ela não aprontar.

Fecho os olhos. As palavras proferidas com fúria causam um choque que *para e reativa* o meu coração.

Noah. Noah está aqui.

Respiro fundo pensando na última hora. Não pensei nele um minuto sequer. Estava somente me divertindo pela primeira vez em uma semana. Uma semana vivendo a tensão constante e crescente de me sentir atraída por ele como uma mariposa é pela luz. E agora ele está aqui demonstrando que sua presença não é um sonho pra mim.

Estar perto dele é um *pesadelo*.

Mais um pra minha coleção e este é bem acordado e não é nenhuma peça pregada pela minha memória.

Meu coração, no entanto, não enxerga Noah como alguém que me faz mal. Não usa a razão a seu favor e consegue bater ainda mais rápido por ele estar aqui, como se a aceleração da pulsação por causa do jogo fosse só um treinamento para a euforia que Noah me causa.

— Mas você pegou pesado.

— *Não!* Eu nem ia ao aniversário! Você e o Dani foram me buscar em casa porque eu previ que Tatiana faria alguma besteira e eu desisti de ir na última hora. Chegamos, falei pra ela parar de insistir, quando veio conversar comigo. Mesmo assim, ela fez o que fez!

Ele está muito irritado. Mesmo se as palavras não soassem tão ríspidas, seu sotaque deixa evidente que o que quer que tenha acontecido na festa da Yasmin o aborreceu bastante.

— Se ficar dando patada é capaz de perder as admiradoras.

Noah bufa. — Isso já está me enchendo o saco. Estão fazendo apostas de quem consegue me pegar. *E a você também.*

Caíque ri. — Não é exatamente uma aposta. É algo mais como uma *competição*. Acho que agora que perceberam que a Nath não tem mais chance e a Tati recebeu um fora na frente de todo mundo, as novas candidatas vão jogar calcinhas na sua casa. E elas podem me procurar à vontade!

Levanto por três motivos:

- * Caíque não tem freio na língua e deve ser pior quando está só com os garotos;
- * temo ser pegar no flagra; e o mais importante:
- * temo o que eles podem dizer sobre *mim*.

— Vão descobrir que eu sou melhor que você! — Caíque ri alto.

— Você pode ficar com todas. — Noah soa como se não se importasse.

Para disfarçar, olho a tela do meu celular. Se eu não conseguir sair daqui sem ser vista, posso fingir que estava distraída enviando mensagens. Entro no contato da Amanda e envio uma mensagem para ela e Ricardinho virem para cá.

Mesmo não querendo ser vista por eles, após guardar o celular, pego-me passando a mão no cabelo discretamente, tentando melhorar meu visual. Estava jogando, estou suada e nem um pouco atrativa para alguém que acabou de sair de uma festa onde as garotas estavam no ar condicionado, sobre saltos altíssimos, vestidos curtos e maquiagem e cabelos impecáveis.

— Com a ruiva e a morena fora da sua vida, o caminho pra loirinha ficou livre. — Caíque fala com seu tom jocoso.

— A garrafa de uísque que você prometeu é melhor.

Engulo em seco, gesto que preciso repetir mais duas vezes.

Mas as palavras que acabei de ouvir não descem.

Aproximo-me de onde jogam. Adriana ainda está lá, guerreira. Há três de cada lado. Um deixa cair a bola. Mais outro do mesmo time.

— Bora começar uma nova?

Os que ficaram concordam. São tirados novos times e, pela primeira vez, eu e Adriana ficamos na mesma equipe.

A bola é lançada ao ar e novamente me entrego ao jogo. Que Noah vá catar coquinho em sua bebedeira.

Minha raiva faz com que eu acerte uma bolada muito forte num garoto do primeiro ano.

— Desculpe. — Peço sem-graça com a minha grosseria.

Ele leva a mão à coxa. Está fora.

A bola é devolvida para mim, já que fui eu quem queimou o jogador adversário. Fico com a vantagem de ter uma muralha na minha frente, uma regra criada com essa partida.

— O que vocês estão jogando? — Senhor megafone pergunta muito perto de onde estamos.

A muralha me oculta, mas já vi o olhar de Noah para Adriana. E ele esquadrihar os jogadores. *Procura por mim*: a garota que não para de secá-lo; a garota que ele trocaria por um porre.

Está ouvindo o que eu digo, coração?

Você ouviu o que ele disse, não se faça de desentendido!

Pare de bater como se ele fosse o garoto perfeito, porque Noah definitivamente não é.

— Estou dentro. — Caíque apenas comunica. — E aí, Noah?

É nessa hora que os olhos encontram os meus. *Indecifráveis*. O olhar breve que dá sempre que me vê o encarando: sempre sem emoção (se não está com raiva).

Não escuto a resposta do Noah. Só vejo seus passos adentrando no espaço do time adversário, o que faz com que Caíque siga para o meu time.

Ninguém diz que eles precisam esperar a partida acabar.

E quem pediria para os astros da escola esperarem?

Olho para eles com a bola sob o braço. Os jogadores que saíram voltam para os times, exigindo em silêncio suas participações como se a partida tivesse acabado de começar.

— E aí, Bia! — Ele me cumprimenta, mas não consigo sorrir. — Fala, Dri.

Ele para ao lado dela.

Fecho os olhos e respiro fundo para tomar coragem de olhar para o outro lado da quadra novamente. Toda a leveza do jogo acabou. Estou de volta à costumeira tensão que vivo nas quadras do colégio. Uma tensão que não consigo me habituar.

E lá está Noah. Olhando-me como sempre olha quando estou no saque. Precisa estar atento aos meus movimentos e é só por isso que me observa com atenção.

Jogar em cima dele é burrice. Quero aproveitar essa barreira o máximo que puder. Miro numa garota que sei que não conseguirá pegar o meu saque.

E me mantenho protegida.

Miro em outra. O garoto de calça jeans e camiseta preta — roupas muito diferentes e pesadas da que eu e os outros usamos nessa noite de verão — a protege. Três toques do outro lado e a bola volta pro meu time.

Adriana recepciona. Caíque ataca nos pés do garoto que levou a minha bolada forte na coxa. *Acho que depois dessa ele vai pra casa.*

Não faz diferença. O meu reinado acaba e a pessoa do meu time que menos precisa de proteção assume meu lugar.

Meus olhos traidores procuram por ele assim que me posiciono no jogo. Há um brilho nos olhos dele que não entendo. Pelo menos até ele fazer questão de cortar. Em minhas pernas.

Essa é sua intenção: me tirar do jogo.

Consigo salvar com uma manchete e agradecerei Adriana eternamente por lutar para me salvar no jogo depois da atitude cruel dele.

A bola chega ao outro lado. Outra pessoa a recepciona e Noah, *mais uma vez*, corta

em cima de mim e talvez me exija um agradecimento futuro por não ser tão violento nos seus ataques.

Salvo mais uma vez e quando fazem o levantamento da bola no meu time, corro para cortar numa pessoa que já demonstrou ser mais fraca.

Infelizmente a jogadora conseguiu recepcionar. Bola levantada.

Noah corre para pegar a bola e o desânimo me atinge por saber exatamente o que ele fará.

Se no colégio atirar a bola em mim fosse sinônimo de eu sair do jogo, ele certamente agiria como agora e não perderia a oportunidade de não me ter o secando, mesmo que essa não seja uma vontade que eu consiga controlar.

Ele corta.

Sinto a bola *queimar* em minha coxa, embora fosse até a mais defensável das três que ele me atirou.

Estou fora do jogo.

Penso em voltar para onde estava sentada, mas eu teria que ir para trás do time dele e não quero dar mais motivos para falarem de mim ou receber seu olhar hostil.

Há uma outra mesa, um pouco mais distante e sento-me ali. De costas pra partida.

Depois dessa rodada vou embora. Só vou esperar Adriana sair para avisá-la.

Pego o celular para descobrir também por que Amanda não veio pra cá. Olho para onde jogam sueca. Está muito longe para ver se ainda estão jogando. A mensagem que digitei não foi entregue. Apago-a para que não cause confusão de ela receber, vir para cá e eu já não estar mais aqui.

Uma necessidade urgente de virar para trás toma conta de mim e, antes que eu possa me controlar, viro para o lado do jogo. Dou de cara com Noah me encarando com seu olhar intenso, o semblante sério. O olhar que sempre reserva para mim nos jogos. E ele vem exatamente na minha direção. Já está muito perto.

Ou passará direto, não sei. Depois do que eu ouvi, volto a olhar meu celular e mando meu coração sossegar, pois nem em mil anos ele sorrirá pra mim, quanto mais parar para falar comigo. Acho até que ele é incapaz de passar por mim e dizer um simples “oi”.

O coração vem à boca quando seu corpo alto se apossa do banco ao lado do meu. Ele é tão grande e está *tão* perto que nossos joelhos se esbarram. O toque, mesmo não sendo pele contra pele por causa da calça jeans, me arrepia. Não é possível que ele não sinta essa tensão crescente entre nós. Essa corrente elétrica que me deixa ofegante e louca para sentir a boca dele unida à minha.

O perfume dele está fraco, mas ainda o sinto e respiro fundo com esse cheiro delicioso.

Até hoje mais cedo, se ele resolvesse ficar comigo sozinho, acho que não conseguiria conter um sorriso abobalhado por finalmente ele, de livre e espontânea vontade, resolver

sentar bem ao meu lado, num lugar onde ele só poderia estar por minha causa.

Agora, estou mais a ponto de chorar. Ainda mais por não haver uma sombra de bom-humor por estar aqui comigo.

— Você ouviu minha conversa com o Caíque?

Ah... então é isso.

Olho para ele. Nem sei como tenho estômago para fitar seus olhos sempre frios e até hostis assim tão de perto. Eles colhem a resposta que não verbalizo, de tão nítida que é a minha mágoa por ter ouvido aquelas palavras.

— Tive certeza que era você sentada ali, mesmo antes do jogo. — Ele suspira. — Primeiro, quero pedir desculpas por ter ouvido.

Por ter ouvido...

Faço uma anuência com a cabeça.

E, não, eu não o desculpo.

— Não quero que considere aquelas palavras que disse sobre você como pessoais. Caíque me perturba o tempo todo e eu tinha que dizer alguma coisa para ele calar a boca.

Então ele não quis me ofender?

Meu coração fica frenético. Bate tão forte que fica impossível controlar sua insistência de querer ficar com esse garoto lindo e desejado por todas.

Noah continua bem ciente de que amenizou aquela coisa horrível de uísque ser melhor do que ficar comigo. Seus olhos buscam os meus e ele me fita tão intensamente que não consigo ignorar, e sou obrigada a ter meu olhar capturado pelo dele.

Assisto-o suspirar cansado. — Beatriz, não estou a fim de me envolver sério com alguém esse ano e, por mais que eu tenha vontade de ficar com você, desculpe dizer isso, sei que você não vai querer sair apenas um dia, e talvez se torne mais uma naquela sala de aula a me tratar como um troféu.

Ele tem vontade de ficar comigo?

Quero perguntar, mas, desde que ele falou isso, só consigo o encarar com olhos arregalados por ele achar que eu sou como as outras.

— Eu nunca trataria você como um troféu.

Ele dá um meio sorriso. Seu olhar deixa evidente um pouco de amargura e até desprezo. Mas, dessa vez, esses sentimentos não parecem ser direcionados a mim.

Eu tinha razão quanto a esses olhos serem expressivos.

Entretanto em nenhum momento consegui ver essa vontade de ele querer *ficar comigo*. Não sou capaz de decifrar Noah.

— Sim, eu sei. — Ele encolhe os ombros. — Talvez também não faça com que seus amigos criem planos mirabolantes para ficarmos juntos, até porque os seus amigos não são

os mesmos que os meus.

O olhar dele fica mais aguçado. Se ele quer saber se uma das partes que eu ouvi foi algo sobre “aprontarem” para ele, ele pode descobrir nos meus olhos também, embora eu não faça a menor ideia do que pode ter acontecido.

— Também não acredito que você olhará para as outras garotas da sala se sentindo superior. — Ele suspira. — E você não vai querer que elas te olhem como uma rival. Não vai querer deixar de ser convidada para uma festa por ser uma — ele faz aspas com os dedos — “inimiga”. E já percebi que você se incomoda com Tatiana e Natasha quando jogam juntas, e nenhuma das três trocam uma só palavra, nem sobre o jogo. Você não vai querer ser essa garota cercada de gente querendo o seu mal mais do que já é.

A garota que todos desejam o mal.

Eu nunca quis ser essa garota.

E eu sei exatamente o que *essa garota que todos querem o mal* sente.

Todavia, mesmo sem desculpá-lo pelo que eu ouvi antes da partida e até por essa conversa, eu ainda quero beijá-lo.

Umedeço meus lábios e prendo o inferior entre os dentes, para segurar as palavras “fica comigo” que querem escapulir deles.

Eu não sou essas garotas.

Não quero Noah como um troféu.

Na verdade, eu nem sei como eu desejo o Noah depois de tudo que aconteceu comigo, independente das palavras e atitudes dele.

Eu já não acreditava mais que meu coração poderia bater animadamente acelerado. Noah consegue me fazer sentir viva de novo. Me faz... *acreditar*.

Deixo a respiração ofegante sair pelos meus lábios algumas vezes, enquanto crio coragem. Essa atitude resseca meus lábios e eu os umedeço mais uma vez na frente dele.

Olho em seus olhos e vejo como esse gesto o abala. Depois dessa declaração, Noah ficou um pouquinho mais fácil de entender, mesmo tentando ocultar de mim o que sente.

— Então, você quer ficar comigo, mas tem medo de eu me tornar mais uma garota que faz de tudo para chamar sua atenção.

Ele ergue uma sobrancelha da cicatriz. Seu lábio repuxa um pouquinho para o lado e forma uma covinha.

Deus do céu! O Noah tem covinha! Ele arrumou um jeito de ser ainda mais lindo!

— Você sabe muito bem que não precisa de muito esforço pra chamar atenção. Eu bati o olho em você lá em casa, e quis ficar com você naquele momento. Quando te procurei de novo... eu te achei na churrasqueira.

Meu coração dá uma pirueta. Duas. Três. Vira um acrobata na cama elástica armada em meu peito.

Olho para a minha mão, para aquele corte bobo que praticamente já sumiu. Ele segue o meu olhar, e também observa o risquinho em minha mão. E, por observar a minha mão, esqueço como se respira quando ele aproxima o seu dedo para traçar a linha do pequeno corte, sentindo a aspereza da casquinha. Engulo em seco com o toque um pouco mais frio do que o da minha pele. Essa é a primeira vez que nos tocamos de verdade.

Não é possível que essa atração que eu sinto por ele — e que ele revelou sentir por mim — não seja especial.

A ponta do seu dedo segue uma trilha rumo ao meu pulso, fazendo o caminho para que os outros dedos e a palma da mão continuem a me tocar, até que sua mão grande e lindamente esculpida envolve a minha por completo.

Seu polegar roça meu pulso e fico completamente hipnotizada com esse vai e vem que espalha ondas de eletricidade por todo meu corpo.

— Essa noite.

Ele diz olhando no fundo dos meus olhos.

— Agora.

Noah umedece os lábios tenros e meu coração grita:

Sim! Agora!

Sim! Muito agora!

Demais agora!

Como não concordar, se dizer para Noah que apenas uma vez não bastará, e fará com que meu coração pare de vez?

— Somente hoje. — Sussurro essas palavras junto com um suspiro.

A mão dele deixa a minha e sobe meu braço devagar. O toque — apenas dos seus dedos — deixa uma trilha quente que me arrepia até onde ele não tocou. Seus dedos deslizam até chegar ao meu ombro e se encaixam no meu pescoço, como se fosse um quebra-cabeça. *Encaixe perfeito.*

Noah chega um pouco mais para frente. Sem tirar meus olhos dos dele, vejo sua outra mão se aproximar do meu rosto. Inspiro ao sentir o toque suave e fecho os olhos enquanto seus dedos colocam os fios do meu cabelo atrás da orelha.

Seu hálito mentolado sopra como a brisa morna do verão em meu rosto. Ele só pode estar *muito perto* de mim, mas não tenho *coragem* de abrir os olhos. Não com a certeza do que virá.

Sinto também seu perfume. *E seu cheiro.* Assim, tão perto, é impossível não sentir o efeito de jogar, mesmo que brevemente, uma partida de queimado com uma roupa tão quente no verão. Ainda assim, é um cheiro tão bom que sinto meu rosto queimar por desejar que ele me dê essa camiseta para que eu vista.

— O que foi? — As palavras mentoladas são sopradas entre meus lábios.

Surpresa, abro os olhos e vejo seu rosto próximo ao meu, o verde está tão intenso e vibrante que dá vontade de mergulhar de corpo e alma em sua íris. Mas é o sorriso em seus lábios que entenece meu coração e lhe enche de esperança.

Fito novamente suas íris. Estão dançantes observando meus lábios.

Minha resposta pode ficar para depois.

Aliás, o que ele perguntou?

E por que perguntou?

Não importa.

Em conjunto, num acordo silencioso, fechamos nossas pálpebras, aproximamos ainda mais nossos rostos até nossos lábios roçarem. Sinto o atrito de nossa pele e umedeço os meus lábios, esbarrando minha língua nos lábios dele.

É o gatilho que faz a mão dele em meu pescoço me puxar ao seu encontro, finalmente selando nossas bocas.

O beijo.

Nosso primeiro beijo.

Seus movimentos são suaves e decididos. Sua língua encontra o caminho para minha boca e a mão que estava em meu rosto desliza para meu cabelo, segurando-o. Puxa-me mais para frente e sinto minhas pernas entre as suas.

Ele também chega mais para frente, sem quebrar o contato de nossas bocas, sem me soltar, enquanto nos saboreamos nesse beijo lento e molhado.

Viro meu rosto, roçando o nariz no dele e ergo meus braços para tocá-lo, precisando aproveitar cada pedacinho dele nessa entrega. Acaricio seu rosto com a ponta dos dedos e minha pele arranha um pouco com uma barba imperceptível e rala. Deslizo-os até encostar em seu cabelo macio. Tocá-lo o deixa mais determinado a termos a melhor experiência de nossas vidas nesse beijo singular.

O ar começa a me faltar e acho que a ele também.

É difícil, mas finalmente nos afastamos preenchendo o espaço entre nós com nossas respirações ofegantes.

Abro os olhos precisando ver o que ele achou, se ele está tão abalado com esse beijo quanto eu.

E me surpreendo.

Noah ainda está com os olhos fechados. Fortemente cerrados. Seu cenho está franzido. Seus lábios tremem como se estivesse com frio.

Ou medo.

Mesmo sem ar, pego-me prendendo a respiração, ainda mais quando ele meneia a cabeça bem devagar.

Só então abre os olhos. De uma só vez. Olha diretamente nos meus e novamente vejo

como suas íris dançam enquanto foca em mim.

Sua mão desliza pelo meu cabelo e desce pelo ombro. Contorna meu perfil lentamente num toque leve como uma pluma, que deixa seu rastro como se fosse tatuagem de fogo, até que repousa em minha cintura.

E novamente seus olhos miram a minha boca que já está seca, com saudade do seu sabor.

— Vem comigo. — Sua voz está baixa e carregada de sotaque.

E, com essa voz linda me convidando a segui-lo, não tenho por que recusar, pois sei que me guia ao paraíso.

Ele é o primeiro a levantar e estende a mão para mim. Aceito a cortesia e fico de pé, adorando o toque macio de sua palma. Seu braço volta para a minha cintura tão logo que fico ao seu lado.

Caminhamos em silêncio e eu afundo na minha mente que talvez antes da meia-noite o encanto termine. Talvez tenha sido apenas um beijo. Matou-se a curiosidade. Pronto. O *agora* acabou.

Não vá por esse caminho, Beatriz Abrantes! — recrimino-me.

Estamos abraçados, caminhamos pela praça. *Ainda não acabou minha noite de Cinderela ao lado do Príncipe Noah.*

E ter o braço do Noah em volta do meu corpo o deixa ainda mais alto. Claro que ele é muito alto e eu chutaria que está próximo dos um metro e noventa de altura, algo em torno de vinte ou vinte e cinco centímetros mais alto do que eu, mas agora, com nossos corpos se tocando, caminhando como se fôssemos apenas um, a sensação é de que sou muito pequena, embora minha estatura seja superior a da média de garotas da minha idade.

O melhor de tudo é me sentir protegida. Fecho os olhos brevemente e permito-me pensar que ele será capaz de me proteger até de mim.

Quando abro e olho para ele, noto que fita o chão. Nossas sombras. Fracas, porém nos deixam como se fôssemos apenas um. Esse é o poder do abraço dele.

— Aonde vamos? — Crio coragem e pergunto.

— Não sei. — Ele responde prontamente, embora demonstre estar perdido em pensamentos. — Só estávamos muito perto das pessoas do colégio e é melhor não nos verem.

Sua frase tem o efeito de um balde de gelo derrubado em minha cabeça.

Tenho até medo de perguntar por quê. Ele olha nos meus olhos.

— Alguém já deve ter visto e só teremos dor de cabeça na segunda-feira.

Há um banco de armação de ferro com as ripas negras nessa parte mais deserta da praça e é para lá que ele nos leva. O banco está de costas para nós dois. Ele se senta no encosto e fica só um pouquinho mais alto do que eu.

Suas mãos me puxam para mais próximo de si, colando nossos corpos.

Circundo seu corpo com meus braços, estreitando mais nosso contato. Inspiro, sentindo seu cheiro agora que a camisa está tão perto de mim. *Tão perfeito!*

Seu nariz roça o contorno do meu rosto e estremeço com o arrepio que sobe dos pés a cabeça. Escuto uma risadinha rouca. Ele continua e eu inclino mais o rosto enquanto afago suas costas largas e musculosas. Moldadas pelo vôlei, um esporte que amamos.

Vou ao céu quando ele beija meu pescoço. Um gemido fraco sai de dentro de mim e ele planta ainda mais beijos em meu pescoço, apreciando cada arquejo que emito, pois eu não consigo parar de gemer, e ele parece estimulado pela rouquidão que soa baixinha vinda da minha garganta.

Noah afasta o meu cabelo do seu rosto, e mais pedaços do meu pescoço recebem o contato dos seus lábios. De sua língua. Até que ele para. Beija apenas um único ponto. Suga a minha pele. Pouco me importa se ficará a marca. A única coisa que consigo fazer é arranhar a sua pele, lamentando não ter coragem de passar minhas mãos por baixo de sua camiseta.

— Você é tão linda. — Murmura e eu me derreto. — Seu gosto é maravilhoso. Não consigo parar de beijar você.

Dito isso, ele volta a me beijar nos lábios. Correspondo como da primeira vez. Estava há muito tempo sem beijar e nem sei se posso me considerar uma pessoa que beija bem com a experiência que eu tenho. Mas não é a carência de estar nos braços de um garoto que me faz adorar cada toque que nossas línguas trocam enquanto bailam em nossas bocas.

É o próprio Noah.

Às vezes, paramos apenas para recobrar o fôlego. Aproveito um desses momentos para retribuir as carícias no pescoço e Noah só falta se desmanchar. Segura meu rosto contra o seu pescoço para que eu não pare, e solta gemidos, até que voltamos a nos beijar na boca.

Um momento perfeito, eterno, *porém breve.*

Que dura até o celular vibrar.

Noah se assusta e interrompe o beijo. Novamente estamos ofegantes. Desejo retomar o beijo, mas, mesmo completamente inebriada por esse garoto lindo, sei que preciso atender a ligação.

Pego o celular do bolso da saia e vejo o nome do meu tio.

— Acho que preciso ir. — Lamento enquanto ofego.

Os olhos dele não dizem nada enquanto ele me fita sério.

— Oi, tio.

— Oi, Beatriz. — Ele me cumprimenta com o seu tom normalmente seco. — Vou ao shopping buscar a sua prima com as amigas, e, quando eu voltar, é pra você já estar em

casa.

— Claro. — Respondo e nos despedimos com um “tchau”.

Não há uma pergunta se eu estou bem ou me divertindo. Às vezes, gostaria que tia Talita que fosse a minha parente.

— Preciso ir. — Digo baixinho, olhando nos olhos dele. — Meu tio vai buscar a minha prima no shopping e me quer em casa quando voltar.

Acredito que, até sair de casa, ir ao shopping e pegar Claudia e as amigas para só depois voltar para casa, meu tio levará cerca de uma hora. Até valeria à pena postergar e *sumir* até o dia amanhecer, rendendo-me ao tempo que tenho com Noah, mas a última pessoa que eu quero ver hoje é a minha prima.

Por um momento, esqueci-me de que receberia uma ligação para voltar para casa. O *hoje* está perto do fim e eu achei que seria Noah quem findaria nosso momento, dizendo que precisaria ir para casa ou até voltar para aquela festa. Ser aquela que determina o fim me deixa ainda pior.

— Eu levo você.

Ouvir que teremos mais esse tempinho juntos aquece meu coração.

— Preciso avisar pra Drica que estou indo.

Ele assente. Volta a ficar sério.

Sou capaz de aceitar que não haverá um *amanhã*, quanto mais um *namoro*. Mas meu coração, que começa a se partir, se despedaçará por completo se ele voltar a ser o Noah de olhar hostil.

— Noah...

Ele para quando eu o chamo e ficamos frente a frente.

Não volte a ser frio e distante comigo, por favor.

Não consigo verbalizar minha súplica.

Beijamo-nos, ficamos juntos por algo próximo de uma hora, embora o tempo tenha corrido rápido demais quando estávamos sós e entregues aos nossos beijos e abraços.

A mão dele volta ao meu rosto, acaricia minha maçã antes de me beijar.

Estamos nos despedindo. Abraço-o com força e torno esse beijo mais intenso. Ele corresponde com o mesmo ímpeto, devorando minha boca. Seus dedos se enroscam no meu cabelo, pinicando um pouco. Queremos, de alguma forma, deixar-nos marcados com esse dia.

Ele nem precisa fazer tanto esforço, pois cada toque seu está tatuado em minha pele.

Nunca esquecerei esse nosso *hoje*.

E não sei se me recuperarei depois desse nosso *agora*.

Sou a primeira a findar o beijo. Enfio os dedos nos passadores de cinto da saia, sem saber o que fazer com as minhas mãos. É melhor eu já acostumá-las a não tentarem ser tão íntimas com ele.

Bem, para Noah, o contato não precisa ser interrompido. A regra de não nos encontrarmos mais é dele, então não vê motivos para passar o braço pelo meu ombro e fazer desenhos aleatórios na minha pele.

Ele também não se importa de começarmos a receber olhares de soslaio de algumas pessoas que ainda estão na praça. Na verdade, ele nem as olha.

— Será que a Adriana já foi?

Mal acabo de perguntar e a vejo. Sentada. No colo do Caíque. O beijo dos dois tem direito a mão na perna dela.

Nossa! As coisas aqui esquentaram bem!

Olho para Noah, que já reparou o casal e está com um olhar indecifrável.

— E agora? — Pergunto.

— Vai ser estranho falar com eles. — Ele comenta. — Quem diria! — Suspira.

O casal nos encara, talvez sentindo nossos olhares. Ela abre um sorriso imenso e fico feliz por ela estar tão êxtase tanto quanto eu há alguns minutos.

— Quem diria que você mandasse tão bem no beijo! — Caíque não poupa nas palavras nem na altura da voz.

Meu Deus!

Ela imediatamente fica corada e sua confiança vacila, embora ele tenha feito um elogio. *Torto*, mas um elogio.

— Ele precisa dizer essas coisas? — Murmuro.

— É mais forte do que ele. — Noah comenta com a voz seca.

Não sei se ele desaprova a atitude do amigo ou se está voltando aos poucos a ser o garoto que se afasta de mim. A dúvida me faz gostar e odiar seu tom ao mesmo tempo.

Adriana se aproxima com Caíque. O braço dele a ladeia. Também estou assim com o Noah.

— Preciso voltar. — Digo.

Ela dá um meio sorriso e acho que não está a fim à noite dela.

— Você já está indo também? — Caíque pergunta para Noah.

— Vou deixar a Bia na casa dela e vou pra minha.

— Tsc. É. É melhor irmos pra casa. — Caíque diz para Adriana. — O jogo me cansou um pouco.

— É. Já está tarde. — Ela se vira para Caíque. — Você me leva?

Ele a abraça mais forte. — Tá achando que vou deixar outro marmanjo levar minha donzela pra casa? Não! Ainda mais com um monte de lobo mau à solta!

Ela sorri encantada.

— *Bora.* — Noah diz sério.

Nós quatro andamos pela praça. Eu e Adriana no meio, Noah e Caíque nos abraçando. Já não há muita gente. Do jogo de sueca, só restaram as mesas de cimento, os bancos e algumas latas de bebidas sobre as mesas. Mesmo assim, a atenção que nós atraímos é imensa.

— Foram vocês que inventaram aquele jogo? — Caíque pergunta, a voz alta é um grito no silêncio.

— Foi uma garota do terceiro ano. — Respondo, depois de um tempinho, já que Adriana ficou em silêncio. — Qual o nome dela mesmo? — Pergunto pra tentar fazê-la falar.

— Alice. — Ela murmura.

— Hum... É. A Alice gosta de vôlei. — Comenta.

Reflito sobre ele ter falado “gostar” ao invés de “jogar”. Ela está bastante empenhada em entrar para o time. Por ser do terceiro ano, talvez essa seja a última oportunidade, caso não tenha jogado nos anos anteriores.

— Ela participa dos campeonatos? — Pergunto.

— Participava até catorze anos, mas não é mais convocada.

Já ouvi sobre o anseio pelos alunos do fundamental que chegam ao colégio para integrar o time do Ensino Médio. Ouvi também que nem mesmo por andar com Noah e Caíque, Daniel tem seu lugar garantido no time. Não consigo imaginar como deve ser horrível para essas pessoas que tiveram destaque acabarem no ostracismo.

— E vocês? — Caíque fala alguns passos adiante. — Animadas para entrarem para a equipe? Getulhão falou que farão vôlei também.

Sinto meu sangue congelar. Meus músculos ficam dormentes e caminhar se torna difícil. Respiro fundo. Engulo em seco. *Um passo atrás do outro.* Vou conseguir me controlar.

Noah sente minha rigidez e os movimentos que faz com o dedo perdem o ritmo até que param. Posso sentir seus olhos em mim, mas não estou bem para encará-lo de volta.

— Não sei. — Adriana comenta. — Você acha que eu tenho chance?

— Se você quiser, posso te dar aulas particulares...

Deus, do céu! Que frase maliciosa!

— Não sei se conseguirei aprender com você me ensinando.

— Acha que não sou um bom professor? — Ele ri.

— Também não sei se terei coragem de jogar na sua frente.

— Ah, qual é? Assisto você jogar todos os dias. Contra mim, mas assisto. Adoro ver você jogar. É por isso que eu sempre deixo o Noah te escolher.

Reprimo uma risada nervosa mordendo os lábios. Ela está flertando com bastante malícia com o garoto que acabou de ficar. Quem diria que Adriana seria assim, tão “saidinha”! E ele só dá corda.

— E você, Bia? — O riso morre. Meu rosto volta a congelar numa expressão de horror. — Está preparada para todo mundo gritar seu nome toda vez que marcar ponto?

Noah dá um leve aperto no meu ombro. Sente a minha tensão mais forte. E acho que chegou a hora de contar para eles.

— Eu não vou participar do campeonato.

Noah para e o braço congelado em meu ombro me impede de andar. Vejo a sombra do braço do Caíque deixar o ombro de Adriana e, com um passo largo, ele para na minha frente.

— Você não vai jogar? — Ele continua me perguntando, enquanto o olhar do Noah me impele a olhar para ele.

Mas eu resisto.

— Não. Eu... eu não vou jogar no campeonato. Só no colégio.

— Só pode ser brincadeira! — Seus olhos estão arregalados. Por estar nervoso, sua voz imperiosa soa ainda mais alta. Tão alta que ecoou pela praça.

Ele olha para Adriana, que, de alguma forma, já entende que eu não teria como participar do campeonato. Antes de jogarmos hoje à noite, ela se mostrou bastante compreensiva e agora não está tão chocada quanto Caíque.

Só de pensar no que poderia acontecer, meus olhos marejam.

Participar do campeonato porá tudo a perder.

Perderei minha chance de tentar ser normal de novo.

Já estou arriscando demais hoje.

— Não é brincadeira. Se você quiser, não precisa mais me chamar pra jogar no seu time.

Seria me expor demais.

Eu já me exponho demais!

— O que você falou pra Bia querer sair do time?

Caíque encara Noah irritado e até desafiante. É nessa hora que Noah resolve me soltar e dá um passo pra frente. Fita-me com o olhar duro e chocado.

— Você não vai entrar pro campeonato? — Pergunta com o semblante sério que sempre me perturbou. Agora essa expressão ganhou voz.

Seus olhos fixos nos meus parecem negros nessa penumbra.

— Os professores já sabem. — Digo rapidamente. Minha respiração voltou a ficar acelerada por estar sendo acuada.

Espero que Rose e Getúlio saberem diminua algum tipo de rancor que Caíque tenha comigo. De um jeito torto, ele está se tornando um amigo e não quero que ele... não quero que ele seja mais um a me dar as costas. Ainda mais por ele e Adriana, alguém que *preciso* para conversar mesmo que sem palavras, estarem bastante íntimos.

Quanto à Noah... Talvez seja melhor eu me iludir que ele me dará as costas por eu não querer mais jogar, do que pelo nosso *hoje* não ter significado nada para ele.

— Eles sabem desde o início. — Continuo a explicar. — No dia que eles convocarem as vinte e quatro garotas que se destacarem para selecionarem as nove do campeonato, meu nome não será chamado.

Caíque solta alguns palavrões e fala frases desconexas.

— Você quer dizer que os professores não estão levando a competição a sério? — Noah verbaliza algo mais coerente, embora seja totalmente sem sentido. A voz cortante dele me fere, e nossos beijos de alguns minutos atrás são enviados para um passado longínquo.

— Eles estão sendo professores. Antes de pensarem no campeonato, eles devem pensar nos alunos.

Essa resposta é a mesma que os dois professores me deram, quando eu disse que seria melhor eles me impedirem de chamar para os primeiros jogos, aqueles em que as jogadoras mais se destacam são escolhidas principalmente por esses dois que estão na minha frente.

Eu preciso ir para casa. Quero chegar lá e deitar na cama com meu coração ainda feliz por ter seu desejo atendido, mesmo que seja apenas por essa noite. Continuo minha caminhada com passos acelerados, lutando para não me entregar ao desejo de sair correndo.

Eles logo me alcançam. Olho para Adriana que me dá o sorriso fraco. Não olho para Caíque. E Noah caminha apenas do meu lado.

O som abafado que sai da casa de festas quando o portão de entrada é aberto atrai a minha atenção. Não faço a menor ideia de quem são as duas mulheres de meia idade que nos encaram com estranheza, mas os três perto de mim moram há muito tempo aqui e talvez os conheça.

E se Noah não me abraça mais para não ser visto comigo?

Assusto-me com uma buzina. Estava tão distraída que só quando meu tio passa por nós que reconheço o carro. Ainda tínhamos um bom tempo para viver aquele sonho na praça. Podia ter ficado mais um tempinho com o Noah. Era a minha única chance.

Toco meus lábios com a ponta do dedo. Ainda estão um pouco dormentes. Espero que a sensação de ter beijado Noah sempre resida neles.

Infelizmente o caminho acaba e estou em frente à cerca viva que enfeita a casa da

minha tia.

Quero pedir mais um beijo a ele. Ainda é *hoje*.

— Vou pra casa.

Adriana se despede com um abraço e ela e Caíque se afastam. Em seu olhar, ele deixou transparente a chateação pelo que eu revelei.

Sinto muito. Mas prefiro esse olhar do que qualquer outro que possa surgir caso a verdade sobre mim venha à tona.

Ficamos sós. Eu e Noah. Olho para ele e não há totalmente o garoto que passou dias a fio me ignorando, mas o semblante fechado o deixa bem longe daquele que, há alguns minutos, me beijava na praça.

— Hoje foi muito bom. — Ele diz e põe o cabelo atrás da minha orelha.

Um beijo.

Quero pedir mais um beijo.

Mas o olhar dele deixa explícito que não nos beijaremos mais.

Nunca mais.

— Eu também achei hoje muito bom. — Digo. Minha voz está um pouco embargada e ele percebeu.

— Que bom. — Fala quase sem voz. — Eu já vou. — Ele limpa a garganta. — E pense melhor sobre o campeonato. Não desista. Você e a Adriana ainda precisam ser lapidadas, entrar no ritmo de uma competição, mas são ótimas. Têm grandes chances de entrarem para o time e faturarem o estadual.

Esse é o Noah que todos têm. Sempre com palavras positivas, atitudes benevolentes.

Dou um meio sorriso e afasto um passo.

O olhar dele vai para atrás de mim. Quase penso que é para a minha tia, que pode ter aberto a porta e não percebi, mas, observando-o atentamente, noto que ele olha para a janela. A janela do quarto que durmo.

Será que ele sabe?

Ou, por ser a única janela aparente, ele se recordou de quando eu saí de sua casa?

Perguntar não muda em nada. E, embora eu já me sinta conformada, temo continuar um pouco mais na frente dele e não conseguir controlar o choro.

— Tchau, Noah. — Afasto-me mais um passo.

Ele aumenta a distância entre nós dando um passo pra trás e depois para o lado.

— Tchau, Beatrix.

Noto a troca da última letra do meu nome, e o meio sorriso que ele me dá indica que foi mais proposital do que um trocadilho causado por causa do sotaque.

Despeça-se dele, meu coração.

Guarde esse momento para você.

Que ele não voltará a acontecer.

Abro a porta de casa e fico parada escutando o som dos cascalhos diminuir de acordo com o aumento de nossa distância.

Fecho a porta e vejo minha tia no sofá lendo um livro.

— E aí, se divertiu? — Ela pergunta imediatamente, olhando nos meus olhos.

— Sim, tia. Foi muito bom!

O olhar dela se prende no meu. — Que maravilha.

Suspiro. — Eu vou pro meu quarto.

— Tá, querida. Deixei aquilo sobre a escrivaninha com um copo d'água. — Ela levanta do sofá e se aproxima. — Boa noite.

Ela me dá um beijo na testa e eu suspiro novamente.

O olhar que ela me dá é perspicaz. Respiro fundo e prendo a respiração ao perceber que estou impregnada do perfume do Noah. Meu rosto fica quente e ela sorri.

— Você é linda, jovem, carinhosa. Tem mais é que aproveitar a sua vida. Estou muito feliz que, apesar de tudo, você continua essa menina maravilhosa, doce e que luta para deixar o que aconteceu no passado.

Meus olhos marejam e os dela também.

— Boa noite, querida. Se você se sentir melhor, tranque a porta do quarto. Só deixe o celular bem perto do ouvido e o volume alto, caso eu precise falar com você.

— Pode deixar.

— E vá tomar um banho. Você está com o cheirinho do *crush*, mas não te abraço por estar suada pra caramba.

Eu rio. — Tá. Estávamos jogando lá na praça.

— E *rolou*.

Sorrio sem-graça por ela comentar tão livremente que descobriu que beijei um garoto. Vou para o quarto. Pego as roupas para tomar banho e, quando me viro, vejo o diário sobre a cama.

Depois dou atenção a ele.

Saio do quarto e vou para o banheiro. Tomo um banho super-rápido e volto para o quarto, respirando aliviada por ouvir o carro estacionar na garagem só quando estou em segurança entre essas paredes cinzentas.

Não quero me encontrar com Claudia ou com o tio Diego. A única coisa que eles têm de bom é me fazer conviver com a tia Talita. Essa semana, ela foi tudo o que um dia sonhei que minha mãe poderia ser.

Sento-me na cama e passo a mão na capa do caderno cinzento na minha frente. Desde

que o vi antes do banho, não consigo pensar noutra coisa além da página do dia de hoje preenchida apenas com a data.

Não conseguirei escrever nele hoje. Não sei se um dia conseguirei escrever nessas páginas.

Mas hoje é um dia especial.

Pego a caneta de escrita rosa e desenho um coração. Entrelaço em outro. Nunca esquecerei a data em que eu e Noah nos beijamos, e agora ela está registrada no diário. Escrevo nossos nomes e faço uma flecha atravessando os dois.

Posso escrever o que eu quiser nessas páginas, então posso sonhar que o cupido acertou meu coração com a mesma flecha que atingiu o do Noah.

Deito na cama sentindo ainda o cheiro dele por não ter lavado a cabeça.

Olho mais uma vez o diário. Queria escrever sobre o jogo, sobre Adriana se mostrar tão perceptiva e compreensiva comigo, assim como tia Talita. Elas merecem entrar nessas páginas. *Mas não consigo.*

Sei que esse diário não representa o registro de apenas momentos bons.

Essas páginas aguardam o momento em que eu vou escrever...

“Querido, diário, hoje eu recordei...”

...e essas recordações são dolorosas demais.

Vejo a caligrafia um pouco trêmula do nome do Noah e a do meu próprio nome, um que escrevo há mais tempo que sou capaz de lembrar.

Vai demorar muito tempo para eu conseguir desabafar nessas páginas. Isso, se eu conseguir. Por enquanto, meu compromisso será apenas o de preencher o espaço da data e guardar o diário no fundo da última gaveta.

De que adianta não ter redes sociais e *estar* nas redes sociais?

Meus olhos marejados já derramaram algumas lágrimas dolorosas, mesmo sem ter baixado as informações que revelarão talvez *a morte* para mim.

Sei que não foi intenção de Adriana me ferir com essas mensagens e que, pelo que já li, não preciso pensar no pior, mas meus pensamentos não me perdoam.

Tudo sempre pode se tornar pior...

Eu nunca deixarei de pensar no pior!

Eu a agradeço por ter feito os *prints* e enviado para mim numa conversa privada. Leio mais uma vez as mensagens que estouraram no meu ouvido e serviram de despertador nessa manhã de sábado.

*** Adriana-Eu: Oi, tudo bem, miga? ***

*** Comigo, não! Estou surtando!!! ***

*** Ontem, o Caíque me pediu em namoro! ***

*** Achei que era zoação, mas acordei bombardeada de sinalizações por ter ficado com o Caíque! ***

*** E um pedido dele para confirmar no meu status que estamos namorando! ***

*** Não sei se confirmo! Será que é sério? ***

*** E tem coisa sobre você e o Noah. ***

Abaixo, os *prints*. Clico em todos de uma vez só para que as imagens sejam baixadas e eu acabe logo com essa ansiedade de saber o que “tem de *coisa*” sobre mim e o Noah.

Na primeira, está a foto que o Caíque postou dele com Adriana sentada em seu colo. Na legenda, ele diz: eu e minha namorada.

É claro que ela está surtando. Está descabelada do jogo e de muito beijo no colo do Carlos Henrique numa foto tirada por ele. Ela está linda, mesmo assim. Seu olhar está radiante por finalmente estar com o *crush*. Sorrio por ter visto esse olhar ao vivo.

Quero escrever-lhe logo que está linda, que ela é a estrela em ascensão e ele um dos astros do time. É normal essa comoção, ela só precisa ignorar.

Mas há outras imagens que preciso visualizar. Só depois conseguirei controlar o tremor em meus dedos que me impede de digitar qualquer coisa.

Leio o primeiro print com comentários sobre mim e Noah que fizeram na foto de Caíque e Adriana: “ontem, a noite foi boa pra você e pro Noah”; “não convidaram as melhores para a festa e vocês foram à caça”; “o Noah está namorando a Bia também?”.

Há mais outras mensagens similares a essas nos prints seguintes. Há quem diga que nos favorecem por estarem a fim de nós.

Há também postagens que comentam o fiasco de Tatiana atrair Noah para a pista de dança na festa da Yasmin. Adriana me enviou um vídeo com o momento.

Por acaso, dois alunos estavam na pista de dança se gabando de terem conseguido duas tulipas com cerveja e filmavam os copos falando zombarias, que beberiam até cair. Noah e Caíque se destacavam mais pela altura do que por serem o foco da atenção alguns metros à frente. Daniel estava abraçado a uma garota perto deles. Mal pararam na pista de dança e Patrícia, que senta ao lado de Tatiana na sala de aula, fez sinal para o DJ. A música pulsante eletrônica foi trocada por uma lenta. Ninguém na pista de dança entendeu. Nem os dois que filmavam e foi nesse instante que o foco saiu das cervejas e mirou diretamente em Tatiana a um passo do Noah. Ela o cutucou e, assim que ele virou, ela jogou os braços no pescoço dele colando seus corpos.

A reação do Noah foi imediata. Suas mãos grandes agarraram os pulsos de Tatiana, e ele deu um passo para trás, afastando-se dela. Ela sorriu, falou alguma coisa. Ele esteve irreduzível enquanto ouviu suas palavras, negando-as com a cabeça e com a voz, até que a soltou, virou as costas e saiu marchando com Caíque e Daniel correndo atrás dele. Quando o vídeo voltou para Tatiana, a aniversariante e Patrícia a tiravam da pista de dança. Os garotos que filmavam zombaram dela. Zombaram de suas lágrimas. Zombaram enquanto brindavam e sorriam as cervejas que voltaram a ser o foco do vídeo.

Nem sei como assisti tudo. Estava mais hipnotizada pela filmagem do que com vontade de vê-la. Momentos assim nunca deveriam ser gravados. Ainda mais com esse ar de zombaria.

Que prazer mórbido faz com que as pessoas achem graça de algo assim?

Pra mim, é torturante.

Repulsivo.

Apago-o. Não quero assisti-lo nunca mais. Seria melhor que Adriana tivesse feito um relato. Algo breve, tipo: *“lá na festa da Yasmin, Tatiana agarrou Noah na frente de todo mundo, ele disse que não e abandonou a festa exalando raiva”*. Simples e esclarecedor.

Quisera eu que meu ato de excluir esse vídeo da minha vida fosse tão fácil quanto excluir o que me assombra. E é por causa da necessidade de replicarem registros assim que eu não consigo ter paz.

Ainda há *prints* para eu visualizar, e os leio com menos vontade do que antes. O seguinte indica que Adriana só deixou novamente o que me interessava. Comentários que me citam. Que dizem que Noah saiu correndo atrás de mim. Que finalmente resolveu me dar uma chance.

Uma chance que já acabou.

Uma chance que eu só tinha uma noite para aproveitar e ela foi curta demais.

Mas, do outro lado desse bate-papo há uma garota perdida. Não sei se Adriana já namorou. Acredito que já tenha beijado, afinal, a intimidade com que ela e Caíque se amassavam no banco de praça não deixa margem para pensar que ela era inexperiente. É só do lado de cá que há uma garota desiludida, talvez com menos experiência do que ela.

E ela está online esse tempo todo.

*** Eu-Adriana: O Caíque é assim mesmo impulsivo, mas ele parece gostar de você. ***

*** Adriana-Eu: Será? ***

*** Eu-Adriana: Foi o que pareceu ontem. ***

*** Deixe rolar. ***

Conversamos mais um pouco. Ela conta que só teve um namoro muito rápido com um garoto no nono ano, mas ele não foi para o nosso colégio. Fora ele, envolveu-se com outros garotos, o último num hotel fazenda que passou o fim do ano com a família. Depois, falamos sobre o vôlei, sobre as aulas, até que minha tia bate à porta anunciando o café da manhã.

Eu não estou com a menor vontade de olhar para Claudia. Também falta coragem para encará-la.

Despeço-me de Adriana ao mesmo tempo que respondo para minha tia que já vou. Troco a roupa que dormi por uma calça legging e uma camiseta.

Respiro fundo e vou para a sala.

A pessoa que mais quero evitar é a primeira que eu vejo. Olhando pra mim.

Com ódio.

E eu terei que sentar de frente para ela.

Posso ouvir todas as palavras que ela só não verbaliza por causa dos pais sentados à mesa. O vídeo da humilhação da Tatiana talvez tenha agradado Natasha, e a ruiva viu o caminho livre para tentar reconquistar o coração do Noah.

Até eu ficar com garoto dos olhos verdes na praça.

A primeira refeição do dia não desce fácil. Bebo um copo de café com leite e como as duas torradas que normalmente fazem parte do meu café da manhã. Para evitar perguntas desnecessárias, após tirar a mesa, pego uma maçã.

— Vou ao shopping. Você quer ir? — Tia Talita pergunta.

A alternativa é ficar em casa com o ócio trabalhando contra mim. Depois das mensagens que vi mais cedo, ficar trancada será um pesadelo.

E reiniciar uma conversa com Adriana ou até mesmo ir à casa dela serão outros. Mesmo que ela perceba que não é melhor falar sobre mim e Noah, e que até falar sobre suas incertezas e suspiros sobre Caíque também não é uma boa ideia por seu namorado me lembrar do seu amigo, não quero que Drica se sinta privada de expor seus sentimentos.

Só que, se esse convite também foi feito para a minha prima, eu não quero passar

pelo *Café da Manhã* – parte II, o confronto no shopping.

— Eu e você. Só nós duas. — Ela acrescenta ante minha hesitação.

— Vou calçar um tênis.

Ela me olha de cima a baixo. Minha tia perua dá um meio sorriso.

— Vou pegar minha bolsa.

Vou para o quarto e calço um tênis. Pego meu celular e o fone. Até penso em mudar de roupa, todavia a única mudança que faço é prender o meu cabelo. Ele está um pouco oleoso por eu não ter lavado a cabeça ontem. Mas hoje posso sair assim sem que seja pelos motivos errados.

E um par de óculos escuros. Talvez eu precise.

Minha tia saiu para comprar três coisas até agora, todas para mim: um aparelho de som, um televisor e um gaveteiro. O único item que importa é o último: o gaveteiro de rodinhas. Três gavetas — a última maior que as demais, para ficar ao lado da escrivaninha ou embaixo. O mais importante: ele tem chaves. O valor é ínfimo em comparação aos outros itens comprados, mas *não tem preço*. As duas chaves já estão comigo.

Nós continuamos nossa caminhada pelo shopping de lojas voltadas de artigos para o lar. Pergunta-me se tenho interesse em outras coisas. Para em frente a algumas lojas, mostra-me objetos cor de rosa. Sabe que é a minha cor favorita.

— Vamos almoçar? Aqui tem restaurantes deliciosos!

Encolho os ombros. Ela pergunta se gosto de comida japonesa, se prefiro outro tipo de comida, até que paramos num restaurante com pouco movimento. Nosso almoço é basicamente um prato composto de frango grelhado, salada verde e legumes.

Fazemos a refeição em silêncio. As tentativas de minha tia de dialogarmos são frustradas. Eu simplesmente não consigo responder algo maior do que monossílabos. É quando terminamos de comer — o que não significa termos limpado o prato — que ela vai direto ao ponto.

— Você e o Noah.

Fecho os olhos absorvendo o impacto dessa combinação.

Eu e o Noah.

Noah e eu não existimos.

Quando os abro, não consigo ergue-los, por mais que sua voz tenha soado plácida. Tia Talita não me recriminou.

— Era com ele que você estava ontem. — Afirma.

Assinto. — Aconteceu. — Não sei o que a Claudia pode ter falado com ela. — Eu nem sabia que ele ia pra lá... Ele estava na festa...

Ela segura minha mão e olho para ela, aflita.

— Eu sei. — Fala suavemente e sorri. — Não estou te julgando. — Ela encolhe os ombros. — Ele é bonito, o astro do time do colégio. Minha única preocupação é que ele é um arrasador de corações. Não quero que se machuque.

Ah, tia... Só não me arrependo de ter ficado com ele, pois seria muito pior eu querer voltar no tempo para retirar minha recusa. Nunca me perdoaria se eu tivesse dito “não”, se tivesse deixado Noah sozinho naquele banco quando suas intenções de ficar comigo ficaram claras.

Mas ela já deve ter até visto Natasha chorar por ele. E duvido muito que sejamos apenas eu, ela e Tatiana aquelas que já tiveram o coração destroçado pelo menino de olhos verdes expressivos e indecifráveis.

— Foi coisa de momento, tia. Ficamos sozinhos. Nos beijamos. Só. E a senhora sabe que não tenho como namorar alguém como o Noah. Ele é amigo de todos do colégio, há os amigos dos amigos, conhecidos, pessoas que gostam de vôlei...

— Bia. Bia! — Minha tia me chama enquanto aperta minha mão.

— E se me acharem? — Pergunto baixinho com medo da minha voz.

— Ninguém vai achar você, querida.

Todos os dias, todas as horas, a cada minuto, eu rezo para que ela esteja certa.

— Eu parei no Facebook de novo! Está todo mundo comentando. Se buscarem meu nome...

— Bia... Bia. Querida...

— Eu nem tinha Facebook. Meus pais nunca deixaram, mas ano passado eu achei que tudo estava esquecido... que eu podia... que eu podia ter.

— O que aconteceu ano passado, não se repetirá.

Ano passado, depois de tudo que passei no ano anterior, fui morar com minha avó. Pela primeira vez não estava cercada de restrições. Embora minha avó fosse bem mais intolerante que meus pais, ela não me proibiu de usar redes sociais ou de fazer amigos.

É mais verdadeiro eu dizer que ela foi proibida de me privar de fazer amigos, já que ela não cansava de dizer que só quando eu já estivesse adulta que eu conheceria as pessoas que ficariam para sempre na minha vida, que amizade de colégio normalmente acaba quando se vai para a faculdade. Era o mesmo discurso da minha mãe (filha dela).

Diferente dos meus pais, vó Eulália não fiscalizava meu telefone. Assim que fiz novos *amigos*, para eu não ser taxada mais uma vez de esquisita, criei um perfil para mim no Facebook. Um grande erro, pois possibilitou aqueles que me ridicularizaram um ano antes de me encontrarem e novamente destruírem minha vida.

Meu estômago quer se virar do avesso com essas lembranças, com o que escreviam sobre mim.

— Vamos dar mais uma volta? — Minha tia aperta minha mão e tento controlar minha respiração e a ânsia de vômito.

A conta é paga, e voltamos a caminhar pelo shopping. Ela me faz escolher alguns pequenos objetos para decorar, como uma boneca para eu pendurar meus cordões. Na mesma loja, ela pergunta se eu quero um mural de metal rosa pra mim com ímãs coloridos.

Já tive um. Era branco. Os ímãs eram de bichinhos. Ele era cheio de fotos. Para não fazer com que ela se preocupe comigo, ou se ofenda com o que pode considerar desfeita, digo que posso tirar algumas fotos minhas com meus colegas mais próximos, procurar algumas poesias aleatórias e preenchê-lo.

Não será tão difícil. Posso até colocar uma foto da família dela... a foto que eu tirei com Claudia — o último momento que ela foi minha prima.

Não... aquela foto foi tirada na casa do Noah e ela não pode ir para esse mural. Escolherei uma foto antiga com a Claudia, quando nos falávamos sem sentimentos negativos entre nós.

Olho mais uma vez para o mural, meus olhos já cheios de lágrimas. Não posso. *Não quero.* Mesmo as melhores recordações da minha infância me levarão para os momentos dolorosos, e preciso esquecê-los. Preencher com poemas, letras de músicas aleatórias é o grito da minha incapacidade de tirar uma mera foto sem que ela seja repleta de más recordações.

— Podemos passar aqui outro dia. — Tia Talita acaricia meu cabelo e me abraça.

Abro a bolsa e pego os óculos escuros. Eu sabia que precisaria deles.

Voltamos para casa e o silêncio só não está presente por causa das músicas que tia Talita pôs para tocar. Percebeu que o silêncio agora é precioso pra mim. Eu preciso dele. Quando o carro para esperando a cancela abrir, eu o quebro, para ter chance de continuar no meu silêncio e em paz.

— Posso ir pra praça? — Pergunto.

Ela me encara cautelosa. — Você tem certeza?

— Vou aproveitar a minha roupa e correr. Estou com o celular, o fone...

— Claro, querida. — Ela me dá um sorriso fraco. — Tome aqui para comprar alguma coisa para comer e beber. — Ela abre o porta-luvas. — E use isso para prender o celular no braço. Nunca usei.

Ela nem precisava dizer que nunca usou, pois a braçadeira ou sei lá o nome disso ainda está na embalagem lacrada.

— Obrigada.

Saio do carro e guardo as chaves do gaveteiro e o dinheiro. Estou com um pouco de sede, mas a urgência de correr é muito maior. Só de pensar em ficar parada, presa no quarto, o ar me falta, a garganta fecha.

Conecto o fone ao celular e ponho minha playlist que exclui músicas românticas e permite apenas que um bate estaca dite o ritmo da corrida.

Envio uma mensagem para Adriana, caso ela esteja sozinha e venha me encontrar, antes de guardar o celular na braçadeira.

Dou uma, duas, três voltas na praça após um breve alongamento. Paro praticamente no ponto de partida, na sorveteria, e compro um milk-shake de morango com calda de chocolate. Caminho pela praça ofegante, exausta da corrida, evitando os lugares que me fazem recordar *dele*.

Sento-me na grama recostada a uma árvore e aprecio minha bebida. Sorvo-a devagar para aplacar o calor que me atinge nesse fim de tarde. Não foi uma boa escolha para aplacar a sede. Meu corpo clama por água, mas preciso descansar um pouco mais para voltar à sorveteria e comprar água.

A praça vibra com as pessoas animadas. Estamos perto do carnaval, há crianças fantasiadas como se estivessem num parquinho. Dançam e brincam no balanço, no escorrega e em tantos outros brinquedos. Afasto o fone do ouvido e escuto marchinhas de carnaval.

Que maravilha poder se fantasiar e apenas brincar e dançar.

Quando coloco o fone no ouvido de novo, espanto-me por ver minha prima com as amigas num dos bancos de cimento conversando alegremente. Não estão vestidas para arrasar. Estão mais parecidas com o jeito que eu estava com Adriana ontem. Saias e shorts, blusas e tênis.

Por falar nela... Pego o celular para ver se Dri já leu a mensagem que enviei antes de correr. Ela leu e avisou que viria um pouquinho mais tarde.

— E aí, Bia! — Caíque atrai a minha atenção mesmo com o som alto e pulsante em meus ouvidos.

— Oi. — Dou um meio sorriso pra ele.

— Animada para mais uma partida igual a de ontem? Daqui a pouco o pessoal está aí. Ah! Me dê seu número para eu acrescentar no grupo do colégio e da turma.

Dou um sorriso frouxo. — Depois eu dou.

— Tá. Vou buscar a Dri. Ela ficou de me esperar na entrada do condomínio.

Sorrio por ver que ele está levando a sério o namoro. Mentiria se dissesse que suspeitava que ele tinha segundas intenções com a Drica. Ela é linda, com certeza ele já tinha reparado, mas não parecia cogitar ficar com uma garota não popular. Todavia ter ficado com ela despertou um interesse maior e espero que esse namoro seja verdadeiro, pois ela, sim, o vê mais do que um coleguinha bonito de classe.

Quando ele vai, permito-me pensar no que ele falou. *Mais um jogo como aquele.* É esquisito combinarem por mensagem um jogo bobo e sem nome na praça. Se ainda fosse uma pelada na quadra principal ou até um jogo de vôlei lá, dava para entender.

Bem, Noah e Caíque estavam jogando o jogo inventado e o fato de os dois terem se divertido ontem com algo banal chamou a atenção de pelo menos um deles para repetir a dose hoje.

De repente a presença da minha prima e das amigas faz sentido.

Uma risada irônica escapa de mim num sopro. Minha boca torce enojada. *Vieram atrás deles.*

Olho para minha prima e ela me fita de volta. Mesmo longe, vejo seu olhar mortal *direto e reto* para mim. Caíque veio falar comigo. As outras duas também me observam e cochicham.

Olho para outro ponto da praça e mais uma surpresa desagradável e um tanto cômica. Como se ontem eu tivesse ditado moda, Tatiana está com suas belas pernas de fora com um pequeno short e uma blusa muito parecida com a que vesti. Nos pés, tênis. Yasmin e Patrícia também.

Noah...

Ele estava certo. Eu não quero me tornar a terceira garota da turma que vai viver numa eterna guerra. Uma garota como Natasha e Tatiana prontas para darem uma rasteira em quem cruzar seus caminhos. Prontas para se vangloriarem por ter o garoto que gostam e tornarem um sentimento lindo em feio, amargurado e que desperta desprezo no Noah.

Olho para o lado e vejo Caíque com Adriana. Somente os dois vieram para o outro lado da praça, onde as pessoas conversam como se esperassem por ele.

E por Noah. *Mas não há sinal* do gringo.

Nem agora.

Nem no resto da noite.

Saio do banho, dessa vez de corpo inteiro. A corrida e as partidas da mistura de queimado com vôlei cobram seu preço e meu corpo está todo dolorido.

E amanhã pretendo repetir a dose, para voltar a esvaziar a minha mente traiçoeira. Ah, só a título de curiosidade: quem apareceu por lá apenas interessada no Noah não jogou. Natasha, Tatiana e suas respectivas trupes ficaram sentadas esquadrinhando a praça, cada trio ocupando sua mesa de cimento.

É uma pena que girem a vida em torno dele. É sério: poderiam ter jogado, se mexido, rido e aproveitado a maravilha de simplesmente estarem ali com as amigas, com os colegas de condomínio e escola, sem ficarem olhando o tempo todo para os lados em busca *dele*.

Pego meu nécessaire com meus produtos de higiene e de banho. O banheiro do andar térreo não é apenas para o meu uso e não me sinto à vontade deixando meus pertences dentro dele.

Abro a porta e dou de cara com Claudia.

E ela não está com cara de quem pretende ter uma conversa amigável.

Suspiro desanimada de ouvir até a primeira palavra. Antes de dizer para ela soltar a

enxurrada de palavras que já até imagino quais sejam, ela fala:

— Por que você ficou com o Noah?

Solto mais um suspiro. — Isso não é da sua conta.

Tento passar por ela, que me bloqueia. Seu olhar raivoso me entristece. Não era para sermos assim. Pouco antes de pôr os pés nessa casa, quando meu tio me pegou no aeroporto, eu cheguei a acreditar que aquela relação que tínhamos quase de irmãs seria resgatada. Ledo engano. O fato de ela ter preferido ficar em casa a ir ao aeroporto foi um sinal que ignorei.

— Sabe, essa semana ele desprezou você o tempo inteiro. Era patético você ficar suspirando pelos cantos por alguém que, se não fingia que você não existia, te ignorava completamente. Zombava de você pelas costas, fazendo os amigos rirem!

Meus olhos marejam com a apunhalada. A dor paralisa meu corpo e entonteço com uma vertigem.

— E digo mais: se eu fosse você, avisaria para a sua amiguinha que vai se ferrar achando que o Carlos Henrique a leva sério. Nunca viu filme de adolescentes? Nerds e populares nunca dão certo. Sempre há apostas, e você sabe tanto quanto eu que será ridicularizada no fim. A diferença é que na vida real não haverá pedido de perdão acompanhado de um “eu te amo”. Noah vai te dar as costas e rir com os amigos. *Fim!*

Claudia me dá as costas e some pela casa. O silêncio é tão grande que eu ouço seus passos na escada, mesmo sem ela pisar duro.

Não sei quanto tempo fiquei parada na porta do banheiro. Minhas pernas começaram a doer e foi esse o impulso que obtive para eu correr até o quarto e fechar a porta.

Os soluços vêm antes das lágrimas. Deixo meu corpo escorrer pela porta sentindo meu coração sangrar com o punhal que lhe foi cravado.

Claudia não inventaria monstruosidades como essas. *Ela não seria capaz.*

O pior de tudo é que faz sentido o que ela disse sobre o Noah. Eu vi que ele gostou de ficar comigo. Nossos beijos, afagos... o nosso *agora* não foi falso. Ficamos juntos. Ele se entregou para mim como eu me entreguei para ele. No entanto me dispensou. Ele estava resoluto, e nossa noite tão especial pra mim não fez a menor diferença na vida dele.

Ainda tenho uma chance de sair dessa de cabeça erguida. Pequena, mas tenho.

O pior é a dúvida que Claudia plantou na minha cabeça sobre as intenções de Caíque com Adriana. Se eu analisar, verei que eles não se combinam em nada.

Será que ele brincaria com os sentimentos dela ou será que foram palavras vis de uma amargurada Claudia que apenas o quer ver livre para si?

Sinto muito, minha prima, estou rezando para que o que vi nos olhos do Carlos Henrique depois que ele e a Drica passaram a namorar, seja verdade.

Segunda-feira. Segunda semana de aula.

Olho para os riscos da calçada. São poucos, o cimento é liso e bem preservado. Não há nada tão rachado e quebradiço quanto o meu coração.

Domingo foi uma tortura gigantesca, por eu ter me enclausurado no quarto, com medo da minha dor extravasar nos momentos mais inapropriados.

Já faço parte do grupo de mensagens dos alunos da escola. Vi combinarem o queimado no fim da tarde de domingo. A pergunta foi logo respondida por mim: “hoje, não dá”. Não expliquei o motivo quando perguntaram. Não permiti que pensassem que dei minha resposta após falar com *alguém*. Ou dar margem para pensarem que eu esperava a resposta desse mesmo *alguém*. Uma pessoa que não respondeu e, pelas fotos que postaram no grupo, um *alguém* que também não apareceu.

— Uma nova semana, um novo começo. — Adriana fala ao meu lado e eu a olho de soslaio.

Vimos juntas e é por isso que não estou de fone. Sorrio pra ela. Um sorriso fraco e quase inexpressivo.

— Você quer que eu pergunte pro Caíque o que o Noah achou de ter ficado com você?

A pergunta dela desperta tantas possibilidades na minha cabeça, que fica difícil me ater a uma. Não consigo mesmo imaginar Adriana fazendo essa pergunta ao Caíque. Nem consigo imaginar Caíque interferindo, além do fora que pode escapar de sua boca sem controle. E, acima de tudo, nunca usaria o namoro de Adriana para tentar me aproximar de Noah.

— Por favor, Drica, nunca pergunte nada sobre o Noah pro Caíque. Você só vai prejudicar o namoro de vocês.

Vejo o alívio em seus olhos. Como a amiga que está se tornando, sentiu-se na obrigação de me ajudar. Mas uma ajuda como essa... transformar a minha amizade com ela em algo parecido com a troca de interesses que rola com as outras garotas... não, não permitirei que isso aconteça.

— Não vai prejudicar, mas não vai adiantar em nada. — Caíque fala atrás de nós, me fazendo pular de susto.

Não sei se sou eu ou se é Adriana quem está mais vermelha. Além de ter um megafone nas cordas vocais, Caíque tem um ouvido tuberculoso!

O braço de Caíque pesa no ombro de Drica e eu estou sobrando.

— Vejo vocês na sala. — Despeço-me.

Ela me dá um sorriso demonstrando sua empatia pelo meu bom-humor igual ou inferior a zero. Ele me encara bastante sério. Mas não olhei muito para Caíque. Ele se tornou uma grande preocupação na minha mente já tão cheia de perturbações. E não é por causa do Noah ou do que ouviu. Aliás, agora que passou o susto, acho bom que ele tenha entendido que não vou me aproveitar de qualquer situação para me aproximar do Noah.

Passo meu cartão na entrada e sigo para a aula de Artes. Antes, preciso passar no armário. O corredor está cheio, os alunos comentam sobre o fim de semana maravilhoso que tiveram... *ou não*. Não importa.

Olham para mim e comentam sobre Noah finalmente ter me dado uma chance.

Olho rapidamente para o armário em frente ao meu. Vazio. Seu dono ainda não chegou. Sem ele, sem seguidores.

— E aí? — Artur passa por mim e para em seu armário. — Tudo bem?

— Oi, Tuco.

Olho bem para ele e constato seu desânimo. Essa segunda não começou bem para ele também.

— O que foi?

Ele baixa o olhar e sua tristeza se aprofunda.

— A Dalila terminou comigo.

Respiro fundo absorvendo o impacto dessas palavras de rompimento. Eu não sou muito fã dessa garota, mas ele gosta dela. Aposto que falar que ele está melhor sem ela não é a frase que ele queira ouvir.

Eu, particularmente, não quero ouvir que estou melhor sem o Noah.

— Sinto muito. — Digo simplesmente. — Foi por isso que sumiu no fim de semana?

— Ela terminou comigo sábado de manhã. Estava tudo bem na sexta, fomos ao cinema e tudo. Ontem me bloqueou de todas as formas que encontrou.

Caminhamos para a sala. Ele demonstra cansaço de dias perturbadores e noites pessimamente dormidas. Tirando as noites pessimamente dormidas, seu fim de semana foi similar ao meu.

Quando entramos na sala, ele se senta no lugar do Ricardo.

— Ricardinho não vem hoje. — Esclarece. — Está mal de gripe.

— Ah. Não sabia.

Continuamos nossa conversa e, aos poucos os sons dos alunos no corredor aumentam. Os nossos colegas de turma entram na sala para a primeira aula do dia.

Adriana entra e vai para o seu lugar de sempre ao lado de Amanda. Caíque brinca que vai tirar a “gordinha” do lado da namorada dele e sentar no lugar dela dela. Sim, ele falou essa palavra, que nem deveria ser ofensa ou pejorativo, mas seu jeito jocoso fez com que todos na sala rissem, com exceção de mim, Artur e Drica. O olhar sério da namorada, pela primeira vez, trouxe um pouco de vergonha ao Caíque, como se ele tivesse caído em si que sua boca é grande demais. Sem graça, o olhar dele encontrou o meu reprovador e ele foi para o fim da sala.

Pouco depois, Dalila aparece. Noto que está mais arrumada do que o costume. Estranho. Mesmo que tenha sido ela a terminar, aparecer assim, toda arrumada, é bizarro.

Ela é mais uma a me fuzilar com os olhos. Pelo menos não é por causa do Noah. Artur quase parece arrependido de sentar ao meu lado, mas quando ela empina o nariz e para ao lado de Caíque, vejo a paixão que ele sentia por ela evaporar.

— Esse lugar é da minha mochila. — Caíque diz para ela. — Minha namorada é muito ciumenta!

Mantive meu olhar pregado no caderno para não ver a expressão de Dalila após esse *fora*. Adriana está rígida na minha frente, pois eu, Artur, Amanda e ela conversarmos, os quatro. Seu perfil deixa mais evidente a satisfação pelo *fora* do que a anunciada crise de ciúmes.

A professora entra.

Não vejo Noah. Noah não entra.

A aula começa e Noah não apareceu. Meu coração fica em alerta com medo de ter acontecido algo.

Olho pra trás, para o lugar dele vazio, e a vontade que eu tenho é a de pegar o telefone e ligar eu mesma para Caíque para perguntar se o Noah está bem. Não posso ser condenada apenas por querer confirmar que ele não sofreu um acidente, que não está doente ou algo assim.

Caíque me encara no mesmo instante. Antes olhava para Adriana à minha frente. Está sério e encolhe os ombros quase imperceptivelmente, como se me respondesse que não sabe onde está o amigo.

Daniel é outro que me encara, porém seu olhar também não me dá a resposta e fico sem saber onde está o garoto que se senta ao seu lado.

Respiro fundo e tento me controlar.

Respiro fundo de novo quando vejo que o lugar de Natasha também está vazio. *Talvez ela esteja doente como o Ricardinho*. Espero, torço, rezo para que a ausência dela não esteja relacionada a do Noah.

Olho novamente para Caíque que comprime seus lábios numa linha fina. Estou hiperventilando e ele já percebeu que meus olhos lhe interrogam. Será muito difícil manter minha resolução de não usar o namoro de Adriana com Caíque como uma ponte para alcançar Noah.

Eu nem precisaria *usar* Adriana. Caíque e eu somos *quase amigos*. Conversamos durante o vôlei, principalmente após as partidas. Nada muito profundo, mas conversamos. Se eu ligasse para ele poderia acabar com essa dúvida que está consumindo minha sanidade.

Não! Não vou ligar para ele para saber do amigo. Na verdade, eu poderia até ligar para o próprio Noah. O telefone dele está gravado na minha agenda.

Sim, eu olhei um por um daqueles inúmeros telefones do grupo em busca do contato dele.

O que me faz pensar que todas as garotas desse colégio têm o número dele também.

A aula mal começou, e me sinto doente. O café da manhã pesa no meu estômago. Minha cabeça está prestes a explodir. Já matei essa aula na semana passada, embora não tenha sido exatamente uma falta. Não sou muito boa em Artes, não faço a menor ideia de quem pintou alguma coisa além de Monalisa.

A professora fala de estilos arquitetônicos ou algo parecido. Período Barroco, estilo Rococó, palavras estranhas ditas espaçadas e uma tentativa de redefinir o significado de Moderno.

Batidas na porta interrompem a aula.

Quando a porta é aberta por fora, meu coração para de bater.

Noah.

Noah e Natasha.

Ele está com a roupa idêntica à que ficou comigo na sexta e ela está vestida pronta para ir para o shopping. Engulo em seco quando ele faz um gesto cavalheiresco para que ela entre primeiro na sala.

A repulsa toma conta de mim quando ela limpa o canto da boca e ajeita a saia, antes de ir para o seu lugar.

Nesse exato momento, *eu morro*.

O olhar dele pousa em mim. Sério como é nas quadras, como se agora também esperasse um ataque meu.

Eu prometi, Noah.

Acreditei que ele não queria ser visto como troféu.

Eu honro minha promessa de não ficar lhe perseguindo.

O olhar dele sai de mim e mira Artur. Seu maxilar fica rígido, mas paro de me torturar. Deu para ele ver toda a decepção que me causou. E pensar que temi que o pior podia ter acontecido com ele, enquanto ele se agarrava com outra aluna da turma... *Que decepção*.

Para ir ao seu lugar, ele passa praticamente ao meu lado. Se eu tivesse na ponta, ele passaria quase esbarrando em mim.

O som da sua mochila pesada jogada numa cadeira ou numa mesa, depois seu próprio corpo grande acomodando-se no assento, quase me fazem olhar para trás.

Ainda bem que a professora retoma a explicação. Infelizmente a atenção que dou a ela é tão supérflua que na minha frente só há um borrão. Estou quase pedindo para ir ao banheiro. De lá, poderia me refugiar naquela sala onde me garantiram acolhimento sempre que eu quisesse.

Não. Não chamarei mais atenção para mim. Com certeza, alguém deve estar se perguntando quando vou desmoronar em lágrimas. Infelizmente estão certos se aguardam

um choro meu. Só espero que esse momento chegue apenas quando eu estiver na segurança do meu quarto.

O sinal toca e sou uma das primeiras a sair com Artur. Ele já tinha me visto arrumar o material nos cinco minutos finais e arrumou o seu. Se sentiu que não poderia me prender na sala ou se foi por necessidade própria de sair dessa clausura próximo àquela que partiu o seu coração, pouca diferença faz.

— Noah é um imbecil. — Artur murmura quando paramos em frente ao armário.

— Dalila é uma imbecil. — Devolvo.

Olhamos um para o outro e rimos. Pelo menos dá para rir de nossos lamentos.

— Você é muito boa, Bia. Ele não te merece. — Fala fechando o armário. — Vamos sentar juntos de novo?

Sorrio. — Claro.

— Se a Dri fizer dupla com o Caíque na hora do aquecimento da Educação Física, eu e você podemos fazer juntos. — Sugere enquanto fecho meu armário.

O estrondo de metal contra metal que escuto não condiz com a força com que bati minha porta. Olho — e não sou a única — na direção do som. Um som atrás de mim.

Foi Noah e ele olha pra mim. Natasha ainda está assustada com a violência. É a mais próxima dele. Bem, se eu ficar mais um segundo no corredor, vou acabar vomitando.

— Vamos pra aula? — Artur pergunta.

— É melhor mesmo. — Murmuro nauseada.

E assim seguimos o dia até a aula de Educação Física.

Passei o último tempo praticamente só enxugando as palmas das minhas mãos na calça jeans, pensando que Noah finalmente escolherá Nath para o seu time e eu poderei assistir *comemorações exageradas*.

Fazemos o aquecimento (eu com a Drica, Artur fez com o Felipe e Caíque equilibrou sua força com o Noah) e depois, como na segunda passada, Noah e Caíque precisam fazer as escolhas de times. Os professores restringem a escolha para apenas garotas. Depois serão Lucca e Mateus, que são do terceiro ano, em seguida outro garoto do terceiro ano e Daniel. Os garotos, assim como as garotas que “sobrarem” terão preferência na próxima aula.

— Não sei pra que reunir todo mundo. — Uma garota reclama.

— Bia. — Alguém sussurra com desdém, como se imitasse Caíque me chamar.

— Acho que agora ele muda. Vai chamar a namoradinha. Mas o Noah não vai chamar a sua última figurinha. Está na cara que não.

Cruzo meus braços. Minha perna sacode irritada por causa do que escuto e por não conseguir controlar as reações do meu corpo a esses comentários.

— Val. — Caíque chama.

Estava quase de frente para Valentina e vi o choque em seu rosto.

— Maiana. — Noah chama.

Os nomes chamados a seguir são surpresas sem serem surpreendentes. Surpresas por serem as garotas do primeiro ano, mas não há nada de surpreendente em escolher aquelas que participaram do campeonato até catorze anos e que poderiam participar na nova faixa etária. Todas, exceto o último nome cantado por Noah: Adriana.

Ela me encara assustada.

— Vão praticar com as melhores novatas. — Murmuro para ela e dou-lhe uma piscadela.

— Mas e você?

— Eles já sabem que estou fora. — Mexo os lábios. — Estou torcendo por você. — Digo e ela vai para o lado das jogadoras escolhidas por Noah.

— Meninas, Noah, Caíque, afastem-se um pouco. — A professora pede. — Mateus e Lucca. Podem escolher.

Olho de relance para Noah e pesco o seu olhar sério pra mim, antes de prestar atenção em Mateus e Lucca.

Os dois se entreolham e o lampejo malicioso que vi em Caíque semana passada agora está nos olhares desses dois, e tenho certeza que vão aprontar nessa escolha.

Lucca é primeiro e me escolhe. Cada nome cantado por ele choca, enquanto Mateus escolhe as ex-jogadoras titulares do ano passado e do anterior que estão no terceiro ano.

Mas são os nomes do Lucca que causam burburinho. Espanto. Risadas. Vejo Caíque e Noah se entreolharem preocupados. As garotas do terceiro ano, assim como os rapazes, têm muito ressentimento contra as do segundo ano. Só que essa rivalidade perde a importância quando, após me chamar, Lucca escolheu Natasha, Claudia, Tatiana e Dalila.

Caminho de cabeça baixa. Não quero jogar de novo com Natasha. Eu seria capaz de ficar de costas quando ela estivesse em quadra. De olhos fechados. Se ela e Noah jogassem juntos, talvez eu fugisse da aula.

Tatiana deve estar com mais ódio de mim do que de sua principal rival, após Noah a abandonar com direito a um vídeo vergonhoso, e em seguida ele ter ficado comigo para quem quisesse ver.

Claudia, bem, até quem não é do colégio sabe que temos problemas sérios.

E Dalila me intriga. É me deixar ainda mais no centro das atenções da próxima partida, como se tivessem escolhido o time para todas as garotas se vingarem de mim. Não é possível que o pessoal do terceiro ano saiba que sentei ao lado do Artur. Ele que me perdoe, mas o que ele faz ou deixa de fazer é muito irrelevante para escolherem a ex-namorada por causa dele propriamente. Nem faz sentido.

Os outros times são formados e Rose toma a palavra.

— Quem não foi chamado, vá para a outra quadra. Vamos treinar cortadas e recepção. Quem não estiver na primeira partida, para a arquibancada.

E assim caminhamos para a arquibancada. Não há absolutamente ninguém para ficar perto de mim. Meu time não tem tática nenhuma para combinar, enquanto as nossas adversárias bolam estratégias.

Só me resta acompanhar o jogo. Concentrar minha atenção na quadra. Ver de um ângulo diferente Adriana jogar.

E ver o Noah jogar! Ele joga lindamente. Faz uma bela parceria com a Drica e vejo o olhar de Caíque cheio de orgulho e carinho para ela.

Não é possível que minha prima tenha dito a verdade.

Observo mais uma bola levantada para Adriana cortar. Não há dúvidas que Noah hoje tirou o dia para recepcionar as bolas e agir como o responsável a distribuir as jogadas para as garotas treinarem cortadas.

— Você é tão linda pra ficar brigando por migalhas. — Olho para o lado. Lucca, o responsável por fazer a escolha da pior equipe de vôlei, sorri pra mim após essa cantada.

Seu sorriso não alcança os olhos e não adianta que esse rapaz não me passa boas vibrações.

Acompanho o saque da outra equipe e tento ser indiferente ao que acabou de dizer.

— Agora não posso nem acompanhar um jogo? — Olho pra ele rapidamente. — Tenho que ficar de costas para a quadra?

Para deixar mais dramático, viro-me de lado. Fico praticamente de frente para o Lucca.

— Você até acompanha a bola, mas é raro. — Ele faz uma careta.

Suspiro. — Então, vamos fazer algo produtivo.

Ele se vira pra mim. — Hum, gostei! O que você propõe?

Controlo-me para não dar as costas para ele. — Que tal bolarmos estratégias para ganhar do time do Mateus?

Ele gargalha. — É. É. Isso é bem produtivo. A estratégia é a seguinte: eu e você jogamos e deixamos as outras pra lá. O que acha?

Eu rio. — *Eu acho* que não estamos num vôlei de praia. Serão seis jogadores em quadra e Tatiana foi do time principal ano passado.

Escutamos algumas exclamações de espanto e olhamos para a quadra a tempo de ver a rede balançando. Por causa de uma bola sacada pelo Noah.

Noah errou um saque!

Em todo o tempo que estive aqui, nunca o vi errar um saque. Ele praticamente não erra suas jogadas. É como se nem precisasse se esforçar para ser o melhor em quadra. Como raramente faz jogadas explosivas, é impossível um erro tão grosseiro quanto o que acabou de cometer.

Ele volta para o seu lugar e, enquanto o outro time roda, o olhar dele se volta para a

arquibancada. Tenho quase certeza que é pra mim.

— Não se iluda. — Lucca olha brevemente para a quadra. — Ele só quer você no harém e talvez se sinta ameaçado por estarmos conversando.

Fico com nojo dessas palavras. Engulo em seco, assim como luto para não chorar.

Faz sentido. *Talvez Noah goste de ser O Troféu.*

— Mas, voltando ao nosso assunto. Só nós dois jogaremos sério. *Talvez* Tatiana também. Eu só montei esse time, porque você é nova no colégio e acredito que ainda haja tempo pra você sair dessa com a cabeça erguida. É ridícula toda essa disputa por ele. Tão ridícula que até a sua prima ignora o sangue para bolar planos mirabolantes para a amiga voltar para ele, ao invés de ficar neutra em respeito a você.

Escutamos o apito final. O time do Caíque venceu. Uma partida medíocre. *Será que sempre foi assim?* É a primeira vez que assisto de fora da quadra um jogo com os dois. As outras, confesso que ficava conversando com Adriana ou Caíque e só prestava atenção quando a vibração da arquibancada era chamativa.

— Bora dar um show. — Lucca pisca pra mim.

Começo a acreditar que é uma provocação. Ele já deu a entender que pouco se importa com o resultado e só vejo suas atitudes como tentativas de me instigar ainda mais contra as meninas.

— Você é a primeira a sacar. — Ele diz pra mim. — Nath, procure recepcionar para o ataque da Tati. — Ele olha para Dalila e Claudia com desdém. — Tentem apenas jogar a bola pro alto. Vocês serão o alvo.

No “tentem”, eu já tinha desviado o meu olhar. Olhei para o outro lado, as adversárias nos fitam com superioridade. Sabem que vão ganhar. Meu time é uma piada.

— A não ser que as jogadoras do outro time queiram massacrar uma só jogadora. — Lucca continua, agora em tom de provocação ao outro time. Minha orelha queima. — O que é uma estupidez, pois é a minha melhor escolha.

“Massacrar uma só jogadora”.

“Minha melhor escolha”.

É como se induzisse o ataque adversário apenas em cima de mim. E, num time que tem Tatiana, que já foi da seleção principal no ano passado, esse rapaz quer ver a minha morte.

Queria procurar Adriana na arquibancada para encontrar o olhar de alguém que quer o meu bem. Não duvido que Caíque tenha ido para o lado dela e é muito provável que Noah esteja lá.

Não quero dar motivos para falarem mais sobre mim.

Não quero encará-lo e ver que admira Natasha.

Quico a bola no chão, esperando o apito. Olho para o outro lado da quadra e perco a bola quando vejo Noah recostado à parede da quadra do outro lado, dando-me o olhar de

sempre.

Risadas ecoam pela quadra. O professor me entrega uma bola reserva.

— Foco. — Ele diz olhando nos meus olhos.

Foco.

Foco no jogo, não no Noah.

Respiro fundo e quico a bola uma vez, antes de sacar. Um saque simples que cumpre seu objetivo de apenas chegar do outro lado e não aumentar o meu vexame.

O jogo é uma porcaria. *Um fracasso.* Sem qualquer surpresa, o outro time ataca em cima da Dalila, que joga a bola para a arquibancada e depois são quatro saques perfeitos do outro lado revezados em cima da Claudia ou da Dalila. Cinco a zero. Acho que não temos nem três minutos de jogo. As partidas estão terminando em doze minutos agora e sinto muita falta de quando finalizava bem antes.

Bem, nesse ritmo, as meninas do outro lado farão vinte e cinco pontos em dez minutos e a humilhação pode ter dois minutos a menos.

Mais uma bola sacada e, por um milagre, Claudia pega. Mal, mas pega. E me vejo novamente correndo atrás da bola, para salvá-la. Lucca corta para o outro lado, sem dar chance de defesa.

Se lembra da comemoração do Caíque, quando salvei uma bola impossível? Então, Lucca a repete. Ergue-me do chão e me gira!

— Sabia que você era a minha melhor escolha!

Ele me dá um beijo que só não foi na boca por eu ter virado o rosto. Imediatamente faço força para ele me soltar.

— Me empolguei. — Desculpa-se e olho feio pra ele. — *Vambora*, garotas! Temos que jogar como a Bia!

Era para o ponto renovar nosso fôlego, mas Lucca conseguiu destruir essa possibilidade.

Tatiana é a única que parece querer uma *trégua* e tentar não perder de lavada. Ela olha para trás, e vejo seu desgosto de ter que combinar uma jogada comigo, isso, se Claudia passar a bola pro outro lado. Obviamente não passa. Nossa sorte é que a gana da jogadora do outro time faz com que a bola exploda na rede.

Nós conseguimos avançar alguns pontos. Não foi à toa que as jogadoras do outro time perderam a titularidade no time principal. Eu, Tatiana e Lucca conseguimos combinar algumas jogadas que pelo menos nos livram de um vexame completo.

Uma bola é devolvida muito baixa quando estou no meio da quadra. Sei que é estupidez, mas será melhor deixar Natasha, que está numa melhor posição para recepcioná-la. Será melhor eu cortar para o outro lado.

— Natasha! — Grito pra que ela pegue a bola, mas ela nem se mexe.

— Mas que droga! Essa bola era sua! — Ela reclama estufando o peito reclamando da bola largada. — Vocês viram o que essa incompetente fez, né! Estão de prova! Errou para eu levar a culpa!

Meneio a cabeça, indisposta até para responder às suas acusações.

— Quer me ferrar só porque ele não te quer mais. — Sibila e sorri vitoriosa.

Dou um passo pra trás, como se as palavras dela tivessem me empurrado, mas a verdade é que parece que tomei um soco no estômago.

Dói.

Dói demais saber que, além de voltar pra ela, Noah está espalhando pra todo mundo que foi apenas uma noite de beijos e abraços na praça, que determinou que seria apenas aquela vez, e nem estar comigo em seus braços o fez mudar de ideia.

No segundo seguinte, apenas me encolho para a bola não bater no meu rosto.

— Ei, você está legal? — Lucca pergunta segurando meu rosto olhando-me atentamente. Sua voz preocupada não combina com seus olhos incrivelmente satisfeitos com o que acabou de acontecer.

Afasto-me dele empurrando-o. — Estou bem.

— Ela está bem. Foi só um susto.

A bola vem de novo na minha direção. Acham que o que está acontecendo é horrível e me desestabilizou. Até é uma situação horrível, tirou minha concentração na partida, no entanto ninguém aqui sabe o que é *horrível*. Recepciono e direciono a bola para Lucca. Os olhos dele brilham com o ataque perfeito. Corto a bola no meio da outra quadra.

Estou ofegante. *Com raiva*. Comemoro sozinha e silenciosa com meu punho cerrado para o alto, enquanto caminho para minha nova posição, na rede. Estou tão distraída que pouco me importa quem vai sacar.

Olho para o outro lado da quadra, de onde Noah assiste o jogo de sua posição. Está um pouco mais à frente, quase invadindo a quadra. Seu cenho franzido e os lábios numa linha fina indicam que esse jogo o preocupa.

O apito me faz ficar atenta ao jogo.

A bola passa para o outro lado e quando é feito o terceiro passe para uma jogadora que não ataca muito bem, arrisco um bloqueio.

Salto alto. Numa explosão.

A bola bate em minhas mãos perfeitamente.

E sou derrubada.

Destruo o meu ponto quando me agarro à rede, mas não foi o bastante para recuperar meu equilíbrio ao cair. Meu pé direito treme em contato com o solo.

Escuto o apito interrompendo a partida, enquanto eu tento me equilibrar apenas em uma perna. Encosto o pé direito no chão, mas um choque atravessa meu corpo tão

violentamente que o recolho de volta, enquanto me enchem de perguntas se estou bem.

— Vem aqui. — Escuto Lucca dizer e logo sou içada, enquanto ele me carrega para fora da quadra.

— Estou bem. Não foi tão ruim. — Digo incomodada por ele ter me segurado no colo.

— Sente-a aqui. — A professora fala e sou colocada numa cadeira.

É nesse momento que sinto o cheiro tão familiar e que me fez dormir parcialmente suada só para sentir um pouquinho mais de tempo.

— Você se machucou? — Os olhos dele fixam-se nos meus.

Encaro-o estupefata. — Nada que você precise se preocupar. — Sibilo olhando nos olhos dele, deixando que toda minha raiva extravase pelos meus olhos.

— Todos pra trás. — Rose impõe aos alunos que me rodeiam. — Querida, precisamos ver. — A aproximação da professora afasta Noah de mim. — Avise se sentir dor.

Ela tira o tênis do meu pé. A meia. Dói demais.

— Está inchando. Consiga gelo, Caíque.

Olho pro meu pé sem saber o que aconteceu. Fui atingida por alguém do meu time. Quando olho pra quadra, vejo Getúlio e Tatiana — os únicos por ali. Concentrada neles, escuto-a dizer que “foi um acidente”.

— Não posso levar pro campeonato jogadoras que cometem acidentes desse tipo. — Ele fala tão ríspido que arranca lágrimas da morena.

Desvio o olhar e me arrependo amargamente quando vejo Noah ao lado de Natasha. O olhar dela é desdenhoso. Ele ainda encara sério o meu pé. Como se estivesse mirando meus olhos num campo minado, quando desvio o olhar deles, vejo Claudia me fitar sem um pinga de empatia.

Um movimento no pé me causa um pouco mais de dor e faço uma careta, mas não parece ser tão ruim quanto parece.

Caíque logo volta e, com ele, vem a diretora da escola e eu fecho os olhos por essa ser uma cena muito parecida com outra que já passei. São incomparáveis os motivos e até a *dor*.

Respiro fundo. Mais uma vez. Tento não mergulhar na minha memória.

A diretora pergunta o que aconteceu.

— Foi uma leve torção. — A professora esclarece. — Quer tentar pôr o pé no chão?

— Quero ir embora. — Murmuro sentindo as lágrimas se formarem.

Ela me ajuda a levantar. O choque do contato com chão vai da sola do pé até o couro cabeludo. Mas não está *tão* insuportável. Consigo caminhar.

— Eu vou com você. — Adriana se oferece ao meu lado.

— Obrigada.

Caíque assume meu outro lado e outra pessoa a me acompanhar é Artur.

— Estou bem, gente. É sério. — Desvencilho-me deles e dou alguns passos. — Mas quero economizar um pouco os passos. Dri, pode pegar minha mochila?

— Claro.

Entrego-lhe a chave do armário e ela se afasta com Caíque. Mesmo fazendo de tudo para não olhar para Noah, é como se ele estivesse em todos os lugares.

Seu olhar é tão culpado que me dá vontade de tranquilizá-lo. Uma vontade que engulo. Agora eu não quero ser altruísta. Não quero ser aquela garota que o admirava o tempo todo, mesmo sob seu olhar indiferente.

A culpa é dele.

— Vamos ligar pra sua tia, pra ela vir buscar você. — A diretora comunica.

— Não precisa. Consigo ir andando pra casa.

— Beatriz, não é prudente. Talvez seja melhor ir ao médico.

— Não foi nada de absurdo. Vou botar gelo em casa e ficar de repouso.

Ela me olha atentamente. Não vai me deixar sozinha.

Adriana chega com a minha mochila.

— Ela pode ficar comigo lá em casa. — Ela garante que não estou sozinha e meus olhos marejam de gratidão.

Caíque assegura que me deixará em casa.

— Adriana, confirme com a sua mãe se Beatriz pode ficar em casa e ligarei para avisar Talita. — A diretora determina.

Sáimos da quadra eu, Caíque, Adriana e a diretora. Ando sem auxílio, embora Caíque tenha oferecido me levar no colo.

Não. Já tive mais atenção do que sou capaz de suportar. Vou pra casa de Adriana até que tio Diego aparece para me levar para uma emergência.

— Você estava chamando muita atenção. — Ele resmunga no carro quando retornamos para casa. Realmente não foi nada demais, meu pé não precisou ser imobilizado e o ortopedista receitou uma pomada anti-inflamatória e compressas de gelo. — Foi melhor essa saída brusca do time. Se acontece alguma coisa, e você não aguenta a pressão, quem vai ter que lidar com você somos eu e minha esposa. E não estamos preparados.

A sensibilidade do meu tio é parecida com a da minha mãe. Na verdade, vem de família, pois essas palavras poderiam ser ditas pela minha avó com a mesma entonação. Não falo nada. *Já aprendi há muito tempo que não vale à pena.*

— Você tem que pensar que recebemos você de braços abertos. — Seu tom fica mais rígido. — Tem que pensar que suas atitudes podem manchar a reputação da sua prima. E

já causa vergonha a ela.

Eu causo vergonha!

Mordo a parte interna da bochecha. Meu outro tique, de balançar a perna, só não é possível por meu tornozelo estar muito sensível.

— Tio... A Claudia sabe?

— Não. — Responde rapidamente e acrescenta: — E espero que nunca descubra. Você deve isso a mim e à Talita. Se algum dia aquela vergonha aparecer por aqui, no instante seguinte você estará num voo para bem longe de nós.

Leio mais uma vez o pedido de Adriana. Ela praticamente *implora* para eu ir pra praça. Organizaram um carnaval no principal ponto de confraternização do condomínio. Há um palco montado justamente no espaço que jogamos, e estão programados shows de cantores anônimos e até de um bloco de rua famoso aqui no Rio. Hoje, por ainda não ser exatamente carnaval, será apresentação de um DJ para tocar música eletrônica.

No começo, achei estranho. No carnaval do Rio de Janeiro, não imaginei ouvir algo diferente de samba, no entanto a apresentação de DJ é uma repetição do que aconteceu ano passado. Até na praia alguns trios elétricos fogem do contagiante ritmo típico da folia.

Sei que não adianta perguntar se pode se encontrar com Amanda, Artur ou Ricardinho. Todos viajaram. Aliás muitas pessoas viajaram e descobri que carioca se gaba de passar os dias de folia viajando para fora da cidade. Melhor ainda se forem para Angra dos Reis, Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo. Quatro paraísos no próprio estado do Rio de Janeiro de tirar o fôlego.

Foi o caso de Priscila. A família dela tem um apartamento na Praia do Forte, o local mais fervilhante de Cabo Frio. Pelo que entendi, nos últimos anos, Claudia e Natasha passaram o carnaval lá, mas minha prima resolveu bater o pé e ficar em casa porque a outra não arredaria o pé daqui. Quem também não foi viajar foi Tatiana, embora Yasmin e Patrícia tenham ido para a casa de praia do namorado da primeira.

Não é difícil descobrir por que Tatiana e Natasha não viajaram.

Pelo que ouvi, Noah também está na cidade.

Desde que dispensei sua companhia no jogo, meu coração está de mal comigo. Xinga-me de burra por ter evitado a aproximação dele quando ele parecia todo fofo preocupado. Na aula do dia seguinte, ele apenas olhou meu pé numa sandália larguinha para conferir como estava e nunca mais falou comigo. Nem me encarou.

E é suspeitar que ele não dispense um show com a facilidade que me esnoba que tira a minha vontade de ir até lá.

Meu celular sinaliza uma nova mensagem. Os grupos do colégio e da turma estão silenciados, pois eles simplesmente não param de apitar. Por estar em casa, acredito que seja Adriana e suspiro desanimada.

Desbloqueio o celular.

*** Adriana-Eu: Por favorzinho! Eu nem vou jogar! Só o Caíque que está viciado naquele jogo e espera que joguem na quadra. Eu assisto com você. Estou cotada para o campeonato, não quero arriscar acontecer alguma coisa de errado comigo. Vai que uma invejosa me dá um esbarrão? ***

Esfrego meu rosto incomodada com a insistência. Eu nunca fui muito de sair, e essa liberdade que a tia Talita permite algumas vezes é sufocante.

*** Eu-Adriana: Estou terminando de me arrumar. Preciso de vinte minutinhos. ***

Mando carinha de beijos e saio da cama.

Preciso me arrumar rápido. Tomei banho há cerca de uma hora, então só preciso escolher o que usar.

Visto um shortinho preto e uma blusa que só não é tomara que caia por ter uma meia manga ciganinha branca com um estampado florido. Calço uma sapatilha, já que o pé ainda dói um pouco da torção do início da semana. É melhor não abusar nada com salto para esse show, mesmo porque o chão da praça é de terra batida ou de grama, e pisar em falso pode piorar a torção.

Olho meu rosto no espelho. *Pálido*. Abro a porta do armário e pego minha maquiagem. Normalmente uso apenas protetor labial. Era raro eu passar um rímel ou um delineador. Acho que minha mãe só deixava quando saímos, para tirar a palidez dos meus cílios e dar um suave realce nos meus olhos.

Pego o delineador e faço um traçado firme e fino em minhas pálpebras, o acabamento de gatinho. Passo bastante rímel nos fios naturalmente longos para que fiquem negros e vistosos. Nos lábios, uso cor de boca rosado.

É nessa hora que escuto batidas na porta.

— Pode entrar.

— Drica chegou. — Minha tia fala e as duas entram. — Uau! — Fala devagar me olhando de cima a baixo. — Vocês vão à praça?

Dou-me conta que não falei com ela que vou sair.

— Posso?

Ela sorri. — Claro. Vou pegar uma coisinha pra vocês. Não saiam daqui.

Olho melhor para Adriana após a saída da tia. Ela está com um vestido curto e esvoaçante amarelo, mas o que mais chama atenção são seus lábios cobertos por um batom vermelho aveludado. Os olhos também estão marcados pelo delineador, num traço mais forte que o meu. Cumprimentamo-nos com dois beijos.

— Vai beijar o Caíque com esse batom?

— Não sai. — Ela ri. — É praticamente nosso primeiro show juntos. Temos que sair bem nas fotos. Está exagerado?

— Você está linda! — Sou sincera.

Ela abre a bolsa. — Aqui. Passe em você!

Um batom vermelho?

— Eu nunca usei.

— Não? Temos que chegar na praça arrasando! Você está muito apagadinha. — Adriana gira em seu eixo. — Você acha que ele vai gostar?

— Claro que vai. — Sorrio. — Ele só terá olhos pra você!

Ela sorri. Está completamente apaixonada. Vejo também em seu olhar as palavras que evocarão Noah.

Tanto eu quanto ele estamos presos a um fatídico encontro, uma proximidade incômoda, já que temos os mesmos amigos, frequentamos os mesmos lugares. Fora que somos vizinhos.

— Você quer passar? — Oferece o batom novamente.

— Claro que ela quer! — Tia Talita fala animada, nem sabia que já tinha voltado. — Vamos Bia! Vai ficar linda!

Adriana me estende o batom e respiro fundo antes de pegá-lo. Tiro o batom clarinho que eu havia pintado minha boca.

Lábios carnudos e rubros estão no meu rosto. Nem parece que são meus.

— Aqui, meninas! Eu já tenho guardadas há alguns anos. — Ela refere-se a oito tiaras de flores. — Vejam a que mais gostam e coloquem. É carnaval!

Escolho uma tiara de flores coloridas. Adriana pega uma de flores rosas e brancas.

— Lindas! Vão! Divirtam-se.

Nós saímos bem a tempo de cruzar com Caíque e Daniel vindo do início da rua. Daniel é da outra rua da Vila Azul, devem ter se cruzado pelo caminho até... *bem*, o destino deles é bem fácil de descobrir.

Vejo o queixo do namorado da minha amiga cair. *Ele não terá olhos para mais ninguém*. Definitivamente, não.

— Eu juro que mato um. — Ele olha incerto para a boca dela.

— Vou andando. — Digo para dar a eles o momento do beijo sem que sejam observados. — Oi, Dani.

— Oi, Bia.

Ignoro seu olhar para mim e até a leve sacudida de cabeça que deu, antes de seguir para *lá*, uma direção oposta à que eu tomo. Se eu pensar muito sobre o batom vermelho, sou capaz de voltar pra casa e tirar. Caminho lentamente para que Adriana e Caíque não precisem correr, mas não afasto muito e escuto Caíque dizer que combinou de passar na casa do Noah.

Um silêncio.

— Vou andando com a Bia e nos encontramos lá. — Adriana diz. — Não demore.

Eu amo essa garota!

Ela logo me alcança. Afinal, além dos passos lentos, meu pé está machucado. Não dói, mas evito forçá-lo.

— Borrou? — Ela pergunta. Faço uma negação conferindo seu batom intacto nos lábios.

— Se quiser podemos esperar. — Digo pra ela mais da boca pra fora do que desejando de verdade ficar parada aqui, como se também existisse alguém para segurar a minha mão ou me abraçar no caminho até a praça.

— Eu insisti pra você ir.

Eu nunca jogaria na cara dela que só vim por ela ter insistido.

— Não sabia que ele pretendia aparecer por lá.

— Deixe pra lá, Dri. — Sorrio pra ela e ponho os óculos. — Somos da mesma turma, eu o vejo praticamente o dia todo, todos os dias. Mais algumas horas não fará diferença.

Ela suspira. — Não conversamos sobre as escolhas que os professores fizeram ontem. Você está bem por ter ficado de fora? Você foi praticamente obrigada.

Adriana olha para o meu pé. Não manco. O que sinto é mais um incômodo do que dor.

— O que aconteceu deixou uma justificativa boa para eu ter saído do time. Eu não conseguiria jogar, viajar e sair em fotos, ver fotos minhas espalhadas por aí.

Adriana já percebeu minha aversão às redes sociais. Ainda ontem, antes das escolhas, fiz questão de tirar as fotos ao invés de aparecer nelas.

Valentina perguntou por que eu não queria sair nas fotos.

— *Porque não gosto de redes sociais e como não terei como acompanhar o que comentam, prefiro que não postem.* — Respondi num tom que determinava que aquela seria minha única explicação.

Mas, por dentro, eu tremia.

Não fizeram mais perguntas e Adriana me garante que eu não estou em fotos da turma. A não ser quando tiraram comigo na quadra jogando. E é por querer evitar esse tipo de exposição que mais uma vez vejo como certa a minha decisão de afastar do time.

Chegamos à praça e ainda não começou a música eletrônica. Apenas algumas marchinhas de carnaval animam as crianças fantasiadas.

Embora muitos moradores tenham viajado, o condomínio não ficou vazio. Ainda durante a semana, notei uma movimentação maior na piscina do clube, um aumento da circulação de pessoas estranhas, principalmente na parte da tarde. Nos prédios também, demonstrando que muitas dessas residências são de veraneio.

Olho para os lados, a angústia toma conta de mim. Tarde demais me dou conta que procuro certo alguém. E nada de ele e seus amigos aparecerem. Passo minhas mãos sobre

o tecido áspero do short. Não devia transpirar. Não devia ser dominada pela ansiedade de estar perto do Noah novamente. *De um jeito que deu certo.*

Encontramos muitos alunos do CAV na praça, dentro da quadra poliesportiva. Quase todos que não viajaram, alguns com seus parentes.

Vejo o choque de minha prima ao me reparar. O olhar dela é mais difícil de ignorar, mas é o mesmo espantado nos dos rostos já tão conhecidos de garotos e garotas. Fitam a mim e à Drica da cabeça aos pés. *Procuram por Caíque.*

Duvido muito que Caíque não tenha passado por aqui a caminho do condomínio. Duvido mais ainda que não tenham captado que ele e Daniel ainda não vieram, pois estão com Noah.

Pelo jeito que Natasha está vestida, ela espera por ele.

Assim como Tatiana.

As duas se empertigam, seus semblantes estão dominados pela arrogância, pela altivez e pela soberba. É necessário usar todas essas palavras para descrevê-las, mesmo com seus significados tão similares, pois elas se sentem soberanas sobre os demais. É muito ridículo as duas receberem ajuda de suas *aias* para ajeitarem o cabelo e melhorarem o visual, cobrindo seus lábios com cores fortes. Natasha escolhe rosa-*pink* para os lábios, e, dessa vez, Tatiana prefere um cor de terra.

É melhor deixá-las para lá. As duas que disputem o Noah entre si.

Olho mais atentamente a posição de todos na quadra. Rostos conhecidos fazem daqui uma pista de dança, conversam entre si, mas é um grupo sentado numa roda que desperta minha curiosidade. Garotos e garotas do colégio ou não, cerca de vinte pessoas, em volta de uma garrafa d'água ainda lacrada.

Vejo com Lucca um saco de papel. De dentro, é possível ver ponta do gargalo de uma bebida que tenho certeza que é alcoólica. Ele segura a garrafa me tirando do transe.

— Quer um golinho? É só jogar. Princesa linda. — Ele me dá uma piscadela.

— Jogo da Verdade. — Mateus dá um meio sorriso. — Vocês topam?

Esse é um jogo muito idiota pelo que vi em filmes. Olho pra Adriana. Ela parece interessada. É um jogo que pode ferrar com o namoro dela. Mas é por causa do namoro dela, de ter que ficar parada próxima ao Noah, sendo ignorada por ele, que eu digo:

— Eu topo.

Tenho muitos olhares surpresos me fitando.

Mas o que farei aqui? Fingirei que ignoro que Noah está por perto enquanto converso com Adriana? Ele com certeza vai me ignorar, e o sabor amargo dessa constatação já está na minha boca. Estar nessa praça não significa nada pra ele.

E Caíque e ela, mais cedo ou mais tarde, se distanciarão de todos para curtirem o namoro a sós. Eu ficarei sozinha no meio de um bando de gente que não me quer bem.

Jogar me dará mais chance de conversar com quem está no jogo, me enturmar, e posso até conseguir uma *consequência* para essa noite.

— Vou jogar também. — Ela fala animada.

— O Caíque não vai gostar... — Alerto e ela faz uma cara feia.

— Enquanto o Caíque não volta, vou sentar com você. Não tomo um espaço na roda.

— Você pode me dar um espacinho? — Digo para Alice, que inventou o jogo de queimado com vôlei.

Lucca abre um sorriso largo. — Hoje, você veio preparada, hein! — Ele molha os lábios e sinto uma vontade imensa de ir embora. — Como sou seu *amigo*, vou avisar que tem uma pessoinha que tem aversão a esse jogo. Depois de hoje, ele não quererá mais nada contigo.

Respiro fundo. Estou contando com isso. E, depois dessa, desistir seria passar um atestado para todo mundo de que eu ainda tenho esperança de Noah querer ficar comigo mais uma vez.

— Dê um *espacinho* pra Bia, Alice.

Ela chega para o lado. Sei que as chances de eu me ferrar aqui são muito grandes, mas eu ser conhecida como aquela que fugiu de uma verdade ou de uma consequência será muito melhor do que a garota que suspira pelo garoto que a despreza.

Quando Adriana começa a sentar, vejo Caíque.

E Daniel.

E Noah.

Ele está lindo como sempre. Está com uma bermuda listrada verde e uma camiseta preta com a Estátua da Liberdade em branco. Está completamente distraído mexendo no celular. Aliás, Noah sempre está mexendo no celular.

Aqueles que o cumprimentam mal recebe um sorriso. Contentam-se com um “oi” seco. Noah é um poço de gentileza e simpatia quase sempre. Mas quando liga o botão que o torna esnobe, saiam de perto.

É o que eu faço sempre.

— Opa! Tô dentro! — Caíque me assusta com a sua voz alta.

É claro que eu estava prestando atenção demais no amigo dele e nem me dei conta que Caíque viria atrás da Adriana. Mas me espanto ainda mais por ele querer participar do jogo.

Uma parte do meu coração se despedaça com a possibilidade de ele realmente estar brincando com o coração da minha amiga.

No entanto foi impossível até para Noah ignorar a voz sempre alta do seu amigo. Ele ergue a cabeça e olha para Caíque, que atravessa a roda sem cerimônia, até abrir um espaço ao meu lado e puxar Adriana pro seu colo.

Evidentemente, Noah me vê. Desvio o olhar no mesmo instante que seus olhos me encontram. Não vejo sua reação, mas ainda me queima com seu olhar. Permito-me apenas olhar suas pernas imóveis a poucos metros de onde estamos.

E vejo as pernas de Natasha perto dele, o que me faz querer levantar e ir embora antes mesmo do jogo iniciado.

— Não vai jogar, Noah? — Caíque pergunta jocosamente, sua voz muito alta ao meu lado. — E vou logo avisando. Quem tocar na minha namorada morre!

— E em você? — Maitê, do primeiro ano, pergunta com a voz rouca, enquanto se senta do outro lado da roda.

Olho pra ela e sei que não consigo esconder minha repulsa.

— Mozinho, você deixa qualquer uma me tocar? — Ele pergunta acariciando o braço dela.

— Claro que não. — Adriana nunca pareceu tão firme numa resposta.

— Ufa! Ainda bem! — Ele ri. — Eu já avisei pra vocês que ela ciumenta.

Olho pro lado feliz com esses dois. Eles realmente se completam.

— Todo mundo pronto? Mais alguém? — Renan pergunta.

— *Me.*

E Noah já reivindica um espaço na roda. Não se sentou ao lado do amigo. *É lógico que não.* Não se sentaria ao meu lado. Prefere me constranger, fazer com que todos acreditem que, só por estar sentado à minha frente, eu o admiro apenas por erguer a cabeça. Daniel se senta ao lado dele.

Nem uma semana depois e eu beijarei outro garoto.

Tenho certeza que essa será uma prenda caso a garrafa aponte pra mim e eu escolha consequência.

Ele já beijou outra. Pelo menos uma que eu tenho conhecimento.

Escutamos mais pedidos de licença e Tatiana e Natasha se posicionam.

Tatiana ao lado dele. Foi mais rápida que a outra. Apoia no ombro dele para se ajoelhar. Está de saia. Ele não se move, mesmo quando a mão dela o acaricia.

Talvez essa seja a noite dela, já que pegou a outra no início da semana.

Ou não. Tudo é incerto quando não consigo decifrar o olhar dele. Que me observa. Sérico. Frio. *E expressivo.* Seu maxilar está duro. Vi seu corpo enrijecer ainda mais quando Tatiana *criou* uma intimidade e lhe tocou.

Natasha se senta ao lado do Daniel.

— Alguém mais mudou de ideia e quer participar? — Lucca ironiza.

E não é que tinha! Dalila abre um espaço na roda com uma garota que deve ser

parente sua. Outros garotos e garotas resolvem entrar na roda. Conheço-os de vista daqui do condomínio e do colégio.

— Xiii! Tem gente que se empolgou. — Mateus zomba. — Pra quem não sabe, esse é o Jogo da Verdade. Não confundam com Caridade. É pra zoar, não é pra garantir milagre a alguém.

Há risadas. Sejam os honestos, não hipócritas. Alguns participantes, principalmente os últimos que entraram não são aqueles que batemos os olhos e pensamos: quero dar um beijo nele hoje. Mas o comentário é totalmente rude e desnecessário.

— A primeira será aleatória, o gargalo é quem deve responder e o outro lado pergunta. Depois a pessoa sorteada que fará a pergunta pra quem sair no gargalo seguinte e assim por diante.

— Você tá inventando isso, né? — Daniel pergunta pra Lucca.

— Acho que vai ser mais engraçado. — Lucca encolhe os ombros. — Só assim você poderá fazer perguntas pra Nath.

Todo mundo acaba concordando e a garrafa é girada.

Caíque ri. — Uhul! — Vibra ao meu lado. — Esse jogo acaba agora pra você!

A afirmativa dele foi para Noah. O gargalo está apontado pra ele, que encara firmemente o amigo ao meu lado.

— Eu sei muita coisa feia sobre você. E aí, o que vai ser? Uma verdade bem ferrada pra você confirmar ou a consequência que já imagina qual seja?

Olho brevemente para Noah e volto a fitar a garrafa. Se ela caísse um pouquinho mais para o lado, eu teria a chance de perguntar para Tatiana... se parasse um pouco antes, para Natasha.

Na verdade, poderia ser eu a fazer a pergunta para o Noah agora.

O que eu perguntaria para eles que não destroçaria meu coração?

Um coração que já está destroçado. É óbvia a consequência e ele foge dela, como se fosse honrado manter a promessa que nunca mais me beijaria. E não fui apenas eu quem percebi que ele não quer me beijar.

O burburinho de que ele mais uma vez me recusará *servida numa bandeja* começa antes mesmo de sua resposta.

— Verdade.

Escuto os estilhaços do meu coração.

Depois risadas.

Depois Caíque:

— Você está me decepcionando. Sabe o que é verdade? Que você é o idiota que hoje verá a garota que está a fim beijar outro na sua cara.

Noah não responde à provocação do amigo. Chega um pouco pra frente e gira a

garrafa olhando pra mim.

E depois dessa declaração, sim, Noah verá. Beijarei alguém, não importa quem seja. Só espero que *ele* não tenha que beijar alguém antes para eu não sair correndo humilhada. Não conseguirei vê-lo tão íntimo de outra garota.

Três rodadas depois, Lucca tira Natasha e morro de medo de ela pedir consequência. Milagrosamente, ela diz “verdade”.

— Conte pra nós, Nath... Você é virgem?

Natasha olha para o Noah e sou capaz de vomitar. Sério. A ânsia bate na garganta e faço força para engolir. A ruiva dá um sorrisinho e encolhe o ombro.

— Não. — Responde baixinho numa tentativa de parecer acanhada.

Ela fica de quatro e gira a garrafa. Os garotos só faltam babar.

Noah olha apenas pra garrafa. Se foi pra ele que ela se exibiu, mostrou o traseiro para quem estava atrás à toa.

E nem precisava da regra estúpida de ela fazer a pergunta por ter sido a última do sorteio. O gargalo para na minha direção e a base da garrafa na direção dela.

Olho nos olhos da amiga da Claudia.

E me sinto estúpida por participar dessa brincadeira.

Mas vou até o fim.

Por olhar para ela, vejo Noah. Seu maxilar fica ainda mais rígido quando ele inspira até encher completamente os pulmões. Prende o ar e o solta lentamente.

Mesmo tremendo até o último fio de cabelo, opto pelo mais seguro:

— Verdade. — Minha resposta é um sopro.

Se Natasha soubesse alguma coisa sobre mim, que minha prima tivesse descoberto e a confidenciado, ela não esperaria essa brincadeira para divulgar. Meus segredos não serão anunciados essa noite.

Ela se ajeita. Suspira e sorri. — Tanta coisa pra eu perguntar... — Solta um risinho e todo mundo ri. — Mas serei boazinha. Não quero que a Claudinha seja repreendida por sua causa.

Suspiro cansada desse discurso.

— Diz pra gente! Quantas pessoas você já beijou? — Arregalo os olhos surpresa. — Viu? Não disse que seria boazinha!

Essa pergunta não tem nada de inocente, embora as pessoas olhem pra ela como se tivesse surgido uma segunda cabeça por fazer uma pergunta que não veem nenhum sinal de maldade.

E não, eu não vou responder.

— Consequência.

Cansei de ser a boazinha e só me ferrar por isso; talvez eu queira me ferrar pelo menos uma vez sendo EU a totalmente culpada pelo meu erro.

As reações são diversas. Estão em choque. Inclusive Natasha e percebo mais uma vez o quanto eu e Claudia somos duas absolutas e completas estranhas uma para a outra.

O mais espantado é Noah que chega a estar lívido. Ele, que ficou preocupado com o que Natasha poderia perguntar, aliviou-se brevemente, já que sua ex-namorada *pegou leve* comigo.

Uma pergunta mais fácil do que a que Natasha precisou responder. *Bem*, ela estava tão à vontade em dar a resposta que só faltou dizer os dias e as horas que ela e o Noah ficaram tão íntimos.

Não. Não vou sujeitar a responder e virar um motivo maior de chacota.

Recuso-me a mentir, inventar um número razoável de garotos para uma garota de dezesseis anos ter beijado. *Isso, se tiver um número razoável para número de “beijantes”*.

O olhar dele sai de mim para encarar Natasha. Ela se força a não olhar pra ele.

— Já fiz minha boa ação e não vou quebrar a regra do jogo. Sendo assim, não farei caridade ou um milagre acontecer.

Risos. Gargalhadas. Sons que me fazem ficar zozza, e meu objetivo maior aqui passa a ser o de não cair em prantos.

— Não que eu fosse te presentear com essa consequência. *Nunca!* Agora você terá que dar um beijo de língua no Lucca. Por um minuto contado.

Lucca ri. — Se ela quiser, dois minutos. Dez beijos.

— É... já percebi que está rolando um clima entre vocês. — Ela sorri maliciosamente.

Ele começa a se levantar, mas Noah é ainda mais rápido e em duas passadas largas está na minha frente. Nem um segundo se passa quando ele pega minha mão e me faz levantar com uma facilidade que me assusta.

Mal fico de pé e ele me arrasta a alguns metros.

Protestos sobre ele interromper a brincadeira são ditos ao fundo, vozes que deixam evidente o espanto pela atitude dele.

Vozes que pouco importam.

Encaro-o ofegante. *Com raiva*. Por ele poder fazer o que quiser, ditar suas regras e não me permitir acabar de vez com esse vício que sinto por ele.

Ele também ofega. O ar mentolado soprado no meu rosto aos poucos consome minha força, a energia que necessito para seguir em frente.

— Você vai beijar aquele cara ao invés de responder uma pergunta idiota? — A voz raivosa dele é música para meu coração bater alegremente.

Um coração imbecil!

— Pra mim, não é idiota. — Sibilo, fazendo de tudo para ignorar o perfume dele e o efeito que me causa.

Estou completamente cercada por ele, capturada de tantas formas... pelo seu aroma, pelo seu rosto perto do meu, pelo seu olhar... segurar meu braço não é nada comparado com a rendição que seus olhos causam em mim. Eles, sim, me prendem, têm o poder de me manter cativa.

— Pior você que nem respondeu a sua!

— Não fui o primeiro... — O olhar dele paira em meus lábios tingidos de carmim. Ele engole em seco. — Não fui.

As duas últimas palavrinhas são ditas com tanta emoção que parece até lamentar que ele não tenha sido o único a me beijar.

É isso que meu coração quer acreditar e não vou cair nessa arapuca.

— Não, não foi, mas não quero dizer quantos foram. E não vou sair da brincadeira.

A boca dele se choca contra a minha.

Nossos dentes batem e estou de olhos abertos espantada com sua atitude brusca, enquanto os dele já estão cerrados com força.

Sua língua busca passagem para dentro da minha boca, e o que já não tinha importância passa a não fazer sentido. Abro ainda mais meus lábios e agarro seu cabelo. Ele me abraça. Sua língua me invade. Eu também invado a boca dele. Puxamo-nos mais um contra o outro num abraço apertado.

Algo cai do meu cabelo, mas não consigo me lembrar do que pode ser. Somente seus beijos importam. *Ele beija muito bem!* Beija de um jeito que mexe comigo e me faz querer que o tempo pare para que nunca nos separemos.

Tempo... quanto tempo eu tenho?

A diminuição da minha urgência causada pela angústia de não ter o menor controle do que sinto ou das interações entre mim e Noah afasta seus lábios dos meus.

Estamos ofegantes. Ouvimos palmas. Assovios. Sons distantes e menos expressivos que nossas respirações. Não consigo enxergar, sentir, ouvir nada que não seja *Noah*.

— Vamos sair daqui. — Ele diz nos afastando ainda mais de onde estávamos.

Seu braço passa pelo meu corpo, prendendo-me com sua mão bem firme em minha cintura. Só que agora não preciso ser arrastada para qualquer lugar.

Quero tanto quanto ele encontrar um lugar para ficarmos sozinhos.

*“Ah se tu soubesses
como eu sou tão carinhoso
e muito, muito que te quero!
E como é sincero meu amor
eu sei que tu não fugirias
mais de mim...”*

Aos poucos a letra de *Carinhoso* começa a fazer sentido. A bela canção de Pixinguinha (cuja letra aprendi na aula de Música ter sido composta por João de Barro) provavelmente começou a tocar quando ainda estávamos beijando no meio da quadra.

Não ouvi.

Naquele momento, meus sentidos estavam todos voltados para o Noah que me envolvia em seus braços e me apertava com força contra o seu corpo, intoxicando-me com seu perfume delicioso, o melhor cheiro do mundo e altamente viciante. Nada era mais importante do que sua boca colada à minha num beijo sôfrego, no qual derramávamos nossa paixão.

Desde que o vi pela primeira vez, meu coração bate feliz.

É praticamente impossível controlar o meu olhar sempre em busca do Noah, não importa onde estamos.

Em meio a tantos sucessos atuais, nacionais ou não, se eu fosse escolher uma canção para mim e Noah, essa talvez não fosse sequer lembrada na minha *playlist*, até porque ela está absolutamente fora da minha listagem de músicas mais ouvidas.

Mas ela é perfeita para nós...

...pois mesmo assim Noah foge de mim.

A ponto de eu me sentir desprezada.

A ponto de eu ser motivo de chacota.

A canção volta ao início. A parte mais conhecida é cantada a plenos pulmões na praça. Há um coro de crianças entoando alegremente esta música tocada numa melodia gostosa de marchinha de carnaval.

Perdida em pensamentos e ainda muito desnorteada com o beijo, com a música, com a brincadeira nada inocente da qual participávamos, mal percebo que Noah nos trouxe para o banco onde demos continuidade àquela noite maravilhosa.

A noite ainda não caiu totalmente, o que torna esse lugar conhecido e estranho ao mesmo tempo. Naquele dia estava tão escuro e essa é uma parte tão deserta e mal

iluminada da praça, que era possível ver apenas a silhueta do banco. Achei que a madeira estava pintada de preto, mas agora vejo que é da cor das copas das árvores.

E eu estava com Noah, após o nosso primeiro beijo. Nada mais importava.

Seu braço me deixa, e o abraço gostoso que me envolvia enquanto eu e ele cruzávamos a praça acaba. Um arrepio frio me atinge nessa tarde ensolarada de verão. Um arrepio vindo da minha alma.

Talvez seja a minha razão me sacodindo para que eu não fique sonhando acordada com mais um *hoje*, já que meu coração bate freneticamente exigindo mais um *agora*.

Ele se senta e segura a minha mão. Quer que eu me sente em seu colo.

Forço-me a ficar de pé.

A testa dele enruga. — O que foi?

Sinto muito, coração.

Ele me encara e encara, e as palavras simplesmente não saem.

Eu não consigo perguntar o que ele quis mostrar pra todo mundo com esse beijo e depois me trazer para cá. Tenho medo de perguntar se Caíque estava totalmente certo. Não sobre eu beijar, mas Noah ver a *garota que gosta* beijando outro.

— Vamos voltar. — Ele diz bem sério, levantando-se do banco, sua altura, como sempre, me fazendo pequena ao seu lado.

Sua determinação de sair daqui me traz pânico. Respiro fundo para recuperar o fôlego que perdi após ele dizer que não vai ficar mais aqui comigo.

Eu não sei o que fazer.

Eu não sei o que dizer.

Apenas tenho certeza que não volto para perto daquele grupo.

— Eu vou ficar aqui mais um pouco e depois volto pra casa.

Covarde.

Não sou tão corajosa quanto Tatiana, mesmo com a possibilidade de ele virar as costas e me riscar de vez da sua vida na frente de todo mundo.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha!

— Qual é a diferença de me deixar sozinha *agora*, se você vai voltar a fingir que eu não existo?

Ele abre a boca, mas se cala. Engole em seco.

Minha visão fica turva, a vontade de chorar me consome. Está difícil fazer com que as lágrimas não caiam. Até que desisto. Ele vai me ignorar. Falar ou não alguma coisa não fará a menor diferença, assim como eu derramar algumas lágrimas não mudará nada.

Vou pra casa e ele vai aparecer na frente daqueles carnicheiros que não cansarão de

fazer piadas sobre a atitude dele. Falarão durante o carnaval inteiro e depois por todo ano letivo.

Só foi para tirar a idiota aqui do jogo.

Só foi para me iludir mais um pouquinho.

Noah é capaz de voltar e beijar todas que caírem em *consequência*.

Entretanto o que está entalado na minha garganta precisa sair. Palavras que causam um nó e exigem que sejam ditas antes mesmo das lágrimas caírem. Olho bem nos olhos dele para que ele veja o que me causou.

Quero que se sinta culpado!

— Doeue você já na segunda de manhã entrar na sala depois de pegar a Natasha no corredor.

Ele desvia os olhos dos meus. Por um mísero instante, eu tive esperança de que ele falaria que não a beijou naquele dia, e eu me agarraria a essa negação mesmo sabendo que é mentira.

É nisso que o Noah está me tornando: uma iludida disposta a me enganar só para ficar com ele. Assim como as outras.

— Eu não tenho direito de cobrar nada de você, pois você deixou claro que seria apenas um lance de uma noite. *Mas doeue!* Doeue você continuar a me ignorar o tempo todo. Você agiu como se não tivesse sido importante, como se aquele dia que ficou comigo fosse como qualquer outro.

Minhas palavras o atingem. Ele está ofegante. Tenho muito mais a falar, mas estamos pondo um ponto final de vez no que aconteceu, até que ele vá para longe de mim e — juro, *juro por Deus* — que nunca mais permitirei que se aproxime!

— *Você* me afastou de você. — Rebate com o sotaque mais carregado que o normal. O maxilar está rígido, seus dentes trincados.

Estou chocada. — Eu te afastei?

— Sim! — Está ainda mais alterado, como se eu o tivesse ofendido por trata-lo daquela forma. — *Você* me afastou depois que caiu lá na quadra. Eu vi que não queria que eu chegasse perto de você!

Será que posso culpá-lo de ter torcido o tornozelo por causa das rixas existentes em prol dele?

Na hora, eu culpei.

E se eu e ele estivéssemos juntos *pra valer*, ao invés de uma torção, aquelas loucas teriam quebrado minha perna.

— Como você queria que eu reagisse após você entrar na sala depois de uma sessão de beijos com a Natasha? — Sei que estou falando alto, mas pouco me importo, até

porque esse ponto da praça está tão vazio quanto naquela noite. — Eu prometi, Noah, que não ficaria no seu pé, mas, *caramba*, segunda antes da primeira aula? Diz que não fez isso pra esfregar na minha cara que você não se importa comigo. Ainda por cima, estava com uma roupa igual à que usou quando ficou comigo.

A respiração dele fica ainda mais rápida e forte. Eu só posso estar louca por ter uma *D.R.* com alguém que nem namorado meu é. Surpreende-me ele ainda não ter me dados as costas, já que estou conseguindo sufocá-lo num nível ainda mais elevado.

Mas a surpresa maior vem após ele respirar fundo e dizer entredentes:

— Eu não fiquei com a Natasha! — Urra e dou um passo para trás assustada com sua fúria. — Eu vi que ela limpou o rosto, ajeitou a roupa... — Seu rosto reflete o nojo explícito na voz. — Odiei a maneira que você me encarou, acreditando, e ainda acredita, que fiquei com outra depois de você!

Essa declaração me petrifica.

Eu não estou entendendo mais nada.

Meu coração, no entanto, dá piruetas, após ter perdido uma batida, com a negação de que ele ficou com a ex-namorada.

Um coração que aprendeu a se iludir rápido e facilmente.

Nem parece que fui criada para ser sempre racional.

— Por quê?

Nem sei se ele me ouviu. Foi um sussurro tão fraco que até o som das folhas ao vento pode ter encoberto minha pergunta.

— Porque... — Ele respira cansado.

Há uma agonia tão grande nos olhos dele que faz com que as lágrimas rompam a barreira dos meus olhos e rolem pelo rosto lenta e tristemente.

— Por que, Noah? — Insisto.

Ele não responde. Senta-se no banco de novo. Mesmo com as lágrimas no meu rosto, é impossível eu tirar meus olhos do dele.

Há... Há dor.

Muita dor.

— O que está acontecendo, Noah?

Ele baixa a cabeça. Suas mãos vão ao cabelo e ele puxa os fios com força. Sua respiração está tão forte que ele emite baixinho sons guturais.

E me pego com medo de descobrir por que ele está assim.

O problema é que é impossível eu assisti-lo quase desmoronando na minha frente sem reagir. Ergo minha mão e deixo que paire por alguns segundos sobre a cabeça dele. Tremo. Estou tremendo muito. Tenho medo do que ele tem a dizer.

— Você pode confiar em mim. — Sopro as palavras para ele, sentindo que *ele* precisa desabafar.

A hesitação é vencida e eu o toco. Afago de leve e ele estremece. Ficamos assim não sei por quanto tempo. Tenho medo de mexer meu corpo. Apenas meus dedos se enroscam suavemente em seu cabelo macio, por entre seus punhos agarrados a mechas de um jeito que com certeza lhe causa dor.

— Acho que me apaixonei por você no primeiro instante que te vi. — Murmura me despertando.

— O quê? — Minha voz, ao contrário, soa alta e estridente.

Ele ergue a cabeça. Os olhos estão vermelhos e mais brilhantes.

Marejados.

— Tá. — Suspira. — Talvez seja um exagero dizer que me apaixonei por você desde a primeira vez que nos vimos, mas eu quis muito ficar com você naquela noite. Estava com tantos problemas... E você estava lá na minha casa. Uma garota que nunca vi. Aí, antes de eu saber mais sobre você, Natasha pulou em cima de mim.

— Foi a Tatiana. — Corrijo séria e surpresa.

Ele encolhe os ombros um gesto quase imperceptível. Como se ele realmente não se recordasse ou *não se importasse* qual das duas tinha quebrado nossa troca de olhar. Em seguida, respira fundo e engole em seco.

— Perguntei quem era você pro Daniel. Ele falou que ouviu que você era prima da Claudia, mas estava incerto. Na hora nem consegui entender, pois logo depois você se cortou, as pessoas ficaram gritando como se fosse um filme de terror. Não sabiam se era você ou Adriana quem tinha se machucado.

— E aí... a vontade de ficar comigo acabou.

Ele dá um meio sorriso um pouco constrangido.

— Naquela noite, sim. Estava preocupado demais, sabia que ouviria poucas e boas do meu pai. Eu tinha acabado de discutir com ele, e tinha certeza que ele ia me encher o saco de novo.

Ele rola os olhos e fica evidente que a conversa não foi nem um pouco agradável depois que fui embora.

— Aí, depois descobri que você realmente era prima da Claudia, fiquei pensando no jeito que você me olhava e... — ele respira fundo — ...e eu risquei você para não ter mais problemas.

— *Mais problemas...*

Ele encrespa a testa. — Mesmo achando bizarro você e sua prima se ignorarem, só conseguia pensar na campanha que ela faz para eu voltar para a Nath multiplicada por mil só por vocês serem parentes. Talvez *sem* deixar de fazer campanha pra amiga.

Eu não sei dizer o que impera em mim por ouvir seu desabafo. Tristeza, ressentimento, irritação... *esperança*...

— E me ignorou. — *Me desprezou*, mas não verbalizo essa palavra pior do que a outra. — Como vai ser a partir de agora? Vai continuar me ignorando? Me vendo como um problema?

Ele dá uma risadinha amarga.

— Você nunca vai deixar de ser um problema.

Dito isso, ele levanta e me abraça. Prende-me em seus braços com força, envolvendo-me novamente sob o manto de sua fragrância suave e deliciosa. Sem contar o seu cheiro. Cheiro de Noah.

Sua pele tem um cheiro tão bom!

Noah acaricia meu rosto com o seu, um resvalar mais leve do que o toque de uma pluma. Sua respiração me faz cócegas, me arrepia e me derrete. Tudo ao mesmo tempo e solto um arquejo fraco.

Acarinho suas costas, resistindo ao impulso de virar o rosto para ele, e sentir seus lábios nos meus e os beijos que só ele sabe dar.

Eu não quero ser um problema.

— Por que eu nunca deixarei de ser um problema?

Ele afasta o rosto do meu. Seu olhar é duro.

Acabou a leveza do segundo anterior.

— Sabe qual é o *problema*? — Sua voz fica fria e me espanto com a brusca mudança de humor. — O problema é que esse é talvez meu último ano no Brasil. *Se eu tiver sorte*, meu pai me deixa terminar o segundo grau aqui, mas, por ele, deixo o país no meio do ano, começo a estudar num colégio em Nova Iorque para conseguir uma vaga nas melhores faculdades de lá. Quer que eu vá pra Columbia. Nada de escola, nada de amigos, nada de vôlei, nada de... *nada de você!* Esse é o meu problema.

Ele se afasta de mim, como se meu corpo o queimasse. Uma violência que só não é completa por não ter me empurrado, embora uma sensação de *vazio* se aposse de mim e cause muita dor. Um passo dado para trás que é quase como se fosse o último impulso para se precipitar numa queda sem fim.

E é como se ele estivesse caindo a julgar pelo tormento em seu rosto.

Já eu, continuo num imenso *vazio* e já nem sinto meu coração.

Noah vai embora?

— Então o problema é eu não poder me apegar a nada que eu tema deixar pra trás. A solução era simples! — Ele encolhe os ombros e bufa. — Seria o garoto que pegava todas as garotas do colégio. *Seria fácil!* Nunca me apaixonei de verdade. Fiz a festa pra zoar e

pôr meu plano em prática.

Ele leva as mãos à cabeça. Solta um arquejo alto, como quem reprime um grito.

— Aí meus amigos começaram a chegar. *Putz!* Vi aquelas pessoas que fazem parte da minha vida desde que eu era criança. Colegas de escola, companheiros do vôlei, amigos de uma vida inteira me parabenizando pelo meu aniversário, dizendo que estavam felizes por eu voltar. Sabe, eu não quero! — Desabafa exasperado. — Não quero perder o que eu tenho!

— Eles sabem? — Ele me encara e acho que nunca vi alguém tão dilacerado. — Seus amigos sabem?

Ele meneia a cabeça. — Não tenho coragem de contar. É como se tornasse minha partida mais real. Não quero que me olhem como se se despedissem de um doente terminal. E aí, pra completar a droga que minha vida se tornou, você surge com todos os problemas que eu já falei. Não sabia se me irritava mais você me atrair, você não parar de me secar... — Ele me olha de cima a baixo de um jeito tão apreciativo que se torna invasivo. — Você é tão linda e tenho a vontade de quebrar os dentes dos caras que falam na minha cara o quanto te desejam. Quero matar todos que debocham de você por eu fingir que você não existe. E quero me matar por fazer com que acreditem que você não é especial.

Meu queixo está caído. Eu realmente não esperava por nada disso.

— Natasha me encontrou aqui, nesse banco. Na segunda-feira. Era onde eu estava. Teria que encarar mais uma semana de aula, mais horas a fio ignorando você, aturando as zoações... Quis me agarrar a promessa que fiz de que seria apenas aquela vez e vim me despedir desse lugar.

Noah segura meu rosto com as duas mãos e olha nos meus olhos. Seu polegar acaricia meu lábio, contornando-o, sentindo a maciez. Ele dá um meio sorriso, uma mistura de tristeza e alegria que faz mais lágrimas rolaem dos meus olhos. Seu dedo sai da minha boca e desliza pela minha bochecha limpando o rastro do choro.

— Tão linda! Mesmo chorando... — Suspira. — Quando vi pela primeira vez a mudança no seu olhar... quando você me olhou com raiva pelo que ouviu de mim e do Caíque, eu não aguentei. Desculpe falar isso, mas eu sabia que você iria ficar comigo e resolvi deixar minha vontade de beijar você falar mais alto. Nem me passou pela cabeça o contrário. E eu ficaria com a garota que mexia comigo, mataria o que eu achava ser curiosidade e tudo voltaria ao normal. *E me ferrei. De vez.*

Eram todas essas palavras que ele escondia de mim em sua indiferença? Todo esse tempo, sentindo-me ignorada, desprezada e até humilhada e ele confessa que sempre quis ficar comigo?

— Então, naquela segunda-feira, — ele continua — eu estava aqui no banco, querendo arrumar um jeito de enfrentar mais algumas horas ao seu lado, quando eu já sabia o sabor dos seus lábios, conhecia o seu perfume adocicado, sabia o que era ter você em meus braços.

Ele respira fundo e vejo que, por hora, ele não tem mais nada a dizer. Nem sei se eu aguentaria ouvir mais alguma coisa.

Desvio o olhar para o nada. Não sei o que pensar. Preciso pôr minha cabeça no lugar.

Nós poderíamos ter ficado desde o primeiro dia. Hoje, teríamos trocado mensagens para eu vir para esse show e nós nos beijaríamos sem o drama todo do jogo da verdade.

— Você quer namorar comigo?

Tudo para enquanto tento encontrar um sentido para o que ele acabou de pedir.

Meu coração não bate.

Não consigo respirar.

Sequer tremo.

Tudo que ele acabou de desabafar me atinge como uma avalanche.

Me soterra.

Me esmaga.

Meu coração volta a dar sinal de vida, e, com suas batidas frenéticas, tenta responder que “sim”, um estúpido e inconsequente.

Pior é minha consciência. Ela tinha que mandar meu coração ficar quieto, ao invés de repetir esse mesmo “sim”, e que devo aproveitar ao máximo o tempo ao lado dele num namoro de dias contados.

Meus ombros são acariciados e é o susto por não esperar ser tocada que me tira desse transe, nesse conflito que não deveria sequer existir, já que a voz da razão e a da emoção batem até palmas enquanto cantam “sim”.

O que é esse terceiro eu que grita para que eu tenha cautela?

Esse *terceiro eu* que só vê o que eu sinto pelo Noah aumentar até chegar ao infinito e eu não conseguir sobreviver quando ele partir. O *terceiro eu* que já foi empurrado para dentro de um poço de sujeira e podridão, e sabe que a escalada de volta para cima é difícil e escorregadia, tanto que voltou a cair e, agora que reencontrou a luz do sol, ainda sente o beiral frio e fétido bater nas costas do joelho. Reconhece que o menor empurrão é capaz de me jogar lá dentro de novo, possivelmente sem que eu consiga me reerguer novamente. Essa voz que teme que Noah seja arrastado comigo.

Talvez seja minha alma. Já passei por coisa demais para uma vida e ela não quer mais arriscar. Ela é a parte de mim que já não acredita mais e que zomba da esperança que ainda tenta se manter firme em minha mente e faz meu coração ser tolo.

Noah me encara incrédulo diante do meu silêncio.

— Você não quer namorar comigo? É isso? Tanto fez pra chamar minha atenção e agora que abri meu coração você não me quer mais?

Meu Deus! Levo as mãos à cabeça, razão, emoção, alma...

Será que Noah não é minha alma gêmea e é por isso que ela o renega?

Bem, se ele não é quem eu devo esperar uma vida inteira, fica mais fácil.

Posso ignorar seu alerta e aproveitar que a razão e a emoção estão em comunhão.

— Dois a um.

Ele enrugando a testa. — O quê?

— Me beije, Noah. — Fecho os olhos. — Apenas me beije.

Não abro os olhos.

Entreabro os lábios. Deixo que o ar de dentro de mim passe pela barreira rubra, enquanto espero por ele.

O primeiro toque é no contorno da minha face. Seus dedos descem lentamente pelo meu rosto, chegam ao pescoço e abraçam minha nuca. Sinto seu passo aproximando-se de mim, invadindo meu espaço e trazendo consigo a fragrância que posso dizer que amo.

Posso sentir também a sua respiração em meus lábios. Não sinto que hesita. Parece que, como eu, seus olhos estão cerrados, tornando esse momento memorável pelos nossos outros sentidos, para que, a cada vez que fechemos os nossos olhos, consigamos nos lembrar de tudo com riqueza de detalhes.

Sua mão vai ao meu quadril, sobe um pouco até a cintura e desliza para minhas costas.

Umedeço meus lábios e posso *imaginar* o meio sorriso que dá para mim, por ter percebido meu gesto.

Então, vem o primeiro toque. Um resvalar fraco de nossas carnes tenras e aveludadas. Ele mordia meu lábio, o que me sobressalta. Quando o solta, vem com tudo. Mais uma vez nessa noite, nossos dentes se chocam, nós nos apertamos um contra o outro, enquanto nossas línguas bailam ao som de uma música.

O primeiro beijo como namorados é uma mistura de delicadeza com fogo ardente. Uma combinação marcante, intensa, possessiva e carinhosa e é isso que eu quero para o nosso relacionamento.

Quando separamos nossas bocas, estamos ofegantes, ele sentado no banco e eu em seu colo. Não faço a menor ideia de quando decidimos sentar, quem deu o primeiro passo, ou como sabíamos que estávamos pertos o suficiente do banco para que sentássemos sem quebrarmos aquele beijo mais do que necessário.

E parar para respirar novamente demonstra ser uma perda de tempo.

Sua mão me prende pela cintura, enquanto olho para a copa das árvores, recuperando o ar que esqueci de respirar durante o beijo. Porém Noah parece estar mais disposto a me sufocar, numa vingança deliciosa pelo tempo que teve que suportar meus olhares e ter que recusá-los.

Sua arma? *Beijos*. Muitos beijos no pescoço, uma tortura deliciosa que já experimentei e estou adorando descobrir o quanto ele adora me beijar o pescoço.

— Você não sabe como é bom estar finalmente assim com você. — As palavras são respiradas no meu pescoço, a brisa corre para dentro da minha blusa e me dá arrepios.

— Sei sim. — Olho em seus olhos. — Sei muito bem.

Já escureceu um bocado desde que chegamos aqui, um lugar pouco iluminado. Ainda assim, por estar olhando em seus olhos de tão perto, pela primeira vez vejo um risco dourado no olho direito.

— Você tem olhos tão lindos! — Ele sussurra. — Olhos da cor da lua. Meu par de luas. Promete que não vai olhar assim para mais ninguém?

Sorrio por tantos motivos que não sei qual me entenece mais.

Definitivamente o fato de nossos pensamentos estarem em sintonia.

Guardo pra mim que fitava atentamente os olhos dele também.

— Não sabia que você é romântico.

Ele dá um meio sorriso. — Não sou muito. — Encolhe os ombros. — Ninguém mandou ter olhos de lua cheia.

Dou um risinho. É tão bom estar assim com ele que tenho medo de estar num sonho. Sonhos que nem tenho mais.

Pensamento para o fundo da mente... agora!

Desvio meu olhar do dele e miro a praça. Parece mais cheia agora com o cair da noite. O DJ ainda não está tocando, porém as marchinhas foram substituídas por hip hop e alguns funks.

— Vamos voltar pra quadra? — Ele pergunta.

Por mim, ficaríamos aqui mais um pouquinho. Ele também não parece muito satisfeito em voltar. Mas recordo-me imediatamente de Adriana sozinha no meio daquela gente que pouco ou nada fala com ela e sorrio, indicando que concordo em voltar.

Saio do seu colo. Mal fico de pé, ele me abraça pelo quadril. Sua boca pede mais um beijo que eu seria louca se recusasse.

Mais um beijo maravilhoso e inesquecível.

Então, ele levanta sem me soltar e sou içada para o alto. O susto me faz soltar um gritinho e agarrá-lo com força.

Seu sorriso é enorme e eu sorrio imediatamente. E nos gira. *Deus, estou muito alta!* Acho que ficou evidente o susto em meu rosto e até um pouco de pavor instintivo de cair e que me fez sorrir mais. E ouvir uma gargalhada sonora dele que reverbera por todo o meu corpo me deixa em êxtase!

— Sempre quis fazer isso! — Ele sussurra olhando nos meus olhos.

Não aguento ter sua boca assim, tão perto da minha, e não aproveitar para mais um beijo. Ele corresponde sem hesitação e afrouxa aos poucos o aperto em meu corpo, se inclinando devagar para me pôr no chão. Só então paramos de nos beijar.

— Como está o seu pé?

Seu braço passa pela minha cintura antes mesmo da minha resposta e nós damos o primeiro passo em direção à quadra.

— Já está melhor.

— Você manca... às vezes.

Ele reparou!

— Manco quando sinto um pouco incômodo. — Respondo contendo a alegria para que ela não fique explícita na minha voz. — Não chega a doer realmente. Só quando faço muito esforço.

— Entendo. — Do jeito que ele fala, não duvido que entenda. Não é estranho, já que ele é um jogador e lesões já devem ter lhe ocorrido, mesmo que simples.

Sinto sua mão descer pelo meu quadril e ele prende o dedo no cós do short. Respiro fundo com essa atitude inesperada. Todavia ele foi tão natural em seu gesto, que não tenho coragem de pedir para parar de ser tão íntimo. Tirando o polegar, que ficou um tanto indecente, a palma continua aberta, contornando meu corpo.

Não sei se ele percebeu que, assim que agiu com toda essa intimidade, enrijei um pouco. Talvez, sim.

Eu nem precisaria de Natasha declarando na frente de todos que já tinha ido pra cama com Noah, para saber que ele não é mais virgem. Essa é mais uma prova — pelo menos para mim — de que ele é bastante íntimo com o corpo feminino.

Já estamos bastante perto e já repararam que estamos de volta. Cutucam quem está do lado para que nos vejam. Respiro fundo e essa é apenas a primeira vez que essa necessidade de obter mais ar surge.

— Apenas ignore. — Ele diz quando estamos bem perto.

Olho para ele tentando me controlar. — Ignorar o quê?

Ele olha pra frente brevemente e interrompe nossa caminhada. Sem me soltar, ele para na minha frente. *Seu polegar indiscreto saiu de dentro do meu short e me pego sentindo falta desse toque.*

Estar na minha frente me encobre protegendo-me da visão dos outros e vice-versa.

— Uma das coisas que eu mais gosto em você é que não se preocupa com o que os outros pensam.

Ele pega minha mão. Sua testa franze levemente por notar a umidade. Engulo em seco por ele ter percebido e devo ter corado um pouco por causa dessa reação do meu corpo incontrolável e que ele pode considerar nojenta.

— Você não faz a menor questão de impressionar essas pessoas. Sequer agia para me impressionar. Gosto disso em você.

Dou um meio sorriso por ele não questionar minhas mãos suadas. Ao invés disso, ele

olha pra cima e abre um sorriso lindo.

— Realmente. Olhos de lua cheia.

Olho para o céu atrás de mim e vejo a lua. Redonda e prateada. Está bem baixa no horizonte, o que a deixa incrivelmente grande e bela.

Que honra ter meus olhos comparados à lua dos apaixonados!

— Pronta? — Ele me dá um beijo rápido. — Vamos?

Assinto, e novamente seu dedo encontra caminho para dentro da minha roupa. Respiro fundo. E o escuto dar uma risadinha. Olho pra ele.

— Você fica ainda mais linda assim vermelhinha.

É claro que sua fala me deixa ainda mais “vermelhinha”;

Sua declaração também deixa evidente que não deixará de agir desse jeito naturalmente íntimo.

Infelizmente a leveza logo some, pois passamos pelo portão da quadra e se há quarenta pessoas aqui, acho que o *dobro* nos encara. Sua mão em meu quadril me aperta, enquanto reflito quão errado ele está sobre eu não me importar com o que as pessoas pensam.

Para minha sorte, os primeiros rostos que começam a fazer sentido são os de Caíque e Adriana. Ela me dá um sorriso acolhedor, enquanto ele sorri satisfeito, assim como Daniel ao seu lado. Vamos ao encontro deles, que por serem os mais populares, estão rodeados dos outros nossos colegas de classe.

— Minha moreninha implorou pra eu não falar nada sobre vocês dois finalmente juntos. — Caíque, como sempre, tem que ser o primeiro a se pronunciar.

Adriana rola os olhos. Está se acostumando ao jeito do namorado.

— Aqui. — Ela estende a tiara de flores. — Você deixou cair.

Olho para o acessório de flores coloridas e para a cabeça dela que ainda tem a tiara de flores que tia Talita lhe presenteou. Nem sei quando eu perdi a minha... *ou melhor: sei.*

O responsável por derrubar a tiara da minha cabeça a pega das minhas mãos e faz questão de colocar de volta.

Pela primeira vez, consigo relaxar no meio de todo mundo. Bem, não estou totalmente relaxada, os olhares me incomodam bastante, mas Noah faz questão de me ter por perto, sempre abraçada a ele, com o dedo indecente preso à minha roupa. Um dedo que obviamente reparam.

O incômodo de verdade surge quando ele pega o celular para digitar mensagens. A posição do aparelho indica que a conversa não deve ser lida. Assim que paramos perto de seus amigos, ele catou o celular no bolso e agora faz de novo.

— Vamos à sorveteria comprar alguma coisa pra beber?

Já tem um tempinho que estou com sede e agora, com o pedido de Adriana, minha

garganta parece o Saara.

— Vamos. — Respondo e Noah se prontifica para ir também.

Ele guarda o celular no bolso. Ponho minha mão sobre a mão indecente dele, que sai do cós imediatamente. Ele entrelaça nossos dedos e fico feliz por ele não querer me deixar, embora eu não queira que vá comigo.

— Que foi?

Olho para o rosto dele atrás de mim. Ele aceitou como um convite para um selinho, um contato tão rápido e inesperado entre nossos lábios que nem fechamos os olhos.

— Vou comprar uma água. Quer?

— Vou com você. — Ele insiste.

Olho pra Adriana e noto que quer ir sozinha.

— É rapidinho. — Digo e ele estreita o olhar. — Não demoro.

Afasto-me após o beijo. Não observei, mas acho que Adriana também deu um beijo no Caíque.

— Está tudo bem? — Pergunto preocupada com ela, depois que saímos da quadra.

Caminhamos lentamente. Vi um vendedor no meio da praça por causa do show, então não precisaremos ir para a sorveteria que fica do outro lado e ainda poderemos ficar um pouco mais próximas do palco.

— Eu é que pergunto. — Ela devolve. — Vocês estão ficando de novo?

Sorrio sentindo minhas bochechas quentes.

— Ele me pediu em namoro.

Ela para de andar e me vira pra ela.

— Pediu em namoro?

Espanto-me por esse alarde que ela está fazendo. Que eu saiba, Noah é um garoto que namora.

Se bem que ele declarou nunca ter se apaixonado de verdade...

— Se as outras souberem que rolou até pedido de namoro, vão surtar.

— Bem, não tem por que ele fazer um anúncio que estamos namorando.

— Pelo que eu sei, elas que praticamente o pediram em namoro.

— A Natasha e a Tatiana?

Ela faz uma careta. — É, elas que surgiam com o papo de estarem namorando com ele, e ele também não ficava com mais ninguém. Por falar na Nath, ela começou a chorar. Foi embora com a sua prima.

Tento ver pelo lado positivo de que Claudia realmente é uma boa amiga. O outro lado positivo que encontro é eu não ter que ver o olhar assassino da ruiva.

Paramos na barraca de bebidas e decido comprar uma água e um refrigerante de uva. Bebo a água quase até a metade para aplacar a sede. Depois abro o refrigerante e beberico.

— Caramba, então você fisgou mesmo ele! Ele está olhando pra cá.

Rio sem olhar para trás. *Fisquei o Noah*. Sim! Depois de tudo o que ele me disse, sim, eu fisquei.

— Oi, meninas! — Demoro até um pouco para reconhecer a voz sorridente. E espanto-me ao constatar que a adivinhação que fiz, embora que surreal, estava certa: Dalila. — Ah! Estou morrendo de sede também. Pode me dar um gole? — Aponta para a água.

— É pro Noah.

Ela olha pra água e me dá um dos sorrisos mais cínicos que tive oportunidade de receber em toda minha curta existência. Em seguida, começa a falar. E fala, fala, fala, conversa comigo e com a Dri como nunca conversou enquanto namorava o Artur. Aliás, ela não gostava de mim e da Drica. Mas minha amiga não parece tão incomodada agora com a aproximação da Dalila, e as duas conversam a ponto de eu quase me sentir excluída. Honestamente, acho esquisito Adriana dar trela para ela.

Nós voltamos e ela se inclui na roda. Vi o olhar incomodado do Noah e imagino que seja por ele ter percebido que Dalila não era uma pessoa muito próxima a nós. Aquela partida que me tirou definitivamente como opção para representar a escola no vôlei evidenciou para todos que entre mim e Dalila não tem conversa. Até Tatiana se rendeu e combinou jogadas, antes de me derrubar e me tirar do time.

Essas rixas pouco importam agora. Eu e Adriana começamos a dançar e outras garotas se aproximam. Noah e Caíque estão comprometidos, mas os outros estão livres demais para serem ignorados. Evidentemente que meu namorado e o da minha amiga não param de receber olhares desejosos. Não é para menos: são os mais bonitos, estrelas do time. E, como outras garotas ficaram perto de mim e da Dri, Tatiana e Dalila encontraram uma brecha para se exibirem.

— Caíque, tá a fim de piscina e um churrasco lá em casa, amanhã. — Noah fala e o amigo abre um sorriso. — Topa, Dani?

— Claro!

— Leve alguém. Não vou chamar muita gente.

Quem está por perto e na expectativa de também ser convidado, se surpreende com o pedido e a sinalização de que será uma festa íntima.

— Tá legal. — Daniel encolhe os ombros, como se fosse algo comum o que ouvir.

— Vai ser assim agora? Vai ignorar todo mundo? — Tatiana reclama.

Seu olhar recai sobre mim. Não só o dela.

— Você, mais do que muita gente, sabe que nem toda reunião de amigos lá em casa é com a participação de todo mundo, principalmente quando é pra tomar banho de piscina. Se é pra todo mundo ir pra piscina, a gente pode combinar algo maior no clube. Alguém

vê se está disponível, aluga e cada um leva alguma coisa.

— Não... é que...

— Está fazendo esse alarde à toa. — Sua voz soa mortamente calma.

— É que eu nunca fiquei de fora.

— Mas não se opunha quando *a outra* ficava. — Caíque-língua-grande fala parecendo farto da conversa. — Cara, *tu nem sabe* se está de fora e está perturbando.

Ela fica vermelha. E esperançosa. Olha para Noah com um olhar de cachorro pidão.

— Mesmo quando nós namorávamos, *outras* também iam.

— Vou montar a lista depois. — Ele diz secamente para encerrar o assunto. — Criarei um grupo pra festa, como sempre faço.

Ela dá um sorriso e volta a dançar.

Eu não sei o que vou sentir se ela for à festa. Preferiria que ela ficasse de fora. É a última ex-namorada que ele teve, e, ainda por cima me machucou seriamente. Mas, não sei por que, sinto que ele vai chamar. E “*outras*” está me incomodando mais do que a possibilidade de ela ir.

Quando dá nove horas da noite, meu celular vibra. Por estar encostada no Noah, ele sente e o ouço limpar a garganta. O jeito que se mexe atrás de mim, me faz olhar para ele e encontrar seu rosto sério.

— Diz que você está comigo. — Ele fala.

Pego o celular rezando para que seja minha tia. A prece que faço não muda o fato de ter sido tio Diego quem liga.

— Vou ter que ir. — Aviso e atendo. — Oi, tio.

— Já está tarde. Está na hora de voltar.

Ele desliga o telefone e eu suspiro baixando o telefone.

— Eu realmente preciso ir. — Afasto-me dele e olho pra Adriana. — Já vou.

Ela me dá um sorriso fraco. — Vou ficar mais um pouquinho.

Trocamos beijos no rosto e olho para Noah. Está na cara que ele não está nem um pouco a fim de sair da praça.

— Eu levo você. — Ele passa a mão sobre o meu ombro e já se põe em movimento. — Daqui a pouco estou de volta. — Ele diz dando aperto de mão elaborado em Daniel, depois em Caíque.

Estou inconformada por ele querer ficar para assistir à apresentação do DJ na praça desse minibairro cercado de seguranças, câmeras, a poucos metros de onde vivemos, e que não poderei ficar por uma imposição injusta.

E ninguém deixou passar batido que ele só vai me levar pra casa e voltará pra diversão. Fora que, além de Adriana, ninguém mais sabe que estamos namorando.

Não posso encanar por ele querer se divertir, querer estar com os amigos. Principalmente depois do tanto que falou sobre não querer se afastar deles. *Não, na frente dele, preciso me controlar e guardar minha mágoa.*

— Você nem pediu pra ficar mais. — Reclama quando passamos pela entrada da Vila Azul.

Olho pra ele. Nem sei se acho bom ele não ter percebido que eu nem tive como pedir.

— É complicado. Quando meu tio fala que tenho que voltar, é definitivo.

— A Claudia fica até altas horas da madrugada na rua. Ela não está lá com todo mundo hoje, mas não será nenhuma surpresa reaparecer daqui a uma hora pra atração principal.

— Eles são os pais dela.

Ele solta uma risada amarga. — E são mais rigorosos com a sobrinha.

— Eu não tenho como mudar a decisão dele.

Escuto sua respiração funda. Está incomodado e não é pra menos. Minha vontade é de questionar, bater o pé, falar pra ele que, pelo menos hoje, arriscarei ficar até mais tarde essa noite e que venha o castigo.

Entretanto meu pior castigo é ter que me mudar.

Estar com Noah fez esse castigo se tornar terrível.

Talvez seja mais fácil eu forçar um castigo quando eu e o Noah não estivermos mais namorando.

Quando eu e o Noah não estivermos namorando...

Mal começamos e penso no fim. Bem, *há* motivos para eu pensar que estamos com os dias contados.

Eu não vou suportar viver aqui sem ele. Será muito fácil forçar meu tio a cumprir todas as ameaças que ouvi antes de vir pra cá, pois não conseguirei ficar aqui sem que Noah.

Chegamos à casa onde moro e paro de frente pro *meu namorado*.

E sorrio. Apesar de tudo, tenho muitos motivos pra sorrir.

Passo meus braços pelo seu corpo e ele me abraça.

— Até amanhã. — Digo e ele aproxima o seu rosto do meu.

Seu nariz resvala no meu antes de nos beijarmos. A noite acabou cedo — mais cedo do que a *outra* —, mas tenho o *amanhã*, o *depois* e por um tempo esse será o meu *sempre*.

E tenho esse beijo na porta de casa. Um beijo delicioso, como todos que ele me dá quando estamos sozinhos. Seu rosto segura o meu e uma de suas mãos vai à minha nuca. Os dedos se emaranham em meu cabelo. A outra mão desce pela minha cintura e me abraça. Noah adora me capturar de todas as formas enquanto nos beijamos, o que aumenta

meu desejo e minha necessidade de estar sempre com ele.

— Beatriz. — A voz do meu tio é tão afiada que *corta* o beijo após nos assustar.

Limpo a garganta e me viro para trás. Tirando a interrupção do beijo, a presença do meu tio não inibe Noah. Minha meia volta em meu eixo apenas deslocou a mão dele das minhas costas para minha barriga.

— Boa noite, senhor Diego. — Ele o cumprimenta com a voz polida e segura.

— Noah. — Meu tio diz o nome dele sem emoção. — Já está tarde pra ela ficar na rua.

Por estar tão grudada a ele, sinto seu peito expandir, além de *ouvir* sua inspiração. Quando expira, o vento sopra com um pouco mais de força que o normal no topo da minha cabeça.

— Sim, eu a trouxe em segurança. Estávamos com nossos colegas.

Meu tio cruza os braços. Se eu demorar mais cinco segundos aqui, ele vai me mandar entrar, e será humilhante demais.

— Tchau, Noah. — Sussurro.

Ele segura minha mão enquanto me afasto até que nosso contato se parte, dessa vez, sem a necessidade de uma voz de navalha. Ele fica parado na calçada enquanto eu entro. Apenas tenho tempo de dar tchau pra ele, antes do tio Diego fechar a porta.

— Não custava nada deixar eu ficar um pouquinho mais na praça. — Murmuro.

— O que você disse? — Tio Diego urra. Segura o meu braço e me vira pra ele.

Encolho-me. O pânico se apossa do meu corpo e me faz tremer.

— Já começou com o atrevimento?

— Não! — Tento me soltar e ainda bem que ele me livra do seu aperto. Aproveito para correr para longe dele. — Eu estava na praça com meus colegas. Não havia nada demais, vocês nos deixaram assistir ao show do DJ.

Estou hiperventilando. A noite maravilhosa de hoje ficou da porta pra fora, e agora só falta eu apanhar por ter vivido um pouco.

— E você se aproveitou pra sumir com aquele rapaz! É só deixar suas asas baterem um pouquinho que esse jeito dissimulado quer voar longe!

Eu apenas o encaro. Sem palavras. Lutando contra as lágrimas.

Ele não vai destruir a minha noite.

— Você está de castigo! — Esbraveja e meu maxilar enrijece. — Não quero me preocupar com você mais do que devo, e não quero me arrepender de ter trazido você para morar aqui. Ficaré em casa por todo o carnaval.

Nem sei como essa crueldade toda ainda é capaz de me atingir.

— Vá pro quarto!

Engulo mais uma resposta. Vou para o quarto a passos duros, e travo mais uma batalha entre o impulso de bater a porta com força e a necessidade de me controlar e não piorar a minha situação. Estrangulo a maçaneta enquanto empurro a porta lentamente sentindo a tensão no meu braço rígido.

Achei que momentos assim tinham ficado para trás.

De castigo durante o carnaval.

O Noah vai dar uma festa amanhã.

Caminho até a cama lutando para que essa nuvem negra não encubra os beijos que ainda são sentidos em meus lábios dormentes.

E trêmulos. *De raiva!*

Muita raiva!

À contragosto, tomo um banho. Suei um bocado na praça por causa do calor e de ter dançado, e eu preciso esfriar a minha cabeça.

O frescor do banho dá uma renovada no meu humor. Pena que brevemente. Mal abro a porta do banheiro e escuto meu tio falar para minha prima e Natasha voltarem para casa assim que o show do DJ acabar.

Aposto que Natasha está com uma roupa que, se respirar, aparecerá a calcinha. Ou está de biquíni, talvez uma fantasia transparente, afinal é carnaval e, se ela quiser, pode andar por aí até de peitos de fora, que talvez não reclamem! Tudo pra chamar atenção do meu namorado!

E eu, aqui, de castigo.

Que ódio!

Volto para o quarto e é possível ouvir o ruído longínquo da agitação da praça. A música com certeza seria melhor ouvida se eu abrisse a janela, mas já imagino as situações que as canções podem despertar em mim.

Por estar aqui.

Presa.

Sem Noah.

Fecho os olhos e suspiro lentamente. A recordação de nosso primeiro beijo como namorados me atinge com força e sorriso.

Quase posso sentir sua boca na minha.

Chega de sentir raiva!

Minha noite foi maravilhosa! É uma pena eu não ter uma consulta com a Dra. Elenice essa semana. Não que eu fosse contar sobre o que eu passei, acho que nunca serei capaz, mas poderia falar que fui pedida em namoro.

E que eu aceitei.

Sorrio. Aceitei por ser com Noah.

Por falar na Dra. Elenice, olho para onde guardei meu diário. Desde a sexta passada, quando trocamos nosso primeiro beijo, não mexo nele.

Pego-o do fundo da gaveta, assim como a caneta rosa de escrita rosa. Abro e dou de cara com a primeira página que sinaliza que eu já o iniciei. A data, nossos nomes entrelaçados com uma flecha do cupido... tudo aqui registrado.

A única vez que eu tive o impulso de pegar o diário foi na segunda. Conseguia visualizar o coração partido que eu desenharia, mas ainda bem que meu pé estava doendo bastante e eu economizava as passadas que eu dava pela casa e até pelo quarto. Seria num impulso, e agir sem pensar não é a melhor solução. Pelo menos, não para mim.

Quando viro, dou de cara com as páginas em branco. Deveriam conter pelo menos a data, mas até isso eu não fiz.

E não sei o que escrever nesses dias.

Não quero escrever sobre esses dias.

Tinha que ter dedicado apenas um minuto do meu dia olhando essas páginas com a caneta na mão. Eu poderia simplesmente extravasar a raiva com rabiscos tão fortes que seriam capazes de rasgar a folha.

Não.

Se um dia eu pegar a caneta com essa vontade de esfregar a ponta contra a página a ponto de rompê-la, tenho que ter em mente que o que aconteceu no dia anterior não valeu à pena; ou, se for o dia seguinte o que ficará registrado do outro lado da página, eu praticamente estarei determinando que ele será ainda pior, manchado pelo dia que o precedeu.

Liberto a ponta da caneta e vou ao topo do outro lado da página que fiz o primeiro registro.

Escrevo a data. Recordo-me de tudo que aconteceu naquele sábado. A felicidade misturada à melancolia — não na mesma proporção — por ter ficado com o Noah no dia anterior, porém doía saber que não ficaríamos juntos e depois veio o sumiço dele. O domingo foi um dia morto. A segunda que, se pudessem, me matariam, porém *apenas* conseguiram causar uma torção no tornozelo. A terça e a quarta sem nada para acrescentar. *Hoje...*

Hoje, posso fazer nossos corações novamente entrelaçados e escrever nossos nomes. É o que faço. Para completar, a flecha do cupido.

Mas me atormenta deixar as páginas anteriores em branco. Essa vida toda que tenho atualmente é uma borracha na que eu tinha antes, e não quero pensar que esses dias não mereçam pelo menos alguma coisa de mim fora uma data em seu topo. Não quero que sejam mais dias *apagados*.

Olho para a tiara de flores sobre a cama e posso sentir o momento exato que caiu da minha cabeça. É uma boa distração olhar para elas, por me trazer pensamentos bons.

Suspiro com a recordação do nosso primeiro beijo de hoje. *Avassalador!* E depois ele quis me coroar, pondo-a de volta na minha cabeça.

Olho para o diário. Quando era mais nova, gostava de desenhar pequenas flores no fim do caderno. Elas não tinham qualquer significado, mas era um passatempo bobo e que enfeitava a página.

Posso fazer o que eu quiser, segundo a psicóloga. *Posso desenhar.*

Talvez eu possa dar um significado a esses dias.

Uma flor para um dia ruim;

Duas flores para um dia normal;

Três flores para um dia incrível.

Hoje, é um dia fenomenal. Poderia desenhar uma dezena de flores ou o suficiente para cobrir todo o rodapé, mas atenho-me à classificação um, dois, três. Desenho a primeira no centro. Mais duas, uma de cada lado da primeira. Como não há uma regra sobre eu não poder escrever sobre os dias que se passaram, deixo apenas duas flores para terça e quarta.

Segunda é um dia que não deveria ter existido, mas, ainda assim, prefiro marcá-lo com uma florzinha do que deixá-lo vazio. Foi um dia ruim, mas foi um dia de mal-entendidos.

Talvez eu esteja aprendendo a ver as coisas pelo lado positivo.

De novo.

Suspiro com direito a “*Ai, ai!*”! É muito bom conseguir ver a vida pelo lado positivo.

Deixo o sábado e o domingo passados com duas flores. Por mais que não tenha acontecido algo digno delas, só por eu ter dias *normais*, devo comemorar.

Mas o primeiro dia do diário, assim como hoje, merece ter três flores. O dia que levou ao namoro de hoje. O dia que me tornei irresistível para o Noah.

Fecho o diário e o deixo ao meu lado na cama. Depois guardarei no gaveteiro de rodinhas, que minha tia comprou para que fosse seu cofre.

Deito na cama e fecho os olhos. Estou elétrica demais para dormir. Quero apenas apreciar esse sorriso bobo em meus lábios.

Infelizmente, não por muito tempo.

Batidas me fazem abri-los.

Batidas que estranho o som por soarem *toc-toc* em vidro.

Batidas ouvidas do lado errado do quarto.

Sento-me na cama e miro exatamente na direção do som.

Da janela.

Encrespo a testa e vou até lá desconfiada. Escuto uma só pancada um pouco mais forte e me sobressalto. Depois, mais três mais baixinhas.

Abro uma pequena fresta. Não há muito para ser visto, pois o quintal está apagado e os arbustos encobrem a rua. Abro um pouco mais e então vejo Noah e sorrio.

Mal posso acreditar! Ele está agachado sob a janela. Corro para a porta do quarto e a tranco. Corro de volta para a janela e a destravo.

— O que você está fazendo aqui? — Sussurro enquanto abro.

Ele não responde. Apenas termina de abrir a janela e pula para dentro do quarto. Estou surpresa demais, com os olhos arregalados demais, enquanto o assisto fechar a janela e depois a cortina.

— Vim ver minha namorada. — Vira-se para mim e noto que está muito sério. — Você não voltou pra praça com a sua prima.

Respiro fundo antes de me sentar na cama. Seu tom foi bastante acusatório. Então me fita. Nota que tomei banho e, se julgar pela calça leggings e uma camiseta desbotada, está na cara que não sairei novamente.

Se eu soubesse que ele viria, com certeza escolheria uma roupa melhor. Gosto de frio, mas sou friorenta demais para dormir de camisola ou baby-doll num quarto com ar condicionado bem forte. Prefiro roupas velhas.

De repente, ele bufa uma risada desprovida de bom-humor. Meneia a cabeça como se não acreditasse.

— O que foi?

Ele abre a boca, mas hesita. Respira fundo duas vezes antes de perguntar:

— Você está de castigo?

Desvio o olhar. *É vergonhoso*. Totalmente vergonhoso admitir para ele.

— O carnaval inteiro. — Murmuro.

— Inacreditável. — Fala num tom exaltado baixinho. — Seu tio quer o quê? Que eu volte a namorar a Natasha?

O sangue foge do meu rosto. É claro que Natasha foi atrás dele. É lógico que Claudia deve ter agido como cupido. Eu já tinha até esquecido dos meus pensamentos traidores sobre um possível encontro dos dois, enquanto apenas recordava da minha noite maravilhosa ao seu lado, mesmo que breve.

— O pior foi a sonsa da sua prima dizer que chamou você pra voltar pra lá, mas você disse a ela que estava com dor de cabeça.

A sonsa da minha prima...

Não, Claudia, não vou te defender.

— Adianta eu sair pela janela, tocar a campainha e pedir para levar você?

Baixo a cabeça e fito minhas unhas, encabulada.

— Não.

Noah suspira irritado. Tenho medo de falar qualquer coisa. Ele me pediu em namoro hoje, disse que eu nunca deixaria de ser um problema, justificando essa afirmativa bizarra, e estou me tornando um problema ainda maior.

Ele analisa o quarto pela primeira vez até parar com os olhos sobre a cama.

— É um diário?

Sinto meu rosto enrubescer e inspiro. — Sim. — Expiro ainda mais envergonhada.

E logo o pego para guardá-lo no gaveteiro. Passo pelo Noah rapidamente e abro as gavetas. As chaves já estavam penduradas.

Pouco antes de fechar vejo o pequeno ponto metálico sobre a mesa, que pode fazer com que ele fique mais curioso do que com o diário e rapidamente o joga na gaveta, antes de trancá-la.

Depois, abro uma fresta de uma gaveta do armário e joga a chave ali dentro.

Quando me viro, solto um arquejo com o susto de ser agarrada. Um arquejo silenciado com sua boca. Ele solta um risinho por eu não ter percebido a sua aproximação, mas logo somos apenas sensações.

Beijo.

Beijar o Noah.

Não há nada melhor!

Todavia é necessária uma pausa para recuperar o ar perdido.

Noah encosta sua testa na minha e, mesmo após tanto nos beijarmos, só agora me dou conta de um pouco de álcool em seu hálito. Parece cerveja.

Não vou perguntar para confirmar, pois é óbvio que bebeu, embora não tenha sido muito. Também não vou perguntar por que bebeu, já que é menor de idade e sabe que não deve, além de o hábito não combinar com sua veia esportista. Ele tem que ter consciência que se os professores descobrirem, ele sairá do time. A não ser que eu note que esse é um hábito que nunca tive oportunidade de reparar, não tenho motivo para perguntar agora.

Assisto-o ir para a cama e sentar-se à borda. Não é muito longe de onde me deixou. A distância é de um braço longo e ele o estica para sua mão pegar a minha e me puxar para si.

— Será que terei que entrar por essa janela o carnaval inteiro?

Ele virá aqui todas as noites?

Noah acaricia meu cabelo e põe uma mecha atrás da orelha.

— No início, achei estranho seus tios colocarem você pra dormir aqui embaixo. Essas casas têm 3 quartos lá em cima, não? — Assinto. — Mas se fosse no segundo andar, eu não teria como ficar com você nesse castigo.

Sorrio, mas o sorriso não alcança meus olhos. Não dá para ficar plenamente feliz na situação que me encontro.

Eu quero estar com ele. *Muito!* E não há certeza sobre ele realmente entrar no meu quarto furtivamente. Amanhã, por exemplo, ele dará uma reuniãozinha para os amigos em casa. Provavelmente de dia, por causa do sol na piscina e é previsível que ele vá encontrar seus amigos na praça para a apresentação do bloco no fim da tarde, como fez hoje.

— Vamos ligar a televisão. Colocar em algum canal pra fazer barulho. Podem nos ouvir.

Isso é verdade e meu tio é capaz de me dar uma surra. E nem sei se estou exagerando pensar que ele pode me bater. Não depois de hoje.

Vou à escrivaninha e pego o controle. A televisão liga num canal voltado para clipes musicais, o volume não está muito alto.

— Só espero que o castigo não envolva televisão. — Brinco.

Só que Noah não acha graça. Apenas me puxa, e volto a ficar em seus braços. Ao som

da música de minha banda inglesa favorita (infelizmente já extinta, como qualquer banda maravilhosa daquele país), voltamos a nos beijar.

Um beijo intenso e quente.

Um beijo que faz a mão do Noah descer pelo meu corpo e apertar minha bunda. Arquejo e ele apalpa no mesmo instante que sua boca desce para o meu pescoço. Ele me captura e me torna tão fácil e *dele* que não consigo resistir. Gemo baixinho seu nome, tentando encontrar uma forma de pará-lo, mas está tão bom que temo interromper tudo.

Ele é experiente e usa essa experiência a seu favor. O pior é que a leggings me deixa nua demais.

— Noah... — Sussurro seu nome com um arquejo no fim.

— Mmm? — Sua pergunta é seguida de beijos trilhados do meu queixo até o pescoço.

— Noah... — Chamo-o novamente ainda mais fraco.

Ele geme no meu pescoço. — Hummm... Adoro quando você diz o meu nome.

Sua voz está muito rouca. Deliciosamente um tom mais baixo do que o normal. Mas finalmente ele afasta o rosto do meu pescoço e me olha nos olhos.

Sua mão deixa a minha bunda para seus braços envolverem meu quadril.

— Vem aqui.

Não me movo. Consegui que sua boca parasse de roubar minha razão.

Respiro fundo.

— Estamos indo muito rápido. — Soo ofegante e não é apenas por causa de sua incrível habilidade de me fazer perder o fôlego com seus beijos.

Seus olhos parecem negros com uma fina coroa esverdeada. Ele também respira fundo quando me fita nos olhos, até que fecha os seus.

— Você... — Ele engole em seco. — Você... nunca?

Nunca pensei que fosse ver Noah acanhado. Essa é a impressão que tenho dele, pouco antes de virar meu rosto que esquenta com o rubor.

Seu aperto afrouxa até que seus braços caem em suas pernas.

Afasto-me. Não sei quanto espaço que ele precisa. Ele que queria aproveitar o último ano sem compromisso, só na *azaração*, conhecendo novas garotas, não terá metade da liberdade que sonhava comigo.

E, depois do que ouvi hoje, fora a facilidade de me tocar intimamente, não tenho nem como ter dúvidas se ele já fez ou não sexo.

— Eu sou um grande problema. — Dou um meio sorriso, tentando brincar com o que ele falou também essa noite em seu desabafo.

Mordo minha gengiva um pouco abaixo do meu lábio inferior, esperando que minha recusa não seja realmente mais um problema.

E ele nem sabe o tamanho do problema que sou.

Ele acaricia o meu rosto. Ele dá um meio sorriso. Fraco.

— Você é um delicioso problema e tem razão: o problema ficou impossivelmente maior.

Meu coração perde uma batida quando o sorriso some.

— Agora, não conseguirei deixar você. Não conseguirei deixar você mesmo.

Mais uma vez meu coração para de bater. Em seguida, é como se recebesse uma carga de eletrochoque que o faz pulsar acelerado e cheio de vigor.

— Eu não vou negar que desejo você de todas as formas. — Ele diz olhando nos meus olhos.

Pisco aturdida com sua declaração. Principalmente quando ele põe as mãos nos meus quadris.

— Mas também quero saber qual é a sua cor favorita, qual sua comida predileta, qual filme você mais gostou e por que...

Ele dá um meio sorriso e fico tão emocionada que sou capaz de dizer para ele agora mesmo que *eu o amo*.

Suas mãos me fazem sentar em seu colo e eu o beijo apaixonadamente.

— Eu quero saber tudo. Tudo sobre você. Você não sabe o alívio que sinto por ter desabafado pelo menos pra você. Até agora eu não acredito que consegui me abrir com alguém. — Ele suspira. — E você não precisa temer o que eu disse sobre querer aproveitar ao máximo.

Engulo em seco logo após ele falar isso e o gesto lhe interrompe. Ou talvez tenha sido meu olhar arregalado. Seu olhar me impele a falar.

— É que... Nós começamos a namorar hoje. — Estou ofegante. — Mais alguns dias...

Noah segura minhas mãos. O toque de suas palmas quentes me assusta. Sua testa franze por constatar como estou gelada. Ele as leva até os lábios e planta um beijo demorado. Sem tirar os olhos dos meus.

— Calma. — Ele diz suavemente. — Fique calma. Estou aqui com você, não?

— Você falou que queria aproveitar o tempo que resta com seus amigos.

— Eu estou aqui. — Noah fala pausadamente. — *Com você*. — Ele dá um meio sorriso. — Cheguei à praça e... e eu não tinha nada pra fazer lá. Você não imagina como é especial. Estou aproveitando da melhor forma que posso esse último ano. Agora, sim, estou, Trix.

Tudo que ele falou me tocou. Profundamente.

Mas a última palavra ecoa.

— Trix?

Ele dá um risinho. — É assim que eu penso em você, quando estou sozinho. Minha Trix.

Minha. Trix.

— Minha Trix. Só minha.

Eu o beijo. Eu preciso me calar e beijá-lo é uma solução deliciosa. Três palavrinhas e ele poderia sair correndo daqui assustado ou achar que sou leviana demais. Sim, ele fez um monte de declaração de amor...

Beijo-o com mais ímpeto.

Declarações de amor... Estou me precipitando.

E a mão dele está caindo... *para minhas nádegas.*

A boca dele está descendo... *para o meu queixo e logo atinge meu ponto fraco.*

— Relaxe. — Sopra a palavra em meu pescoço enquanto beija.

Noah levanta e me senta. Seus dentes roçam o lóbulo da minha orelha e o mordiscam. *Novo lugar favorito para carícias.*

— Ah, Noah!

Sinto minhas costas contra o colchão.

Sinto o corpo do Noah sobre o meu.

E a única coisa que desejo é que seus lábios voltem a me beijar.

Viro meu rosto para que nossas bocas se encontrem. *Desejo atendido.* Sua língua acaricia rapidamente meus lábios, antes de adentrar na minha boca e dançar com a minha no ritmo de um hip hop americano lento e sensual, a música perfeita para esse momento que toca na televisão.

E uma urgência diferente surge em meu interior. Uma que me faz querer sentir mais o meu namorado. Que me faz encontrar a barra da sua camiseta e tocar as suas costas sem qualquer barreira entre nós. Sinto sua pele quente e um pouco suada, e subo minhas mãos até o meio das costas.

Então, Noah para. Todo seu corpo petrifica sobre o meu. Bem, não posso julgar que virou uma estátua perfeita, já que seu peito sobe e desce com uma respiração ofegante soprada em minha boca e meu pescoço.

— O que houve? — Pergunto preocupada, *um pouquinho menos ofegante que ele.*

Noah respira fundo uma última vez e se joga ao meu lado, com o corpo deitado de frente para mim. Após mais uma respiração pesada, ele dá um meio sorriso. Caça meu travesseiro próximo ao espaldar e o põe sob a cabeça. Aproveito para me deitar virada para o seu sorriso lindo.

— O que foi? — Insisto.

— A sua cor preferida é rosa?

Pisco um tanto surpresa por ele fazer essa pergunta que tem uma resposta totalmente afirmativa, mas o questionamento é sem sentido.

Assinto. — E a sua?

Ele dá um meio sorriso. — Cinza. Cinza como a lua.

Sei que o tom corado em minhas maçãs não tem nada a ver com os beijos que acabamos de dar.

— E vermelho. — Diverte-se às minhas custas.

Minha cor favorita é apenas a primeira pergunta. Logo estamos nos perguntando à meia voz qual música mais gostávamos, rindo baixinho quando revelo que o filme favorito dele é o mesmo que o meu (ele não esperava que eu gostasse de adaptações dos quadrinhos para personagens de carne e osso), assim como a comida, que concordamos não haver nada mais gostoso que estrogonofe de carne. Ele até me confia algumas traquinagens.

Minhas pálpebras estão pesadas, os olhos dele estão bastante sonolentos, quando começamos a ouvir as pessoas voltando da praça. Tinha até me esquecido. Principalmente das duas garotas que falam particularmente mais alto que os demais por estarem bem próximas à janela. Nem sei se é bom não entender o que tanto dialogam.

Fico totalmente desperta. Os olhos do Noah estão arregalados.

Não sei se pensou qual hora seria a melhor para ir embora.

A ideia não passou pela minha cabeça, pois eu simplesmente não queria que ele me deixasse sozinha.

Escuto batidas na porta.

— Bia? — Chamam-me do outro lado e ele engole em seco.

— É minha tia. — Sussurro. Em seguida, levanto da cama. — Oi, tia.

Não pergunto “o que foi?”, “algum problema?”, ou qualquer outra coisa do tipo. Nem poderia com a respiração ofegante e assustada.

— Está acordada?

Olho para Noah. — Sim. Vou dormir daqui a pouquinho.

Não peça para abrir a porta. Não peça para abrir a porta. Não peça...

— Posso falar com você?

... para abrir a porta...

Noah fecha os olhos. *Eu também.*

Saio da cama. Não sei o que fazer e não posso demorar a tomar uma atitude.

— Pra baixo da cama! — Sussurro com a voz ríspida. É uma ordem. É urgente. Ele me encara sem acreditar. — Vá! — Gesticulo para debaixo da cama.

Mesmo após mandá-lo para debaixo da cama, e ele se esconder lá, fico parada no meio do quarto, incrédula por ele ter se enfiado lá embaixo.

Que alternativa tinha?

— Bia? — Tia Talita me faz pular de susto e corro pra porta.

Respiro fundo. Abro.

— Oi, tia.

— Está tudo bem com você? — Ela está genuinamente preocupada.

Olha para meu rosto. Meu cabelo deve estar uma confusão só.

— E-eu estava deitada, ouvindo música.

Ela estreita o olhar. Empalideço e minhas mãos suam.

E ofego.

Ela suspeita.

Não consigo controlar meu desespero.

Então, ela me dá um meio sorriso.

— Tudo bem, querida. Mas já está na hora de deitar. Está tarde. Descanse, para amanhã ter um bom dia. Boa noite.

Ela dá um passo para trás e eu fecho a porta, graças a Deus, sem beijos e abraços, pois estou vestida com a roupa de dormir e com o perfume de Noah. Tranco. Corro para o meio do quarto e me agacho. Vendo a barra limpa, Noah sai debaixo da cama.

— E aí?

— Acho que ela suspeita.

Ele olha para a porta. — Por quê?

— Ela me olhou estranho.

Sua testa enrugando, mas ele não faz mais perguntas. Apenas senta-se na cama.

— Acho melhor esperar mais um pouco pra sair. Sua tia costuma aparecer a noite toda?

Ainda bem que eu tenho a chave para responder com certeza.

— Acho que só estranhou a televisão ligada. Não costumo estar acordada a esse horário.

— Vamos desligar a televisão.

Desligo e apago a luz. Só é possível ver a luz da tela do celular do Noah, que está sentado no meio da cama. É nessa escuridão que o peso da presença dele começa a fazer efeito. Foi tão natural tê-lo dentro do meu quarto e até sobre a minha cama que não pensei

no fato de ter um garoto no meu *quarto* e até um garoto na minha *cama*.

Noah não permitiu. Ele invadiu meu quarto, invadiu minha boca, impediu que eu compreendesse o que é a presença dele aqui.

— Coloquei o despertador para quatro e meia. Acho que não haverá mais gente na rua.

— Que horas são?

— Duas e meia. Mas ficaremos em silêncio, falando baixinho. É melhor não correr o risco de cairmos no sono e eu acordar já com o dia claro. Não quero voltar para debaixo da cama.

Dou uma risadinha.

Ele bate na cama e tento não divagar sobre ele me convidar para deitar na minha própria cama. Mais um pouco e minha tia aparecerá para perguntar que bateria é essa tocando na casa e será difícil explicar que é só meu coração feliz demais.

Sento-me e logo depois estou deitada ao lado dele. Novamente nossos rostos estão próximos, nossos olhos estão fixos uns nos outros sob a tonalidade azul marinha da escuridão.

Não dizemos nada. Apenas nos encaramos no breu. Dentro de mim, há a euforia de tê-lo aqui. De encontro a ela, choca-se uma sensação relaxante e de paz justamente por ele estar aqui comigo. Há muito tempo, eu não me sentia tão bem.

Respiro fundo quando a mão dele toca a minha. Não sei se Noah tem ideia de como esse toque é importante e que não há momento mais certo para ele entrelaçar nossos dedos, levar minha mão aos lábios e beijá-la. Meus olhos marejam quando ele encosta nossas mãos em seu peito e fecha as pálpebras lentamente, até que a cadência de sua respiração fica calma e tranquila com um pouquinho de ressonar.

Mal me movo para não quebrar esse momento. Mal respiro com medo de despertá-lo e o encanto acabar.

Pode-se passar dez, vinte, cem anos, que eu nunca vou me esquecer dessa noite. Do rosto dele plácido como o de um anjo enquanto dorme ao meu lado. Um rosto que admiro até ouvir o celular vibrar.

Então fecho os olhos esperando pelo fim do encanto. Um encanto cada vez maior e mais forte.

Mas esse fim não vem.

Porque Noah beija minha mão bem de leve e desentrelaça meus dedos com cuidado para não me acordar...

Porque Noah beija meus lábios tão suavemente que suspiro com a surpresa.

Após uma pequena pausa, como se quisesse ter certeza que seus movimentos não me despertaram, ele sai da cama devagarzinho. Não arrisco abrir os olhos para que não sinta que todo o cuidado que tem para não me acordar seja em vão.

Então, ele vai. O som da janela fechada é a garantia que encontro para abrir os olhos sem que lhe cause desapontamento.

Havia algo à noite que eu recusava pensar. Se eu for sincera, muitas coisas eu evitei que me perturbassem. Não com Noah aqui. Não após ele sair com a certeza de que me deixou dormindo em paz.

E eu dormi. Dormi até tarde e enviei uma mensagem para tia Talita avisando que só dormi num horário cuja mensagem deixou claro ser quase às cinco da manhã. Destranquei a porta do quarto, para ninguém precisar esmurrar e me acordar no susto. *Ou arrombá-la.*

Mas agora, às onze da manhã, estou deitada na cama com o peso de uma avalanche gelando meu peito. Sair do quarto é o mesmo que encarar meu tio, Claudia e Natasha (que dormiu aqui), o castigo, a festa que Noah dará para os amigos daqui a pouco (embora eu não vá estar presente), a amiga da minha prima empenhada em conquistá-lo, minha prima empenhada em desprezar-me, o castigo, o castigo de novo, o maldito castigo injusto que me prende aqui, enquanto todos podem se divertir.

No entanto não dá mais para ficar aqui no quarto.

Meu corpo me trai.

Levanto e pego meu nécessaire para ir ao banheiro fazer minhas necessidades matinais.

Se eu tiver sorte, não cruzarei com Claudia e Natasha.

Sorte... Dá pra considerar sorte as duas só não estarem em casa por já terem ido para a casa do Noah, e por isso não cruzarei com elas nessa minha prisão domiciliar?

Talvez eu tenha dado a *sorte* de ouvir as duas conversarem à mesa com Diego e Talita.

— Bom dia. — Murmuro mal-humorada enquanto sento, só para não ouvir qualquer piada sobre eu não ser educada e não os cumprimentar.

Tem coisas que é melhor evitar.

— Oi, querida, bom dia! Dormiu bem? — Tia Talita pergunta, a única educada, pelo visto.

Assinto enquanto olho para a mesa de café da manhã com sinais de que se eu demorasse mais cinco minutos, eu não me sentaria na companhia deles e provavelmente comeria na bancada da cozinha.

É claro que tive *a sorte* de ter que chegar adiantada.

Sirvo-me de um pouco de suco. Achei que era de laranja, mas após o primeiro gole sinto o gosto de maracujá. *Preciso de uns dez copos.* Tomo até o último gole, me sirvo do segundo e pego um pão de queijo.

— Mãe, à tarde você nos leva para o shopping? Queria ver uns acessórios legais para

hoje, à noite.

— Tá, mas, se quiser, tenho alguns lá em cima.

— Não, mãe. — Ela faz uma careta. — Queremos escolher.

— E você, Bia, quer ir?

Antes de qualquer resposta minha, escuto:

— Ela está de castigo. — Tio Diego faz questão de me humilhar.

A raiva pulsa dentro de mim, no entanto controlo-me para não rir. É ridículo. Tão ridículo que parece uma piada.

— Diego... — Minha tia tenta falar.

— Já discutimos mais cedo. — Ele está irredutível.

— E nós havíamos decidido que você não seria o único a tomar uma decisão.

— Não, Talita. Não vou discutir novamente.

Arrisco-me a olhar para minha prima e sua amiga. Noto que já estão de biquínis, as alças cruzam no pescoço. Tentam parecer imparciais, mas os olhos brilham de triunfo.

E estão mesmo triunfando.

— É uma pena. — Claudia diz. — Mas, mãe, devemos voltar da casa do Noah lá pelas quatro horas. Vai estar em casa?

— Se eu não puder, seu pai leva. — A resposta é ácida.

Acho que tia Talita não gosta muito de Claudia se sentir superior a mim. Eu me sinto mal por estar causando discórdia entre ela e o marido, entre ela e a filha. É uma pessoa boa que tenta ser imparcial na rixa que Claudia criou comigo, eu, uma pessoa que nem tenho o seu sangue, mas que ela está empenhada em me deixar à vontade e integrada à sua família.

— Bem, nós já vamos para a casa do *Noah*. — Claudia cantarola o nome do meu namorado.

— É. — Natasha fala com falsa timidez. — Nós combinamos ontem com ele de chegarmos cedo pra ajudar no almoço.

O suco de maracujá não combina mais com o ácido do meu estômago. E uma vertigem me faz fechar os olhos brevemente. Mas, do pouco tempo que convivo com Natasha, já me acostumei com alguns de seus trejeitos. E esse lábio repuxado deixa evidente que há alguma coisa de errado.

— Então, não esperamos vocês para o almoço? — Tia Talita pergunta com a voz entediada.

— Ahn... não, mãe. Será um churrasco na piscina.

— Se saírem do condomínio, avisem. — É a única exigência do meu tio. — Licença.

Ele se retira da mesa. As outras duas também.

— Claro, pai. Nós só vamos escovar os dentes e já vamos. — Escuto estalos de beijos jogados ao ar. — Tchau, mãe. Tchau, Bia.

— Tchau, tia. Tchau, Bia.

Tento não fazer uma cara feia.

— Você foi chamada pra esse churrasco? — Tia Talita pergunta baixo quando ficamos sozinhas à mesa.

Não respondo. Se eu disser alguma coisa, sou capaz de chorar.

Quero me agarrar à noite que tive com Noah ao meu lado, que nada lá na praça tinha importância, mas ele pode muito bem ter combinado a ida delas antes de me encontrar.

— Eu vou conversar com o Diego de novo.

Eu queria dizer que não. “Não, tia”, está na ponta da língua, todavia não consigo ser altruísta. Eu quero que ela insista, que consiga em mais uma conversa convencer meu tio de me deixar ir, mesmo que para isso briguem.

Então, coloco os cotovelos sobre a mesa e apoio minha face nas mãos para tentar esconder a vergonha por ter esse desejo, e as lágrimas que encontraram uma trilha fácil para escorrer pelo meu rosto.

Tia Talita suspira lentamente. Um pouco mais distante escuto gargalhadas estridentes. Mal consigo fazer distinção entre as vozes da Claudia e da Natasha. As palavras se misturam e só sobressaem “vamos nos divertir”, “ele não vai resistir”, “torce por mim”, “vai dar tudo certo”...

— Tchau, mãe! — Escuto a porta abrir.

— Ué? Vai ter churrasco? — Meu rosto se afasta das mãos com o susto que levo após ouvir a pergunta feita por Caíque na porta, como se minha prima tivesse dado de cara com ele ao abri-la.

Em seguida, ouve-se a risada nervosa da Claudia.

— Por que você está dizendo isso? Claro que vai!

— A Bia está aí ou já foi? — Ele pergunta, sua voz no tom normal capaz de ser ouvido da entrada do condomínio.

A cadeira arrastada ao meu lado me faz erguer o rosto. Tia Talita já está bem distante a caminho da sala.

— Como assim não tem churrasco? — Ela pergunta.

A voz da minha prima falando qualquer coisa sobre o churrasco *estar de pé* é totalmente abafada pelo megafone:

— Noah mandou uma mensagem de madrugada cancelando tudo. Vim perguntar pra Bia o que houve. Ele não está atendendo às ligações.

A Bia aqui não faz a menor ideia do que está acontecendo.

— Aonde vocês vão? — Tia Talita pergunta com a voz dura.

Silêncio.

Escuto-a perguntar mais uma vez no momento que saio da cadeira e corro para o quarto, ignorando a confusão na entrada da casa.

— É por isso que vamos lá, mãe! Nath vai convencer o Noah a fazer o churrasco. E eu vou ajudar a arrumar, pois deve estar atrasado, e-

Bato a porta do quarto com força. *Com ódio.* Tarde demais me dou conta que minha atitude pode ter atraído a atenção do meu tio, e já não duvido que ele seja capaz de me deixar de castigo o resto do mês.

Só preciso do meu celular. Ignorei-o totalmente essa manhã, pois não queria ver a animação em mensagens escritas, de voz ou até fotos que indicassem a preparação para uma reuniãozinha promovida pelo meu namorado, e que eu não poderia participar.

Não queria me excluir do grupo. Muito menos mandar uma mensagem pra ele perguntando por que continuou com a programação mesmo sabendo que eu não poderia ir. *Mas a tentação era grande.* Por essa razão, tranquei o celular para ficar tão seguro quanto o diário.

Abro a gaveta do armário para pegar a chave, e no instante seguinte o celular está na minha mão. Uma proeza difícil de fazer com mãos tão trêmulas.

Assusto-me com uma chamada silenciosa. *Dele!*

— Alô? — Minha saudação expressa toda minha agitação. Minha respiração ofegante com certeza é ouvida por ele.

— Ei! Até que enfim. — Sua voz está aliviada. — Já estava quase indo aí.

— *Ahn...* — não sei o que pensar sobre isso. — Você cancelou o churrasco?

Após a pergunta, fungo.

— Você está bem? — Ele não deixou a reação involuntária passar batida.

— Estou.

— Você não leu as mensagens? — Pergunta com cautela e fico aliviada por ele não perguntar se estou chorando.

As mensagens...

Fecho os olhos para responder. — Acordei tarde e fui tomar café. Voltei agora para o quarto.

— Ah. Todo mundo já viu, menos você. — Ele diz secamente. — Não param de me perturbar no privado, perguntando o que aconteceu. Não tem churrasco. Quase disse que foi por você estar de castigo, mas fiquei com medo de você se encenar ainda mais. *Ou não gostar.*

Estou feliz! Pode ser errado, pode ser egoísmo, mas estou com o rosto quase se partindo ao meio por causa de um sorriso enorme.

Definitivamente hoje não é o dia para eu pensar nos outros.

— Dormiu bem? — Ele pergunta baixinho.

— Minha noite foi maravilhosa. — Respondo.

Ele tornou a minha noite maravilhosa!

E, como se o assunto não se esgotasse entre nós ou não nos importássemos de falarmos de novo sobre o que conversamos ontem, perco-me numa ligação que faz as horas passarem sem que eu sinta.

Os únicos momentos que me distraíram dessa conversa foram: uma porta batida com força; um carro parado na porta; uma discussão abafada bem acalorada; uma batida de porta bem mais forte do que antes... e agora batidas na porta do meu quarto.

Os únicos momentos que distraíram o Noah de nossa conversa foram os mesmos que os meus. Perguntou se estava tudo bem, não fez qualquer piada sobre as portas batidas e o que elas poderiam significar, o máximo que disse a respeito do que acontecia aqui foi:

— *Você não tem culpa dessa bralhada toda.*

Entretanto não posso ignorar as batidas na *minha* porta.

— Preciso desligar.

Escuto-o se espreguiçar. — Vou almoçar e depois passo aí.

Não sou capaz de dizer que é melhor não.

— Tá bom.

— Beatriz. — Minha tia me chama com a voz seca.

— Preciso ir. Beijo.

Ele dá um risinho. — Beijo.

Desligo o telefone e corro para a porta. Assim que destranco, dou de cara com o rosto cansado da tia Talita.

— Vamos conversar na sala?

Não gosto do seu tom. Na verdade, *tenho medo dele*. Tanto que o temor me petrifica e demoro um pouco para conseguir dar o primeiro passo.

Mas tenho que ir.

O celular ainda está quente na minha mão e agarro esse objeto duro como se fosse a mão do Noah.

— Você estava falando com o Noah?

Assinto.

— Foi por sua causa que ele cancelou o encontro com os amigos?

Assinto.

Tia Talita suspira. Mais alguns passos e estamos na sala, onde meu tio me encara severamente.

— Ele cancelou por causa do castigo. — Tia Talita o avisa.

Meu tio inspira as palavras. — Olhe pra mim.

Ergo meus olhos para os olhos dele, mas não consigo *fitá-lo*.

É como se eu encarasse um rosto em branco... *vazio*.

— Isso que você tem com o Noah é sério?

Isso...

Isso...

Como uma palavra tão comum pode soar tão ofensiva?

— Ele me pediu em namoro. — Vou direto ao ponto ao invés de iniciar uma discussão que sei que vou perder.

Tio Diego anui.

— Namoro. — Ele testa a palavra fazendo soá-la seca e errada.

Respiro fundo. *Isso é namoro*, tio.

— Noah quer vir aqui após o almoço. Ele sabe que estou de castigo. Pediu para perguntar.

Dessa vez, olho bem nos olhos do meu tio. Noah parece determinado a aparecer aqui. É melhor tio Diego achar que foi um pedido. Por encará-lo, vejo a irritação e, principalmente, a contrariedade.

— Você veio morar aqui pra estudar. Está criando confusão com a sua prima e as amigas dela. Fora o que-

— Eu sei, tio! — Corto-o cansada de ter cada passo meu jogado na cara, como se eu fosse um erro ambulante.

Era para toda essa cobrança, esse monte de acusação ter ficado no passado. Não é possível que queiram me cobrar para sempre ser uma pessoa solitária, sem amigos, sem poder ter um namorado.

— Pois parece que não. A Claudia falou do quanto você persegue o rapaz! — A voz dele endurece. — Na escola, pelo condomínio-

— Eu? — Exalto-me. Uma voz baixinha tenta me dizer para ficar calma, mas não consigo. — Eu só sigo o fluxo que vocês determinaram pra mim! Vou pro colégio, ele está na sala de aula; vou ao curso de inglês, lá está ele, ao de espanhol, Noah e eu somos praticamente os únicos da turma que estamos no mesmo nível! Saio de casa, cruzo com ele no condomínio. Quando vocês perguntaram se queriam me matricular nas aulas de vôlei, dizendo que Claudia pretendia fazer esse ano, nunca passou pela minha cabeça que lá estaria Noah, um garoto que até então nunca tinha visto! Vou pra praça encontrar meus colegas de escola e, mesmo quando não haveria motivos para ele aparecer lá também,

como uma festa de aniversário para onde só ele foi convidado, adivinhe: Noah sai da festa e se materializa onde estou!

— E se pintou toda ontem pra chamar atenção dele! Pra ficar de agarramento com outros garotos!

— Eu a incentivei a se maquiar! — Tia Talita intercede a meu favor.

— Claudia falou que você foi sorteada numa brincadeira estúpida, uma garota fez uma pergunta boba de quantos garotos você já tinha beijado. Você respondeu? Claro que não! Preferiu beijar um rapaz escolhido por ela!

— Claudia pelo menos falou que quem me sorteou foi Natasha?

— Não interessa! Respondesse! Conheço essas brincadeiras, garota! Falasse qualquer mentira, ninguém te conhece! Mas você não consegue se controlar, não é?!

Como argumentar com alguém que só pensa o pior de você?

— Dá vontade de mandar você de volta para a sua avó!

Como argumentar com alguém que tem o total poder de te fazer o mal?

— Chega, Diego! — Tia Talita não altera a voz, mas é definitiva. — Você não disse o principal e já está quase na hora de almoçarmos.

— O castigo acabou. Você quer namorar esse rapaz, namore. Nos dias de aula, às dez da noite não quero você na rua ou ele aqui. Nos dias que não tem aula, às onze. E conversamos sobre as festas quando elas surgirem.

Meus olhos quase saltam das órbitas.

Alguém me belisca!

— Nós estamos te dando um voto de confiança, faça por merecer. E aviso logo: não haverá segunda chance, principalmente se seu rendimento na escola não for bom.

Talita bufa com essa nova ameaça que reverberou em meu corpo com muito mais intensidade do que suas palavras exaltadas.

Dói olhar nos olhos dele e ter a certeza que ele só espera o dia que precisará comprar minha passagem só de ida para sumir de sua vida.

— Vamos almoçar. — Tia Talita novamente soa exausta, como se tivesse medo de mais alguma palavra dita por mim ou pelo marido.

— Vou chamar a Claudinha.

E é só a minha prima quem desce na companhia dele. Não pergunto por sua amiga. Ouvi o barulho do carro e, se foram os pais da Natasha que vieram pessoalmente aqui buscá-la, ainda por cima de carro (embora more aqui na rua), minha prima vai soltar mais acusações que podem fazer com que nós duas fiquemos de castigo.

Eu não queria tirar essa conclusão, mas tenho quase certeza que só saí do castigo porque o que Claudia fez foi bem pior e seria um *castigo para o pai dela* ficar com nós duas aqui dentro durante o carnaval inteiro, uma mais emburrada que a outra.

Já terminei o almoço, quando a campainha toca.

E meu coração volta a bater feliz novamente.

— Vá atender a porta, querida. Pode deixar que levo o prato. — Tia Talita autoriza e não espero um segundo.

— Licença.

Saio da mesa e vou para a porta.

Sim, é Noah!

Estou tão feliz por vê-lo, que pulo em seu pescoço e o abraço, enterrando meu rosto em seu pescoço, inebriando-me do seu cheiro delicioso. Ele retribui imediatamente.

— Está tudo bem?

Assinto, sem me afastar dele. Não imediatamente. Inspiro mais uma vez e me afasto deixando um passo de distância.

— Acabei de almoçar agora. Vou trocar de roupa para darmos uma volta.

— Acabou o castigo? — Pergunta baixinho com um sorriso.

Sorrio assentindo.

— Então, vou passar na casa do Daniel pra te esperar. Quando estiver pronta, me avise.

Fecho a porta e corro para o banho. Um banho rápido, embora bem tomado. Pego as roupas sobre a tampa da privada. *Caramba! Noah me viu dormir com elas!* Rio nervosa por ter aparecido para ele com as roupas de ontem e um hálito pós-almoço. Em seguida, corro para o quarto e fico no dilema do que vestir.

Por um minuto sinto saudade do meu armário antigo. Maior. Mais roupas, algumas que nem tive oportunidade de usar.

Vejo um vestidinho fresco e resolvo vesti-lo. Passo o filtro solar e depois faço uma maquiagem clarinha.

Calço rasteirinhas e meia hora depois da vinda de Noah, estou pronta. Poderia secar meu cabelo, mas ele só está um pouco úmido e não demorará para o sol fazer o trabalho do secador. Preciso me encontrar com ele, uma urgência semelhante à necessidade de sair dessa casa.

Pego o celular e não demoro a encontrar seu telefone, mesmo sem antes termos entrado em contato. Há oito mensagens perdidas em seu nome. Não há novidade no que leio após a nossa conversa, pois perguntou se eu estava bem, se ainda estava dormindo, contou que quase cruzou com um vizinho na madrugada. A única mensagem que não estava incluída na nossa ligação é a última, que ele avisou que estava saindo para vir aqui.

E chega mais uma:

***Noah-Eu: Saindo, lindinha. ***

Ele. Me. Chamou. De. Lindinha!!!!!!

Jogo-me no colchão. Meu rosto chega a doer de tão imenso que é o meu sorriso.

Por ter ignorado o celular completamente desde ontem à noite, mesmo antes de ele invadir meu quarto, vejo que fui incluída no grupo, **Noah's House 2**, há exatamente quatrocentas e oitenta e sete mensagens não lidas. Leio os nomes que ele montou numa lista, após ter inserido alguns telefones no grupo: Daniel, Caíque, Adriana, Claudia, dois rapazes do terceiro ano, um garoto e duas garotas do primeiro e mais um rapaz e três garotas que não são do colégio, mas conheço de vista.

A primeira mensagem é dele. Um aviso de reunião apenas para os mais próximos, que não há como chamar mais pessoas, que ele quer dar atenção aos verdadeiros amigos. Depois uma enxurrada de mensagens. Não tenho tempo nem vontade de ler esses textos e fotos, que parecem ter sido tiradas ontem à noite na praça, então apenas rolo a tela. A última mensagem é do Noah: “CHURRASCO CANCELADO”. Abaixo, os mesmos telefones de cima removidos.

O grupo ainda está ativo para mim e para ele. Ele não me excluiu.

Saio do quarto analisando a lista, a ausência de dois nomes salta aos olhos. A inclusão de um terceiro nome claramente foi por minha causa.

Natasha apareceria de penetra numa reuniãozinha que minha prima — incluída por minha causa — a avisou e a incentivou a ir. E Tatiana deu o piti na praça à toa, pois não o convenceu.

A campainha toca e dou uma última alisada no vestido.

— Pode deixar que eu atendo.

A voz do meu tio é um balde de água fria. Ele cumprimenta Noah e pergunta aonde vamos.

— Gostaria de tomar um sorvete com a Beatriz na praça. Podemos?

Noah é um fofo! Se eu fosse feita de sorvete estaria toda derretida!

O olhar dele desvia do meu tio e me encontra um pouco mais adentro da sala. O lábio repuxado num sorriso me faz pensar que eu posso não ser feita de sorvete, mas minhas pernas têm consistência de gelatina.

— Beatriz. — Tio Diego chama o meu nome e emite um alerta com o olhar. — Divirtam-se. E juízo.

Um pé para fora dessa casa. Outro. E só agora sinto-me livre do castigo.

A sorveteria é uma coisinha linda. Da primeira vez que eu estive aqui, estava tão sem cabeça, que não prestei atenção. Ela tem um visual bem retrô, as cores rosa, verde e amarelo bem clarinhas. Parece de filme.

Olho os freezers com caixas de sorvetes dos mais diferentes sabores, para serem combinados entre si, e com as mais diferentes farinhas, caldas, frutas, confeitos. Naquele dia não me despertaram interesse e hoje também prefiro olhar para o encarte para ver o

que há de bom, a ter que montar um que fique com um sabor duvidoso.

O local está bem cheio. Também pudera, com a tarde ensolarada lá fora, refugiar-se num ambiente com ar condicionado e sorvete torna-se um programa fantástico.

— Procure um lugar pra sentarmos. — Noah diz e me dá um selinho. — Gosta de sorvete com brownie?

— Com muita calda e chantilly, por favor.

Ele dá uma piscadela. — Pode deixar.

Olho para trás e vejo duas mesas vazias. As duas são para quatro pessoas, e sou muito mais ficar sentada ao lado do Noah do que de frente para ele. Escolho a que está bem no cantinho e nos dá uma boa visão da praça.

Quando meus olhos batem num lugar especial, não consigo mais ficar sentada. Levanto-me e encontro o olhar inquiridor de Noah por me ver de pé. Ele segura dois sundays de chocolate com muita calda. Os copos de vidro têm o poder de frustrar meus planos.

— Por que levantou? — Pergunta preocupado.

Dou um meio sorriso para tranquilizá-lo.

— Pensei em comermos lá fora. Mas não consegui avisar a tempo.

— Você quer comer na praça?

— É... tem cadeiras e bancos vazios. Mas se você quiser ficar aqui...

— Não, podemos ir à praça. Tanto faz. — Ele sorri o seu sorriso mais lindo e eu sorrio com ele.

— Aqui. — Oferece-me o sunday. — Acabou o brownie, acredita? — Mas o sunday é delicioso.

Pego o sorvete da mão dele. O copo de vidro é bem pesadinho. Logo depois, ele se afasta e vai para o balcão.

— Nós vamos comer na praça, depois trago os copos. — Escuto-o dizer para a funcionária.

— Claro, Noah. — A senhora concorda com um sorriso.

Claro que ela conhece o garoto mais popular do condomínio!

Não preciso dizer para onde quero ir. Noah me conduz para a mesinha que demos nosso primeiro beijo e eu suspiro apaixonada por constatar que nossas mentes estão em total sintonia!

Menos de vinte e quatro horas como sua namorada oficial, e já sei por que duas garotas são completamente fissuradas nele, mesmo após o término do namoro. Não imagino que ele tenha pulado a janela das casas de Tatiana e de Natasha. Noah faz tudo se tornar especial. Absolutamente tudo.

Sentamo-nos nos banquinhos de cimento e colocamos nossas taças sobre a mesa. Já

comemos um bocado, o dele está praticamente no fim.

— Se seu tio não tirasse você do castigo, eu estava pensando em passar o dia sob a janela.

Sorrio. — Ah, é?

— Só fiquei com medo de pôr esse plano em prática, pois poderia perder a oportunidade de entrar no seu quarto à noite.

Ele pretende passar a noite comigo mais vezes?

— Você fica linda vermelhinha.

Fecho os olhos sentindo meu rosto ainda mais quente.

— Quer dizer que você vai voltar?

Ele respira lentamente. — Tive uma noite maravilhosa. E, sim, pretendo voltar mais vezes. Mas vamos deixar os seus tios aliviarem um pouco mais a barra pro seu lado. Acho esquisito eles proibirem você de fazer tudo.

Seguro minha boca para ela não se torcer de raiva.

— É complicado. — Digo baixinho.

Ele assente. — Por que você veio morar com os seus tios?

Isso é mais complicado.

Minha hesitação o faz ficar mais sério antes de seu semblante ficar pesaroso.

— Seus pais são vivos? — Pergunta cauteloso.

Definitivamente minha vida é um poço de complicação. Um poço bem sujo, que se eu não tomar cuidado posso me afogar na sua lama.

— São. Vim morar com meus tios por causa de alguns problemas.

— Problemas?

O olhar dele me transmite tanta confiança que sinto medo.

Medo de ser impelida a falar.

E meus problemas não são para serem falados.

São para serem deixados para trás. Esquecidos num passado horrível.

— Ei, o que foi?

Olho para o lado com raiva de mim por deixar meus olhos marejarem na frente dele. Limpo as lágrimas com mais raiva ainda.

— Eu não quero falar sobre isso. — Minha voz quase não sai por causa do nó na garganta.

Noah me encara sério. Um olhar tão astuto que me pergunto se eu estou na frente de um garoto de dezesseis anos ou um homem bem mais velho.

— Posso só fazer uma pergunta?

Engulo em seco. Não respondo. Não autorizo.

Mas ele pergunta:

— Você está melhor vivendo com seus tios do que com seus pais?

Assinto. — É muito mais complicado do que você imagina.

Não tocamos mais no assunto. Nem naquela noite, nem em qualquer outro dia do carnaval. Apenas curtimos os dias de folia, todos eles juntos, na praça, no meu quarto (somente de dia, sem invasões noturnas), na casa do Noah, só eu e ele naquele sofá em L enorme. A sala estava bem diferente quando fui. Os móveis, que estavam grudados nas paredes para facilitar o trânsito dos colegas dele naquela primeira festa, voltaram para seus lugares habituais, e aquele cômodo estranho está mais com uma cara de sala, quase incorporada ao resto da casa.

Não vi sua família. Noah disse que seus pais saíram cedo e a única pessoa a aparecer foi a governanta nos oferecendo algo para comer. Aaron, seu irmão, mora em Nova Iorque e faz faculdade lá. Foi o máximo que Noah se limitou a dizer sobre a família, com um tom tão definitivo de fim de conversa, que parecia uma das suas cortadas fatais do vôlei.

Mas, nesse domingo pós-carnaval, ele saiu cedo com os pais para a casa de parentes da mãe. E eu fiquei aqui com essa família que... *é melhor eu não pensar muito sobre ela.*

— Meninas, marquei para fazermos a unha no salão depois do almoço. Aliás... Diego, vamos almoçar no shopping?

— Por mim, tudo bem, mas gostaria de ficar passeando no shopping, ao invés de ter que voltar correndo porque o namorado de alguém chegou. — Claudia resmunga.

Tia Talita rola os olhos. — Não implique com sua prima, Claudia.

Bem, eu gostaria de voltar correndo, mas tia Talita está tão animada que não sou eu quem vai colocar uma pedra no seu caminho. Como sei que Claudia só pode estar falando de mim, retruco sem rodeios:

— Por mim, podemos ficar o tempo que quiserem.

Com o clima de paz parcamente instaurado, nós quatro teremos um almoço de domingo fora de casa.

Uma família perfeita.

Será que é assim que as pessoas que passam por nós nos veem? Um casal bonito com duas filhas lindas?

Não usarei de falsa modéstia, pois somos. Sempre recebi elogios por ser bonita. E meu namorado me chama de lindinha e fala de dois em dois minutos (ou menos) que sou linda. E Claudia é muito linda.

Mas, sobre o passeio de nós quatro...

Tivemos o almoço, conversas sobre o cotidiano, como está o início das aulas. Tia Talita combina de irmos à praia na semana seguinte, mas tio Diego torce a cara, e a ida à

praia vira um passeio sem data marcada. Nem precisa de tanto preparo, pois o condomínio tem ônibus exclusivo que deixa na orla. Se eu quiser, posso ir sozinha (não que eu tenha permissão).

Quando deixamos o restaurante para irmos ao salão de beleza, tio Diego avisa que nos esperará numa livraria. Para ele, é melhor procurar um bom livro e sentar numa das poltronas ou sofás de uma livraria do que ficar na recepção de um salão de beleza, folheando revistas de moda e sentindo cheiro dos mais diferentes produtos.

Eu e Claudia terminamos de pintar as unhas das mãos e dos pés. Escolhi um esmalte rosa claro. A escolha da minha prima foi inicialmente vermelho sangue, mas ela trocou para o esmalte da mesma cor que a minha.

— Vocês querem dar uma volta pelo shopping? — Tia Talita pergunta. — Consegui uma horinha para retocar a raiz com o Wander.

Não sei quem é Wander e não sei se é uma boa ideia eu e Claudia darmos *uma voltinha* sozinhas.

— Tá. — Claudia se anima. — Posso passar na *Liperts*?

— Pode. — Tia Talita fala de um jeito que aprova e incentiva. — Escolham roupas pra vocês. — Ela impõe um limite nos gastos, joga beijos, e nós saímos do salão enquanto ela cumprimenta um rapaz de cabelos roxos.

Somos eu e Claudia.

Qual a probabilidade dessa combinação dar certo?

— Bia.

Meu coração faz uma pequena pausa ao ouvi-la me chamar já tão cedo.

— Oi, Claudinha.

— Você e eu não começamos bem, né... — Não digo nada. É verdade. — Você veio morar conosco, eu estava acostumada a ser filha única e de repente tudo mudou. E não seria por causa de um irmão, um bebezinho para eu me acostumar com a ideia de competir pela atenção dos meus pais.

— É. Deve ser difícil. Mas eu não quero disputar a atenção do tio Diego e da tia Talita com você.

— E tem o problema com o Noah...

Ah... Para ela, meu namoro com Noah não é um “isso”. É um problema mesmo.

Se ela e as amigas tivessem me incluído na patota quando cheguei, será que eu permitiria me apaixonar pelo Noah?

Quase rio por pensar que poderia ter domado o meu coração.

Mas eu poderia ter sido mais solidária à Natasha.

E tenho certeza que não aconteceriam as duas vezes que Noah se rendeu ao que sentia por mim. No dia do queimado, eu estaria no shopping com elas. No dia do Jogo da

Verdade eu nunquinha jogaria se tivesse alguém para conversar comigo.

Eu não teria sequer me aproximado da Drica, do Tuco, do Ricardinho e da Mandinha. Tudo seria muito diferente. O mais triste é que não trocaria nada que conquistei só para ter a amizade da Claudia.

— Eu gosto do Noah. Gosto de verdade dele. — Digo pra ela.

— E quem não gosta do Noah? — Ela suspira. — Ele vai te botar num pedestal. Já vi esse filme e não foi apenas uma vez. Sei o que acontece toda vez que o Noah termina um namoro. Porque é ele quem termina. E depois que dá as costas, fica com as outras do colégio.

— Não dá para prever o futuro. — Digo enojada.

— Olha, não estou agourando o namoro de vocês falando essas coisas. Você não estava aqui ano passado. Você não viu como a Nath ficou. E Tatiana ficou de um jeito que me deu pena quando ele terminou e duas semanas depois viajou pra longe. Nem preciso dizer que ele terminou com elas e logo foi visto com outras. E quando a garota vira *ex* dele, ela sai do pedestal do colégio inteiro.

— Não quero estar num pedestal, Claudia. — Digo cansada dessa conversa.

— Só estou alertando. E a sua amiga também está toda iludida com o Caíque. Aquele é ainda pior do que o Noah, pois nunca se prendeu à garota nenhuma. Continua todo assanhadinho.

— É aquela loja? — Faço um sinal com a cabeça para a loja com o nome que minha prima falou num letreiro berrante rosa, lilás e branco, com a esperança de findar essa conversa.

— Ah, sim! — Os olhos dela brilham.

Ufa! Acabou o assunto!

— Mas não esqueça o que eu falei.

Minha boca se contorce de irritação por ela continuar.

— Eu não vou mentir. — Ela continua e continua. — Torço para ele voltar para a Nath, pois você gosta dele, porém ela o ama. Ama demais e há muito mais tempo. Ele foi o *primeiro* dela, sabe? Ficaram oito meses juntos e depois que terminaram o namoro longo, ele a procurava sempre.

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Mas vou falar com ela que não vou interferir.

É. Já é um começo para melhorarmos nossa relação de primas.

Na loja, conversamos sobre as roupas que vestimos, aprovamos os looks uma da outra. Tia Talita chega e nota o clima diferente entre nós, mas não faz um alarde, o que é ótimo.

É melhor eu ter uma ótima relação com Claudia, no entanto mantenho meu pé atrás. *Eu me cortei na casa do Noah.* Ela não quis saber nem no momento, nem depois. No dia seguinte, me largou a caminho do colégio sozinha. Fora um monte de situações ridículas que geraram comentários desnecessários por ela me ignorar. Não posso me esquecer de que quando torci o pé, até a diretora da escola sabia que eu não podia contar com ela para ficarmos em casa sozinhas.

No fim, ultrapassamos um pouco o orçamento inicial. Não fico com a consciência pesada como se desse mais um gasto para meus tios. Porque não dou. Morar com eles não gera nenhuma despesa para seus bolsos.

Saio do carro na praça. Noah ainda não chegou, reclamou por mensagens que seus pais não pensam em voltar tão cedo para casa.

Bate uma dorzinha no peito por talvez não o ver hoje.

Ficar em casa não era uma opção. Ainda no carro, Claudia combinou de pegar Natasha para as duas ficarem na casa que resido. Nem entrei na Vila Azul por conta disso.

Sem muito o que fazer, envio uma mensagem para Adriana, avisando que estou na praça, mas ela avisa que foi ao cinema com Caíque.

É. Sozinha.

Ou não.

Vejo sentados num canto da praça Artur, Ricardo e Amanda. Estão tomando sorvete. Como estou perto da sorveteria, compro uma casquinha de chocolate com baunilha e vou me encontrar com eles. Só a poucos passos eles me veem, e nitidamente não gostam da minha aproximação.

— Oi. Não sabia que tinham voltado.

— Bom, já vou. — Ricardinho me torpedeia com o olhar e levanta.

— Ei, o que houve?

Os outros dois também levantam. A atitude inesperada deles me causa tanta mágoa que meus olhos marejam. E antes que eu sufoque, consigo perguntar:

— O que aconteceu? — Minha voz está embargada.

Artur me encara com um olhar entediado. Amanda não expressa qualquer emoção. Bem, quando percebem que a atitude deles me magoou, eles se sensibilizam um pouquinho. *Só um pouquinho mesmo.*

— Qual é a sua? — Amanda atira.

— A minha?

— É. A sua. Você aparece com essa pose de santinha, de que não quer ser popular, fala com a gente...

Cambaleio como se tivesse recebido um golpe.

Não! Não! Não! Não! Eles não podem ter descoberto o que me fez vir morar aqui. Aquela monstruosidade não pode ter me alcançado. Não agora que estou conseguindo ser feliz. Não, por favor, Deus, não!

— Peraê, Amanda. Ela não sabe.

Eu não sei?

— O que eu não sei? — Pergunto com o coração na boca e a voz estrangulada.

— Você e a Drica estão metidas com aqueles garotos! — Amanda fala rispidamente.
— Eles infernizam as nossas vidas.

Minha mente dá um nó. — O Noah?

Artur rola os olhos. — Ele nem tanto, mas o Caíque sempre foi um idiota.

— O Caíque ainda é assim? — Pergunto descrente. — Inferniza vocês?

— Não, ele imita o *Mr. Perfect*, então já tem tempo que ele não implica tanto. Mas algumas coisas são difíceis de esquecer. Principalmente para o Ricardinho.

Mr. Perfect... Não duvido que esse seja o apelido do Noah. Mas o que ele diz faz sentido. Vi a apreensão quando Ricardinho foi me entregar o casaco ainda no primeiro dia de aula, quando Caíque falava comigo. Olho para Amanda. O *jeito dele de ser* se mostrou grosseiro ao falar dela, e causou risos na turma. Na hora achei que ele não tinha limites, mas não achei que esses *limites* tivessem um histórico de crueldade.

— Eu realmente não sabia. — Olho para o sorvete sem a menor vontade de continuar a tomá-lo. — Desculpe.

— Você não tem por que se desculpar. — Amanda fala. — Pra falar a verdade, você é estranha.

— Estranha?

— Bem, agora nem sei mais se é estranha. — Ela rola os olhos e fico ainda mais perdida. — Quero dizer, o normal seria você entrar pra patotinha da sua prima. As populares. Ou para a outra patota. Mas você...

Ela se interrompe, o que é ótimo, pois seriam palavras que a depreciariam e Amanda é uma pessoa muito legal.

Mas o fato é que eu preferi a eles aos populares e ninguém entende.

— Estou na *patota* de vocês por eu ter mais afinidade com vocês.

E realmente tenho.

— Como foi o carnaval de vocês? — Pergunto para enterrar a última conversa. Meu coração ainda pulsa forte e acelerado por causa do medo que me atingiu.

Surpreendo-me ao ouvir que os dois foram para a mesma cidade e que se encontraram por lá. Mais surpresa fico ao ouvir que Ricardinho não saiu de casa. Ele simplesmente se isolou. Tenho certeza que o ouvi dizer que ia para um hotel na região serrana, mas não vou

questionar seus motivos.

Anoitece e, por mais que eu esteja adorando estar com eles, uma sensação de vazio começa a bater no peito. Já olhei no celular algumas vezes. Nenhum sinal do Noah. Quando dá oito horas, os dois se despedem e um desânimo me atinge por não ter mais nada para fazer aqui. A esperança me faz dispensar a companhia de Artur para voltarmos juntos à vila, todavia, meia hora depois, preciso me render e voltar para casa sem me encontrar com Noah. Dificilmente meu tio permitirá que eu saia depois que entrar.

Eu queria muito vê-lo.

E o vejo. Como uma assombração do outro lado da praça. Ao lado da Natasha. O baque é tão grande que recuo um passo como se tivesse sido atingida por um golpe violento. O pior: minha prima está com eles. Um pouco mais afastada, mexendo no celular, mas lá está ela.

Uma força dentro de mim me empurra na direção deles. Quero tirar satisfações, quero pular no pescoço dela, arrancar seu cabelo vermelho e tacar fogo e só assim aplacar a fúria que há em mim. Uns tapas na minha prima também seriam bem dados. Mas é o medo que me faz atravessar a rua e seguir pelo caminho mais distante possível deles. O medo de novamente ser humilhada.

Consigo entrar na Vila Azul sem ser vista. Meu celular toca. Mensagens. Ligações. Não sei se são dele e tenho muito medo de constatar não serem.

E como eu atenderia com esse choro que não me deixa?

Talvez ele queira apenas terminar. Como minha prima disse: *tirar-me do pedestal*. Todavia não quero estar num pedestal. Quero estar com ele.

E se... Paro na porta de casa sem conseguir me mexer. Músculos e esqueleto trêmulos e incapazes de corresponderem ao meu comando de pegar a chave no bolso para poder abrir a porta. O celular volta a anunciar uma chamada. Engulo um soluço e finalmente consigo enfiar a chave no miolo.

Entro em casa e a televisão está ligada num filme ou programa francês. Meus tios estão na sala, então me veem aqui dentro, e só lhes desejo “boa noite” com a voz fraca. Entro no quarto e já está aqui tudo que preciso. Queria tomar um banho para tirar o ar da rua, mas só quero dormir. Tenho que dormir.

Amanhã será um novo dia.

Hoje, eu simplesmente não posso mais.

Amália olha para mim quando o sinal toca. O segundo. O que anuncia o início do primeiro tempo.

Hoje é ainda pior do que aquele primeiro dia.

Era para eu ser invisível. Vir para as aulas, aprender a matéria, fazer o necessário para passar de ano com notas beirando a perfeição e fim.

Odeio pensar assim, mas tio Diego tem razão: era para eu pensar apenas em estudar.

— Se você acha que precisa de mais tempo para ficar aqui, pode ficar, querida. — Ela sorri. — Mas preciso que me diga por que você não quer ir para a aula hoje.

Olho bem pra ela. Minha vida está tão cercada pelos muros desse condomínio gigantesco, que duvido que ela não saiba o que se passou comigo no carnaval. Será que namorar Noah não é algo tão grandioso assim?

Provavelmente a segunda opção. Coisas boas nem sempre são compartilhadas. São coisas ruins que se espalham como pragas. E as coisas *horríveis* ganham vozes, pernas, asas e viralizam tudo que está no seu caminho.

— Eu estou bem. — Ergo o canto da minha boca fingindo um sorriso. — Obrigada por me deixar esperar aqui.

— Claro, querida. — Ela sorri. — Se precisar voltar, a porta está aberta.

Se algo muito *horrível* tivesse acontecido, eu não teria sequer saído de casa. O bom dos grupos de mensagens que mais servem para detonar a memória do celular do que saber de algo essencial é que, se *algo essencial* surgir, ninguém mais comentará outra coisa.

E se algo de muito *horrível* acontecesse, duvido que não fosse do conhecimento da Amália. É impossível ficar escondido. É estupidamente monstruoso. Como a peste negra tão estudada nas aulas de História. Algo tão atroz que não dá para saber de onde vem o ataque malévolo, capaz de matar de um jeito cruel e sádico, no entanto é impossível manter a ruindade oculta após sua manifestação.

Chego ao corredor. O inspetor conversa com dois alunos mais à frente da minha sala de aula. Eles me olham e me ignoram.

Respiro fundo, antes de bater à porta. Ouvi batidas na porta por volta desse mesmo horário dias atrás. A decepção foi enorme quando Noah entrou com Natasha.

Será que vou encontrá-lo sentado ao lado dela?

Isso seria algo grandioso para o grupo de mensagens da turma. Duvido que não tenham feito qualquer registro caso eles tenham voltado a namorar. A própria Natasha faria questão de postar a foto. Ou disfarçaria e quem faria questão de exibir os dois como

casalzinho seria Claudia ou Priscila.

Duvido que Natasha não fosse exhibi-lo como um troféu.

Bato duas vezes e abro. A professora me encara.

Antes mesmo de criar coragem para olhar para onde Noah senta, vejo que Amanda está sentada sozinha no lugar dela e tenho um sobressalto.

— Bom dia, professora. — Cumprimento. — Licença.

E acabo logo com a tortura.

Olho para o fundo da sala e vejo Noah ao lado de Daniel. À frente deles, Adriana e Caíque. Mas deixo de lado o espanto — nem tão espantoso assim — de ver os namorados sentados juntos.

Noah. Ele, sim, prende minha atenção. Sua boca está entreaberta, os olhos estão ainda mais verdes por causa da camiseta da mesma cor. *Ele é tão lindo!* Então seu maxilar enrijece, a raiva toma conta de seus olhos.

Está com raiva de mim?

Ele é quem deve explicações! E dá vontade de perguntar agora. Só que já estou chamando atenção demais.

Caminho pela sala com o peso de me sentir uma estranha quando paro ao lado de Amanda e sento na cadeira vazia.

— Estava explicando um trabalho para a avaliação de vocês. — A professora explica após eu me acomodar. Depois se volta para a turma. — Vocês se fotografarão, em duplas. Não precisam usar uma câmera profissional, mas prezem pela qualidade da imagem. No dia da avaliação, vocês terão que pintar em aquarela essa fotografia que trarei em preto e branco. Vocês podem escolher suas duplas.

Noah. Ele é a primeira pessoa que penso para fazer esse trabalho. Tiraria centenas de foto dele justificando que eram apenas para o teste.

— Pode ser em trio? — Priscila pergunta.

— A sala tem um número par de alunos, Priscila. — A professora responde com a voz monótona.

Olho para Amanda. — Vamos fazer juntas?

— Não vai fazer com o seu namorado? — Pergunta com um pouco de ironia. Acho que não engoliu ter sido trocada por Caíque.

— Acho que ele vai fazer com o Daniel. E, de qualquer forma, não quero misturar os estudos com o meu namoro com o Noah.

Que nem sei se ainda é namoro.

— Tá.

— Vocês duas juntas, meninas? — A professora, tão próxima de nós, ouviu a

conversa.

Assinto.

— Eu e o Daniel. — Noah avisa do final da sala em seguida.

Não há muita surpresa. Natasha e Claudia, Priscila faz parceria com Giovana, Caíque e Adriana, Ricardo e Artur, Dalila e Yasmin, Tatiana e Patrícia, Valentina com o namorado, e os demais... *demais*.

O restante da aula é sobre o passado, estilos perdidos no tempo que tenho que arrumar um meio de decorar. Até que o sinal toca.

Meu material já está arrumado.

Antes de me levantar, um “poste” para ao meu lado e pega a minha mochila. Noah só me dá passagem, pois, pra Amanda sair, eu preciso recolher a cadeira.

— Você sumiu desde ontem. — Noah acusa.

— Eu sumi? Estava na praça e depois fui pra casa.

Ele solta uma lufada nervosa. Saio da sala e ele vem atrás. Chegamos ao corredor e ele me encosta na parede.

— Você me viu com Natasha? — Pergunta com o olhar cravado no meu.

Respiro fundo, deixando a raiva transbordar e ele colher sua resposta.

— Não gosto de ciúme. — Alerta.

— Quer dizer que somos incompatíveis? — Minha voz sai mais ácida que a dele.

Assusto-o. Noah abre a boca, mas não emite qualquer som.

— Não sou ciumenta, Noah. Mas não aceito ser traída!

Ele pisca. Então meneia a cabeça com um sorriso enorme, como se não acreditasse no que eu acabei de dizer.

Ah, Noah, nem meu coração está do seu lado agora. No momento, esse órgão vital está duro como pedra e seu sorriso lindo não me atinge.

Tá... não me atinge por completo. Só me amolece um pouquinho!

— Não estou brincando.

— Sei que não. — A voz ainda continua ácida, mas saiu levemente bem-humorada.
— Encontrei Natasha e fomos juntos pra praça.

Desdenho. — Ah, sim.

— Sim. — Agora ele está totalmente sério. — Meu pai me deixou na frente da sua casa, e lá estavam Natasha e sua prima, conversando na varanda. Disseram que você estava na praça, ignorei as duas, bati a porta para confirmar com a sua tia. Só que elas resolveram vir para a praça comigo. Então você me viu na praça ao lado delas.

— Vi.

Ele assente. — E depois não atendeu às minhas ligações de propósito.

Ah, Noah, você não vai reverter esse jogo.

— Olha só, Noah, eu fiquei com muita raiva. Não teve uma só vez que vi Natasha se aproximar de você pra falar sobre o céu nublado ou não, ela não tem crédito pra ficar de papinho contigo.

Ele faz uma careta. Se aquela garota conversa com ele sobre o dia ensolarado, com certeza é pra recordar alguma data que ela estava de biquíni na companhia dele.

Ele suspira. — Ontem, eu tentei entrar no seu quarto. Bati e até liguei e mais uma vez você não atendeu.

Fecho os olhos e pela primeira vez sinto-me culpada.

— Você sabe que é arriscado. — Seu tom é acusativo.

— Eu tenho o sono muito pesado, Noah. — Digo sentindo um peso no peito. — Você não pode aparecer sem avisar.

O sinal toca de novo. É hora de ir para a aula.

Noah passa o braço pelo meu ombro.

— Vai sentar do lado da Amanda agora? — Pergunta casualmente.

Encolho os ombros. — É melhor não misturarmos o namoro com as aulas.

— É. Também penso assim. Costumo fazer os trabalhos em dupla com o Dani. Só não gostaria que você fizesse dupla com o Artur ou o Ricardo.

Rio. — Está com ciúmes?

— Daqueles dois? De jeito nenhum. Mas não quero que você fique tirando foto de marmanjo, nem que vá à casa deles.

Rolo os olhos. Noah ciumento.

Gosto disso.

Entramos na sala e ele deixa a minha mochila sobre a mesa ao lado da Amanda, antes de ir para o fundo da sala.

Aula de Literatura Inglesa. O professor pede para abrimos o livro na página vinte e oito para lermos um trecho de Jane Eyre e façamos os exercícios das páginas seguintes.

— Noah, o que o professor disse? — Tatiana pergunta.

Bufo. E pra quem mais ela perguntaria? Noah está ao lado dela e é tão americano quanto o professor. Ele repete o que o professor disse com o seu inglês perfeito, daquele jeito rápido e totalmente dominante da língua que vi seus pais conversarem. Bem diferente da fala pausada do professor.

— E você não precisa tocar me mim para me perguntar nada. Basta me chamar. — Seu tom tem o fio de uma navalha. Um tom que não permite que nossos colegas façam qualquer ruído pelo fora que deu.

Mentiria se eu dissesse que não gostei de ele ter cortado a tentativa — que nem vi — de Tatiana agir com intimidade. Onde já se viu! Tocá-lo para fazer uma pergunta idiota! Mas penso em quantas vezes Tatiana agiu dessa forma. Talvez falando um pouco mais baixo. Um sussurro ao pé do ouvido por sentar-se ao lado dele. Meu sangue começa a borbulhar e seguro com força a barra da mesa para não levantar e ir até lá.

É estranho eu me sentir assim, pois nunca fui de comprar briga.

Também nunca precisei entrar numa briga.

Estou gostando demais do Noah. Não consigo pensar em ficar sem ele. Entretanto será que eu estou preparada para um novo namoro?

É oficial. Para todo o turno matutino do colégio não há mais segredos que a novata do segundo ano e o astro do vôlei do colégio estão namorando.

Noto que há bem menos alunos na aula de Educação Física, após o carnaval, o que é estranho, pois na minha turma apareceram mais três alunos que só resolveram estudar após os dias de folia. Talvez só agora tenham conseguido os atestados. Vai saber.

Só que ficou mais compreensível reunir todas as turmas. Além dos quase cinquenta do vôlei, não sobraram mais que trinta alunos. A maioria de *alunas*.

Nem imagino o motivo...

Hoje, os garotos jogarão vôlei. Time por sorteio de nomes dos vinte e quatro selecionados. Duas partidas e uma final entre os vencedores. As garotas sorteadas treinarão movimentos do esporte junto com os demais (eu inclusa).

Não sei se é humor negro, piada do dia ou uma tentativa de reviver aquela fatídica partida em que torci pé, mas os professores decidem me colocar cortando e recepcionando as bolas da Tatiana, e vice-versa. Juro que estou tentando ver pelo lado positivo, já que assim, de frente para ela, eu verei todas as suas jogadas, e não correrei o risco de levar uma bolada na cara sem ter a chance de me defender. Só pode ser por esse motivo, até porque Natasha, Dalila e Claudia estão bem longe de mim.

Então, aguento o lindo rosto de Tatiana transformado numa carranca por todo esse jogo idiota, até que finalmente chega a final e todos nós somos liberados para assistirmos a partida na arquibancada.

Até teve um “quem quiser ficar aqui mais um pouco, pode ficar” dito pela Professora Rose, que obviamente foi uma sugestão descartada por todos.

E lá fomos nós para a quadra principal. Queria ficar no gargarejo. Mas subo para a terceira fileira da arquibancada e espero Noah e seu time jogar.

Alguém duvidou que ele estaria entre os finalistas?

Eu não.

— Oi.

Sorrio para Artur que se senta ao meu lado. Conversamos um pouco sobre a aula, e

ele fala que vai insistir para os pais arrumarem uma dispensa.

— Essa aula até que é divertida. — Tento convencê-lo a ficar.

— Vi que você se divertiu bastante com a Tatiana.

Uma risada sarcástica escapa de mim.

— Dessa vez, ela jogou as bolas pra mim direitinho.

— Ah, todo mundo ficou esperando quando ela iria zoar.

— Acho que por isso ela não tentou nada. Ela deve estar muito mal por não ter sido escolhida.

Ele encolhe os ombros. — Perdeu a chance.

— Nunca se sabe... Se eu fosse ela, não desistiria.

Os jogadores se arrumam em quadra e nós ficamos em silêncio. A torcida grita seus nomes e nem preciso dizer qual é o mais ovacionado, né...

Vejo Noah ir lentamente para a posição de saque. Já percebi que ele gosta de iniciar o jogo sacando. E, como capitão, ninguém se opõe. Seu olhar vasculha a arquibancada.

Olha para onde Adriana e Caíque se sentaram. Vi quando ela saiu da quadra, acompanhada de outras jogadoras selecionadas para o campeonato (não vou discorrer que essa atitude da Adriana me chateou um pouco), e se sentou ao lado do namorado e uma aluna do primeiro ano.

O apito faz com que ele pare de me procurar e saca. *Ace.*

Mais uma vez, ele me procura. Ainda ali perto do Caíque e o loiro olha para os lados. Fala algo com Adriana, e a vejo encolher os ombros.

— Aconteceu alguma coisa entre você e a Drica? — Artur pergunta.

— Que eu saiba, não.

— Aí... — Uma cutucada no Artur faz com que nós dois olhemos para trás. Lucca. — A Dalila quer falar com você. Está ali atrás.

Há um conflito no olhar do meu amigo.

— Vá lá. — Encorajo-o.

— Tsc. É melhor eu ir. Vou acabar logo com isso. Ela deve me achar um idiota por acreditar que nós vamos voltar. Só porque você está com o Noah e fala comigo.

Arregalo os olhos com essa reclamação (ou revelação, não sei) dele. E até faz sentido. Pelo carnaval inteiro ela tentou falar comigo e com a Drica. Adriana foi mais receptiva. Bem, o problema delas era por causa do Artur e eu não sei como era o relacionamento desse povo todo antes das formações e rompimentos de casais.

Por outro lado, ainda quero acreditar que, por eu estar com o Noah e a Adriana com o Caíque, Dalila parou com o ciúme ridículo e resolveu dar uma segunda chance pro Tuco. Só espero que não seja tarde demais (pra ela, né).

O pior de tudo é eu não prever o óbvio: Lucca se senta no lugar do Artur. Para piorar, essa movimentação finalmente indica para Noah onde eu estou. Ele me fuzila com o olhar em sua posição de saque.

— Quer dizer que você conseguiu fisgar o Noah. — Seu tom irônico é repugnante.

Encolho os ombros e não tiro os olhos do Noah, que saca ao apito. Ele não forçou dessa vez.

— E, pelo visto, ele não gostou de me ver sentado com você.

— É. Deve ter a ver com o Jogo da Verdade. — Digo secamente sem olhar pra ele. — Ele não gostou do que você ficou falando sobre me beijar.

Olho para a partida. Para a parceria de Daniel com Noah. Daniel pode não ser alto, mas é um jogador excelente, e as jogadas combinadas com o Noah saem impecáveis.

— E você me deve um beijo.

Olho para ele e digo bem séria. — Eu saí do jogo.

Ele ri. Olha para Noah que novamente vai sacar.

— Quando ele terminar o namoro com você, eu vou cobrar esse beijo. Na frente de todo mundo. Um minuto.

Não respondo. *Quando o Noah terminar comigo...*

— Não duvide. Ele vai terminar.

— Independe disso, aquele jogo morreu.

Saio do meu lugar e resolvo ficar parada de pé no canto da quadra, perto de uma pilastra com os braços cruzados. Noah saca. Ace. Ele vai levar essa partida de zero. Ou levaria se no ponto seguinte Mateus não devolvesse na diagonal oposta à do meu namorado.

Mas pouco consigo assistir do jogo. Só consigo ouvir meu coração batendo descompassado, até que escorrego no chão e me encolho para que a vertigem me derrube de vez, enquanto os comentários sobre minha conversa perturbadora com Lucca se misturam a recordações ainda mais horrendas. Apoio os braços nos joelhos e escondo meu rosto.

Os gritos de vibração com os pontos não conseguem desfazer esses pensamentos que só podem ser uma fantasia macabra da minha mente. Até porque começo a escutar aqueles burburinhos do passado. Aquelas coisas horríveis e não faz sentido eu ouvi-las aqui.

Ergo a cabeça.

Ou faz?

Talvez agora eu não queira acreditar que aquele mal foi descoberto nesse colégio. Aquelas fotos podem estar sendo compartilhadas nesse exato momento e é por isso que todos riem de mim.

— Trix? Trix?

Essa voz... Ela quer penetrar na minha mente. Vejo um vulto na minha frente. Pisco algumas vezes tentando descobrir quem é essa pessoa.

Será que é alguém que quer me fazer mal?

— Não, eu não sei o Lucca falou pra ela! — Escuto mais dessa voz. — Trix, você está me ouvindo?

Trix... Trix é como o Noah me chama.

Pisco mais um pouco, tentando fazer com que seu rosto faça sentido.

— Noah?

— Oh, Trix! — Ele suspira.

— Venha, Beatriz. Fique aqui conosco. — Rose me ajuda a levantar.

Em seguida, é a voz do professor Getúlio ordenando o recomeço do jogo. Um jogo que Noah está mais do que empenhado em terminar. Nada de jogadas ensaiadas. Se for para devolver de primeira, ele devolve com um corte mortal. Suas largadinhas são mais cruéis ainda. Explora o bloqueio explodindo as bolas nas mãos dos adversários. Algumas param na arquibancada.

Apito final. Time Um: vinte e cinco; Time Três: doze. É... Mateus lutou bravamente. Dos doze pontos, dez talvez tenham sido dele. Ou todos. Ou menos. Não faz diferença. Pouco prestei atenção no jogo.

Noah mal comemora com a equipe. Pra dizer a verdade, a atitude dele bastante fominha desagradou a todos. Talvez esperem que ele seja assim apenas nos jogos oficiais, afinal todos querem o título. Normalmente no colégio ele gosta de construir jogadas. E, se ele mal aperta as mãos e dá aqueles abraços fracos e rápidos é porque ele abandona a quadra e vem na minha direção.

— Você está melhor?

Assinto praticamente sem mexer a minha cabeça que está latejando. Se eu ainda estou aqui é para não aumentar os burburinhos sobre mim e para que não causasse mais uma saída dele do jogo por minha causa.

— O que ele te disse?

De novo isso?

— Ele não disse nada demais. — Murmuro.

— O que você disse pra ela?

— Só falei que ela finalmente amarrou o *Mr Perfect*. Depois de ficar secando você o tempo inteiro.

— Lucca e Noah! — A professora os repreende. — Acabou essa discussão. Todos pro vestiário.

Essa discussão toda acaba com o último resquício de ânimo que eu tinha. Nem sei se vou tomar banho. Só quero ir embora.

— Oi, Bia. — Adriana vem falar comigo. — Eu não achei você quando vim pra quadra, achei que já estava lá perto do Noah...

Ela transmite sua desculpa em palavras. *E só.*

— Tudo bem. — Digo secamente.

Até que foi uma batalha fácil não pensar por que ela tinha me ignorado na hora de todos irmos para a arquibancada, embora tenha me chateado.

— Vamos tomar banho?

Assinto sem vontade. Assim que levanto, Noah passa o braço em meu ombro. Escuto o professor Getúlio dizer que quer conversar sobre a atitude dele, mas ainda bem que prefere deixar que meu namorado me acompanhe.

E apenas enquanto estou no banho que nos separamos. Assim que saio, o vejo escorado à parede em frente à entrada do vestiário feminino. Eu demorei. Sei que demorei. Deixei que a água caísse pelo meu corpo por tempo demais, enquanto ouvia as conversas do lado de fora da cabine. Conversas que falavam de mim, e não eram fruto da minha imaginação. Então fiquei ali, protegida naquele cubículo enquanto as vozes diminuía até Adriana avisar que estávamos sozinhas, e que Caíque e Noah estavam do lado de fora.

Mas antes desse aviso, a voz dela foi uma das que saíram do banheiro e me deixaram sozinha lá dentro.

— Vou pra casa do Caíque. — Adriana se despede de mim na porta. — Combinamos as fotos do trabalho de Artes.

Sorrio pra ela e digo-lhe “até mais tarde”. Ainda bem que ela vai pra casa do namorado ao invés de querer ficar comigo. Depois do que aconteceu na quadra, quero ficar no meu cantinho, em silêncio, curtindo o frescor do ar condicionado e um edredom quentinho.

Noah passa o braço pelo meu ombro.

Quero dizer pra ele que há horas que eu não estou bem. Há dias que eu não estou bem. Há momentos que a solidão é segura e protetora.

Mas não consigo. Hoje, em especial, só quero ficar abraçadinha a ele, protegida no meu quarto.

— Oi, Bia!

Fecho os olhos e meus ombros caem por ouvir Claudia me chamar alegremente. Olho para ela com um sorriso frouxo que se desfaz totalmente quando a vejo ao lado da Natasha. *Como não suspeitei que as duas estariam juntas?* Pior que resolvem ir conosco para casa.

E como elas falam. E falam e falam a ponto de me dar náuseas. Elogiam a atuação do Noah no jogo, falam sobre os campeonatos do ano passado, no seu sonho de se tornar profissional, sobre as festas, o aniversário da Natasha que está chegando, o aniversário da minha prima que será só em junho. Enfim, falam, falam e falam. E, é lógico, não passam

nem perto de perguntar se estou bem, se estou melhor ou ao menos descobrirem o que aconteceu comigo lá na quadra.

Quanto mais elas falam, mais parece que a mordança invisível na minha boca é apertada, me impedindo de falar qualquer coisa com o Noah. Várias vezes me pego respirando fundo, *sufocada*. E tento, tento muito focar nos movimentos aleatórios que Noah faz no meu ombro com a ponta dos dedos, enquanto me abraça. Ele não fala nada. Quero dizer... *não fala muito*. Às vezes, para não ser mal-educado com as duas, faz algum comentário rápido sobre o que elas tanto tagarelam.

A tensão se apodera de mim com força quando Natasha passa direto da casa dela.

— Vamos lá pra casa? — Ele pergunta baixinho e aproveita para dar um beijo no alto da minha cabeça.

Todos os chamam de *Mr. Perfect* como se fosse uma ofensa, mas não há definição melhor para Noah. Ele é perfeito!

Olho para ele com tanta gratidão que dá vontade de chorar. Ele me dá um selinho e me aperta.

— Ainda não almocei. Ângela já deve ter preparado o almoço.

— Avise sua tia que estamos indo pra minha casa e você almoça comigo.

Pego o celular do bolso imediatamente. Só preciso estar às dez da noite em casa nos dias de aula. Não foi imposta qualquer restrição sobre onde devo estar, a não ser que fosse dentro desse imenso condomínio. Escrevo uma mensagem avisando não apenas que vou para a casa do Noah, mas que Natasha está na companhia de Claudia. Tia Talita responde que vai chegar somente às seis da noite e que não há problemas ir para a casa do meu namorado.

Esses dias, ela esteve em casa e acho que foi isso que assegurou a tranquilidade. Mesmo assim Claudia conseguiu me escorar em alguns cantos para reclamar de alguma coisa. É melhor que tia Talita seja prudente. Ainda mais com Natasha de visita.

— Tudo certo? — Noah pergunta olhando para a tela, mas eu a apago imediatamente e guardo o celular.

— Ela deixou. Posso voltar às seis.

— Voltar de onde? — Claudia pergunta.

Rolo os olhos irritada com sua intromissão.

O pior é que não sei o que causará um mal-estar maior: se é dizer para onde vou ou se é deixá-la no vácuo.

— Pra minha casa. — Noah responde secamente. — Bem, já vamos.

Não tinha percebido que estávamos em frente à casa que moro.

Deixamos as duas para trás e seguimos para o fim da rua. Ao lar do Noah. Passamos pela porta de entrada. Ainda é estranho olhar para esse lugar e enxergá-lo como o mesmo que recebeu tantos colegas nossos. O sofá em “L” que dá vontade de se esparramar é um

luxo que me permitirei daqui a pouco sentir.

Noah deixa sua mochila numa das cadeiras acolchoadas que ficam perto da entrada. Ajuda-me a tirar a minha e a põe ao lado da sua.

— Vou trocar de roupa. — Ele avisa. Pela primeira vez, nossos corpos deixam de se tocar. — Você fica bem? Pode se servir do que quiser no bar. Vou pedir para botar a mesa pra nós dois.

Nesse momento, eu o encaro apenas assustada. *Ele vai me deixar sozinha?*

Sua mão acarinha meu rosto. Nossos lábios selam um beijo rápido e casto e vejo o meio sorriso que tanto gosto.

— Já volto. — Sussurra, mas não vai. — Quer que eu traga uma camiseta pra você ficar mais à vontade?

Vestir uma camiseta do Noah?

— Você fica tão linda coradinha.

Coradinha? Devo estar megavermelha! Mais vermelha que o próprio vermelho!

— Vou trazer, caso queira trocar depois. — Ele diz e me dá um selinho.

Então, Noah parte. Entra por aquela porta que para mim seria um castigo passar na primeira vez que estive aqui. Escuto o clique da maçaneta. Escuto-o avisar em inglês que há visita na casa. Uma voz que se esvaiu com o distanciamento dele enquanto caminhava cômodo adentro.

Suspiro olhando essa casa enorme, sem *ver* algo de concreto. Posso ficar à vontade para me servir de um copo de suco de caixa que sei existir no frigobar embutido na parte interna do bar. Há biscoitos, amendoins, castanhas, pacotes de salgados e balas também ocultos naquele canto da sala onde são exibidas bebidas caras. Na verdade, em exibição há apenas duas garrafas. Suspeito que uma delas seja de uísque.

Se no primeiro dia, eu andei aqui livremente, servi-me de um copo de refrigerante próximo àquele bar, hoje, não me sinto nem um pouco à vontade.

E acho que sei por quê.

Ninguém passa pela porta que Noah acabou de atravessar. *Hoje tenho plena consciência desse fato.* Talvez nem Caíque, nem Daniel.

Caminho lentamente e olho para um dos ambientes dessa sala, onde estão a televisão, o videogame e o sofá. Pra que Noah chamaria os amigos para irem ao quarto? Tem tudo aqui para recebê-los. Inclusive privacidade.

O som do trinco da porta me chama atenção. Olho para trás e congelo ao ver que a porta aberta é a da entrada da casa.

Um rapaz com o cabelo castanho claro e encaracolado estaca ali quando me vê. Seus olhos verdes — iguais ao do Noah — me fitam com curiosidade, até olharem para além de mim. Se procura o meu namorado (minha suspeita é que sim), não vai encontrar.

Atrás dele, escuto vozes na maioria masculinas. Falam em inglês com muitas risadas. Ele fala algo certamente com alguém atrás dele, antes de dar um passo adentro e fechar a porta. Percebo que ele é mais baixo do que o Noah, embora aparente ser bem mais velho.

— Você é a Trix? — Pergunta e noto que o sotaque é ainda mais forte que o do Noah.

Arregalo os olhos com a pergunta certa. Ele caminha na minha direção sorrindo, mas não consigo retribuir.

— Sou o irmão do Noah. Aaron, prazer.

Aaron é bem mais baixo que o irmão, apenas um pouquinho mais alto do que eu. Beleza é uma característica marcante em sua família.

— Prazer. — Murmuro.

— Meu irmão é muito mal-educado mesmo. — Dá um sorriso. — Deixou você sozinha aqui?

— Ele foi trocar de roupa.

— Você quer água, suco?

— Não, obrigada.

— Aposto que o Noah falou pra você se sentir à vontade. — Ele adivinha enquanto caminha até o bar. — Vocês vão ficar aqui?

— Acho que sim. — Respondo receosa ainda mais quando o vejo pegar dois copos e enchê-los de suco.

Ele não gostou muito da minha resposta. E isso é um eufemismo se eu considerar a expressão de desagrado em seu rosto.

— Pra você. — Ele me oferece um copo sobre a bancada e pega o outro para si. — Então você é mais uma namorada da sala do meu irmão.

Mais uma...

Mais uma da sala do Noah...

Engulo em seco e desisto totalmente de pegar o copo. Escuto mais uma porta ser aberta e, ao olhar na direção, vejo Noah sair de onde sei ser a cozinha.

Ele estaca e arregala os olhos, antes de abrir um sorriso gigante. Aaron larga o copo e caminha de encontro ao irmão de braços abertos, até que os dois se dão um abraço apertado, com direito a tapinhas nas costas.

— Quando você chegou? — Noah pergunta ao irmão e este olha para mim.

— Não quer ser mais mal-educado com a namorada?

— Ela fala inglês. É o costume.

— Costume... Sei... Cheguei no final da manhã com uns amigos. — Aaron responde. — O check-in do hotel só pode ser à tarde. Vai ficar aqui?

— Vou almoçar agora com a Trix. Vai ficar na piscina ou aqui dentro?

O irmão dele ri. — Fico lá fora com meus amigos.

— Valeu.

Os dois trocam um aperto de mão.

— Só vou pegar minha carteira e avisar que sairemos depois do almoço. — Noah me avisa.

Assinto e o assisto partir pela porta da cozinha, de onde veio.

Aaron aproveita que o irmão foi embora e abre a porta da rua. Oito homens e duas mulheres entram, todos mais ou menos da idade do irmão do Noah, provavelmente amigos de faculdade. Não os analiso, na verdade, nem olho enquanto eles não tiram os olhos de mim.

O *anfitrião* (que posso dizer que nem mora aqui) avisa em inglês aos amigos que sou a namorada do irmão dele, que depois conheceriam mulheres de verdade.

Tento não vomitar com esse comentário.

Noah logo volta e é óbvio que conhece todos. Cumprimentam-se com aperto de mão. Perguntam se não tenho amigas, mas Aaron corta antes que fique desconcertante demais para o irmão a forma como me secam.

Os amigos saem para a piscina. Em seguida, a governanta sai de dentro da cozinha, trazendo o serviço para eu e Noah almoçarmos.

— Me desculpe por isso. — Ele pede.

— Não tem problema. Se você quiser ficar com seu irmão, eu vou pra casa. Ele chegou de viagem agora, deve estar com saudade.

Ele faz uma careta. — *Nah!* Aaron está com os amigos dele e não teremos tempo pra conversar. E não é como se não nos falássemos sempre. Vamos almoçar?

Ele me dá um beijinho e nós nos servimos de arroz, feijão, salada de alface e frango grelhado. Uma refeição bem brasileira. Aliás, só pelo fato de meu namorado ter como comida favorita estrogonofe, dá para perceber como ele é praticamente americano apenas na certidão de nascimento.

Almoçamos em silêncio. Penso em falar sobre a comida, se ele sentiu falta de feijão nos meses que passou fora do país, mas tudo parece tão trivial e clichê que não faço qualquer comentário. Mais enervante que o silêncio é a forma como Noah me observa. Tanto que, quando acabamos, solto um suspiro aliviada.

— Você quer mais?

— Não obrigada. Estava delicioso.

Realmente estava. Comi pouco, não arrisquei exagerar no prato, pois meu apetite não era dos melhores.

Se eu estivesse em casa, é certo que eu estaria trancada (com direito a duas voltas da chave) no quarto e teria dispensado a refeição.

Vamos ao lavabo externo e fazemos nossa higiene. Tinha uma escova de dente fechada para mim e tudo.

Assim que ele sai do lavabo, me abraça e beija o topo da minha cabeça. Com nosso hálito tão fresquinho e mentolado, não penso duas vezes em erguer o rosto reivindicando um beijo de verdade. E ele vem. Um beijo abraçado, nossas línguas matando saudade uma da outra. Qualquer tempo afastado é justificado para elas se sentirem saudosas. Um beijo lento, nossas cabeças se movimentando inclinadas, nossos lábios roçando um no outro sentindo a maciez de nossas carnes. Até que nos separamos devagar e abrimos nossos olhos com nossas testas encostadas.

— Vamos?

Assinto. — Posso passar em casa e trocar de roupa.

Noah pega a minha mochila e a põe nas costas.

— E aí podemos ir à praça. — Concluo.

— Tenho outros planos. — Ele dá uma piscadela. — Vem aqui.

Noah segura minha mão e me puxa para a lateral da casa. Em seguida, abre uma passagem entre os arbustos da casa ao lado. Olho para ele incerta de invadir a casa do vizinho. Ele faz “vai” com os lábios. Passo e ele vem logo atrás de mim.

Nós vamos invadir uma casa?

Não consigo contestar, enquanto meu coração martela no peito por estar fazendo algo muito errado. Sou conduzida pela lateral da casa vizinha até a parte de trás. A casa, pelo menos por fora, é bem parecida com a casa do Noah.

— Alguma alergia? — Nego. — Ótimo!

Ele se aproxima de uma janela e a abre sem dificuldade. Seguro sua mão para atravessá-la e entrar nesse lugar vazio. Logo depois, Noah entra com a minha mochila.

— Vamos. — Fala baixinho e mesmo assim a palavra ecoa pelo grande salão vazio.

Espanto-me com a grandiosidade do lugar. O que primeiro salta aos olhos é a ausência daquela parede de ponta a ponta que divide o primeiro andar da casa do Noah. Há três cômodos fechados e a cozinha tem uma bancada no lugar da parede.

Noah segura minha mão e me leva até a escada. Subimos ao segundo pavimento. Mais um lance de escada e chegamos ao terceiro. Ele atravessa o ambiente amplo e sem móveis. Ao chegar ao outro lado, abre a sacada. Assisto-o sentar-se no chão recostado à porta de vidro e me encarar.

Olho para o que há perto dele. Biscoito, um achocolatado fechado, livros, um binóculo e um cobertor.

— Você vem sempre aqui?

— É vazio e bom para observar estrelas. — Responde rápido e seco.

Olho para o descampado lá fora.

Observar estrelas...

— Com um binóculo?

Ele dá um sorriso fraco. — Não passaria despercebido vir até aqui com um telescópio.

— Não seria mais fácil do seu próprio quarto? Ou do terceiro andar da sua casa?

Ele estende a mão e eu me aproximo. Sento-me em seu colo.

— O terceiro andar é onde minha mãe montou o ateliê dela. — Ele diz um pouco incomodado, e posso ver quase um arrependimento por ter me dito. — Ninguém entra. — Acrescenta e respira fundo como se estivesse sufocado por dizer essas coisas. — E o meu quarto dá para essa casa.

Olho na direção da casa dele. Não consigo vê-la através da parede, mas posso imaginar Noah vendo essa casa vazia e a sua tentação de ter uma vista para olhar o céu estrelado.

Ou de estar num lugar onde estivesse sozinho realmente estando só.

Não tenho tempo de confirmar, quando ele beija meu pescoço. Arquejo com o primeiro toque de seus lábios e os demais. Ele é muito bom nisso! Viro o pescoço para o lado. Dou permissão completa para me beijar o quanto quiser. E é só a vontade de sentir seus lábios nos meus que me faz interromper essa trilha de beijos para selarmos nossas bocas.

Viro-me em seu colo, para ter um pouco mais dele. Ponho minhas mãos em seus ombros para depois envolvê-los com os braços e acariciar sua nuca com a ponta da unha. Ele adora o arrepio causado e aprofunda o beijo. Sua língua devora a minha mais impetuosamente, uma mão segura meu cabelo e a outra percorre a minha coxa.

Entra em minha roupa e logo sente o sutiã.

Estaco.

Ele percebe.

O beijo deixa de ser voraz e sua mão — que ainda explora minhas costas nuas — desce até o cóis da calça jeans e o dedão adentra ali. *Bem indecente.*

Eu tento, no entanto não consigo desfazer a rigidez na minha postura.

— Às vezes, esqueço. — Ele respira no meu pescoço.

Estamos tão sozinhos, num lugar que ninguém imagina onde fica...

— Trix... — Ele me chama com a voz séria. Rouca, porém muito séria.

Noto o alívio em seus olhos e me pergunto quantas vezes ele me chamou. Não dá nem pra acreditar que ele me chamou apenas uma vez.

— O que você tem?

O que eu tenho...

Essa pergunta pode ter várias respostas. Nem sei qual o propósito de ele fazê-la, tanto que poderia me fazer de desentendida. O problema é que meu corpo me dedura através de vários sinais: desde a pausa na respiração à rigidez que me atingiu por completo.

Involuntariamente, eu sempre denuncio ter algo muito de errado comigo.

— Eu já percebi que você não gosta de atrair atenção pra você, mas é mais que uma timidez. Aliás, você nem parece ser tímida. Eu não consigo te entender.

Tímida...

Não tímida...

Tanto faz. Não faço de tudo para ser o centro das atenções, assim como também nunca tive problemas para falar com desconhecidos ou fazer novas amizades. *O motivo de eu me travar nunca foi timidez.*

— Eu nunca liguei de ficar rodeada de pessoas. — Desconverso.

Ele respira fundo. — Hoje mais cedo, fiquei muito preocupado com você. Eu gostaria muito que se abrisse comigo. Estou criando umas teorias e-

— Que teorias? — Interrompo-o. Meu coração bate tão rápido que dói.

Noah olha para meus lábios, mais precisamente para a respiração ofegante que sai entre eles.

O que ele suspeita de mim?

Noah não pode sequer imaginar o que escondo do meu maldito passado.

— Tenho a teoria de que aconteceu algo muito ruim para você vir morar com seus tios.

Arregalo os olhos. Dessa vez, a respiração some.

— Muito ruim? — Noah está chocado com a minha reação.

Mas ele não faz ideia e só joga verde...

— Noah... — Eu queria transmitir segurança para tranquilizá-lo com qualquer baboseira sobre estar tudo bem, mas meus olhos marejam e não consigo dizer nada.

— É muito ruim. — Ele sussurra. De repente, todo seu corpo enrijece. — Machucaram você? — Pergunta com os dentes cerrados.

Essa é uma pergunta difícil de ser respondida. Ficamos rodeados por um silêncio pungente. Eu não queria que Noah fosse arrastado para a escuridão que minha vida se tornou depois daquilo.

A escuridão que minha vida sempre foi, na verdade. Não tão escura e sombria como nos últimos meses, mas nunca foi o que pode ser chamado de *iluminada*.

— Noah, a garota que fui antes de vir morar aqui morreu. Eu deixei toda uma vida para trás, uma vida que não tinha nada de bonito e nada do que eu sinta falta.

— Nada?

Suspiro. — Sinto falta das paredes cor de rosa do meu antigo quarto. Mas esses poucos dias num quarto de paredes cinzentas são muito melhores.

Quão triste é admitir isso? Há uma eternidade de cerca de dezoito meses que me

afasta daquela garota cheia de sonhos, que vivia cercada por paredes rosas, livre apenas naquele cômodo, numa vida cheia de regras e limitações.

E que, mesmo assim, conseguiu ferrar com tudo.

Noah segura minha mão e a beija. Olha nos meus olhos e vejo sua preocupação comigo. Não sei quando os olhos dele deixaram de ser indecifráveis. Seus olhos da cor de esmeralda intensa e escura, não poderiam expressar com mais clareza a insegurança que lhe atinge.

E eu, uma pessoa que não tem muito controle sobre seus anseios, estou sendo torturada por essas gemas para dizer qualquer coisa que o faça entender um pouco mais sobre mim.

— Eu...

A testa dele franze um pouquinho. Não esperava que eu falasse e temo ter me precipitado. Pode ser que eu queira que ele me entenda e esteja vendo uma compreensão inexistente, fruto da minha imaginação. Se for isso, acabarei revelando coisas que podem afastá-lo definitivamente de mim.

— O que foi? — Pergunta apenas mexendo os lábios. — Confie em mim.

Eu não consigo dizer e o silêncio volta a ser opressivo.

— Você está tremendo.

Fecho os olhos enquanto xingo mentalmente meu corpo traidor.

Noah me abraça forte e deixo meu rosto encaixado no seu pescoço. Sinto seu cheiro e, *minha nossa*, não há nada melhor no mundo. Bem, não há nada melhor do que o Noah, seus beijos, seu abraço...

Acaricio seu peito e deixo minha mão espalmada sobre o seu coração. Um coração que bate rápido demais para quem tenta demonstrar estar tão tranquilo. Concentro-me em seus braços acariciando os meus, às vezes, subindo até a minha cabeça e alisando os fios do meu cabelo. É tão gostoso, tão relaxante que me dá vontade de fechar os olhos e fingir que esse momento nunca acabará.

— Noah...

— Oi, Trix. — Ele respira fundo lentamente. — Trix. *Beatriz...*

Seu olhar está tão vidrado no meu que me impede de olhar em qualquer direção.

— Síndrome do pânico?

Arregalo os olhos.

— Ansiedade?

Meu coração para de bater. A mão dele para na altura do meu ombro. Seu corpo chega para trás, para poder me olhar bem nos olhos.

— Depressão? Beatriz, por favor, confie em mim. Se eu souber, vou conseguir te ajudar melhor.

Vai conseguir me ajudar melhor?

Como assim?

— Eu sou uma pessoa muito ansiosa, só isso.

Agora é tarde. Não posso recolher o que acabei de revelar.

Escuto o ar sair dele com um pouco de força. Um jatinho rápido, quase como se fosse uma risada sem qualquer vestígio de bom humor.

— Uma pessoa muito ansiosa?

E depressiva. Mas isso eu não falo.

— Foi algo que aconteceu ano retrasado. Antes, eu não era assim. Apenas aconteceu, fiquei muito nervosa e adoeci. Eu estou melhor. E vou melhorar ainda mais, vou voltar a ser normal.

“*Voltar a ser normal*”... Quem em sã consciência declara isso para o namorado, meu Deus!

Mas estranhamente Noah parece compreensivo. Espero que seja isso que eu esteja decifrando de seus olhos. Infelizmente, sei que ele nunca vai aceitar o que realmente aconteceu, caso descubra. É por isso que eu não quero pensar sobre nada do passado, que não quero reviver aqueles dias. Sou capaz de escrever no diário e ler e reler e reler aquelas páginas obsessivamente, revivendo em palavras tudo o que sofri.

— Você faz tratamento?

Sua pergunta poderia ser normal, um questionamento feito por alguém que zela pelo meu bem-estar após eu revelar que tenho uma doença absolutamente tratável, graças a Deus! Todavia ele me encara como se compreendesse. Realmente compreendesse o que passo.

— Você conhece alguém que tenha ansiedade?

Ele desvia o olhar do meu. Noto que está incomodado. *E triste.*

Sim, ele conhece. Conhece muito bem, posso dizer, pois consigo sentir sua dor. Mas confiança é uma via de mão dupla, não? Se ele não pode se abrir comigo, eu não tenho mais nada a dizer. *Já revelei demais, até!*

Deixo de encará-lo e é como se eu declarasse que encerro nossa conversa sobre mim. É difícil, mas hoje em dia consigo reagir bem melhor às incertezas que atravessam o meu caminho. Se me encontrasse há uns meses, com certeza minha reação seria muito diferente.

— Transtorno bipolar. — Finalmente responde, atraindo meu olhar. Ele fita o teto e suspira. — Minha mãe. Antes, ela tinha sido diagnosticada com depressão, síndrome do pânico. Demorou bastante para fazerem o diagnóstico certo.

Noto como é difícil para ele admitir. De repente todo o mistério em torno da família, nossos colegas acharem surpreendente eu ter contato com os pais dele, tudo isso começa a

fazer um pouquinho de sentido. Como se não bastasse eu ser um problema, acabei de revelar que sou ainda pior e um que ele com certeza não querará em dose dupla na sua vida.

As pessoas não costumam reagir bem com aqueles que têm depressão, ansiedade, síndrome do pânico ou bipolaridade. Sempre são frescuras de desocupados, de quem não tem nada pra fazer. Pessoas taxadas de negativas, como se fosse possível controlar os pensamentos, principalmente os destrutivos.

— Desculpe.

— Pelo quê?

Saio do colo dele e me afasto alguns passos.

Ele levanta ainda mais rápido do que eu.

Eu tinha que ter ficado em silêncio. Já aprendi a me controlar. Agora sou mais um problema para ele!

— Trix! *Hey!* — Noah segura meus ombros e me puxa para seus braços. — Está tudo bem. — Ele me solta e segura meu rosto. — Você não precisa se desculpar. Só me responda. Você faz tratamento?

Assinto.

— Acompanhamento com psicólogo?

Assinto.

— Psiquiatra?

Assinto.

E meu coração dói com o peso de admitir para ele que preciso fazer tais tratamentos.

— Mas estou melhorando. — Asseguro novamente com os olhos novamente marejados, sentindo que o nosso namoro está por um fio. — Eu vou ficar totalmente boa de novo. Foi uma coisa que aconteceu que mexeu muito comigo. E, respondendo à sua pergunta, não, não me machucaram. Não fisicamente.

É uma mentira. Feriu minha autoestima, destruiu a confiança que eu tinha em mim, e fui, sim, muito machucada fisicamente. Mas isso o Noah não precisa saber.

Um sorriso fraco brota em seus lábios. Um sorriso falso de que “tudo está bem”.

— Se você quiser me dizer o que aconteceu, me sentirei honrado, mas entendo você não estar preparada. É por isso que você não quis participar do campeonato?

Fecho os olhos e respiro fundo.

Não é tão simples, embora a ansiedade seja uma ótima e definitiva justificativa.

— É. É por isso que não tenho como participar, Noah. Mas é só por precaução. Só são algumas situações que me despertam uma ansiedade fora do comum, mas nada exagerado, que precise preocupar.

— Nada preocupante? Você se desliga da realidade, perdida em pensamentos! É isso que você chama de preocupação exagerada? Eu pegar suas mãos e sentir como elas estão suadas? Você fica tensa e aérea no meio da aula! Acha que não percebo? Você não precisa se desculpar. Não pra mim. Eu te entendo. — Ele reassegura com sinceridade. — Os dias que antecedem a competição são desgastantes, e se você ainda não se sente preparada, tudo bem.

— Tudo bem mesmo, Noah? Você pode querer terminar comigo por eu não aguentar e sufocar você, é por isso que eu estou contando, talvez, com o tempo você se acostume e eu realmente estou melhorando.

Sei que já disse tudo isso, mas meu coração está quase saindo pela boca de tanta angústia.

Ele sorri. — Eu já estou tão acostumado a você, que você nem imagina, Trix. — Seu olhar é cálido, mas tremo até a alma por saber que um dia eu nunca mais o verei. — Quero que você melhore porque quero que seja feliz. Prometo que nunca deixarei você esperar muito tempo por um contato meu. — Ele brinca, acho que para amenizar esse ar carregado que nos envolve.

Não funciona.

Engulo em seco para tentar desfazer o nó em minha garganta. Há muitos anseios que não consigo controlar, ele mesmo já viu como eu me desligo da realidade porque minha mente fica tomada de preocupações... Fico com medo. Sempre com medo.

Seu olhar continua tão terno que não aguento e derramo uma lágrima. Talvez pergunte por que tenho medo. Medo de ser descoberta, do que aconteceu no passado chegar aqui.

— É só quando estou com você que me sinto bem.

Dizer isso com o semblante tomado pela angústia não é nem um pouco convincente.

Fica pior por atestar de todas as formas que sua brincadeira soou como de péssimo gosto. Sim, é um alívio saber que ele vai ter cuidado para não me deixar numa expectativa gigantesca. É demasiadamente ruim ele ter que agir assim por eu não ser capaz de me controlar.

— Isso é muito bom. Mas, Trix, não se pressione.

Suas mãos acariciam minhas costas. Vejo em seus olhos tanta compreensão que temo ser irreal.

Olho para minhas roupas de colégio. São comportadas, de acordo com a exigência do CAV, mas é assim que me visto comumente. Só no carnaval que me vesti mais provocativa e ele não aguentou. Estava parecida com as garotas que namoraram com ele.

O único problema é que só de pensar em agir de uma maneira unicamente para agradá-lo é o sinônimo de *morte*. Nos últimos dois anos, tomei aversão de agir para impressionar as pessoas. Nojo de ter que ter que me empenhar para ser bem avaliada e sempre ser insuficiente.

— Trix, não se pressione. — Ele toca o seu nariz com o meu. — Quer que eu diga

algo que talvez te faça bem?

Olho para ele incerta. — O quê?

Noah inspira. — Conversei com meu pai. — O ar é expirado a cada palavra. — Vou terminar o Ensino Médio aqui no Brasil. Nada de *High School* em *Nova Iorque*.

Sorrio extasiada com essa novidade!

— Sêrio?

— Ele só me fez prometer que não vou me dedicar ao vôlei mais do que já me dedico. Acabou o colégio, acabou o esporte.

— Mas você é tão bom! — Lamento profundamente por ele.

— Acho que até o ano passado ele viu que eu não tinha uma paixão, nada que me prendesse aqui de verdade. Conversei com ele essa semana... com os meus pais. Eles viram que dessa vez eles não conseguiriam me colocar dentro de um voo para fora do país, e eu aceitar numa boa que nunca mais voltaria. — Ele faz uma careta. — Que seria pior do que o ano passado.

— Que bom. Quero dizer, você vai poder ficar perto dos seus amigos, terminar a escola, jogar mais um pouco...

— Eu vou poder ficar perto de você. — Ele me cala. — Eles viram desde aquele primeiro dia que te encontrei, que você mexeu demais comigo. O que eu sinto por você me assusta, Trix.

— O que eu sinto por você também me assusta. — Também admito.

E tenho medo de dar nome ao que sinto por ele.

— Mas me assusta mais não ter você. Somos o casal que se apaixonou mais rápido da história.

— Acho que esse título é de Romeu e Julieta.

Ele sorri, no entanto seu olhar denota uma preocupação latente que lhe rouba o sorriso.

— Minha Julieta, se alguma coisa der errado e tentarem nos separar, prometa pra mim que não fará nada precipitado. Tá? Você me promete?

— Não tomarei nenhuma poção mágica para criarem um funeral.

— E eu prometo nunca me envenenar.

Franzo o nariz reprimindo uma risada por essa conversa mórbida. Ainda bem que não somos de famílias tradicionalmente rivais para eu temer um destino como o do casal mais conhecido da história.

Noah aproxima seu rosto do meu. Nossos lábios se tocam e é assim que passamos nossa tarde, até que o sol toca o horizonte e saímos desse nosso cantinho secreto.

Eu tenho um cantinho secreto com o Noah!

Isso é tão legal!

Meu namorado faz questão de me deixar em casa.

E nos despedimos com mais um beijo.

Envio uma mensagem para Noah, avisando que vou à praça me encontrar com Amanda para tirarmos fotos. A professora de Artes avisou que precisa para sexta, ou seja, amanhã. Da praça, vou com ela e sua irmã para a praia.

Por termos sido pegos de surpresa na véspera, acredito que muitos irão para a praça fazer suas fotos, e ela confessou que não se sentirá bem posando na frente de tanta gente. Gosto dessa sinceridade da Amanda. Eu topei na hora, e tia Talita não pôs empecilho.

Ela sabe que essa pode ser uma experiência perturbadora pra mim.

Visto um vestido jeans. Suas alças são largas, o comprimento um pouco acima do joelho e tem um lacinho na cintura, do lado esquerdo. Estou levando maquiagem e presilhas para o cabelo. Não sei o que ela tem em mente. Por mim, eu fotografaria assim, mas se ela quiser *mais*, terá mais.

Pego a câmera que tia Talita me emprestou. Ela é digital, um modelo profissional que já está em modo automático, pois não faço a menor ideia de como configurá-la. Guardo-a na bolsa junto com meu celular e a maquiagem.

Vou à praia. Estou há quase um mês na cidade e é a primeira vez que verei o mar depois de muito tempo. Não cheguei a fantasiar como seria pisar na areia, porém achei que seria um passeio que faria em “família”... *ou com o Noah.*

A companhia da Amanda será muito agradável, não tenho dúvidas. Sento ao lado dela agora e é uma experiência muito diferente sentar ao lado de uma garota em sala de aula. Antes tinha sentado com Ricardinho, que mal abre a boca, e com Artur que também não costuma falar. *Mas garotas conversam com outras garotas, isso é fato.*

A campainha toca e estranho por não haver ninguém em casa e eu não estar esperando ninguém. Preocupo-me um pouco. Até abrir. Do outro lado está Noah lindo e maravilhoso como sempre. Perfeito usando roupas simples. Uma bermuda com uma estampa de praia em preto e branco e uma regata masculina cinza mescla com NY fundidos como se fossem uma só letra bem grande em preto.

É impossível não sorrir para essa visita inesperada.

— Oi. — Cumprimenta.

Suas mãos vão à minha cintura, tão íntimo de mim! Ele sela nossos lábios com um beijo lento e gostoso. Abraço-o pelo quadril e uma de suas mãos sobe em minhas costas até parar na nuca, só para ter certeza que não terei escapatória após colocar a língua na minha boca. *E quem disse que eu quero escapar?* Quero mais é invadir a boca dele também, fazer com que esse momento seja eterno enquanto dure.

Incrível. Perfeito. Delicioso. Maravilhoso. Fantástico! Nenhuma palavra faz jus a esse

nosso beijo na soleira da porta. Um beijo que ele termina e me abraça. Um abraço de urso, sendo o urso alto e esguio, mas que tem o poder de me envolver por completo com seu corpo e principalmente com seu cheiro.

Agora, após o deslumbre de vê-lo ter passado, após nós nos beijarmos como se não houvesse amanhã, percebo o frescor de um banho recém tomado exalando do seu corpo junto com o perfume característico dele.

— Você está linda! — Noah diz. Ele beija minha testa e se afasta.

— Você é que está lindo!

Ele sorri. — Vamos?

— Você vai?

A ideia do meu namorado era de passarmos o dia na casa vazia, já que, mais uma vez, seu irmão levou seus amigos para a casa deles. Senti seu desapontamento quando falei sobre as fotos com a Amanda, mas nunca passou pela minha cabeça que ele se incluiria no passeio.

Uma coisa interessante sobre o Aaron: o irmão mais velho *e solteiro* do meu namorado está *causando* aqui no condomínio. As garotas só faltam se atirar em cima dele e dos amigos. Mas eles já fizeram amizades com moças mais velhas, e as *novinhas* do colégio não têm vez.

— Achei que você tiraria foto com o Daniel na praça.

— E perderia a oportunidade de ir à praia com você? De jeito nenhum, lindinha. É a sua primeira vez desde que veio morar aqui. Tem que ser comigo.

Às vezes, me pergunto se Noah existe mesmo. É impossível acreditar que ele seja tão incrível. Se eu fizesse uma lista de desejos, não duvido que ele me ajudaria a realizá-los o mais rápido possível.

— Vamos?

Não tenho por que postergar minha saída, pois Amanda me espera. Já estou com a bolsa, tudo pronto para sair.

— Vamos!

Fecho a porta atrás de mim e logo estou de mãos dadas com Noah, caminhando pelo condomínio sob o sol ainda forte, ouvindo o barulho do cascalho sob nossos tênis. Se não fosse esses barulhos ou o som de uma música saindo de uma das casas, o silêncio seria nosso companheiro.

Normalmente o silêncio me incomoda quando estou com ele. Não sou uma pessoa falante. Noah, sim. Embora eu sinta que, às vezes, ele aprecia estar apenas ao meu lado sem palavras ditas. Mas, nesse momento, o silêncio me ajuda a refletir sobre a ida do Noah à praia conosco.

Eu queria muito que ele fosse meu companheiro no meu retorno à praia. Não há pessoa que mais apreciaria estar ao lado. É até difícil dizer as palavras a seguir, mas preciso:

— Noah, combinei com a Amanda na praia e acho que ela pode se incomodar se você vier comigo.

— Mas ela vai com a irmã dela.

Paro para olhar bem em seus olhos. Não quero dizer essas palavras e até me sinto suja por pensá-las. A compreensão ilumina o seu olhar.

— Eu vou e dou uma volta no calçadão, pode ser?

Dá pra negar? Selamos esse acordo da melhor forma possível. Um selinho. Um beijo casto. Mas nem por isso deixa de ser especial.

Salto do ônibus climatizado do condomínio e imediatamente a brisa morna da praia me atinge. Assim como a maresia. Assim como o som das ondas. Uma sinfonia maravilhosa!

Estamos perto do quebra-mar, no início da praia do bairro que moramos e estou maravilhada com a beleza daqui. Encanto-me até com o mar revoltado, com ondas altas e estrondosas que o deixam pouco convidativo para um mergulho, o que não faz diferença, já que não vim preparada para cair no mar. Bem, sinto muito por aqueles que estão deitados na areia ou se arriscam apenas na beirinha, pessoas que provavelmente desejavam um mar plácido para aproveitar num dia de semana ensolarado. A natureza não pode alegrar todo mundo. Os surfistas, por exemplo, assim como eu, estão amando.

E realmente é um espetáculo de tirar o fôlego. A areia aqui é branquinha, branquinha. Os grãos são bem fininhos. O céu azul deixa o azul do mar perfeito. Todas as pessoas do mundo deveriam ver o mar pelo menos uma vez na vida para poderem contemplar esse grandioso espetáculo da natureza. Olho a orla que parece sem fim para o lado direito de onde estamos. O sol já baixo deixa a paisagem que termina numa formação rochosa em forma de cone de cabeça para baixo praticamente oculta.

— Nunca que eu perderia esses olhos felizes!

Olho para Noah e sorrio.

— Que pedra aquela?

Seus olhos miram o outro lado da praia. Ele franze os olhos e põe a mão sobre eles para tentar ver melhor. Devíamos ter trazido óculos.

— Aquela é a Pedra do Pontal. Um dia a gente sobe.

— Hã?

Ele ri. — É moleza. A vista lá de cima é incrível. Mas só tem ônibus pro Recreio nos finais de semana agora que o verão está acabando.

— Vamos ou não aproveitaremos o pôr do sol. — Juliana, irmã da Amanda nos alerta.

Amanda lidera o caminho com a irmã até o braço de madeira sob uma cama de pedras. Ela não falou nada sobre a vinda do meu namorado, mas está bastante incomodada com a presença do Noah, como eu supunha. Esse lugar é perfeito para quem não quer plateia, pois está vazio nesse meio de semana.

Fora que já ouvi questões do passado que dão margem para a sua desconfiança. Tanto que, por esse motivo, não comentei nada sobre nossa vinda à praia com Adriana. Se Noah veio, com certeza Caíque daria as caras e Amanda poderia desistir.

Um dia, combinamos uma vinda de garotas à praia.

Outro dia, combinamos vinda em casais. E amigos.

Hoje são fotos. Fotos que Adriana disse ter combinado de tirar com Caíque ainda no

início da semana.

— Não precisa ficar com medo. É uma trilha fácil. Até criança faz. — Noah continua falando sobre a subida.

— Não sei escalar nem aqueles muros de alpinismo de brinquedo, quanto mais um morro de verdade.

— Você não acredita quando digo que não é difícil?

— Noah, pra você nada é difícil.

— Surfar é difícil. — Tiro meus olhos do calçadão fofo com peixinhos em pedra portuguesa preta, para olhar para ele.

— Já tentou?

— Nunca tive coragem. Gosto de nadar, de piscina, praia, mas nunca que encararia o mar assim. Meu irmão que gosta.

Vi Aaron passear pelo condomínio com seus amigos, com a prancha sob o braço. É curioso que ele tenha mais intimidade com o mar. Tudo bem que Nova Iorque tem praia, mas nem sei se dá para surfar por lá.

— O Daniel é outro que se amarra em pegar uma onda. Trouxe a prancha do Aaron algumas vezes, mas era só o Dani que caía no mar. E nem é o surfe que me atrai. Queria aprender o kitesurfe.

Ele faz um sinal com a cabeça para o mar. Na direção, vejo uma espécie de paraquedas no meio das ondas. Surpreendo-me por não ter reparado antes.

— Hoje o mar está batendo demais, só tem um se aventurando. Normalmente há dezenas deles.

Vejo um homem sobre uma prancha sendo levado pela pipa. Ele usa a onda e o vento para ganhar impulso e voar alto. Parece incrível!

— Será que é difícil?

Ele encolhe os ombros. — Ali tem uma escola. Podemos passar lá e saber como funciona.

Acho graça e fofo.

Vai tentar aprender por que eu me interessei, Noah?

— Ei, pombinhos... Vamos namorar depois? — Juliana nos repreende por termos parado no meio do quebra-mar.

— Vamos. Vou aproveitar que você vai posar para a Amanda e tirar umas fotos suas.

Primeiro perco uma passada e o mundo começa a zunir. A impressão que tenho é que meu coração literalmente parou de bater, antes de começar a martelar minha caixa torácica. Forte. Rápido. Impulsionando meu sangue para que eu possa correr para longe do perigo.

Não há motivos para eu temer tirar fotos nesse lugar vazio, longe de olhares curiosos.

São fotos. Fotos minhas na praia usando um vestido para um trabalho. Nada além disso. Nada para ser motivo de arrependimento.

Mais alguns passos à frente e consigo esvaziar minha mente. Não sei se Noah percebeu que algo me atingiu.

Meu palpite é que sim, ele notou.

Juliana me ajuda com o cabelo, Amanda encontra o melhor ângulo para a foto. Noah se mantém afastado, as mãos no bolso da bermuda, apenas olhando as poses. Está sério e, por estar de frente para o sol, sua testa está bastante franzida, o que deixa o seu semblante com um aspecto ainda mais carregado de preocupação.

— Dá um sorrisão, menina! — Juliana reclama de eu não estar relaxada, tentando aparentar bom humor.

Estou estragando tudo!

— Vou até o final e já volto. — Noah avisa e eu acompanho seu afastamento.

É claro que ele percebeu. Depois da nossa conversa, se respiro diferente, Noah praticamente deixa de lado o que está fazendo para vir para perto de mim.

Ele se senta já no final do píer e permanece lá até o fim da sessão. Até as da Amanda. Só então reaparece e acho que minha parceira nesse trabalho de escola tinha até esquecido que ele veio conosco.

— Você quer ficar mais tempo? — Ele pergunta. E sabe a minha resposta sem que eu verbalize. — Vocês vão ficar?

— Não. Vou ter que sair. — Juliana avisa. — E temos que correr, pois o ônibus deve passar em cerca de cinco minutos.

Aceleramos o passo e com a ajuda do engarrafamento chegamos a tempo de pegar o ônibus para voltarmos para o condomínio.

— Você queria ficar mais tempo? — Pergunto para o Noah num sussurro.

— Não, minha linda. — Diz com um meio sorriso.

Eu queria muito ficar. Demais. Amanda e Juliana iriam embora e nós dois ficaríamos naquele píer, assistindo o sol se pôr no horizonte. Seria um dia de praia perfeito com Noah. Só de estar com o Noah, tudo estaria perfeito. *Incrível!* Tão incrível que ele com certeza registraria o momento. E é exatamente por essa razão que não me arrependo, não penso em falar para eu e ele ficarmos no ônibus e voltarmos para a praia. Perderíamos o crepúsculo, mas passear à noite no calçadão seria igualmente perfeito, incrível. *Só que não.* Há situações que ainda não estou preparada.

— Às vezes... — Ele pausa. Respira fundo uma vez devagar, mais uma vez ainda mais fundo e na terceira vez deixa o ar esvair até o fim bem lentamente enquanto fala: — Às vezes, me pergunto se eu devo ter vontade de matar alguém.

— Noah...

— Deus queira que a pessoa que fez isso com você nunca cruze meu caminho.

Ele beija o canto alto da minha testa, quase no cabelo. Um beijo duro e demorado enquanto seu braço me aperta com força à lateral do seu corpo. Cruzamos nossos dedos e seguimos a viagem em silêncio.

Noah precisa desse silêncio.

Até mais do que eu.

— Posso olhar as fotos que você tirou? — Amanda quebra o silêncio que instaurou entre nós, após a despedida de Juliana. — Se quiser, pode ver as que tirei de você.

— Ah, eu quero ver. — Noah não titubeia. Está decidido a ver as fotos.

Abro a bolsa e pego a câmera da minha tia. Fazemos a troca. *Ainda bem que Amanda entregou para mim, não para ele.*

— Está na última. É só voltar. — Ela avisa.

— Aí só tem fotos suas.

Tia Talita entregou a câmera com o cartão de memória vazio. Poderia tirar quantas fotos eu quisesse. Poderia fazer filme. Mas estraguei o dia. E, se eu não começar a passar as fotos, continuarei estragando tudo.

Vejo as fotos e não gosto de nenhuma. Não que eu tenha saído feia ou que o ângulo não tenha sido legal. Simplesmente não há uma foto que a melancolia não esteja estampada no meu rosto. Mesmo nas fotografias que sorri. Meu rosto não combina em nada com a paisagem. A preocupação e a tristeza em meu semblante são dignas de um cenário de catástrofe.

— Você é tão linda. — Noah murmura. — Mesmo triste, você está incrivelmente linda nessas fotos. Você é uma ótima fotógrafa, Amanda. — Diz a última frase alto para ela ouvir.

Olho para Amanda e a vejo corar. É... Recordo-me de ter ouvido que a fila para o Noah é longa. Mas acredito que ela tenha enrubescido por não esperar um elogio vindo dele.

— Depois, passe essas fotos pra Trix, para ela poder me passar.

Amanda estranha o pedido. Eu não. Ela poderia perfeitamente passar direto para Noah. Não duvido que ela tenha o número dele registrado na agenda ou que não consiga pegar seu contato no grupo da sala de aula.

Mas Noah quer que *eu* passe as fotos para ele.

Uma tarefa difícil e ele não sabe quanto.

Paramos num dos bancos de cimento. Noah tira a câmera da minha mão e repassa as fotos. Enquanto isso, revejo as fotos que tirei da Amanda, pois ela quer escolher a de melhor ângulo. Não vou acusá-la de trapacear, pois se a professora quisesse treta, ela faria um sorteio. E, pensando assim, acredito que muitos nem terão o trabalho de fotografar o seu par e já recebiam a foto pronta.

— O que foi?

Amanda pergunta séria. Olho para a foto, uma que ela não saiu bem e meu motivo de rir não tem nada a ver com isso.

— Estava pensando em como todos vão trapacear. Não consigo imaginar o Daniel posando pro Noah e vice-versa.

Ela ri.

— É... não dá mesmo. E o Ricardinho com o Tuco?

Rimos juntas.

— Acho que vou ajudar o Daniel tirando umas fotos do Noah hoje. — Brinco. — Aproveitar que estou com a câmera.

— Vai ser difícil não conseguir uma foto boa no Noah.

Pego a câmera e aponto para Noah. Ele está sério, bem compenetrado enquanto confere as minhas fotos na câmera da Amanda. Até se afastou um pouco o que me dá margem de conseguir um ótimo ângulo.

Paro de tirar as fotos, quando Caíque aparece atrás de Noah, vindo em nossa direção. É inevitável procurar pela Drica. Encontro-a conversando com Valentina e Maiana, além de outras garotas escolhidas para o campeonato.

Tá batendo uma dorzinha no peito por ver esse distanciamento que aumenta gradativamente. Ontem, quando estavam treinando, novamente ao ir para a quadra principal assistir à partida, ela não olhou pra trás. Tipo... parece que eu e a Tatiana faremos dupla para sempre. Nenhuma vez ela perguntou como me sinto com essa parceria forçada.

Noah fez o inverso: antes da partida final, ele fez questão de me levar para a primeira fileira da arquibancada. Mesmo sob o olhar reprovador do professor Getúlio. Aliás, meu namorado foi chamado atenção antes do treino por causa de sua atitude na aula anterior.

E agora apenas Caíque vem até aqui. Dá um aperto de mão elaborado em Noah. Fala comigo com dois beijos no rosto e cumprimenta Amanda por educação. *Ou melhor:* ela o cumprimenta por educação, pois quando ele se aproximou para dar-lhe dois beijos na bochecha, ela o cortou com um seco “oi, Caíque” e baixou a cabeça para voltar a ver as fotos.

— Vamos jogar lá na quadra do teu condomínio. Bora?

Noah acha graça. — Tá me convidando?

— Preciso de você mais não! — Caíque zoa. — Meu passe lá pra dentro é garantido.

Rolo os olhos com esse *jeitinho meigo* de Caíque falar.

— Vamos assistir? — Pergunto pra Amanda.

— Ah, não. Daqui a pouco o Tuco vem jogar sueca.

Pela primeira vez, o carteadado parece uma excelente ideia.

— Você quer jogar? — Ela lê essa minha vontade de passar mais um tempinho com ela.

— Sou péssima jogadora. Vocês descobririam minhas cartas, como se eu as segurasse ao contrário.

Ela ri. Trocamos beijos no rosto de despedida, e, assim que levanto do banco, Noah me abraça. Por instinto caça o cós da minha roupa, mas agora o vestido o impede seguir com esse hábito e dou um risinho.

— Estamos indo. — Noah avisa.

— Vê se não demora nessa esfregação. — O megafone grita e Noah ri do meu rubor instantâneo. — E é pra você jogar também, loirinha!

Se Caíque fala mais alguma coisa além disso, não sei, pois Noah chega seu rosto mais próximo do meu. Toca nossos narizes e nossos lábios.

Não espero por mais um passo dele. Passo meus braços pelo seu pescoço e aprofundo nosso beijo. Um beijo que está acumulado há muitos minutos, quase duas horas. Nosso amiguinho escandaloso estava certo. Noah me abraça com força e — sem interromper nosso beijo — ergue-me do chão e me senta no tampo de cimento da mesa. Com o susto, solto um risinho nervoso. Sobressalto-me mais ainda quando ele se põe entre as minhas pernas e abraça minha cintura, enquanto me devora com seu beijo. E é devorado pelo meu.

Seus lábios deixam os meus para trilhar selinhos molhados pelo meu queixo e continua descendo pelo meu pescoço e volta a subir até encontrar a minha orelha. É... *É delirante.*

— Ah, Noah... — Gemo seu nome.

— Mmm, Trix. — Ele geme o meu.

É difícil, mas conseguimos diminuir a urgência de nosso beijo e deixamos a respiração ofegante entre nós, enquanto apenas nos abraçamos. Encosto minha face em seu tórax e escuto seu coração bater acelerado.

— Trix, eu juro que vou cuidar de você. Sempre. Você não precisa temer nada ao meu lado. Eu vou te proteger. Sempre.

Sua mão afaga minhas costas e sinto-me tão protegida, que sou incapaz de duvidar de seu juramento, mesmo que uma voz irritante me diga que a promessa dele é de ficar aqui até o final do Ensino Médio. Os planos para Columbia, que ele não comentou quando disse que terminaria o terceiro ano aqui, certamente estão de pé. Não há um *para sempre*.

Caminhamos pelo condomínio abraçados. Penso na intimidade e no grau de desinibição que nos beijamos. É fácil confiar no Noah. É mais fácil ainda me entregar a ele. Se fosse para escolher a melhor maneira de eu desabafar, talvez eu decidisse por estar abraçada a ele. *Contando para ele.* Alguém que me entende.

Infelizmente sei que o que escondi e quero esquecer naquela vida que ficou para trás é horrível demais. Noah nunca me aceitaria. Nunca me perdoaria. É horrível chegar à conclusão que se um dia Noah se vir obrigado a sair do país e brigar com os pais por não

aceitar um futuro melhor para ficar ao meu lado, eu posso revelar a verdade e fazer com que ele me odeie.

Solto um suspiro entrecortado. *Dói. Dói demais* pensar num mundo sem Noah. Um rapaz que me puxa para os seus braços, compreendendo que agora não é a melhor hora para me perguntar se está tudo bem comigo ou o que me abateu. Que faz com que eu derrame palavras sobre si sem que eu as verbalize e me dá o suporte que preciso.

Passamos pela entrada da Vila Azul e tenho pouco tempo para melhorar meu ânimo. Na quadra, só esperam o astro do colégio jogar. *E eu*. Meu lugar está garantido no time adversário ao de Caíque e Adriana, que também conta com Maiana e Valentina. No nosso time estão Daniel e mais algumas garotas do primeiro ano.

A realidade assustadora é que eu sou a única que não vou ao campeonato, e os olhares de dezenas de pessoas que sentaram nos bancos que ficam de frente para quadra, algumas no chão, são esmagadores.

Mas a vontade de pelo menos uma vez jogar ao lado do Noah é mais forte e é nela que eu me agarro para espantar qualquer pensamento negativo anterior. Nem que seja levantar uma bolinha para ele cortar. Já se foi a época dos times mistos no colégio. Então, olhares opressores, só lamento por vocês.

Noah me entrega a bola.

— Você saca. E cuidado. Nada de corridas espetaculares. Seu pé não está cem por cento. *Ah!* Não se esqueça de que está de vestido.

Respiro fundo tentando não pensar muito no fato de Noah ter aberto mão do primeiro saque e tê-lo dado para mim. Ele rouba um beijo e vai para o centro da quadra na frente. Daniel é quem está na minha frente.

Bem, sei sacar. Sei recepcionar bolas. Sei levantar. Sei cortar. Faço tudo que está ao meu alcance para não dar um vexame. Tudo de vestido. A única coisa que não faço é bloquear. *Tá!* Também não mergulho. Nem faço um movimento que possa me deixar no chão ou parcialmente despida.

O importante é que eu estou jogando em parceria com Noah! Que a cada ponto, primeiro dá um *hi five* no Daniel, depois comemora me dando um beijo e me segurando no colo. Bem meloso para quem assiste. Maravilhoso para mim, pois, se estou jogando, é por causa desses beijos e abraços em rodopio.

Quando acaba, os rapazes que estão de fora falam em partida só do sexo masculino. As meninas protestam. Eu já tive o que queria e ficarei feliz só de assistir meu namorado jogar.

Os garotos vencem, pois até a plateia vota a favor deles. E quem não prefere ver jogar Noah, Caíque, Daniel, Mateus, Renan, Flávio e outros rapazes que têm muitas chances de levar o título do campeonato?

Fica mais difícil de competir pela posse da quadra quando Noah resolve tirar a camisa.

Meu Deus!

Ô, meu Pai!

Acho que falei a última frase. E Noah ouviu. Ele ri e me dá um selinho. Fico de cara com seu peitoral largo e seu abdômen de tanquinho. Ele tem uma trilha... *ai, ai...* Que indecente! *Meu Deus!* Ele tem uma trilha pecaminosa!

Olho de novo e volto a encarar seus olhos. Estão risonhos. *E maliciosos.*

A piscadela me derrete.

— Você está linda de queixo caído, lindinha. — Ele brinca. — Adoro essas bochechas rosadas. Tome. Segure pra mim.

Ele me entrega sua camisa e me beija. Depois, me conduz até a entrada da quadra. Aproveito a caminhada para me recompor.

Meu Deus!

Ele. Tem. Uma. Trilha!!!!

Não é a primeira vez que vejo uma, mas *o meu namorado tem uma trilha indecente*, o que torna essa trilha indecente demais. E isso é demais pra mim. Ainda mais com aquela seta que ajuda a trilha a levar meus pensamentos para a imoralidade.

Não há um lugar para eu me sentar do lado de fora e, pelos olhares que recebo, não devo esperar um pouco de compreensão de que acabei de jogar e que meu pé não está cem por cento.

Vejo Adriana e Valentina conversando num canto e me aproximo delas. Quem chega antes de mim é Felipe que chama a namorada e os dois vão embora. O lugar é um prêmio pra mim.

— Sente, aqui Manu! — Adriana fala sem notar minha presença.

Bem, ela falou no momento que meu traseiro encostou no banco, o que a assustou.

— Ah, oi! — Sorri.

— Oi, Adriana.

Manuela chega e olha para mim como se reivindicasse o lugar. Ela é do primeiro ano e uma das que provavelmente fará parte da equipe feminina. A morena de cabelos tão encaracolados quanto o da minha amiga, porém curtos, não jogou na última partida, então não, não tenho piedade de ela ter levantado do seu lugar para sentar ali e ter que ficar de pé por já tê-lo perdido.

— A praia estava boa? — Adriana pergunta com a voz mais áspera que o cimento dos bancos e mesas da praça principal do condomínio.

Adriana fita a quadra. Eu também observava o jogo que já iniciou com um saque de Mateus que seria perfeito se Noah não recepcionasse.

— Nós fomos rápido, só pra tirar as fotos.

Ela olha pra mim. — Nem me chamaram.

Ela está com o olhar duro e magoado. Sinto muito, sinto-me até culpada. Mas não me arrependo.

— Era apenas pra tirar fotos longe daqui da praça, onde todos estariam olhando e não ficaríamos à vontade.

Depois do que aconteceu na praia, preciso admitir que não era apenas Amanda que precisava de um pouco de privacidade.

— O Noah foi.

— Dri... — Fecho os olhos e luto pra não chorar. — Foi uma droga. — Murmuro incapaz de dizer algo mais alto não apenas por causa da possibilidade de alguém ouvir, mas por não querer que minha voz soe demasiadamente embargada. Volto a encará-la quando fico um pouco mais controlada. — O Noah resolveu ir no último instante. Apareceu lá em casa quando eu estava de saída e na hora das fotos se afastou para não atrapalhar.

— O Caíque poderia ter feito o mesmo. Os dois andariam pelo calçadão, fariam o que quisesse enquanto nós tirássemos fotos.

Com essa acusação, além da própria *acusação* percebo que ficaremos nessa situação de ela acusar e eu me desculpar por muito tempo se eu não der um *basta*. E não seria o Caíque a tirar a foto dela?

— Adriana, desculpe, mas pelo que ouvi da Amanda, do Tuco e do Ricardinho, o Caíque exagerava bastante nas brincadeiras de mau gosto. Foi a Amanda que deu a ideia de tirarmos as fotos na praia e nem suspeitamos que você e o Caíque não fossem tirar foto um do outro pro trabalho. Aliás, outro dia você disse que tinha combinado de tirar fotos com ele.

— Só vocês duas estão levando esse trabalho ao pé da letra. — Ela resmunga.

Quando meu celular pipoca o recebimento de dezenas de mensagens, aceito como um sinal divino para acabar com esse assunto.

*** Amanda-Eu: As suas fotos. Não sei se o Noah quer que a gente trapaceie, mas ele tirou fotos nossas que ficaram melhores do que as que tiramos. E quero que você use a minha que ele tirou. ***

Enrugo a testa enquanto vou abrindo as fotos uma por uma. Se Adriana espichar o olho para meu celular verá o que foi o dia da praia. Dia... *hora que passamos na praia*. Pra que Noah quer essas fotos melancólicas?

Passo as fotos, despreocupada em dar atenção à Adriana. Manuela conseguiu uma vaga ao lado de dela e as duas conversam animadamente sobre a seleção, a garota exalta minha amiga, trocam dicas de como cuidar do cabelo cacheado e me desligo totalmente quando chego ao que devem ser as últimas fotos.

Nelas, estou sorrindo de verdade com a câmera na mão. *Ah, Noah...* Quer dizer que tiramos foto no mesmo instante e com a pose similar? Numa delas dá pra ver o flash

disparado da câmera que seguro, mas ou ele desativou o da câmera da Amanda, ou eu não me toquei na hora. *Depois eu vejo na câmera da tia Talita.*

Olho pra quadra e o vejo bem na hora de uma cortada no meio da quadra adversária. Ele comemora olhando pra mim. Abre um sorriso imenso só por eu ter visto mais um ponto seu e me dá uma piscadela.

— Ele é muito gostoso. — Manuela fala e olho para o lado.

Tá, Noah é muito gostoso, mas *caramba*, comentar isso com a minha amiga e eu ao lado dela é muita cara de pau. Espero Adriana dizer alguma coisa, mas ela apenas sorri pra amiga. A *fura-olho* me dá um sorriso malicioso.

Olho para Noah. Ele está no saque e olha pra mim, preocupado. Antes de mais uma vez ele deixar o jogo (mesmo que seja uma partida equivalente a uma “pelada” para o futebol) sopro-lhe um beijo.

A zoação na quadra é imediata. Assim como o sorriso dele e a tranquilidade no olhar.

Continuo a ver as fotos e reparo que Noah também tirou fotografias da Amanda, provavelmente as que ela disse que quer que eu use.

*** Eu-Amanda: Gostou de ser fotografada pelo meu namorado, é? ***

*** Amanda-Eu: Não tenho culpa se ele tira fotos melhor do que nós duas. ***

Há alguma coisa que o Senhor Perfeito não seja o melhor?

Sim. *Surfe*. Mas só acredito vendo. E não duvido nada que se formos fazer a aula de *kitesurfe*, ele será mil vezes melhor do que eu.

Envio uma mensagem dizendo que vou perguntar ao Noah, mas tenho certeza que ele tirou essas fotos para o nosso trabalho.

A partida acaba e resolvem mesclar o time. Caíque passa para esse lado da quadra e faz uma dupla muito boa com Mateus. O jogo ficou mais equilibrado e os doze em quadra têm minha total atenção.

Eu gosto de futebol. Gosto muito. Mas vamos ser francos: passamos a maior parte do tempo na expectativa de uma boa jogada, *de um gol*, do que realmente comemorando.

Com o vôlei é diferente. São bolas rápidas, ataques implacáveis e defesas espetaculares a todo instante. Vinte e cinco pontos em três sets, podendo ocorrer mais um com igual número de pontos e mais um de quinze, para que vença o melhor de três partidas. O espectador não para de vibrar. É o tempo todo comemorando, e quando o ponto vem sofrido, demorado, aí é que gritamos com vontade quando a bola toca o chão.

É um esporte que está presente na praia, com redes montadas na areia como as que vi enquanto andávamos de ônibus pela orla, está presente nas aulas de Educação Física, ou em versões simplificadas como o famoso jogo de “corte”, que deu origem ao nosso “vôlei queimado”, uma modalidade provavelmente já existente em algum canto do país ou do mundo.

Um esporte que ultimamente dá muito mais alegria aos brasileiros do que o futebol. Ganhamos torneios e mais torneios mundiais, tanto no masculino quanto no feminino, e, quando os dois esportes, vôlei e futebol, ficam lado a lado, como nas Olimpíadas, podemos ver a real dimensão da importância do primeiro em relação ao segundo. A vitória é praticamente certa e esperada no vôlei. A seleção de futebol carece de crédito.

Tá, posso estar superfaturando o vôlei, embora não ache que esteja aumentando tanto assim sua importância. Acho que esse seria um esporte muito mais aclamado, se não fosse um esporte que eliminasse o jogador pela sua altura, mas apenas pela sua habilidade com o próprio vôlei. Por mais que entre em quadra jogadores medianos, que assumem muitas vezes a posição de líbero, os gigantes são imperadores.

Daniel, por exemplo, acaba de usar sua agilidade em quadra para explodir uma bola sobre Caíque que a lança para fora da grade. O ponto do set! Os vencedores comemoram se abraçando, Noah fala alguma coisa para Daniel e eu não sei, mas sinto como se o encorajasse a lutar pela vaga no time. É uma atitude tão... *tão Noah!*

— Você tinha que ter pego essa bola! — Ele aponta pra mim rindo. — Você é minha parceira, se esqueceu?

— Estou torcendo pelo time adversário. — Provoco.

— Vai sonhando que ela vai torcer pra você. — Noah também provoca.

— Tenho minha torcedora. — Caíque aponta para Adriana ao meu lado e ela lhe joga um beijo. — Não cante vitória antes da hora!

Noah apenas ri, enquanto vai para a sua posição de saque.

Seu time joga perto de mim agora.

— Pra você! — Aponta para Caíque e saca forte.

Caíque pega com dificuldade, mas consegue levantar bem, e logo começa a defesa pelo ponto. Um rali maravilhoso de assistir. Uma bola que Noah explode na mão do bloqueador adversário.

Após comemorar com o time, meu namorado lindo chega pertinho da grade. Ele para de frente para mim, o rosto colado ao metal, os dedos segurando o arame. Não preciso de palavras para saber o que ele quer.

Levanto-me e dou um beijo num Noah suado. Rápido e mesmo assim motivo de encarnação dos outros jogadores, que pedem jocosamente para ele voltar ao jogo e parar de *melação*. Ele dá um passo pra trás. Minha vontade de me afastar é nula.

Olho pra trás e vejo meu lugar ocupado por mais uma das novas amigas da Adriana. Pego-me não lamentando ter perdido meu assento. Já dei uma boa descansada e estou mais prestando atenção no jogo do que conversando. Apenas chego um pouco mais para o canto, para não correr o risco de levar uma bolada.

E, a cada ponto, de seu time ou do adversário, Noah vem falar comigo. A zoação é tanta que quando ele se afasta por causa da rodada do time, falam que ele pode fazer a pausa para um beijinho. Pensa que ele se acanha? Estamos falando do Noah, aquele que

faz o que quer, quando quer e ainda é ovacionado!

— Se alguém quiser que outro jogador beije, é só parar na grade. — Lucca, que infelizmente está jogando (no time do Noah), sugere.

E acredita que quatro garotas vão pra grade?

Ele mesmo ri, debochando das garotas. Ainda bem que foram para o outro lado. Bem, canto vitória cedo demais, pois uma garota para perto de mim e dá um sorriso *faaaaalso...*

— Trix?

Sobressalto-me com a voz tão parecida com a do Noah bem ao meu lado.

— Oi, Aaron.

— Ainda bem que te encontrei. Cadê o... — Ele pausa e olha pra quadra. — Ah, ele está jogando.

— Está tudo bem? — Pergunto preocupada, pois ele pareceu bastante aliviado ao ver o irmão.

— Tá. É que ele não avisou que tinha voltado. — Fala baixinho e nesse instante o celular toca. — Oi, mãe. Ele está aqui na quadra da vila.... Está bem, está jogando.... Trix, sabe se está acabando?

— Ahn... É o terceiro set. Ele ganhou os dois primeiros.

— O jogo vai demorar mais um pouquinho. — Ele fala com a mãe. — Também te amo... Já... Já estou voltando. — Ele desliga o celular.

É nessa hora que Noah fecha o ponto.

— Ele é muito bom! — Aaron comenta orgulhoso.

— Muito!

Noah finalmente olha para cá e o sorriso some ao ver o irmão. O semblante passa a transbordar preocupação.

Aaron grita um elogio em inglês com todos os palavrões que conheço daquela língua e acho que aprendo duas expressões, embora ainda não saiba seus reais significados. Depois perguntarei para Noah se é isso mesmo que penso. Ele volta a rir, a preocupação diminui um pouco.

— Vá lá dar um beijinho no maninho também! — Caíque fala a plenos pulmões arrancando gargalhada de todos.

— Vá beijar sua namorada! — Noah devolve.

— Ela tá longe. — Mais risadas. — Daqui a pouco dou um beijo de verdade.

Eles voltam a jogar e minha atenção seria total para o jogo, se uma voz infelizmente conhecida não se fizesse presente bem perto de mim.

— Oi, Aaron, meu Deus, finalmente consegui falar com você! — Natasha

cumprimenta um Aaron muito assustado com dois beijos no rosto e se põe entre nós dois. — Ah, o Noah está muito feliz com você de volta! Que bom que você conseguiu um tempinho. Achei que vinha pro carnaval, mas essa semana ainda dá pra aproveitar bastante. Seus amigos estão gostando da cidade?

Não sei quantas vezes revirei os olhos e tive que engolir a ânsia de vômito por ela tagarelar sem fim. Podem até achar que é recalque meu por eu não ser uma pessoa *tão falante*, entretanto Natasha parece uma criança de cinco anos tagarelando sem parar sobre o brinquedo novo.

Só que dessa vez o tiro sai pela culatra, pois sua ladainha incessante de se mostrar como é íntima do Noah tem um preço bem alto:

— Ah, é... Eles estão gostando. — Aaron fala um tanto aturdido após o bombardeio. — Foi bom te ver também, Tati.

Tati... Ta-ti! Essa deve ter doído. Muito!

— Sou a Nath. — Ela corrige com a voz rascante. — Natasha.

Aaron está genuinamente encabulado. — Desculpe. É que na foto vocês estavam todas juntas. Me confundi.

Cada vez fica pior.

— A Tati é a morena de olhos verdes.

Morena de olhos verdes?

Ele confundiu a Tatiana com a Claudia?

Ainda bem que as outras duas não estão por perto para cacarejarem.

Aaron percebe que deu mais uma mancada nas identificações, mas essa não parece ser uma correção que Natasha esteja disposta a fazer.

— Já vou. Fala pro Noah ir pra casa jantar depois. — Ele pede pra mim e se despede com dois beijos no rosto. — Tchau... *ahn...* Natasha. — Aaron se afasta alguns passos, mas volta. — Me dê seu telefone. — Pede pra mim e digo meu número. — Tem problema ligar, caso demore a partida? Acho que acabou a bateria do celular do Noah.

Então a presença dele, a urgência toda começa a fazer sentido. Todas as vezes que vi o Noah no celular, digitando algo sério e compenetrado ganham um novo significado. Muitas vezes, achei até que ele estava fingindo. *Mas não*. O motivo dos contatos rápidos que mais parece que ele está agindo mecanicamente são reais e servem para acalmar sua mãe.

— Ah, pode ligar. — Asseguro-lhe. Diria algo mais se eu tivesse certeza que ele sabe que Noah falou sobre a mãe deles.

Ele se despede de vez. O set acaba em seguida e me afasto daquele ponto da grade, antes que aquela víbora ruiva resolva abrir a boca pra falar qualquer coisa. Já ouvi demais a voz dela por hoje.

Encontro-me com Noah na entrada da quadra.

— Meu celular descarregou. — Ele diz preocupado já guardando o aparelho. — Eu tinha que ter avisado que voltamos da praia.

— Sua mãe fica preocupada.

Ele assente entendendo que quero dizer mais do que isso.

— Seu irmão pegou o meu número.

— Percebi. — Diz secamente.

— Vou ficar atenta. Se alguém me ligar, atendo de imediato.

Noah me dá um beijo e a demora para ir para o outro lado é mais motivo de piadas para o início de mais um jogo. Caíque quer revanche.

— Natasha falou alguma coisa? — Ele pergunta quando retomamos a caminhada para o outro lado da quadra, com a grade nos separando.

— Só cumprimentou seu irmão.

Se o Noah quisesse conversar sobre a troca de nomes, ou o jeito pedante da Natasha ser, vai ficar querendo.

Mais um beijo entre a grade e Noah volta para o jogo. Três sets a um na revanche. É... Caíque só ganha quando não joga contra o Noah.

A bola desliza a toda velocidade pela pista de madeira. O ataque ao pino que teimou em ficar de pé e impediu meu strike na bola anterior é certo! Minha melhor jogada até então.

Sou péssima no boliche. E descobri que Noah é um jogador de mau a regular. Só não digo que ele é péssimo porque ele tem muita sorte.

Hoje é aniversário da Valentina e ela resolveu chamar a turma toda para algumas rodadas de boliche. A maioria veio, ela não restringiu os convites. Val é uma das poucas pessoas que pode convidar todo mundo, pois, para ela a escola é para aprender, participar do campeonato de vôlei e namorar. Não é tudo assim tão *preto no branco*, mas ela se mantém neutra das patotas.

Hoje, por exemplo, fez questão que Amanda, Ricardo e Artur fossem seus adversários de pista. Diferente de mim que só sei desse esporte o óbvio de acertar a bola nos pinos no final (que aprendi aqui quantos são), e que *strike* é por ter derrubado todos os pinos na primeira bola, meus amigos e Felipe são feras, a ponto de algumas pessoas de fora do jogo acompanhar suas jogadas e já serem reconhecidos no recinto.

Mas agora eu posso comemorar, mesmo com o megafone gritando até que enfim. A voz dele pouco importa, quando sou abraçada fortemente pelo meu namorado antes de ganhar um beijo. Teremos pelo menos essa jogada para nos vangloriar.

Ele se senta no banco e eu em seu colo. Pesco uma batata frita cheia de queijo

enquanto assistimos Caíque fazer a jogada dele. Outro excelente mirador de calha. Termina suas jogadas derrubando três pinos e vem a vez de Drica que faz um strike. Ela comemora com o namorado. Grito-lhe parabéns e ela sorri.

Nossa amizade que parecia prometer ser para a vida toda esfriou bastante. Se não fosse o Caíque, provavelmente ela estaria com as outras garotas do vôlei, as únicas fora da classe que foram convidadas.

Sei que pode ser desculpável ela não estar na pista da aniversariante por causa do namorado, mas, para mim, ainda fica a impressão de que ela evita as pessoas que lhes eram companheiras até um tempinho atrás.

— Que foi, lindinha?

Sorrio sem saber se gosto mais quando ele me chama de “lindinha”, se prefiro “Trix” ou por sua preocupação por sentir minha tensão, mesmo quando ela é fraca.

— É o barulho, tá muito cheio? — Insiste na sua preocupação, sussurrando no meu ouvido.

Um sussurro gostoso, embora as palavras não sejam necessárias.

— Fale mais. — Sussurro de volta pra eles.

Noah mordisca o lóbulo da minha orelha e fecho os olhos sentindo um calor gostoso percorrer meu corpo.

— Hoje, vou dormir com você.

Fico imóvel com o que ele disse. Noah dorme comigo umas duas vezes por semana. É que... ouvir essa declaração me deixa... *mexe comigo*.

Estamos namorando há pouco mais de dois meses e ele tem roupas que guardo na última gaveta do meu gaveteiro, para uma emergência. E ela já aconteceu. Noah passou a noite comigo, acordamos com a ligação da minha tia e ele pulou a janela após trocar de roupa. Assim que me certifiquei que meus tios estavam à mesa com minha prima, fingi que recebia uma ligação sua, avisando que precisava passar lá porque esqueceu a carteira comigo antes de ir embora na noite anterior.

Atendi a porta morrendo de vergonha com a mentira.

— Está lembrando, né? — Ele gargalha e percebo alguns olhares nos mirando. — Mas quero que durma lá em casa.

Meu coração parou de bater. É sério: meu coração literalmente parou de bater. *Eu sinto a ausência da pulsação*.

Apenas o assisto aproximar os lábios dos meus. Ele mordisca o inferior antes de beijar com força. Sua mão sob minha jaqueta aperta minha cintura.

Já avançamos alguns passos nessas nossas madrugadas secretas.

Mas lá em casa é seguro.

— E a história de você não levar namoradas para casa?

É a primeira vez que pergunto. Depois de todo o tempo que estamos juntos, ele não me chamar para ir ao seu quarto (não que eu fosse, caso recebesse um convite), não duvido mais que ninguém, absolutamente NINGUÉM tenha ido além da sala ou do quintal.

Quando vou à casa dele, ficamos apenas naquele cômodo imenso, aproveitando a solidão que seus pais nos proporcionam. Aaron já retornou há muito tempo para os Estados Unidos e ficou de visitar os pais e o irmão em julho, para assistir o campeonato e torcer pelo Noah. Acho que é o único apoio que meu namorado receberá da família.

— Você *sabe*. — Ele diz essa afirmação bem sério e sei que se refere à condição da mãe. — Minha mãe já viu você e meio que aceitou sua presença. — Ele engole em seco. — Mas não pretendo que meus pais saibam que você está lá.

Não sei o que pensar. Não sei mesmo. Sei que é o mesmo que ele faz quando entra furtivamente no meu quarto, mas não sou capaz de invadir a casa dele.

— Dá pro casalzinho jogar! — Caíque reclama.

Noah levanta com cuidado para que eu fique de pé antes dele e me dá um selinho.

— Eles não deixarão. — Noah murmura, sem deixar *seu convite* morrer. — E eu quero que você durma lá em casa.

Enquanto ele joga, minha mente entra em parafuso. Uma espiral que roda e roda e roda e me impede de pensar com clareza sobre o seu convite. Eu entraria tão escondida na casa dele quanto ele entra na minha. A diferença é que os pais do Noah não parecem se importar com a saída dele para dormir noutra casa do condomínio, o que me faz imaginar que provavelmente sua mãe tome remédio para dormir.

Não imagino tia Talita tão complacente.

Tio Diego diria que “não” assim que eu pedir: “tio, o senhor deixar eu dormir...” O irmão da minha mãe não precisaria ser um gênio para completar a frase, e é a piada do século achar que ele acreditaria que eu diria que dormiria na casa da Adriana, por exemplo.

O pior de tudo é que estou associando o Noah com o que não devo. Uma comparação estúpida e totalmente errada.

Noah derruba sete pinos na primeira jogada. A segunda bola vai para a calha no último metro. Agora me encara sério.

A próxima a jogar sou eu e faço a minha pior jogada. Até tentei acertar os pinos, jogar pra valer, mas a leveza que sentia antes foi pro espaço.

Sento-me em seu colo e deixo minha cabeça encaixada em seu pescoço. Seus dedos trilham um vai-e-vem gostoso na linha da minha coluna que causa arrepios por todo meu corpo. É simplesmente delicioso e calmante.

Todos estão felizes. *Eu estava feliz*, e agora só quero ir pra casa. O pior é que eu quero ficar sozinha.

Olho para Adriana e acho que nunca senti tanta falta de poder falar com ela à vontade

quanto agora. Ela acabou de fazer uma jogada quase perfeita e está conversando com a tal Manuela e até com Dalila, que estão na pista ao lado que já terminou as rodadas.

Um estrondo vem atrás de mim. Todos comemoram Amanda ter sido vitoriosa com jogadas praticamente perfeitas.

Levanto pra bater palmas e comemorar com ela.

— *Tu é boa mermo, hein!* — Caíque grita e um pouco do seu sorriso empalidece. — Mas podia ter deixado a aniversariante ganhar.

— Odiaria que a Mandinha me desse uma vitória como presente de aniversário. — Valentina diz séria. — Escolhi jogar contra ela por ser uma oponente de respeito! Não suporto falsidade!

Olho pro lado e vejo Adriana fitar seriamente a outra pista.

— Vamos pegar um refrigerante? — Pergunto para ela, ainda em busca da minha amiga.

— Opa! Vou com vocês! — Amanda responde antes de Adriana. Aliás, Adriana nos dá um sorriso fraco como resposta.

Olho pra Amanda. Não sei se conseguirei me abrir na frente dela, no entanto não quero que se sinta excluída, pois está sempre comigo.

Piora quando ela estende o convite ao Artur e ao Ricardinho, mas graças a Deus os dois ficam e somos apenas nós três. Noah até tentou vir conosco, porém só com um olhar entendeu que teríamos um papo só de garotas e me deu um beijo casto, antes de conversar alguma coisa com um Caíque reclamando que Daniel ganhou por marmelada.

No caminho, vejo aquele ruivo asqueroso do Lucca com as mãos dentro dos bolsos da calça de Claudia. Fico chocada! De queixo caído e tudo!

A Claudia está com aquele desprezível?

E eles conversam com Tatiana e Mateus que desde a semana passada já eram vistos se pegando aqui e ali. Mas a Claudia com aquele... *aquele idiota do Lucca?*

Pior! Aturando a presença da archi-inimiga da sua melhor amiga (e estou me tirando dessa briga pirracenta entre as duas, pois não sou rival de ninguém), só para ficar perto daquele patife!

— A Claudia e o Lucca estão ficando? — Nem acredito que a pergunta saiu da minha boca.

— Eles estavam jogando juntos. — Adriana conta animada. — Acabou a partida e ele tascou maior beijão sua prima. Não ouviu? Fizeram o maior escândalo.

Não. Não ouvi. E já posso imaginar por quê. Ela fala mais um pouco sobre como os dois se afastaram e o que ouviu, mas a vida amorosa da minha prima nunca foi interessante pra mim e não seria agora com esse idiota que eu me importaria.

Esse relacionamento, caso vingue, mais o que conversei com Noah me fazem perder completamente até a vontade de aplacar a sede com medo de nem água parar no meu

estômago. Peço a água apenas para disfarçar.

— Um Superfurioso e um guaraná, por favor! — Amanda pede.

— Ah, Amanda! Você vai comer isso agora? Está todo mundo se preparando pra cantar parabéns, vai ter bolo. — Adriana crítica.

— E eu estou esse tempo todo morrendo de fome. Saí de casa sem comer, louca por esse sanduíche. Você sabe que é o meu favorito. — Ela olha pro caixa. — Acrescente bacon e queijo.

— Meu Deus! Estava comendo ainda agora batata frita.

Amanda rola os olhos. — Por isso não pedi batata frita agora. — Seu tom é de deboche e desafiante.

Adriana suspira. — Só acho que você poderia tentar, sabe... emagrecer. Já está tarde, pode evitar alguns tipos de alimento no horário da noite.

— Sim, rainha da dieta! — Ironiza. — Moço, bem passado. Adoro carne mal passada, mas hambúrguer tem que estar com a carne tostadinha!

Ele ri. — Pode deixar.

— Vou sentar numa das mesas pra ninguém estragar minha delícia falando que é melhor comer alface.

Adriana faz uma careta e pede um refrigerante light.

Eu concordo que já está bem tarde para comer um que, pela foto, é um *senhor hambúrguer*, ainda mais com queijo e bacon adicional (itens que já vem transbordando no sanduíche), mas achei tão sem noção a insistência da Drica...

— A Amanda não come um hambúrguer desses todos os dias. *Deixa ela.*

— Eu me preocupo com ela. Já está na hora de fazer uma dieta.

— Como você fez?

— Eu não era *tão* cheinha quanto ela, mas estava cansada de ficar excluída de tudo. Eu ficava lá no cantinho da sala e agora, olha pra mim: estou com um pé no campeonato, namorando o Caíque, todo mundo quer falar comigo... E a Amanda continua lá, no cantinho dela.

— É. Eu sento do lado da Amanda.

Ela encolhe os ombros. — Por que você quer. Mas deixa pra lá. A Amanda vai comer o sanduíche dela, feliz por ingerir aquela quantidade de gordura e carboidrato a essa hora da noite e depois se satisfazer com duas fatias da torta de chocolate. Nós duas viemos até aqui porque você não parecia nada bem lá.

Suspiro e é como se tivesse uma pedra esmagando meu peito.

Não terei coragem de dizer que o Noah entra pela janela para dormir comigo, pois isso é algo tão íntimo e nosso, que é um segredo que não dá para ser compartilhado com mais ninguém.

Também não quero dizer que ele me chamou para dormir na casa dele por motivos tão mais complexos que englobam também a ida furtiva dele ao meu quarto.

Mas tem algo que talvez ela entenda.

— Dri, você se sente pressionada pelo Caíque?

— Hum? — Ela para de beber e me encara com estranheza. — Pressionada? Como?

Limpo a garganta, pois preciso reformular o que eu disse.

— O Noah não me força a nada. — Deixo bem claro. — Ele é muito compreensivo, incrível! Mas ele... *ele já, né...*

— Peraê! — Ela fica de frente pra mim. — Você e ele... *nunca?*

Adriana pergunta de um jeito tão, *tão invasivo*, que eu nem sei o que responder. Na verdade, nem preciso.

— E o Noah aceita numa boa?

— O Caíque te pressiona?

Ela dá um risinho e é a vez de ela não precisar responder.

— Há muito tempo que a gente... *cê sabe*. Desde o início do namoro. Bia, você é virgem? — Não espera a minha resposta. — Posso dizer uma coisa? As garotas do colégio ficam se esfregando no Caíque e no Noah o tempo todo, você não pode ficar com medo de transar com seu namorado. Negar é o mesmo que correr o risco. “*Dá mole pra tu ver!*”

— Eu já disse que ele não me força a nada.

Essa conversa deu ares de que não seria boa quando eu ouvia as críticas nada construtivas sobre Amanda. Eu queria saber quando Drica se tornou... *superficial*. Julga tudo como se fosse a dona da razão. Será que foi sempre assim? Ela era toda tranquila quando a conheci.

O pior de tudo é ter que lhe *dar razão*. As garotas veneram o Noah, se cair um cisco no olho dele, elas vão saltar no colo antes mesmo de perguntar se ele está a fim por estar piscando (mesmo sem ser na direção delas). *Já tive prova disso*. Aliás, num comentário ridículo da Manuela feito para Adriana e eu ao lado das duas.

Olho na direção da pista onde todos estão bastante animados, comparando seus placares e meu coração despenca. O espanto é *tão grande...* a decepção é maior ainda.

E o medo.

E a insegurança.

E a dor.

Esses três não podem ser medidos.

Noah e Natasha.

Noah e a maldita Natasha!

Não penso em mais nada enquanto marcho até o canto onde eles se enfiaram para ficarem afastados numa conversa séria seus rostos afastados apenas por causa da diferença de altura.

Eu queria ver raiva no rosto dele, a falta de vontade de ele olhar pra cara dela, mas, pela primeira vez, sinto ódio da expressão de empatia no rosto dele. Não dava para ele ser só agora incompreensível? Por que está falando de um jeito delicado com Natasha?

O caminho é fechado justamente nessa hora por colegas que mais fazem um complô contra mim do que cantam parabéns. *Paro*. Estão cantando parabéns para uma pessoa que nunca me fez mal e que me convidou para essa festa por eu ser quem sou, não por eu ser a namorada de alguém.

Alguém que fala com a ex-namorada.

Noah tira os olhos de Natasha pela primeira vez, atraído pelas palmas e a música conhecida.

— Olha lá. — Adriana fala do meu lado enquanto bate palmas. — Você viu naquele dia do Jogo da Verdade como ela só falou chamar o Noah pra uma rapidinha ali na praça mesmo, né?

Noah bate palmas debilmente enquanto olha em volta. Seus lábios se mexem em alternância com os da Natasha. Ainda conversam, embora os olhos dele percorram o salão. Se me procura, não importa, pois ainda está lá do lado da víbora!

Mas esse não é o pior momento da noite. Esse momento surge agora:

— As garotas dizem que ele é muito carinhoso... atencioso.

O choque é tão grande que Noah e Natasha deixam de ser importantes. Quero dizer, não deixam, mas, *caramba*, Adriana falou mesmo isso?

— Como é que é?

— Só estou dizendo isso pra você não ter medo. O Noah vai te tratar bem.

— Você conversa sobre a vida sexual do meu namorado com a Natasha e com a Tatiana?

— Claro que não. Natasha nem olha na minha cara! A Tatiana que só agora resolveu falar comigo, mas não sobre o Noah. Talvez fiquem com medo de eu dar dicas pra você. Estou falando das outras... *Peraê!* Você acha que ele só transou com as duas?

Começam a entoar um “com quem será”, que obviamente declarará Felipe como par perfeito para Valentina. Cantaram parabéns, a música de palavras esquisitas e agora essa de casamento e Noah continua conversando com a Natasha. Ele não saiu daquele cantinho, nem que fosse com ela de encosto para me procurar. E sou capaz de vomitar com mais alguma *revelação* dita pela Adriana.

Pra mim já deu.

— Ei, aonde vai? — Adriana pergunta quando me afasto.

— Não tenho mais nada pra fazer aqui!

— Sério que vai deixar ele conversando com a Nath?

Conversando com a Nath?

Adriana, minha cara, parece que você só não se bandeou para o lado dela por ela não lhe dar brecha.

É muita decepção pra uma noite só.

— Tchau, Adriana.

Afasto-me sem beijos, abraços. Minhas palavras sem entonação talvez tenham deixado evidente como ela me magoou por falar, como se não fosse nada demais, que conversa sobre a vida sexual do Noah com aquelas ridículas do vôlei.

Decepção? Mágoa? Acho que a palavra certa é para como estou é enojada.

Já até ouvi essas declarações sobre o meu namorado que aquelas *falsianes* fazem para Adriana. No lugar dela, eu diria para não fazerem comentário desse tipo. Isso se eu não desse um fora bem dado.

— Bia! Bia! — Amanda segura meu braço. — O que foi?

Olho para Amanda quase na saída desse lugar que virou um inferno.

— Oi, Amanda, desculpe. Eu já vou. Desculpe. Desculpe.

Minha única atitude para não chamar mais atenção é não sair correndo. Mesmo com os passos apressados, sou seguida por Amanda, até que, quando saímos de dentro do shopping onde há o boliche, ela segura o meu braço e para na minha frente.

— Pronto, já saímos de lá. Agora, calma, que não dá pra voltarmos a pé pra casa.

Estamos perto do ponto onde é permitido o estacionamento do ônibus do condomínio. Infelizmente não há sinal dele ou de qualquer outro veículo que possa me levar para longe daqui.

Meu corpo está entorpecido demais por causa daquela conversa para sair correndo, e nem sei para onde quero ir, pois minhas pernas estão ansiosas para me levar de volta ao boliche e puxar os cabelos vermelhos daquela...

Eu não posso...

Já posso ver os celulares empunhados na nossa direção e uma briga épica no boliche pararia até no Japão.

Até uma briga calorosa em público com Noah pode fazer um estrago gigantesco, desproporcional.

— Avisei pro Ricardinho e pro Tuco que já estamos aqui. Combinei de voltar com eles, mas podemos voltar juntas.

— Ah, Amanda, desculpe. Você estava esperando o seu lanche...

— Não deixaria nunca você vir sozinha naquele estado.

— Ele estava conversando com ela! Com a Natasha! Só foi eu virar as costas que aquela piriguete pulou no pescoço dele e ele deu corda.

— Ela pulou no pescoço dele? — Pergunta e a cada coisa que disse antes me encarou com mais assombro. Horrorizada mesmo.

Ainda bem que ela sente repulsa. Ainda bem que posso contar para Amanda essa minha raiva e ela saber exatamente o que dizer para não me causar ainda mais decepção essa noite, embora ela fale mais xingamentos do que alguma frase coerente.

Só consigo pensar no que Adriana dizia sobre abrir as pernas para prender o Noah. Usar a tática *daquelazinha* que quer voltar pra ele a todo custo. Natasha, sim, é quem usa todas as táticas para tentar reconquistar meu namorado.

Deus queira que não, ou é capaz de ela amanhecer careca!

Meu celular começa a tocar. Cato dentro da bolsa.

“Noah”

Olho para o nome dele e sua foto. A vontade de não atender é imensa. Mas estou olhando para a tela como se fosse o contrário, como se *eu* o ligasse, e meu coração acelerado clama para que a voz do outro lado seja finalmente ouvida. E é esse órgão responsável por apenas distribuir o sangue pelo meu corpo que vence a batalha por, por algum motivo imbecil, ser mais relacionado aos sentimentos que o próprio cérebro.

— Trix? — Meu apelido soa acompanhado do som tumultuado do boliche. — Cadê você? Está no banheiro?

— Demorou a sentir minha falta! *‘Tava bom o papinho?*

Escuto-o suspirar. — Você está fora do shopping? Estou indo pro ponto.

E está mesmo, pois o ruído de fundo muda.

— Quem disse que estou no ponto? — Provoco. — Ficou tanto tempo lá que não percebeu que já vim embora.

— Nem brinca. — Ele rosna baixo. — Você está esperando o ônibus, não?

Está irritado. *Ah, eu estou pior!*

— Falo sério! Estou andando na Cidade das Cores!

Amanda arregala os olhos.

— O ônibus ainda não veio. Pare de brincadeira! — Ele rosna.

O ônibus passa de meia em meia hora, e é evidente que ele conhece melhor os horários do que eu.

— Peguei um táxi. Tem um ponto de táxi perto dos ônibus, não sabe?

Tem o ponto. Não tem táxi nenhum. Acho até que em outra entrada do shopping há

um ponto de táxi mais movimentado e fico pensando se não devo correr pra lá.

— Cara, onde você vai? — Caíque pergunta tão alto que acho que ouvi sua voz sem ser pelo telefone.

— Beatriz tá no ponto. — Noah diz e já posso vê-lo. Está correndo com o celular no ouvido. — Beatriz, juro que se você não estiver no ponto...

Ele baixa o celular e termina de vir de encontro a mim. Nesse momento, *justamente agora*, aparece o carro amarelinho com a faixa azul parando nessa entrada do shopping e a tentação de entrar ali para ir embora nesse último instante é grande.

— Nem pense! — Noah grita e volta a correr. Segundos depois está perto de mim. — O que deu em você? — Vocifera com o rosto a um palmo do meu.

— O que deu em mim? — Minha voz sai estridentemente alta. — O que deu em mim foi aquela cobra se enroscando em você! Vocês não perderam tempo, foram logo para um cantinho.

— Nós fomos para um cantinho? Você saiu com a Adriana e...

— E aí você se sentiu no direito de falar com a sua ex-namorada quando fui conversar com a minha amiga? — Completo o que *sei lá* ele diria.

Noah me encara com a boca torcida de irritação.

Eu mal posso acreditar que estamos discutindo por causa *dela*.

Essa interrupção me faz perceber que Artur e Ricardo já chegaram, Tuco está com uma sacola com o nome da hamburgueria.

Daniel e Caíque também vieram. E o segundo encontra uma brecha pra perguntar:

— Cadê a Dri?

— A Adriana não veio com a gente. — Amanda responde.

Ele franze o cenho e pega o celular. Começa a digitar algo e pouco importa se ele vai continuar aqui embaixo ou se ele vai voltar pra buscar a namorada.

O nó em minha garganta já me impede de dizer qualquer coisa.

É claro que o Daniel e o Caíque viriam atrás do Noah, após ele sair desembestado, preocupado comigo.

É lógico que Ricardo veio com o Artur para perto da Amanda. Os três combinaram de voltar juntos e não duvido nada que até o caixa da lanchonete conheça a amizade deles e tenha mandando o lanche dela pra viagem.

Ainda bem que eu tenho Amanda para vir por mim.

Estou muito decepcionada.

Estou decepcionada com a Adriana, por tudo aquilo que ouvi, e até por tentar fazer eu me sentir culpada.

Estou decepcionada com o Noah, pois deu margens para a ex-louca-pra-dar-pra-ele ter

uma conversinha íntima. Deve fazer bem pro ego dele ficar rodeado de ex. Por isso vive papeando com elas.

Mas a pessoa que mais me decepçiona sou eu. Eu já tinha aprendido há muito tempo que não sou boa para reconhecer quem são as melhores pessoas e fazer amizades. Como pude esquecer que não dá pra ter tudo isso que finjo ter conquistado nessa minha nova vida?

Meu tio tem razão: vim aqui pra terminar os estudos.

Não posso nem brigar pelo meu namorado, com medo de acabar numa situação comprometedora demais.

E olha só! *Estou pensando em brigar pelo meu namorado!* Quando aquela garota de pouco mais de quase dois anos atrás pensaria em brigar pelo namorado? *Que pensaria em brigar, pelo amor de Deus!*

Caminho sentindo o peso da derrota até Amanda.

— Desculpe. — Abraço-a. — E obrigada.

— Não fique assim. Vocês vão se entender.

Solto-a e olho para o táxi. Considerarei que estava um pouquinho atrasado, todavia acredito agora que ele apareceu até adiantado, caso esteja livre. Propositamente ignorei Noah embora eu sinta seu olhar irritado me queimar.

Antes de eu tomar uma decisão realmente estúpida, como a de pegar o táxi para ir embora, o ônibus do condomínio encosta. Mal a porta é aberta, eu caminho até lá. A tentação de eu entrar num táxi para deixar tudo para trás ainda é grande.

Escuto aperto de mãos estalados. Não olho para trás, embora esteja rezando para que dessa vez Noah esteja vindo atrás de mim. Sento no último banco, do lado oposto ao da calçada, para não ter que olhar ninguém do lado de fora. Não estou na *vibe* nem para observar os bate-papos, as amizades divididas em grupos.

Não dá para comparar ele ficar com os amigos com ele não ter ido atrás de mim para papear com a Natasha, porém eu quero muito que ele venha.

Uma lágrima rola devagar pela minha face. Eu não queria chorar, principalmente na iminência de aparecerem colegas de turma, vizinhos que podem fazer da minha vida um inferno daqui pra frente.

O ônibus sacoleja com a subida de alguém. Para não me decepçionar e não deixar minha derrota tão evidente, fecho os olhos, com o rosto ainda voltado para o estacionamento. Escuto os passos macios pelo coletivo até que o lugar ao meu lado é ocupado.

— Eu nunca te dei motivos pra agir desse jeito. — Noah começa. Fala baixo, embora eu tenha quase certeza que só estamos eu e ele aqui dentro. — Sim, a Natasha foi conversar comigo. O que ela queria falar não dava para ser no meio de todo mundo, mas o tempo inteiro fiquei te procurando, pois sabia que não gostaria de me ver conversando com ela, e eu chamaria você para ver que eu não estava agindo pelas suas costas.

— O que ela tanto tagarelava que tinha que ser quase escondido?

Ele suspira e fica irritado. — Eu não estava agindo pelas suas costas, mas não é algo que você precisa saber.

Reviro os olhos. — Ah, claro.

— Se tem uma coisa que não suporto é ciúmes. Passamos o tempo inteiro juntos, quando não estamos literalmente um do lado do outro, estamos no telefone...

— Você quer dizer que eu sufoco você? — Pergunto sem medir a voz. Lanço mão de não chamar atenção.

— Claro que não! Não estou reclamando. Gosto de ficar ao seu lado, gosto pra caramba! E adoro o seu jeito tranquilo, de não querer chamar atenção, montar uma patota para se achar a superior.

— Como a Natasha e a Tatiana.

— Como várias garotas do colégio.

Falar sobre *outras garotas daquele maldito colégio* me faz sacudir a perna irritada.

— Trix, por favor, que hoje tenha sido a primeira e a última vez que você tenha tido um ataque de ciúme. E olha que estou relevando a outra vez, que você deixou até de atender minhas ligações!

O ultimato eleva minha irritação — até então desconhecida — ao nível extremo.

— Gosto de você, mas não vou tolerar esse tipo de comportamento!

— Ah, Noah, essa foi a minha primeira ou segunda “crise de ciúme”, e você está adorando reclamar. Mas não se esqueça de que você também já deu alguns ataques de ciúmes por algum garoto falar comigo. E olha que alguns são épicos e nós nem namorávamos ainda.

Ele respira fundo. Sabe do que eu falo. De *quem* eu falo. Poderia falar um pouco mais pra provar meu ponto que Noah é, sim, bem mais ciumento do que eu, mas me enoja demais falar daquele rapaz que só sabe nos perturbar, falando do Jogo da Verdade, da chance que perdeu.

E Lucca e Claudia estavam se atracando lá no boliche. Deus queira que tenha sido apenas essa noite. Tomara que ele não deixe minha prima em casa. Mas é só por essa possibilidade que eu aviso ao Noah. E ele, é claro, fica com ciúme.

É como se eu estivesse na frente de um estranho. Um total e completo desconhecido. Esse homem loiro, alto e esguio não me desperta qualquer sentimento. Foi isso que nos tornamos: duas pessoas que não se conhecem.

Acho que nunca o conheci de verdade.

Ele definitivamente não me sabe quem eu sou. Só conhece aquela Beatriz que ficava trancada em casa, criando um mundo de sonhos no quarto cor de rosa, aguardando sua chegada.

Só conhece aquela Beatriz que procurava por sua aprovação a todo custo. Uma garota que me pergunto se realmente tinha uma vida.

Não sei por que resolveu aparecer hoje. Sentado na sala de tia Talita, ele está tão desconfortável quanto eu.

Eu só estou desconfortável por ele estar aqui.

Obrigada a falar com ele.

Obrigando-me a falar com ele.

— Você está bem?

— Sim.

— Está gostando de morar com seus tios?

— Uhum.

— E da escola nova?

— Sim.

— É. Vi as referências dela. É uma escola boa. Não é tão boa quanto a que você estudava, mas é a mais próxima e é a que a sua prima frequenta.

Fico em silêncio.

— E mesmo assim você está com dificuldades.

Continuo apenas fitando o nada e o rosto dele ao mesmo tempo.

— Recebi suas notas. Achei que finalmente receberia um boletim só de notas máximas, já que está num colégio inferior, mas me decepcionei.

A garota do meu passado morreria com essa frase. Não que ela fosse ouvir algo diferente, porque ela ouviria que seu boletim poderia ser melhor. Quando vi minhas notas, sabia que meus pais as taxariam de decepcionantes. Era raro, mas, às vezes, surgia uma nota manchando o boletim sempre de notas máximas.

Então, vinha a palavra *decepção*.

E depois vinha a palavra *castigo*.

Um castigo que pouco mudava minha vida. Perdia a internet e o fone de ouvido. É claro que nos últimos meses que vivi com ele e minha mãe, isso passou a ser um problema bem maior do que quando eu e meus pais não tínhamos nada além da escola para nos preocuparmos no que se dizia respeito a mim. Foi por eu temer perder contato com o mundo externo ao quarto de paredes rosas, que eu passei a estudar igual a uma condenada no meu tempo livre. Um tempo longo e infundavelmente livre naquela prisão.

— Não é porque está morando aqui que suas obrigações cessaram. Entendeu?

Noah.

Meu coração quase para de bater com o que encaro como uma ameaça.

Engulo em seco. — Sim.

— Diego, Talita. — Meu pai chama os dois que nos assistem. Achei que seria somente tio Diego a participar desse reencontro de pai e filha. Mas a presença da tia Talita me deixa muito mais à vontade. — Essas notas precisam melhorar. Ela nunca tirou notas assim.

— A Beatriz está se readaptando à rotina da escola, André. Passou mais de um ano afastada de uma sala de aula.

Mais de um ano afastada de uma sala de aula, de um colégio, sobrevivendo ao que aconteceu.

— A Dona Eulália cuidava para que não faltasse contato dela com os estudos. — Meu pai abandona a cordialidade e seu tom fica mais ríspido. — Temos um acordo.

Um acordo? É sério que ele chamou o que determinou a minha vinda para cá como um “acordo”?

— Nossa casa, nossas regras. — Talita também engrossa a voz. — Eu não vou trancafiar sua filha no quarto para ela perder a vida dela com a cara nos estudos só por ter tirado a droga de um sete e meio! Nem sei por que temos essa discussão!

Sete e meio. Toda essa discussão por causa de um sete e meio. As outras notas são o padrão daquela menininha que só sabia estudar e agradar os pais.

— Ela é a segunda melhor aluna da turma.

— Esse não é um grande feito, Talita.

— Nessa casa, é.

Meu pai respira fundo e se levanta.

— Diego. — Chama meu tio com autoridade. — A tutela é *sua*. É em você que deposito minha confiança. Eu já vou. Combinei de jantar com a minha mãe. — Ele olha para mim. — Sua avó quer aproveitar minha estadia na cidade para nos encontrarmos.

Não saio com ele de jeito nenhum.

— Podemos combinar um almoço aqui. — Tia Talita sugere olhando pra mim.

— Talita, eu gostaria que não se intrometesse nessas questões.

— Se preferir, podemos combinar um jantar. — Ela usa seu tom mais ácido com um sorriso no rosto.

— É melhor eu ir. Você pode me acompanhar à porta? — Pergunta pra mim.

Não, não posso, não quero. Mas levanto-me do sofá. Ainda há uma parte de mim que gostaria muito que tudo fosse diferente. Encontrar meus pais no fim do dia e eles perguntarem para mim como foi o meu dia, sem que fosse apenas para descobrir meu desempenho no colégio.

E o que meus pais perguntariam se eles me colocaram numa rotina para que eu tivesse unicamente esse tipo de atividade, enquanto viviam suas vidas longe de mim com a desculpa de intermináveis plantões?

Escuto tio Diego murmurar para tia Talita nos deixarmos a sós um pouco, que *André* não fará nada contra mim.

Como meu relacionamento com meu pai — com meus pais, na verdade — acabou de um jeito tão definitivo? *São meus pais.* O que aconteceu não dá para mudar, mas o relacionamento entre pais e filhos deveria ser eterno, não?

Eu não perdoei meu pai pelo que ele me fez, e entendo que ele não me perdoou pelo que eu fiz. Mas será que um dia seremos capazes de nos olharmos sem rancor ou mágoa, sem que algo imperdoável paire como uma sombra corpulenta e palpável entre nós?

— Um dia você vai entender que tudo que eu e sua mãe fizemos foi para o seu próprio bem.

Ele beija o topo da minha cabeça. Seu toque afetuoso não desperta nada em mim.

— Estude. — Diz com a voz branda. — Aproveite essa nova chance que a vida te deu e não desperdice.

A campainha toca no momento que ponho a mão na maçaneta. Antes de eu raciocinar qual a melhor atitude que posso tomar, abro-a.

Noah!

Noah com um sorriso lindo! Ele olha para mim, como se mais nada existisse.

— Oi, Trix. — Então me dá um selinho.

— Mas o que é isso?

Meu pai me puxa dos braços de Noah, ainda não fechados na minha cintura. Equilibro-me após esse passo mal dado, que tinha força para me levar ao chão. Mas o mais chocante é ver a transformação do sorriso genuíno do meu namorado em uma expressão de *choque*, e, em seguida, virar uma carranca carregada de ódio.

— Saia de perto dela! — Noah brada dando um passo casa adentro, pondo meu corpo

atrás do seu. — Nunca mais toque nela!

— Você que saia de perto dela!

Meu pai dá um passo à frente e só não entra em luta corporal, por eu estar agarrada ao Noah e tio Diego empurrar o ex-cunhado para trás.

— Me solte! — Meu pai grita. — Quem é esse?

Tia Talita suspira.

— Pergunte pra mim quem eu sou! — Noah não titubeia. Bate no peito atraindo pra si a atenção do meu pai. — Sou Noah, o namorado da Beatriz.

— Ela está namorando? — Meu pai esbraveja.

— Noah, por favor, nos dê licença. — Tia Talita pede com a voz suave.

Eu fico abraçada a uma estátua.

— O André já estava de saída. — Ela sorri para Noah. — O pai da Bia. Você pode aguardar no quarto dela?

Tia Talita é tão maravilhosa que, às vezes, tenho medo que não exista.

— Pro quarto dela? — Meu pai protesta.

Mas Noah considerou aceitável ficar na casa, embora afastado de mim.

— A Beatriz está namorando? — Meu pai repete a pergunta.

— Daqui a alguns meses, ela fará dezesseis anos. — Tia Talita esclarece. — As garotas da idade dela costumam namorar.

— Nós sabemos como isso acaba.

Um arrepio percorre minha espinha com medo do que ele disse ser uma premonição. Eu acredito que raios podem cair no mesmo lugar mais de uma vez, inclusive já vi reportagens de pessoas sobreviverem a esses ataques enviados dos céus. Mas eu não quero ser atingida uma segunda vez pelo raio que destruiu a minha vida. Não sobreviverei. Já tenho sequelas profundas do primeiro.

Mesmo porque o que sinto por Noah é muito mais intenso e verdadeiro.

— Será que sabemos? — Tia Talita põe as mãos na cintura e inclina o corpo pra frente desafiando meu pai. — Ela aprendeu com o que aconteceu, sabia? Eu e Diego também, mesmo não tendo participado na época. Você e Júlia tiveram tanta culpa ou mais que a Beatriz e não aprenderam absolutamente NADA!

— Não transfira a culpa dos erros dela para mim! Eu não admito minha filha com um namorado. — Meu pai rosna pra ela e me encara. — Você ainda é minha filha e tem que me obedecer. Assim que voltar pra São Paulo, conversarei com o advogado sobre o que encontrei aqui.

O medo que passou a me acompanhar ganha um novo aliado, um novo tipo de medo.

Meu pai mesmo abre a porta e sai de casa. Quando abre a porta do carro, noto a

sombra de uma mulher no carona.

A primeira coisa que passa pela minha cabeça não é a que ele já está refazendo a vida dele sem mim. *Não*. Aquela mulher sequer é uma surpresa. A questão é que ele nunca teve intenção de ficar muito tempo aqui comigo. Ainda falta muito tempo para um jantar com sua mãe. E estamos há muito tempo sem nos ver. *Muito tempo*.

Confesso que não queria vê-lo. Mas sua visita inesperada mexeu comigo. Acreditei que ele queria se reaproximar de mim, embora não acreditasse que ele fosse se tornar o melhor pai do mundo da noite para o dia.

Ele veio apenas por causa do boletim.

— Você revelou pro seu namorado? — Tio Diego pergunta baixinho.

— Claro que não.

— O Noah quase atacou seu pai a troco de nada? — Tio Diego continua.

— Não foi a troco de nada. — Tia Talita fala com os dentes cerrados. — Ele viu a namorada sendo empurrada e a defendeu. E me orgulho muito da atitude dele.

Meu tio suspira cansado. — Essa história não pode circular por aqui. Nunca conte pra ele por que você veio morar conosco.

— Não, tio. Claro que não. — Murmuro.

— Está na hora de vocês irem pra aula de vôlei.

Os dois voltam para a sala e eu vou ao meu quarto buscar Noah. No caminho vejo uma sombra. Uma sombra que se esvai na escada. Deus queira que seja uma ilusão, *que não seja a Claudia*.

Achei que não me concentraria no jogo, mas há duas coisas que me fazem abstrair tudo de ruim que me cerca: em primeiro lugar está Noah que eclipsa todo o mal do meu passado com apenas um sorriso; depois vem o vôlei. Jogar me fez muito bem. Pena que acabou.

Ando pela quadra recordando o caminho que eu e Noah fizemos até aqui. É claro que Claudia estava na espreita para nos acompanhar. Mas Noah *precisava* ficar sozinho comigo e parou nosso passo.

Claudia também parou.

— *Vá na frente, Claudia.* — Ele disse. — *Quero conversar em particular com a sua prima.*

Não tinha como ela nos esperar, ainda mais ao nosso lado, depois dessa. Ele ainda aguardou que ela se afastasse mais para então perguntar se eu estava bem, se meu pai tinha me machucado.

— *Foi uma apresentação épica.* — Brinquei com a situação bizarra. — *Ele não*

reaparecerá tão cedo. Veio pra reclamar do meu boletim. Se minhas notas melhorarem, é provável que envie só um cartão de Natal no fim do ano.

Noah não gostou nem um pouco do que eu disse. *Humor negro demais.* Mas vou me empenhar mais nos estudos, se essa é a garantia que preciso para não olhar para o *Doutor André* novamente. Não sou a garotinha que espera ansiosamente o retorno do pai, e ele não é o pai que não vê a hora de reencontrar sua *estimada* filha.

O amor existente entre nós era de um vidro muito frágil e foi completamente estilhaçado.

Por lembrar da minha prima, tento não me perturbar com o que ela tenha ouvido. Nada de revelador foi falado. Nem quando Noah ainda não havia chegado. É um segredo que tememos que as paredes saibam. Um segredo que não dá para ser revelado naquelas páginas do diário.

Imagine se alguém o pega!

Ai, ai. Que saudade de quando eu estava na partida. Só foi acabar a aula que o mundo despencou dentro da minha mente.

Procuo por Noah e o vejo conversando com o professor Getúlio, enquanto aguarda o início de sua aula.

Entendi errado. Achei que as aulas eram parecidas com as do colégio, mas os rapazes começam o treino depois das garotas. Bem melhor do que passar pelo processo de escolha dos garotos, ainda mais por agora o meu namorado ser o que com certeza iniciará as escolhas. Então, eu e outras garotas, algumas que não são do colégio, nos revezamos nas duas quadras.

Sento-me na terceira fileira da arquibancada, uma boa altura para ver o jogo. Vou assistir a aula dos rapazes e quando o Noah for para o vestiário, eu vou para o feminino que, com certeza, está abarrotado agora.

Enquanto os garotos ainda estão trocando bolas, as garotas começam a sair do vestiário. Umas com roupas que talvez já usem para dormir, outras que mais parecem sair daqui para uma festa. Quem faz parte do segundo tipo desde que chegou é Natasha que, assim como minha prima, desde o primeiro dia de aula de vôlei apenas assiste. Achei que estavam matriculadas, no entanto após o fiasco da escola talvez tenha desistido. Ou entendi errado mesmo e nunca se inscreveram para as aulas de vôlei.

Vejo Adriana sair do banheiro com Manuela e Dalila. Duas garotas que têm minha antipatia. Elas não descem. A primeira por ser uma descarada que deu em cima do meu namorado na minha frente. A segunda por nunca ter me inspirado confiança mesmo. Fez muito bem Artur ter riscado *essazinha* da sua vida.

Apenas aquela que eu chamava praticamente só de Dri me acena. Tem um tempinho que não a chamo de *Dri*, *Drica*. Ela se senta relativamente perto de mim, na companhia das outras. *Poderia ter se sentado ao meu lado.*

Volto a prestar atenção no jogo, antes que eu ceda à vontade de ir até lá em busca da

amiga que nem sei se ainda existe. E por que eu iria? Ela podia ter vindo para cá. Sério: seria até mais fácil elas terem sentado ao meu lado do que desviar aqui e ali na arquibancada para se sentarem onde escolheram.

Quando o jogo acaba, Noah conversa com os amigos. Ri, se diverte, e do pouco que consigo compreender que falam, escuto a confiança que sentem para o estadual. Estou com o olhar tão vidrado nele que não percebi Natasha armando o bote. Ela está na quadra bem perto, tentando conseguir uma brecha. Ela abre um sorriso iluminado a um passo do meu namorado, com a mão erguida para tocar seu ombro. Enrijeço, endireitando minha postura. Queria dar esse momento entre amigos para ele, deixá-lo conversar com os colegas de equipe. Está se divertindo, distraído após a perturbação de antes do jogo. Ponho a mão no banco para levantar, dessa vez não vou ficar assistindo essa garota dar em cima dele sem fazer nada.

Noah olha para mim e seu sorriso esvai. Vejo o primeiro passo dado antes mesmo de a preocupação dominar seu semblante. Depois a corrida até onde estou.

Tanta coisa num mísero espaço de tempo menor do que um segundo que uma mão ficou esquecida. Uma mão flácida pendendo no ar sem conseguir alcançar seu objetivo.

— Belo jogo! — Cumprimento-o com um selinho e um abraço. — Meu campeão! Não tenho dúvida que esse ano é de vocês!

— Você acha mesmo?

Acho é graça de ele duvidar de si.

— Claro que sim! Olha, vou tomar um banho pra irmos.

— Tá. Combinei de jogar na praça. Você quer passar em casa antes pra jantar?

— Ah, não, não precisa. Compro um sorvete.

Desde que começaram as aulas de vôlei, eu e Claudia não precisamos voltar para o jantar. Tirando os horários impostos no início, meus tios ficaram mais flexíveis. Espero que a visita de hoje do meu pai não mude nada.

— Se você quiser, pode ir. Encontro você na praça.

— Não. Eu espero você tomar banho.

Passo meus braços em sua cintura e ergo meu rosto para beijá-lo.

— É sério, Noah. Pode ir.

Beijamo-nos mais uma vez e ele me leva até o vestiário. E mais um beijo. E outro. Estamos praticamente sozinhos nesse corredor e sinto a parede fria em minhas costas, enquanto Noah é calor puro. Ele mordisca meu lábio e abre espaço para minha boca com a língua. Sua mão contorna o meu perfil e sua outra mão percorre meu corpo com indecência. *Adoro quando ele faz isso* e solto um gemido rouco entre seus lábios. Levo minha mão ao seu bumbum gostoso e o aperto.

— Vocês ainda estão no colégio. — Escuto professor Getúlio reclamar perto de nós.

Afastamos nossas bocas imediatamente. A proximidade dos nossos rostos nos faz

trocar a respiração ofegante.

— Noah, quero falar com você. — Ele continua com a voz dura.

— Vá lá. — Digo e fico na ponta do pé para lhe dar mais um beijo. — Te encontro na praça.

Ele me beija e espera que eu entre no banheiro. Há uma garota aqui e quando abro o chuveiro, escuto pelo menos mais três outras vozes diferentes.

Não estar sozinha me traz um pouco de alívio. Noah já foi pra praça e não quero ficar aqui sozinha, mesmo com a quantidade de câmeras apontadas em todas as direções.

A sensação que tenho é que Noah me protegerá de tudo. Estamos juntos o tempo todo e sei que ele precisa se divertir com os amigos. Ele não viajará mais para o exterior definitivamente no final do ano, mas um dia a partida dele chegará.

A não ser que eu vá estudar naquele país. Será que consigo estudar na faculdade nova-iorquina? Meneio a cabeça negando a ideia, embora não seja absurda. Ter notas “perfeitas” pode ajudar a ir para lá. Meus pais têm dinheiro para bancar, só seria necessário eles atenderem meu desejo. Minha negação é por eu não fazer a menor ideia do que eu estudarei. É melhor eu descobrir quais as minhas chances primeiro de ir para lá, para um curso que não seja tão difícil passar, e depois falar com meus pais.

Fecho o chuveiro e me arrumo a tempo de sair com as últimas garotas do banheiro. Converso trivialidades com Alice do terceiro ano enquanto caminhamos pelo corredor.

— Já apagamos as luzes, professor. — Júlia que não é da escola comenta.

— Ah, ótimo, garotas. Bom descanso. — Ele se aproxima de mim. — Beatriz, posso falar com você?

— Ah, claro. — Murmuro. — Tchau, Alice.

Estamos somente eu e Getúlio numa parte mais iluminada por uma luz muito distante. Não estou muito confortável por conversar com ele sozinha na escola deserta, ainda mais por ele ter me visto com o Noah mais cedo.

— Professor, desculpe. — Peço baixinho. — Não era minha intenção nem do Noah.

— Já conversei com ele sobre o que vi e não quero que se repita. Mas há outra questão que quero conversar com você. Vamos sentar ali?

Nós seguimos para a arquibancada, sentamos no primeiro degrau.

— Beatriz. — Ele passa a mão no rosto. Sua inquietação é enervante e me deixa receosa.

— Sim?

Ajeito minha bolsa e a seguro contra meu corpo.

— Beatriz, eu conversei com a professora Rose sobre você treinar com o time para o campeonato. — Ele respira fundo, como se o que acabou de dizer tivesse lhe roubado o ar. Então inspira. — Ela aceitou. Nem todas as meninas participarão e você será de grande ajuda para o time final.

— Mas aí eu tiro o lugar de alguém que quer ir e ainda tem chances.

Ele dá um meio sorriso. — Numa seleção normal, você teria ficado entre as vinte e quatro melhores, sem sombra de dúvidas. Cada dia que passa, você fica melhor, suas jogadas ficam mais precisas aqui nas aulas de vôlei. Olho você treinando handball, e você é até boa, mas penso na nossa perda, na perda do campeonato.

Estou com minhas mãos suadas e agarro minha bolsa com mais firmeza para controlar a agitação do meu corpo.

— Estou fazendo aulas de vôlei. É natural o jogo melhorar.

— Você está melhorando. Outras garotas, não. Nós vamos fazer uma substituição na semana que vem. Tatiana está empenhada em voltar à equipe e daremos uma nova chance. E posso dizer que *você* a treinou. Serão apenas nove jogadoras no campeonato. Quinze das que participarem da seleção não irão. Ao contrário das outras, você não está a fim, não lamentaria ficar entre as que não participarão. Talvez seja até mais eficiente na preparação de quem vai, já que não verá suas colegas como concorrentes.

— Professor...

— Você quer treinar outros esportes, tem esse interesse? Fazer ginástica?

Fico em silêncio.

— Você tem uma grande chance de ajudar suas colegas a ficarem mais fortes. E tem um grande potencial de chegar ao fim desse treino todo como uma das selecionadas para representar o CAV. Mas isso se você quiser. Pense nisso. E nos dê uma resposta na próxima aula.

O professor me deixa e caminha para os vestiários, apagando as luzes que faltam. Apenas o corredor que dá acesso à saída do ginásio ainda está iluminado.

Handball não está igual ao que eu jogava no passado. Aliás, as garotas daqui preferem ser chamadas atenção por mirar a bola no meu rosto do que realmente fazerem um gol.

Já no vôlei, vejo como as garotas melhoram. Vejo também como algumas estagnaram a ponto de termos a impressão que pioraram, se compararmos com outras. Adriana é uma delas. Há um tempinho que as jogadas dela não evoluem. Antes ela era alguém que tinham receio de mirar um saque e hoje em dia não se importam de forçar em sua direção.

Ela é capaz de pegar? *Sim, sempre foi.* O problema é que a outra melhorou o saque; outras melhoraram o ataque em geral. E ela se cansa fácil.

E se for o lugar dela que vou tirar?

Levo as mãos à cabeça, afastando o cabelo que cai em meu rosto.

Se eu topo e os professores a dispensarem do jogo para me convocarem, como é que eu fico? Ela vai parar de falar comigo de vez.

— Acho que só tem a gente aqui. — Escuto uma voz feminina e tenho quase certeza de que é Patrícia, da minha turma.

— Então dá para nos beijarmos mais uma vez.

Arregalo os olhos.

Não pode ser!

Mas eu reconheceria a voz dele a quilômetros de distância, embora agora incrivelmente não pareça um megafone ambulante. Levanto-me imediatamente. Olho na direção das vozes a tempo de ver que, sim, eles estão dando um último beijo.

— Caíque?

Ele se afasta dela como se tivesse levado um choque.

— Bia? — Ele larga Patrícia para trás e corre na minha direção. — O que você está fazendo aqui? Noah já está na praça!

— O que estou fazendo aqui não importa! O que *você* está fazendo aqui com ela? — Aponto para Patrícia. — Caramba! Você e a Drica! Ela...

Meu Deus! Que horror! Ele não está traindo minha amiga! Eu não quero acreditar que vi o beijo, ele e Patrícia cheios de intimidade, abraçados e depois se agarrando. *Eu não vi isso!*

— Não é o que você está pensando!

— Não?

— Olha... — Ele olha para Patrícia que passa por nós com um sorriso no rosto. — Patrícia, isso fica entre nós.

— Claro! Como sempre!

Como sempre?

Abro a boca para soltar o verbo em cima desse traidor. As palavras não saem. Estou com tanto nojo... *Tão, tão decepcionada.* Meus olhos começam a arder. As lágrimas caem dolorosamente.

— Você está traindo a Dri?

Como sempre.

— Essa não foi sequer a primeira vez que você estava com a Patrícia?

Ele meneia a cabeça e respira fundo. — Olha, eu e a Dri não estamos muito bem e aconteceu de eu ficar com a Paty duas vezes.

É muita cara de pau. Tenho vontade de dizer que isso não é desculpa, que “como sempre” deixou claro que foi mais de “duas vezes”, que Adriana não merece isso, que fiquei decepcionada por ele ser um *traidor*.

Mas apenas dou meia-volta e saio de perto dele.

— Não fale pra Dri. — Ele pede andando ao meu lado. — Por favor.

Viro-me para ele. — A única forma de eu não falar com ela é *você* dizer a verdade.

Ele desvia o olhar pra porta e está preocupado. Tenho até medo de olhar naquela direção.

Mas olho.

Noah.

Não ser Adriana me faz soltar o ar que não percebi ter prendido. Bem, se fosse ela, essa história acabaria aqui.

— Não fale pra ela. — Caíque pede mais uma vez.

A diferença do pedido anterior para o de agora é que Noah está aqui e bem perto de nós. *Achei que não poderia me decepcionar mais hoje...*

— Você sabia, Noah?

— Tô indo pra praça. — Caíque dá dois tapinhas no ombro do amigo e vai embora.

— Tá, já estamos indo. — Noah não parece nem um pouco animado. Quando Caíque está a poucos passos da saída, meu namorado me encara. — Vi as garotas saindo e tudo apagado. Vim ver se estava bem.

— Não desconverse, Noah. Você sabia?

Ele suspira e resmunga:

— Adriana sabia no que estava se metendo.

— Será que sabia? Você está dizendo que ela sabe que ele sai com a Patrícia?

Noah arregala os olhos. — Era com a Patrícia?

Quem mais seria?

— Ele a trai com outras também?

Noah desvia o olhar brevemente. Em seguida rola os olhos.

— Olha, Trix, não vou discutir com você por causa do Caíque. A Adriana sabia que ele não se prendia a ninguém.

Estou completamente enojada.

— Você acha que ela sabe e aceita essas traições? Isso nem passa pela cabeça dela! Ela acha que Caíque mudou por ela, é fiel, é... Ela ficará arrasada quando souber.

— Não se mete nisso. — Ele pede com a voz cansada.

— Não me peça isso.

Dou as costas e saio dessa quadra. Toda vez que eu estiver aqui só vou conseguir pensar no beijo do Caíque e da Patrícia.

— Você demorou. — Noah fala logo que chegamos ao lado de fora. — Por quê? Estava esse tempo todo discutindo com o Caíque?

A conversa sobre o Caíque não morreu? Respiro fundo antes de dizer qualquer coisa que possa causar uma briga entre mim e meu namorado por causa do namoro dos outros.

— O professor Getúlio pediu pra conversar comigo.

— Ah, é. Alice comentou quando perguntei por que você não voltou com ela. O que ele queria?

Conto a proposta, o pedido ou a imposição, não sei quais as reais intenções do professor.

— Ninguém poderá te forçar. A escola precisará de autorização dos responsáveis para você participar do campeonato. E você realmente é melhor do que algumas meninas.

— Não vou participar! Ponto! E se for alguém que daqui a algumas semanas possa finalmente deslanchar, e eu roubar o lugar dela sem intenção de ir ao campeonato?

— Se for isso, vai acontecer igual a Tatiana. Vai voltar pro time.

Então, Noah já sabe que a ex-namorada vai voltar pro jogo...

É claro que sabe. Em se tratando de vôlei, Noah sabe de tudo que acontece. Surpreendente é ele não saber da conversa que o professor tinha comigo.

— Eu e Tatiana juntas de novo.

— Aquilo não se repetirá. — Ele diz pouco antes de chegarmos perto de onde todos estão sentados. — A Tati nunca perderia essa nova chance. Ela ficou muito mal com a saída do time e agora está com o Mateus. Não preciso me preocupar.

— Com o quê?

— Com ela fazendo alguma loucura contra você.

— Hum.

— Trix, deixe essa história do Caíque pra lá. Não comente o que você viu na quadra.

Chegamos perto de nossos amigos e acho que é por isso que Noah volta ao assunto Caíque. Respiro fundo, pois ao mesmo tempo vejo Drica sentada num banco ao lado do namorado. Conversa com suas amigas fabulosas, enquanto ele me observa emanando tensão.

Quem também me olha é Patrícia. Já se bandeou para o lado de Yasmin e Tatiana. Mas ela não está tensa e sim bem tranquila. Diria até que feliz por eu ter descoberto. Uma sombra maliciosa em seu sorriso me faz desviar o olhar.

— Eu não conseguirei.

— Tá. — Noah suspira. — Eu vou conversar com o Caíque pra ele parar.

Fico de frente para o Noah.

Será que isso é suficiente?

Se o Noah conseguir fazer o Caíque ver que sua atitude é asquerosa, talvez ele mude.

Será que essa é a melhor solução?

Não consigo me ver sem ser conivente com essa traição.

— Noah... ele é seu amigo e ela é minha amiga. Você não quer que seu amigo se

machuque, mas estamos falando da Adriana. Não vou gritar no meio da praça pra todo mundo o que eu vi, nem vou chamar a Dri para conversar comigo num canto agora. Mas eu vou contar.

Ele me encara de mau-humor e andamos até as mesas de cimento. Há um local disponível ao lado do Daniel. Noah se senta nele e fico em seu colo. Escuto conversas, falo alguma coisa, mas a minha mente está fixa no único pensamento de que esse dia precisa terminar. Ainda bem que os rapazes desistiram da partida ou eu seria capaz de deixar Noah jogando e ir para casa.

Quando Caíque se aproxima aproveitando que Drica foi chamada para uma conversinha em particular com Manuela, aproveito para sair de perto deles e vou conversar com Alice e Valentina. Elas combinam voltar ao boliche e mesmo com o fiasco do meu jogo, gosto da ideia. Chamarei Amanda, Artur e Ricardinho. Eles gostarão. Acho que Val falará com eles também.

Sugiro irmos ao cinema antes. Há um filme que eu e Noah queremos assistir e ele só está esperando lançar para irmos com seus amigos. Todos estão combinando de ir juntos e não sei se elas seriam chamadas.

É lógico que aceitam. Dizem até para combinar o boliche num dia diferente.

Pra mim, ainda é muito estranho ter toda essa atenção.

É muito diferente de *antes*.

Sair com o pessoal do prédio ou da escola era impossível. Meus pais nem permitiam que eu fosse aos aniversários.

Tinha uma vida social zero. Quando eu lamentava demais, diziam que esses amigos que tanto gostaria de manter contato, um dia se tornariam os amigos de infância que ficaram aqui no Rio antes de eu partir para São Paulo. Amigos, perdidos para sempre.

Agora sempre sou incluída nas conversas, comemorações, posso ficar mais tempo com todos aqui com a noite já caída, sem a obrigatoriedade de estar à mesa de jantar todos os dias.

Aniversários, idas ao boliche, conversas na praça, assistir um filme no cinema abraçada ao meu namorado... Era inimaginável eu viver tudo isso.

— Ai, *migs!* — Manuela interrompe minha reflexão com uma chamada estridente. — Acabei de receber uma notícia maravilhosa! Bem, vocês já sabem que farei quinze anos no dia trinta e um de maio. Já enviei os convites pra vocês e quero todos os meus amigos presentes!

Três coisas: não sabia que ela fazia aniversário dia trinta e um de maio, não recebi o convite pra festa e não somos amigas.

— Essa daí é uma cobra. — Valentina murmura cantarolando.

Uma cobra cara de pau.

Manuela continua comentando sobre o que está programado para a festa e entre as

exclamações soltadas por nossos *amigos em comum*, observo uma pessoa em particular: Adriana. Ela está totalmente por dentro da festa, dá para ver nos seus olhos brilhantes.

Acho que na atual situação, o ideal seria Manuela ter pego Caíque aos beijos com Patrícia. Do jeito que estão amiguinhas, talvez ela usasse a voz estridente para revelar o traidor. Já é bem conhecido que ela não tem papas na língua e Adriana desabafaria com alguém que realmente considera amiga.

— Minha mãe falou agora que posso chamar um ator, para ser o príncipe. — Ela suspira e algumas garotas dão gritinhos. Há quem apresente sugestões, uma delas é Patrícia. — É, é um máximo, já pensei nele também, Paty.

Paty... Reviro os olhos enojada.

— Eu já tinha pensado em vários atores, mas acho que será estranho. Dançar com um desconhecido, agir como se nos conhecêssemos e fôssemos íntimos... não vai rolar. É por isso que eu gostaria que você, Noah, fosse o meu príncipe.

Noah. Príncipe. Dela.

É muita cara de pau pra uma pessoa só.

Noah olha para ela meio perdido. Escutei o som de mensagem recebida no meio do discurso, um toque que aprendi ser urgente e preocupante.

— Você... Desculpe, não estava prestando atenção.

Cara, depois dessa eu enfiaria a minha cabeça embaixo da terra. Mas essa garota resolveu passar mais óleo pra deixar a madeira que reveste seu rosto ainda mais lustrosa. Os dois estão de lado para onde estou. Ela está um pouco mais de frente que ele. Manuela dá um risinho. Então, vejo o sorriso teatralmente acanhado que acompanha o som bem irritante.

— Eu quero que você seja meu príncipe no meu aniversário de quinze anos!

— É muito descarada! — Atiro.

Silêncio. E dezenas de pares de olhos me fitam.

Uma voz bem baixinha dentro da minha cabeça fala que eu devia ter esperado a resposta dele a esse convite absurdo, mas dane-se.

— Nossa! Pra que me ofender? — A respiração dela está entrecortada e a voz chorosa, mas para mim é tudo fingimento. — Chamei o Noah pra ser o meu príncipe, não precisa tacar pedra. Ele foi o príncipe de vários aniversários ano passado, sabe até melhor do que eu como agir.

O celular do Noah começa a tocar e ele se levanta para atender o telefone, afastando-se de todos. Reparo seu semblante atordoado, o cenho franzido quando me encara.

— Não precisa ter uma crise de ciúmes. — A rastejante continua. — Ou você não se garante?

— Eu não me garanto? — Desdenho. — Você não perde uma chance de tentar se esfregar no meu namorado!

— Eu me esfregar? Que exagero! Só faço elogios! Se não quer que elogiem o seu namorado, arrume outro.

— Ela não entende.

Todos olhamos na direção da voz calma e cínica. Claudia resolveu abrir a boca. Seu olhar sonso me deixa mais irritada.

— A Beatriz não teve aniversário de quinze anos. — Claudia continua. — Ela não sabe como é importante a escolha de um príncipe. Noah é gentil, educado, amigo, aceitava ser o príncipe de todas, mas infelizmente namora alguém como... — ela encolhe os ombros — ... como minha prima.

Só o som do vento é ouvido. E de algumas crianças brincando bem longe.

— Os pais da Bia sempre a proibiram de fazer tudo. Era a nerd da família. Aliás, hoje, depois que seu pai veio nos visitar, lembrei que você era um ano adiantada na escola. Era para estar no terceiro ano, não no segundo. Achei que tinha surtado, enlouquecido com a pressão e o divórcio dos seus pais e repetido de ano, mas foi mais grave que isso, não? Você ficou um ano sem estudar?

Nesse momento, descubro que odeio a Claudia. Só uma pessoa desalmada, sem coração, mesquinha, egoísta e desprezível falaria tais coisas que escutou na surdina. Uma cobra que espalha segredos de família numa praça. Mas o ódio não é grande o bastante para sufocar o peso dos olhares sobre mim. Sinto uma mão quente no meu ombro e pulo com o susto. Olha para Noah ao meu lado sério.

— Vamos embora.

Não gosto do seu tom. Ele se afasta para pegar nossas bolsas sobre a mesa. Dá um aperto de mão elaborado em Daniel e Caíque.

— Noah, pense com carinho no meu pedido.

— É melhor você pedir pra outro... contratar o ator, o cantor.

Há um burburinho indistinto sobre a decisão dele. “Noah nunca negou”, “Caramba, que fora”, e comentários sobre o que minha prima disse sobre mim.

Caminhamos lado a lado até a Vila Azul e pouco antes da cancela, eu não aguento mais.

— Fale comigo.

Ele para e me encara. — Eu não ia aceitar.

— Achei um absurdo o pedido. Toda hora ela solta uma piada e agora resolveu atacar.

— Ela te atinge demais porque você se sente substituída por ela ser a melhor amiga da Adriana.

— Eu o quê?

— Eu já recebi outras propostas assim esse ano. Recusei todas. Sei que isso vai te fazer mal. E foi pior ela ter feito na cara de todo mundo achando que eu agiria como no ano passado ou que não teria coragem de recusar.

— Você aceitava esses pedidos?

Ele suspira. — Não tem nada demais. Alguns foram na época que eu e a Nath estávamos juntos, um com a Tati. Elas passavam a maior parte do tempo ao meu lado. Era uma só dança e depois ela dançava com algum parente e eu dançava com...

— Com a Natasha e com a Tatiana. — As namoradas da época.

— Você não precisa se sentir insegura. Não em relação a mim. E quanto a Adriana, seria melhor você considerar se vale à pena se indispor com o Caíque por causa dela.

— Noah, a última pessoa que me preocupa no momento é o Caíque. Sei que eu e Adriana nos afastamos um pouco, mas ela tem o direito de saber e eu, como amiga dela, tenho o dever de contar.

— Faça o que você achar melhor. — Ele diz um pouco irritado. — Olha, não quero mesmo discutir com você sobre os dois. Já falei isso pra você. Mas, assim como você vai falar com ela, eu também o alertarei. Vou pra casa agora tomar banho e comer alguma coisa. E depois passo lá na sua casa.

Estamos em frente ao portão, e damos um último beijo. Entro em casa e aviso meus tios que já cheguei e aproveito para jogar uma ducha no corpo e trocar de roupa. Minha vontade era tomar mais um banho completo.

Enquanto espero Noah, pego minhas lições. É numa mistura de necessidade de atenção e de esquecer os problemas que vieram à tona hoje, que olho para o celular e vejo que já são mais de nove horas e Noah não veio.

Pego o celular e envio uma mensagem para ele avisando que vou dormir.

*** Noah-Eu: O Caíque passou aqui e tive que aguardar a movimentação do condomínio diminuir e sua prima entrar. Já estou na casa ao lado. Abra a janela. ***

Primeiro guardo o diário, que, pela primeira vez desde que eu e o Noah começamos a namorar, ganhou apenas uma flor hoje. E o pequeno invólucro metálico. Segredos que ele não precisa saber, embora ele já tenha visto o diário.

Vou à janela e mal destranco, ele entra. Está com uma sacola e sei o que significa: passará a noite aqui. Há uma calça jeans e algumas camisas para ele ir ao colégio. O tênis já está em seus pés que ele logo descalça, antes de soltar a bolsa que tem o tablet e o caderno que usa para todas as aulas. O restante fica no armário da escola. Temos tudo bem organizado para essas visitas furtivas.

Com a cortina no lugar e a certeza de que não fomos pegos, nos beijamos abraçados. Eu queria que fôssemos apenas nós dois, mas a tensão é um terceiro corpo presente nesse quarto.;

— Está tudo bem em casa?

Essa é a minha primeira pergunta, pois a ligação que recebeu no meio daquela confusão de convite para *príncipe* não ficou esclarecida.

— Era bobeira. Nada pra se preocupar.

— Tem certeza?

— Sim. Minha mãe apenas ficou receosa por ter que ligar uma segunda vez, mas está tudo bem. Demorei mesmo por causa do Caíque.

Bufo. — Ele foi até lá para pedir para eu não contar.

— Dentre muitas coisas que ele disse, uma eu concordo: Adriana não está apresentando um bom jogo e isso pode desestabilizá-la ainda mais.

— Eu não vou pactuar com a traição dele.

Ele meneia a cabeça. — Não é por isso que vim aqui, que arrisquei passar a noite com você.

A apreensão toma conta de mim.

— Não é por causa do pedido, né? Você não está pensando em aceitar ser o príncipe daquela piriguite que nem me convidou pro aniversário, ou tá?

— Não vou mudar de ideia quanto a isso. Ainda mais depois de ouvir que ela não convidou você. Esse assunto já está encerrado. Quero saber sobre o que a sua prima falou. Nós mal conversamos sobre a vinda do seu pai aqui e acho que mereço um voto de confiança seu.

— O que você quer saber, Noah? — Pergunto cansada. — Ai! Esse dia não acaba nunca!

— É, esse dia não acaba nunca. Ainda bem que ainda tenho tempo para descobrir se o que a Claudia disse é verdade. *Um ano sem estudar?* Me mata não saber o que aconteceu com você de tão ruim que fez com que morasse aqui com seus tios. Odiei a forma como seu pai te segurou. Ele te batia? Era isso?

Afasto-me de Noah.

— Quando você me disse que ninguém te machucou, eu não acreditei. — Revela e é uma facada no meu peito. — Por favor, Trix. Me explique o que sua prima disse, que eu estava com a cabeça em outro lugar e não prestei atenção direito. Só não fiz mais perguntas para não parecer um idiota que não te conhece, e para não fazer a sua prima te humilhar na frente de todos.

Minha prima me humilhar...

— O que você acha que é humilhar? Eu ser uma nerd que de repente não teve mais condições de encarar uma um colégio e tudo que a acusavam, a ponto de ter que largar tudo?

— Trix...

— Era o que eu era, Noah. Uma garota sem sal perto dos demais, uma pirralha alta demais que só tirava notas altas. Uma garota que não tinha assunto porque tinha hora pra tudo e tempo nenhum para sair com os amigos, ir às suas festas, frequentar suas casas ou receber visitas. E mesmo com esse controle absoluto dos meus pais sobre mim, sim, eu errei, errei muito feio. Fiz uma grande burrice e é por isso que meu pai me bateu. É isso o que você quer saber? Pois, então é isso.

Olho para ele ofegante sem acreditar na minha diarreia verbal. *Não acredito que disse essas coisas para o Noah!* Onde estou com a cabeça?

Puxo meu cabelo para trás, segurando o choro que já mudou o ritmo da minha respiração.

— E que erro é esse? — Pergunta muito sério.

— Esse erro é um que você nunca vai descobrir.

Que Deus faça dessas minhas palavras uma profecia.

Sento-me na cama de pernas cruzadas e o encaro. Noah é tão lindo que poderia passar horas e horas apenas o admirando. Seu maxilar quadrado, sua boca carnuda, o nariz do tamanho perfeito para o seu rosto. Sem falar nos olhos verdes intensos e suas sobrancelhas grossas. Até a falha entre os pelos da sobrancelha direita — que cada vez que olho me faz especular se foi um acidente ou uma briga que a resultou — é linda.

Até hoje, eu pensava mais na possibilidade de um acidente. Noah é pacífico demais. É amigo de todo mundo. Cogitei inclusive um terrível acidente doméstico por causa da condição de sua mãe. Mas ele não pensou duas vezes em atacar o meu pai.

O estalo abafado do botão da bermuda atrai a minha atenção para um local mais ao centro do seu corpo. Perto *daquele* lugar. Mas é o máximo que ele abrirá de sua vestimenta. Não será ouvido o som ensurdecedor do velcro.

Já descalço desde que chegou, ele se aproxima da cama e me beija. Uso meus braços para chegar para trás, enquanto lentamente seu corpo sobe na cama e encobre o meu. Sua boca deixa a minha e ataca meu pescoço no mesmo instante que sua mão me toca intimamente.

É difícil controlar meus gemidos e todas as sensações que seus toques provocam. Lembro-me vagamente da televisão desligada, da ausência do som além dos nossos. Mais difícil é controlar minhas mãos que encontram a barra de sua camisa e a puxo para cima.

Tá... menti. Algumas vezes, como nesse momento, a camiseta dele deixa seu corpo. Assim que ele está despido, sua boca volta à minha. Por pouco tempo.

Acaricio suas costas enquanto sinto a trilha de beijos que desce, desce e desce até que arqueio as costas com as sensações que ele provoca. Arquejo alto e sua mão cobre minha boca.

— Você não sabe o quanto eu desejo você. — Sussurra.

Sinto o desejo dele. E sinto uma dorzinha incômoda no meu íntimo. Uma sensação que sei bem o que significa e como deve ser aplacada, graças à literatura imprópria para a minha idade, mas que é fácil eu ter acesso.

Mas não estou pronta.

E ele sabe.

Sentindo o desejo crescente entre nós, ele sai da cama. A luz precisa ser apagada, então ele o faz. A escuridão nos envolve praticamente por completo.

Escuto sua mão na maçaneta, sei que testa a porta trancada. Nada de susto no meio da madrugada. Ninguém apareceu aqui para conferir se estou dormindo bem, a não ser aquela vez que tia Talita estranhou a televisão ligada.

— Quer dizer que você era uma nerd sem sal? — Noah sussurra deitando-se ao meu lado. — Não consigo imaginar.

— É fácil: eu era a mais nova da turma. Alta demais. Magra demais. Era chamada de Bia-Palito.

Foi só ano passado que comecei a ganhar mais corpo. Mas empurro esses pensamentos para o fundo da minha mente.

— E você? Sempre foi o mais cobiçado?

— Cobiçado? — Ele sorri. — É, sempre fui o mais cobiçado. — Confirma sem um pinga de acanhamento. De repente, fica sério. — Quero te fazer um pedido.

— Qual?

— Senti que você está de sutiã. Quero dormir com você sem camisa.

O ar me falta na hora.

— Eu já estou sem camisa. — Sua voz está mais rouca. — Só quero sentir seu corpo contra o meu. Se quiser, pode vestir algo menor.

Toco o peito dele na altura do coração. Está batendo rápido. Tão rápido quanto o meu. Um pouquinho menos. *Ou um pouquinho mais.*

Sento-me na cama. O sutiã que visto é quase um top. Sem rendas, sem nada. Nunca tenho o impulso de usar algo mais sensual para Noah. Na verdade, não tenho nada de sensual. Um dia, irei ao shopping e comprarei algumas roupas para dormirmos juntos. Olho para ele enquanto tiro a camisa.

Noah nada fala enquanto observa meus seios cobertos nessa penumbra. Vejo a tensão em seus braços, os movimentos de suas mãos que tenta controlar para não me tocar. Apenas ergue o edredom e eu me aconchego perto dele.

E entendo o que ele quer. A sensação de seu peito quente contra minhas costas é indescritível. Eu seria capaz de me entregar para ele essa noite mesmo. *Agora.*

Sua mão enlaça minha cintura e ele se ajeita para fazer seu outro braço como um travesseiro para mim. É estranho me sentir confortável assim.

— Sua primeira vez será maravilhosa. Eu prometo.

Ganho um beijo no meu ombro e um carinho gostoso no dorso da minha mão. Movimentos aleatórios que diminuem de acordo com a chegada do sono do Noah.

Muitas vezes com ele aqui, precisei levantar após ele adormecer. O sono para mim não chega tão facilmente. Ou não chegava, até hoje.

Fecho os olhos sentindo que Noah é minha cura, que seu amor vai me livrar de todos os meus pesadelos. Pesadelos que me mostram como, infelizmente, algumas coisas não

podem mudar, e que Noah chegou muito tarde na minha vida.

Uma pressão na minha boca me desperta. No instante seguinte percebo que todo meu corpo está coberto. Debato-me, tento gritar, mas Noah é muito forte e me subjuga com facilidade.

Por que ele está fazendo isso?

— Shh! — Ele pede com a respiração pesada. — Vai chamar atenção dos seus tios.

É isso que eu quero?

Miro seus olhos vidrados nos meus. Estão desesperados.

Por que eu sinto que essa é a continuação de algo muito ruim?

— Bia, você estava tendo um pesadelo. Eu vou soltar você. Mas se acalme.

Noah primeiro sai de cima do meu corpo. No instante que me vejo livre de sua mão, encolho-me já sentada perto da cabeceira.

— Você começou a tremer dormindo, eu chamei você e você gritou. — Explica ofegante.

O quarto está muito escuro. Pego o celular ao lado da cama e o acendo. Já são quase seis horas, o despertador tocará daqui a alguns minutos no horário que eu costumo levantar sem que Noah esteja aqui.

— Você dizia que queria morrer. — Ele murmura.

A pouca iluminação da tela me deixa ver melhor o seu rosto. Ainda estou muito assustada por ter acordado do jeito que acordei, mas Noah aparenta estar mais assustado e diria até que horrorizado.

— Eu estou bem. — Sussurro e dou um suspiro profundo.

Noah sai da cama, já completamente desperto e acende a luz. Nesse momento que costuma ser bastante constrangedor, já que ele troca de roupa na minha frente, acrescento o terror desse início de manhã que roubou a minha paz. E eu estou apenas de sutiã. Cato rapidamente a camiseta que eu usava ontem à noite e a visto.

— Estou com muita vontade de ir ao banheiro.

Droga!

Esse é o nosso maior problema: eu estar num quarto sem banheiro. Noah se esconde após vestir a calça jeans, o calçado e uma camiseta azul, num tom que me faz duvidar por um instante que seus olhos são realmente verdes.

Destranco a porta e vejo que a barra está limpa. Normalmente a movimentação da casa começa às seis.

— Vou sair e você abre a porta. Diga que eu liguei.

Qual a probabilidade de isso dar errado?

Nem quero saber.

Saio do quarto e corro para a porta. Nessas horas, agradeço não dormir de camisola ou qualquer tipo de pijama, para abrir a porta sem vergonha da roupa que passei a noite. Noah sai da minha janela e quase morro de medo de ser descoberta. Meu coração está mais que acelerado quando vou para a sala e abro a porta.

— Beatriz?

Pulo com o susto de ser chamada pela minha tia.

Noah já está parado à porta e o olhar desviado de mim deve ser para tia Talita.

— Bom dia, Dona Talita. Preciso ir ao banheiro.

A urgência é tanta que ele passa por nós.

— Licença.

— Ah... *Ele ligou*. — Esclareço num fio de voz.

Ela me encara desconfiada. Bem, espero que essa desconfiança seja uma impressão da culpa que me atinge.

— Ele vai tomar café aqui? — Sua pergunta soa seca.

— Não sei. — Minha voz sai medrosa.

Ela assente e segue para a cozinha, enquanto eu fecho a porta sentindo meu coração mais pesado que o normal.

Vou ao quarto ignorando a minha vontade matinal de ir ao banheiro e me arrumo para o colégio. Depois o dia segue... *normal*.

Normal por eu ainda estar nauseada pela forma como tia Talita me olhava desconfiada.

Normal por eu ter ouvido zombarias por eu ser uma nerd, por enfim terem percebido minhas notas altas e associarem minha necessidade de estar cercada de “outros nerds”. Sinto-me pior por me recordar de outras zombarias. Era tudo muito velado. Noah é um escudo bem potente. Meu porto seguro de todas as formas e realmente desejo muito ter profetizado algo ontem à noite, pois não posso perdê-lo. *Nunca*.

Normal por eu querer novamente estar longe das salas de aula e qualquer outro ambiente de um colégio.

Mas é quando termino de almoçar e escuto a porta da frente abrir e a voz da tia Talita chamar a Claudia e o meu nome que deixo de considerar esse dia como *normal*. Ela até costuma chegar mais cedo das consultas em casa na sexta, pois me leva para a minha consulta com a psicóloga. Mas, tão perto do almoço, nunca!

— Oi, tia. — Respondo. — A Claudia chegou e saiu.

— Ah, foi? Bem, eu marquei de irmos cortar o cabelo e fazer as unhas antes da sua consulta. Vou ligar pra ela. Você pode se arrumar?

Quero dizer que não vou. Mas ela já emendou a consulta ao passeio estético, então vou para o quarto me arrumar. Já estava de banho tomado, então só visto uma calça jeans e uma blusinha simples.

E ligo para Noah.

— Você quer que eu vá com vocês? — Ele pergunta após eu contar toda minha apreensão e eu sorrio feliz por causa do seu interminável zelo.

— Vamos ter uma tarde de garotas e depois vou para a psicóloga. Podemos nos encontrar depois, na praça.

— Tá bom. Beijo, linda.

— Beijo, lindo.

Ele ri. — Quando mando beijo ou abraço para meus parentes de fora, eles não entendem nada.

Também rio. — Ainda bem que você adquiriu esse hábito. — Tia Talita me chama. — Preciso ir. Beijo.

— Beijo e bom passeio.

Saio com tia Talita de casa. Nada de Claudia. Da última vez que fizemos esse programa de garotas, o clima de paz não reinou tão bem quanto o primeiro. Claudia já havia gastado seu momento falsidade comigo. Depois do que fez ontem, acredito que tenha medo de eu contar na frente dos meus tios o que ela fez comigo no meio da praça.

E sair com a tia Talita é muito bom. Ela tem muito bom gosto, adora falar sobre tudo e é como se eu pudesse viver aqueles passeios de mãe e filha que eu tanto sonhava.

O encanto só acaba quando desvio meu olhar para uma vitrine de roupas íntimas, tentando criar coragem para falar que quero comprar algumas, como se não fosse nada demais.

— Acho que essa é a minha deixa... — Ela fala olhando para a mesma vitrine e paramos em frente à loja. — Há quanto tempo você e Noah dormem juntos?

Observo meu rosto ficar vermelho fogo mesmo no reflexo fraco do vidro. Não respiro. Nem me mexo. Se alguém esbarrar em mim, caio dura no chão.

— Depois nós voltamos aqui. Não quero perder minha coragem de conversar sobre o que aconteceu de manhã. Tem um restaurante aqui perto e um bom tempo até a sua consulta.

Depois de nos acomodarmos numa mesa escondida, minha tia pede uma água e um suco, além do *couvert*, e aguardamos em silêncio o garçom trazer o pedido. Ela quebra uma pizza branca e me dá um pedaço. Também come.

— Beatriz, eu não gostei do que vi.

— Tia...

— Há quanto tempo?

Fecho os olhos e por um instante queria que ao abri-los eu me visse em meu quarto sozinha. *Ou com Noah*. Mas o som do ambiente não muda e preciso encarar a realidade.

— Não aconteceu nada, tia. — Lacrimejo. — Nunca aconteceu nada.

— Desde quando ele dorme com você no seu quarto?

— Desde que o tio Diego me pôs de castigo no carnaval. Mas não é sempre. Nem é toda semana que ele passa comigo. — É... estou mentindo.

— Eu confiei em você, mocinha.

— Não aconteceu nada. Eu juro.

Solto a pizza crocante no meu prato e tomo um copo do suco insosso.

— Beatriz, não quero mais que isso aconteça.

— Não vai acontecer.

Os ombros dela caem e seu semblante fica cansado.

— Beatriz, se seu tio descobre não tem conversa. Agora que ele está ficando mais relaxado com a sua presença. Ele ficou indignado com o André, ontem. Tenha isso a seu favor. Respeite a regra da casa: nada de garotos! Ele surtaria se descobrisse. Nem a Claudia com todos os parafusos a menos faz uma coisa dessas.

— Tá bom. Vou falar com o Noah.

— Ótimo. Eu não quero ter essa conversa de novo. Estamos entendidas?

Assinto.

Justo hoje que foi maravilhoso dormir com o Noah...

Sem camisa.

Nós dois.

— Vamos terminar aqui e comprar as lingerie. — Ela pisca e eu, que já estava vermelha, fico com o rosto em brasas. — E camisinha. A partir de hoje você não anda mais sem uma, e quero que me prometa que você exigirá dele o uso do preservativo. É muito importante para a saúde de vocês...

E ela detalha cada doença sexualmente transmissível, fala sobre o risco de eu engravidar, que não devo ter vergonha de exigir o uso da camisinha e ainda me pergunta se tenho dúvidas sobre sexo.

— Tia... eu não... outro dia a gente conversa... — Desconverso com o rosto quente.

Ela sorri. — Você pode falar comigo o que quiser, Bia. Qualquer dúvida que tenha, pode se abrir comigo. Eu sei que sua mãe não conversava sobre sexo com você, e talvez tenha se esquivado de algum questionamento seu.

Não... nunca pensei em falar sobre sexo com a minha mãe. Com ela seria impossível.

— Muitas meninas de sua idade têm experiências horríveis... — Ela engole em seco quando eu respiro fundo. — Desculpe. — Ela suspira e vejo seus olhos marejarem. —

Querida, independente do que aconteceu, você ainda deve ter suas dúvidas. Não encararei seus questionamentos como se você fosse me dar as costas e ir para a cama com seu namorado, nem responderei suas perguntas como se a incentivasse a fazer sexo. É que é muito importante você se conhecer, ouvir alguém que tenha experiência e que você confie. Não vou te dar dicas do que fazer ou dizer como deve agir. Apenas quero muito que você confie em mim para tirar essas dúvidas.

Eu confio na tia Talita. Mas daí a falar sobre... *sobre sexo*? Não, não estou nem um pouco preparada.

Sáímos do restaurante e vamos comprar as lingerie. Escolho três conjuntos comportados, um rosa claro, um azul royal e um que acho ousado rosa escuro com preto. São rendados e muito confortáveis, segundo a vendedora. Nunca tive nada do tipo, mas achava bonito nas revistas de moda e queria ter um conjunto assim. E nunca sonhei que um dia eu teria os conjuntos que tia Talita acresce às compras. Com a aquisição dessas peças mais as camisinhas, tenho a impressão de que ela não se importa de eu e o Noah fazermos sexo. O único problema é o Noah passar a noite comigo no quarto.

Nós passamos numa loja para ela ver roupa para ela, uma compra que ela terá que fazer rapidamente por causa da ida à consulta.

— Essa ficou ótima, mãe! — A voz conhecida da Tatiana me faz olhar para a direção dos vestiários.

Vejo primeiro uma mulher da idade da tia Talita conferindo um macacão do lado de fora. É só ela virar que reconheço mesmo sem nunca a ter visto. Quando Tatiana sai de dentro do corredor onde estão as cabines, só rezo para esse passeio não se tornar mais bizarro.

Estranhamente se torna mais bizarro.

Absurdamente bizarro.

Porque tia Talita abre um grande sorriso para as duas.

— Oi, Luísa! — Ela cumprimenta a senhora com dois beijos. — Tudo bem, Tati? — Mais dois beijos nas bochechas. — Nossa, só assim que nos encontramos!

— Ah, tudo está tão corrido ultimamente. Consegui essa folguinha e trouxe a Tati para vir comigo.

— Ah, eu também! — Tia Talita ri. — Só que vim com a minha sobrinha. Essa é Beatriz. Vocês estudam juntas, não?

— Sim. — Respondemos em uníssonos e não sei se eu estou mais sem graça ou se é Tatiana.

— Essa roupa ficou ótima em você. — Minha tia elogia. — Ainda bem que vi, pois estava pensando em comprar um igualzinho.

— Vi esse macacão no catálogo e achei lindo, mas já vi que usaram a mesma estampa para fazer outras peças.

— Hum... — Tia Talita faz careta. — Bem, vou aproveitar para *pensar* se vejo outra

roupa. — Diz baixinho. — Você vai à academia hoje?

— Ah, sim! Se quiser passo lá e vamos juntas!

— Ótimo!

As duas se despedem e eu e Tatiana trocamos beijos com a destreza de duas estátuas.

— Deus me livre usar um macacão daquele e chegar numa festa e encontrar outra pessoa usando um igual. — Tia Talita brinca quando entramos no carro. — É uma pena que é lindo. E ficou maravilhoso nela! Tomara que não desista. É só tomar cuidado onde vai usar.

Imagino que seja a morte para tia Talita aparecer linda e maravilhosa sobre seus saltos usando uma roupa gêmea a de alguém.

Mas não acho graça, não faço qualquer comentário, pois minha mente ainda está girando em torno do encontro com a Tatiana e a intimidade com que tia Talita falou com ela. E a tia percebe.

— Você está estranhando eu ter falado com a Tatiana, né?

Estranhando é pouco. Foi incrivelmente, totalmente bizarro.

— Todas elas eram amigas. As cinco: minha filha, Natasha e Priscila são amigas há muito mais tempo, mas Tatiana e Yasmin logo se juntaram a elas quando se mudaram para o condomínio, praticamente ao mesmo tempo. Teve muita festa de pijama em casas diferentes, e, como qualquer garota do condomínio, todas elas sonhavam ficar com o americano arrasador de corações.

Todas?

— Não só as cinco amigas eram apaixonadas por ele, qualquer outra da antiga escola, da escola nova, do condomínio ou visitantes. — Respiro fundo e forte. — Quando ele percebeu que tinha todas as garotas aos seus pés, passou a ficar com quem ele estava a fim. Eu até dizia para as garotas se fazerem de difícil, mas ninguém me ouvia, fora que ele também nunca dormia no ponto. Noah sempre foi alto, um atleta e muito bonito. Era mais brincalhão, mas sempre foi esse garoto encantador, doce e simpático que você namora.

— Aí, começou a namorar a Nath. — Ela continua. — Ninguém acreditava que duraria, mas ele sossegou. É claro que não se conformaram muito e vi muitas vezes a Nath reclamar das garotas darem em cima dele. E eu já conversei com ela sobre essa insistência de voltar para ele, para ela pensar no quanto machucava ver as garotas não a respeitarem. Disse também que ela e Claudia nem podem reclamar de você não ter respeitado a amizade das duas, pois desde o início elas preferiram se afastar de você.

— Não fez nenhuma diferença. — Resmungo. — Continua dando em cima dele o tempo todo.

Ela e outras...

Crio coragem para perguntar:

— Por que eles terminaram?

Ela encolhe os ombros. — Tinha que acabar. Ele terminou, ela chorou pra caramba, arrasada, pois Noah simplesmente disse que não queria mais nada. Pra ser honesta, não acompanhei o namoro deles para reparar uma mudança no comportamento do Noah que indicasse que ele pretendia terminar. Mas foi uma surpresa para todos. E todas as garotas que o viram solteiro o queriam livre para tentar namorar, ou apenas para ficar uma vez. Foi aí que elas começaram a se desentender.

— Tatiana deu em cima dele.

— É um pouquinho mais complicado. Mas sim, ela deu em cima dele e saiu com ele uma vez ou mais antes de os dois assumirem um namoro relâmpago.

— E o que é “um pouquinho mais complicado”?

Ela pigarreia. — O Noah saía com a Natasha de vez em quando *também*. Por duas vezes acharam até que reatariam. A segunda vez foi bem próximo de ele assumir com a Tatiana. Quando os boatos de que o Noah estava namorando de novo surgiram, acharam que era a Nath. As duas obviamente não se falavam mais desde que Tati saiu com o Noah pela primeira vez. E foi isso que rachou o grupo. Como a Yasmin disse que não pararia de falar com a Tatiana, minha filha, Priscila e Natasha a baniram também.

Uau! Achei que não ficaria mais chocada com os sorrisos trocados no shopping, mas essa revelação foi bem mais impactante.

Um monte de traíras. O pior é não conseguir imaginar que Natasha teria agido diferente se fosse Tatiana a primeira a namorar Noah.

— Bia, só cuidado com o seu coração. Noah é um bom rapaz e isso torna bem mais complicado quando tudo termina.

— Você acha que ele vai terminar comigo?

— Não. — Ela diz e chegamos ao consultório. — Não, não acho. Mas ele já terminou dois relacionamentos assim: — Ela estala os dedos. — E a sensação de vazio que fica depois de um término repentino é sempre muito maior do que quando o relacionamento se desgasta com brigas, com o tempo. Apenas tenha cuidado com seu coração. Passei noites em claro consolando a Natasha. Ele é um bom garoto, mas não deixa de ser um moleque.

Respiro fundo, incomodada com suas palavras.

Um moleque...

Mas não é por ser um moleque que Noah terminará comigo.

Hoje foi um bom dia para conversar com a doutora Elenice. Os dois últimos dias foram postos para fora com uma necessidade absurda de *focar*. A visita do meu pai encabeçou a conversa. Para suas perguntas sobre como me senti, o que espero dessa reaproximação, e outras apenas para me fazer falar, respondi que não gostei, que gostei menos ainda de sua ameaça e que gostaria que ele nunca mais aparecesse.

Depois fiz a pergunta sobre contar ou não para Adriana o que vi. Não recebi uma resposta direta.

— *Se eu estivesse no seu lugar, eu preferiria de não ter visto. Mas a vida não é feita apenas do que queremos, do que gostamos. Você deve fazer o que a sua consciência mandar. Pode ser difícil contar a verdade, mas se ela descobrir a traição e descobrir que você sabia, se sentirá duplamente traída.*

— *E se o Caíque não a trair de novo?*

— *É por isso que você deve fazer o que a sua consciência mandar.*

Depois foi sobre o Noah. O convite para ser o príncipe...

— *Ele já respondeu que não aceitará. E, pelo que você diz, ele parece ser um bom rapaz. Não se impressione com o que sua tia disse. Ela não viu mudança no relacionamento com as outras garotas, mas é provável que tenham ocorrido problemas que só ele e as ex-namoradas têm conhecimento. Pelo que você me conta, por mais popular que seja, Noah preserva bastante a privacidade dele.*

Dra. Elenice ainda acrescentou que não devo nunca comparar Noah ao *outro*. Nunca devo comparar meu namoro atual ao anterior. Daquele passado, devo apenas tirar as lições do meu erro (ela não disse essa palavra, disse que eu deveria tomar cuidado para que alguns acontecimentos do passado não se repitam), pois só terei a perder novamente.

Pego o celular assim que entro no condomínio e leio novamente a mensagem dele. Apenas avisa que foi ao shopping com Daniel. E me chama de linda. *E diz que está com saudades.*

Como passei a tarde fora e ele também não está, resolvo ir para casa para fazer as lições da escola, para não ter com que me preocupar com nada além de beijos e abraços quando estivermos juntos. *Esse era o meu plano.* Até separar meu caderno e minha tia abrir a porta para avisar que tenho visita.

Há um tempo que não vejo tia Talita abrir a porta para que Adriana entre. Aliás, há algumas semanas que praticamente não conversamos.

— Oi, Bia! — Ela saúda animada.

Sorrio. Sei que meu sorriso é fraco e a quilômetros de alcançar meus olhos.

— Oi, Dri.

— Estava esperando você chegar da psicóloga. Foi boa a consulta?

Suspiro. — Foi. Você passou aqui pra gente ir pra praça? Eu ia aproveitar pra estudar.

— O Caíque saiu com o Noah e o Dani. Aí aproveitei para vir conversar com você.

— Ah, é? O Caíque foi também?

O Noah disse que era apenas o Daniel. Respiro fundo e tento calar — em vão — as suspeitas que se formam na minha mente.

Mais cedo, ainda no intervalo das aulas, Noah achou melhor deixarmos a ida ao cinema para amanhã e acho que tem a ver com o horário da minha consulta. E ele não se animou em ir ao boliche, o que decretou o fim do passeio. Bem, posso combinar de ir com Amanda, Val e Alice um dia.

— Você ficou mesmo um ano sem estudar?

Meu suspiro agora é mais profundo e pesado.

— Dri, a Claudia não mentiu sobre isso, mas é um assunto que quero enterrado.

— Quando meus pais se separaram foi maior baque também. — Ela comenta sentando-se na ponta da cama. — Mas eu já esperava. Eles brigavam muito e foi mais a tristeza por não ter mais pai e mãe juntos do que lamentar a separação dos dois.

— Meus pais não brigavam. Não tinham tempo pra isso. Cada um vivia no seu próprio plantão.

— Ah, é. Seus pais são médicos.

— São.

Ela solta um risinho. — Imagine só! Nós duas não somos populares e estamos com os mais gostosos do colégio. Se Amanda tivesse emagrecido antes de começar o ano, talvez hoje fôssemos eu, você e Daniel. Fecharia o trio. Seríamos a realza do colégio.

Eu já estou de saco cheio de ela menosprezar Amanda por causa do peso. Dentre os inúmeros motivos para Amanda não estar com Daniel, eu escolheria como primeiro eles não se falarem; em segundo o fato de ele estar passando o rodo em todas as ocasiões possíveis. Nem se limita ao colégio.

Bem, Caíque também...

— Não acho que Amanda esteja interessada no Daniel. E ele quer viver livre e desimpedido. Mas se você está tão fissurada em trios, por que não incentiva a Manuela não fica com ele? É bonito, do time principal tanto quanto o meu namorado e o seu.

— O que você quer dizer com “fissurada em trios”?

Quero dizer que ela quer agir como Tatiana e Natasha. Por mim, seríamos apenas nós duas, mas isso soaria excludente demais. Na verdade, poderia ser eu, ela e Amanda (que não deixa de ser um trio), mas não sei se sou capaz de ficar numa mesma sala com as duas, após ouvir tantos absurdos sobre o peso da Mandinha.

— Deixa pra lá. — Opto pelo caminho mais fácil.

Apoio meus pés na cama enquanto estou sentada na cadeira. Olho para o celular. Ainda não há contato do Noah.

— Você pegou mesmo implicância com a Manu.

Abro a boca para rebater, mas ela está tão certa que é apenas implicância, que fico apenas com a boca aberta por um instante, antes de fechá-la e levantar-me da cadeira, abandonando de vez a pose relaxada.

— Não estou implicando. — Rebato firmemente. — Ela dá em cima do meu namorado o tempo todo. Fico admirada de você tomar o partido dela e não se importar se esse descaramento me magoa!

— Você devia ser mais confiante. Sabe... se você deixar as coisas rolarem, verá que todo esse medo que sente é bobagem.

— Bobagem é você acreditar que transar segura o namoro.

Ela ri. — Quem tem medo de perder o namorado é você.

Essa é a piada do dia?

— Eu? Eu não tenho medo de perder o Noah! Só estou de saco cheio dessa piriguete não sair da cola dele!

E fica na ponta da língua contar o flagrante que dei.

— A Manu só quer que o Noah seja o príncipe do aniversário. Olha, se você realmente não teve uma festa de quinze anos, como a Claudia disse, não sabe como é especial esse momento. Eu não tinha namorado, não tinha afinidade com os garotos da turma. Contratei um ator, e é tudo tão mecânico, que me arrependi de não ter chamado... chamado nem que fosse o Artur.

— *Nem que fosse o Artur?*

Ela torce a boca. — Olha, na verdade, não trocaria o ator pelo Artur. Pelo menos as fotos são com alguém que vou admirar sempre que olhar o álbum ou ver os vídeos. Já o Artur... talvez a gente se distancie de vez depois que nos formarmos no Ensino Médio e irmos para a faculdade. Já quase não nos falamos...

Parece que estou na frente dos meus pais.

Eu devia ter descido do carro na praça e correr, ir à sorveteira, o que fosse para não me encontrar com essa garota.

— Adriana, se você veio aqui para me pedir para falar com o Noah para ele aceitar, sim, ser o príncipe, considerando que apenas a Manuela é sua amiga, e enxergar só o ponto de vista daquela lambisgoia, perdeu a viagem. Eu *nunca* vou falar para o Noah que não me importo, porque *me importo pra caramba*. Ver meu namorado como príncipe de outra garota? Nunca! Aliás, *eu nem veria*, pois ela *não* me convidou pro aniversário. Só mais um motivo para eu duvidar das intenções inocentes dessa criatura!

Adriana me encara em silêncio por alguns instantes.

— Ela não convidou por que vocês não se falam.

Rio completamente desgostosa. — E quando ela fala com o Noah para eu achar normal ela rodopiar pelo salão com ele? O pior de tudo é *you saber* que ela não me convidou, e vir aqui com um papo furado sobre eu ter ou não ter ciúme. Já que é tão *normal* ela valsar com o namorado das outras, por que ela não baila usando um vestido de princesa ao lado do Caíque?

— Por que *eu* dançarei com o Caíque. — Ela já não tenta disfarçar uma risadinha amigável. Sua voz saiu atravessada. — Depois da dança principal, outros casais dançarão e-

— E você estará com o Caíque.

— Isso.

— E o Noah estará sozinho porque a piriguete da Manuela não convidou a namorada dele.

— Não precisa ofender.

— Piriguete! Descarada! E você é uma decepção, Adriana. Querendo empurrar o meu namorado para cima de outra. Defende essa ideia com fervor!

— Está exagerando. E essa sua insegurança vai acabar com o seu namoro. E, pra você não falar que eu não sou sua amiga, vou te dar de novo esse conselho: transe logo com o Noah, antes que ele procure alguém que tope virar a outra.

Neste momento, neste exato momento, contar o que eu vi não faz a menor diferença. Já temo perder a amizade dessa criatura.

Mas não consigo dizer.

Não consigo cuspir as palavras na cara dela.

A morte da nossa amizade nos pôs num túnel, onde há menos lembranças alegres e felizes que deveriam durar por anos e anos do que esse amargo das últimas semanas.

Respiro fundo, soltando o ar devagar pela boca. Estou decepcionada, magoada e até com raiva. Mas ainda é alguém que muito estimei.

— Eu já vou. Você vai pra praça mais tarde?

Lambo os lábios ressecados pela minha própria respiração e olho bem para Adriana. Não sei se, para contar o que vi, seria mais fácil nós ainda termos aquela amizade que parecia ser desde que usávamos fraldas. Talvez fosse até mais difícil, embora o medo da reação dela fosse maior.

— Senta aí, Adriana. Preciso te contar uma coisa.

Vejo a confusão no seu olhar.

Ela cruza os braços. — Contar o quê?

Estamos cada uma na extremidade desse quarto. Pelo menos a distância e o isolamento de outras pessoas me permite falar sem alterar a voz.

— Adriana, eu preciso dizer algo muito ruim. — Minha voz embarga e lágrimas nublam a minha visão. — Ontem eu vi uma coisa horrível. Fiquei até mais tarde na quadra a pedido do professor Getúlio e quando estava saindo já com a quadra vazia...

Engulo em seco enquanto assisto seu olhar entediado.

— Você viu o Noah com outra? Eu cansei de avisar!

— Eu vi o Caíque com a Patrícia, Adriana! — Minha voz cortante é quase um grito. Com raiva de ela achar o contrário e até debochar. — É isso! Os dois estavam se beijando e deram a entender que não foi a primeira vez.

Respiro aliviada por finalmente contar, embora não esteja nem um pouco feliz. As lágrimas escorrem pelo meu rosto e a dor é como se eu tivesse descoberto que fui traída.

Adriana me encara com o queixo tremendo e os olhos cheios de lágrimas.

— É mentira! — Ela avança pelo quarto tremendo. — Você é muito baixa!

Agarro seu braço quando ela ameaça me atacar.

— Eu vou acabar com você! — Grita entre vários palavrões me ofendendo.

Empurro-a para cima da cama. E é nessa hora que tia Talita aparece na porta.

— Ei, o que está acontecendo aqui! — Ela brada com raiva.

— É essa invejosa! Cínica! — Continua a lista de ofensas com impropérios.

Ela sai marchando e tia Talita apenas a acompanha para fora do quarto, mas o som da porta da frente batendo com força tira a necessidade de levá-la Adriana até a saída.

Conto para tia Talita toda a conversa que tive com Adriana e o que vi ontem. Antes de ter falado com Adriana, eu devia ter contado para ela. Com certeza me daria bons conselhos, já que conhece Adriana, Caíque e toda a minha inexperiência com amizades.

Melhor do que desabafar com a psicóloga, seria contar o que vi para minha tia psicóloga.

— Você agiu certo. Mas a reação dela não é tão absurda. Imagine se alguém chegasse agora e dissesse que viu o Noah com outra garota.

— Ela falou isso.

Talita arregala os olhos. — Ela falou? Q-que viu o N-Noah trair v-você?

Faço uma negação. — A Adriana vive dizendo que tenho que...

Interrompo-me tingindo meu rosto de vermelho de tanta vergonha que estou.

— Você tem que...

Olho para a sacola de lingerie. Ficaré mais difícil para o Noah ver essas peças de roupa, mas *eu* dei o primeiro passo para ficar mais atraente *rumo*...

Tia Talita suspira e sorri.

— Você ficou envergonhada com... Ah... — Ela se senta na beirada da cama. —

Você e o Noah... Você ainda não está preparada para fazer sexo com ele.

Nem para conversar sobre isso com a senhora.

— Bia, eu comprei camisinha pra você. Não precisa ter medo de conversar sobre sexo comigo. Mas me esclareça uma coisa: ela viu ou não o Noah traindo você?

— Não. Ela achou que eu ia falar que a coisa horrível que tinha visto o Noah com outra.

— Mas foi o Caíque com a Patrícia, a amiga da Tatiana.

— Isso. E que devo... devo fazer com Noah... *aquilo*.

— Bia. — Ela me chama com mais seriedade. — Sexo nunca prendeu ninguém. Acho que essa foi uma lição que já aprendeu, não?

Desvio o olhar.

Era para eu chegar em casa, estudar um pouco para passar o fim de semana inteiro preocupando-me apenas em dar amassos no Noah. E receber os amassos dele. Normalmente eu sou a amassada.

Mas agora estou nesse quarto sentindo-me claustrofóbica, quase enlouquecendo como muitas vezes acontecia no passado.

— Vou correr na praça, posso?

— Claro, querida. — Tia Talita sorri. — Só me avise se não for jantar.

— Eu não vou jantar, tia.

Estou com um nó imenso na garganta, nauseada demais para ingerir qualquer coisa.

— Leve um dinheiro para comer alguma coisa.

— Tá... Tia... — Respiro fundo. Preciso pôr um fim em outro problema. — Eu não quero mais ir às aulas de vôlei.

— Não? Achei que gostava! E ouvi dizer que você é uma ótima jogadora!

— Eu não quero, tia. Não quero mais.

Ela pede para que eu pense melhor, enquanto abro o guarda-roupas para pegar uma roupa de ginástica. Desisto antes de tirar a primeira peça do armário. Hoje é sexta-feira. Decido tomar um banho e escovar o cabelo.

Tento não pensar que eu me arrumar para me encontrar com ele não é uma influência do que Adriana disse. *Mas é*. E penso no quanto ela acredita que Caíque não tem olhos para mais ninguém, e ele a trai com uma garota de convívio mútuo. *Será que também sou assim?*

Acho que morro se descobrir que Noah me trai.

E me sinto uma covarde por agir novamente de um jeito mais para agradar outra pessoa do que a mim.

Vir à praça não foi uma boa ideia.

Esse ambiente a céu aberto, arbóreo parece se fechar em cima de mim como garras espinhentas.

A vontade que tenho é de ir para outro lugar, um que não seja tão cheio de conhecidos.

Uma ida à praia seria ideal.

Adriana já está na praça, no meio da maioria das garotas. Para mim, é uma repetição do que vi na festa do Noah, quando minha prima e Natasha estavam bem perto de Tatiana e sua trupe. *Todas se toleram*. Todas eram amigas. Adriana, pelo visto, queria muito entrar para a trupe do “*todos*”. E lá está ela, praticamente ao lado de Patrícia, conversando com Manuela.

— Acho que é isso que a Adriana sempre quis. — Amanda concorda com meu pensamento.

Ela já estava aqui na praça, conversando com Artur e Ricardinho, quando cheguei ainda zozza da conversa que tive com Adriana e as preocupações que devoravam a minha sanidade sobre meu próprio relacionamento. Então, sentei-me com eles, infelizmente perto demais dessas pessoas deprimentes e cínicas.

Por alguns instantes, andei *desligada*. Não sei se cheguei a parar no meio da Vila Azul, enquanto uma sensação sufocante tomava conta de mim. Num momento estava duas casas após a que vivo, e depois já estava passando pela entrada. Um espaço de duzentos metros que não faço ideia como atravessei. A sirene da cancela que me despertou.

— Foi assim que paramos na casa do Noah. — Amanda continua. — Ela nos ligou toda empolgada, queria ir à casa dele, já que ele convidou todo mundo sem distinção. Ano passado, fui eu que perguntei se ela queria ir à festa de despedida, mas, *antes*, ela não tinha coragem. Tinha medo de... fazerem piadas *com ela*.

— E já sabíamos que o Caíque não iria. — Ricardinho emenda.

Ele realmente tem problemas com o Caíque e ouvir coisas negativas sobre o namorado traidor da Adriana me fará levantar dessa mesa e ir embora.

— Amanhã, vamos ao cinema? — Pergunto.

E há um enxame prestando atenção em mim. Escuto que agora “qualquer um” ganhou passe livre para ir aonde não deve. Estou cercada de abelhas, marimbondos e vespas. Todos parecem propensos a picar e causar dor, mesmo os poucos que, em troca, adoçam um pouco a minha vida.

— Amanhã não posso. — Ricardo avisa. — Vou sair com meus pais.

Não sei se a justificativa é real ou uma desculpa esfarrapada para não precisar ficar com os demais alunos do colégio por mais tempo que necessário.

— Por mim, tudo bem! — Amanda diz.

— É. Vamos ao cinema amanhã. — Artur topa.

Sorrio para os dois.

— Quero ver até quando o Noah vai aguentar esses nerds no pé dele.

— Daqui a pouco ele tira alguém do pedestal e essa palhaçada acaba.

Olho para trás, mais precisamente para Natasha, Priscila e minha prima. Claudia disse a primeira frase, Priscila, a segunda.

As risadas abafadas não tiveram uma patota específica. Elas falaram para todos, riu quem sentiu vontade, e foi um monte de gente.

— Bem, eu já vou. — Ricardo se despede, tenho certeza que é por causa do clima hostil que se instaurou.

— Às vezes, me pergunto se o Noah apostou com o Caíque e com o Dani. — Maiana, da patota nova da Adriana comenta.

A novidade é ouvir Adriana rir.

— O quê? — Ela continua rindo. — Descobri hoje que ela é uma **falsa!**

— Do que ela está falando? — Amanda pergunta. Réplicas dessa pergunta são ouvidas, só que dirigidas à Adriana.

— Ela ficou com raivinha que a Manu chamou o Noah para ser príncipe e resolveu descontar em cima de mim, só porque meu namoro dá mais certo do que o dela!

Todos me encaram, mas eu não vou alimentar essa discussão. Até por ouvir risadas estridentes que podem ser tanto para mim quanto para Adriana.

— Eu sei que tem gente apostando quanto tempo vai durar. — Lucca diz olhando nos meus olhos. — Tem uma tabelinha e tudo.

— Você aposta toda semana... — Mateus brinca e Tatiana é uma hiena risonha e carniceira na frente dele.

— Eu? Eu, não. Só gerencio.

— Gerencia... sei...

— É, só gerencio, Mateus. Estou mais a fim de um Jogo da Verdade. Quem topa?

Algumas pessoas aceitam, outras, como Tatiana e Mateus, topam com restrição.

— Vai brincar dessa vez, enquanto ele não chega? — Lucca pergunta pra mim. — Vocês dois também. — Refere-se à Amanda e Artur sentados à mesa comigo. — Vai ser divertido.

— Passo. — Amanda responde.

— Tô fora. — Artur também recusa.

— E, você? Está na dúvida? — Pergunta de novo pra mim.

Eu não consegui responder, pois observava Adriana se sentando no meio da roda, dizendo que só não faria nada íntimo.

— Ah, Bia... vem!

Adriana suspira enfadonha. — Ah, pra quê insistir? Ela não vai beijar ninguém e o máximo que vão arrancar é que ela ainda é virgem.

Claudia ri já sentada na roda. — A Bia é virgem? É sério isso?

— Ah, você terá que desfazer essa dúvida! — Renan, namorado de Yasmin, brinca e ela dá um tapa no braço dele. — Quê? Só estou brincando, amor. Mas duvido que o Noah não tenha dobrado essa aí também.

Meu estômago revira e tenho certeza que se tivesse comido alguma coisa, tudo estaria no chão da praça agora. Tudo em mim treme. Até minha respiração.

Espero mais um ataque da Claudia, mas ele não vem. Apenas a brincadeira começa. Perguntas que causam espanto, risadas em reação às respostas e quando começam a lançar prendas para fora da roda, Artur e Amanda se despedem.

— Aviso sobre o cinema amanhã. — Digo esperançosa que eles não desistam da ideia. Sou capaz de não ir.

Amanda apenas sorri e cada um segue para seu lado.

Sozinha, desbloqueio o celular e entro no aplicativo de leitura. Não tenho nenhum livro com a leitura em andamento, então navego na loja para encontrar algo que capte a minha atenção, para que eu não dê ibope ao jogo.

Teria sido melhor voltar para casa na companhia do Artur... — suspiro.

— A brincadeira maldita! — A voz inconfundível do Caíque ecoa pela praça. — E minha bonequinha está brincando! Preciso matar alguém?

Ele para na roda e dá um beijo em Adriana, que abre um sorriso.

— Não precisa. Todos sabem que você é muito ciumento e ninguém se mete a besta.

— Ah, sim. Essa boquinha é só minha.

Tento não torcer a boca por ouvir essas palavras asquerosas. Novamente, noto alguns rostos debochados.

Melhor observar Noah que segue seu caminho, dando a volta na roda olhando para mim. Ele aperta a mão de Daniel, que se senta ao lado do Caíque, que beijará quem quiser, sem restrição.

— Oi, Noah! — Manuela o saúda com a voz melosa e rouca. — Está pensando com carinho no meu pedido?

— Eu não vou ao seu aniversário. — Ele diz sem parar.

Burburinhos comentando sobre ele não ir são ouvidos. Até perguntam por que, mas ele não está no modo de dar satisfação.

Quando chega perto de mim, abre seu sorriso largo e me dá um beijo, antes de se

sentar no banco.

— Você está linda! — Ele elogia.

— Cortei um pouquinho o cabelo.

Ele acaricia os fios até as pontas como se medisse o comprimento.

— Vamos sentar ali atrás?

— Tá.

Nós levantamos. No caminho, pergunta como foi a consulta. Minha resposta é vaga, como sempre.

Sentamos a uma mesa e Noah me estende um envelope pequeno.

— Abra. — Pede tão baixinho que só ouvi o barulhinho tremido do “br”.

Respiro fundo olhando em seus olhos. Miro o envelope e, após abri-lo, tiro o cartão. Sorrio ao ver a capa. Um coração ligado a um fio que forma a palavra “Amor”. Dentro, não há uma frase impressa para alguém sem imaginação. Há poucas palavras escritas à mão usando uma caneta de tinta azul. É o garrancho mais lindo que existe, pois é dele.

A pouca quantidade de palavras me faz saltar aos olhos uma frase de três palavras, antes mesmo de ler todo o texto. E começo a tremer. Olho para ele com o queixo caído.

— Trix. Todos os dias quando acordo, fico feliz só por saber que encontrarei minha garota de olhos de lua cheia. A garota mais linda que existe. Eu te amo.

Olho para o cartão e leio essas mesmas palavras que Noah acabou de dizer.

Eu te amo.

Noah.

Embaixo está escrito: só você tem a chave do meu coração. E o rabisco mais tosco de uma chave que já vi ao lado de um coração esquisito. A coisa mais linda que eu já vi.

Olho para ele de novo, com os olhos marejados, precisando dizer olhando nos olhos dele as mesmas três palavras que fizeram meu coração feliz hoje.

— Eu te amo!

Ele abre um sorriso tão lindo que me dá vontade de declarar de novo.

E eu declaro:

— Eu te amo, Noah!

— Essas palavras nunca me fizeram tão feliz. E ainda bem que você disse, pois eu ia ficar sem jeito de te dar uma coisa.

Fico imediatamente curiosa. — O quê?

Ele levanta e tira um saquinho todo amassado, acredito que foi a única forma que encontrou para que coubesse no bolso.

— É melhor eu dizer o que é, pra você não sair correndo assustada. — Ele dá uma

risadinha e eu prendo a respiração. — Feche os olhos.

Respiro fundo e volto a prender a respiração quando fecho os olhos.

Escuto o som do papel da bolsa ser mexido e suspiro com a ansiedade que me toma.

Ele me ama.

Essa é uma ansiedade boa e que deixa um sorriso em meus lábios.

— É um anel de compromisso.

Abro os olhos com a voz dele. Na palma de sua mão, estão duas alianças foscas prateadas com um fio dourado, formando um coração, cada uma com um lado. Pisco algumas vezes um pouco atordoada. Ele realmente precisou dizer que era aliança de compromisso.

— Recebi a ligação hoje que ficaram prontas. Quis que nossos nomes e a data que começamos a namorar estivessem gravados.

Noah me mostra o interior e vejo o nome dele no aro menor e o meu nome no maior, acompanhados da data que nosso namoro iniciou. Em seguida, sua mão um pouco trêmula encontra a minha tremendo demais para deslizar o dedo pelo anelar direito.

Respiro fundo quando ele me entrega o anel para eu pôr no dedo dele. Nem sei como consigo.

— É esse o dedo que se coloca o anel de compromisso?

Eu já tinha ouvido falar, mas nunca usei ou prestei atenção em quem usasse um.

— Segundo a vendedora, sim. Não via a hora de te dar. Quando me ligaram para avisar que estava pronto, saí na mesma hora de casa.

Não foi minha ida à psicóloga que fez com que desistisse do cinema?

— Agora você carrega a metade do meu coração. — Ele declara.

— E você carrega metade do meu?

Ele traça com a ponta do dedo a metade do coração do anel dele.

— Essa é a outra metade do *meu* coração. Você terá que encontrar um jeito de me dar a metade do *seu* coração.

Noah segura minha mão e delicadamente traça linhas com o polegar.

— Eu te amo muito, Trix. Esse anel é pra você nunca duvidar do meu amor. Quero que guarde esse cartão no seu diário, para que você nunca se esqueça de que tem a chave do meu coração.

— Eu te amo, Noah!

Queria conseguir dizer mais do que isso, falar sobre os olhos dele, mas não consigo dizer nada além de:

— Eu te amo demais.

Aproximamos nossas bocas e quando nossos lábios se tocam o amor se torna ainda

mais real. Um beijo apaixonado. Um beijo de amor. Nossas línguas se encontram e não se intimidam. Sua mão segura minha nuca e perco o ritmo quando tento pensar se é a mão direita ou a esquerda. A direita! Ele está me tocando com a mão da aliança. Passo a mão em seu pescoço, forçando um pouco o metal, para que ele sinta o aro metálico que simboliza o nosso amor.

Paramos esse beijo que marca o primeiro que usamos aliança.

Meu Deus! Estou usando uma aliança!

— O que houve?

Suspiro ainda sentindo meus olhos muito arregalados.

— Estamos usando aliança.

— De compromisso.

— São alianças.

— Anéis de compromisso, fica melhor?

Faço uma careta. — Aliança de compromisso.

Noah sorri. — O importante é o nosso compromisso. Eu e você e mais ninguém.

Beijamo-nos e saímos desse isolamento. A praça já não parece mais tão aterrorizante com Noah ao meu lado, embora a brincadeira tenha acabado e todos os olhares estejam sobre nós. Mais precisamente para nossas mãos.

Ele não está nem aí.

Pra mim, é um pouco mais complicado ignorar. Há duas garotas que poderiam me abraçar agora, mas elas estão ocupadas demais me odiando.

Por mim, aproveitaríamos que estamos numa sexta-feira e ficaríamos no meu quarto até ele ser expulso pelo horário.

Ainda não falei para ele que não terá como entrar lá de madrugada. Mentiria se eu dissesse que não quero que ele volte, mas quero menos ainda perder a chave do quarto. Ou pior: ter que me mudar.

No verso do papel onde a professora imprimiu nossas fotos está a nota. Ela deu dez para o trabalho da Amanda. Ela já virou a foto com o meu trabalho para ver como ficou. Amanda é tão alto-astral que só usei cores alegres para pintá-la. Pinteí seu cabelo de lilás, o rosto em tons de amarelo, laranja e rosa, a paisagem de azul salpicado de verde. Não ficou nada digno de incrível, mas acho que qualquer um que veja, consegue encontrar minha intenção de mostrá-la como alguém linda e maravilhosa.

— Adorei! Vou tirar uma foto e colocar no meu perfil.

Sorrio. E ela realmente pega o celular, tira uma foto e atualiza seu perfil do Facebook com a nova imagem. Enquanto isso, a sala explode em risadas, reclamações e elogios.

— É uma pena não poder marcar você. Agora vira logo isso.

Ela vira a foto e eu me vejo no mesmo instante que uma sombra me cobre. Não precisaria olhar para cima, pois a fragrância única e deliciosa já me envolveu por completo. E ele olha para a foto.

Amanda me pintou de rosa, lilás e azul. Lábios rosados, olhos cinzentos. A única cor realmente quente da foto é o amarelo em meu cabelo que está misturado à cor de rosa.

— Noah, para o seu lugar. — A professora ordena.

— Fique com a obra de arte do Daniel que eu fico com a sua. — Ele não dá tempo de eu dizer que não.

Quando joga sua foto na mesa, e parte, preciso desvirar, pois pouco importa se Daniel tirou dez. Acho que a turma inteira tirou dez.

Bem, Daniel foi bem criativo, para não dizer o contrário. Pintou o Noah com as cores reais da foto que tirei dele na praça. Não exatamente a mesma cor, pois Noah está com o cabelo amarelo e a pele bem alaranjada.

E nem assim ele deixa de ser lindo.

Toco meu anelar direito até cobrir com a ponta do polegar e do indicador esquerdo o anel. *Ou aliança*. Tento não rir com a lembrança do horror no olhar do tio Diego e do choque da tia Talita. Claudia nem olhou pra mim e ainda bem que não fez mais piadas.

Eu queria que esse anel fosse um símbolo só nosso, mas sei que ele tem o significado para que todas entendam que eu e ele não queremos mais essas intromissões idiotas do tipo “você quer ser meu príncipe”.

Fomos ao cinema no sábado e tiveram que engolir o que chamam de “invasão nerd”. Amanda e Artur foram. Fiz questão de comprar o ingresso deles para que sentássemos um do lado do outro. Exigi isso de Noah, pois não queria pessoas desagradáveis na cadeira ao lado da minha.

Todo mundo percebe a animosidade entre mim e Adriana, embora não conheçam o motivo. Pior está a forma como Caíque me encara. É sabido que nós brigamos, mas não tenho certeza se ela contou a ele que eu disse a verdade. Noah não me perguntou nada também.

— Vocês me perguntaram várias vezes onde estavam as fotos, por que eu não entregava. Então. Devolvi as fotos para seus verdadeiros donos, para a próxima avaliação. Vocês terão que escolher entre dar novamente as fotos de vocês para seus pares para um novo trabalho em cima dessas fotos, ou fazerem como o Noah e a Beatriz já fizeram: elegerem alguém novo para uma nova arte em suas fotos. Ficará a critério de vocês copiar as cores usadas, tentarem adivinhar as cores reais das fotografias.

Ela vai até a bolsa e tira uma pequena tela de cerca de quinze por vinte centímetros. Quando tira a capa, vejo que é o esboço da foto sobre minha mesa.

— Podem observar que fiz um esboço a partir da fotografia do Noah. Todos deverão comparecer à aula de quinta. Todos. Até os dispensados. Até lá, quero que estudem Impressionismo na apostila de vocês, pois é a técnica que irão aplicar. Façam buscas em sites sobre as obras de Monet, Renoir, Manet, Eliseu Visconti e outros artistas que se

dedicaram a esse movimento.

— E se nós quisermos refazer nós mesmos essa pintura? — Adriana pergunta no centro da sala.

A professora estreita o olhar.

— Quem quiser trabalhar sobre a sua própria imagem, sem problemas. Mas talvez seja mais complicado pintar a si do que um colega. E essas trocas não precisam ser em pares.

Escutamos o troca-troca. Dalila pede para ficar com o do Artur, mas ele já havia trocado com Amanda, que ficou com o do Ricardinho, que ficou com a do Artur. Acho que a intenção de troca inicial era só entre Amanda e Artur. Daniel e Caíque trocaram entre si, já que Noah trocou comigo.

— Se você quiser, podemos trocar. — Adriana oferece.

— Ah, claro! Aqui a minha, Dri. — Dalila responde e rolo os olhos.

A aula é retomada e o tema é Impressionismo, sem surpresa. Tento prestar atenção mais na aula do que na fotografia aquarelada de um jeito tosco, pensando em como melhorá-la.

Tomara que eu não faça uma “obra de arte” pior do que a do Daniel.

A única certeza que eu tenho é que essa mão direita vai ganhar um anelzinho. Ah, vou fazer uso de um pouco de licença poética.

No fim do intervalo entre o terceiro e o quarto tempo, despeço-me de Noah antes que ele entre na sala de aula. O banheiro está relativamente vazio, é o do primeiro andar e a maioria das garotas usou o do andar de cima que é maior do que esse.

— Você contou pra ela?

Pulo de susto com a voz do Caíque baixa.

— Ai, que susto. — Ponho a mão no coração.

— Contou? — Ele me encara muito sério até que um sorriso debochado se forma. — E não fez diferença nenhuma.

Empino o nariz. — Fez. — Desafio-o. — Fiz minha parte como amiga. Amanhã ou depois, quando ela perceber o traidor que você é, não poderá apontar o dedo pra mim e dizer que eu sabia e não contei. Foi um alívio, embora ela tenha preferido terminar a amizade comigo.

Ele encolhe os ombros e suspira com um sorriso debochado.

— Só não faço algumas coisas com você por ser namorada do meu amigo.

Ele pisca o olho e vai embora.

É a minha vez de suspirar e não sei se estou mais cansada do que irritada. Quando a *ficha cai*, meus olhos marejam e sei que o sentimento que impera é o da mágoa. *O que ele faria comigo?* Antes mesmo de eu e Noah começarmos a namorar, Caíque se tornou um

amigo. E eu o perdi também.

Será que esse dia já pode acabar? Suspiro de novo e passo a mão nos olhos. Apresso os passos para entrar no laboratório de Química, para voltar a ser apenas uma garota preocupada com as notas.

— Doeu muito ver aquela ceninha! — Natasha fala, e me ponho em alerta, sentindo minha nuca arrepiar.

No segundo seguinte, meu coração parece pesar o dobro.

— Não era ceninha. — Noah fala baixo.

— Um anel, Noah! Você deu um anel pra ela! Diz que não foi uma provocação! Que não fez pra me magoar.

— Nath, nada do que aconteceu ali tinha a ver com você. Era um momento especial meu com Beatriz. Vi você ali naquela brincadeira estúpida, e chamei a Trix para um lugar distante em respeito ao que nós dois tivemos.

Não estou com a menor vontade de descobrir o rumo dessa conversa. Sigo na direção deles. Noah empalidece assim que me vê.

— Vamos pra sala? — Ele se aproxima de mim.

Faço que sim com a cabeça. Eu não vou discutir por causa da ex-namorada que está tendo uma crise por ele ter me dado um anel de compromisso, algo que, pelo que pude constatar sem sombra de dúvidas, ela nunca teve.

— Desculpe por isso. — Ele diz com a mão na maçaneta da porta do laboratório.

— Tudo bem, Noah. — Fico na ponta do pé e lhe dou um selinho para nublar os últimos minutos da minha vida.

Ele fica surpreso e sorri. Não nos beijamos no colégio, não depois do flagra. Bem... um selinho nosso não é exatamente um *beijo*...

Um selinho é um beijo com gostinho de quero mais. Se bem que posso beijar Noah por um minuto que vou querer beijá-lo novamente. O *gostinho de quero mais* nunca passa.

Fecho a página do livro para a aula de Literatura Brasileira, pensando nas partes da vida dos personagens que são puladas. É tão sem-graça assim uma vida pacata? Quando tudo está bem não vale à pena contar?

Se minha vida se tornasse um livro, adoraria que pelo menos algumas das noites que passei ao lado do Noah fossem narradas com detalhes mesmo que fossem repetidas. Porém, em todos os romances, os momentos felizes são sempre pulados, e as passagens tristes ou conflituosas da vida dos protagonistas são as que ganham destaque.

O pior é que não queria interromper a leitura justamente na parte que a pobre mulher que fez de tudo pelo homem descobre que ele está a trocando por outra. Queria descobrir logo sua reação.

Queria que fosse diferente da reação da Adriana.

A campainha — motivo de eu ter interrompido a leitura num momento tão hipnotizante — toca novamente. Estou sozinha em casa e torço para que não seja uma das amigas da Claudia à procura dela.

Noah saiu com os pais. Hoje é dia de consulta da mãe dele. Na vez anterior, ele contou que o psiquiatra teve que ir à casa deles. Dessa vez, conseguiram convencê-la a sair de casa, e torço para que esse seja um progresso na sua recuperação.

— Quem é? — Pergunto a alguns passos da porta.

— Adriana. — Ela responde secamente.

Essa é uma visita muito inesperada.

Respiro fundo lentamente antes de abrir a porta. Deparo-me com uma carranca esculpida pelo diabo.

— Olha só... — Ela fala com o maxilar rígido. — Já entendi o que você quer e só te dou um conselho: saia de perto do Caíque! Ele é meu!

Eu tento, juro que tento ver algum sentido no que ela disse.

— Do que você está falando?

— Só estou dizendo! A Manu viu você querendo se enroscar nele como uma cobra peçonhenta! — Ela grita.

— O quê? Eu nunca dei em cima do Caíque!

— Rá! Vai dizer que ela mentiu? Maldita hora que te conheci! Caramba! Você namora o Noah! O melhor garoto do colégio! Vai dar em cima do meu namorado a troco de quê?

— Pare com isso, Adriana! Caramba, essa Manuela está fazendo a sua cabeça contra mim!

Ela me empurra, um gesto que eu não esperava e quase caio no chão.

— Está avisada!

Ela dá as costas e sai sem fechar o portão da rua.

Fecho a porta de casa. Meu corpo treme mais com as palavras que não fazem o menor sentido para o que aconteceu entre mim e Caíque do que com o empurrão.

Só que o que a amiguinha da Adriana inventou pode causar uma briga com meu namorado. Ou até do Noah com Caíque. Por mais que Caíque tenha caído e muito no meu conceito, os dois são amigos, são a melhor dupla do colégio e o campeonato já vai começar, fora que já vi uma veia agressiva do Noah e não sei se essa palhaçada toda com meu nome pode fazer com que os dois briguem fisicamente.

Com certeza, falarei com Noah sobre isso. Pessoalmente. Não enviarei para ele uma mensagem com toda essa barbárie. Ele precisa transmitir paz à mãe.

Mas posso falar com Caíque para ele parar a namorada dele.

*** Eu-Caíque: Caíque, a Adriana acabou de sair daqui falando que a Manuela contou**

que eu estava dando em cima de você. *

*** Isso nunca aconteceu! ***

*** Foi você que ficou na porta do banheiro pra me perguntar se eu tinha contado para a Adriana se vi você com outra. ***

*** Imagine se o Noah escuta essa mentira? ***

Caíque não lê de imediato.

Sacudo minha perna, nervosa por não ligar para o Noah e resolver logo tudo isso. Faz um tempo que almocei, mas a comida quer voltar, como se eu tivesse acabado de engolir a última garfada. Há muito tempo eu não me sentia assim. Esfrego minhas mãos umas nas outras sentindo coceiras inexplicáveis pelo corpo. Fecho os olhos e respiro fundo. *Ou tento respirar fundo.* Estou ofegante, também não consegui ficar com meus olhos fechados por muito tempo e, mesmo com a respiração ofegante, estou completamente sem ar.

— Está tudo bem, Beatriz. — Engulo em seco, massageando meu coração. — O Noah vai chegar e vocês vão conversar.

Toco meu anel, traço a linha dourada que simboliza a metade do coração dele.

Está tudo bem.

A campainha volta a tocar.

Ah, não. Nada de discutir com Adriana de novo.

Estou prestes a gritar para ela ir embora, quando duas coisas acontecem:

- pancadas terrivelmente fortes me assustam.
- minha voz falha com o pânico;

— Beatriz!

Noah! *E aí fico perdida.* Não tem muito tempo que ele saiu e avisou que o médico era no bairro vizinho.

Ele esmurra novamente a porta, e começo a tremer, tomada pelo pânico. Ele já pode saber dessa história toda. Noah pode ter descoberto... *descoberto o que eu fiz.* Mas meu maior medo é que tenha acontecido algo errado com a mãe dele.

Não há outra justificativa, senão a última, certo?

Corro até a porta e abro.

Meu coração se parte em dois quando vejo seu rosto desfigurado do choro, com olheiras fundas e negras e os olhos vermelhos. Minha respiração fica ainda mais ofegante e ganha uma companheira.

Ele olha pra mim. Está tão... *tão desolado.*

— Noah, o que houve?

Sem responder, ele entra e caminha até a sala. Nunca ficamos aqui na sala. Noah sempre chega e vai direto para o meu quarto, pois não quero que Claudia estrague a vinda dele. Mas agora não sei se dá para irmos a algum lugar. Assisto-o parar e sentar no sofá. Ele com certeza já se sentou ali e conhece essa sala, mas a última coisa que sinto é uma crise de ciúmes. Encara-me com um olhar apático e devastado.

— Sua mãe está bem? — Pergunto sentindo minhas pernas fraquejarem e caminho na direção dele.

— Não se aproxime de mim. — Sua voz está baixa e entrecortada. Seu semblante ganhou um toque de raiva. Ele abre a boca como se fosse falar algo mais, mas desiste. *Ou não consegue.*

E ficamos assim, por um tempo longo ou curto. Não sei dizer. Só sei que não suporto mais esse silêncio, essa dor em seus olhos e o pânico começa a tomar forma dentro de mim.

— Por favor, Noah, fale comigo.

Esse tempo que eu não soube medir acaba. Ele me olha como se tivesse saído de um transe.

Então levanta.

Anda dois passos e para diante de mim.

Estende a mão.

— Me dê o anel.

“Me dê o anel”.

Imediatamente fecho a mão.

— Acabou, Beatriz.

Beatriz, Beatriz... ele só está me chamando assim agora.

Eu não sou mais a Trix?

— Por que, Noah?

— Não tem por que você ficar com esse anel, se não há mais um compromisso, um namoro.

Essa frase é como uma descarga de corrente elétrica. A energia me dá força para sair do torpor.

— Por que, Noah? — Repito com a voz elevada. — Quando você decidiu isso? Foi o que disseram entre mim e o Caíque? Por Deus! Você sabe que é mentira! Como vai acreditar no que aquelas duas estão falando.

Ele apenas me assiste. Sua testa enrugua um pouco. Posso ver nos seus olhos que isso é o que menos importa.

— Apenas me dê o anel para eu ir embora daqui.

— Noah...

— O anel. — Ele rola os olhos. — Ah, fique com ele. Não importa mais.

Ele anda com seus passos largos e só escuto a porta bater, enquanto mantenho meu punho cerrado, o anel seguro no dedo. O estrondo me dá forças para ir até ele. Corro pela casa. Grito seu nome.

Então, paro com um flash. *Do passado.*

Sair correndo atrás do Noah pode atrair atenção demais.

Estou acorrentada pelo maldito passado.

E se...

E se ele descobriu o passado? Se tudo chegou até ele?

E se todos já souberem?

Uma vertigem me atinge com força e mal encontro a parede quando estendo o braço. Quase vou ao chão. E cair no chão não é nada, quando o que pode estar à minha espera é o frio, lamacento e fétido fundo daquele poço que uma vez eu fui atirada.

— Bia, se você quiser não ir ao colégio hoje, tudo bem. — Tia Talita fala olhando nos meus olhos enquanto eu tento criar coragem para sair do carro e encarar esse dia. — Mas você não precisa temer sobre aquilo. Claudia com certeza saberia de algo. Amália também teria conhecimento.

Ontem, enquanto eu enviava uma mensagem, talvez a vigésima ou a quinquagésima para Noah, tia Talita ligou perguntando por que não fui ao curso de Inglês. A verdade era dolorosa demais para ser declarada para alguém. E tornaria o término mais verdadeiro. Eu disse que não estava me sentindo bem. *Pra quê?*... Ela me entupiu de perguntas, se Noah estava comigo, o que eu estava sentindo, até que a dor me impediu de continuar falando.

— *Noah descobriu tudo!* — Disse para ela, quando entrou no quarto e viu que eu me desmanchava em lágrimas.

Ela empalideceu. — *Descobriu?*

— *Terminou comigo. Só pode ser por ter descoberto. Ele estava com ódio de mim.*

Ela saiu do quarto. Eu vi o pânico em sua face. Na hora até esqueci que tio Diego poderia cumprir suas ameaças de me expulsar de sua casa.

Minha preocupação era que Noah não me atendia, não lia minhas mensagens. Implorei para voltarmos, enviei o *print* da conversa que abri com Caíque, discurssei sobre ter contato a verdade para quem eu acreditava ser minha amiga, implorei para ele não ser o príncipe da outra, e repetia tudo como se não tivesse escrito nada. Tudo com o rosto banhado em lágrimas, cheio de erros de digitação. A maioria das frases estava incoerente, mal as compreendi quando reli hoje de manhã. Mas não fez diferença para ele, pois

nenhuma foi entregue. Estou bloqueada.

Ficar em casa é pior. Aqui, poderei vê-lo. *Se eu sobreviver.*

A porta do carro faz um clique que soa mais alto do que realmente é, mas logo o som das conversas dos alunos do CAV me rodeia tão alto, que é até ridículo o som da maçaneta ter me assustado.

— Bia, você é incrível. É uma menina corajosa e eu tenho muito orgulho por essa força. Dói o fim de um namoro, mas você sabe o que é sofrimento de verdade.

Eu achava que sabia.

Saio do carro e sinto tantos olhares sobre mim que, se eu fraquejar, todos me pisotearão.

Eu e Noah respirávamos o mesmo ar o tempo inteiro. Não precisam me ver nesse estado abatido para saberem que ele terminou comigo sem mais nem menos. Só o fato de eu ter aparecido aqui sem ele, e ele provavelmente já ter vindo estudar sem eu estar ao seu lado é um indicativo que nosso namoro chegou ao fim.

Escuto alguém falar comigo, mas a voz não é de quem eu deva dar atenção. É estranho eu sentir muita vontade de chorar, mas, ao mesmo tempo, me sentir aliviada por só ouvir que estou arrasada por ele terminar comigo.

Numa coisa tia Talita tem razão: esses olhares não são nada perto de outros que já recebi. Não sabem a dor de ser julgado por um erro, não sabem o que é desejar morrer e ouvir que esse é o desejo de quem deveria me amar acima de tudo. E não, não estou exagerando. Foi isso que ouvi dos pais.

Mas isso não impede que eu me sinta como se estivesse andando em areia movediça, com pés de chumbo, um material que também parece revestir meu coração. De cabeça baixa, sentindo as lágrimas se formarem, sigo o longo caminho até a sala de aula.

E não consigo evitar ou mesmo disfarçar, ao entrar na sala de aula, olhar na direção que ele senta. Nossos olhares se encontram. Há tanta tristeza nos olhos dele quanto nos meus. Ele é o primeiro a encontrar força para desviar.

— Vamos entrar, Beatriz? — O professor fala atrás de mim.

A aula vai começar. E nem sei se devo agradecer o *timing* do professor que chegou a tempo de eu cometer uma grande besteira.

A aula passa como um borrão. As aulas seguintes também. E as do dia seguinte. E as três primeiras aulas de quinta-feira.

Meu corpo ganhou vida essa manhã quando despertei. Assim como nos outros dias, *dormir* não foi um problema. O problema sempre foi acordar e era como se eu despertasse para um pesadelo. A realidade de um medo constante, e que eu precisava apenas agradecer por chegar ao final de um dia sem ter sido empurrada de volta para o fundo do poço.

Eu me sinto péssima quando penso no absurdo de me sentir tão mal com o término do namoro, já que conheço uma dor que me destruiu por completo. Todos esses olhares e

piadas não me atingiram no início da semana e não são capazes de causarem mais do que um incômodo. Eu devo agradecer por não ouvir nenhuma vez qualquer menção sobre o que eu fiz ano retrasado.

Ainda na terça, constatei que ninguém havia descoberto aquela podridão que nem ousou pensar. Não descobri o que fez com que Noah simplesmente desistisse do nosso amor, como se nada do que dissemos um para o outro não valessem absolutamente nada. As juras de amor que trocamos ainda na manhã de segunda-feira não tinham valor para ele.

Mas, como eu disse, hoje acordei energizada. Em meu corpo há tanta adrenalina que não consigo ficar parada. Tudo porque Noah não poderá me evitar hoje. Passará o último tempo, de Artes, olhando para o meu rosto e Deus queira que pintar a foto que ele mesmo tirou faça com que perceba o erro de ter terminado comigo.

Uma foto que é posta sobre a minha mesa, assim que eu levanto para descer para o intervalo. Olho para cima, querendo entender quando deixei de ser tão consciente de Noah tão perto de mim.

— É melhor nós destrocarmos as fotos.

Essas palavras destroem todos os pensamentos positivos que consegui construir para esse dia.

— Noah, vamos conversar.

— A gente não tem mais nada pra conversar. Não insista.

— Você não me dá a chance de falar nada... *Caramba!* Nem sei por que você terminou comigo.

— Porque eu tenho meus motivos. — Responde transtornado. — Porque. Não. Estou. A. Fim. Agora, você pode me dar a droga da foto? Ou será que terei que pedir para a professora de Artes?

A sala explode em risos.

Eu me desfaço em lágrimas.

Não consigo disfarçar a minha dor por causa de suas palavras, por estar sendo ridicularizada por sua atitude. Eu travo, quando começo a ouvir as zombarias e sento-me na cadeira de um jeito torto e desajeitado, por causa da fraqueza que me atinge.

— Aqui, Noah. Tome sua foto. — Escuto Amanda dizer. — Agora você pode ir e leve essa corja de imbecis junto com você.

— Aí, Noah! Ninguém mandou dar voz aos nerds. — Escuto Priscila dizer entre suas gargalhadas. — Agora até a gordinha te enfrenta.

— Vamos, Amanda. — Digo baixinho para ela, arrumando forças não sei de onde para me afastar do Noah e de todo esse mal.

Ela pega minha foto e me ajuda a guardar na mochila. Ainda teremos dois tempos de Geografia após o intervalo e a aula que já não faz a menor diferença.

Guardo meu material no armário, tentando ignorar a multidão que fica aglomerada na porta em frente à minha. Havia um ritual, no qual eu guardava o meu material com Noah ao meu lado e depois íamos ao armário dele, ou eu não conseguiria me aproximar. Sempre achei isso muito estranho e agora que voltei a ficar de fora tudo fica ainda mais bizarro.

— Noah! Que bom que você poderá ser meu príncipe! Vamos marcar a data dos ensaios. — Manuela começa a tagarelar. — A gente vai dançar um monte de música diferente, vários estilos. Ai! Meu Deus! Ficarão tão lindo e...

E o que ela continua falando fica perdido quando fico mais próxima do banheiro do que daqueles desprezíveis.

Apoio-me na pia e a vitamina que tia Talita me fez ingerir de manhã — um copo de leite com frutas variadas que ela passou a fazer essa semana — é posta para fora num jorro só. E mais coisa tenta sair de dentro de mim queimando todo o caminho que percorre do estômago até a boca. Os espasmos não cessam mesmo quando já não há mais nada para ser posto para fora.

Há muito tempo eu não vomitava.

Há muito tempo que eu não abria a bica para lavar a boca incessantemente para tirar o sabor acre da boca, ao mesmo tempo que tento recuperar uma cadência normal para minha respiração.

Há muito tempo não me olho no espelho com o rosto pálido respingado de água, para encarar a realidade de que o mundo é cruel demais, incapaz de nos conceder o perdão. Mas há algo nessa imagem do espelho que não existia no passado. O contorno dourado do coração grita para mim. a metade de um coração que nunca tive. Um compromisso que nunca foi sério.

Noah costuma terminar os relacionamentos sem mais nem menos. Surpreende todas as namoradas com um fim inesperado. Brusco. Irrevogável.

Ele fez o mesmo comigo, esse anel sempre foi uma mentira.

— Você está melhor?

Olho para o lado e vejo Valentina me encarar preocupada. Ao lado dela, Amanda.

— Ele não merece isso. — Amanda diz.

Respiro fundo.

— Alguém tem um enxaguante bucal?

Valentina estende pra mim. Despejo um gole na minha boca e faço bochecho. Livrar minha boca desse sabor acre me faz bem.

Olho mais uma vez minha imagem no espelho.

A verdade é que dói, é horrível e meu coração nunca sofreu tanto, mas *eu não fui atirada no fundo do poço*. Preciso repetir isso para mim mil vezes.

Seguro o anel e o tiro do dedo. Desliza mais fácil do que quando entrou, e não tem nada a ver com o fato de minha mão estar molhada.

As mais diferentes ideias de como entregar esse anel passam pela minha cabeça. Poderia jogar na cara dele, poderia entregar à Manuela que quer tanto ser a próxima, poderia entregar à Natasha que quer tanto voltar pra ele. Mas sei que sair daqui com esse anel na mão, símbolo de um relacionamento falido, me fará novamente implorar para voltar para ele, assim como a última.

Um garoto que gosta de ser visto como troféu.

Deixo simplesmente em cima da pia e me afasto olhando para ele, como se o aro prateado fosse maldito.

— Você vai deixar aí?

Olho para Amanda com vontade de dizer que sim.

Mas pego o anel. Saio do banheiro, chego ao térreo.

Noah está no pátio, com seus amigos, uma roda imensa, pessoas amontoadas, conversando e rindo de qualquer coisa sem sentido. Natasha está praticamente no colo dele, com um sorriso enorme. Ela já se apossou do meu lugar. Manuela está do outro lado conversando com Adriana ao seu lado provavelmente sobre a festa.

Ao lado de Adriana, Caíque conversa com Patrícia.

Uma imagem que me enoja e que vou, infelizmente, me recordar dela pelo resto dos meus dias.

O olhar dele encontra o meu. Está sério, bem diferente do cara que costumava rir de qualquer palhaçada que aquele grupinho contava, mesmo quando eu não estava ao seu lado. Ele voltou ao humor de antes do nosso namoro.

Não tenho a menor vontade de entrar naquele covil para me estriparem.

A ideia de pedir para Valentina entregar passa pela minha cabeça e é tentadora. Ela não teria problemas de ir até lá, inclusive de vez em quando se mistura àquele bando e talvez o faça hoje, agora que estou melhor. Mas vejo Daniel na fila da cantina e tenho certeza que falar com ele será a melhor solução.

— Eu já volto. — Aviso quando eu, Valentina e Amanda paramos na fila da cantina, só que no final. Ando até onde está Daniel e pesco o anel no bolso da calça jeans. Ele me vê e é quase opressivo o seu olhar cauteloso.

— Oi, Daniel.

— Oi?

Suspiro para ganhar dois segundos e coragem.

— Você pode entregar isso aqui para o Noah. — Abro a mão devagar, para que apenas ele veja. — Se possível, sem ninguém por perto, na sala de aula. Só para não haver alarde.

O olho dele está no anel.

— Tudo bem.

— Por favor, não deixe ninguém ver.

Ele pega e guarda no bolso. Volto para o final da fila e tenho certeza que o olhar que me queima é do Noah. Sempre senti seu olhar sobre mim. O que aconteceu alguns minutos atrás foi um caso isolado.

Fico na fila para comprar alguma coisa salgada apenas para não cair dura no chão por causa da fraqueza que o vômito me causou. E é ainda na fila que escuto os primeiros comentários daqueles que perceberam a conversa com Daniel. Não conseguiram ver o que eu entreguei a ele. A maioria especula ser um bilhete. Outros reparam que eu não estou usando o anel, mas dizem que eu deixei de ser “uma ridícula patética querendo chamar a atenção do Noah com o anel” (sim, disseram isso na mesa ao lado da minha).

Há aqueles que apostam se Daniel entregará ou não o suposto bilhete; ou que especulam se Noah lerá ou rasgará sem ler minhas palavras.

Eu nem sei qual foi a reação dele, quando Daniel entregou o anel. Não o olhei mais e fui a primeira a entrar na sala de aula. Se entregou no pátio, no banheiro, ou quando sentaram um ao lado do outro na carteira, não fez diferença.

Sobre o anel, o que importa agora é o imenso vazio que sinto no lugar que ele ocupava. É estranho sentir meu dedo *pesado*, quando ele está... *quando ele está livre*.

A aula de Artes começa. A professora separa algumas telas.

— Vou chamar quem está no esboço e aquele que for pintar, vem aqui na frente para pegar a tela. Valentina, Priscila, Felipe... — Ela canta os nomes e põe os quadros sobre sua mesa, enquanto sons de cadeiras arrastadas ecoam pela sala. — Júlia, Emanuel, Enzo.

Ela tira uma tela da pilha e põe na minha frente. Olho para a imagem e vejo Noah na praça, vestindo bermuda e regata segurando uma câmera. Mesmo os contornos fracos são lindos. *Eu adoraria pintá-lo* E adoraria sentir seus beijos, seus abraços, ouvir sua voz, sua respiração, seu coração bater sob a palma da minha mão ou quando eu encostava meu ouvido em seu peito.

Tiro a tela da minha frente e ponho sobre a mesa da professora. Ela estranha. Estou dura como uma pedra e sinto que se eu respirar um pouco mais forte, a inspiração será falha e a expiração entrecortada, um prelúdio para minhas lágrimas.

— Beatriz. — Ela mostra a minha tela e eu a pego.

Ela pigarreia e continua a chamar os nomes, começando pelo dele. *Ele não vem*. A tela dele fica sob meu olhar por um bom tempo, até que Caíque vem pegar a sua, a do Noah e a do Daniel. Não sei se trocaram entre si.

Quando acaba a distribuição, ela caminha pela sala distribuindo uma paleta de tintas, que pede para sinalizarmos quando necessitarmos de mais um pouco de uma determinada cor, também passa instruções, enquanto os próprios alunos distribuem os pincéis que serão usados, pegando um kit do bolo e passando os outros adiante.

Eu não tenho a menor veia artística, não sei se há um ritual, nem a professora nos fala sobre algum. Só sei que as cores da paleta não fazem sentido.

A minha tela não faz o menor sentido. Olhar para ela só me traz dor. Uma foto tirada

pelo Noah, num dia que seria agradável se eu não tivesse sido atingida por uma onda de recordações do meu passado. E lá estava ele, ao meu lado, me dando apoio, sendo compreensível, expressando até um desejo assassino por saber que meus temores foram causados por alguém que me machucou muito. A garota fotografada já tinha se recuperado daquelas terríveis lembranças e sorria feliz.

Nada do que vivemos teve importância pra ele.

Respiro fundo e escolho duas cores: a branca e a preta. Faço uma mistura entre as cores e apenas trago mais força os contornos. Meu rosto, meus lábios, meus olhos. Vai ficar uma coisa pavorosa, mas não posso colocar cores na minha vida que devia ter sido apenas preto e branca desde que cheguei aqui.

Se alguém me perguntasse se eu gostaria de esquecer tudo que eu vivi ao lado de Noah, a resposta seria “sim”. Aproveitei cada momento que tive ao seu lado, fui tratada como única, especial, o amor de sua vida, trocamos uma aliança de compromisso, declarações de amor, para, no fim, ele simplesmente me arrancar de sua vida como se o nosso namoro não tivesse nada de especial. Então, sim, eu tomaria uma pílula de esquecimento para que não restasse um rastro de bom momento do Noah ao meu lado.

Eu sabia que nosso namoro um dia chegaria ao fim. Era fácil esquecer que um dia ele iria para longe e nós perderíamos contato de repente ou gradativamente. Com Noah, eu pensava somente no tempo presente, tanto que o passado era uma sombra fraca, quase inexistente. Mas estava preparada para me afastar dele numa época muito mais distante do que um “de repente ele não quer mais namorar comigo”.

Se fosse muito difícil para ele viajar para longe, talvez eu revelasse o que aconteceu. Tenho certeza que ele não aceitaria o que eu fiz, ainda mais somada àquela monstruosidade que tudo se tornou.

— Preciso de mais preto e branco. — Peço à professora.

Ela nem precisa levantar da mesa dela para ver como está a minha *obra de arte*.

— Que tal usar as outras cores?

Olho para a paleta e escolho uma das cores para continuar. Acho que não perderei pontos se eu não destruir os contornos originais. Então pinto meu rosto de azul com verde, as árvores de laranja, a mesa de vermelho e o vestido jeans ficou uma homenagem à bandeira brasileira. Não há profundidade, sombra. A técnica do impressionismo está mais visível por ser um conjunto de pinceladas pipocadas sobre a tela do que por ser uma arte em si.

Realmente a vida seria melhor se fosse apenas em preto e branco. Ao tingi-la com uma explosão de cores, só consegui transformá-la numa bagunça sem fim. E agora eu preciso fazer a vida voltar a ter algum sentido novamente.

Dias maravilhosos passam rápido. Eles simplesmente voam.

O curioso é que os dias ruins também. Eles, sem sombra de dúvidas, passam bem mais lentos. As horas parecem não ter fim quando estou nas aulas, quando estou nos cursos de línguas, quando estou no quarto esperando apenas o tempo passar. Mas, então, chega o fim de uma semana, o fim do mês, e contabilizo dias e dias sem ver seu rosto ou ouvir sua voz dirigida a mim. Se sei que ele está por perto, mal olho para os lados, controlo-me para não virar o rosto na direção da sua voz grave e rouca. E, agora, quarenta e oito dias após o término do namoro, eu ainda sinto como se ele tivesse acabado de sair daqui de casa decretando o fim do nosso namoro. Às vezes, assusto-me com a recordação da porta esmurrada.

Os dias maravilhosos e os terrivelmente ruins me deixam com a sensação de que foi ontem que eu vim morar aqui. O aniversário da Claudia, para qual me arrumo, era uma data distante no meio do ano.

Nem preciso dizer que, por mim, eu continuaria aqui nesse quarto. Poderia abrir uma das apostilas e passar todas as horas daquela festa apenas me concentrando no que eu vim fazer quando vim morar com meu tio: estudar.

Mas me arrumei. Estou linda e arrasando para essa festa. O único motivo de eu ter me arrumado de um jeito que ninguém pode botar defeito é por minha mãe aparecer para o aniversário da sobrinha. *Ah! Pra me ver também.*

É lógico que ainda não nos encontramos. Ela está no hotel que costumava se hospedar comigo e com meu pai. Dessa vez, tem como companhia o amante promovido a namorado ou marido.

É para ela que coloquei esse vestido vermelho curto, de manga longa e colado no corpo. Um vestido que me faz pagar com a língua o que eu pensei sobre minha prima. Para o pé, escolhi uma sandália alta presa ao tornozelo, que, desde que comprei, passei a andar com ela pelo quarto para me acostumar com a altura e não fazer feio. Como nunca fiz o tipo estabanada, me saí bem e acho que não ando como uma pata.

Ajeito o cabelo escovado para ficar completamente liso. Os fios loiros estão brilhosos e sedosos. Escolhi argolas prateadas com brilhantes e anéis pequenos como joias, e acho que estou arrasando, embora o desconforto esteja presente até por eu finalmente voltar a usar um daqueles conjuntos de lingerie que comprei pensando nele.

E agora, de frente para o espelho, preciso admitir que estou me vestindo para o Noah também.

Será que ele vai me reparar?

A maquiagem em meus olhos está intensa e dramática num dégradé em escalas de cinza, como se fossem a luz do luar emanado dos meus olhos, que um dia foram equiparados à lua. Meus lábios estão pintados com um brilho avermelhado. Mais brilho do

que cor.

— Está... na hora.

Vejo tia Talita me examinar pelo espelho. Ela viu o que eu comprei, sabe exatamente a roupa que decidi usar para essa festa. Viu o sapato e algumas vezes me flagrou andando pelo quarto com eles. A maquiagem também não é nenhuma novidade, pois eu treinei bastante nesses dias-sem-nada-de-bom-pra-fazer como fazer a *make* perfeita. Ela só não viu, assim como eu, a produção completa.

Ela suspira. — Vamos.

Saio do quarto, segurando meu celular e a bolsinha branca que já está com meus documentos.

Encontro a visão do inferno à minha espera: o trio Claudia, Nath e Priscila. *Dessa vez, daria até para entrar para o clubinho.* Ainda bem que o aniversário da minha prima já passou e eu não preciso dar um abraço caloroso para me envenenar com seu perfume. Com certeza perderia a fragrância do meu. *E olha que eu caprichei, hein!*

O aniversário será comemorado no salão de festas da Vila Azul, mas decidimos ir de carro. Primeiro vamos minha tia e eu. Chegamos ao salão totalmente vazio. Claudia pretende chegar daqui a pouco, talvez para uma entrada triunfal. Solto uma risadinha pelo ridículo de ela querer ser uma das últimas a aparecer na sua própria festa.

Claudia quis uma festa com temática parisiense e está incrível, mesmo bem simples. As mesas estão dispostas a deixar um grande quadrado no centro, onde luzes coloridas intermitentes já dançam ao som da música de teste do DJ.

Um garçom serve um espumante para tia Talita e um coquetel sem álcool para mim. Sobre a mesa, deixa um prato com aperitivos.

— Você não disse o que quer fazer de aniversário. — Ela comenta antes do primeiro gole. — Ainda dá tempo para fazermos uma festa incrível, já que você não teve uma no ano passado.

Suspiro enquanto olho para tudo isso.

— Eu prefiro fazer algo em casa mesmo com meus amigos. Poucas pessoas e uma comemoração mais íntima e verdadeira.

E não sei se conseguiria encher um salão assim. Para evitar o Noah, deixei de frequentar as festas que eu podia. Somente aquelas que eu sentia que poderia magoar com a minha ausência que eu fui. Festas de colegas que falam comigo *por mim*, não por eu ser a namorada dele. Essa talvez seja a única vantagem de ser a ex: saber separar o joio do trigo.

São essas mesmas pessoas que vêm me cumprimentar quando chegam. As mesmas pessoas que dançam comigo na pista de dança enquanto dividem um drink alcoólico que conseguiram do barman. Infelizmente Amanda não foi convidada, nem Ricardinho. Em solidariedade a eles, Tuco resolveu não vir. Mas, comigo, estão Valentina e Alice.

— Ele não para de olhar pra você. — Valentina avisa. — Ele é capaz de matar um que comente que você está linda.

Acho que não precisa esclarecer, mas vai: *ele* é o Noah; *você* sou eu.

E não há nenhuma novidade nisso. Noah não me ignora e sempre há quem ache que é legal me alertar que ele está me olhando. Às vezes, eu penso em me virar para ele, perguntar se quer falar comigo, mas no passado ele também me olhava e sentia ódio por eu não parar de segui-lo com meus olhos.

A verdade é que eu não sei até agora por que ele terminou comigo. Por vezes fiquei em pânico por pensar que ele pode ter descoberto alguma coisa. Sonho acordada com a humilhação que sofri no passado, mas é impossível que ele tenha descoberto. Já se passou muito tempo, e até consigo andar um pouco mais tranquila nas últimas semanas por ter certeza que estou distante de tudo que roubou minha paz.

Nossa! Mais um mês e fará dois anos que meu mundo ruiu.

— Por que você não fala com ele? — Valentina pergunta quando sentamos numa das mesas, obviamente estou de costas para onde ele está. — Acho que ele se arrependeu, sabia? Até agora não saiu com mais ninguém.

— É... com as outras, ele não perdeu tempo. — Alice completa.

Soube disso também. Mal terminava o namoro e Noah já era visto com *outras*. Mais de um mês e meio na seca deve ser um tipo de recorde para ele.

— E vocês não sabem como eu quero descobrir por quê. — Lucca diz trazendo uma cadeira consigo para sentar-se ao meu lado. — E eu tenho um vale-beijo.

Quem está na mesa arregala os olhos. E olham para onde Noah está sentado ou em pé com seus amigos.

— A propósito, você está linda! — Lucca sorri.

— Lucca, você já saiu com a minha prima.

— Foi coisa de momento.

— Ah, sim. E eu arrumo mais um problema com a Claudia.

Ele faz uma careta. — Ela não vai se importar. Sua prima é doidinha pelo Caíque. E você saiu com o ex da amiga dela.

Reviro os olhos. — Não é a mesma coisa. E eu não quero sair com ninguém. Você fala de uma brincadeira que aconteceu há meses.

— Peraê! Você está falando do beijo que ficou no vácuo? — Alice ri.

— Garanto que eu estaria com você hoje, ao invés de ficar lá com aquele bando de garota se esfregando nele. Cara, isso é deprimente! Ninguém se dá o respeito.

— Nisso, eu tenho que concordar com você. — Alice comenta e ri. — O mais ridículo ali é que quem tá pegando geral é o Caíque. Conta pra gente. Você falou pra Drica que Caíque já passou o rodo em todas as jogadoras. Foi por isso que ela parou de falar com

você?

Não faço nenhum comentário. Ainda dói ver como ela é feita de idiota por todo mundo. Caíque até é *cuidadoso* na praça, no colégio, para que ela não descubra, mas dentro do prédio dele a pegação rola solta. Depois que ele a deixa em casa e volta para a praça, só faltam fazer uma posta para faturarem em cima de quem é a escolhida da noite.

— Ela quis parar de falar comigo porque é uma tola. — Respondo sem medo da ofensa, pois eu ainda acho que uma das coisas que fez com que Noah terminasse comigo foi algo que Manuela e ela inventaram sobre eu estar a fim daquele que, até então, era o namorado da minha melhor amiga. Não é a hipótese que mais aposto, porém não a descarto.

Por falar em Manuela... Eu não sei o que aconteceu para Noah ter desistido de ser o príncipe, mas foi naquele dia mesmo que ela inventou de chamá-lo para aprender passos mirabolantes de diferentes estilos musicais, que ele declinou novamente o convite. Ele também não foi ao aniversário. Ela contratou um ator, que cobrou uma fortuna e só dançou por poucos minutos.

Quem supriu o tempo restante do tempo da festa? *Caíque!* Ele dançou com ela depois do príncipe ator fujão, posou para algumas fotos e... *os dois sumiram!* Reapareceram praticamente juntos na hora dos parabéns. Se eu que não fui à festa tive um relato completo, a própria Adriana assinou seu atestado de idiota já que era uma convidada quase de honra.

E sabe do que mais? Aquela nem tinha sido a primeira vez que Manuela e Carlos Henrique ficaram. *Nem a última.*

— Beatriz.

Mortifico ao ser chamada desse jeito frio e impessoal. E não há nada de novo no tom. Seria surpreendente se a voz soasse animada ou amorosa.

Olho para cima e fito o que pode ser o reflexo dos meus olhos. Aliás, eu sou a imagem dela mais nova.

— Acompanhe-me.

Ela dá um passo para trás, e dou um sorriso sem graça para meus amigos à mesa, que adivinham facilmente que essa senhora é a minha mãe. Uma mulher fria que os ignorou completamente.

Olho para ela. Usa um vestido longo de tecido fino e leve estampado com traços geométricos. A maquiagem é clara apenas para que não fique tão pálida. Os olhos me medem de cima a baixo.

Ela tem o poder de fazer eu me sentir vulgar. Cruzo os braços e tento me preparar para sua repreensão. Ela caminha sem olhar para trás, sua cabeça sempre altiva, ignorando-me enquanto apenas a sigo.

Júlia Vasquez nunca foi uma mulher carinhosa, nunca me apoiou em nada, julga-se

como a que mais sofreu. Eu ainda estava abalada e com o corpo machucado, quando minha mãe acertava os últimos detalhes para seu retiro num SPA, na companhia do novo namorado, para que ela se recuperasse do que *a filha* fez de errado, e que acabou manchando a sua imagem perfeita.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto quando minha mente resolve me bombardear com mais recordações daqueles dias.

É nesse momento que eu fraquejo. Paro e miro na direção daquele que evitei encontrar o olhar nas últimas semanas. Não preciso procurá-lo. Sempre sei onde Noah está. E ele está olhando para mim fixamente. Seu peito se expande com a respiração profunda no mesmo instante que nossos olhares ficam fixos uns nos outros. Minha reação é contrária à dele, pois paro de respirar, já que meu coração passa a doer ainda mais de saudade.

— Por que você parou?

Olho para o lado oposto que ele está imediatamente. Só a voz dela seria capaz de me fazer desviar o olhar dele.

— Estou indo, mãe.

Continuamos o caminho liderado por ela, sem eu saber para onde vamos. Eu teria mais coragem de ter uma conversa com a minha mãe depois de todo esse tempo, se eu recebesse um beijo e um abraço do meu ex-namorado, que, no breve tempo do nosso namoro, foi meu melhor amigo. Mas terei que falar com essa senhora de quem eu já não espero um beijo e um abraço, nem para fingir para a sociedade que temos um bom relacionamento.

Quando ela me leva para onde seu namorado ou marido está sentado, paro. Até este exato momento, não passou pela minha cabeça que ela me poria respirando o mesmo ar que esse desgraçado.

— Eu não vou ficar perto dele. — As palavras ríspidas passam sibilantes entre meus dentes, enquanto todo o meu corpo treme.

Mesmo com as conversas ao nosso redor e a música alta, Dra. Júlia me ouviu, pois seus passos firmes e cadenciados vacilam. Mas ela segue em frente.

Pra mim, essa festa já deu tudo que tinha que dar. Ainda falta um bom tempo para cantarem parabéns, todavia ficar aqui só vai me fazer mal. Lucca voltou com essa palhaçada de beijo, já conversei com meus amigos até os assuntos se esgotarem, já reencontrei minha mãe e tive uma amostra de quase tudo que vivi ao seu lado, e já revi o Noah e descobri que ele nada tem a me oferecer. E se hoje ele resolver dar atenção àquelas garotas que se esfregam nele o tempo inteiro, e terminar essa festa com beijos e abraços (ou até algo mais) com uma delas, eu não vou aguentar segurar as lágrimas.

Seguir para a saída é o caminho da liberdade. Aproveito meus pés ainda firmes, e ando até o fim do salão. E é distante demais do calor da festa que meu braço é segurado com força e sou obrigada a dar meia volta e encarar o olhar colérico da Dra. Júlia.

— Bem que seu pai avisou que está se comportando como uma prostituta! — Ela

rosna apenas para eu ouça, enquanto tento me livrar do seu aperto. — Olhe essas roupas! Essa cara pintada! Não criei você pra isso! Não cansa de passar vergonha! O que aconteceu não foi suficiente?

Consigo me livrar de suas garras e me afasto.

Ela nunca vai parar de jogar na minha cara o que aconteceu.

— Dá pra você parar de falar nisso toda vez que nos encontramos? — Imploro já com o rosto banhado em lágrimas. — Há meses não nos vemos! Você não poderia reaparecer e ser minha mãe por algumas horas?

— Eu preciso jogar na sua cara para você nunca esquecer! Você deixou aquele inferno todo para trás! Você deixou de conviver com aquele pesadelo que você mesma criou, para viver seu conto de fadas aqui! Não sabe o que passo todos os dias! Não sabe o que seu pai passa! Quem ficou para trás ainda sofre as consequências.

— Já chega, Júlia! — Escuto tia Talita esbravejar. — Por que você não me chamou ou chamou o Diogo para vir falar com a Bia?

Minha mãe respira fundo com a afronta. Dra. Júlia não suporta ser peitada. É a dona absoluta da razão e ninguém deve cruzar o seu caminho. O único problema é que nós três sabemos que ela erra. E errou por me chamar aqui.

Sem mais uma palavra, ela se afasta. Não há o que ser discutido.

Tia Talita suspira enquanto me encara tristemente.

— Ah, querida!

Recebo um abraço dessa mulher que parece ser a única capaz de me amparar de verdade. Tenho tanto medo de um dia ela simplesmente ser mais uma que vai me abandonar que a agarro com força enquanto choro.

— Você não precisava ter falado com a Júlia. Não sozinha.

Afasto-me e a encaro enquanto limpo o rosto. Minhas mãos estão manchadas da maquiagem.

— Eu não estou me sentindo bem, tia. — Digo entre soluços. — Vou pra casa.

— Me espere aqui. Vou pegar a chave do carro com o seu tio.

Faço uma negação. — Eu vou sozinha. Não precisa.

— De jeito nenhum. Por favor, me espere aqui.

— É o aniversário da Claudia. A senhora é a mãe dela...

— A Claudia deu uma festa para os amigos do colégio e só chamamos os mais próximos da família. Só falta cantar parabéns e está programado para daqui a uma hora. Já volto.

Ela aperta minha mão antes de se afastar e me deixar nessa espécie de antessala. No início da festa, havia pessoas na recepção conferindo nomes, recolhendo presentes. Agora só preciso rezar para que ninguém resolva sair antes do bolo e me encontrar nesse estado.

Se bem que...

Não.

Adoraria que Noah sáísse agora, mas não quero que ele me veja chorando, decadente com a maquiagem borrada. Perfeito seria se ele estivesse comigo. Dra. Júlia não me encontraria tão desarmada e indefesa. Não encontraria a garota que era incapaz de desafiá-la, com medo das consequências.

Não me encontraria sozinha.

Olho lá para baixo, uma vista perfeita da quadra. As luzes fortes dos refletores são desnecessárias por causa da ausência de um jogo. Posso ouvir as vozes de um jogo em especial, posso me sentir abraçada, suspensa no ar numa comemoração. Recordações que nunca mais poderei reviver.

Encosto minha testa no vidro gelado e é quase possível substituí-lo pelo arame de losangos entrelaçados. Toda vez que eu sentia o toque frio era para poder sentir o calor dos lábios do Noah.

Agora, só tenho um vazio. Nada de beijos, nada de comemorações exageradas... nada de anel no dedo simbolizando nosso amor.

Mas Noah está sempre por perto. Estamos na mesma escola, na mesma sala de aula, somos vizinhos, ele veio à festa da minha prima

...

E está aqui.

Ao meu lado.

Literalmente.

Não preciso olhar para ver seu rosto, e é impossível calar a pergunta que me fará descobrir por que tudo chegou ao fim.

— Por quê?

Essas duas palavrinhas estão entaladas na garganta há exatos quarenta e oito dias.

Viro-me para ele. Depois de perguntar, vou para casa. Essa talvez seja a única oportunidade que tenho de questioná-lo sem que alguém nos escute.

— Por que, Noah? Por que você me entregou um anel de compromisso, declarou o seu amor por mim, só pra depois querer arrancá-lo do meu dedo e sair da minha vida?

Ele vira para mim também. No entanto não há a menor vontade de me fitar olho no olho. Seus olhos até fogem dos meus e continuariam olhando para tudo, menos para mim, se não tivesse reparado brevemente o desastre que deve estar minha maquiagem.

— Eu não entendo. — Digo para preencher esse silêncio, enquanto aguardo sua resposta. — Estávamos bem, felizes, você me encontraria naquele dia à noite para namorarmos, mas apareceu do nada, apenas para terminar tudo. O pior é que me alertaram sobre isso.

Os olhos dele se abrem com um pouco de incompreensão.

— O que te alertaram?

— Que você termina do nada para ser só amigo. Se bem que... — Suspiro. — ...você não quis ser meu amigo, como das outras e acho que isso é bom. Eu não conseguiria olhar pra você como se não tivesse acontecido nada entre nós.

— Do que você está falando? Eu termino do nada? Te alertaram sobre isso?

— Por que você terminou comigo?

Noah fecha os olhos. Inspira lentamente e solta o ar ainda mais devagar. E me encara com os olhos indecifráveis que eu já tinha até me esquecido que eram assim.

E, mesmo assim, expressam dor. Muita dor.

Uma dor que faz tremer todos os meus ossos e um arrepio frio vindo do meu âmagô me faz me abraçar.

— Eu vou embora. É. É isso. — As palavras dele saem atropeladas. — Eu descobri aquele dia que eu ia embora, meu pai decidiu que vou para os Estados Unidos no fim do ano.

Ele ofega após sua breve justificativa, mirando meus olhos, até desviar o olhar para a longe e completar:

— Seria melhor terminar ao invés de levar nosso namoro adiante e aumentar o nosso sofrimento com o fim.

Não pode ser!

— Vamos, Bia.

Desvio o olhar de Noah para encontrar minha tia parada recostada na parede, como se também estivesse à espera da resposta dele.

E quem não está atrás de uma justificativa para o fim abrupto e cruel que ele impôs ao nosso namoro?

— Vamos, tia.

Saio de perto dele, antes que eu perca a minha dignidade perguntando o que ele veio fazer aqui. Antes de dizer para ele que ainda o amo. Antes de implorar para que ele mude de ideia e me aceite de volta. Antes de me humilhar na frente da minha tia e quem mais resolver sair de dentro do salão.

Para mim, só resta ir para casa. Chegando lá, vejo o receio de tia Talita me deixar sozinha, mas ela tem a festa da filha e tento tranquilizá-la de todas as formas que posso, avisando que apenas tomarei um banho e depois dormirei.

— Eu estou bem, tia. Estou bem. Vou ficar com o celular por perto.

Ela respira fundo e acaricia meu cabelo.

— Talvez tenha sido melhor agora, embora eu nunca vá perdôá-lo por fazer você sofrer tanto.

Há pessoas que talvez não tenham vindo ao mundo para serem felizes. Pessoas que

devem pagar por algum erro na vida passada, algo estúpido, cruel, mesquinho e ordinário que precisa ser vingado para obter a redenção da alma. Tenho certeza que eu sou uma delas.

A dor das palavras do Noah não sai de mim com o banho. A água não lava as palavras da minha mãe.

Noah vai embora. Nada mais parece fazer sentido.

A última coisa que eu pretendia era passar a tarde fora de casa. Queria ficar no meu cantinho, ouvindo minhas músicas, estudando, enfim, sendo aquela garota antissocial que minha mãe tanto sonhou que eu fosse. Um espelho dela.

Mas Dra. Júlia apareceu na casa onde vivo, acompanhada do cara com quem vive e da minha avó. Até aí, tudo bem. *Seria apenas um almoço.* Depois, eu poderia voltar ao meu casulo e me sentir protegida longe deles. Um plano simples, se Dona Eulália não resolvesse invadir meu quarto após passar o almoço inteiro dando razão à filha, reafirmando que eu errei, que eles me tiraram do meio dos problemas, mas que meu erro ainda causa muitos transtornos à reputação da minha mãe, até então era imaculada, e que devo compreender o ressentimento que todos sentem.

Dá para entender por que Júlia e Diego são duas pessoas frias só de olhar para minha avó. O temperamento dos três é bem parecido, embora minha mãe seja a única explosiva. Minha avó sempre sonhou que minha mãe fosse médica e acho que é só por isso que ela fez a faculdade e se tornou um expoente na sua área. Ironicamente era a única coisa que minha mãe não me obrigava. Aliás, até me desmotivava a seguir sua carreira.

Ela e meu pai. Os dois se conheceram ainda na faculdade, cresceram juntos na profissão, eram um casal perfeito com uma filha perfeita. Até eu via nossa família assim, e a notícia do divórcio me deixou sem chão, assim como a todos. Todo o mundo perfeito que eu conhecia estava desmoronando e foi fácil começar a cometer erros. Erros idiotas. Bobos demais quando paro para pensar na vida que tenho hoje. *Nem eram para ser erros.* Mas aquela garota que estava prestes a completar catorze anos se viu um pouco mais livre quando seus pais passaram a se preocupar mais com o que acontecia fora daquela casa do que dentro, e achou que tudo que era errado era também muito incrível. A adrenalina corria nas minhas veias só por eu ter um namorado escondido. Até que eu realmente *errei*.

Então, quando minha avó invadiu a minha privacidade, eu saí. Disse-lhe que encontraria uma amiga para estudar, peguei uma bolsa, coloquei meu diário dentro, o celular. Aproveitei que já estava um pouco mais arrumada para não aturar demais a cara de desgosto de Dra. Júlia e saí, sem me despedir.

E ainda posso escutar minha avó perguntando por que tenho um diário, uma pergunta replicada por *todos* dentro daquela casa, exceto tia Talita que já tinha conhecimento. Para tio Diego não fazia a menor diferença. Júlia e Eulália estranharam, pois nunca fui de escrever e esse diário é a prova disso; Claudia desdenhou e Ulisses, o cara que mora com a minha mãe, ficou lívido.

Apoio meus braços na mesa de cimento que escolhi para sentar e tento me desligar do que me cerca, sentindo apenas a brisa fresca me envolver, enquanto minha vida parece tão sem sentido.

Seria muito fácil desistir de tudo. Não farei falta a ninguém.

Mas se estou aqui hoje, é porque *eu quero viver*.

Por que é tão difícil ser feliz? Por algumas semanas pareceu tão fácil...

Quero esquecer todos eles. No dia que eu não precisar mais de ninguém, sumirei no mundo. Talvez esse seja o meu destino: me reencontrar em outra vida no futuro. Não há absolutamente nada que me prenda ao *meu eu* de agora, assim como não havia nada no *meu eu* anterior.

Ainda mais agora que Noah vai embora pra nunca mais voltar.

E nem adianta eu voltar com os planos de tentar ir para a mesma faculdade que ele, pois é óbvio que ele não me quer mais.

O que ele contou ontem não era para fazer a menor diferença na minha vida, porém a dor só aumenta. Uma dor inexplicável, que me sufoca e me faz encarar um dia mais insuportável que o outro.

Escuto folhas secas esmagadas por passos de alguém que com certeza se aproxima de mim. Viro a cabeça para minha direita e vejo Caíque. Ele está sério, me observando e é por isso que me endireito, pois ele só pode estar vindo falar comigo. Antes de qualquer palavra, ele se senta no banco de frente para mim.

— E aí?

— E aí? — Devolvo.

— Você tem raiva de mim?

Respiro fundo enquanto penso se devo ou não responder sua pergunta com algo maior que um monossílabo negativo.

— Você errou com ela, não comigo. Bem, errou comigo quando me chamou de mentirosa para se safar. E odiei quando você disse que só não *faria algo* comigo por eu ser namorada do Noah. O que tem pra dizer agora?

Ele baixa o olhar e quero acreditar que o que vejo como culpa em seu olhar é realmente verdadeiro, e que ele se envergonha por ter me colocado como a bruxa da história.

Se bem que somente a Adriana atualmente acha que sou uma bruxa.

— Você faz falta na vida da Dri.

— Ah, faço? — Desdenho com uma risada cínica. — Vai me dizer que ela pediu pra você vir conversar comigo?

Ele torce a boca. — *Nah!*

— Eu só queria entender por que você a trai. *Caramba!* Você sai com as amigas dela, com a escola, com o condomínio inteiro!

— Menos com você. — Ele diz olhando nos meus olhos.

Agarro tão forte a mesa que sinto meus dedos arranharem contra a aspereza do cimento.

— Calma! — Ele ergue os braços, rendido. — Não vim aqui pra isso. Sei que você não quer.

— O que você quer aqui, Caíque?

— Só conversar.

— Então, me diga: por que você trai a Adriana?

Ele encolhe os ombros. — Eu nem estava a fim, Bia. Eu estava a fim de você, mas percebi que você estava toda derretida pelo Noah, Ele só precisava estalar os dedos pra você correr pra ele.

Mereci essa. *Eu era muito óbvia.*

— Aí, vi que ele estava determinado a sair com você, e fiquei lá naquela praça sem nada pra fazer. Pra variar, resolvi pegar a garota que estava dando mole pra mim, uma que Noah ainda não tinha traçado.

Suspiro um pouco irritada. — Você a pediu em namoro naquele dia.

— Achei que você e o Noah iam ficar juntos, e talvez eu tivesse disposto a saber como é ter uma namorada. Eu namorei e ele não.

Olho nos olhos dele e tenho certeza que ele foi um cafajeste com Adriana desde o início.

— Isso não se faz!

Ele respira fundo e lentamente. — Vou terminar com ela. Já deu tudo que tinha que dar. Mesmo se você e o Noah voltarem, já estou de saco cheio.

Reviro os olhos por causa da declaração de ele estar “de saco cheio”, mas meu coração bateu forte com o que ele disse sobre eu e o Noah voltarmos.

— Você marcou um dia na agenda para terminar com ela? — Continuo a conversa sobre ele e Adriana.

Ele rola os olhos. — Mais ou menos. — Responde secamente.

— Ela vai sofrer.

— Será? — Uma pergunta, sua voz novamente seca. — Adriana é bem diferente do que eu achava. Era toda tímida, sua amiga, *na dela...* Mas ela está gostando muito de me exibir por aí. Toda hora sou marcado em fotos, vídeos, e quem convive com ela ouve exaltações que ela faz a si mesma por namorar comigo. As garotas sabem sobre mim, antes mesmo de ficarmos.

Meneio a cabeça. Sim, eu ouvia Adriana falar sobre Caíque, mas eu nunca fui de falar muito sobre Noah, então acredito agora que ela se reprimia de fazer comentários sobre o namorado.

— A droga foi ela ter inventado que viram você dando em cima de mim.

— Foi a Manuela que disse pra ela.

— Eu já nem sei mais.

É uma pena ver o declínio de Adriana sentindo meus pés e mãos atados. Mas não vou me meter nessa história de novo. Só de estar aqui com o Caíque, sei que corro um enorme risco do meu nome sair em fofocas, e eu já gastei toda minha cota de problemas dessa vida.

— Por que você disse que eu e o Noah voltaremos?

Ele ri. — Tenho meus motivos. E... porque ele está olhando agora pra gente como se fosse me matar.

Olho para trás e vejo que Noah se aproxima numa marcha.

— Caíque, preciso falar com você. — Exige com a voz denotando sua irritação.

— Tenho coisa melhor pra fazer e você também. E veja se vocês se resolvem logo, pois *cê tá muito chato*.

Escuto estalos dos tapas que Caíque deu no ombro do Noah. Ele me encara brevemente. Logo vai embora. Sem dizer uma palavra. Sem me dar um sorriso.

Sem ser o Noah apaixonado por mim.

Os ônibus executivos circundam a praça antes de parar no ponto destinado aos ônibus do condomínio. As portas são abertas e de dentro saem jogadores, os torcedores, os familiares, os professores. A taça está nas mãos do Professor Getúlio.

Primeiro lugar no Campeonato Estadual de Vôlei.

Eles merecem!

Sonhei tanto com esse dia, rezei tanto pela vitória, que eu não podia deixar de ver pelo menos o retorno deles ao condomínio. O primeiro a sair é Caíque, depois Lucca, Mateus, Renan, Leandro, Flávio, Tomás, Daniel, e, por último, Noah. E foi pelo último jogador que torci pela conquista do primeiro lugar feliz, para ficar arrasada em seguida.

Por ele, estou aqui.

Marquei com Amanda de ficarmos aqui na praça, e até aprendi um pouco de sueca para passar o tempo enquanto estamos na companhia de Artur e Ricardinho. Fui uma péssima parceira e eles resolveram a cada cara de gato revezar quem seria o perdedor da vez como minha dupla.

Os jogadores já estão cercados pelas pessoas que estavam nos outros ônibus, e algumas que estavam aqui na praça apenas os aguardando. Estão felizes. Muito felizes.

Vejo Aaron abraçar o irmão, um abraço forte e honesto, com tapas abafados cujos sons ficaram perdidos no imenso espaço que nos separa.

O time feminino também está perto deles. Foram com os rapazes hoje para dar apoio, e acho que estava em alguma espécie de contrato que precisariam cumprir esse protocolo, mesmo que eliminadas. O time feminino não passou da primeira fase. Estão animadas, mas acho que sentem a ausência do peso da medalha no peito.

Uma medalha que Noah beija, antes que seu olhar se perca na multidão. Seu sorriso diminui pouco a pouco, enquanto olha de um lado para o outro.

Olhos que param apenas quando fixam exatamente onde estou.

Faço um aceno com a cabeça para ele com um sorriso fraco e fechado. Nem sei se percebeu o gesto por causa da nossa distância.

Se ele me chamasse, eu levantaria na hora, mesmo que fosse uma leitura labial.

Mas não me chama. Não vem até aqui.

Eu já vi tudo que eu tinha que ver.

— Já vou pra casa. A gente se fala depois.

Minha voz embargada denuncia que é melhor mesmo eu ir e ninguém contesta. Mariana, que estava nos assistindo, assume o meu lugar.

Ficar aqui não fará bem ao meu coração, nem muita diferença, pois eles seguirão para o colégio, para a festa montada para os campeões.

Saio da praça e o caminho que tomo é o que me aproxima da aglomeração. As poucas pessoas com quem cruzo o olhar claramente especulam se vou falar com Noah.

Não, não vou.

Mas, ao chegar à Vila Azul, não consigo entrar em casa. Minhas pernas não conseguem seguir em frente, se os passos que preciso dar são até a porta. Responder à vontade do meu corpo, de ir até a casa do Noah e esperar por ele é humilhante demais. Ao que olho para o final da rua, sei exatamente para onde devo ir.

A rua está vazia e conto com a sorte de não ser vista. Logo estou naquela casa inabitada. A janela não foi fechada direito, o que indica que ele voltou aqui depois que terminamos. Abro-a devagar. Entro e tento não fraquejar com a inundação de lembranças que tenta me afogar.

Era o cantinho dele, que virou nosso, e voltou a ser só dele.

Caminho lentamente para os passos não fazerem eco e alertar alguém do lado de fora. Um pouco impossível visto que a casa habitada mais próxima é a do próprio Noah, e quem está lá agora dificilmente vai buscar saber se há novos vizinhos ou um invasor aqui.

Subo as escadas e logo estou no último pavimento.

Noah esteve aqui, sem sombra de dúvidas. E acrescentou um colchonete furreca à sua coleção de objetos para ficar aqui com um pouquinho de conforto. Sento-me nesse acolchoado sem sentir muita diferença do que sentar no chão. No entanto, quando deito a

cabeça, sou envolvida pelo cheiro incrível do perfume de Noah.

Inspiro o lençol dobrado onde está minha cabeça, outro item que me presenteia com a melhor fragrância do mundo.

As lágrimas se formam lentamente e não tenho razão para segurá-las, sozinha nesse lugar. Ninguém aparecerá tão cedo para eu esconder que não estou feliz, que não estou bem. A única forma que sou eu mesma é quando deixo as lágrimas caírem.

Talvez eu devesse não deitar, não deixar rastro da minha presença aqui.

Talvez eu queira deixar evidente de todas as formas que eu estive aqui.

Para que Noah sinta minha falta.

Eu sinto muita falta dele.

Antes sentia apenas medo. A dor que atingia meu peito era pelo pânico de alguém que me conhecia do outro colégio me achar e eu ter que fugir de novo. Chega a ser um absurdo tudo o que eu passei ser reduzido a quase nada se comparado à dor por eu e o Noah não estarmos mais juntos.

A dor no corpo é igual. As recordações dos momentos maravilhosos que tivemos juntos surgem a todo instante e são interrompidas pelo seu olhar colérico e desolado que devastou meu coração e minha alma.

Tremo. Ofego. Choro. Soluços irrompem do meu peito e só quero esquecer de tudo.

Faz tempo que não tenho uma crise capaz de me desligar do mundo por ser soterrada pelas recordações daqueles dias que eu não conseguia encarar ninguém, pois encontraria olhares de chacota, deboche, humilhação e, raramente, um pouco de pena.

Daqui a duas semanas recomeçam as aulas, e não sei se voltarei a ser tomada por aquela angústia. Eu espero que não.

Minha vida se tornou uma rotina de recordações. Garanto que quem inventou a expressão recordar é viver não previu meu caso. Se fosse pela minha memória, eu já teria desistido há muito tempo.

Olho para o céu, e encontro a primeira estrela desse início de noite. Era um dos motivos que ele vinha para cá: para pegar o binóculo e observá-las. Os pontos raramente cintilam sozinhos no céu. Com a lente potente, mesmo sem ser a de uma luneta ou de um telescópio, é possível ver muito mais.

Sento-me e pego o binóculo ao meu lado. Tiro a proteção das lentes, para observar o que há perto daquela estrela. Então, percebo que tenho que parar de pensar nela como estrela, pois se trata de um planeta.

Para mim, a estrela brilhante, conhecida como Estrela D'Alva, era sempre Vênus. *Aprendi errado.* Nem sempre é o nosso planeta vizinho. Mas ainda não sei se se trata de Vênus ou Júpiter. Honestamente só sei distinguir qual o mais brilhante quando vejo os dois planetas no céu.

Outras coisas simples, que muitos consideram sem importância, aparecem como

flashes... *flashbacks bem grandes*. Como quando Noah dizia que sempre que pensa, ouve, fala ou é perguntado sobre alguma direção, ele primeiro pensa nos pontos cardeais, mas que aqui no Brasil nunca os verbaliza. “É mais fácil de não se perder, se você seguir o sol”, ele disse certa vez. “Os pontos cardeais nunca mudam, são mais confiáveis para se encontrar o caminho, voltar de onde veio”.

E eu apenas sorri fazendo uma concordância fraca. Não concordei.

A melhor saída nem sempre é regressar ao ponto de partida.

A não ser que Noah queira voltar para mim. Meu sorriso, assim como minha concordância seriam verdadeiros.

Suspiro, antes de voltar a fitar o céu com o binóculo na direção da não-estrela brilhante.

— Júpiter. — A voz seca penetra em mim, e, mesmo que tenha sido baixa, reverbera por todo meu corpo.

Imediatamente endireito minha coluna quando a rigidez toma conta do meu corpo. Sorriria, com certeza sorriria, se não me sentisse uma intrusa em seu reduto secreto de paz.

Não escutei seus passos pela casa, mas agora, totalmente ciente de sua presença aqui, ouço sua aproximação. Olho de relance quando se senta ao meu lado. Já não está mais com o uniforme. Usa moletom cinza mescla nas pernas e uma camiseta azul-escura (ou outra cor escura, pois estamos cercados pelo breu).

Passo-lhe o binóculo enrijecendo o braço para que não perceba meu tremor. Ele o pega e mira o ponto brilhante à nossa frente.

Olho para o horizonte, e contemplo as luzes da cidade distantes demais, enquanto espero alguma ação vinda do garoto lindo ao meu lado.

— Você veio direto pra cá?

Viro a cabeça para o lado. Noah ainda fita o céu. Seu perfil é lindo, os traços do seu rosto são fortes... *Eu amo sua face!* Volto meu olhar para baixo, para minhas mãos e cutuco os cantos, empurrando o esmalte que começou a descascar. Controlo-me para apenas responder à sua pergunta.

— Vim. — Respondo baixinho.

— Imaginei o dia de hoje completamente diferente.

— Eu também.

— Imaginei perder, imaginei não chegar à final, *imaginei a vitória*, e em todas as possibilidades do resultado, imaginei nós dois aqui após a partida. — Ele desce o binóculo e respira fundo. — Cheguei a sonhar essa noite com o que eu gostaria que fosse esse dia. A vitória... você me beijando e me dando parabéns... nós dois... *juntos*.

Ele respira fundo. Quando puxa o ar novamente para os pulmões, escuto o som entrecortado de sua respiração.

Ele está chorando?

— Eu quase não vim.

Engulo em seco. *Sim, ele está chorando.*

— Fiquei com medo de não te encontrar aqui, mesmo sabendo que você vir pra cá era irreal demais.

Crio coragem e estico o braço em direção a ele. Toco o tecido da sua calça com a palma da mão. O medo de ele me rejeitar é poderoso e tremo por completo. Ao repousar minha mão na sua perna, sinto os músculos bem torneados ainda relaxado. A mão dele segura a minha e entrelaçamos nossos dedos. O polegar imediatamente acarinha preguiçosamente o pedaço que toca. Há ações que fazemos apenas por instinto, como respirar. Esse toque que o Noah faz em mim é totalmente impulsivo, acho que ele nem se dá conta.

— Não tem mesmo como você ficar? — Pergunto num fio de voz.

— Não. — Seu tom é seco e definitivo.

— Voltarmos a namorar tornará tudo mais difícil?

A respiração dele encurta e fica ainda mais audível no silêncio absoluto onde nos encontramos.

— Sim. — Sussurra.

Não há uma doença incurável e terminal para nos afastar, mas, mesmo assim, dói. Eu o amo. Amo demais. E não podemos ficar juntos. Então há a morte. A morte do nosso relacionamento. Uma morte indesejada e cruel.

— Noah?

Espero que ele me encare. Uma lágrima melancólica brilha lindamente na escuridão. Uma gota de cristal triste e dolorosa.

— Quero que você seja feliz. Que você encontre alguém lá que te faça feliz.

Alguém que não tenha um passado obscuro como o meu.

Tiro minha mão da dele, para apoiar no colchão e me levantar. Noah é mais rápido do que eu, e estende a mão para me ajudar a ficar de pé.

— Obrigada.

Com um passo à frente, ele invade meu espaço. Prendo a respiração, quando suas mãos alcançam minha cintura. No mesmo instante, ergo o rosto e novamente estou de frente para seus lábios entreabertos, nossas respirações estão misturadas. Engolimos em seco quase ao mesmo tempo.

Seu nariz toca o meu, e é tão fácil fechar os olhos e deixar a saudade me dominar, que inclino um pouco mais a cabeça com os lábios partidos.

Um último beijo.

É quando seus lábios resvalam os meus que eu decido que não quero esse último

beijo. Volto meu rosto para baixo e para o lado.

Suas mãos apertam um pouco mais minha cintura, um pedido silencioso para que eu o encare. Mesmo na escuridão, consigo ver suas íris dançarem.

— Um último beijo?

Sua testa franze com a minha pergunta. Não há resposta verbalizada, mas eu sei qual é.

Dou um passo para trás e suas mãos deslizam flácidas pelo meu corpo até apontarem para o chão ao lado do corpo dele.

— Eu não posso, Noah. — Digo com a voz embargada pelo choro que consegui conter o tempo todo que ele está aqui. — Não posso. — Repito baixinho. — Vou me arrepender assim que acabar de dizer o que preciso... Deus! Eu já me arrependo de negar um beijo! — Exclamo quando a dor se apossa de mim. — Mas eu não sobreviverei a mais um *hoje*, a mais um *agora*.

Afasto-me mais, limpando as lágrimas. O choro dele é ainda mais alto.

— Eu passaria todos os dias ao seu lado, mesmo sabendo que um mundo de dor desabaria sobre mim quando partisse, mas beijar você hoje, sentir você como meu namorado mais uma vez, para depois tornar a vê-lo me tratar como uma desconhecida, será demais pro meu coração.

Escuto o som gutural do seu choro. É um garoto num corpo de homem, tratado como adulto. Dezesseis anos, alto demais, com a responsabilidade de liderar um time e se preocupar constantemente com a mãe e mesmo assim não tem qualquer controle sobre a sua vida.

Dizem que os rapazes amadurecem bem depois das garotas. Noah teve que fugir à regra. É severamente cobrado em casa, na escola. Todos se apoiam nele. Não lhe dão o direito de simplesmente acordar se sentindo mal.

Volto aquele passo que eu dei e é a minha vez de envolver sua cintura, só que num abraço apertado.

Ele aceita. Abraça-me de volta. Apertado. Treme. Soluça.

— Eu te prometo um último beijo. — Seu corpo todo endurece. Aperta-me com mais força. — Um beijo, Noah, no seu último dia aqui. Quantos beijos você quiser nesse dia e no que o anteceder.

Desço minhas mãos pelo seu corpo e dou a entender que preciso afastar nossos corpos novamente.

— Se até lá você não ficar com mais ninguém. — Pisco devagar. — Ou seu último beijo aqui não será o meu.

Ele assente, com os olhos cheios de dor. — Sim.

Então, *corro* para longe dele. Se eu continuar aqui mais um segundo, mudarei de ideia. Não importa agora que meus passos ecoem nessa casa vazia, só preciso sair daqui

antes de me atirar em seus braços.

Passo pela janela e só nesse momento que eu paro.

Ainda posso ouvir o choro do Noah. O eco do meu sofrimento ecoando pela casa sem ser impedido por pavimentos e paredes.

É ouvindo meu coração se partir em mais um pedaço que fecho a janela.

Eu já disse a ele tudo o que eu tinha que dizer. É ele quem tem que vir atrás de mim.

Ando até a parte da frente da casa, embora ainda precise de um tempinho para me recuperar antes de aparecer chorosa na rua. Estou chegando perto dos arbustos quando escuto uma porta bater. Da casa da frente.

Da casa da Adriana.

— Caíque, por favor! Vamos conversar!

— Eu já disse tudo o que eu tinha que dizer. Não dá Adriana! Nesse semestre vou focar no campeonato nacional.

— Eu estive ao seu lado durante o último campeonato. Eu te ajudei e você foi campeão. Posso te ajudar de novo. E você também vai estar ao meu lado para conseguirmos fazer o time feminino vencer!

— Não me leve a mal, Adriana, mas você não saiu do banco de reserva.

— Eu joguei sim!

— Rá! Jogou! Dois minutos e virou o alvo do time adversário.

— Eu estava nervosa.

— Ah, sim! E as outras garotas não estavam? Aguentaram seu *piti* de ter que esperar alguns minutinhos para voltar a jogar de novo! Você praticamente abandonou o time. Ninguém podia contar com você! Mas não é por isso que eu não quero mais. Esse é um problema seu com o professor, com as outras garotas.

— Caíque... *por quê?*

— Porque eu não quero mais. Eu... eu não gosto tanto assim de você. Sinto muito.

— Eu te amo! Eu me entreguei pra você!

— Eu nunca te pedi nada.

Eu já esperava um retorno às aulas difícil desde antes de entrarmos nas férias de julho. Eu teria que me acostumar de novo a ver o Noah todos os dias e ignorá-lo, teria que ouvir sua voz e fingir que ela não mexe comigo, teria que sobreviver pelos próximos meses ao medo de o passado retornar a destruir minha vida.

Mas esses dias foram suficientes para eu acrescentar outros problemas, como se minha vida fosse apenas isso: um somatório de problemas.

Está muito mais difícil ignorar Noah após o nosso *não-beijo*. Ainda tenho vontade de voltar àquela casa e esperar por ele, para nos beijarmos mais uma vez. Acho que é assim que os viciados se sentem: só mais uma vez e depois nunca mais.

Mas há a promessa de um beijo futuro.

Há a promessa de vários beijos no futuro.

Até que a viagem dele nos separe para sempre.

Minhas angústias deveriam terminar aqui. Só que, como eu disse, minha vida é um somatório de problemas.

A começar por um que reside na casa onde vivo: Claudia. Minha prima sempre foi um problema desde que cheguei. E ela conseguiu ficar pior: ela está namorando Caíque. Nada oficial, mas os dois não se desgrudam.

Esqueçam toda aquela bobagem de que ele nunca ficaria com ela. Depois de ter passado praticamente todo o primeiro semestre namorando, ele não se importou de sair com a minha prima uma, duas, três, e sabe lá quantas vezes mais. Só não é um namoro, pois nenhum dos dois admite. Então, para mim, esse relacionamento serve para ele não ficar com Adriana implorando para voltar, e para Claudia perturbar a cabeça dele para Noah voltar com Natasha.

E tenho sérios motivos para pensar assim.

Adriana não se conforma com o término. Só deu uma acalmada quando Caíque ficou de novo *e de novo* com a Claudia. *Ah!* Não posso esquecer de mencionar que Patrícia achou que eles ficariam juntos e esse é mais um motivo para ele ter se fixado com alguém. *Ah!* Tem também Dalila, Manuela, Erica, Maiana, e tantas outras garotas que revelaram ter ficado com ele.

Para Claudia, além de finalmente ficar com o rapaz que ela sempre esteve a fim, estar com Caíque é mais uma forma de ajudar Natasha a ficar com Noah. E é só por isso que o namoro dos dois é inconveniente demais para mim.

E se alguém pergunta se eu vou falar com Adriana, saber se precisa um ombro amigo, digo que não. Ela infernizou meu namoro com a sua amiga. Quando eu e o Noah terminamos, fez de tudo para que ele reconsiderasse a proposta de ser um maldito príncipe, inclusive levava a amiga para passeios a três na tentativa de fazer a quatro. Noah não ia, pelo que entendi.

Fora que Adriana me culpa por Claudia e Caíque estarem juntos. Quanto à Dalila e Manuela terem ficado com Caíque, traindo a amizade delas, as “falsianas” disseram que foram seduzidas.

Em nome daquela amizade curta, porém sincera da minha parte, torço para que ela não se machuque mais com aquelas duas. E só. Adriana é uma serpente tanto quanto as outras.

Fui criada para não acreditar em ilusões. Quando contrariei a razão e até meus instintos, me ferrei muito feio. Não haverá mais Dri ou Drica.

Termina mais uma aula de Educação Física. Mais um treino de vôlei. Todos já se conhecem, há mais um campeonato nas costas de alguns. Os jogos são praticamente com as mesmas pessoas, e eu estou na seleção para o campeonato. É isso ou alternar entre as aulas de basquete, gincanas, futebol ou ginástica. Por essa razão, topei ficar na equipe auxiliar.

Passo no vestiário apenas para pegar minha mochila. Fui uma das últimas a ir para lá, para evitar as caras feias e as piadas sobre mim.

— Oi, Beatriz. Vamos ali na arquibancada? — O professor pede.

E já sei o que ele quer. Ajeito a mochila nas costas. Meu desconforto é evidente.

— Não vou disputar o campeonato. Só ajudo na preparação. — Aviso.

Ele suspira. — Você tanto potencial!

— Eu gosto do vôlei como lazer. Gosto de me distrair jogando. Tem garotas que sonham jogar profissionalmente. Eu não.

A professora se aproxima e é mais uma a tentar me convencer. Quando os alunos saem dos vestiários, decido finalizar a conversa que só me faz mal.

— Eu preciso ir embora.

— Pense com carinho. — Rose insiste.

— Essa insistência já me tirou do curso de vôlei.

Ela suspira derrotada. — Tudo bem.

Saio do colégio com a esperança de que esse assunto tenha morrido de vez. Ainda há bastante gente na praça. Nada atípico, muitos retardam suas idas para casa, embora as aulas de Educação Física deixem todos famintos.

— E aí? Vai entrar pro time dessa vez? — Caíque pergunta pra mim.

Claudia está na frente dele, envolta em seus braços. Ainda não habituei a essa cena. É menos compreensível ainda ver Adriana no meio deles, conversando com Dalila e Manuela, como se tudo fosse *normal*.

O que talvez Adriana não tenha percebido é que “dessa vez” remete a vez que eu o flagrei com outra e contei para ela a traição.

— Vou ajudar no preparo.

Tento ignorar o olhar de Noah para mim. Fui forte lá no colégio e aqui na praça. *Até agora*. Não nos falamos desde a vitória deles. Não nos olhamos nos olhos desde aquela noite.

Todavia, no breve instante que o vi aqui na praça, encontrei-o sentado no encosto do banco. *Ao lado da Nath*. E ele olha nos olhos da Nath, conversa com a Nath, respira o mesmo ar que o da Natasha. Fica difícil controlar o desejo de voar em cima dela e gritar que ele é meu namorado. E é só por causa de um absurdo como esse escapar, que evito até respirar mais forte.

— Ainda bem. — Janaína, uma das garotas do terceiro ano que participou do campeonato fala. — Só faltava outro encosto no time feminino pra dar um chique na “hora do vamos ver”.

A mensagem é entregue à destinatária com sucesso.

Adriana se levanta logo após ouvir a “indireta”, e se aproxima da ex-companheira de equipe com o dedo em riste.

— Eu senti uma fígada e o professor resolveu não me escalar mais.

— *Rá!* Conta outra!

— Não preciso me justificar pra você!

— Nem pra ninguém! Quem vai apostar num novo... *numa nova fígada?*

— Ei, ei! — Daniel intervém. — Chega! Já acabou o campeonato, o professor vai escalar quem ele quiser. A derrota não foi de apenas uma!

É melhor mesmo acabar de vez com essa discussão calorosa e sem sentido. Bem, pra mim, não faz diferença continuar aqui. Sigo meu caminho.

— Ninguém fez esse estardalhaço quando o Noah literalmente abandonou o campeonato ano passado. — Lucca põe lenha na fogueira.

— Chega! — Daniel engrossa a voz.

— E é uma pena você não entrar pro time. — Lucca fala pra mim em uníssono. — E você é um baba-ovo desse aí!

Noah desce do banco e com dois passos já está aqui.

É o que me faz parar. Seu rosto está vermelho. Colérico.

— Dá pra você parar de ser imbecil!

— Eu, um imbecil? Ano passado foi a mesma coisa: chegou ao colégio cheio de moral, ganhou o estadual e amarelou no nacional. Tirou o lugar de quem poderia fazer diferença.

— *Rá-rá!* — O rosto do Noah é uma das melhores representações de escárnio que já vi. — Que tal *você* lutar pelo seu lugar no time ao invés de ficar praticamente implorando para que eu desista? O que aconteceu ano passado não se repetirá!

— Ele quer pilhar você! — Caíque para na frente do Noah com as mãos prontas para segurá-lo.

Noah recua alguns passos e solta tantos palavrões que a praça inteira o observa em choque!

— Se eu te ver mais uma vez perto da Beatriz mais uma vez, eu acabo com a sua raça!

Lucca ri de deboche. — Ué? Você estava agora batendo papo com a Nath. Achei que você tivesse tirado a Bia do seu harém!

Mais impróprios. Mais uma tentativa de avançar e dessa vez Caíque precisa contê-lo de verdade. Daniel precisa segurá-lo também.

A gritaria não me faz nada bem. Meu estômago revira. Preciso sair daqui.

— Bia, vai com o Noah pra casa. — Caíque fala com urgência. — Vá, Noah. Vá com ela.

— Se você quiser alguém que não vai ficar te enrolando, estou aqui. — Lucca pisca pra mim. — Ele já namorou você! Não vai voltar! Nath já vai pra dois anos nessa palhaçada que ele faz com as ex-namoradas! Ainda bem que Tati se mancou e partiu pra outra.

Noah consegue se soltar, mas só anda poucos passos. Escuto a camisa do colégio rasgar com a força que fazem para segurá-lo. Lucca, por sua vez, dá um tapa no próprio rosto e o incita mais.

— Vamos, Caíque! Vamos, Nath, Noah! Vamos pra casa. — Claudia pede e é a primeira vez que parece preocupada.

— Pare de perturbar o Noah por causa da Nath! — Caíque explode. — Chega! Nem eu aguento mais! Bia! Daniel, vá com os dois.

Dou um passo à frente exausta também com essa discussão, com o estado do Noah, com a minha prima insistindo que Natasha pule no colo dele. Acho que nem se eu não quisesse nada com o Noah, também já estaria de saco cheio com essa necessidade de empurrar a Natasha para cima dele a qualquer custo.

Será que ela não percebe o tamanho do problema?

Esse passo que dei, fez Noah olhar para mim.

— Vamos, Noah.

Ele me olha de um jeito estranho. Está tão tenso que seu corpo treme.

Sou atingida por um medo avassalador por ele me desprezar, por ele falar que volta com a *Nath*... por ele dizer que já quebrou a promessa, e já ficou com ela e com outras.

— Você pode ficar, Daniel. *Eu tô bem*.

Ele precisa repetir que está bem mais duas vezes, antes de o soltarem. Aproximo-me mais, com medo de ele falar que prefere ir sozinho, mas é só eu estar ao seu lado que ele se vira na direção da Vila Azul e nós andamos lado a lado.

Alguns passos adiante, ele tira a camisa e a joga no chão com tanta raiva que eu pulo de susto. Depois, a pega e a joga na lixeira que está no caminho.

— Aquele idiota não perde uma oportunidade de tentar se esfregar em você. — Ele rosna após passarmos a cancela. Sua raiva ainda é palpável.

Não devo provocá-lo, mas não consigo ficar quieta.

— Ah, mas você pode ficar de papo com a Natasha, que tudo bem.

— Não quero nada com a Natasha.

Bufo. — Ah, não? Mas ela é louca por você, fica o tempo todo na sua cola, estava sentadinha do seu lado na festa da Claudia, agora na praça e onde mais surgir oportunidade!

Nós paramos com a necessidade de olharmos um para o outro nessa discussão. Infelizmente estamos na frente da casa da piriguete.

— Eu não volto atrás no que eu disse. Se você não quiser mais nada comigo, não quiser que eu olhe para a sua cara novamente, é só você dar uma chance a ela ou qualquer outra garota.

Após falar isso, tremo com medo das suas palavras.

Não estou preparada para ouvir que ele não sabe se ficará esse tempo todo sozinho.

Não estou preparada para ouvir a confirmação de que ele já saiu com alguém depois da promessa.

Não estou preparada para ouvir que ele já saiu com a *Nath* após me prometer que nos beijaríamos apenas no dia anterior e o derradeiro de sua despedida.

E estou menos preparada para a acusação que escuto.

— E você? *Você* não prometeu droga nenhuma! Vai ficar me esperando também ou não devo considerar você ficar com outras pessoas, *com o Lucca*, como uma quebra do nosso acordo?

— Eu, Noah? Quando que você me viu dar atenção ao Lucca ou qualquer outro garoto? Não inverta a situação, que é você quem dá margem para pensarem que está livre!

— Será mesmo que não devo me preocupar? — Pergunta olhando em meus olhos.

Vejo um desespero tão grande que ele nem precisava agarrar o cabelo como se quisesse arrancá-lo. Pior foi o arrepio que senti com sua pergunta, palavras cruéis ditas como se eu realmente desse motivo para ele se preocupar.

Desvio o olhar, sentindo tanta coisa... Estou decepcionada por ele duvidar de mim; com medo do que vi nos seus olhos...

Noah me disse que vai embora e não quer alimentar nosso amor para não sofrermos depois.

Mas... e se... e se tiver outro motivo?

Ah, Deus! Eu Vos imploro, por favor, não!

— Você não me respondeu. — Sua voz soa seca e amargurada. Um fel.

— Não. — Digo baixinho com raiva dessa pergunta e por ter que desfazer qualquer dúvida. — Eu não quero ficar com ninguém, Noah. Com mais ninguém que não seja você.

E quando volto a olhar em seus olhos, preciso fazer uma parada antes nos ombros. Estão tingidos de vermelho com a força que Caíque e Daniel fizeram para contê-lo.

— Ai, meu Deus! Você está machucado.

— Isso não é nada. — Ele cospe as palavras com raiva. — Fique longe do Lucca.

Dita essa ordem e parte a passos largos. Demoro um bom tempo para conseguir me mover em direção à minha casa, assustada demais com o que vi em seu último olhar.

Coincidências acontecem e algumas são infelizes demais para pensarmos que são meramente inconvenientes.

Combinei com Amanda e Artur de fazermos o trabalho de Literatura na casa do Ricardo, para fugirmos da comemoração dos selecionados para o time de vôlei que tomaria conta da praça. O problema é que todos resolveram comemorar no prédio para onde viemos, que, por coincidência, é o mesmo do Caíque.

É uma coincidência inconveniente ou infeliz mesmo?

Se não fosse um trabalho que preciso fazer em grupo, não viria nunca para cá. Ficaria na paz e segurança do meu lar.

Há exatamente nove dias evito Noah. Já o evitava antes, mas agora eu simplesmente não consigo olhar nos olhos dele com receio de confirmar o que tanto temo. Acho que assim crio apenas uma ilusão, mas se *ele realmente souber* sou capaz de me matar.

E se ele soube, daqui a pouco outras pessoas também terão conhecimento. Isso se já não viram tudo, e falam as piores ofensas pelas minhas costas.

— Vai ficar na comemoração ou vamos pra casa? — Artur pergunta.

Só estamos eu e ele aqui embaixo. Quando saímos da casa de Ricardo, o anfitrião ficou por lá, Amanda parou noutro andar para falar com uma amiga. E, respondendo à pergunta dele, estou mais para ficar *aqui* escondida até a reuniãozona acabar do que ter que passar por nossos colegas.

Olho para a aglomeração de rostos conhecidos, mas sei que assim que eu me aproximar, talvez todos eles fiquem desfocados, como se eu estivesse no meio de uma plateia cercada de estranhos.

Há sensações que nunca mudam.

Ainda mais por eu estar... *de novo*... sozinha.

Respiro fundo para obter um pouco de coragem.

— Vamos.

Encher o peito de ar não funciona para nada. Expirar lentamente também não. O primeiro passo sai incrivelmente lento e minhas pernas têm consistência de gelatina (de um jeito não muito bom, obviamente). Mais uma vez é o medo que me rege. Dessa vez, o de ver Noah iniciar um bate-papo com Natasha, deixa minha angústia em níveis estratosféricos. Ela está se aproximando dele, que, sem novidade alguma, está digitando alguma coisa pelo celular. *Sempre de olho no celular*. Se ela puxar assunto, ele dará atenção assim que acalmar sua mãe. Baixo a cabeça para não me torturar ainda mais ou sou capaz de vomitar na frente de todo mundo.

— Sabe o cinema? — Artur pergunta.

Durante o trabalho, ele sugeriu irmos ao cinema. Só topei porque sei que Amanda quer muito ver esse filme.

Com minhas suspeitas sobre Noah, é melhor eu ficar mais reclusa, no entanto não quero me tornar a pessoa que meus pais tanto quiseram que eu fosse, e temo Amanda não entender que é melhor eu não sair.

— Amanda tinha comentado que queria assistir quando vimos o cartaz no shopping. Se pensa em mudar o filme, é melhor você assistir com o Ricardinho outro e eu assisto com ela.

Ele dá um risinho. — Não, não quero mudar de ideia sobre o filme.

Artur para e fica de frente pra mim. Está com um rubor nas bochechas que não consigo dar um significado.

— O que foi?

— Já falei com o Ricardinho para ele não ir. Bem, se ele quiser, ele pode ir, assim como você, mas em outra sessão. É que eu gostaria de me encontrar sozinho com a Amanda lá. Vocês só precisam manter o encontro firme e forte para ela não perceber que...

Ele fica ainda mais vermelho e se cala. Eu arregalo os olhos quando entendo sua intenção.

— Você... Você quer ir o cinema sozinho com a Mandinha? — Pergunto para confirmar.

— Você acha que ela vai topa?

— Ai, meu Deus! — Minha voz sai alta e estridente.

— *Shh!!!* Se você falar muito alto, ela vai descobrir minhas intenções hoje mesmo!

Puxo-o para um canto onde há uma mureta e me recosto. Ele fica de pé me encarando.

— Me conte tudo! Você está gostando dela? Como não percebi?

Ele dá um sorriso acanhado. — Ela é incrível. Adoro conversar com ela, ficamos até altas horas trocando mensagens. Ela é divertida, amiga, sincera... às vezes, ela... ela... — Ele suspira e está na cara que está apaixonado. — ... não sei dizer... há tanto dela que eu gosto!

— Você gosta dela há muito tempo?

Artur encolhe os ombros. — Não sei desde quando eu gosto dela, quando *passei* a gostar dela. Mas tem um tempinho que eu quero conversar com a Amanda sozinho e, sei lá, estou com medo de ela não estar a fim de mim, e a nossa amizade ficar estranha.

Dou um sorriso fraco e solidário. — Entendo.

Ele suspira. — Ela já falou alguma coisa sobre mim? — Pergunta timidamente e vira um pimentão daqueles bem vermelhos e lustroso.

Mordo o lábio. — A Amanda é muito reservada nesse ponto.

— Ela não fala de garotos? Será que...

Rio. Ela fala de garotos, até dos garotos da turma. Talvez o receio dele tenha fundamento e ela não o veja mais do que como um bom amigo.

— Você bem que poderia falar com ela...

— Olha... Eu sou um desastre para relacionamentos. — Digo olhando-o nos olhos para ver que derramo sinceridade em minhas palavras. — Você viu o meu último. Até agora, não sei por que ele terminou comigo, e...

E eu estou tornando isso algo sobre mim.

Suspiro. — ... e você deve seguir seu coração. Pelo menos você não ficará com a dúvida do “*e se eu tivesse tentado*”.

— Você ainda gosta dele?

— Que diferença faz?

— Ele parecia gostar mais de você do que das outras.

— Gosta tão mais que fica batendo papo com as outras, mas nem chega perto de mim.

— Eu não vejo o Noah chegar perto das outras. Mas de você...

Ele faz um gesto com a cabeça e eu olho para trás.

Noah está se aproximando de nós. Meu coração só falta sair do corpo e pular no impulso de suas batidas frenéticas na direção dele. Eu também quero correr até ele. Aproveitar essa aproximação para tocá-lo, sentir o calor do seu corpo e ouvi-lo dizer meu nome. Não consigo entender por que minhas pernas simplesmente não obedecem ao comando de se firmarem no chão, e, com passos apressados, parar perto dele. Eu não deveria pensar em mim como se fosse eu fosse uma espécie de Frankenstein, mas é como me sinto.

Demoro um pouco a perceber que ele nos encara com uma carranca de poucos amigos e talvez seja isso que me bloqueia, mesmo que inconsciente. A mesma expressão que vi em seu rosto em nossa última conversa. A *briga* que ele findou um instante antes de ele me dar as costas e me deixar oca e solitária no meio da rua.

E uma avalanche de recordações deixa bem compreensível por que meu instinto de defesa está tão aflorado.

— Vem comigo, Beatriz. — Ele *ordena* com um toque de irritação.

No entanto estou deslumbrada demais com a aproximação dele para questionar seu jeito mandão que me incomoda. Um deslumbre receoso e medroso, mas não deixa de ser um feitiço poderoso que não me deixa querer nada além dele. Somando a isso, estou com medo demais do que eu posso ouvir dessa vez.

— Já volto. — Digo para Artur e minha hesitação se faz ouvida. — Me espera?

Ele olha para Noah. Quando faço o mesmo, não preciso da sua resposta.

— Depois nós conversamos... sobre...

Deixo o assunto no ar, pois Artur ainda está preocupado com a reação da Amanda. Se ele desistir, será apenas uma conversa entre mim e ele, e outra entre ele e Ricardinho.

— ...sobre aquele assunto. — Dou um sorriso frouxo, o máximo que consigo ante a animosidade presente.

Artur se afasta de nós, dando mais passos que o necessário só para, pelo que parece, manter uma distância segura do Noah, que está parado como uma estátua ameaçadora.

— Oi, Noah... você...

Quero perguntar se ele quer conversar aqui, mas ele não se mexeu quando disse o seu nome. Só após uma eternidade de menos de um minuto que ele meneia a cabeça. Afasta-se um passo.

O pânico me domina.

— Vamos conversar, Noah. — Imploro, enquanto me aproximo dele suplicando com o olhar. — Por favor.

Não quero mais saber desse acordo de beijá-lo apenas no fim dos nossos dias, não quero passar mais um dia de aula o ignorando. Meu aniversário está próximo e eu o quero ao meu lado. Não preciso de festa, de presente, de nada... apenas da companhia dele, dos seus abraços, do seu carinho, dos seus beijos...

— O que você e o Artur estavam conversando?

Minha lista de desejos é interrompida abruptamente com essa pergunta cuspidada com ódio.

E o que eu respondo? *Aliás, nem sei por que ele está perguntando isso!*

— Era assunto dele.

— Assunto dele? Parecia assunto de vocês dois. Estava toda sorridente!

— Ah, agora não posso sorrir? — Questiono debochando.

— Nós temos um acordo.

Um acordo que eu estou mais que disposta a quebrar.

— Não posso conversar com um amigo? Minha conversa era bem mais inocente do que a que a Natasha tinha com você! Pensa que não vi? Vem me cobrar um acordo e você fica de papo com todas do colégio!

— Você é muito sonsa! Quer saber? Cansei! É o desgraçado do Lucca, o Artur... quem mais? *Quantos mais?*

Ele vai embora enquanto a sua última pergunta ecoa na minha cabeça. E acho que pelo prédio, pois ele a disse bem alta. Alta o bastante para silenciar nossos conhecidos, que conversavam alegremente mais adiante. Não sei se já estavam em silêncio para

observarem Noah vir falar comigo, como se fossem abutres rondando uma carniça, mas agora só se ouve o vento.

Eu estava entusiasmada demais com a conversa que eu tinha com Artur. Em seguida, entrei numa bolha onde existia apenas eu e Noah. Ela acabou de estourar, e ele está livre para marchar para longe de mim, enquanto escuto minha mente repetir mais uma vez sua voz estupidamente grosseira indagar um absurdo.

“*Quantos mais?*”

Não há ninguém mais, Noah. E falando desse jeito, não haverá mais ninguém.

“*Quantos mais?*”

Nunca lhe dei motivo para pensar tal coisa de mim.

Meu coração que a pouquíssimos minutos queria pular para fora do peito, agora dói tanto em seu casulo, que preciso me abraçar para protegê-lo.

Durante as férias, foi-se falado sobre eu mudar de turno. Preciso criar coragem para aceitar essa como a melhor solução. Noah e seus amigos continuarão com suas vidas cercadas de vôlei, conversas que não participo e mais o que for, e eu estarei em aula, no turno da tarde, cruzando com eles no máximo no final do dia, quando eu for da escola para casa e eles estiverem na praça.

Noah finalmente chega perto do grupo. Não tirei os olhos dele um só momento, enquanto o via partir, mais uma vez, para qualquer lugar longe de mim. Por estar atenta a ele como se nada mais no mundo tivesse importância, não vi que nossos colegas estavam sentados numa roda. Não vi que há uma garrafa no meio deles. Mas agora Noah reivindica seu lugar entre os demais, sendo ele próprio a girar a garrafa. *Com raiva.*

Eu não consigo ficar parada. Escuto uma voz dentro de mim gritar para eu não me aproximar, para fugir para longe daqui, mas não me importo se é minha alma, meu coração ou a razão. Ficar parada não é uma opção quando as outras duas vozes na minha mente me instigam a ir em frente, exigir que ele vá conversar comigo, mesmo que as palavras sejam súplicas para voltar para mim.

Paro ao lado dele.

— Licença, Daniel.

Peço já abrindo espaço entre os dois. Sento-me ao lado do Noah.

Escuto a voz de uma de nossas colegas responder uma pergunta feita pelo jogo. Uma voz que só reconheço ser feminina e de palavras ininteligíveis.

— Noah, vamos conversar.

— Não tenho nada pra conversar com você. — Ele diz baixinho.

A dor no meu peito é imensa. Estou aqui, me humilhando para ele, na frente de todos os nossos colegas, que riem de mim, e é isso o que ele me diz?

— Você foi falar comigo... queria falar comigo há alguns minutos. — Digo com a voz embargada e os olhos marejados. — Por favor... — Imploro sem voz, pois ela

simplesmente me abandona enquanto o pânico me consome.

Não há nada perto de mim e dele, a não ser uma onda de medo... de desespero. Ela não rege a minha vida, mas tem o poder de me dominar em alguns momentos, como esse, obscurecendo tudo que me cerca.

O tremor em meu corpo é violento. Tremo tanto que bato os dentes, e é esse barulho que me desperta.

Ou uma pergunta feita para mim.

— Responde, *Bia*. — Manuela fala com o olhar ferino na minha direção. — O Noah é tão bom de cama assim pra você ficar mendigando voltar pra ele?

O silêncio que nos cerca permite que o vento faça aquele barulho horrível que nos remete aos filmes de terror mais horrendos.

Por que ela está perguntando isso?

— Vai preferir consequência a responder essa pergunta?

— Do que você tá falando?

Ela encolhe os ombros e olha para o chão entre nós.

A garrafa.

A garrafa está apontada na minha direção.

— Eu não estou na brincadeira.

— Você pediu seu lugar na roda. *E até o escolheu*. — Lucca dá o seu melhor olhar de escárnio pra mim. — Se ela escolher consequência, deixo como sugestão ela me dar um beijo. Dois minutos. Um para a brincadeira de hoje e a outra para a brincadeira que fugiu.

— Feito! — Manuela aceita a proposta.

— Não estou brincando! Eu vim aqui falar com o Noah.

— Vamos sair daqui. — Noah diz com a voz baixa e se levanta.

— Valeu por tirar o Noah da brincadeira. — Alguma garota reclama. — Justo agora que ele resolveu brincar!

Estou preocupada demais para ver quem é, e Noah me puxa para ir com ele.

— O que custa responder? — Manuela insiste. — Poxa, Noah, vem brincar! É lógico que ela vai dizer que você é uma delícia.

Estremeço toda, e a vontade de vomitar passa a ser verdadeira. Mal me recordo a última comida que ingeri, mas ela bate na minha garganta e volta.

— *Tsc*. Nunca aconteceu nada entre os dois. É por isso que ela não quer responder. A Beatriz é virgem. Já falei isso!

A fala monótona é dita por alguém que eu sempre apoiei, que eu só não confidenciei meus mais profundos segredos, por eu simplesmente não sobreviver rememorando

enquanto os revelasse. É a primeira vez que olho para Adriana em muito tempo. Em seu olhar, encontro desprezo e ódio. Mas, hoje, *eu também a odeio*. E sou a única que tem motivos.

A última vez que a observei com atenção coincidentemente foi na última vez que tentaram me incluir nesse jogo. Num dia que, se eu viajar pela recordação, vou maltratar ainda mais meu coração.

Ainda posso sentir o anel de compromisso deslizar no meu dedo como se fosse hoje...

— Virgem? — Claudia solta uma risada debochada, me despertando. — De novo essa história ridícula?

Escuto palmas batidas enquanto mais risadas nos cercam.

— Não se mete nisso! — Caíque fala alto e sério para minha prima, que fica lívida.

— Poxa, Noah, esclarece aê! — Manuela exige sem medo. — Eu não acreditei quando você contou, Dri. Ela só pode ter mentido pra você. Ela adora se fazer de santa. *Santinha do pau oco!*

— Eu sou virgem! — Esclareço de uma vez com a voz falha e o corpo tremendo.

No mesmo instante, Noah se afasta a passos largos, e todos na minha frente, assim como seus comentários são borrões visuais e sonoros. Um monte de ruído incompreensível, embora eu tenha certeza que ouço risadas.

— Noah!

Eu o chamo uma, duas vezes. Grito na terceira e na quarta, enquanto corro. Alcanço-o já bem distante, graças a Deus, uma curva nos tira da mira dos curiosos.

— Noah! — Chamo-o mais uma vez antes de agarrar seu braço.

No desespero, cravei minhas unhas e ele o puxa com tanta violência que tenho certeza que o arranhei feio, mesmo sem querer.

— Desculpe. — Peço arrasada por tê-lo machucado de um jeito tão violento. Seu rosto está contorcido numa careta. — Desculpe. Ai, meu Deus, eu não quis...

— Pelo que você está me pedindo desculpas? Por ter mentido na frente deles? *Ah!* Por ter me feito de idiota?

Mentido?

Sinto o sangue fugir do meu rosto e uma dor corta o meu coração. Eu não sei quantas vezes um coração pode ser despedaçado pelos mesmos motivos e ainda assim sobreviver, só para ser esfaqueado novamente.

— O pior é que você mentiu pra *eles*. — Noah respira fundo enquanto me deixa sob seu olhar de ódio e repulsa. — Só. Para. Eles! A verdade é que você nunca me disse que era virgem. Eu é que entendia que você era. Você disse que não estava preparada, que queria esperar mais um pouco, pediu que eu compreendesse. E aí eu vejo... *Deus! Eu vi aquilo!* E não consigo deixar de ver, me sinto como se estivesse ali, como se ouvisse os

sons... participasse-

Ele para por eu correr para longe dele, sentindo a náusea crescer, até que os espasmos me fazem pôr tudo para fora. De novo. E de novo. E mais uma vez. Apoio-me numa parede próxima, e continuo sentindo meu corpo tentar vomitar tudo. Mas não há como. O que tem que sair de verdade não é expelido assim, nem de qualquer outra forma.

É algo perpétuo dentro de mim e também me envolve com sua couraça espinhenta, sendo que os espinhos são voltados para mim. Uma maldição que fez da minha memória sua morada e terei que conviver com ela para sempre.

Noah também.

Ele viu.

Não há mais espaço para dúvidas. Noah sente nojo de mim com razão.

Mas ele está ao meu lado. Ampara-me.

Pessoas nos cercam. Perguntam-me se estou bem. *E há risadas.* Abafadas, palavras que falam sobre o nojo que me envolve.

Não, de novo, não.

Tudo some.

Fingir. Esse é um verbo que me tornei muito íntima. Finjo que todos os dias são novas chances de eu ser feliz. Só que cada dia parece ser mais um para minha coleção de dias que eu quero apagar da minha existência.

Finjo sorrir, enquanto tia Talita aperta minha mão carinhosamente, tentando me passar um pouco de apoio pelo que ela acredita ser apenas uma mera apatia causada por um coração partido.

O desmaio de menos de um minuto que sucedeu o vômito chegou ao seu conhecimento, obviamente. Vivemos num minibairro, se alguém espirrar muito alto num dos últimos prédios, todos irão saber.

Culpei ter passado mal com alguma coisa que comi no almoço, antes mesmo de ir para a casa do Ricardinho, para que ninguém implicasse com ele. A indisposição inventada me ajudou a fingir que eu não teria como ir ao cinema, embora eu tenha fingido que estava quase saindo de casa, quando Amanda me ligou avisando que já estava indo.

Pelo menos não preciso fingir que estou feliz pelo plano ter dado certo, e Artur e ela terem ido ao cinema sozinhos. Estou muito feliz por eles.

— Querida, eu sei que dói, que você gostaria que você e o Noah namorassem por mais tempo, talvez para sempre, mas nem todos nossos desejos podem ser atendidos. O que você sente por ele vai diminuir com o tempo, essa dor vai passar. Você pode acreditar que não, no entanto um dia você se recordará do que tiveram, e essas lembranças não mexerão tanto com suas emoções.

Eu quero dizer que não vai passar, que meu amor por ele é grande demais, mas eu

finjo que acredito em suas palavras. Finjo que é apenas isso que me impede de tirar a agonia do meu olhar.

Não quero aumentar sua preocupação. Já passei por esse problema uma vez em silêncio, sou capaz de suportá-lo sozinha de novo.

E uma mensagem me ajuda bastante a não surtar:

*** Noah-Eu: Você está melhor? ***

Foi estranho recebê-la. Ouvi o som de recebimento algumas horas depois de chegar em casa naquele dia, e pisquei algumas vezes para tentar dissipar a peça que minha mente pregava, pelo menos foi o que pensei num primeiro momento. Noah havia me bloqueado há tempos, desde o fim do namoro. Fiquei com medo do que poderia ser esse seu contato, embora parte da mensagem eu já tivesse lido apenas na sinalização. Tremendo, entrei no seu contato e vi a pergunta que não tinha nada demais. Seu status estava online e ficou por todo o tempo que eu lia e relia sem saber o que responder.

Não, eu não estava bem. Aliás, a pergunta me fazia querer pôr a minha alma para fora, já que nada tinha restado no meu estômago. Aquela pergunta curta, três palavras que indicavam a sua preocupação (pelo menos é o que eu acredito), também significavam que meu enjoo e desespero não eram fruto de um pesadelo. Nossa discussão foi bem real.

E era hora de encarar a realidade por completo.

*** Eu-Noah: Como você soube? ***

Aguardei sua resposta estalando os dedos. Deu tempo de torcer todos eles duas vezes até o bipe.

*** Noah-Eu: Apenas soube. ***

*** Eu-Noah: É sério, Noah, preciso saber como você descobriu. Por favor, eu imploro, me diga. ***

*** Noah-Eu: Não vou dizer. ***

*** Eu-Noah: Eu te imploro. Esses arquivos são rastreados, meus tios precisam saber. ***

Silêncio. Eu estava com o rosto banhado em lágrimas. Só não liguei para ele, pois aparecia na tela “digitando”, uma palavra que me ajudou a respirar, embora ofegante. Também não liguei, pois estava apavorada com o que eu poderia ouvir. Não consegui segurar meus dedos por muito tempo e logo digitei ferozmente:

***Eu-Noah: A minha vida já foi destruída duas vezes. Por favor, Noah. ***

*** Não deixe o ódio que você sente por mim me destruir novamente. ***

Li aquelas palavras tantas vezes que perdi a conta. Estava aflita, agoniada, angustiada, *agonizando*.

O “digitando” sumiu, e “online” se tornou uma palavra dolorosa. Seria capaz de morrer se aparecesse a última hora que ele esteve online ou pior: se sumisse todas as informações. Ativei o teclado, mas antes de digitar a primeira letra, ele voltou a escrever. Depois de um minuto, veio:

*** Noah-Eu: Eu não te odeio. ***

*** A pessoa que me mostrou não tem interesse na divulgação de sua foto. Não direi mais do que isso. ***

*** Eu-Noah: Foi alguém da sala? ***

Hesitação.

*** Noah-Eu: Não. E ninguém saberá. ***

Não me tranquilizou. Mas eu sabia que ficaríamos numa discussão que duraria até ele resolver me bloquear novamente.

*** Eu-Noah: Já que você não quer falar, por favor, se um dia você descobrir que isso vazou, não me deixe ser a última a saber. ***

*** Noah-Eu: Tem a minha palavra. ***

Foi acreditando na palavra dele, ainda naquele dia horrível, que aceitei a carona da tia Talita para a aula de hoje. Despeço-me dela com um abraço e espero muito que ela acredite que estou assim só por causa de um coração partido. Apenas quero poupá-la de um desgaste desnecessário.

Abro a mochila e pego meus óculos escuros. Passei os últimos dias trancada no quarto, chorando, e meus olhos ficaram sensíveis à luz. Aproveito também para pegar o celular novamente e confiro nossa conversa. O contato dele foi *logado* pela última vez há quase meia hora. Antes, nem isso aparecia, então creio que ele não tenha voltado a me bloquear.

É tentador lhe enviar uma mensagem. Ainda tenho vontade de ligar para ouvir sua voz. É bem ridículo querer falar com ele só para ouvir sua voz grave e rouca, quando daqui a pouquinho estaremos na mesma sala de aula.

Mas preciso que ele não fique com mais raiva de mim. Nesse momento, estou nas mãos dele e não sei se novamente confio na pessoa errada.

Respiro fundo e quase sou atropelada pela Amanda. Seus olhos passam de acusadores para preocupados imediatamente.

— Você ainda está bem abatida. Aquela discussão acabou com você.

Minha respiração sai entrecortada. Claro que a desculpa esfarrapada da comida funcionou muito bem enquanto não estávamos frente a frente.

Inspiro pela boca. — Por que não falamos sobre o cinema?

Ela me olha com um pouco de suspeita. Deixo o mais óbvio que posso que o assunto Noah é proibido. Ela dá um meio sorriso que não alcança seus olhos. Eu, no entanto, forço-me a abrir um sorriso imenso.

— Quero saber o que aconteceu.

Seu rosto enrubesce. — Eu quase cancelei quando você falou que não ia, mas o Artur disse que já tinha ido com o Ricardinho. Quando cheguei e o vi só, falou que Ricardo

tinha ido ao banheiro. Acredita que cáí direitinho?

— Só me diz se vocês viram ou não o filme!

Ela limpa a garganta. — Não. Não vimos. Não faço a menor ideia de como foi o filme, a não ser que ele estivesse dentro da boca do Tuco.

Ela consegue me fazer rir. A vontade é tão grande que eu simplesmente me permito rir sem freio. A mistura de sentimentos é avassaladora e logo estou com os olhos cheio de lágrimas, que poderiam ser confundidas pela gargalhada, mas sei que não são. Ainda bem que essa tempestade está oculta pelas lentes escuras.

Continuo a ouvir Amanda falar sobre o encontro dela com Artur, rio exageradamente mais algumas vezes, até que encaro um Noah curioso a poucos metros de nós. Meus lábios tremem, minha dor quer se fazer visível e me fazer de ridícula na frente de todos.

Pra dizer a verdade, já faço papel de ridícula, pois agora que parei de prestar atenção no que Amanda dizia, os comentários sobre mim se tornam esmagadores.

Por que todos se recordam do espetáculo de vômito como se fosse uma grande piada? E parece que viram Amanda e Artur no cinema e fazem os piores comentários sobre ela ter desencalhado, ele estar fazendo um favor, ter descido de nível.

É só uma brecha de fraqueza ser aberta, que as pessoas viram monstros e fazem de tudo para destruir aquelas que consideram mais fracas.

Bem... se não me tocarem, estão totalmente errados sobre mim. Se o motivo de eu ter ficado naquele estado deplorável não vier à tona, ninguém aqui é capaz de me atingir fortemente.

Passo meu cartão na catraca, mas o inspetor me barra com a sobrancelha erguida.

— Nada de óculos escuros na escola.

Respiro fundo. — Posso tirar no banheiro? Acho que borrei minha maquiagem.

Ele olha para mim por um tempinho até que faz um gesto com a cabeça na direção dos banheiros. Tudo que faço é me controlar para não correr até lá. Entro em uma das cabines e respiro fundo enquanto controlo minha respiração. Não estou de maquiagem. Meus cílios cor de palha estão eclipsados pela cor da minha pele. Seria arriscado demais me pintar, fora que a vaidade tem passado longe de mim nos últimos dias.

— Cara, aquilo foi nojento.

Respiro fundo após ouvir a frase asquerosa dita por Manuela. Qual o prazer de vir correndo atrás de mim para me ofender no banheiro?

Toda a escola ter visto que eu vomitei na frente de todo mundo gerou fotos e vídeos que *finjo* não existirem. Meu estado deplorável nelas não é comparável às que fazem parte do meu passado.

— Está vomitando mais? — Ela ri. — Cara, sério! Não sei o que ele viu em você. Tão sem sal, cheia de *mimimi*. Nojenta. Patética.

Ela ri de novo. Mas não ri sozinha. Há outras garotas rindo. Uma gargalhada destoa

das demais por ser exagerada e muito conhecida. Não a gargalhada, pois quando andava comigo, Adriana não era tão estridente.

Uma parte minha quer muito confrontá-la, mas sei que ainda estou com minha face muito chorosa e não quero que pensem que chorei por causa delas.

A porta abre novamente.

— Bia?

Amanda!

Respiro fundo para criar coragem e sair do reservado. A ideia era esperar o sinal. Os inspetores apareceriam a qualquer momento. A escola tem um ótimo programa de combate ao bullying, mas nem sempre é possível. Os valentões (no meu caso, “valentonas”), pelo visto, encontraram uma brecha.

— Oi, estou indo.

— Você e o Tuco estão namorando? — Adriana pergunta, no instante em que abro a porta.

— Namorando? — Dalila ri. — Ele estava comigo ontem.

Dá vontade de socar a cara da Dalila, mas há tantos rostos que quero esbofetear no momento, que só consigo assistir perplexa as quatro estúpidas na minha frente.

— É mentira! — Esbravejo.

Olho para Amanda, com medo de ela ter sido envenenada. Mas ela só está com raiva.

— Se eu fosse você ficaria com um pezinho atrás. — Amanda ergue o queixo confrontando Adriana que continua a soltar palavras venenosas. — Ela estava conversando com o Artur cheia de intimidade, a ponto de o Noah questionar se os dois estavam se pegando. Não duvide que ela e Artur combinaram de zombar de você. Você é gorda, é melhor se precaver.

— Por que vocês quatro não discutem como é o beijo do Caíque. Todas beijaram ele praticamente ao mesmo tempo. Acho que no mesmo dia. Será mais produtivo! Vamos, Bia.

Mas o que Amanda disse não ficou barato para Adriana, que avança na nossa direção. Para a um passo de mim com o ranger da porta do banheiro.

— O que está acontecendo aqui, meninas?

Ela respira fundo. Olha-me com ódio, depois para a inspetora e sorri.

— Nada. Já estamos indo para a sala de aula.

Quando passa por mim, esbarra no meu ombro.

— Todas para a secretaria.

Bufo, a tristeza cedendo espaço para a raiva. Por toda essa situação.

Eu realmente tinha que ter vindo para esse colégio apenas estudar. Devia ter nutrido no máximo uma paixão platônica pelo Noah. Nada de fazer amizades, pois nunca fui boa

em escolher as pessoas para andar comigo. Agora veja onde estou: a caminho da secretaria com o coração partido depois de brigar com uma ex-amiga.

— Amanda, o que a Adriana falou...

Ela rola os olhos. — O Artur me contou todo o plano dele, e falou sobre o Noah ter parecido um maníaco lunático por vocês dois estarem conversando sozinhos. Quanto ao que a *outra* disse, se ela realmente ficou com o Artur, só se ela se escondeu embaixo da mesa dele quando conversávamos pelo computador. — Ela se aproxima de mim e cochicha: — Se ela mudar o dia para o sábado, fica bem mais esquisito, pois eu dormi na casa dele, depois que voltamos do cinema.

Meu queixo cai.

— Não... não aconteceu nada. — Ela sussurra.

Mas meu queixo ainda está caído e uma risadinha escapa.

— Ficamos conversando e vendo filmes... na sala.

— Viram filmes dessa vez?

Ela encolhe os ombros. — Os pais dele acham que sim.

Essa é a última coisa que falamos. As outras também cochichavam, mas bolavam estratégias para saírem ilesas dessa repreensão.

No fim, saímos apenas com um aviso que não serão toleradas entradas de óculos no colégio, e que se for percebida qualquer atitude agressiva da parte das outras, não hesitarão chamar os responsáveis.

A inspetora nos acompanha até a sala de aula e, dentro do prédio do colégio, dou falta do meu casaco. Com certeza, saí com ele de casa.

Droga! Ficou no carro da tia Talita.

Cruzo meus braços nesse caminho até a sala de aula, rezando para que Ricardinho tenha um reserva para me emprestar na próxima aula.

Suspiro aliviada quando o sinal toca antes de irmos para a sala. A porta é aberta e os primeiros estudantes que saem se espantam por verem o grupo que perdeu a primeira matéria do dia. O burburinho e a algazarra normais de saída de aula dão espaço aos sussurros de “o que aconteceu” e há quem diga que brigamos feio no banheiro.

Paro em frente ao meu armário e guardo o que é desnecessário para a próxima aula. Pouco depois, Artur se aproxima para mexer no armário dele com Amanda e Ricardinho. Tuco e Mandinha estão abraçados e sorrio por, no meio de toda essa confusão, os dois estarem juntos e felizes. Na verdade, riem contando o episódio do banheiro. As pessoas que estão perto prestam atenção quando ela conta da tentativa frustrada de Dalila de fingir que estava com Artur.

É... eu sou a que melhor sabe fingir.

Pelo menos não preciso fingir o que sinto quando ela fala sobre as outras garotas discutirem sobre o que é beijar o mesmo garoto, ao invés de tomar conta da vida alheia.

Minha expressão indiferente ao seu comentário, na verdade oculta a minha dúvida se eu rio ou se eu lamento.

Adriana mereceu, sem sombra de dúvidas, mereceu o que ouviu. Mas há aquela parte de mim que sente falta da nossa amizade que, pelo menos, para mim, era verdadeira. E acho que ninguém deve passar pelo que ela passou.

— Ricardinho, você tem um casaco reserva no armário? Esqueci o meu no carro.

Ele assente. — Tenho, vou pegar.

Um movimento do outro lado do corredor atrai meu olhar.

Noah. Olha-me com raiva. Seu maxilar enrijecido.

Tenho tantos motivos para não o deixar com mais raiva, mas não vou conseguir ficar no colégio com frio. Sem exageros, meus braços estão arroxeados.

— É melhor o Ricardinho chegar logo, ou você vira uma estátua de gelo. — Amanda me diz colocando a mão em mim. — Você está muito gelada.

Ela fala bem alto e a impressão que tenho é que ela passa uma mensagem para o outro lado do corredor. Ricardo chega com o casaco e eu prontamente o visto. Assim que termino, olho para frente a tempo de vê-lo virar-se e caminhar em direção à próxima aula.

Também foi a tempo de ver um pouco de seu conflito interno.

— Tudo que falam de você é puro recalque, querida. — Amanda murmura rindo. — O cara tem ciúme de todos que se aproximam de você. Achei que ele ia tirar o casaco dele só para você usar.

As palavras dela aquecem e despedaçam meu coração ao mesmo tempo. Noah faria isso por mim, se não descobrisse que sou podre.

Nas aulas seguintes, ministradas totalmente em inglês, minha mente divaga para a terra natal dele, em como essa aula é estranha por ser toda em inglês e ainda ser insuficiente, assim como o curso de inglês.

Todos os dias, quando conversa com seu pai ou seu irmão, Noah é corrigido em seu próprio idioma por falhas que nós brasileiros cometemos e ele acaba absorvendo. Nada gritante, mas Aaron tem o inglês nova-iorquino impecável que o pai deles quer que Noah nunca perca.

Com a mente voltada para recordações de nossos dias como namorados, a aula passa num borrão e estou de volta ao corredor, pegando o material para irmos para as próximas aulas nos laboratórios, depois Educação Física.

Mas primeiro preciso sobreviver ao intervalo.

Sento-me a uma mesa com meus amigos propositalmente de costa para Noah. Tento participar da conversa, mas agora ficou um bocado estranho com Amanda e Tuco namorando. Eles não trocam beijos aqui no colégio, mas rola uma carícia e outra. Acaba que os dois conversam bastante entre si, Ricardo fica com os olhos no celular e eu preciso fazer o mesmo que ele.

Entro no grupo de mensagens da turma. Há centenas de mensagens. Deslizo a tela e me deparo com algumas fotos minhas, *memes* meus. Dói ver essa exposição grotesca de minha imagem, mas faz tempo que aprendi a olhar para essas humilhações de um jeito mais analítico. Tremo enquanto confiro se pegaram meu rosto. *Não, ainda bem.* Não conseguiram nem nos vídeos.

Noto que elas não foram mais compartilhadas após o intervalo entre as aulas de Artes e de Inglês. A única menção posterior é um comentário de resposta dizendo para “parar de palhaçada” escrito por Caíque. A foto em si aparece minúscula e quando clico para ver a mensagem original, descubro que ela foi apagada.

Uma movimentação brusca de duas pessoas atravessando o pátio com passos acelerados atrai a minha atenção. É Caíque na companhia da minha prima. Ele a puxa pelo braço com passos largos e inicia uma discussão calorosa e surpreendentemente baixa para o padrão megafone. O dedo dele está na cara dela, os sussurros sérios e irritados só são finalizados quando o inspetor se aproxima deles.

Ele passa a mão no rosto, está furioso. Afasta-se caminhando a passos largos, enquanto ela o segue com os ombros caídos.

— Xiii... *deu ruim*... — Alguém comenta.

— Caíque, não é nada disso que você está pensando. — Claudia fala com a voz chorosa e o inspetor se vê obrigado a correr atrás dos dois de novo.

— Não quero saber! — O megafone foi liberado. — Cansei!

Ela para no meio do caminho e nossos olhares se encontram. Acho que nunca vi um olhar tão carregado de ódio quanto o que ela me dá.

Ódio de mim?

Continuo seguindo Caíque com o olhar. Ele chama Noah e os dois conversam muito sérios, atraindo a atenção de toda a escola. E me chama atenção Noah estar bastante apreensivo. Pelos seus gestos dá para ver que ele quer acalmar a situação.

— Eu vi, droga! — Caíque brada e solta alguns impropérios. — Não sei o que está acontecendo, estou com ódio dela por causa dessa insistência maluca!

O inspetor não deixa passar nem a animosidade nem os palavrões e chama Caíque para a secretaria. Noah tentar ir com eles, mas é dispensado.

Hoje a turma está dando trabalho para os inspetores.

Noah passa a mão no rosto e fita minha prima muito irritado, antes de lhe dar as costas. Natasha quase é atropelada por ele.

— Noah, o que foi? — Ela mia.

— Não enche! — Ele brada. — Hoje, é um péssimo dia pra me atazanar!

Senta-se afastado dos demais com a respiração curta e preocupante.

Minha prima, Caíque, Noah e Natasha...

O que aconteceu entre os quatro?

Meneio a cabeça inconformada pela obsessão das duas em reatarem o relacionamento da Natasha com o Noah.

Só pode ser isso, e olha só o estresse que essa situação está causando!

Eu queria poder me aproximar dele... *Nem como amiga tenho coragem.*

Está difícil controlar o choro. As lágrimas lentamente se formam e é uma questão de tempo elas caírem.

Assusto-me quando o telefone toca na minha mão. Estava distraída, olhando apenas para Noah. Olho para a tela. É um número desconhecido.

A tentação de não atender é imensa, no entanto resolvo me distrair com essa ligação. Posso me passar por mais velha se for de telemarketing e ficar discutindo preço de revista, têvê a cabo ou assinatura de telefone.

— Alô?

— Beatriz? — A mulher do outro lado da linha diz o meu nome com desespero, o que me deixa imediatamente em alerta.

— Sim, quem fala?

Escuto sua respiração acelerada e forte contra o bucal e fico ainda mais preocupada.

— Olha... desculpe te ligar... eu... é que... O Noah... Ele está bem?

Olho pra frente, Noah está recostado na pilastra, olhando para o céu. Sua irritação age como um campo de força e, pela primeira vez, ninguém tem coragem de chegar perto dele. Apenas Daniel, que está ali, e discursa um monólogo para tentar acalmar o amigo.

— Quem tá falando? — Insisto.

A mulher do outro lado da linha solta um soluço.

— Por favor... por favor, eu quero falar com meu filho.

Arfo. *Filho?* É a mãe do Noah?

Por que ela está ligando pra mim?

Como se fosse para me responder, Noah enfia a mão no bolso. Um gesto que normalmente o faz tirar o celular dali de dentro. Hoje, não. Hoje, ele tira a mão vazia do bolso e bate com o seu punho fechado na coxa.

— Ele está bem. — Digo com a voz mais calma que consigo, embora esteja atordoada com a ligação e com a fúria crescente do Noah. Levanto-me do banco enquanto ela suspira alto e chorosa. — Ele está na minha frente. Vou passar o telefone para ele.

Ela pede mais infinitas desculpas, noto que tenta controlar os sons que emite no choro, obviamente, falhando por completo. Meu caminhar é como o de uma estátua que acabou de ganhar a vida.

Estou envolvida por perguntas sobre a minha aproximação de Noah. Nenhuma delas

diretamente feita para mim. Questionam a minha estupidez de chegar perto de um Noah incomumente exalando raiva. Outros acham que ele não vai me repelir como fez com Natasha. Há quem diga que eu vomitarei de novo quando chegar. Mas há quem fale comigo diretamente e para essa pessoa esclareço que já estou chegando, para que ela fique tranquila.

— Também achei o tom dela de ameaça. — Escuto Daniel dizer antes de os dois notarem minha aproximação. — O que ela tem contra você pra te perturbar tanto?

A postura dos dois é tensa e temo nem conseguir falar.

Engulo em seco. — Já estou aqui com ele. Vou passar o telefone.

— Tá. Obrigada! Beijos, querida e desculpe. — Anelise Carter fala esbaforida.

Meu queixo treme sob o olhar cauteloso dos dois.

— Ahn... É pra você, Noah. — Estendo o telefone e ele hesita pegá-lo. — Daniel, vamos deixar ele falar sozinho.

Daniel estranha meu pedido, mas se afasta comigo. Não vamos para muito longe, simplesmente não conseguimos. Estamos perto demais e ouvimos Noah pedir para a mãe se acalmar. A conversa estranhamente é em português.

— Estou no colégio. Faltam as aulas de Química, Biologia e Educação Física para eu sair.... Tá, mãe, eu dou uma passada aí. Vou à secretaria e chego em casa em dez minutos no máximo, tudo bem?... Me espera? Por favor, não faça nada até eu chegar, *tá bom?*

Ele desliga o telefone e olha para mim com tanta emoção... *tantas emoções* que me trazem novamente lágrimas aos olhos, pois nenhuma delas pode ser descrita como feliz.

Então corre. Olho para trás e o vejo entrar na secretaria, um minuto depois, ele sai. Discute com o inspetor e pula a catraca. Desvencilha-se do segurança e atravessa o portão de saída após puxá-lo com força.

Meu coração vem à boca quando escuto uma buzina áspera e longa.

O inspetor e o segurança correm para a rua, mas voltam apenas meneando a cabeça e espero que essa falta de atenção que dão para a situação é por Noah não ter sido atropelado.

Pouco depois Dona Marieta surge esbaforida e fala algo com os dois que gesticulam para fora, e ela volta para a secretaria fazendo uma negação com a cabeça.

Todos os alunos questionam entre si o que aconteceu.

— Bia... — Daniel pergunta e se vira para mim. Encaro-o ainda muito perplexa. — Não comente nada sobre o que você ouviu da conversa.

— Peço a mesma coisa a você.

Não sei se Daniel sabe o que a mãe do Noah tem, e controlo-me para não perguntar como Noah está, e falar mais do que eu sei.

O celular ainda está na minha palma, quente da conversa e da mão dele.

Quando acaba o intervalo, já me juntei à Amanda, Ricardinho e Artur, mas minha mente está na última casa da rua que moro. Alguns colegas tem a ousadia de me perguntar o que aconteceu, como se não tivessem passado o final de semana rindo às minhas custas. Pessoas que recebem um “não sei” e não ficam satisfeitas, embora essa seja a verdade. Estou em agonia por não saber se a mãe dele está bem e o que a levou ficar naquele estado.

Chegamos ao laboratório para a aula de Química. Passo os minutos seguintes pensando se terei cabeça para participar da aula de Educação Física. Assim que acaba, pego minha mochila e vou para a secretaria, pois sequer conseguirei assistir a aula de Biologia.

— Não estou me sentindo bem. — Digo para Amália.

— Por acaso tem a ver com a saída do Noah?

Tem tudo a ver. — Acho que mexeu comigo, e talvez seja por isso que esteja enjoada...

— É só isso mesmo?

Assinto.

— Vou ligar para a sua tia e avisar que você está pedindo dispensa. Aguarde meu retorno.

Assinto e ela sai. Cinco minutos torturantes depois, retorna.

— Talita disse que é para você ligar assim que chegar em casa.

— Tá. — Suspiro aliviada.

— E é para ir direto para casa. Ela já está vindo pra casa.

Antes mesmo de sair do colégio, tia Talita me liga e pergunta como estou. Conto por alto o que aconteceu e digo que preciso saber se o Noah está bem.

— Vá pra casa.

— Tia. — Chamo-a enquanto praticamente corro. — Vou até lá.

— Beatriz! — Ela engrossa a voz.

— A mãe dele... — paro e fecho os olhos para contar — ...a mãe dele estava muito nervosa e ela tem... alguns problemas.

— Bia, eu sei o que a mãe dele tem.

— Sabe?

Escuto sua respiração funda do outro lado da linha.

— A mãe dele quase já foi minha paciente. Foi há muitos anos, mas por questões éticas, por nossos filhos estudarem juntos e até pela privacidade que eles sempre resguardaram, nos afastamos. É por isso que você não deve se meter. Ainda mais com o

que aconteceu na semana passada. Você pode ficar mais abalada.

— Me perdoe, tia. Eu vou. Abalada ficarei em casa sem saber dele.

Deixo de lado a resolução de não ligar para Noah e entro em seu contato. *Fora de área ou desligado.* A gravação mareja meus olhos.

Ele me bloqueou de novo? Alguns passos à frente me dou conta de que ele está sem o celular e o aparelho pode estar desligado.

Entro na Vila Azul e passo direto pela casa que vivo, impossibilitada até mesmo de parar para deixar a mochila. Caminho até o final da rua... até a *casa azul*.

É esquisito eu ter vindo aqui dezenas de vezes e estranhar a ausência de som da festa que aconteceu apenas no primeiro dia? Noah recebeu os amigos em casa algumas vezes, quando eu era a sua namorada, mas eram reuniões bem mais íntimas e silenciosas. No entanto sempre a primeira lembrança que tenho é do som abafado escapando pela casa.

Abro o portão de fora e vejo a porta da entrada da casa entreaberta. É tentador demais passar por ela, já que não sei se Noah me receberá. Uma pontada forte no peito causada pelo medo do que ele possa estar passando me encoraja a seguir em frente.

Eu não consigo deixá-lo sozinho, quando só o sinto num mar de sofrimento.

Seus olhos estavam quase sem vida quando os vi da última vez.

Caminho pela casa, sem olhar a beleza que a cerca. Os lindos girassóis quase não me atraem no meio de tanta preocupação. Essa é uma casa bem cuidada, mas não é apreciada nem pelos seus donos. Olho para a casa ao lado, onde o terceiro piso é o cantinho especial que Noah escolheu, e se sente acolhido mesmo sem um mínimo de conforto. O pai dele nunca para em casa. E eu duvido que a mãe dele veja essas flores até pela janela fechada.

Abro a porta e o que eu vejo é desolador.

Esqueço totalmente a beleza da sala que um dia contemplei.

Olho para os lados espantada com a destruição. Há cacos de vidro para todos os lados. Simplesmente tudo que podia ser destruído... *foi*. Os quadros nas paredes, os jarros, o tampo da mesa, as garrafas e os copos do bar. Os abajures e as mesas de canto estão revirados, fora de seus lugares originais.

O mais espantoso, porém, é o que vejo a seguir: uma porta aberta. Essa porta é ainda mais tentadora atravessar, e faz com que adrenalina seja liberada na minha corrente sanguínea com a sensação de que farei algo terrivelmente arriscado.

Porque eu vou atravessar essa porta. *Ah, eu vou.*

Entrar pela porta da frente sem ser convidada foi uma sensação que eu já conhecera. Essa porta escancarada para mim é um convite totalmente irrecusável.

Infelizmente essa mesma porta revela que, ali dentro, também há destruição. Há uma haste (talvez de um abajur) atravessando a televisão que outrora vi com a programação pausada. Caminho desviando do que posso, ouvindo os cacos impossíveis de não pisar

estalarem sob meus tênis. O corredor que caminhei da cozinha até este cômodo está com as fotografias jogadas no chão.

Sei que é errado, sei que deveria gritar o nome dele ou até sair dessa casa aproveitando que não fui pega, mas preciso ver o Noah. E não quero perder a oportunidade de pelo menos uma vez entrar no quarto dele.

Então subo. Subo com cuidado para não me fazer ouvida. Não faço a menor ideia para onde ir, e não quero ser pega antes de chegar ao meu destino. Recordo-me tristemente de seu convite para passarmos a noite juntos e que nunca concretizamos.

Tantos sonhos que ficaram perdidos...

Melhor será encontrar Noah em seu quarto. Não consigo mensurar a dor dele de ter encontrado a casa assim. As lágrimas rolam dolorosamente pelo meu rosto, só por eu ver esse cenário desolador. O que leva uma pessoa a destruir seu próprio lar?

O som de uma porta batida me faz pular e me esconder na primeira reentrância que encontro. É nesse instante que passos pesados e acelerados explodem pela casa. Já dentro desse cômodo, vejo a figura alta e esbelta de Noah atravessar como um furacão o corredor que eu estava.

— Eu não sei, vó, não me deixaram ir!... Estou calmo!... — Sua voz ecoa pela casa; ainda está muito nervoso. — Não, não vem pra cá. Eles disseram o nome do lugar que iam levar a minha mãe. Vá ver sua filha!

Levaram a mãe dele?

— Que escolha eu tive? — Ele soa desesperado. — Não, vó, vá pra lá.... Passarei apenas essa noite sozinho, o Aaron está vindo pro Brasil e duvido que meu pai durma com minha mãe no hospital. Eu não quero ela sozinha lá... Não, vó! Era para você ter vindo pra cá antes, mas nunca pôde, né? Sempre estava ocupada! Agora deu no que deu!

Escuto o choro dele. A vontade de eu ir ao seu encontro é imensa, todavia acredito que esteja falando com a mãe de sua mãe e preciso respeitar essa ligação.

Olho para o lado e imediatamente a certeza de que estou no quarto dele me atinge por meu olhar parar exatamente na direção de uma foto nossa. Ela está ao lado de um notebook fechado, sobre uma bancada perto da janela parcialmente fechada pela persiana. É um ambiente simples e muito organizado, e fico aliviada por não ter sido atingido pela destruição.

— Ah, Noah...

Suspiro baixinho com o peito cheio de dor, enquanto vejo sua coleção de medalhas penduradas num quadro. Todas as suas conquistas do vôlei exibidas apenas para ele, pelo visto.

Nas prateleiras, livros, uma coleção de carros importados, jogos e mais jogos que estão em embalagens e parecem nunca terem sido mexidos. Uma coleção gigantesca de bonecos de super-heróis ainda embalados me choca.

Fecho os olhos antes de voltá-los para o que ignorei nessa breve inspeção.

Nossa foto.

Limpo as lágrimas que não param de cair, para tentar ver um pouco melhor essa foto, a única em seu quarto. Nós dois sentados no sofá dessa casa devastada. Lembro-me desse dia. Um dia especial apenas por estarmos juntos após o colégio.

Eu era muito feliz ao lado dele.

Devia ir embora, mas não sei o que fazer depois do que ouvi. Ele pediu para a avó não vir pra cá, e isso pode significar ele querer que alguém fique ao lado da sua mãe, tanto quanto sua vontade de ficar sozinho.

Se Noah subir para o andar de cima novamente, com certeza partirei tentando não ser vista. Depois tentarei falar com ele. Sairei dessa casa *fingindo* que nunca estive aqui, e tocarei a campainha para falar com ele como se não soubesse do estado que seu lar se encontra.

Todavia, nesse momento, só consigo pensar nessa foto e tocá-la. Tiro-a da bancada e tento não fazer ruído. O problema é que os soluços querem se fazer ouvidos.

Por que não podemos ser apenas felizes?

Trocamos juras de amor, confidenciamos parte de nossos segredos... Éramos perfeitos juntos, e essa foto é uma prova. Volto o porta-retratos ao seu lugar. Seria apenas deixar esse pedaço do nosso passado para trás, se eu não visse um pequeno saquinho de veludo parcialmente escondido pela persiana. Vi esse saquinho apenas uma vez, quando ouvi sua primeira declaração que me amava. *Será que nossas alianças estão guardadas ali?*

Dá vontade de furtá-lo. Guardá-lo junto ao meu diário.

Não resisto à tentação e o pego. Quando viro seu conteúdo em minha mão, os poucos raios de sol que iluminam o quarto imediatamente revelam o brilho de...

Minha boca entreabre e libero um arquejo, surpresa.

Há apenas uma aliança. *A menor.* Somente a metade do coração dele que ficava comigo, que pode representar muito bem o pedaço do meu coração que ele carregou consigo quando me deixou.

Onde está o anel de compromisso dele?

— O que você faz aqui?

Pulo de susto com sua voz árida e sou envolvida pelo medo.

Não consigo olhar para trás, não consigo responder, não consigo pedir desculpas... *mal consigo respirar. Só consigo tremer.*

Escuto seus passos que parecem marteladas no chão, e viro um pouco o rosto em sua direção. É impossível não reparar que ele está apenas com a calça jeans do colégio. Ele vai ao armário e guarda um quadro com bastante cuidado. Não consegui ver o que tinha na tela, no entanto acho que a pintura estava de costas para mim. Quando a porta do armário é fechada, paro de olhar para Noah.

— Vim ver se você está bem. — Respondo sua pergunta num fio de voz.

Ponho o saquinho de volta à bancada, e observo o meu tremor nas mãos sem conseguir encontrar forças para controlá-lo.

— Não. — Escuto sua respiração atrás de mim, soprando meus cabelos, enquanto ele tira a mochila das minhas costas e a coloca no chão. — Eu não estou bem.

Ele pega o anel da minha mão e desliza pelo meu dedo.

O metal gelado *queima*.

— Me ajude a fazer essa dor passar.

Seu corpo encosta no meu. Seus braços estão gelados e, assustada e preocupada, viro-me abruptamente só para encontrar seu peitoral desnudo. Eu o encararia imediatamente, tudo que eu queria era olhar em seus olhos, porém meu olhar fica preso num acessório que nunca o vi usar.

Um cordão. Nele, está pendurado seu anel.

Noah se afasta e só assim olho em seus olhos. Estão vermelhos, seu rosto está banhado pelas lágrimas. A dor que eu vejo causa um aperto no meu peito quase sufocante.

Num gesto rápido, ele puxa o cordão, rompendo-o para nunca mais ser usado. Em seguida, ele desliza a metade dele em seu dedo.

— Me ajude a esquecer.

Seus braços me agarram, sua boca cola na minha, antes de eu compreender o que acontece. Ele repete mais uma vez a frase, com os lábios grudados nos meus, seus olhos cerrados fortemente, enrugados, enquanto tenta me beijar.

Ponho minhas mãos em suas costas, novamente geladas, e deixo esse beijo finalmente existir. Os beijos dele também me fazem esquecer e eu preciso deixar de sentir essa dor no meu peito.

Essa é a nossa cura. É impossível eu imaginar um mundo sem Noah.

É triste saber que nossa dor será eterna.

Nunca mais seremos completamente felizes.

Um mundo sem ele é um mundo pela metade, uma felicidade vazia. A dor que sinto é aplacada agora por lábios, línguas, abraços. Quero esquecer que ela voltará. A sensação de abandono foi embora, e, por mais que eu saiba que assim que o beijo acabar só haverá a solidão rotineira, eu estou feliz.

Muito feliz.

Cedo demais, ele afasta nossos rostos. Ainda não estou preparada para que ele me mande embora. Preciso esquecer o mal por mais tempo. Preciso continuar fingindo que o que temos agora é para sempre.

Seus braços deslizam lentamente pelas minhas costas. Estou quase agarrando-o novamente, quando suas mãos acariciam meus braços e seguram minhas mãos.

Noah anda para trás e eu o sigo. Ele se senta na ponta da cama, os olhos nunca deixam os meus, mesmo quando solta minhas mãos e toca intimamente meus quadris.

Tomo a liberdade com que ele me toca como um desimpedimento para erguer minhas mãos e acariciar seu cabelo, o contorno de sua face. Ele vira o rosto em direção à minha palma e planta um beijo molhado.

— Seja minha por hoje. — Suplica sussurrando.

Pisco lentamente. Estou um pouco atordoada com o que ouvi.

Será que entendi direito o que ele pediu?

Um pedido terminado com um “hoje” e que é evidente que ele quer que seja “agora”? É isso o que ele quer dizer com *fazê-lo esquecer*?

— Noah...

Ele me encara soprando sua respiração ofegante. Seus olhos imploram pela minha aceitação.

Suas mãos descem pelas minhas pernas. Param na parte detrás das minhas coxas, pouco abaixo das minhas nádegas.

— Eu preciso de você.

Toco seus ombros e, sem sua resistência, separo-nos a distância de um braço.

Noah não precisa ser mais claro.

Ele quer fazer amor comigo.

Não há uma parte de mim disposta a negar seu pedido. Na verdade, não consigo me imaginar nos braços de outra pessoa que não seja ele, nem hoje, nem nunca. Eu o amo demais. Mas sei que ele fez esse pedido por outros motivos. *E não, não falo sobre a necessidade de ele esquecer o dia de hoje.*

— Tá. — Concordo baixinho. — Mas... *Noah...*

Deus! Por que é tão difícil admitir?

Infelizmente eu sei a razão. Ele vai me ridicularizar. Como o fez há alguns dias.

— Só se você quiser. — Ele fala diante do meu silêncio. — Não quero forçá-la a nada.

— Sobre o que você viu...

Seu olhar desvia do meu. Antes, vislumbrei o lampejo da repulsa que ele tenta ocultar.

— ...não é verdade.

Ele se levanta da cama abruptamente e eu preciso me afastar ainda mais.

O desejo acabou.

Uma risada de escárnio deforma seu lindo rosto.

— Você está me dizendo que não é verdade o que eu vi? Não há uma noite que eu não tenha pesadelos com aquilo, Beatriz! Com você e... a foto que você está...

O nojo não o permite continuar.

E eu não sei até hoje exatamente o que ele viu. Sim, ele viu uma foto. Uma entre várias e há muitas conclusões equivocadas que podem ser tiradas sobre elas.

— Foi armação. — Digo baixinho.

— Foi armação! — Debocha. — Não parecia ser armação. Você e aqueles caras!

Meu mundo desaba. Totalmente sobre mim.

Soterra-me por ele ter visto provavelmente o pior registro.

Preciso gritar por socorro.

Preciso me salvar.

Preciso me fazer ouvida.

— Foi armação, Noah. — Repito, dando um passo para frente. Seguro em seu rosto para que colha a verdade do que eu digo olhando em meus olhos. — Nem tudo o que você viu é verdade.

A acusação em seu olhar cede espaço para o desespero.

— Apenas me ame Noah. Vamos esquecer, vamos fazer o que queremos.

Engulo em seco, tentando não deixar o desespero me dominar, quando minha única intenção é que a pessoa que eu amo seja quem tirará a minha virgindade.

— Essa é a nossa primeira vez, Noah. A minha primeira vez... eu quero que ela seja com você. *Agora.*

Há muito tempo não ficávamos deitados abraçados. Adorei todas as noites que pude desfrutar ao lado dele, e cada uma delas foi para nos preparar para esse instante: o momento após a primeira vez que fizemos amor. A diferença entre ficar agarradinho antes e agora, fora a intimidade elevada em seu grau mais alto, é que Noah está com seus braços firmes, atando-me a si de um jeito que parece não querer me soltar jamais.

Era para ser um momento apenas feliz. Nossa primeira vez foi incrível. Nem nas raras vezes que eu sonhava com esse dia, imaginei-o tão perfeito. Sempre soube que quando chegasse, Noah seria carinhoso, faria de tudo para eclipsar a dor (mesmo assim, doeu pra caramba). Nossos beijos ganharam outro sentido, nossas carícias eram mais intensas.

Quando acabou, Noah me deixou no banheiro e trancou a porta da casa. Tomei um banho quente e gostoso e vesti uma camiseta sua. Estou com ela. Estou impregnada do cheiro dele: seus produtos de higiene, sua camisa, o cheiro do seu lençol, e o cheiro do seu corpo junto ao meu.

Não sobreviverei quando o “agora” de “hoje” chegar ao fim.

E parte meu coração saber que ele também não.

No momento em que rompeu a minha pureza eu vi a dor em seus olhos. Ele quis, quis muito acreditar na minha palavra, mas foi só naquele instante de maior dor física, que ele acreditou piamente que nem tudo que falam do meu passado é verdade. Vi as lágrimas e por alguns segundos fiquei com a dor do rompimento do hímen e o pânico de ele não conseguir continuar com o que fazíamos.

— *Nossa primeira vez juntos.* — Sussurrei.

E depois veio a perfeição que acabei de narrar.

E depois da perfeição vieram as lágrimas. Muitas lágrimas.

Terminei o banho, voltei para o quarto e ouvi seu choro ecoar de algum lugar da casa.

Chorou novamente quando me abraçou, para ficar de conchinha, como estamos agora. E só agora ele parece realmente se acalmar.

Escuto uma respiração mais funda, seu peito expande tanto que pressiona minhas costas. Ele ergue nossas mãos unidas, a aliança cintila em sua mão sobre a minha.

— Eu tirei o anel de você, mas não peguei a chave do meu coração de volta. Ele permanece trancado e só você pode me fazer feliz. — Diz com a voz rouca, porém não mais tão embargada pelo choro.

Fecho os olhos. Visualizo o cartão que ele fez pra mim, a pequena chave desenhada à caneta. Aquela chave é única para os nossos corações.

— Precisamos ter uma conversa séria.

O tom dele é tão *sério* que a última palavra é totalmente dispensável. Viro-me em

seus braços, sem saber se essa conversa séria pode ser feita com nós dois assim, deitados e agarradinhos, ou se é melhor nos separarmos, colocarmos nossas roupas, o tempo que levarei para tentar me preparar para o pior.

Mas antes de qualquer coisa dita, escutamos batidas na porta. A voz de seu pai, tão parecida com a dele, soa cansada perguntando em inglês se o filho está em casa.

Noah me encara com a testa franzida e a boca quase numa linha fina. Responde ao pai que já está indo, mas é visível que me tornei um *problema*.

— Se você distrair seu pai, posso sair sem ser vista.

Ele me dá um meio sorriso e um selinho.

— Ainda quero conversar com você. Não vá a lugar nenhum. Ok?

— Ok.

Ele me beija rápido novamente e sai da cama direto para o armário. Cata uma camiseta e prontamente a veste, antes de sair do quarto.

Noah quer que eu fique aqui, quer conversar comigo e não parece nem um pouco inclinado a dizer que chegamos ao fim ou que depois de hoje, só cumprimos a promessa de ficarmos juntos no dia antes de sua partida.

Solto um suspiro entrecortado. *A partida dele*. Noah não ficará para sempre comigo. O dia de hoje é apenas mais uma ilusão.

Saio da cama e me visto. É difícil, mas me despojo da camiseta dele e coloco a roupa que eu vim... *e surrupio sua camiseta*. Guardo-a no fundo da mochila e pego o celular.

Ligo para tia Talita e aviso que ainda estou aqui na casa do Noah, que eu e ele estamos conversando (graças a Deus ela não consegue ver meu rosto em brasa), mas que seu pai chegou agora e eles foram conversar a sós. Fora a nossa primeira vez, falo mais ou menos o que aconteceu e que ele pediu para que eu ficasse mais um pouco.

Noah volta quando estou terminando a ligação. Trouxe com ele uma bandeja com suco em caixinha, biscoito e salada de fruta.

Meu peito se aquece e um pedacinho do meu fragmentado coração é colado.

Será que ele fez a salada de fruta agora?

— Achei que estivesse com fome...

Estou com fome, porém nervosa demais para comer.

— Obrigada. Como foi a conversa com seu pai? Sua mãe está bem?

Noah pisca um pouco aturdido e eu tento não entrar em pânico por ter falado demais.

— Você ouviu a conversa que tive com a minha avó?

— Foi difícil não ouvir.

Ele respira fundo e se senta na cama. A bandeja fica apoiada no colchão, entre nós.

— Já. Meu pai está providenciando a transferência para uma clínica particular. Ele passou em casa para saber como eu estou e... — ele respira fundo — ... e ver a destruição. Acho que foi culpa minha, sabe? Joguei meu celular no chão hoje de manhã... depois não consegui um para usar na aula e ela ficou nervosa por não conseguir falar comigo.

Por isso a mãe dele ligou pra mim.

Tomo a dor do Noah como minha, mas entender de verdade, entendo a sua mãe. Entendo o desespero dela, de um jeito meio torto, pois sei o que é querer fazer algo mesmo que simples, no entanto ser incapaz de concretizar essa ação, ou ter controle dos impulsos, mesmo os destrutivos. Seguro sua mão sem saber o que dizer para confortá-lo. Quero perguntar o que o levou a quebrar o celular, dizer que não é culpado da atitude de sua mãe, que ela tem os fantasmas dela e que enfim terá tratamento, mas só fico em silêncio.

— Amanhã vem uma equipe fazer a limpeza, meu pai está providenciando a substituição do que não tem concerto.

Estreito os olhos, intrigada. Não falta muito para terminar o ano. Seria triste, mas poderiam passar quatro meses aqui com o mínimo necessário, já que depois viverão nos Estados Unidos.

— Substituir? Vocês não estão de mudança daqui a três, quatro meses?

Ele desvia o olhar.

— Noah! Desculpe me intrometer, mas como estou de fora, não estou pensando de cabeça quente. Só acho que vocês não precisam remontar essa casa já que... — engulo em seco — ... vão embora de vez do Brasil. Ou é só você quem vai embora?

— Quando vi aquilo... — ele fecha os olhos e estremece — ... meu mundo acabou, Trix. Eu pedi pro meu pai para sair do país. Eu queria ficar longe de você. — Meus olhos marejam. Os dele também. — Queria ir embora desde já. Meu pai aceitou na hora, mas minha mãe implorou que eu ficasse.

Eu não acredito no que estou ouvindo!

— Você está dizendo que...

— Que menti. Eu não vou embora. Talvez faça uma viagem no fim do ano, mas não, não vou embora definitivamente.

Ele. Não. Vai. Embora.

Ele não vai embora e me deixou nesse desespero o tempo todo.

— Achei que se você pensasse que não pudéssemos ficar juntos, você seguiria em frente mais rápido.

— Seguir em frente mais rápido? — Exalto-me. — Sério, Noah? Cada vez que eu conversava com um garoto você aparecia para afastá-lo de mim!

Ele coça a cabeça e passa os dedos pelo cabelo. Sua respiração acelera, noto que as palavras estão na ponta da língua. Quando seus lábios partem e ele suga o ar lentamente,

espero e muito que seja para se justificar.

— Você... Eu... Foi muito difícil ver... ver aquela foto, Beatriz. — Ele baixa o olhar. — Mais difícil acreditar que era você com três garotos. *Três!* — Repete sussurrando enquanto meu coração se desfaz. — Cheguei em casa me sentindo um monstro pela forma como te tratei. Me senti culpado, só que eu não... eu não conseguia me lembrar de você dizendo que era virgem. Deus! Com o tempo, até passei a pensar que poderia ser uma montagem.

Ele encolhe os ombros e o fio brilhante de uma lágrima corta o seu rosto.

— Eu vi nos seus olhos a culpa. — Ele suspira e limpa o rosto. — Como aconteceu aquilo?

Meneio a cabeça. Não quero falar sobre aquele dia, sobre o que aconteceu.

— Como você descobriu? Já que estamos tendo essa conversa, por favor, me diga.

Ele balança a cabeça duas vezes lentamente.

— Nós vamos encarar essa juntos. — Sua mão alcança a minha. — Nós estamos juntos nessa, Trix.

— *Quem?* — Insisto.

Ele tosse e pigarreia antes de dizer um único nome bem baixinho.

— Claudia.

Por um segundo não faço nada. Talvez nos dez segundos seguintes eu tenha até esquecido de respirar. Ou mais tempo, porque preciso puxar o ar com força.

Como ela descobriu?

Noah aperta minha mão. — Nós estamos juntos nessa! Vamos pensar numa forma de falar com os seus tios, Arrumaremos um jeito de pará-la.

Puxo minha mão e saio de perto dele, que arregala os olhos, assustado com meu afastamento.

Seguro meus cabelos para trás com força, desesperada. Se meus tios descobrirem, eles vão me mandar embora. Tio Diego deixou bem claro que não ficaria mais comigo, caso Claudia tivesse conhecimento do que aconteceu. Já posso ouvi-lo dizer que se eu tivesse apenas me preocupado com os estudos, nada disso aconteceria. Ouviria dos meus pais mais uma vez que eles tiveram motivos para me manter trancafiada em casa.

E Noah ficará livre para Natasha.

Meu Deus, por que Claudia me odeia tanto?

Eu preciso aceitar. Uma aceitação mordaz, cruel, mas não quero decepcionar tia Talita. Não quero que essa mancha em minha vida encubra Noah e sua reputação. Até agora, ele só a viu. Não foi atirado na lama.

Não tenho escolha.

Seguro meu dedo e vejo o pânico nos olhos dele enquanto me assiste tirar o anel.

— Você não vai lutar? Vai desistir de nós?

— Acabou, Noah.

— Não! — Ele levanta da cama e num segundo está ao meu lado, suas mãos agarradas as minhas, impedindo-me de tirar o anel. — Não, não, não, não! Não! Não! Vamos enfrentar isso juntos! Eu não vou te perder!

Respiro fundo e olho para seu rosto. Tão lindo e perfeito que até essa cicatriz em sua sobrancelha parece uma obra divina para sua beleza ficar completa.

— Não tenho escolha, Noah. A verdade é que se você falar que sabe, eu me mudarei no dia seguinte para bem longe, assim... — estalo os dedos. — A Claudia não podia ter descoberto. Nunca!

Afasto-me um passo, dois, até que nossos braços estão esticados pelas nossas mãos unidas de um jeito esquisito.

— Me deixe ir, Noah. — Imploro soluçando.

Ele meneia a cabeça. As negações parecem tentar sair novamente pelos seus lábios. Mas eles se mexem sem emitir som.

— Eu preciso ir.

Ele respira fundo e me solta. Seu maxilar fica rígido. Todo seu corpo fica imóvel, após seus braços caírem ao lado do seu tronco.

Uma parte de mim queria que ele me agarrasse e me impedisse de ir embora. Talvez ele se force nesse momento a se recordar da foto que viu. Ela é uma âncora pesada e perfeita para que ele não consiga correr atrás de mim.

Uma foto entre tantas outras igualmente horríveis.

Eu queria que fôssemos apenas “eu e ele”, mas meu passado é uma sombra que ganha corpo e vê na minha prima uma grande aliada para destruir minha felicidade.

Encontro o pai dele na sala. Ele recolhe o que pode ser até chamado de escombros, tamanha é a destruição. Ele me vê e estreita os olhos.

— Cadê o Noah? — Pergunta com sua voz carregada de sotaque.

— Está no quarto dele, senhor. — Respondo num fio de voz.

Passo pela porta e é como se o meu coração ficasse lá dentro.

Será que se eu voltar agora, posso retirar o meu “acabou”?

Eu devia ter deixado que meus sentimentos por ele fossem apenas platônicos.

Certa vez, pensei que eu e Noah não éramos almas gêmeas. Que, por esse motivo, uma parte de mim acreditava que não deveríamos nos entregar àquela paixão. Hoje, eu tenho certeza que ele é minha cara-metade. Minha alma só queria protegê-lo da dor que cerca minha vida. E eu sinto muito, muito mesmo, por não ter dado ouvidos a ela.

Chego em casa e tenho a infelicidade de dar de cara com minha prima. Estranhamente, seu rosto está inchado, é impossível que não estivesse chorando e suspeito que ela só parou quando me viu abrir a porta.

Mas pouco pude ver de sua tristeza. Não deu nem tempo de eu pensar em algo de ruim que pudesse ter acontecido aos seus pais, pois seus olhos brilharam de ódio.

— Ele nunca mais vai querer nada com você! — Ela cospe como uma naja. — Ele sente nojo de você!

Olho pro seu rosto vermelho, roxo e desfigurado. Não fui a única a ter um coração despedaçado.

— Você está sofrendo por que Caíque terminou com você. Valeu à pena o que você fez contra mim?

— Não se meta na minha vida.

Eu poderia dizer para ela parar de se meter na minha, mas eu tenho muito medo do que ela é capaz de fazer, ainda mais numa hora de raiva.

— Dê um tempo a ele. Caíque é amigo do Noah, ficou chateado com a sua... *insistência* para ele ficar com Natasha.

Em insistência, lê-se ameaça. Ela bufa uma risada debochada.

— Você é tão patética. Primeiro fez de tudo pra jogar o Caíque para cima daquela escrota. Agora quer se fazer de boazinha e ajudar a mim?

— Eu não falei em ajudar e nunca joguei o Caíque para cima de ninguém.

A risada soa mais alta. — Claro que não.

— Eu não joguei Adriana em cima do Caíque. Nunca falei nada para os dois ficarem juntos.

Ela rola os olhos.

— Quer saber? Por que você não pede uma retribuição à *Nath*? — Desdenho na hora de falar o nome daquela víbora. — Você perturba tanto o Noah para eles voltarem, pede pra ela *perturbar* o Caíque pra te dar mais uma chance! Será que ela é capaz de fazer isso por você?

Ela me encara com ódio, mas a resposta da minha pergunta está em seus olhos. Natasha nunca perguntará nada. Nunca moverá uma palha em nome da amizade das duas.

Dou-lhe as costas e vou para o meu quarto. Claudia fez as escolhas dela... escolhas tristes e que respingam como óleo quente em mim.

— Esqueça o Noah. Você vai se arrepender amargamente se continuar tentando voltar para ele.

Palavras baixas. Suas últimas palavras foram sussurros, só possíveis de serem ouvidas por estarmos sozinhas nessa casa imensa e silenciosa.

Palavras que ainda ecoam em mim quando fecho a porta do quarto.

Eu não posso fingir que posso superar mais uma vez a minha dor.

Eu preciso esquecer o Noah.

Preciso esquecer que ele precisa de mim, que está passando por um dia difícil e os próximos serão tão ruins quanto hoje. Sua mãe aceitou o tratamento, mas, ainda assim, é uma pessoa doente, fora que ele por todo esse tempo esconde de todo mundo a verdade que é a sua vida.

Dói demais não poder ficar com ele.

Caminho até a escrivaninha e destranco o gaveteiro com a chave que sempre carrego comigo. Abro-o e tiro o diário.

Hoje foi um dia especial. Ainda é início da tarde, mas o dou como encerrado para praticamente tudo, exceto escrever sobre o dia de hoje.

Sim. *Escrever.*

O que vivi essa tarde foi mágico. Especial. Incrível. Um momento de puro amor e que não quero nunca esquecer.

Abro o diário. Páginas e mais páginas que só não estão em branco por causa das flores que a enfeitam no final. Hoje não faço a menor ideia de quantas flores colocar aqui.

Uma flor para a tristeza de Noah por causa de sua mãe; três por ela finalmente receber um tratamento mais adequado do que ficar alimentando sua doença trancada em casa. É como se ela tivesse que sair dessa sozinha, já que a única pessoa que realmente está do lado dela é seu filho mais novo, e ele definitivamente não sabe lidar com a situação, nem é o mais indicado.

Três flores para minha primeira vez com Noah; uma flor sobre nosso término.

Deixarei que as palavras definam o dia.

Pego a caneta rosa e escrevo:

Querido diário,

Hoje não dá para definir meu dia como perfeito e maravilhoso ou apenas muito ruim.

Estou tremendo (de um jeito muito ruim). Nem sei se é válido escrever que estou tremendo, mas estou tremendo, porque eu sei que depois que eu escrever sobre esse dia, escreverei sobre o meu passado.

Mas isso pra é depois... Agora quero deixar registrado o dia importante que tive.

Hoje foi a minha primeira vez com o Noah. Quero deixar registrado que nunca pensei que poderia ser tão feliz ao lado dele. Foi tudo perfeito. Incrível. Por um momento fomos apenas nós dois, e nada fora do quarto dele (da cama dele) tinha importância.

Então veio a realidade. Um choque doloroso que não me permite continuar suspirando pela tarde maravilhosa que passamos juntos.

Veio a parte que as três flores passaram a ser apenas uma. Ou nenhuma. O fim. O nosso fim. Eu tive que terminar para protegê-lo. Para me proteger também.

Quem sabe no futuro? Quem sabe essa amizade doentia da minha prima acabe de uma vez (ou pelo menos deixe de ser doentia), e ela me deixe em paz. Com certeza, a primeira pessoa que eu procurarei, se ela terminar a amizade com a Natasha, será o Noah. Só espero que não seja tarde demais.

Não sei se deveria escrever essas coisas aqui. Esse desejo de extinguir a amizade da Claudia com a Natasha não devia ficar perpetuado. Todavia não quero rasurar. Se fosse para riscar, eu riscaria “o fim” e correria agora mesmo para a casa dele. Pediria para ele riscar o absurdo que até agora não acredito que fui capaz de fazer.

O absurdo para nos proteger.

E é por isso que escreverei sobre o que aconteceu no passado.

Não posso cair em tentação, não posso permitir que a maldição adormecida, acorde e espalhe todo o seu mal.

É ridículo eu escrevê-la com essa caneta cor de rosa. Aquilo é negro e é com uma caneta de tinta preta que pego do meu estojo que começo a escrever as primeiras palavras.

Querido diário,

Ainda estamos no dia maravilhoso e é muito difícil manchá-lo com as próximas palavras. Ainda mais por eu contar não apenas um dia, mas lembranças de uma vida inteira. Recordações de uma menina solitária. Recordações tristes que resultaram no maior erro da minha vida.

Enquanto escrevo, as palavras correm pelo papel como as lágrimas rolam pelo meu rosto. Palavras e lágrimas incansáveis e incessantes da vida que deixei para trás, e preciso ser firme para nunca mais voltar para ela.

Cada frase é uma mexida na ferida que eu já tinha pleno conhecimento que não estava cicatrizada. *Dói.* É uma tortura sem fim que despedaça meu coração, corrói minha alma e destroça minha sanidade.

Tia Talita entra no quarto com o copo d’água e o comprimido no invólucro metálico. É impossível esconder que escrevo, mais difícil ainda é ocultar as lágrimas e os soluços. Fico “grata” por ela não fazer qualquer pergunta ou não se demorar no cômodo, e tornar essa escrita ainda mais dolorosa e a descoberta da minha resignação mais vergonhosa.

Pouco tempo depois, minha mão lateja. Já escrevi algumas páginas. Escrevi nessas horas mais do que escrevi em qualquer dia da minha vida.

Preciso fazer uma pausa quando uma câimbra me faz soltar a caneta. Tomo a água. Rejeito o comprimido e abro a gaveta. Ao invés de aumentar a minha coleção, tiro todos os outros.

A vontade de tomar todos de uma vez é muito grande.

Uma tentação imensa.

Porém recuso ceder. *Eu ainda acredito que posso ser feliz.* Não sei como, mas creio que seguir em frente é a melhor solução.

Ignoro a dor em minha mão, mudo um pouco a posição do lápis para diminuir a pressão do dedo em que ele está apoiado. Noto a formação de um calo, porém sigo em frente com o registro dessas recordações.

Puxei o fio da meada e seu fim aparenta estar muito distante. Pelo menos não há nós, não há nada que precise ser desembolado ou que me impeça de narrar o que deveria ficar esquecido no passado.

O sol nasce e é nesse instante que fecho o diário.

Não sei se escrevi tudo que devia ou se escrevi além do necessário. Mexi com minhas memórias e minha mente era um rio fluído e cristalino, embora tudo que passei para o papel seja opaco e lamacento.

É admirável que esses comprimidos não sejam vistos como a solução dos meus problemas. Realmente admirável eu simplesmente não desistir.

Desistir seria muito mais fácil do que lidar com minhas recordações.

Saio da cadeira e preciso me espreguiçar. Meu corpo cobra a noite insone, sentada tensa e praticamente imóvel na cadeira.

Pego o copo para leva-lo para cozinha. Tirando o sono, estou morrendo de sede e com vontade de ir ao banheiro. Por toda a noite, só levantei uma vez.

Abro a porta do quarto e dou de cara com tia Talita.

— Oi, minha querida, bom dia.

Ela me abraça após a sua saudação. Meu queixo treme com o choro. Não queria chorar, não agora, quando esperava apenas pedir-lhe para ficar em casa, por ter passado a noite em claro fazendo algo que ela mesma julgava importante.

Mas eu escrevi. Abri a caixa e rememorei por completo aquela garota que seguia sua vida dia após dia sem novidades. É até estranho ter escrito tanto sobre uma vida vazia.

— Você vai se sentir melhor depois. — Ela fala carinhosamente afagando meu cabelo. — Fique em casa hoje, descanse. E nunca se esqueça de que pode sempre contar comigo. Tá? Você me promete?

Assinto e a sigo até a cozinha. É ela quem enche o copo para mim. Tomo dois. Vou ao banheiro e volto para a cozinha pegar mais um.

— Suponho que você não precise daquilo hoje.

Tia Talita acha mais fácil não falar que tomo comprimidos, como se eles não existissem. Pelo tempo que vivi aqui, também deixei de me referir às pílulas que garantem meu sono pelo seu verdadeiro nome. *Isso... aquilo... o invólucro metálico...*

— Vou tomar o comprimido de ontem à noite.

Ela assente.

Entro no quarto e deixo o copo sobre a escrivaninha e abro o gaveteiro para tirar o cartão que Noah me deu. Aproveito para guardar os comprimidos ainda fechados que não

tomei por não querer me medicar na frente do Noah.

Eu terei que devolver esse cartão para ele. Talvez em pedaços, caso eu tenha coragem de destruí-lo dramaticamente, para que Noah sinta raiva de mim. Deito na cama e o abro. Será a última vez que lerei essas palavras.

Trix. Todos os dias quando acordo, fico feliz por saber que encontrarei minha garota de olhos de lua cheia. A garota mais linda que existe. Eu te amo.

Eu te amo.

Noah.

PS: só você tem a chave do meu coração.

Passo a ponta do dedo sobre a chave mal desenhada. Dá para sentir a pressão da caneta sobre o papel, o que torna a sensação de que ela seja verdadeira ainda mais real.

Fecho os olhos e sinto o metal no meu anelar com o indicador da outra mão. Quando ele me impediu de tirar o anel, não tive força para deslizá-lo novamente pelo meu dedo.

Devolverei o cartão com a aliança.

Mas não agora. Fecho os olhos e eles já não se abrem mais de tão pesados.

Libero um arquejo gutural. Minha mente ainda está anuviada e meu corpo ainda treme com a recordação. Foram poucas vezes que tive um sono livre de efeito do medicamento que me impede de sonhar.

Hoje em dia, se sonho, não durmo. Até sonhar com Noah se tornou doloroso. Um sonho maravilhoso, eu e ele sentados em sua cama, abraçados e nos beijando, até que Claudia abriu a porta e me puxou para sair do lado dele. Para completar o terror, Natasha magicamente apareceu do lado do Noah, e ele acariciava seu rosto enquanto a beijava e dizia que a amava.

Ainda não estou pronta para dormir “sozinha”.

Espreguiço-me sentindo o protesto dos meus músculos. Não faço a menor ideia de quanto tempo dormi, mas meu cansaço era tão extremo que não me mexi. Acho que só saí da posição que adormeci quando o sonho se tornou em pesadelo, me despertando.

Apoio na cama para levantar e esbarro no cartão. A ponta dele está um pouco dobrada, e tento delicadamente deixá-lo plano novamente. Deve ter sofrido com meus movimentos nos últimos segundos ou minutos do sono. Ele quase volta a ficar no formato de antes. Vou colocá-lo dentro de um livro para ver se fica retinho de novo.

Espreguiço-me novamente e saio da cama para poder seguir em frente nesse dia que já tem todos os motivos para ser um dos piores da minha vida.

Por isso, é difícil pousar o olhar na minha mão. Eu sinto... *sinto* o anel em meu dedo, um anel que Noah não permitiu que eu tirasse. E agora é impossível removê-lo de mim, Será como cortar fora o próprio dedo que ele habita.

Vou até a escrivaninha para pegar o celular e descobrir que hora do dia estou. Duas da

tarde.

Inspiro o ar profundamente e paro. Pisco uma, duas vezes, olho para a escrivadinha que tem em seu tampo apenas as quinquilharias que rotineiramente fazem companhia ao notebook.

O medo se inicia no meu estômago e sobe pelo meu corpo arrepiando-me sombriamente. Desperta meu coração, alterando sua cadência lenta para batidas pesadas, aceleradas e dolorosas. O mesmo medo passa a ser uma agonia ofegante, meus pulmões não conseguem puxar o ar corretamente, e a respiração descompassada e entrecortada é sufocante.

— Cadê? — A palavra questionadora é um sopro agonizante.

O medo agora já é pânico, dominando meu corpo, fazendo minha cabeça latejar e minhas mãos deslizarem pela superfície plana da mesa.

Não há sinal do diário. A caneta rosa que ganhei com ele, e usei para escrever em praticamente todas as páginas, só não está solitária, pois a preta que usei para registrar o passado está repousada ao seu lado praticamente numa paralela perfeita.

Olho para o criado-mudo e quase morro ao ver o brilho metálico da chave.

Esfrego meu rosto por causa do meu erro estúpido. Puxo a primeira gaveta que desliza sem o empecilho da tranca, revelando seu interior praticamente vazio.

Solto um soluço quando puxo as demais gavetas. Está tudo dentro. Coisas inúteis. As roupas do Noah que ficaram de recordação.

Mais um soluço. Uma dor pungente fraqueja minhas pernas e desabo no chão, abraçando meu estômago, encolhendo meu corpo o máximo que posso enquanto meu joelho protesta contra o chão frio.

As lágrimas rolam pelo meu rosto turvando meu quarto frio.

Um grito força a sua passagem e rompe a barreira da garganta. Mas ele é inaudível. Minha boca aberta *apenas* emite um chiado agonizante e que me rouba o ar.

Eu não devia ter escrito naquele maldito diário! Meu Deus, só pode ter sido a Claudia! Era para ela *nunca* saber sobre meu passado e agora ela tem foto e um relato completo.

Deus, como dói!

Logo estou de joelhos novamente, apoiando-me com praticamente as pontas dos dedos na beirada da mesa. Abro a primeira gaveta em busca do que também sumiu.

Os comprimidos.

O copo está ali, sobre o tampo, do jeito que eu deixei. Ele aplacaria a secura na minha boca, mas estou fraca e caio de novo no chão, agora de lado, encolhida, desejando pelo menos um comprimido para voltar a dormir, e fingir que essa realidade é mais um pesadelo. Quando acordasse, o diário estaria trancado no gaveteiro, as palavras mordazes estariam seguras e ocultas.

O celular sobre a escrivaninha pode me dar alguma resposta. Se foi Claudia, não duvido nada que as páginas tenham sido fotografadas, e ela enviou para aquele grupo dos infernos que reúne todos os alunos do colégio.

Uma pequena parte de mim quer ir pela lógica e crer que quem entrou no meu quarto e pegou os remédios e o diário foi tia Talita. *Ela deve estar morrendo de curiosidade para saber o que eu escrevi, não?* É mais fácil ela ter vindo aqui do que a minha prima, que não aparece há séculos aqui no nesse quarto, certo?

Mas sei que Deus não é tão bom comigo. Sei que ele não teria misericórdia, não me tiraria da lama. Dos céus, só posso esperar ser atirada naquele poço escuro e sem luz para pagar todos os pecados que cometi nessa vida e nas vidas anteriores.

A porta range, um som decrepito que me faz encolher ainda mais.

— Ah, meu Deus! Oh, minha menina, levante!

Mal os passos ecoam perto de mim e tia Talita me abraça. Seus braços erguem minha cabeça do chão e escuto sua voz chorosa perguntar por que estou assim.

— Não fique assim, querida. Agora que você escreveu, você se sentirá melhor. Ainda é doloroso porque você acabou de mexer nessas emoções, abriu sua caixa e rememorou recordações de situações que nunca deveriam ter acontecido.

É entre soluços que crio coragem para perguntá-la.

— Tia, a senhora pegou meu diário?

— Seu diário? Claro que não, querida.

Ela fala mais alguma coisa que soa como um zumbido, enquanto minha visão escurece.

Desbloqueio o celular e rolo as mensagens perdidas. É um processo doloroso pelo qual preciso me submeter. Não tenho escolha. Simplesmente não tenho. Leio as mensagens em busca de um só nome, vejo as fotos por alto, a maioria é de autopromoção das garotas revelando as roupas que usarão no dia. Há também piadas, memes, mensagens de “bom dia”. Mais de quatro centenas de toques na tela depois, e todo esse lixo está apagado.

Desse grupo, eu só tinha duas fotos que nunca apagava. A primeira estava acompanhada da legenda “Garota nova gostosa na festa do Noah”. A segunda dizia “A gostosa esquisita tá no CAV”. Por eu ter quebrado o celular após ler nossa última conversa, pouco antes de vir para o colégio, eu as perdi. Quero dizer, ainda tenho, mas não estão mais no *Whatsapp*.

Respiro fundo e entro no outro grupo. Esse é de apenas dos rapazes do colégio. *Esse é o pior*. Aqui são postados ranking de jogos online, *ranking das garotas do colégio* (usando as fotos que elas postam nos outros grupos que recebem notas, elogios ou esculachos), fotos que tiram de garotas na praia ou no clube (muitas garotas do colégio aparecem também). E há muita pornografia. Fotos, vídeos de sexo de todos os ângulos.

Eu gostava de ver essas imagens. Assistia esses vídeos. Dava minhas notas. *Só não esculachava*. Achava digno as garotas receberem meus elogios. E minha participação era recebida com uma enxurrada de comentários posteriores. A garota logo virava centro de atenção, virava objeto de disputa.

Isso mesmo: *objeto*. Não me leve a mal, tenho dezesseis anos, nem tudo que eu faço é digno de aplausos. Às vezes, eu zoava e dizia que a garota estava despertando atração em mim, que tinha vontade de *ficar* (lógico que não desse jeito bonitinho). Lançava um comentário, dois... três... e ficava zoando com Daniel e Caíque, enquanto assistíamos a garota virar a mais cobiçada do colégio por alguns dias.

Mas agora baixo cada um desses arquivos sentindo meu coração esmagado e uma sensação nauseante, um bolo no esôfago prestes a irromper pela garganta, caso eu veja uma daquelas fotos.

Fotos... Uma coleção de fotos que recebi. Disse à Beatriz que era apenas uma, mas eram dez. Exatamente dez fotos. Algumas que pareciam até um filme ou uma *animação...* *essas eram as piores*.

Fotos em que ela posa nua para a câmera. Sensualiza para seu observador. Fotos onde ela aparece com três rapazes. Os quatro estavam completamente nus. Ela tocava um deles. *Fazia... fazia coisas com dois deles*.

Como as fotos são falsas?

É impossível ser uma armação, como ela alegou. Ela pareceu ser tão sincera, mas

aqueles registros são de uma garota muito consciente do que fazia. É difícil aceitar que concordou com aquele absurdo, mas, de alguma forma, ela se arrependeu e saiu dali ainda virgem.

Pelo bem da minha sanidade, é melhor acreditar que ela disse a verdade.

Mesmo que a mentira seja óbvia, prefiro acreditar que ela nunca concordaria com aquilo.

Quando finalmente consegui falar algo a respeito com ela, reduzi para apenas uma. E mesmo se eu não soubesse de fato quantas eram, estava claro em seus olhos cinzentos e opacos que havia mais.

Hoje, como nos dias anteriores, não há nada nos grupos. *Graças a Deus.*

É uma tortura viver assim. Não é à toa que ela sempre vive tensa.

— E aí, cara, beleza? — Aperto a mão no Daniel, após o cumprimento elaborado de mãos que damos. — Sua mãe melhorou?

Olho pra ele como se o estivesse enxergando pela primeira vez na vida. Ninguém do colégio imagina o que acontece na minha casa. Para a grande maioria, a casa fica vazia o dia inteiro. Então recordo-me que ele estava perto demais enquanto eu tentava convencer a minha mãe a não cometer nenhuma loucura.

— Melhorou.

Ele assente. Ele abre a boca e volto a encarar a tela do celular, para não o encorajar a fazer mais perguntas sobre a minha vida.

— Maneiro o celular novo.

O modelo é igual ao anterior. A diferença é que meu pai comprou às pressas aqui no Brasil é branco e o anterior era preto.

Eu não podia ficar incomunicável. Estou sozinho em casa, ele está dividido entre o trabalho e acompanhar de perto a internação da minha mãe, já que minha avó tem muitas coisas importantes para fazer.

Guardo o celular no bolso, mas logo o pego, pois esqueci de fazer algo crucial. Estou prestes a concluir a mensagem avisando que cheguei ao colégio, quando a apago letra por letra, por não ser necessário avisar minha mãe praticamente de dez em dez minutos o que estou fazendo.

O grupo da família está silencioso desde ontem. Um grupo de mensagens trocadas em inglês entre mim, meus pais e meu irmão, que tem o nome “NYC”. Nele, está registrado o que eu, meu pai e meu irmão fazemos todos os dias, o dia inteiro, já que minha mãe não consegue sair de casa. Aqueles que olham a tela com seus olhos enxeridos acham que é um bate-papo com amigos que tenho nos EUA.

É como se todos nós fôssemos doentes por descrever cada um de nossos passos, para que ela não surte sem notícias. Isso quando minha mãe não insiste em manter uma conversa, para agir como se estivesse ao nosso lado.

O sinal de início das aulas me desperta para o ambiente onde estou com mais

eficiência do que as conversas que me envolvem, embora eu tenha feito algum comentário ou respondido perguntas quando falavam comigo mais por educação do que por vontade.

Olho para os lados. *Nada dela*. Pensei em passar na sua casa para irmos juntos, tentar logo cedo reverter aquele término sem sentido. Não é possível que não haja uma maneira de ficarmos juntos.

Toco meu peito, onde o anel de compromisso está pendurado no novo cordão. Ainda sinto a pressão dele no meu dedo. Formiga... lateja... *Dói*.

Dói não sentir o calor do seu corpo, ainda mais depois de nossa entrega completa ontem.

E é nessa hora que me recordo do amor da minha vida em nosso ato mais íntimo, que um braço passa pelo meu quadril, causando choque e espanto.

— Ah, Noah! Fiquei tão preocupada com você ontem! Liguei pra caramba e o telefone só dá desligado. O que aconteceu pra ter saído daquele jeito? O que aquela garota disse?

— Nath, Nath, Nath, Nath, Natasha! — Afasto-me dela após de chamá-la incessantemente, sem conseguir me fazer ouvido. — Pare. Apenas pare.

— Fiquei preocupada! Você nunca abandonou o colégio. Ainda mais num dia de Educação Física. E aquela aula sem você não é a mesma coisa. — Acrescenta um sorrisinho malicioso no final.

Ela também tenta acrescentar uma carícia no meu braço, mas me esquivo.

— Pare. Pare. Pare, Natasha, chega! Pare de agir com intimidade, pare de tentar falar comigo, pare de forçar uma reconciliação. Pare!

Seus olhos marejam e por um bom tempo me senti culpado quando essa hora chegava. Eu errei feio com ela no nosso namoro. Era para ter terminado, ao invés de ser convencido de termos nossa primeira vez. Foi um verdadeiro desastre aquele dia. As outras vezes que nos relacionamos intimamente foi para aprimorarmos e só. Nada além de sexo me atraía na Natasha.

Como eu já disse, tenho dezesseis anos. Os hormônios geralmente não me deixam pensar direito. E eu era mais novo quando namorava Natasha.

Mas um dia até esse lado só sexo me cansou, pois eu não queria nada sério, e ela queria *tudo*. E vou dizer: *Natasha cansa*. Natasha tem uma metralhadora de frases engatadas para conversar sobre qualquer assunto, e levar as pessoas a fazerem as suas vontades. Quando os olhos marejam, ela consegue fazer com que comam nas suas mãos.

Mesmo tendo plena consciência das atitudes dessa manipuladora obter tudo que deseja, eu caía.

Agora, no entanto, só sinto aversão. Um nojo por se aproveitar das ameaças da Claudia, uma idiota por dar as costas a quem tem seu sangue para alimentar essa obsessão de Natasha por mim. As duas amigas são unha e carne de uma mão podre.

— Noah, você me magoa falando assim.

— Apenas siga a sua vida que eu sigo a minha.

Dou um passo seguindo o fluxo de alunos para suas salas, mas ela segura meu braço, cravando um pouco suas unhas.

— Nós éramos amigos, Noah. Confidentes. Mesmo depois que terminamos, nunca deixamos de nos falar.

E de fazer outras coisas também... E Natasha jogou muito na minha cara que eu me aproveitei por ter me deitado com ela após o término. Mas é outra questão levantada por ela que deixa evidente que nada entre nós era verdadeiro.

— Nunca fomos confidentes. Nunca fomos amigos.

Eu não posso dizer que fui amigo dela. Nem perto disso. Era uma companheira. O contrário, bem, Natasha nunca conheceu a verdade sobre mim. Nem nunca teve interesse de conhecer.

— O sinal já vai tocar novamente. — O inspetor nos alerta. — Para a sala de aula.

Olho para os lados em busca mais uma vez de Beatriz. Suspiro pesadamente, esperando que ela apareça nem que seja atrasada ou no próximo tempo. Preciso vê-la. Preciso conversar com ela. Não posso aceitar o fim, se ela me ama.

— Ela não presta, Noah. — Natasha continua seu falatório pela escada. — A Claudia não confia nela. Tem medo da prima.

Essa declaração me faz parar.

— Como é?

— Se eu fosse você, teria um pé atrás. Ela me assusta também. Parece que quer me bater, me machucar. Tem algo de muito errado com ela.

Olho atentamente para ela, tentando enfiar na minha cabeça que é uma garota, insuportável, mas ainda é uma garota, e não posso levantar a mão.

Subo a escada de dois em dois degraus, algumas passadas são de três degraus. Ela me chama. Não dá para acompanhar meu ritmo. Dane-se!

Não imagino que ela saiba das fotos. Ela com certeza imagina que Claudia tem uma carta na manga poderosa. Só que seria uma estupidez contar que carta é essa.

Chego à sala, e queria muito encontrar Beatriz sentada na primeira carteira após a mesa do professor. *Mas Amanda está sozinha.*

As aulas passam, o intervalo passa, as aulas voltam a passar, meio dia de tempo totalmente perdido. Não aprendi droga nenhuma, fiz um esforço hercúleo para não ligar ou enviar mensagem para ela.

Não acho que devamos ter uma conversa pelo telefone após tudo o que aconteceu. Foi custoso não a procurar ontem mesmo para reatarmos. Sair do meu quarto e encontrar a casa destruída me ajudou a continuar por lá. Havia cacos a serem recolhidos, uma

arrumação feita por mim e pelo meu pai com lágrimas nos olhos. *Eu nunca tinha o visto chorar.*

Além disso, não suportaria que ignorasse minhas tentativas de reatar e ontem ela estava irredutível. Agora, porém, não há nada que me impeça. Aliás, tenho um impedimento: duas garotas à minha frente.

— Vamos focar num objetivo, depois partimos pro próximo. — Escuto Natasha falar.

— Não custa nada você falar com o Caíque.

— Você quer ser igual àquela idiota da Adriana?

— Claro que não! E Caíque não conseguiria me passar para trás. Nós estávamos nos dando *tão bem!* Você sabe que eu sempre gostei dele. Agora que ficamos juntos, o que sinto por ele ficou muito maior.

— Olha... Não deu certo você tentar fazer com que Caíque convencesse Noah a voltar pra mim. Poxa, faz quase um ano que a gente não tem nada. Estou com saudade dele. Você ainda é virgem, não sabe o que é... *não entende*. Talvez o Caíque volte pra você, se você falar que transa com ele.

— Eu não vou transar com o Caíque pra prendê-lo.

— Então, não reclame.

— Nem tudo é sexo. O Caíque gosta de mim. Ele me ligava o tempo todo, me mandava mensagens e agora não quer me atender. — Claudia aparenta estar muito sentida.

— Então você sabe o que eu sinto. — A voz de Natasha fica chorosa. — Só que o Caíque terminou com você ontem. Ele pode muito bem ligar hoje para conversarem. O Noah me tratou muito mal hoje de manhã. Tudo por culpa da sua prima.

Retardo um pouco meus passos. Não aguento mais ouvir o que mais parece ser uma negociação do que uma conversa entre amigas. A intimidade de Claudia não me interessa em nada. Apenas não me distancio muito, pois quero aproveitar a chegada de Claudia em sua casa.

— Você vai lá pra casa? — Claudia pergunta.

— Vou pra minha casa tomar um banho e me arrumar para ir à casa do Noah. Você disse que a sua prima passou a tarde toda de ontem lá. Estou anos-luz atrasada! Preciso aproveitar que você a ameaçou, e ela está caindo em depressão para me reaproximar dele. O Noah pode gostar dela, mas nunquinha vai dar bola pra uma maluca chorona. Ela bem que podia ser uma dessas depressivas que se suicidam e sair de vez do meu caminho.

Perco o ritmo dos meus passos que ainda não estavam tão distantes das duas. Infelizmente perco também algo dito pela Claudia, enquanto me recupero do que parece ter sido um soco no estômago.

— Na verdade, não darei bola para uma garota fútil e vazia como você.

Minha voz tem o efeito de um relâmpago em seu corpo. O choque a estremece e a paralisa.

— Noah! — Seu rosto empalidece. Seus grandes olhos esbulhados me fitam indicando todo seu desespero. — Eu... Eu...

— Você o que, Natasha? A cada dia que se passa, me pergunto como fui capaz de ficar tanto tempo ao seu lado? Desejar a morte de alguém? Eu já não tinha a menor intenção de voltar pra você antes! Agora eu espero que essa seja a última conversa que teremos. Nunca mais quero ouvir a sua voz!

Ando a passos largos em direção ao fim da rua.

— Noah, eu falei da boca pra fora! Eu nunca desejaria mal a ninguém! Você me conhece!

Quando sua voz está perto demais, viro-me para que ela não me toque.

— Vá pro inferno! — Grito. — E *por enquanto* não estou desejando mal a você!

Ela começa a chorar.

Alto

Ruidoso.

E eu não me importo. Não mais.

O único problema foi que Claudia resolveu parar na casa da Natasha, e eu tenho que esperar do lado de fora da casa dela. Uma espera que se mostra muito longa, embora tenha passado apenas vinte minutos.

Claudia pula quando me vê recostado à varanda.

— Que susto, Noah! — Ela esbraveja. — Poxa! Caramba! Precisava tratar a Nath daquele jeito? Vocês passaram meses juntos, não se desgrudavam e agora ela só recebe fora seu!

Sabe quando há tantos argumentos ao mesmo tempo querendo sair da sua boca, mas você só fica mesmo boquiaberto encarando a pessoa que despejou em cima de você um bando de baboseira?

É exatamente como me estou no momento.

Boquiaberto. E vou soltar o meu primeiro “estou de saco cheio”:

— Em primeiro lugar, ela deve agradecer a você pela forma estúpida como falei ainda a pouco.

— A mim? — Indaga com a voz estridente.

— Você acha que eu gosto de ser ameaçado? Você acha mesmo que eu voltei a me sentir atraído por ela depois disso? Passei meses fora, antes passei meses com outra garota e depois de voltar para o Brasil, só tenho olhos pra sua prima. Você acha mesmo que sou capaz de ser amigo da Natasha depois de ela chamar sua prima de maluca, e que seria melhor era tirar a própria vida? Eu não quero pisar na calçada de uma pessoa assim.

Minha visão fica turva com lágrimas que eu não gostaria que existisse. Não quero parecer um fraco na frente dessa garota oca e desalmada.

— Beatriz é sua prima, Claudia! Você não sentiu nada quando ela disse aquilo?

Ela empina o nariz enquanto respira fundo.

— Eu não gostei, mas entendo o lado dela. E foi tudo da boca pra fora.

— Da boca pra fora mesmo? — Meneio a cabeça. — O que a Natasha acha que você está fazendo? Porque eu duvido que ela saiba a verdade.

Claudia encolhe os ombros fazendo pouco caso. É uma sonsa, dissimulada!

— Diga! — Cobro a minha resposta após o silêncio.

— Pode deixar que não contei aquela coisa repugnante para ela. Eu disse que Beatriz tinha brigado feio com algumas garotas, e que se minha prima voltar pra você, avisarei aos meus pais que ela me ameaçou de morte.

Nem sei o que pensar. *Caramba!* Essas garotas só podem ser doentes.

— Olha... eu não fiquei aqui te esperando para falar sobre Natasha. Estou aqui pra dizer que cansei de suas ameaças.

Claudia ergue o canto do lábio num sorriso debochado.

— Perdeu o nojo que sentiu com aquelas fotos, Noah? Ou está planejando algo similar já que a Bia topa essas *paradas pesadas*?

Cabeça fria, Noah! Foco no que realmente é importante.

— Sabe uma coisa que eu havia esquecido?

— Hum? — Ela finge interesse.

— Que você e eu já ficamos.

Os olhos dela quase saltam das órbitas.

— Você tinha esquecido?

A indignação está presente em sua voz e em seu rosto enraivecido.

— Não me leve a mal. Foi numa época que eu pegava todas as garotas do colégio. *Depois que terminei com Natasha.* Pra você não ficar tão mal, retiro o “esqueci”. Ficou perdido na memória. Eu fiquei com *todas* vocês. Disso, não me esqueci, pode deixar.

Realmente saí com todas as amigas. As cinco mais Patrícia que se juntou à Tati depois. E já tive orgulho e ironizei o fato de ter pego as seis em conversas que tive com Daniel. Devo lembrar que na época eu tinha quinze anos e mais hormônio de “sem-noção” na cabeça do que hoje aos dezesseis?

E a santinha do pau oco na minha frente é tão rodada quanto eu. Já beijou muitos colegas nossos. Se quiser, pode até devolver a pouca importância que dei ao fato de termos ficado juntos.

Foi uma surpresa ter ouvido que ainda é virgem. Se bem que Caíque não comentou nada, e, diferente de mim, Daniel e ele não escondem com quem já fizeram sexo.

— Por que você está tocando nesse assunto agora? Garanto que a Bia não vai gostar de saber que eu e você já ficamos. — Ela coça o queixo. — Hum... Talvez ela até tope se você sugerir ficar com nós duas ao mesmo tempo, mas comigo não rola.

Aproximo-me dela até parar a um passo com o dedo apontado na sua cara.

— Nunca mais fale isso. Nunca mais! — Ela me encara assustada e eu continuo. — Estou tocando nessa droga de passado para que você saiba que vou deixar bem claro para todo aquele colégio a espécie de amiga que você é. A amiga que vai pedir para o namorado voltar para a antiga namorada e dá em cima dele.

— Você não tem coragem!

Confirmo com a cabeça que, sim, tenho. Pela Trix, sou capaz de tudo!

— Eu tenho uma pasta lá em casa com a foto de todas as garotas que já fiquei. Fotos que tirava quando beijava cada menina. Foto sua, foto da Priscila. Não será difícil de achar e publicar nos grupos do colégio e da turma.

Ela trinca os dentes. Os olhos ficam vermelhos e brilhantes com as lágrimas.

— As fotos da Beatriz são muito piores.

Devo concordar. Meu maxilar fica rígido e eu me proíbo de recordar aquelas imagens.

— Você não vai divulgar.

Ela põe os braços na cintura e empina ainda mais o nariz.

— Não duvide de mim, Noah!

— Não duvide, *você*, de mim! — Encosto a ponta do dedo no peito dela.

Por alguns segundos apenas nos encaramos. Temos muito a perder, mas ela tem muito mais. Seu queixo treme, talvez por constatar isso. Espalhar aquelas fotos arruinaria a reputação de Claudia também.

Para ter certeza que ela nunca falará nada, acresço:

— E você pode riscar o Caíque da sua vida. Acho que já percebeu que ele até pega as garotas que eu já saí, mas levar a sério...— Meneio a cabeça. — Pode dar adeus.

Para tirar a atenção que todos davam para a Trix no início, lancei o comentário sobre Adriana ter voltado das férias *gostosa*. Não achei que Caíque levaria a sério aquele comentário, mas era uma das poucas garotas que nunca tinha parado em meus braços, nem que fosse por alguns minutos.

Foi na surdina que Claudia me procurou para voltar para Natasha e se oferecer logo em seguida. Ninguém sabe o que rolou entre nós.

— *Ela falava tanto do namoro de vocês dois, como você era carinhoso, que a fazia se sentir especial. Ela te ama, Noah! Aliás, quem não seria capaz de te amar?*

Logo depois, foi o bote.

E eu aceitei. Não fez diferença na hora, mas depois eu percebi que tinha sido

demaís. Foi quando resolvi parar de sair com todo mundo (e incluía Natasha nesse mundo de garotas), para sair apenas com a Tatiana que foi a melhor do meu *unidunitê*.

— Dê adeus à amizade com a Natasha. Esqueça qualquer chance, mesmo que remota com o Caíque. Você acaba com a minha vida e a da sua prima, que eu acabo com a sua. E pode ter certeza: não será mostrando aquelas fotos pra escola toda que você vai conseguir me separar dela!

Ela passa por mim em disparada para dentro da casa. Tão perturbada que a porta fica escancarada.

Olho para o interior silencioso. Até agora não sei nada de Beatriz.

Minha Trix!

Toco o anel em meu peito e o seguro envolto ao tecido da camisa. Voltei a ter apenas metade do meu coração como símbolo, mas, dentro de mim, parece que a parte que ficou no peito é bem menor do que a que se foi.

Eu preciso resolver primeiro essa questão com a Claudia.

Só que estou esse tempo todo sem ter notícias dela. Resisti à tentação de chamá-la quando cheguei aqui. Meu coração ficará por completo nessa casa se eu der as costas sem ao menos vê-la.

Caminho rápido. Não quero mudar de ideia. Não quero que Claudia resolva fechar a porta agora que tomei essa decisão.

Entro e com passos largos abro a porta do quarto de Beatriz.

Respiro fundo, como se fosse a primeira vez no dia que o ar penetrasse meus pulmões quando a vejo deitada na cama. Está de lado, o anel brilha em seu dedo, e o cartão que lhe dei com a chave pro meu coração está sob a palma da sua mão. A felicidade só não toma conta de mim por ver seu semblante carregado em seu sono profundo e perturbador.

Tenho vontade de acariciar seu rosto pálido com olheiras que não lhe pertencem. Tenho mais vontade ainda de deitar ao seu lado e aquecer seu corpo com o meu, para tentar fazer com que seus sonhos melhorem.

Sei da sua dificuldade de dormir. Presenciei muito de seus pesadelos. Seus sonhos ruins me acordavam sempre eu pegava no sono ao seu lado.

Eu falava alguma coisa em seu ouvido, acariciava seu braço e era o suficiente para que seus sonhos ficassem leves. Meu nome muitas vezes saía no sopro de um suspiro tranquilo, e eu sorria por ser capaz de lhe trazer paz.

Mas sei que agora preciso ir. Preciso esperar a reação da Claudia sobre o que eu disse. Nós dois estamos de cabeça quente e, por mais que eu tenha certeza que o que escondo vai fazê-la ficar sem amigos e até odiada no colégio, eu não quero que a consequência seja a revelação das fotos da minha Trix.

E eu não sou uma pessoa vingativa.

Olho em volta observando a frieza que me acolheu na primeira vez que estive aqui. Hoje em dia, ela se dissipou, já que Beatriz se refere ao quarto como seu. A casa ainda não

é um lar, mas esse cantinho a protege de tudo.

Em minha inspeção, não passa despercebido seu diário sobre a mesa.

Olho para o gaveteiro onde ela costuma guardá-lo. A chave está pendurada na lateral. Pego o diário e abro a gaveta.

Minha ideia era deixá-lo em segurança na gaveta trancada e levar a chave comigo, mas quando vejo recortes de cartelas do medicamento que minha mãe toma para dormir, não consigo me mover.

Comprimidos e mais comprimidos, e só não corro para a cama e a sacudo por constatar que todos estão lacrados.

O desejo daquela desalmada que ela tire a vida ecoa na minha mente, enquanto os recolho. Uma dor profunda toma o meu corpo. A verdade é que eu sei o que é conviver com uma pessoa com depressão e todas as suas facetas. Eu sei o que é temer a cada instante que uma pessoa amada tire a própria vida.

Não quero me sentir seu salvador. Meu desejo é que ela nunca tenha pensado em tomá-los. Só não posso dar chance ao azar.

Escuto passos na escada e enfio os comprimidos de qualquer jeito no bolso da calça jeans.

— Claudinha? — Escuto Natasha chamar a amiga já dentro de casa.

Não entendo o que Claudia fala e novamente escuto passos na escada.

Meu tempo aqui acabou.

Incomoda-me muito que Beatriz fique aqui tão indefesa com duas cobras rastejando por essa casa. Sair só é possível, pois já passamos da metade do ano e até agora nada de ruim foi feito pelas duas aqui dentro.

Olho para Beatriz mais uma vez antes de sair. Ela se mexe na cama e meu sangue foge do rosto, pois ela pode acordar e não aceitar minha presença aqui.

Saio do seu quarto e depois da casa sem ser visto. Pouco antes de abrir o portão de ferro, me dou conta de que seu diário está na minha mão.

Olho para trás. *Voltar não é uma opção...*

Envio uma mensagem para ela avisando que peguei seu diário e juro que não o lerei.

Uma promessa fácil de ser quebrada...

Saio do banheiro após tomar um banho. Estou apenas de bermuda e a tentação de abrir esse diário simplesmente não passa. Eu a vi algumas vezes com ele e sempre guardava naquele gaveteiro cuja chave já ficou ao meu alcance diversas vezes.

Nessas páginas, posso descobrir mais sobre ela. Eu já conheci o seu pior segredo. Bem, pelo menos, acho que não tem um pior.

Ela ainda não leu a minha mensagem. Não faço a menor ideia de quando pegou no

sono. Talvez tenha sido naquele momento. Mas faz um bom tempo que ela não fica online no Whatsapp.

A curiosidade me vence. Respiro fundo e abro.

Logo na primeira página me espanto. Esperei encontrar um texto, palavras, mas me surpreendo por ver apenas flores no rodapé. E dois corações entrelaçados com os nossos nomes, numa data anterior ao início do nosso namoro. Arregalo os olhos.

A primeira vez que nos beijamos!

Naquele dia, eu já estava completamente apaixonado por ela. *E ela por mim.* No momento que a beijei pela primeira vez, eu sabia que não conseguiria ficar com mais ninguém. Minha imaginação não fez jus à perfeição que foi aquele primeiro beijo.

Passo a ponta do dedo em cima dos nossos corações. Unidos. *Entrelaçados.* Meu nome escrito no coração dela e o nome dela escrito no meu.

Passo para a página seguinte e até nós começarmos o nosso namoro há apenas as flores (uma ou duas) no fim das páginas. Só então ela volta a fazer corações e novamente volta a desenhar três flores. No nosso namoro foi difícil encontrar um dia com duas flores, embora um deles tenha sinalizado com uma flor. Um dia próximo ao fim.

Nesse vazio de palavras, me sorri até chegar ao dia que recebi aquelas fotos horríveis.

E todos os dias só tiveram direito a uma flor. Se eu já tinha dúvida do que uma, duas ou três flores significavam, agora tenho certeza.

Eu despedacei seu coração.

Folheio as páginas sem encontrar... *vida.* As flores parecem propositalmente viradas para baixo, como se fossem murchas. A cor rosa da caneta não ameniza em nada a visão delas.

Já estava demasiadamente agoniado quando três flores voltaram a aparecer. Até ergui o olhar sobre a página para ver qual era a data. Um dia que ficou marcado por eu ter sido forçado a não o esquecer, por outra razão que não era Beatriz.

— O dia da vitória do campeonato estadual.

Que virou o dia da nossa promessa.

Eu a fiz prometer por uma mentira. Pretendia mentir de novo para ela, dizer que convenci meus pais de ficar aqui. Nem sei por que eu disse a verdade. Ela tem o poder de arrancar tudo de mim. Eu só precisava de tempo maior para absorver o que vi. Não estava preparado para reatarmos. Eu sabia que diria barbaridades. E eu disse muitas barbáries depois do nosso encontro secreto.

Mas ninguém imagina o quanto desejei tocar seus lábios com os meus ali naquele nosso esconderijo.

Eu morri quando ela foi embora por eu ter sido um covarde, por fechar os olhos e esquecer minha doce namorada e só conseguir enxergar aquelas malditas fotos.

Viro as páginas e novamente os dias voltam a ser vazios. Uma flor. Raramente, duas flores. Só isso acompanha as datas até que novamente minha atenção é chamada atenção para uma página “vazia”.

Passo o dedo pela impressão de palavras escritas do outro lado da página. Dá para ver a sombra rosada da caneta no seu verso.

Estou no dia de “anteontem”.

Engulo em seco quando viro a página para finalmente ver a sua caligrafia. A letra um pouco desalinhada treme um pouco no início até que fica firme no decorrer de sua narrativa sobre nossa primeira vez. Palavras que me deixam feliz até eu notar como escrever se torna um processo doloroso quando conta o nosso término.

— Eu vou reverter esse fim. — Faço meu juramento fitando essa página. — A única forma de nós não ficarmos juntos para sempre será se ela não me quiser, porque eu a quero para sempre em minha vida. Beatriz é o ar que eu respiro, é tudo para mim.

Sua escrita acaba, mas posso ver que a página seguinte tem mais palavras. Quando viro, é como se eu abrisse outro diário. O negro depois de tanto rosa salta aos olhos e é como se o pior dos dias que ela tenha simbolicamente preenchido com uma flor, não fosse nem de perto similar ao que narrou daqui pra frente.

E eu torço para que não seja um acumulado desses dias que ela não escreveu nada, pois não consigo encarar essa nova cor como algo “positivo”.

Viro a página.

Querido diário,

Ainda estamos no dia maravilhoso e é muito difícil manchá-lo com as próximas palavras. Ainda mais por eu contar não apenas um dia, mas lembranças de uma vida inteira. Recordações de uma menina solitária. Recordações tristes que resultaram no maior erro da minha vida.

Eu não sei quando ao certo devo começar a descrever. Talvez eu deva falar um pouco sobre mim.

Quando paro para pensar na vida que eu levava antes dos acontecimentos que quase me destruíram, penso em como eu era feliz até ter me mudado daqui do Rio. Aqui, eu tinha uma vida. Uma vida que eu gostava.

Não que eu não gostasse de São Paulo. Vivia num lugar maravilhoso, estudava num bom colégio e tinha tudo para ser feliz. Só que eu não era. Eu até achava que, sim, que eu era feliz. De alguma forma me acostumei àquela vida vazia que passei a levar após eu me mudar para lá.

Meus pais sempre foram muito rígidos comigo. Hoje, entendo que é por causa da tia Talita que tenho boas recordações da minha infância. Era ela quem me levava para passear, era quando meus pais saíam na companhia de meus tios que tudo se tornava mais leve e divertido. Sem a tia Talita, se eu e meus pais saíamos, era apenas para lugares que eles julgavam interessante para eles. Muitas vezes, a programação era tão adulta que eu ficava em casa com uma babá.

Assim que cheguei a São Paulo, fiz amigos no colégio. Eu sabia que tinha garotas da minha idade no prédio que eu morava, mas eu não podia sair para brincar. Mas no colégio eu consegui ter amigos. Por um tempinho... Eu não podia ir aos aniversários, eu não comemorava meus aniversários com festas que pudesse chamar meus colegas, não podia sair com eles para nada. Aos poucos, fui excluída e até esquecida.

Eu tinha uma obrigação na vida: ser a melhor da turma. Sim, era uma obrigação ser a melhor da turma. Minha recompensa era não apanhar. Eu fiquei tão boa na escola, que passei num teste de equivalência ao ano seguinte ao que eu estava. Ganhei parabéns? Não. Eu só tinha que manter o rendimento excelente para não ser recompensada com uma surra.

Nunca ouvi “parabéns” ou um “tenho muito orgulho de você”. Eu sempre podia melhorar. Eu devia melhorar.

Receber uma nota abaixo de 9.0 era a morte pra mim, embora eu nunca tenha apresentado uma nota inferior a 8.5. Eu tinha que ser a aluna nota Dez, para receber um “não fez mais do que sua obrigação”. Sem exagero.

No primeiro dia de aula do Ensino Médio, eu fui chamada à Diretoria. A equipe da escola queria me dar parabéns por ter sido a melhor aluna do Ensino Fundamental em toda a história do colégio. E não era qualquer colégio. Eu estudava no melhor colégio do país, segundo o ranking do ENEM, e eles queriam me acompanhar nos três anos do Ensino Médio, pois sabiam que eu sonhava ser médica como meus pais.

Era a primeira vez que alguém que não era professor (que a cada avaliação entregue para mim, me dizia ter sido a melhor da turma) me dava parabéns pelo meu desempenho.

Recebi um envelope com a proposta do colégio para os meus pais, e, depois de muitos anos, me vi eufórica com uma novidade.

Meus pais nunca abriram o envelope.

Durante o jantar, único momento que nós três ficávamos juntos como uma família (embora fosse raro), eles disseram que a escola se faria em cima do meu desempenho, que eles não precisavam de descontos de mensalidade, que pagavam a escola de forma integral para eles me educarem, não para me fazerem de garota-propaganda.

Ali, eu vi que não importaria o que eu fizesse: meus pais nunca fariam um elogio para mim. O vazio se consolidou em mim naquele jantar. Estranhamente me vi livre também.

Foi um alívio, pra dizer a verdade. Seria a garota que não tentaria impressioná-los nunca mais, e apenas tiraria boas notas para não levantarem a mão pra mim.

Um alívio que durou pouco, pois logo em seguida eles anunciaram o divórcio. Quando findou o assunto do colégio, simplesmente disseram: “nós decidimos nos separar”. Morariam ainda na mesma casa, mas cada um já tinha seguindo em frente com suas vidas. Cada um já tinha seu caso. “Essas coisas acontecem com qualquer casal”, minha mãe disse entre uma garfada e outra.

Olhei para os dois. Foi difícil prosseguir com a minha refeição, enquanto os dois agiam como se fossem duas estátuas de gelo articuladas. Mas tive que engolir cada garfada. A

comida tinha sabor de papelão, enquanto eu pensava nas noites de plantão que passei sozinha naquela casa. É claro que não eram apenas plantões. Poucas semanas antes, minha mãe passou uma semana sem pôr os pés em casa. UMA SEMANA!

Daquela noite, como se não bastasse tudo o que narrei, guardo ainda a minha primeira recordação de ter vomitado.

No dia seguinte, segui minha rotina. Eu não tinha como escapar dela. Tinha treze anos, estava no início do ano letivo numa turma de Ensino Médio, entre alunos de catorze e alguns poucos que já tinham completado quinze anos. Colegas de turma que me conheciam há tempo demais como a nerd.

Mas naquele ano eu tinha ganhado corpo. Não era mais a aluna magrela e alta da turma. Curvas apareceram e me tornaram atraente.

Um aluno novo também apareceu. Kauã. Ele era bonitinho, alto, magro, papo legal. Começou a falar comigo e eu mal pude acreditar que ele estava puxando assunto. Ninguém falava comigo. Era tempo perdido. Minhas conversas pelo celular eram monitoradas e meus pais me avisavam que se vissem qualquer assunto que não fosse relacionado ao colégio, eles avisariam aos pais dos meus colegas. Eu tinha tanto medo e tanta vergonha, que nunca trocava número de telefone.

Não sei por que, quando Kauã me pediu meu telefone, eu disse que ele não poderia me enviar nada fora da matéria do colégio, ou meus pais veriam. Acho que quis que ele entendesse que eu gostaria muito falar com ele fora do colégio, no entanto seria perigoso demais.

No dia seguinte, ele me deu o celular dele antigo. Estava com a tela quebrada e um chip pré-pago. Achei o presente mais incrível que eu poderia receber. Assim, passamos a conversar após as aulas. Ele se tornou o meu mundo, tanto que ninguém mais sabia desse meu número, pois meus pais nunca poderiam descobrir que eu estava trapaceando.

Com Kauã, dei meu primeiro beijo uma semana após tê-lo conhecido. Naquele mesmo dia, começamos a namorar. Passávamos o tempo que podíamos juntos. Ele estava registrado no meu celular “oficial” com o nome de uma colega de turma e era com ela que eu fazia muitos trabalhos escolares.

Quando paro para pensar naqueles dias, penso no quanto meus pais se tornaram relapsos após anunciarem o divórcio. Não dá para justificar que eles passaram a ficar menos tempo em casa do que antes, por isso não se deram conta do que eu fazia. Eu tinha tantos trabalhos em grupo, tantas atividades na biblioteca do colégio, que é incrível eles terem acreditado em tantas mentiras.

E quando não estava com Kauã ou conversando com ele pelo smartphone, eu estava estudando como uma louca. Meu primeiro bimestre não teve uma só nota abaixo de 9.5. A maioria era a minha “obrigação de tirar dez”. “Você sabe que dá pra melhorar”, foi o que disseram num dos últimos jantares que tivemos os três juntos à mesa daquele apartamento.

Tudo parecia perfeito. Eu finalmente sentia meu coração bater feliz. Era tão bom ter alguém que parecia se importar comigo!

É claro que minha vida não tinha se tornado perfeita só por Kauã entrar na minha vida.

Chegou o famoso dia que sempre arruinava minhas amizades: o aniversário. Kauã fazia aniversário em julho. Perguntei se poderia ir ao aniversário. “Não”. “Mas é da minha melhor amiga”, implorei. “Não. Você está naquele colégio para estudar, não para fazer amigos.” Lembro-me dessas frases, pois elas eram rotineiras. Rebatí dizendo que escola também era lugar de fazer amigos, mas meus pais eram irredutíveis. São irredutíveis até hoje. E falavam que os amigos do colégio não seriam para a vida inteira, que deveria me preocupar em fazer amigos apenas quando estivesse na faculdade. E ainda me alertavam dos interesseiros que cruzariam o meu caminho, por causa de seus cargos no melhor hospital do país.

Mas ali eu era uma adolescente apaixonada, inconformada por não poder ir aos aniversários de quinze anos com meu namorado e não poderia ir ao aniversário de quinze anos do meu namorado.

De inconformada a rebelde foi um pulo. Disse-lhes que eles poderiam sair para onde quisessem, construir novas vidas, namorarem quem quisessem e eu tinha que ficar encarcerada dentro de casa. Foi a primeira vez que, na hora de apanhar, levei um tapa na cara. E esse tapa foi só o início da surra. Foi tão feio que passei três dias sem ir ao colégio e contei com mais dois dias do fim de semana para me recuperar.

Meus pais inventaram que fomos viajar, para justificar minha ausência para o colégio. Eu estava com tanta vergonha que tornei a história crível, e nas minhas conversas com Kauã justifiquei que não podia usar o celular clandestino, pois meus pais estavam sempre por perto.

No que foi meu “retorno”, eu contei que meus pais tinham programado uma viagem para o exterior comigo na época do aniversário dele. Kauã ficou chateado. Eu fiquei arrasada. Então, ele me pediu um presente de aniversário.

Preciso respirar um pouco. Ouvir seu antigo namorado é o de menos, até porque ela não fala dele com paixão. Nossa! Surras! Tapa na cara! Bem que vi na cara do desgraçado do pai dela que ele batia na minha namorada! Eu tinha que ter acabado com a raça dele quando fomos apresentados.

Respiro fundo. Preciso voltar à leitura. Já tenho ideia de que presente seja esse, e não sei se estou preparado para ler.

Treze anos! Ela treze anos naquelas fotos. Passo a mão no meu rosto e respiro fundo. Meu Deus!

Eu achava que tinha uma vida solitária. Minha casa é habitada praticamente apenas por mim e pela minha mãe, que desde o início do ano resolveu se trancar no último andar e se entregar às telas que pinta compulsivamente, tentando dar uma cor à sua vida, falando comigo pelo celular mesmo quando estou em casa. Antes ela ainda andava pela casa, era raro, mas recebia visitas. Porém seu retorno ao Brasil a deixou ainda mais reclusa.

Mas, diferente de Beatriz, tenho amigos, tenho o vôlei e, mesmo nos limites desse condomínio e nos passeios esporádicos que faço para onde os ônibus internos deixam seus

moradores, sou livre e cercado de amigos para conversar, interagir... ser feliz.

Volto a olhar a página sentindo nojo de todas pessoas que viviam com ela. E logo na primeira linha preciso engolir a bile.

Ele pediu sexo. Na hora, o sangue fugiu do meu rosto. Nunca passou pela minha cabeça ele me pedir sexo.

Eu tinha treze anos. Ele dizer “fazer amor pela primeira vez” não amenizou. Nunca na vida tinha falado sobre sexo, mal via filmes que tinham cenas de sexo. Mal via qualquer coisa que passava na televisão... eu não tinha tempo.

Foi naquele momento que eu senti muita falta de ter uma amiga. Naquele momento, eu queria ter alguém para falar sobre o pedido, tirar dúvidas.

Meses antes, nós tínhamos nos beijado, e ele me pediu sexo de presente de aniversário dali a algumas semanas. E continuou a falar. Ou melhor: a planejar. Decidiu que seria melhor no último dia de aula, pois eu “viajaria” e, do jeito que meus pais eram, dificilmente nos encontraríamos durante as férias de meio de ano, já que não haveria desculpas para eu não estar em casa.

Eu via a vontade dele contrastando com meu pânico. Cada palavra que ele dizia animadamente me fazia arregalar mais os olhos. Até que veio a frustração. Acusou-me num muxoxo que eu não estava a fim dele. E, morrendo de medo de perder a única pessoa que eu tinha, concordei.

Depois daquele dia, praticamente todas as nossas conversas viraram o planejamento para aquele “tão sonhado dia” para ele. Dois dias antes, me mostrou as camisinhas que havia comprado.

No dia combinado, eu comecei a arder em febre no meio da aula. Desmaiei, parei na enfermaria da escola, depois fui direto para o hospital. A febre não baixava, mas fui para casa ainda naquele dia.

Kauã compreendeu, pelo menos, era o que eu entendia em suas mensagens. Conversamos bastante durante as férias, mas, infelizmente, tive que “sumir” por causa da suposta viagem. “Voltei” apenas perto de acabar as férias e ele estava diferente. Demorava a responder minhas mensagens, respondia como se não tivesse mais interesse em mim. Foi quando eu resolvi escrever que daria seu presente. E ele voltou a falar comigo como sempre. Voltou a conversar comigo sobre tudo, principalmente sobre a nossa primeira vez. É... seria a dele também.

Eu andava aqueles dias pela casa angustiada. Ir para o colégio era me livrar da prisão que eu vivia, mas não queria mais que as aulas comesçassem.

Para piorar, meu pai saiu de casa e, no mesmo dia, minha mãe pôs o namorado para dentro. Não fui com a cara dele. Não gostava do jeito que ele olhava pra mim. Eu também acreditava que meus pais reatariam. Nunca me passou pela cabeça ter um estranho zanzando pelos cômodos.

Chegou o primeiro dia de aula. Por baixo do meu uniforme, eu usava a roupa debaixo mais bonitinha que eu tinha. Era lisa e branca de um tecido que não marcava na roupa, embora eu não tivesse roupas que marcassem no corpo. Recordo-me da mão quente e seca

de Kauã, quando ele segurou a minha fria e suada, antes de me dar um selinho. Sorri querendo que a aula nunca acabasse e que continuássemos sentados no meio da sala, como o casal fofo que sempre fomos.

Mas o último sinal tocou impiedoso e lá fomos nós para a casa dele. Era perto do colégio. Mais perto do que a minha casa. Fomos para o quarto dele. Não havia nada de novo, pois eu já tinha estado lá. A mãe dele estava em casa, como sempre, o que deixava a situação ainda mais perturbadora.

Eu perdi a coragem.

A porta do quarto dele foi batida e ele me beijou intensamente, mas eu não queria mais e comecei a chorar. Implorei para que ele não me deixasse, e que entendesse que eu não estava pronta, que me sentia nova demais e estava com medo.

Vi a irritação nos olhos dele. Implorei mais uma vez. Ouvi que devia um presente de aniversário, que eu não tinha palavra, que ele tinha vontade de me mandar embora da casa dele, mas que se sua mãe me visse naquele estado, ele teria problemas.

Minutos depois, ele disse: “Tá. Nós não vamos transar”. Sim, ele usou essa palavra. Não era mais “fazer amor”, porém não transaríamos. “Mas eu gostaria de receber uma prova de amor sua. Eu quero fotos suas nua”. Ele queria naquela hora. E esse não era o único pedido.

Kauã disse que queria que eu fizesse nele sexo oral. E ele não usou esse termo.

Eu não fazia a menor ideia do que ele falava. Nem quando traduziu a palavra que usou para “sexo oral” e explicou o que era. Eu o encarei enojada, acreditando que fosse uma piada. Esse era o meu nível bitolada de ser. Eu não sabia absolutamente nada.

Ele se sentou ao meu lado e mostrou um vídeo pornô. Assisti horrorizada e quis sair correndo (eu tinha que ter feito isso). Mas se eu saísse daquele quarto, eu perderia a única pessoa que eu tinha.

Ele me pediu novamente as fotos. Falou que era normal namoradas enviarem fotos nuas para os namorados. Acreditei. Acreditei também quando jurou que nunca as mostraria para alguém. Tirei a roupa e fiquei sob a lente do seu celular. Ele estava tão feliz que consegui sorrir em algumas fotos por, naquele momento, ter certeza que nada nem ninguém nos separaria.

Então, ele soltou o celular. Colocou-o sobre a cômoda. Na hora não vi a posição, não me preocupei com nada. Estava nervosa demais. Hoje, tenho certeza que ele pôs naquela posição, para que gravasse o que eu faria a seguir.

Não tenho estômago para descrever. Apenas escreverei que odiei. Fechei os olhos para tornar tudo mais suportável, pensando que fazendo aquilo, ele não teria mais motivos para me deixar. Imitei as mulheres dos vídeos que ele me mostrou. E foi nessa agonia que não vi nem ouvi que outros se aproximavam. Foi de olhos fechados que senti mãos nos meus quadris e algo em minhas nádegas.

Foi aí que eu gritei. Foi naquele instante que abri os olhos e, aos gritos, me deparei com Kauã e seus primos. Todos nós completamente despidos.

O que estava atrás de mim levou sua mão à minha boca, mas já era tarde e — Graças a Deus — Dona Zuleica estava em casa.

Ela afastou os garotos de mim a tapas, jogou uma manta em meu corpo. Bateu mais nos três, xingou-os, até que desandou a chorar e mandou que eles saíssem, e deixou o quarto junto com eles.

Vesti-me rapidamente. Queria sair correndo dali. A porta do banheiro do quarto do Kauã estava aberta, os dois tinham se escondido lá o tempo inteiro.

Eu queria morrer. Mas precisava sair daquele quarto.

Na sala, estavam os quatro, como se esperassem apenas que eu aparecesse.

Voltei a chorar e perguntei por que ele fez aquilo comigo. Kauã apenas desviou o olhar.

Bem mais calma, Dona Zuleica disse que foi uma vergonha o que seu filho e seus sobrinhos fizeram, me pediu desculpas. Depois pediu que eu não falasse nada para os meus pais, que foi tudo uma traquinagem de três garotos, que a situação saiu do controle. Disse que eu devia ter me dado o respeito. Não devia tirar a roupa na frente de ninguém ainda mais para tirar fotos.

Chorei ainda mais. Claro que ela tinha razão, mas as palavras dela doeram muito quando as ouvi e a cada vez que as recordo.

Por fim, ela falou que me levaria para casa. Deixou-me a duas quadras de onde eu morava e eu tive que andar todo aquele caminho, entrar no condomínio e me esconder no meu quarto.

Foi a minha primeira noite em claro. Pensava no que tinha acontecido, na aula do dia seguinte, ter que encontrar Kauã, alguém que eu sentia ódio, raiva, decepção, mas também tristeza e ainda amor. Não conseguia entender como eu ainda o amava, mas sim, eu o amava. Muito.

Saí do quarto uma vez, mas minha mãe estava na sala com o namorado. Ela ria. Acho que nunca tinha ouvido uma risada sonora dela no apartamento. Voltei ao meu quarto não querendo acabar com o seu raro bom-humor. Não tive coragem de dizer o que aconteceu. Tive vergonha de contar.

Eu tinha me metido naquela situação sozinha.

Eu tinha que sobreviver a ela sozinha.

Tomei banho para ir à escola. Proibi-me de chorar. Consegui em casa. No colégio, não.

Na aula foi mais difícil. Tentei prestar atenção, mas estava sozinha no lugar de sempre. Kauã sentou-se noutra carteira já naquele dia. Não falou comigo em momento algum. Os dias se passaram e a vontade de falar com ele aumentava, nem que fosse para perguntar mais uma vez por que fez aquilo ou tentar arrancar um pedido de desculpas. A solidão nunca foi tão dolorosa.

Até que um dia recebi uma tentativa de contato dele no telefone clandestino, que eu mantinha ligado, esperando, ansiosa, por alguma mensagem dele.

É vergonhoso admitir que eu ainda queria meu namorado de volta, mas aquele era meu

desejo. Eu queria que fosse um pesadelo, queria que seus braços me confortassem naqueles dias horríveis e solitários.

Quando corri para pegar o celular, após ouvir o aviso sonoro, esperava um pedido de desculpas, a vontade de reatarmos. Esperava desesperadamente por um pedido de namoro novamente.

Mas ele me enviou as fotos. Ele me enviou o filme que fez com o celular. Kauã exigiu que eu fizesse de novo, no banheiro do colégio ou ele mostraria as fotos para todo mundo que conhecíamos.

Entrei em pânico. Pedi pelo amor de Deus que não fizesse aquilo. No dia seguinte, eu estava tão nervosa, que não sei como não tive um colapso nervoso. Eu tremia enquanto ia para o colégio. Meus dentes faziam um barulho aterrorizador e incessante.

Cheguei ao colégio e Kauã estava posicionado à minha espera no portão. Conversava com outros garotos, antes de se aproximar de mim e exigir minha resposta. Eu estava quase de joelhos, implorando para que ele me deixasse em paz, que apagasse as fotos. Tentei ser fria, dizendo que ele poderia “se queimar”, pois aparecia no vídeo, mas ele me disse que tinha tirado os melhores quadros do vídeo e editou cortando as cabeças dele e a dos primos. Debochou ao perguntar se eu não tinha reparado nos arquivos que ele havia me enviado. Sinceramente, não tinha reparado, não consegui olhar para aquelas fotos atentamente.

Ele entrou no colégio e eu fiquei ali: sem cara, sem coragem, sem chão.

Ainda assim, segui em frente. Ainda durante a primeira aula, escutei os primeiros burburinhos. Na aula seguinte... na posterior. No intervalo, eu escutei os comentários sobre as fotos. Repúdio, deboche, interessados que eu fizesse neles o que eu fazia naquelas imagens.

Quando tentei me esconder no laboratório de informática, alguns garotos me seguiram. Havia garotas também incitando os garotos e me ofendendo de todas as formas. Estava encurralada quando o inspetor percebeu a movimentação. Ficamos ali mesmo com a direção do colégio exigindo uma explicação. Ninguém quis se acusar e eu tinha vergonha demais para dizer a verdade. Talvez eu conseguisse levar aquele pesadelo sozinha, pois tinha pleno conhecimento que meus pais descobririam tudo o que eu fiz, desde o namoro até aquele inferno de tarde, e eu seria surrada até a morte. Demorou um bocado até aparecer a professora de Física e dizer que um aluno que estava fora daquela inquisição contou a verdade.

E lá estava eu, implorando para não chamarem meus pais. Não conseguiam contato com eles. Vi Dona Zuleica passar através das persianas. Ela também me viu e estava com ódio de mim, pois ameaçaram seu filho de ser expulso. Depois de horas (já tinha acabado até o turno da manhã), que a empregada lá de casa apareceu. Foi a única responsável por mim que conseguiram contato.

Não explicaram a situação a ela. Não era da família, mas disseram várias vezes que era urgente meus pais entrarem em contato com a escola.

O recado foi dado. Ninguém deu importância.

Passei uma noite pior que a anterior. Estava fraca demais, por não ter conseguido pôr nada na boca sem vomitar em seguida. Mesmo minha sede não dava para ser aplacada, pois no minuto posterior até água eu estava pondo para fora.

Estava debilitada demais para ir ao colégio na manhã seguinte. Ter passado mais uma noite em claro só piorou meu estado. Minha mãe me levou para o hospital com ela, reclamando da minha magreza excessiva. Disse que eu tinha que tomar cuidado com minha alimentação, que eu estava muito relapsa, perdendo peso... que meu comportamento, que ela chamou de autodestrutivo, influenciaria nas minhas notas.

Naquela época, eu estava seca. Em cerca de quinze dias deflinhei. Não conseguia comer nada, o que eu comia ia embora na madrugada que podia ser totalmente insone ou despertada por um pesadelo.

Fui colocada no soro, medicada. Drogada é uma palavra melhor. Passei o dia letárgica ouvindo as enfermeiras comentarem de quem eu era filha, me chamando de “pobrezinha”, acreditando que eu estava num quadro de anorexia, falavam em depressão, que seria avaliada por um psiquiatra.

Estava sonolenta quando meus pais entraram no quarto. Meu rosto virou violentamente quando minha mãe o atingiu com a mão. Meu pai se juntou a ela e não vou descrever essa agressão em detalhes, até por que, pouco depois, desmaiei. Mas me lembro muito bem de eu dizer que queria morrer, e eles concordarem que seria melhor mesmo eu morrer para tentar sair como pobre coitada nos jornais, ao invés de ser conhecida como depravada.

Quando acordei, meu corpo todo doía, embora eu sentisse algum tipo de analgésico fazendo efeito. Eu mal conseguia abrir os olhos, minha visão estava embaçada da surra. Meus pais estavam lá dentro, e alternavam as falas sobre vergonha, decepção. As fotos já estavam em todos os lugares. Já estavam correndo atrás para apagarem tudo. Contrataram advogados, um especialista em informática (hacker ou sei lá como se chama) para rastrear as imagens e deletá-las.

Eu estava manchando a imagem deles. Dois médicos renomados.

Minha mãe é Ginecologista, especialista em reprodução, atende políticos, artistas, socialites que querem engravidar pelo seu método revolucionário. Como a filha dela de treze anos se mete num quarto com três garotos? Aparece em fotos sensuais completamente nua?

Mas pior foi quando uma enfermeira alertada pelos gritos entrou inadvertidamente no quarto acompanhada de dois seguranças. Estava ali, na cama do hospital, a também filha do Chefe da Pediatria, uma garota ainda no início da adolescência espancada a ponto de estar com o rosto desfigurado.

Eles foram expulsos a gritos pelos meus pais, mas o estrago estava feito. A enfermeira denunciou a minha situação ao Conselho Tutelar. Foi o que ouvi. Se foi verdade ou não, ela foi demitida e isso é fato.

Conseguiram abafar um pouco a repercussão dentro do hospital e fora dele. Mas perderam a minha guarda. Por eu ser menor de idade, o processo correu em segredo de justiça, e para não demorar anos e anos, além de quererem me tirar do radar, decidiram em comum acordo que eu passaria o final do ano com a minha avó.

Eu terminaria o ano letivo à distância (o que ocorreu), após meus pais ameaçarem processar o colégio de punirem a mim com uma saída compulsória e continuarem com o aluno que me expôs. Pois é... a vida de Kauã continuou como se nada tivesse acontecido.

Tudo “resolvido”. Eu estava à base de medicamentos para dormir, para ficar “bem” quando estivesse acordada.

Era o último dia que eu pisava naquele apartamento onde vivi uma vida vazia, pois minha mãe não tinha mais interesse em morar lá. Ela fazia seu próprio retiro para se recuperar do trauma. Comentava com a minha avó o que havia no SPA onde se hospedaria, e depois veria outro lugar para recomeçar a vida ao lado do seu namorado. Eu já sabia do passeio, pois ela acertou detalhes quando eu ainda estava acamada no hospital.

Entrei no quarto e me recordei da menina que até o ano anterior gostava de ficar ali dentro. No meio das quatro paredes cor de rosa, eu fingia que não estava sozinha. Fingia ter amigos. Colocava música para tocar e dançava como se tivesse companhia. Conversava sozinha, como se falasse com meus colegas de classe. Eu tinha o meu mundo, e, por mais que fosse uma vida regrada e sem-graça, ali, eu era eu mesma e me sentia protegida.

Abri as portas do armário uma última vez e olhei as roupas que ficariam. Não fui eu quem fez a seleção, mas estava “dopada demais” para escolher alguma peça entre as tantas que estavam penduras para levar comigo.

Ouvi meu nome gritado pela minha avó, apressando-me.

Foi só sair do quarto e fechar a porta atrás de mim, que a proteção acabou. No corredor, cruzei com o namorado da minha mãe. Gritei quando ele passou a mão em mim, após dizer que queria muito o que eu fizesse com ele o que viu no vídeo.

Contei. Como despedida, minha mãe me desferiu um último tapa. Ele devia ter ganho um prêmio por ter atuado tão bem, enquanto dizia que eu estava alucinando com a medicação ao mesmo tempo que se dizia ofendido.

Não, não foi alucinação. Não posso nem pensar demais, que volto a sentir sua mão deslizando pelo meu corpo, torno a ouvir suas palavras asquerosas sopradas no meu ouvido, acompanhadas de seu hálito quente.

Nos meses seguintes, eu voltei a ser a garota anterior. Quase. Não fingia mais ter amigos imaginários, pouco ouvia música, assistia mais televisão, embora muitas vezes a programação não fosse suficiente para me levar para longe das recordações daqueles dias. Tomava remédios para sobreviver. Tinha consultas rotineiras com psiquiatras e acompanhamento semanal com psicólogo. Mas eu ainda era a garota que vivia trancada dentro de casa para estudar. Era a garota que convivia com uma pessoa ainda pior do que a minha mãe.

Não havia um dia que minha avó não reclamasse de mim. Estava com catorze anos, mantive minhas notas altas, mesmo assim, se eu respirasse mais forte, minha avó reclamava. Não batia, mas, às vezes, eu desejava que ela me surrasse ao invés de repetir incessantemente que eu tinha manchado a carreira de sua filha, que todo mundo julgava Doutora Júlia como uma péssima mãe, que eu não seria ninguém na vida, pois sempre

aquelas fotos seriam jogadas na minha cara para me desmoralizar.

Eu evitava cruzar com ela em sua casa, quando eu precisava agir como um fantasma vagando de um cômodo para o outro. Uma enfermeira me acompanhava de perto. Eu precisava ser vigiada. Reconheço.

Estranhamente, me vi empolgada com o início do ano passado. Estaria num novo colégio, com novos amigos em uma nova cidade. Tudo parecia perfeito.

A enfermeira me ajudava bastante a encontrar motivação. Eu gostava muito dela. Dona Laura. Era já um pouco senhora. Não sabia o que havia acontecido comigo ao todo. Achava que eu estava em depressão e sofria de anorexia associada à bulimia. Invenção da minha avó, que omitiu a síndrome do pânico. Eu ainda estava muito magra e muitas vezes tudo o que eu comia, eu botava para fora. Não era voluntário. Nunca forcei vômito. Eu simplesmente não conseguia manter nada no estômago.

O ano letivo começou. Primeiro dia de aula do segundo ano. Eu ainda estava muito magra, mais alta do que o ano anterior e ansiosa com aquele primeiro dia e tudo que poderia dar errado. Fiz amizade com algumas pessoas. Eu era estranha demais, de outra cidade. Não tardou eu ouvir os comentários maldosos.

No início, não me importei, mas depois lampejos do passado começaram a se misturar com o que acontecia comigo naquele presente e ir para a escola se tornou um fardo muito difícil.

Então aconteceu. Alguém recebeu as fotos e rapidamente viralizou. Dois meses depois, eu tive que abandonar a escola.

Caí em depressão. Não tinha força nem coragem de sair do quarto. Passava dias e dias sem tomar banho, minha avó muitas vezes me arrastava para debaixo do chuveiro com a água ainda fria. Não entendia meu desânimo para as simples tarefas cotidianas. Dona Laura era a única que me motivava a sair da cama para dar pelo menos uma volta no jardim e pegar um sol. Não era todos os dias que conseguia.

A vontade de desistir de tudo se tornou constante e real.

Certo dia, escutei minha avó gritando com meu pai ou minha mãe (não sei quem estava do outro lado da linha). Falava que eu ia acabar morrendo na casa dela, que era para “arrumar” algum parente do meu pai para ficar comigo.

Depois dessa conversa, fui internada numa clínica. Acho que se não me levassem para aquele lugar, teria morrido. Só lamento ter perdido de vez contato com Dona Laura. Quando voltei para a casa da minha avó, após meses de internação, veio a notícia que eu me mudaria para cá.

Essa é minha chance de fazer minha recuperação valer à pena.

Quero deixar aquela vida para trás. Não quero que aquele passado me atinja novamente com toda sua força. Nunca mais quero sentir que nada na vida vale à pena. Nunca mais quero sentir vontade de desistir de tudo. Muitas vezes, eu me vi sem força, e simplesmente não abrir os olhos na manhã seguinte parecia fácil demais. Como agora, com esses comprimidos na minha frente. Poderia tomá-los, mas eu quero viver.

Ainda há um fragmento daquela garota que sonhava um dia ser livre.

Ainda há um fio de esperança dentro de mim que eu ainda posso ser feliz e ele resiste bravamente.

E um dia, tenho fé que todo sofrimento que vivi ficou para trás para sempre.

E que, no futuro, eu e Noah nos reencontraremos e ninguém mais nos impedirá de ficar juntos.

Isso tem que acabar.

Olho-me no espelho e respiro fundo. Meu olhar está fixo na minha cicatriz na sobrelha. Uma marca que ganhei por não querer vir morar no Brasil, por ofender minha mãe, que decidiu vir para cá, e convenceu meu pai, alegando que era a cura de todos os males. Eu tinha uma vida em Nova Iorque. Eu era criança, meu desejo foi completamente desconsiderado.

A situação nos Estados Unidos estava insustentável. Piorava nos dias frios de inverno. Depressão sazonal se somava ao transtorno bipolar. Quando reagia, às vezes, ela se tornava agressiva a ponto de atirar objetos para todos os lados. Um deles me atingiu. *De propósito*. Saiu muito sangue. No instante seguinte ela quis tirar a própria vida por ter me ferido. *Quase conseguiu*. Assisti com a visão vermelha meu pai e meu irmão tirarem a faca de sua mão a tempo.

Aaron fugiu de casa e ameaçou reportar às autoridades o que minha mãe tinha feito comigo, caso forçassem sua vinda para o Brasil. Foi viver com meus avós. Meu pai me obrigou a vir com eles, pois minha mãe estava desesperada por não poder ficar com nenhum dos filhos. Vir para sua terra natal não a curou. Ela continuou a mesma pessoa e até mais reclusa. Depressiva de não querer sair de casa... de não querer da cama.

Reformou a casa recém comprada para que eu e meu pai pudéssemos convidar conhecidos para ela fingir que participava da comemoração, enquanto estava oculta do outro lado da parede.

Raramente convida algum parente dela para vir nos visitar, pois nem sempre quando eles chegam, ela está disposta a sair do quarto.

Nunca culpei meu irmão. Sempre achei que se tivesse a mesma chance, faria o mesmo. Mas não demorou muito para eu me apaixonar pelo Rio. E aqui, nessa cidade, tenho certeza de que encontrei a futura mãe dos meus filhos. Sei que estou muito novo para falar sobre casamento e filhos, mas não consigo imaginar meu futuro sem Beatriz ao meu lado.

Ponho o diário numa sacola e saio de casa. Com passos decididos, caminho até a casa dela. Toco a campainha. Já anoiteceu, o que é ótimo, pois depois do que eu li, quero encontrar os pais daquela víbora. É a mãe dela que abre a porta para mim.

— Noah. — Suspira meu nome com o semblante cansado e irritado.

— Boa noite. Podemos conversar?

Ela arregala um pouco os olhos. — Esse não é um bom momento.

— O que eu tenho a dizer é muito sério e tem que ser agora. A Beatriz está no quarto? Sua postura muda. Segura na porta com força, na defensiva.

— O que você quer com minha sobrinha, Noah?

— Quero entregar isso. — Abro a sacola.

— Você está com o diário dela? Me dê isso agora!

— Eu vou entregar esse diário para ela, mas antes vou falar com a senhora.

Minha determinação a surpreende. Ela sai da passagem e eu entro mesmo sem a verbalização de um convite.

— Noah, é o diário dela. Você não sabe como ficamos desesperadas atrás dele. Beatriz está em pânico. Tive que dar um remédio para ela dormir e estou revirando a minha casa atrás dele! Isso não se faz, moleque!

— Eu vou entregar pra ela! Ele estava em cima da escrivaninha. Há coisas demais escritas aqui para ficarem dando sopa.

— Você leu? — Indigna-se ao mesmo tempo que seu rosto perde a cor.

— Li. — Respondo com altivez. — E está na hora de acabar essas ameaças que ela sofre.

— Que ameaças? Ela voltou a ser ameaçada pelas fotos?

— Claudia. Sua filha está ameaçando revelar algumas fotos... *impróprias* da Beatriz.

Ela leva a mão a boca e arqueja. — A Claudia sabe?

— A Claudia me enviou fotos por e-mail. Foi isso. Foi por isso que eu terminei com a Beatriz. Foi um baque ver todas aquelas fotos. Nunca passou pela minha cabeça que a... enfim, era tudo mentira. Mas, mesmo sem saber que era mentira, aquelas fotos já não tinham mais tanto poder de me deixar afastado dela. Sua filha percebeu que mais dia menos dia, eu voltaria a namorar sua sobrinha. Agora ela chantageia dizendo que vai mostrar as fotos para o colégio inteiro, com a ideia doentia que devo voltar para Natasha.

Sua mão alcança o aparador e ela se apoia como se suas pernas não fossem capazes de sustentar o próprio corpo.

— Foi isso que a Bia quis dizer sobre a Claudia? — Ela sussurra como se estivesse perdida em pensamentos.

— Como assim? — Exijo uma explicação.

— Ela escreveu alguma coisa sobre ontem... a Claudia, a Natasha... *você.*

O sangue foge do meu rosto. — Você leu?

Ela endireita a postura e assume uma expressão impassível no rosto.

— Você é a última pessoa que pode me acusar, Noah. Li. Não havia muita novidade no que eu já sabia.

— Eu não vou permitir que vocês destruam a vida dela de novo! Ela tem a mim agora! — Bato no peito com raiva. — *A mim!* Ela nunca mais estará sozinha!

— Eu... — Ela soluça e seus olhos ficam lacrimejados. — Noah, eu amo a Beatriz como se fosse minha filha. Eu já tinha conhecimento de praticamente tudo que estava ali. Há um processo, vários depoimentos. Eu só não sabia do padrasto dela, e já avisei pro

Diego que eu não quero ouvir falar naquele verme, que dirá ele vir nos visitar futuramente. Já discuti com a minha sogra por ter desacreditado. Eu não sabia dessa parte. Noah, ela já sofreu demais, por favor, nunca conte pra ninguém o que você leu. Nem sei se ela deve saber que você leu.

Ela passa a mão no rosto limpando as lágrimas escorridas, e meneia a cabeça enquanto respira pesadamente.

— Vou dizer que encontrei embaixo do armário. Que pode ter caído.

— Eu vou dizer que eu li. — Afirmo secamente.

— Isso pode matá-la de vergonha, Noah! Ela pode piorar. Está faltando muito pouco pra ela quebrar.

Ela não vai quebrar. Eu não deixarei.

— Eu quero que ela saiba que eu conheço o seu segredo mais obscuro e que eu não vou deixá-la. Quanto a senhora e o seu marido, é melhor vocês se preocuparem com a Claudia. Ela não tem noção da gravidade do que está fazendo. É bem capaz de ela precisar se mudar daqui, como a Bia fez, para fugir de toda crueldade que essas fotos representam.

— Meu Deus do céu, me ajude!

Olho para Talita e quero muito acreditar nas suas boas intenções.

— Noah, a Beatriz falou que sumiram uns remédios que não havia tomado quando você pulava a janela para dormir. Você os pegou também?

— Foi muito imprudente não conferir que ela os tomava!

Ela respira fundo com a minha acusação. Mas a sobrinha dela escreveu naquelas páginas como seria fácil tomá-los. Meu Deus, o pior poderia ter acontecido!

— Você os pegou ou não?

— Estão no esgoto. Abri cada um deles e joguei na privada.

Ela suspira ainda mais cansada. A porta da frente atrai nossa atenção e olhamos para trás. Claudia.

— Vou ver minha namorada. — Digo para Talita.

Atravesso a sala sem me importar com a reação de Claudia. Quando entro no quarto, vejo a *minha namorada* deitada de lado, o edredom cobre seu corpo abatido. As olheiras que vi mais cedo estão mais fundas agora.

Tenho muita vontade de deitar ao seu lado, mas pelo que vejo em meu celular, até agora ela não mexeu em seu aparelho. Talvez fosse melhor eu ter deixado um bilhete.

Ou talvez não. *Eu li*. Tive a oportunidade de conhecer seu passado por completo. E ninguém vai machucá-la. Nunca mais.

Talita abre a porta do quarto, logo que leio uma mensagem do meu pai dizendo que

dormirá num quarto de hotel, para não passar em casa e ver toda aquela destruição. Ofereceu-me um quarto também, mas recusei. Avisei que dormiria na casa da minha namorada. A mesma que ele viu em meu quarto ontem e que sabia que eu passava algumas noites em seu quarto.

— Noah, ela talvez durma até amanhã de manhã. Vá pra casa descansar. Eu digo que você esteve aqui.

— Não me mande embora. — Imploro baixinho para não a acordar. — Eu preciso ficar ao lado dela. Preciso estar aqui quando ela acordar.

As pálpebras de Beatriz tremulam e logo seus olhos focam em mim.

Vejo o pânico tomar conta do seu rosto e por um instante fico em dúvida se devo ou não contar que li seu diário.

— Senhora, por favor, precisamos conversar sozinhos.

Mesmo relutante, Talita sai. Levanto-me da cadeira, a mesma que Trix deve ter usado para desabafar aquele passado negro nas páginas do diário.

— O que você faz aqui? — Pergunta com a voz fraca e rouca, depois pigarreja. — Não é pra você estar aqui, Noah. Principalmente agora que descobriram tudo!

Acaricio seu rosto e fico incomodado com sua tez gelada.

— Conte pra sua tia as ameaças.

— Não, Noah! — Ela levanta e segura meus braços com o desespero no olhar. — Eles vão me mandar pra longe de você.

Então, chora.

Fecho os olhos. Não é para longe daqui... *é para longe de mim.*

Envolvo seu corpo magro demais num abraço apertado.

— Ninguém vai nos separar. Seus tios conversaram bastante com a Claudia. Ela vai parar. Confie em mim. Ninguém vai nos separar.

Ela não para de chorar. Soluça, suas lágrimas molham a minha camisa. É com seu corpo abraçado ao meu que conto que eu li. A revelação arranca mais lágrimas dela e está cada vez mais difícil eu me segurar para não chorar.

— Eu te amo. — Digo baixinho em seu ouvido, acariciando seus cabelos. Repito várias vezes, por cada semana, cada dia, cada minuto que eu deixei de dizer que eu a amava, embora nunca tenha deixado de amar *minha Trix*.

Aos poucos, ela para de chorar. Entre cada declaração de amor, afirmo que ela nunca mais estará sozinha. Digo-lhe que ela não tem culpa do que aconteceu.

— Não me deixe. — Ela pede baixinho com o soluço forte.

Sou diferente do meu pai, nunca a deixarei só.

— Você escreveu duas vezes naquele diário que no futuro sonhava que nós

poderíamos ser felizes juntos. — Afasto seu rosto do meu peito e encaro seus olhos vermelhos. — O futuro é agora.

Escutamos batidas na porta e logo Talita entra com um lanche. Há vitamina que parece bem espessa servida em dois copos.

— Tente beber um pouco, querida. Você está sem comer desde ontem.

Ajeito-me na cama, para que ela tenha acesso à bandeja, mas, mesmo de lado, noto seu olhar perdido, como se não compreendesse o que há ali.

— Bia... — Sua tia a chama. — Você vai ficar bem. O Noah já me contou o que a Claudia fez com vocês e já conversamos com ela. Você é uma menina forte, corajosa, que já enfrentou muitos problemas sozinha.

— Você tem a mim. — Seguro-a com força.

— E a mim. E ao seu tio. Ele pode ser meio bronco, mas agora que falei pra ele o que está acontecendo, *sobre o que aconteceu*, ele está indignado e te enxergando mais como vítima. E você é uma vítima. E uma sobrevivente. O que aconteceu é muito difícil, mas você estava sozinha, sem amparo, sem alguém para compartilhar o que sentia. Não havia com quem desabafar, você confiou em quem lhe estendeu a mão. É absolutamente normal e humano querer se sentir acolhido por alguém.

— Quem errou foi ele, o seu antigo namorado. Ele abusou de sua confiança e a colocou numa situação que ninguém merece passar. Seus pais também erraram. Erraram mais do que qualquer um, privando você de conhecer as pessoas, interagir, ter suas experiências, seus amigos, alguém com quem pudesse simplesmente conversar. E pior: fizeram isso e nem se dispuseram a dialogar com você, esclarecer suas dúvidas ou ouvir seus medos. Você nunca teve uma conversa de mãe para filha. Confiaram em surras, bloqueios, tecnologia para controlar o que você acessava e tudo aconteceu embaixo do nariz deles.

Seu corpo está tenso e ela treme um pouco, mas essa é a sua reação mais extrema. Se não fosse por elas, acreditaria até que ela não ouve absolutamente nada do que a tia diz.

— Se eu tivesse escutado meus pais e tivesse apenas me preocupado com os estudos, nada teria acontecido. — Diz baixinho com a voz entrecortada.

— Bia, todos os dias, escuto minhas pacientes falarem sobre tudo que você já passou e além. Mulheres maduras ou jovens, inteligentes, espertas, algumas bem-sucedidas, independentes financeiramente. Mulheres acima de qualquer rótulo que as colocariam como vítimas perfeitas de homens como o seu ex-namorado ou o marido de sua mãe.

— Mulheres que cedem ao apelo de uma foto para um namorado, e as fotos são divulgadas quando o namoro termina. Mulheres casadas há anos, décadas, que enviam nudes para seus maridos: ele quer se separar, divulga; ela quer se separar, ele a expõe “para que ninguém mais queira”. Não respeitam nem aos filhos que fatalmente serão expostos também. Advogadas, atrizes, médicas, “do lar”, diaristas. Sabe o que todas elas têm em comum? *Todas são vítimas*. Se essas fotos vazam, a culpa é de quem elas confiam. Nunca o contrário.

— Se uma garota topa sair com mais de um cara – não foi o seu caso, mas algumas mulheres curtem – era pra ter ficado entre eles. A culpa é de quem quebra a confiança. Devemos, sim, tomar cuidado em quem confiamos, mas temos o direito de errar em nosso julgamento. Somos humanos. Errar é perdoável. Inaceitável é ser mau-caráter. E mau-caratismo não é um erro.

Sua tia acaricia seus cabelos loiros e finos. Não há reação. Apenas quando menciona que já está tarde, que é melhor eu ir embora que sua respiração acelera.

— Não vou a lugar nenhum.

Não há condições de sair daqui e deixá-la assim. Talita entende.

— Porta aberta.

Ela sai e tento fazer mais uma vez ela beber pelo menos a vitamina. Nem um dedo do copo é ingerido. Saio da cama para deixar a bandeja sobre a mesa. Sob seu olhar atento, guardo o diário no gaveteiro e tranco. A chave, ponho no bolso da minha bermuda.

Ainda há uma serpente vagando pela casa. Melhor não arriscar.

Eu queria muito dizer que as palavras de Talita fizeram efeito na manhã seguinte ou nos dias que seguiram. Que ela saiu do quarto e seguiu sua vida. Mas a semana passou e ela mal saía da cama, pouco falava.

O dia do seu aniversário foi uma data que não queríamos que fosse em branco até por causa de tudo que ela escreveu. Havia uma torta, velas, Talita organizou uma comemoração íntima, chamou Valentina, Felipe, Amanda, Artur e Ricardo. Mas, na hora “H”, Beatriz apenas chorou e não conseguiu sair da cama.

Afastei-me dela apenas para ir ao colégio. Repassei-lhe as lições, aproveitei as aulas para me desligar um pouco do inferno que estava minha vida, por ter as duas garotas mais importantes para mim mergulhadas numa tristeza que não parece ter fim.

No domingo, despeço-me dela bem cedo. Meu irmão está no país, e combinamos eu, ele e meu pai em fazermos uma visita em família para minha mãe. Chegamos à clínica e eu quero manter o nome “clínica” em mente enquanto outros nomes para esse lugar teimam em ecoar na minha mente.

Encontramos minha mãe sentada num canto afastada dos demais enfermos, embora uma senhora de idade bem avançada esteja sentada ao lado dela, falando-lhe algo.

— O que aquela senhora faz com a minha mãe? — Pergunto em português mesmo, pois meu pai nos alertou que mesmo os sussurros em inglês atraem olhares bem invasivos. Aqueles que não sabem a nossa língua, ficam agitados, acham que estamos falando mal deles.

— Ela é uma paciente. Sempre tenta conversar com sua mãe.

— Mas minha mãe não quer.

Ele para de frente para mim e para meu irmão.

— Noah e Aaron, não devemos interferir. Se Anelise não quiser, ela tem toda liberdade de se afastar. Ela precisa *reagir*. Aquela senhora está aqui há mais tempo, não recebe visitas e viu em sua mãe uma companheira para seus dias solitários. Ela conta histórias do passado dela.

— E se ela falar algo que não deve? — Aaron pergunta preocupado.

Também estou preocupado com isso.

— É a sua mãe quem tem que se afastar. — Meu pai ratifica. — E não se esqueçam do que eu falei no carro. Anelise não se lembra de nada do que aconteceu. Mais pra frente, falaremos que reformamos a casa para ela recomeçar uma nova vida.

Recomeçar.

Uma nova vida.

De novo.

Minha mãe realmente não aparenta lembrar o que a trouxe para cá, e meu pai inventa mais uma história, uma em que ela concordou que seria melhor tentar um novo tratamento. *Essa nova história* é uma velha conhecida nossa. Foi o que nos tirou ano passado do país e não deu certo. Mas nada falo. O velho Thomas precisa dessa ilusão mais do que a sua esposa.

O carro para na frente da casa da Beatriz já no final da tarde. Desde que saímos da clínica, não falamos nada, mas Aaron questiona se realmente devo ficar na companhia da minha namorada após passar o dia sendo bombardeado de “carga negativa”. Sim, ele falou isso.

— Estar com ela me fará recuperar a “carga positiva”.

Desço do carro e respiro fundo. A verdade é que cada passo é uma tortura, por eu não suportar mais vê-la nesse estado quase inerte... quase sem vida.

Por isso, quando depois de todos esses dias, eu a encontro sentada na mesinha do computador, terminando de fazer uma maquiagem fraca no rosto, eu preciso engolir o choro e sorrir, por não querer fazer um alarde gigantesco por ela ter encontrado um pouco de disposição.

Assim que me vê, ela levanta e vem me abraçar. Tento não pensar no seu corpo magro demais, concentro-me no seu cheiro doce e floral.

— Vamos à sorveteria?

Sorrio e concordo com a melhor cara que consigo fazer.

Acabei de voltar de uma visita à minha mãe e ainda estou muito mexido.

Eu gostaria de ficar aqui, agarradinho com ela.

Mas isso não é sobre mim. É sobre a minha garota e eu tenho que apoiá-la se quer voltar a sair, se expor a esse mundo que já lhe foi muito cruel.

Saímos de casa e andamos em silêncio de mãos dadas. Noto sua dificuldade de olhar

para os lados. Sua mão está suada e fria, e tento não demonstrar que tenho completa noção de seu desconforto, puxando-a para que fique sob meu braço.

Chegamos à sorveteria e pedimos iogurte batido com frutas vermelhas. Tentamos fazer com que esse passeio seja o mais normal possível.

— Como está a sua mãe?

— Nós conversamos muito pouco, mas está aceitando o tratamento.

— É muito difícil pra ela. Raramente saía de casa e agora convive com estranhos. Mas ela vai ficar bem. Lá ela tem acompanhamento integral, ajuda para retomar o contato com as outras pessoas.

Eu sei que ela está falando de sua experiência própria numa clínica. Seu olhar se perdeu enquanto tentava me consolar com suas palavras ditas bem pausadas e baixinhas.

— O importante é que quando ela voltar, ela terá você. Irá para a casa dela. Quando eu saí, eu tive que voltar para uma casa que nunca me senti bem, e minha avó é uma pessoa longe de ser “açucarada”.

— É. Eu li.

Ela respira fundo e olha para a taça à sua frente.

— É estranho você ter lido meu diário.

Seguro sua mão e a acaricio. Não pedirei desculpas, pois eu precisava saber de tudo que ela passou.

— Enfim, você precisará de ajuda pra ficar com ela. Precisam contratar alguém. Vocês correm um risco gigantesco de ela fazer algo de errado. A governanta, não está do lado dela o tempo todo. Não tem formação para lidar com ela. A bipolaridade dela precisa de acompanhamento por toda a vida. Vocês têm condições de bancar alguém, um tratamento bom pra ela.

— Na clínica que fiquei, tinha uma garota da minha idade. A depressão dela era muito grave, era vítima de bullying. Tinha tentado suicídio duas vezes.

Ela faz uma pausa, a tensão que sente é palpável e muda o ritmo de sua respiração.

— Nós pouco falávamos. Ela estava imersa no mundo dela e eu no meu. Mas ela me contou que era neta de uma funcionária antiga, que implorou por uma vaga, pois não estavam mais conseguindo pará-la. Eu pensava nas pessoas como ela, que não tinham como bancar uma internação num lugar como aquele para serem reabilitadas. Vocês podem dar o melhor que existe para a sua mãe. Ela é tão linda! A primeira vez que eu a vi, a achei tão cheia de vida.

Dou um meio sorriso. Mesmo dentro de casa e isolada, minha mãe, nos seus melhores momentos é uma pessoa incrível. Não sai do telefone, das redes sociais. Divulga suas telas, conversa com antigos amigos, grava vídeos para o seu canal de artes, edita. Mas não é sempre. *É raro*. Quando Beatriz a conheceu, minha mãe ainda estava sob o efeito da alegria de ter regressado ao Brasil. Tanto que agiu como se fosse a coisa mais normal do mundo ter uma pessoa estranha à nossa família transitando pela casa. A única que entrou

ali todo esse ano, até porque minha avó recusou todos os convites.

— O que aconteceu com a garota?

Ela encolhe os ombros. — Saí antes dela. Infelizmente. Se eu pudesse, ficaria mais tempo lá, mas recebi minha alta e tive que voltar para a casa da minha avó. Bem... você também sabe disso.

Olho no fundo dos seus olhos. Olhos de lua cheia. Lindos. Mais perfeitos que a própria lua, mesmo quando está explícito neles o seu incômodo, e até um pouco de sua indignação por eu ter lido seu diário.

— Eu sabia que ia viajar ano passado.

— Hum?

— Ano passado. Já estava tudo combinado no colégio que eu viajaria antes de terminar o ano letivo.

A ficha demora um pouco a cair. Ela não estava aqui no ano passado, no entanto ouviu bastante a história de eu ter saído nos últimos jogos. Minha viagem afetou tanto o time que perdemos o campeonato nacional. Mas assim que compreende o que eu acabei de dizer, ela pisca como se não acreditasse.

— Minha mãe havia concordado com a internação numa clínica lá em Nova Iorque. Eu não queria ir, mas não tinha escolha. Minha avó não é muito diferente da sua. Não queria... *não quer* perder a liberdade dela, sair da casa dela. Eu ficaria aqui no Brasil, mas do outro lado da cidade. Não faria diferença. Então, eu participaria do campeonato, e depois iríamos embora.

Desde o início do ano minha avó reclama que é difícil mudar a vida dela para um condomínio isolado no meio do nada, que está acostumada à sua rotina e mais um monte de desculpas. Mesmo agora, que estou sozinho em casa, ela disse que eu já sou “bem grandinho” e que não preciso de alguém tomando conta de mim. *Cara...* eu até não preciso de uma babá, mas minha vida está bem caótica. E, como Beatriz acabou de dizer, minha mãe precisava de uma pessoa ao lado dela, minha avó podia ter sido essa pessoa.

Não me esqueço também que minha avó preferiu fingir que se importava comigo a ter que ir para o hospital ficar com a minha mãe.

— O que deu errado? Por que não esperaram o fim do campeonato?

— Minha mãe começou a dar sinais de que não concordava mais com a internação, e meu pai resolveu antecipar a nossa ida. Eu já tinha concluído todas as minhas provas no colégio. Nenhum aluno sabia que eu não estudaria nas últimas semanas, pois poderia desestabilizar o time.

Não fez diferença.

E deu tudo errado. Eu queria meus amigos, minha mãe ficou ainda pior lá e meu pai desistiu de tudo.

— O colégio sabe o que a sua mãe tem.

— Eu sou o único que usa o celular na sala de aula.

— Você usa o celular durante a aula?

— Não é algo muito evidente, mas os professores fazem vista grossa. Sabem que numa emergência, a governanta vai se comunicar comigo, antes de falar com meu pai, pois ele está a quilômetros de distância.

Ela pisca, demorando-se um pouco com as pálpebras cerradas.

— Tenha fé que ela vai melhorar.

Assim espero.

Beatriz se endireita na cadeira, seu olhar para além de mim me faz virar a cabeça para trás. Amigos nossos. Garotos e garotas que cumprimentamos quando cruzamos pelo condomínio, pelos corredores do colégio e na sala de aula.

Nossa mesa logo fica completa, cadeiras são arrastadas para se aglomerarem e começam a conversar conosco. No início, essas conversas, a busca pelo astro do time, pelo americano, pelo garoto mais bonito do colégio (modéstia à parte) eram o que eu precisava para me desconectar de todos os meus problemas de dentro de casa. Ainda ficava preso ao celular e à notícia que poderia vir por ele, mas eu podia ser um rapaz de dezesseis anos, com idade suficiente para ser *maduro, mas nem tanto*. Hoje, essa sensação boa não aparece.

Assim que estamos cercados, a tensão toma conta do corpo da minha namorada. É Alice quem senta ao seu lado, mas no período que terminamos, ela não saía de perto do meu grupo de amigos. Ainda falava com Beatriz durante as aulas de Educação Física e só. Bem, em se tratando da única aula que Amanda não faz, devo agradecer por ela puxar assunto com a minha (infelizmente) ex-namorada na época, enquanto Valentina treinava pro vôlei e as outras a ignoravam. *Ou faziam pior...*

Nós terminamos nossos iogurtes e pelo menos para isso essa “invasão” serviu: para ela tomar sua bebida toda.

— Bora jogar. — Caíque sugere e, sem querer, faço um ruído desagradável com o canudo.

— Ah, vocês vão se enfiar naquela quadra, doze no máximo, e o restante vai ficar só olhando. — Alice reclama. — Vamos jogar queimado com vôlei.

— Eu topo. — Beatriz olha para ela e dá um sorriso que não alcança os olhos. Para completar seu desconforto, vejo ela engolir em seco.

A palavra dela vira lei e todos se movimentam para irmos para a quadra jogar. Abraço-a e seguimos o fluxo de pessoas que ignoraram sua magreza, mal perguntaram se ela havia melhorado. Bem diferente dos dias anteriores, quando, para puxar assunto comigo, perguntavam sobre sua saúde, pois eu disse que ela estava com uma forte gripe, uma mentira que combinei com a sua tia e que todos compraram. Todos sempre compram as mentiras que digo sem muito questionamento. Todos sempre querem puxar assunto comigo.

— Você tem certeza? — Pergunto baixinho e beijo seu cabelo.

— Me distrai. — Ela sussurra ainda mais baixo. — Eu estou bem, Noah. As pessoas fogem da aula de Educação Física por não saberem o que é viver sem poder fazer nada. Essas aulas eram a única forma que encontrava para interagir com as pessoas sem que fosse necessário debater um livro.

E cá estamos nós, jogando com nossos amigos. Ela realmente está bem, empenhada em se entregar ao jogo e se concentrar apenas na bola. Pra mim, esse é um jogo dentro de outro jogo: se atacam minha parceira predileta (evidentemente, eu escolhi meu time e ela foi o primeiro nome que cantei), essa pessoa vira meu alvo.

É quando sinto que Trix está um pouco mais lenta e ofegante, que deixo de defendê-la. E ela não faz questão de pegar a bola que “queima” seu braço.

— Continue no jogo. — Ela diz quando vem me dar um selinho antes de sair da quadra. — Estou torcendo por você.

Observo-a sair da quadra e volto ao jogo. Meu time está ganhando e me pego desejando que a partida acabe, já que ela decidiu se sentar um pouco afastada de todo mundo. Já tirei a maioria dos fracos do outro lado. Mas continuo por ela. *E por mim.* Preciso me distrair, e focar no jogo me desliga de tudo.

Fica ainda mais fácil me atentar ao jogo, quando Amanda, Artur e Ricardo se sentam à mesma mesa que Beatriz escolheu. Já havia reparado que ela passou a jogar cartas com eles, e notar que ela realmente quer voltar à sua rotina enche meu coração de alegria pela primeira vez desde a nossa *primeira vez*.

Jogo mais duas, três, quatro partidas, até que esse aquecimento acaba e começamos um jogo de verdade de vôlei, para que eu possa me concentrar apenas no que eu mais...

Eu ia dizer “mais amo fazer”...

Mas vôlei se tornou a minha segunda atividade favorita, pois a primeira se tornou estar ao lado da minha namorada, fazendo o que for, desde que ela esteja feliz.

Ano após ano, esperei o dia que minha vida realmente valeria à pena. Acreditei que seria quando eu ingressasse numa faculdade bem distante, e poderia, enfim, fazer amizades sem interferência dos meus pais.

Ansiava por esse dia. Nem por um instante pensei que a vida quando chegasse aos dezessete anos ficaria pior do que a que eu levava. Pesquisei tudo na internet sobre emancipação e a liberdade que ela me concederia.

Eu deitava na cama e fitava o teto tão branco quanto o do meu atual quarto, e pensava no que poderia acontecer naquele futuro. Não sonhava com festas, com namorados, com bebidas alcoólicas ou outros entorpecentes. Meus sonhos não tinham nada a ver com uma vida desregrada. *Não*. Meus sonhos tinham a ver com simplesmente poder ter nem que fosse um só amigo.

Se o teto acima de mim é branco, o mesmo já não posso mais dizer da minha vida, e ela começou a ser pintada bem antes que eu esperava. Um ano antes.

Hoje, penso em como eu teria me ferrado feio se eu tivesse agido exatamente como agi aqui, quando alcançasse a tão sonhada liberdade de outrora. *E estaria sozinha*.

Eu estava na casa do meu tio, sem responder por mim mesma, mas tive passe livre para uma festa com bebidas alcólicas e jovens atrás de diversão. Ficou na minha frente a possibilidade de escolher entre o ponche batizado ou o refrigerante. Não que eu nunca tivesse tomado uma bebida alcólica. Vinhos e espumantes já foram sorvidos por mim até em taças que meus pais me ofereciam. Mas ali, na primeira vez que saí sozinha para uma festa, eu fiz a escolha segura e responsável. Até por causa da minha medicação.

Meu problema foi ter encontrado amigos que julguei serem perfeitos. Achei que seria fácil fazer amizades longe dos meus pais. *Fácil foi conhecer pessoas e cometer erros*.

Confiei demais numa pessoa que eu não deveria ter conversado mais do que alguns minutos por dia. Passar horas e horas batendo papo, conversando sobre nossos namorados, sobre o que gostávamos, *muito menos*.

Imagine se eu encontrasse “uma Adriana” sozinha, longe de pessoas que pudessem me dar amparo! *Não, por favor, não imagine*.

O pior é que ainda sinto falta dela. *Muita*. Ainda penso no dia que ela baterá na minha porta e me pedirá desculpas. Que se afastará daquelas cobrinhas com quem anda e voltará a falar comigo e com Amanda. Que bom seria se fôssemos nós três.

Mas a vida não é perfeita e sei muito bem disso. Esse meu desejo é uma prova, pois também sonhei muito que Kauã me pedisse desculpas, e voltasse a ser o que era antes de ter me causado todo aquele mal.

E, na realidade, se eu fosse pedir algo sobre amizade, meu primeiro pedido não seria que Adriana resolvesse virar uma boa pessoa.

Eu pediria que eu e Amanda tivéssemos mais afinidade.

Mas tudo bem. *Tudo bem.* Amanda, mesmo assim, é uma grande amiga.

Escuto batidas na porta. O tempo para minha reflexão dos últimos meses acabou por hoje.

Sento-me no instante que a maçaneta gira. No segundo seguinte, a porta aberta totalmente revela Noah vestido lindamente de terno e gravata borboleta.

E um embrulho de presente. Mas não é um presente qualquer. O que ele traz num papel bonito me faz prender a respiração, por eu ter quase certeza de que sei do que se trata. Uma tela. Uma pintura.

Saio da cama e ele me dá um beijo casto e me aperta contra seu corpo com apenas um braço. Em seguida, me segura pela cintura, enquanto eu uso meus dois braços para abraçá-lo. Não faz muito tempo que ele saiu daqui. Passou em casa para tomar um banho e vir me encontrar.

— Feliz aniversário, Trix. De novo, mas hoje estamos comemorando de verdade!

No dia do meu aniversário, eu não estava bem. Tudo era muito recente e comemorar mais um ano de vida não fazia muito sentido.

Noah faz um gesto com o presente indicando que é meu e afasto esses pensamentos negativos.

Sinceramente, tenho medo do que posso ver aqui. Não penso que ele fez algo que possa me magoar, nunca! Mas eu só consigo pensar na tela que pintamos no colégio. Na dificuldade que foi para eu tirar uma fotografia. No meu medo constante de que aqueles registros voltem a ser divulgados. As imagens do pior momento da minha vida. Não sei se esse medo um dia me abandonará, para que eu consiga viver em paz.

Encontro uma ponta de fita adesiva e a puxo devagar. Mesmo com a minha delicadeza, o papel cede. Respiro fundo para terminar de rasgar o embrulho. A sutileza deixada de lado, porém, não deu espaço total à rudez.

Sinto um arrepio percorrer meu corpo. Um conflito estranho que me deixa dormente e com os olhos marejados.

Uma pintura *nossa*.

A foto usada como inspiração foi uma das que nós tiramos na praça, mais especificamente no banco onde começamos a namorar. Não é uma foto natural, pois posávamos no momento que ele deu o clique, para que nossos rostos exibissem um meio sorriso enquanto nos encarávamos. Tenho certeza que o que nos iluminava naquele momento era a luz de um poste que encontrou passagem pelas folhagens densas das copas das árvores que ficam naquele ponto, mas na tela é o luar, com a lua cheia linda e exageradamente grande.

É tão lindo que as primeiras lágrimas se formaram assim que bati os olhos, e agora

rolam pelas minhas bochechas.

— Sua mãe pintou esses dias? — Pergunto já sabendo a resposta.

Ele me abraça forte. — Ela ainda não foi liberada para se dedicar a uma tela desse tamanho.

Faço que sim com a cabeça. Ela voltou a pintar, mas restringiram bastante o tempo, para que ela não se feche no mundo da pintura, e se esqueça de interagir com o mundo à sua volta.

Escuto sua respiração forte e pausada. Meu corpo se movimenta com a expansão do seu peito.

— Eu quase morri enquanto via você pintar sua foto de preto, deformando seus contornos, e usando o branco para te apagar em outros pontos. As outras cores pinceladas de um jeito a deixar tudo ainda mais bizarro. Quando cheguei em casa, peguei as fotos que eu tirei da tela que te devolvi e pedi pra minha mãe fazer um quadro seu igual ao que o idiota aqui se desfez.

— Noah!

— Minha mãe prometeu que pintaria depois que fizesse um quadro de nós dois juntos.

Olho para o quadro. Acho que nunca me vi tão perfeita quanto ao que está nessa tela.

— É lógico que ela quebrou a promessa. Não pintou a sua tela sozinha, após terminar essa. Sorriu e disse que eu teria a pintura novamente, bastaria eu pedir pra você. Ainda brincou dizendo que ela plagiaria uma obra e teria que chamar a real artista para assinar o quadro, pois ela nunca colocaria seu nome numa cópia.

Dou um riso fraco.

— Foi ela quem disse primeiro que você tem olhos de lua cheia.

Olho para ele surpresa. — Ah, é?

Ele deita a tela suavemente pela cama. Seus dedos tocam meu rosto, limpando as lágrimas. Seus olhos estão marejados e um pouco avermelhados, mas ainda não derramou uma lágrima.

— Ela me fez prometer que eu não falaria nada, mas eu estaria plagiando o que ela disse sobre você, e como ela já quebrou sua promessa...

Ele encolhe os ombros.

— É lindo, Noah. Obrigada! — Suspiro e sorrio olhando para a tela, encantada com o que vejo. — E fico muito feliz que ela tenha me feito um elogio tão lindo... *Ela gosta da lua, não?*

Ele ri. — Minha mãe ama a lua. A propósito, você está linda.

Ele se afasta e sorri enquanto admira meu vestido curto rodado, cor de rosa, bem brilhoso, com uma fita preta marcando a cintura.

— Não acredito que tia Talita me fez uma festa de quinze anos, quando já tenho

dezesseis!

— Pra mim, faz mais sentido uma festa de debutante aos dezesseis. — Ele diz. — Vamos? Sua tia já está no carro.

Olho-me no espelho. A maquiagem é bem suave e não sofreu nenhum dano.

— Acho besteira ir de carro até lá. Andamos além todos os dias!

— É pra você chegar linda e maravilhosa na festa. Ah!

Ele para de andar e olha para mim.

— Eu quero meu quadro. — Ele exige olhando nos meus olhos.

Assinto e nós damos um último beijo. Era para ser rápido, mas fica difícil controlar o desejo depois de ele ter me encarado tão intensamente. É uma buzina irritante que nos interrompe.

— Vamos, minha princesa linda!

— Vamos, meu príncipe lindo!

Ele sorri. — É a primeira vez que escuto essa frase e me sinto bem.

Seu braço enlaça minha cintura e nós saímos do quarto. Tia Talita dá mais uma buzinação, dessa vez por pura implicância, pois já estamos em seu campo de visão. Ainda ostenta um sorriso gigantesco e brilhante dirigido para nós.

— Vamos que as fotos são feitas antes da festa começar.

Respiro fundo.

— Fotos.

Noah me vira para ele ao sentir meu corpo estremecer.

— Eu não vou deixar que nada de ruim aconteça com você. Nunca mais.

Entramos no carro e seguimos para pouco mais de duzentos metros à frente.

Na frente da casa de Natasha estão ela, Adriana, Manuela e Dalila, (as quatro não foram convidadas para a minha festa, obviamente). Elas conversam como se fossem amigas de infância até o carro passar. Então, elas lançam um olhar assassino na nossa direção.

Lembro-me de quando ainda nem tinha uma semana que eu vivia aqui, e passei na companhia de uma delas para fora do condomínio por causa de uma festa que não fomos convidadas. *Nenhuma de nós*. Naquela época, eu consideraria chamar duas delas. Natasha, apenas por causa da minha prima; Adriana por causa da amizade. Já haveria pessoas para eu não convidar da sala de aula (como o trio da Tatiana, que nunca falou comigo e outras pessoas que realmente não tenho afinidade) para estender um convite à Dalila. A outra é uma que só sei o nome por ser inconveniente demais.

Seis meses depois e todas as nossas vidas já tomaram rumos completamente diferentes.

É Adriana... desejo que vocês estejam repetindo aquele aniversário que não fomos convidadas. Que você tenha a chance de fazer tudo de novo, só que, dessa vez, de um jeito certo.

Uma festa! É difícil acreditar que tudo tenha sido organizado em tão pouco tempo. E não poderia estar mais perfeita!

Depois de passar pela bateria de fotos na companhia dos meus tios, da Claudia (nós fotografamos bem juntas, pelo menos), sozinha e com Noah em diversas situações, fazendo caras e bocas pela festa, finalmente os convidados começam a chegar.

O mais perfeito de tudo é que meus pais não puderam vir. Nem minha avó. Meu pai, mesmo sabendo a data que foi marcada a minha primeira festa de aniversário em anos, ligou hoje de manhã avisando que não pôde se afastar do hospital. Já minha mãe... bem, o namorado/marido dela foi banido de toda a família e ela disse que se ele não pode vir, ela também não tem por que comparecer. Vó Eulália já tinha programado uma viagem para uma reunião de bruxas em algum canto do planeta.

Se eu for muito honesta, direi que me entristece que eles não virem. No fundo, gostaria de ter uma família que me amasse e me colocasse em seu seio, e que me protegesse também. E é por isso que eu também serei hipócrita se eu disser que não me sinto aliviada por eles não comparecerem.

O que importa de verdade é o meu príncipe. Meu lindo príncipe que nunca me deixa sozinha. Nossos amigos estão aqui, apresento-lhe aos meus parentes tanto por parte de mãe, quanto por parte de pai. A maioria questiona a ausência dos meus pais. E eu não poderia ser mais grata ao Noah, por sempre me afastar de todos, para que essas perguntas não acabem com minha festa, pois elas têm o poder de me paralisar.

Como responder que meus pais não estão na minha festa de aniversário?

— Por que não pergunta a eles? Licença. — Noah diz mais uma vez com a voz polida e carregada de sotaque, enquanto me conduz para longe de um primo distante do meu pai. — Não ligue, Trix.

Ele junta seu corpo ao meu. Não tinha reparado que chegamos à pista de dança. Nossos passos são tímidos e contrastam com música pulsante.

— Eu não ligo. — Respondo fitando-o e ele ergue sua sobrancelha com falha. — Tá. Só um pouquinho. Mas estou feliz que tenham vindo. E estou adorando minha festa!

Sorrio. Um flash é disparado na nossa direção e uma luz quase nos cega, enquanto somos filmados.

— Vou querer uma cópia de tudo. — Noah diz sorridente. — Estou aparecendo tanto quanto você.

— Eu mando fazerem duplicadas as fotos que você aparece.

— Tudo. — Apenas mexe os lábios.

Nós somos interrompidos quando o pai e o irmão dele se aproximam. Eles me

cumprimentam, o primeiro com um aperto de mão, já Aaron me dá um beijo no rosto e depois abraça o irmão.

— Parabéns. Só faça meu irmão feliz.

— Aaron, isso aqui não é um casamento! — O pai o repreende e ele rola os olhos.

— Do jeito que não se desgrudam, não duvido nada!

Eles não ficam muito tempo. Conversam um pouco conosco, depois entre si, antes de partirem da festa, avisando que ficarão em casa.

— Meu pai disse que talvez minha mãe receba alta daqui a uma semana. Mas terá que sair e tentar levar uma vida normal.

— Tudo tem seu tempo, Noah. O bom é que finalmente ela já está se comunicando com os outros pacientes. O condomínio é muito tranquilo, ela poderá caminhar por aqui com calma.

— É... tomara que dessa vez funcione. Ela terá acompanhamento. Meu pai vai tirar umas férias para poder acompanhar esse início, e depois vai trabalhar de casa sempre que puder.

Abraço-o, depositando nesse aperto todo amor que sinto por ele. Quero que ele entenda que sempre o apoiarei, não importa o que aconteça.

E eu amo ainda mais tia Talita por ser alguém que possa ajudá-lo com suas palavras experientes, fazê-lo pôr para fora sua angústia de ter que lidar com sua mãe... *e comigo*. Já os deixei conversando na sala, na cozinha ou no meu quarto. Noah aproveita que estou no banheiro ou terminando de me aprontar para desabafar com ela.

Algumas vezes, finjo não perceber que algumas lágrimas caíram dos seus olhos, pois ele quer sempre se mostrar forte para mim. Era como ele agia com a mãe. Infelizmente, não havia ninguém para ser a fortaleza dele. Nem seu pai. Nem seu irmão. Eu quero ser essa fortaleza, quero muito.

Eu não sei como ele aguentou tanto tempo sozinho. E não sei como ele lidará com a exposição da condição de sua mãe. Noah fingiu por muito tempo que levava uma vida perfeita. Era o que todos os seus amigos acreditavam. Ele está um pouco apreensivo. Já percebi que ele está mais reservado nas conversas com os colegas de escola, companheiros do vôlei. Ele não entendeu ainda que continua sendo o Noah, sua aura é tão positiva e forte, que será impossível atingi-lo.

— Bia, querida. Vamos colocar a saia longa?

Olho para o meu namorado e ele, como sempre, me segue pelo salão de mãos dadas, dessa vez, ao lado da tia Talita.

— Vou falar com o Daniel. — Ele avisa apontando com a cabeça para onde o amigo está acompanhado de outras pessoas que costumam cercá-lo no colégio.

— Tá bom.

— Já te encontro. — Ganho um beijo e ele parte.

— Vocês são tão lindos juntos! — Tia Talita fala com um sorriso enorme no rosto. — Mal vejo a hora de vocês valsarem pelo salão!

— Ai, tia...

— Poderíamos ter ensaiado algumas coreografias. Seria lindo!

Ah, não... não mesmo!

Chegamos à sala anexa e preciso respirar fundo por encontrarmos Claudia e Priscila retocando a maquiagem nesse espaço reservado para mim.

A sessão de fotos não nos fez virar as melhores amigas. Como narrei, saímos bem em fotos, como aquele primeiro registro meu aqui no condomínio. Pra dizer a verdade, não ter chamado Natasha para meu aniversário piorou bastante nossa relação, embora a querida amiga dela não faça a menor questão de ajudá-la a reconquistar Caíque.

Por falar nele... o amigo do meu namorado está mais feliz do que pinto no lixo com a vida se solteiro e o compromisso do Noah comigo. Se Claudia não abrir o olho, é capaz de Natasha e Caíque ficarem vez e outra, enquanto ela chora pelos cantos.

— Meninas, vocês podem nos ajudar?

— Claro! — Priscila se prontifica e eu me pergunto por que não pensei em chamar Amanda e Val para me fazer companhia agora. — O que faço?

Tia Talita a instrui a segurar a saia longa, enquanto eu tiro a curta do vestido. Minutos depois, estou vestida de princesa. Um vestido rosa com a cintura ainda marcada com a fita preta. O tule tem gotas de brilho e me olho no espelho me achando incrivelmente linda.

Uma princesa para o meu príncipe!

Um príncipe que encontro pouco depois, para dançarmos nossa primeira valsa juntos. Embora sejamos novos, não consigo imaginar que esse seja um mero ensaio, e a próxima vez que valsaremos será no nosso casamento. Mesmo sem ensaio, dançamos lindamente, Noah é um parceiro de dança maravilhoso. É como se eu estivesse no final de um filme, dançando uma bela canção em trajes de gala numa festa especial.

Filmes que muito assisti nas minhas férias, quando eu era criança, uma época que ainda era permitido sonhar livremente com o futuro. Os mesmos filmes que assisti quando morei com a minha avó, mas já não conseguia me imaginar vivendo rodeada de tamanha maravilha.

Que bom que meu sonho se tornou real!

Dezesseis anos e estou aqui com meu lindo príncipe. Igualzinha àquelas princesas!

Noah acaricia meu rosto com a ponta do seu nariz geladinho. Um arrepio gostoso toma conta do meu corpo enquanto ele percorre da minha têmpora até a minha boca. Quando os lábios dele tocam os meus, colo minha boca na sua, não querendo mais essa delicadeza. Seguro seu rosto, usando o ritmo de nossas danças como inspiração para o baile de nossas línguas. Nosso beijo é totalmente sincronizado. Nossa sintonia, perfeita.

— Eu te amo, Trix! — As palavras são sopradas entre meus lábios ainda partidos nesse momento pós-beijo.

— Eu também te amo, Noah! — Sussurro.

Noah abre um sorriso tão lindo que, e consigo manter o ritmo. Nem sei como fico em pé, pois minhas pernas estão com consistência de gelatina. Sorrio de volta, o sorriso dele é um ímã para o meu.

Ficaria assim para sempre se a música não fosse abafada por aplausos. Então, um passo dele para o lado nos traz de volta à dança. Logo outros casais se juntam a nós e ficamos rodeados enquanto rodopiamos pelo salão.

O cenário de felizes para sempre dos clássicos infantis fica completo!

Meu feliz para sempre começa agora!

Epílogo

Minha mão está ao lado da dele, enquanto cobrimos a placa do nosso consultório novinho em folha. Ela acabou de ser pendurada com nossos nomes.

Dr. Noah Carter – Psiquiatra

Dra. Beatriz Carter – Psiquiatra Infanto-juvenil

Confesso que quando eu sonhava ser médica, a Psiquiatria não estava nos meus planos. Ainda havia uma parte de mim que sonhava ser Pediatra ou Ginecologista e continuar com o legado dos meus pais.

Mas foi por tudo que passei, pela minha necessidade de sempre seguir em frente, de encontrar algum sentido na vida para que eu me agarrasse a ela, que escolhi essa especialidade, principalmente para cuidar das crianças e dos jovens. E, infelizmente, acompanho de perto o crescimento alarmante de transtornos da ansiedade e depressão nessa faixa etária.

Confesso também que foi uma surpresa Noah querer estudar Medicina. Eu não esperava mesmo. Com o fim da viagem definitiva para os Estados Unidos, achei que ele se dedicaria mais ao vôlei, que tentaria se profissionalizar, virasse professor de Educação Física, sei lá. Mas, depois que ele disse que se tornaria médico, foi fácil adivinhar a especialização que faria.

O vôlei não ficou esquecido em sua vida. Ainda naquele ano que nos conhecemos, ele conquistou sua segunda medalha de ouro pelo campeonato nacional. No ano seguinte, ele ganhou mais duas. Infelizmente, não consegui estar presente nas suas conquistas. O medo ainda tomava conta de mim. Tia Talita se ofereceu uma vez para ir comigo, mas, pouco antes do jogo, eu decidi esperar no carro.

Noah sempre entendeu meu medo de acabar reconhecida por alguém que viu aquelas fotos. Atualmente lido melhor com a ansiedade, mas ela ainda é minha companheira constante. Nem minha formação acadêmica “me curou” por completo. Hoje, no entanto, é mais raro eu ficar aflita, com medo daquelas fotos serem desenterradas e expostas para todos que eu conheço.

Mas, voltando ao vôlei, hoje em dia, Noah ainda se reúne com os amigos daquela época para passarem horas jogando numa das quadras do condomínio, e, lá, continuo sendo sua torcedora grudada à grade. A cada ponto comemorado, ele se aproxima para me beijar.

Sim... ainda moramos lá na Vila Azul. Numa casa rosa clarinha com detalhes em cinza. Uma casa que fica ao lado de uma casa azul. Uma casa que vivia abandonada e um casal de adolescentes apaixonado aproveitava para se esconder do mundo, e observar estrelas enquanto namoravam.

Os pais dele ainda vivem na imensa casa ao lado, e seu irmão continua sendo uma presença rara fisicamente, pois vive em Nova Iorque, lugar que nunca conseguiu abandonar. Mas sua presença é constante em conversas principalmente pelo grupo da

“Família Carter”, que agora é assinado sem um codinome secreto, e que eu faço parte.

Quem também ainda vive no condomínio são meus tios, só que se mudaram para um dos prédios, após Claudia ter se mudado para outro estado, decepcionada por ter ouvido sua melhor amiga dar em cima do garoto que ela gostava. Caíque disse algo sobre Natasha ter passado a vida inteira correndo atrás do Noah, para agora querer algo com ele. Cada palavra dita como se fosse por um megafone, após uma partida de vôlei.

A amizade acabou com minha prima gritando que Natasha tinha ido ajudá-la a reconquistar Caíque, e as duas trocaram muitas ofensas que não merecem ser descritas.

Confesso que fiquei chocada com a sordidez de Natasha. Um golpe muito baixo. A cobra coral infelizmente ainda mora no condomínio e, mais infelizmente ainda, continua dando em cima do Noah. Estamos falando de um período de quinze anos, o tempo que eu e Noah estamos juntos. Ela já namorou, já casou, tem um filho, se separou, e continua com essa obsessão. Eu poderia indicar um psiquiatra para ela... alguém que tenha estudado comigo e com Noah, obviamente. Mas ela poderia achar uma afronta, então que fique com sua necessidade de fingir que Noah lhe dará atenção novamente, enquanto fingimos que ela não existe.

Daquela época do colégio, além do Noah, é claro, mantenho com carinho a amizade com Valentina, Alice e Amanda. Ah! O marido da Amanda, o Artur, por tabela. O casal se mudou para Minas, mas sempre estamos conversando, nem que seja por mensagens de “bom dia” trocadas pelo Whatsapp. Alice e Valentina estão mais presentes, são amigas de academia, de shopping, de chope e vôlei de praia.

— Vamos entrar? — Noah sorri para mim. Uma de suas mãos na minha cintura, a outra, na maçaneta.

— Vamos.

Ele abre a porta e entramos mais uma vez nessa sala.

Suspiramos juntos quando damos de cara com a pintura de dois girassóis se encarando num dia nublado. “Seja o sol de quem está ao seu lado!” está escrito em cima. O quadro é da minha sogra e a frase foi uma que ela leu na sua internação. Temos outros quadros dela em nossa casa (todos que temos lá foram pintados pela minha sogra), e, no nosso quarto, está aquele que foi o meu primeiro presente de aniversário dado pela família Carter.

Anelise ainda é uma pessoa reservada. Hoje em dia, ela sai de casa para nos visitar na casa ao lado da sua, ou nos acompanha em algum passeio. Nunca sai sozinha ou apenas com o marido. Mas passa algumas horas do dia na varanda, recebe suas visitas, vai à padaria comprar um pão a pé, faz hidroginástica na piscina do condomínio. Conquistas que viraram rotina saudável tanto física quanto mentalmente. Ela é assim. Não é mais uma questão de se privar de viver sua vida, embora duas crises fortes a tenham levado a internações clínicas.

As portas abertas revelam um pouco do que há em nossos consultórios. Noah segue para o dele, enquanto me sento na cadeira da sala de espera e continuo a observar os girassóis. De onde estou, também vejo meu marido de pé, alisando o tampo de madeira da sua mesa, em seguida, seu receituário.

Volto a encarar o quadro e imagino como nossos pacientes se sentirão aqui. Quero confirmar se o acolhimento que desejamos passar é real, se há algo que seja opressivo para mudarmos imediatamente. A parede está pintada de amarelo clarinho, os móveis brancos e azul claro. De branco há um painel na lateral da bancada, para que as crianças usem as canetas hidrográficas coloridas para pintarem o que quiserem, caso precisem esperar. Os adultos que quiserem, também podem pintar e acredito que tenhamos que atender eternas crianças.

Olho para o teto. Um céu. Há algumas nuvens branquinhas, quase transparentes, para passar um pouco de frescor, mas há um sol sorridente e artificial para todos que estão aqui. Noah achou que era um bocado infantil para os seus pacientes, e eu apenas encolhi os ombros exigindo que essa fosse a luminária para a qual nossos pacientes olhariam ao ver o “nosso céu”.

Nossa vida pode estar nublada, mas há sempre um sol para nos iluminar e afastar essas nuvens. Nuvens que nem sempre são sinal de algo ruim. Mas se a vida estiver nebulosa demais, é só fazer como os girassóis: pedir ajuda e ajudar o próximo.

Uma pessoa ansiosa é impaciente, é muito desejosa, inquieta.

Uma pessoa com ansiedade vive em constante aflição, agonia, vive com um medo constante e espera sempre pelo pior. É incontrolável. É desesperador.

Depressão não é frescura, não é drama, não é falta de um credo, não é uma forma de chamar atenção.

Depressão não acontece apenas com quem se isola dentro de casa e não quer sair da cama. Ela atinge crianças, jovens e adultos que saem todos os dias para estudar, trabalhar, cumprem suas rotinas, riem, mas, por algum motivo, não encontram a felicidade. Acredite quando eu digo que você conhece alguém assim. Talvez mais de uma pessoa. E muitas vezes está ao alcance de quem a cerca *ajudar* antes que a *desmotivação para tudo* a atinja.

Depressão e ansiedade têm tratamento e, através dele, ela pode ser controlada e até curada.

Sempre que possível, seja o girassol de alguém.

Eu sei o que é querer viver, mas a motivação de seguir em frente não existir. Sei o que é se sentir numa sobrevida. Sei o que é não conseguir manter um pensamento positivo e acreditar que não nasci para ser feliz.

Felizmente, encontrei muitos girassóis. Inesperados por serem quem são, e que cruzaram meu caminho num momento que eu realmente precisava deles.

Uma dessas pessoas, neste exato momento, olha para mim e sorri. *Deus, como amo esse sorriso!* Não foi à toa que me apaixonei por ele à primeira vista. Sorrio de volta e seus belos olhos verdes cintilam. Ele sai do seu consultório. Dá uma olhada rápida no meu e para de frente para mim com a mão estendida.

— Não quer entrar?

Nego. Já conheço minha sala nos mínimos detalhes.

— Vamos?

Pego sua mão e assinto. O calor que ele passa para mim é muito mais intenso que o da sua pele. Sou aquecida até a alma toda vez que estamos juntos.

Ergo meu rosto para ele, que prontamente me beija.

Um beijo gostoso, lento e intenso. Minhas mãos acariciam seu peito no caminho que percorrem até a nuca, onde entrelaço meus dedos em seus cabelos. Noah me abraça mais apertado, e, nesse instante, voltamos a ser aquele casal de adolescentes que se beijou pela primeira vez numa praça, e descobriu ali que o coração dele pertencia a ela e vice-versa. Cada beijo que trocamos é como se fosse o primeiro. Um beijo especial. Único.

— Vamos! Mal vejo a hora de estrear o consultório. — Ele dá uma piscadela.

Sorrio plenamente de acordo com ele.

Mal vejo a hora de estrear o consultório também, Noah!

Para que outras pessoas possam, assim como eu, deixar uma vida de sofrimento e tristeza para trás, e seguir em frente para encontrar uma vida repleta de felicidade!

Querido leitor, amada leitora,

Muito obrigada por ter chegado até aqui. Espero que a leitura tenha sido agradável e que suas expectativas tenham sido atendidas.

Esse romance fugiu totalmente ao que eu já havia publicado.

Sempre quis escrever um romance adolescente. Acresci a ele um tema especial, e que a maioria das pessoas tende a fechar os olhos e fingir que as questões narradas não existem ou nunca as atingirá.

Ou fazem pior: apontam o dedo, acusam sem se importar com o sofrimento da vítima.

Não seja essa pessoa. Seja o girassol de alguém.

Espero, em breve, publicar novas histórias. Ideias não faltam!

Conheça meus outros livros publicados:

[Uma Mentirinha pro meu CEO](#)

[Uma mentirinha para mim](#) (conto)

[A Farsa contra o Amor](#)

[Amor Proibido](#)

[O Beijo Comprado](#)

[Intrincado Amor](#)

Diferente deste romance, a listagem acima é de [livros adultos](#).

Beijos,

C. M. Sang.

Para contato: cmsang.escritora@yahoo.com

Encontre-me também no [Facebook](#) e no [Instagram](#)!